Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

A Convenção Formadora

uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas

Hélder Garmes

Orientador: Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior

Tese de doutoramento na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo

São Paulo
1999

Resumo

O presente trabalho trata da dinâmica literária oitocentista entre as colônias portuguesas e a metrópole a partir da produção periódica. Procurou-se demonstrar como, nas colônias, a publicação de literatura e de ilustração na imprensa tomou inicialmente por modelo *O Panorama*, mas adotou a diretrizes estéticas do ultra-romantismo da segunda geração, mantendo-se fiel a tais diretrizes mesmo após a geração de 70. Tal fenômeno deveu-se ao lugar pragmático e convencional que ocupava a literatura naquelas localidades. Este não comportava debates estéticos, mas dava forma a um público real e virtual e a uma incipiente dinâmica literária. Traz em volume separado uma coletânea de textos de Goa, Macau, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Abstract

This thesis is about the 19th century literary dynamic between the Portuguese colonies and the nation of Portugal through the periodical publications. It is about the way the publication of literature and illustration in periodical papers in the colonies initially used as a model O Panorama, but adopted the ultra romantic esthetic principles from the second generation of the Portuguese romanticism, being faithful to those principles after the romantic generation of the 70's. That happened because the literature occupied a pragmatic and conventional place in the colonies, where there were not any esthetical debates, but where a real and virtual public and an incipient literary dynamic was being shaped. Enclosed there is another volume with a collection of texts from Goa, Macao, Mozambique, Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau and S. Tome and Principe.

Índice

INTRODUÇÃO.....1

PARTE 1 - Um paradigma do periodismo ilustrado e literário em Portugal
1 - *A imprensa literária e de ilustração no romantismo português*.....6
2 - *O Panorama: um periódico paradigmático*.....16
3 - *A expansão colonial da imprensa portuguesa: o exemplo de Goa*.....32

PARTE 2 - O público leitor nas colônias portuguesas oitocentistas
4 - *Diretrizes da política educacional portuguesa oitocentista*.....45
5 - *A língua portuguesa em cada colônia*.....52
6 - *Considerações gerais sobre o público leitor nas colônias*.....86

PARTE 3 - O eixo oriental: Goa, Macau e Moçambique
7 - *O jornalismo literário e de ilustração em Goa*.....92
8 - *O jornalismo literário e de ilustração em Macau*.....131
9 - *O jornalismo literário e de ilustração em Moçambique*.....170
10 - *A literatura romântica de língua portuguesa no eixo oriental*.....217

PARTE 4 - O eixo ocidental: Angola, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe
11 - *O jornalismo literário e de ilustração em Angola*.....223
12 - *O jornalismo literário e de ilustração em Cabo Verde*.....283
13 - *O jornalismo literário e de ilustração em São Tomé e Príncipe*.....314
14 - *O jornalismo literário e de ilustração na Guiné-Bissau*.....326
15 - *A dinâmica do eixo ocidental*.....330

PARTE 5 - Ultra-romantismo, convenção e formação.....337

CONCLUSÃO - O todo maior que a soma das partes.....382

BIBLIOGRAFIA
CITADA.....388
BIBLIOGRAFIA GERAL.....392

* * * * *

Dedico este trabalho a meus pais, que tudo me deram, a Nina, que esteve e está sempre ao meu lado, e a José Werneck, que me ofereceu constante e leal amizade.

Em memória de Sergio Luís Correia da Silva

Agradecimentos

A Benjamin Abdala Junior, pelos ensinamentos, pela consideração e pelo apoio constante.

A Fátima Freitas Morna, pela atenciosa orientação de minhas pesquisas no período em que estive em Portugal.

A Lynn Mario T. M. de Souza e a Rita Chaves pela participação na banca de qualificação e pelas pertinentes críticas e sugestões certeiras.

A Tânia Macedo, pelas pacientes leituras e perspicazes observações.

A Margarida Vieira Mendes (*in memoriam*), pela atenção amiga que me dedicou em Portugal e pelos contatos intelectuais que me proporcionou.

A Daniel Pires, pelas indicações bibliográficas e pela disponibilidade pessoal e intelectual que constantemente revelou.

A Ernesto de Melo e Castro, pelas elucidativas conversas relativas à poesia de língua portuguesa na África.

Aos professores Álvaro Manuel Machado, Alberto Carvalho, José Nobre da Silveira, Ernesto José Rodrigues, Clara Rocha, Paulo Franchetti, Carlos Pacheco, Fátima Mendonça, pelas preciosas conversas e indicações bibliográficas.

A Luís Felipe Thomaz, por disponibilizar sua biblioteca pessoal.

A Maria Teresa Sobral Cunha, pela cordialidade e atenção para comigo.

A Maria João Coutinho, pelo atencioso auxílio na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A todos os funcionários da Biblioteca Nacional de Lisboa, em especial a Maria Manuela Rebelo Malato e a Maria da Luz Nogueira Rei.

A Lúcia Mucznik, por seu auxílio e generosidade durante minha permanência em Portugal.

A Antônio Celso Mangucci e Maria Assunção Zagalo Mangucci, por muitas razões, mas sobretudo pela incondicional amizade que sempre me dedicaram.

A Dinis Reis, um grande amigo, a quem certamente jamais terei como retribuir tudo o que fez por mim.

A Jarbas Basílio, pela preciosa revisão da tese.

A José Sachetta Ramos, Irene Hirsch, Maria Bacellar, Maristela Garmes, Kátia Garmes, Márcio Muniz, Claudia Stein, Kátia Halbe, Fábio Gonçalves e outros que involuntariamente deixo de lembrar, por diversas maneiras de contribuição com este trabalho.

Às instituições da CAPES, Cnpq e FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa.

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória,
Que merecerem ter eterna glória!

(Camões, *Os Lusíadas*, VII, 82)

Introdução

Camões foi um dos escritores portugueses que mais viajou, conheceu e escreveu - de modo insuperável - sobre a extensão dos domínios lusitanos no globo. Em *Os Lusíadas* e em tantas outras obras de escritores portugueses posteriores a Camões, um impreciso mapa dos domínios portugueses foi aos poucos delineado, ligando Portugal a diversos pontos da África, Ásia, Oceania e América.

Esse conjunto de lugares distantes uns dos outros, com populações e organizações sociais extremamente díspares, tiveram desde o século XVI um permanente elo constituído pela língua e cultura portuguesas. No decorrer dos séculos XVII e XVIII, esse elo lingüístico e cultural sustentou-se de maneira muito frágil em relação à maior parte das regiões onde os portugueses se fizeram presentes. Já no decorrer do século XIX iniciou-se um processo lento, mas em certo grau eficaz, de manutenção da presença lingüística e cultural portuguesas naquelas localidades. Este trabalho trata exatamente desse nova investida lusitana nas colônias, tendo por objeto privilegiado a vida literária oitocentista daquelas localidades.

Todavia, nosso recorte é bastante peculiar, a começar pelo suporte material com o qual escolhemos lidar: a literatura produzida em periódicos. Acreditamos que o periodismo do século XIX apresenta-se como matéria privilegiada para investigar a dinâmica literária nas colônias portuguesas, já que é o primeiro momento em que a maior parte daquelas localidades passa a ter máquinas impressoras, além de ser também quando Portugal dá início a uma preocupação sistemática com a alfabetização e a difusão de conhecimentos gerais em meio à sua população.

Nosso *corpus* engloba as colônias de Goa, Macau, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. É evidente que o período aqui recoberto, que vai, em sentido amplo, da década de 1820 até o final do século - restringindo-se aos meados do século ou ao seu final de acordo com as peculiaridades de cada colônia -, tem por referência estético-literária o movimento romântico.

Assim, em se tratando de jornalismo e de romantismo, não teríamos melhor paradigma em Portugal que o periódico lisboeta *O Panorama* (1837-1868), editado em seus primeiros anos por Alexandre Herculano. Foi tomando essa publicação por referência que passamos a investigar as publicações periódicas oitocentistas das colônias, valorizando sempre que possível publicações de caráter predominantemente literário e de ilustração, mas valendo-se também de publicações que apenas circunstancialmente integravam o texto literário em suas páginas.

A literatura romântica produzida em cada uma das colônias pode ser considerada escassa, mas em sua totalidade forma um conjunto bantante volumoso. Em primeiro lugar, devemos considerar que tal literatura ficou muito tempo sem um lugar preciso no cenário das literaturas de língua portuguesa. Manuel Fereira, ponderando sobre a então recente independência conquistada pelas colônias portuguesas, observava que:

> Alcançada a independência nacional muita coisa foi alterada. Por um lado, deixou de ter sentido a batalha contra a dominação colonial, por outro, as ex-colónias libertadas são agora nações em construção para as quais 500 anos de colonização constituem parte importante da sua história, ou, em certos casos, como os de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, são mesmo a sua própria história, dado que eram territórios desabitados. E a actividade literária e intelectual desenvolvida nesse período, com registro escrito a partir dos meados do século XIX, fez-se quase exclusivamente em língua portuguesa, com excepção para Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, onde interveio também o crioulo. Daí a necessidade de indagar no passado a explicação do presente. São imperativos da História, reforçados pela impulsão nascida na necessidade de se definirem os contornos precisos da identidade e da consciência nacional. Semelhante processo de junção levará a uma espécie de resgate de todos aqueles que, em períodos anteriores, se entregaram ao exercício criativo, sabendo e conseguindo serem homens do seu tempo. Rasurá-los seria rasurar de igual modo parte importante da história desses países. (Ferreira, 1985: 28-29)

Ao comentar a situação da história literária caboverdiana, irá afirmar:

> Queremos dizer com isso que estamos convencidos (só aos cabo-verdianos competirá fazer o que julgarem por bem) de que os futuros historiadores da literatura, os futuros estudiosos do processo cultural cabo-verdiano terminarão por considerar a globalidade da atividade literária levada a cabo ao longo de décadas ou de séculos pelo homem cabo-verdiano. E, desse modo, todos aqueles que foram considerados antecessores, ou precursores, terão o seu lugar próprio na história da literatura cabo-verdiana. Se esse critério vier a ser considerado correto, naturalmente ele há de se aplicar a Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. As futuras histórias da literatura e da cultura dos novos países africanos terminarão por recuperar aqueles autores naquilo que suas obras tiverem de significação nacional. Não foi outra coisa o que aconteceu no Brasil e difícil se nos afigura que possa ser de outro modo nos casos vertentes. (1987: 34)

O atual trabalho em certo sentido despeja água no moinho de Manuel Ferreira, já que procuramos investigar uma literatura que antecede os movimentos independentistas das colônias portuguesas. Todavia, nosso critério de seleção não foi o da possível "nacionalidade" desses textos (ainda que isso também estivesse em nosso horizonte), mas sim o de interesse literário dos mesmos, entendendo por "interesse literário" ora a adequação ou ruptura dos princípios de composição estéticos que neles se apresentam em relação àqueles vigentes em Portugal, ora a relação que estabelecem entre literatura e realidade social, ora os valores morais e culturais por eles veiculados, ora a repercussão que tiveram juntos aos leitores, ora o interesse que despertaram junto à crítica, enfim, procuramos trabalhar a noção de literatura em sentido amplo, com o intuito de disponibilizar aos estudiosos atuais a diversidade de relações que aqueles textos estabeleciam, ainda que tais relações se dessem de modo assistemático.

Diferentemente dos trabalhos de Manuel Ferreira (*A aventura crioula*), de Maria Aparecida Santilli (*Africanidade*), entre outros, que investigaram a constituição de uma identidade

cultural comum a diversas comunidades coloniais portuguesas, ou dos trabalhos de Mário Antônio (*A formação da literatura angolana*), de Rita Chaves (*Entre intenção e gestos - a formação do romance angolano*), de Vimala Devi e Manuel de Seabra (*A literatura indo-portuguesa*), ou de tantos outros que investigaram a relação entre a construção de uma identidade nacional e a construção de uma literatura nacional de língua portuguesa, buscamos nos afastar das questões que envolviam as identidades locais e nos aproximamos daquilo que foi comum à produção literária oitocentista de todas aquelas regiões, a saber, a condição colonial expressa na necessidade de tomar por modelo a literatura produzida na me ro e esa. Procuramos. portanto, identificar as condições de produção, o público leitor e as correntes estéticas vigentes em cada uma das regiões, com o intuito de identificar o lugar que esta literatura ava para aquelas comunidades e o valor que socialmente lhe era atribuído, além de averiguar os fluxos de continuidade entre a literatura ali produzida e aquela vigente em Portugal.

É conveniente notar que, no que concerne às colônias (ormalmente, em termos políticos, tomadas como extensões da nacionalidade portuguesa), aquilo que designaremos como literatura goesa, macaense, moçambicana, angolana etc. diz respeito a todo texto que tenha sido publicado naquelas regiões, quer por escritores naturais daquelas localidades, quer por escritores provavelmente ali nascidos, quer por portugueses ali estabelecidos, quer mesmo por aqueles escritores dos quais não pudemos nada saber. Desse modo, tais designações prestam-se mais para "localizar" a publicação do texto e, em alguns casos, a origem de seu autor, do que para sugerir qualquer intenção nacional por parte daquelas produções literárias (ainda que, por vezes, isso realmente se dê, sendo então devidamente observado).

Um outro aspecto que deve ser relevado é o interesse crescente que tal produção desperta nos estudiosos das literaturas nacionais das hoje nações africanas de língua portuguesa. Apesar da atenção pouco sistemática que a maior parte desses textos mereceram dos historiadores literários das ex-colônias, hoje podemos identificar uma preocupação maior em estudar a literatura romântica dessas localidades, com o intuito de rastrear já ali manifestações de caráter ativist ou mesmo nacionalista, como fez Mário Pinto de Andrade, Mário Antônio e ainda faz Carlos Pacheco em relação a Angola, como faz Antônio Sopa, Fátima Mendonça ou Antônio Tuzine em relação a Moçambique, como fez Manuel Ferreira em relação a todas as nações africanas de língua portuguesa. Mesmo nas regiões que não chegaram a constituir uma nação independente, como foi o caso de Goa, temos os trabalhos de Vimala Devi e Manuel de Seabra que recuperam a produção oitocentista da perspectiva da construção de uma identidade literária própria.

Um dos principais problemas de trabalhar com um *corpus* tão extenso e diversificado como o das colônias portuguesas oitocentistas é a tendência a fazer generalizações indevidas, que desconsiderem as peculiaridades de cada uma das regiões envolvidas. Porém, esse mesmo problema pode constituir-se no interesse do trabalho, na medida em que buscamos encontrar linhas de forças, constâncias e certa or anicidade onde poderíamos esperar grande diversidade.

Vale ressaltar que o Brasil, colônia de Portugal até 1822, ficou de fora de nosso *corpus* não só por questões de ordem prática (tendo em vista o quanto ampliaria o conjunto de publicações a serem consultadas) mas também por questões de ordem metodológica, já que acreditamos ser necessário primeiro compreender a dinâmica literária que vigorava entre as colônias portuguesas para somente depois confrontá-la com o que se passava com o Brasil, que teve oportunidade de constituir sua própria literatura romântica. De qualquer maneira, sempre que possível, procuramos investigar as relações que o Brasil mantinha com as colônias portuguesas e o tipo de imagem que era veiculado do novo país nas publicações de cada uma daquelas localidades.

O trabalho encontra-se dividido em quatro partes. A primeira trata da dinâmica da imprensa em Portugal e nas colonias durante o século XIX, procurando definir um paradigma português de folha literária e de ilustração a ser seguido nas colônias. A segunda investiga o lugar que ocupava a língua portuguesa nas colônias. A terceira procura descrever a produção literária presente no eixo oriental, isto é, Goa, Macau e Moçambique, identificando a linhas de força de tal produção em relação ao paradigma português, além de demonstrar a integração deste eixo em torno de Goa. A quarta parte trabalha com o eixo ocidental - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe -, constatando, contudo, uma menor unidade entre tais colônias e uma ligação literária maior com o que se passava na metrópole. Na conclusão, buscou-se explicitar as linhas de força estéticas identificadas nas colônias e estabelecer um confronto mais global e sistemático entre o que se produzia na metrópole e o que se produzia nas colônias.

Em relação aos resultados desta pesquisa, menos que apresentar afirmações categóricas e conclusivas sobre os espaços literários aqui tratados, acreditamos que o maior interesse do trabalho é o de mapear a formação do gosto literário naquelas localidades, fornecendo algum substrato para futuros pesquisadores que procurem investigar com mais detalhes a pertinência ou não de diversos comentários que fazemos sobre os fragmentos aqui reunidos. Houve também uma intenção bibliográfica e enciclopédica na elaboração deste estudo, uma vez que procuramos dar notícia minuciosa das fontes consultadas e potencializar os comentários sobre os textos referidos, ainda que isso possa exaurir o leitor, colocado em meio a numerosas listagens de textos, de periódicos e de autores. Nossa redação, todavia, teve por medida a precisão e eficiência da informação bibliográfica e mesmo enciclopédica.

Acreditamos que o percurso aqui traçado no interior da literatura romântica produzida nas colônias portuguesas demonstra o papel inaugural que essa literatura desempenhou na constituição de meios literários locais e na formação do gosto do incipiente público leitor daquelas comunidades. O romantismo convencional foi o elemento unificador das colônias portuguesas, tendo por propósito civilizar os povos autóctones, não mais somente com a palavra cristã, como fora feito desde o período dos descobrimentos, mas também com a palavra da ciência, dos costumes e da arte. A Europa deixava de divulgar somente a cristandade para divulgar a "civilidade", pautada nos valores iluministas e enciclopedistas, ainda que esvaziados de seu

sentido revolucionário. Em meio a isso, a literatura romântica ganha naquelas localidades estatuto de linguagem comemorativa e oficiosa, obrigatória nas solenidades sociais de diversas naturezas.

Antes de concluir, gostaríamos de observar que, em razão da grande quantidade de notas bibliográficas que tivemos de empregar, utilizamos um método prático para não sobrecarregar o texto: sempre que ocorreu mais de uma nota no mesmo parágrafo, colocamos uma única nota ao final do parágrafo e organizamos nela as referências bibliográficas de acordo com a entrada destas no parágrafo, resultando que cada parágrafo tenha no máximo uma nota bibliográfica.

O presente trabalho segue acompanhado de um volume com uma coletânea de textos extraídos dos vários periódicos consultados no decorrer da pesquisa. Nosso intuito foi apresentar alguns textos que consideramos de maior interesse para caracterizar a produção literária aqui abordada, sem contudo pretender que tal coletânea venha representar o que de melhor se produziu em literatura romântica naquelas localidades.

PARTE 1

Um paradigma do periodismo ilustrado e literário em Portugal

Era tudo pura treva,
Depois do mundo formado,
Quando um dia Guttemberg,
Nos deu o invento adorado.
Do seu craneo de volcão,
Como o troar do trovão,
Saiu a fecunda idea
Que a sedenta humanidade
Levou a posteridade
Em esplendida epopea.

Imprensa! Tu és o livro
Da liberdade sagrada!
E's emblema reluzente
Da consciencia formada!
Da tribuna grandiosa
Ouve-se a voz magestosa
Do sabio Victor Hugo!
Os seculos na passagem
Rendem preito e homenagem
Ao genio que fecundou!

Imprensa! E's a maravilha
Que toda a soberba humilha!
Que Guttemberg inventou!

(Emiliano de Faria, "Imprensa", *Correio de Damão*)

CAPÍTULO 1

A imprensa literária e de ilustração no romantismo português

Podemos considerar o enciclopedismo do século XVIII como o ponto de partida do periodismo literário e de ilustração romântico na Europa, já que foi a partir daí que se formou o gosto pelo conhecimento geral, tornando palatáveis ao grande público disciplinas como a filosofia, a história, a geografia, a botânica, a literatura, a astrologia etc. O século XIX incluiu nessa longa relação de interesses aquelas disciplinas que se formaram no seu decurso, como a antropologia, a pedagogia, a sociologia, a psicologia, entre outras.

No caso específico de Portugal, na primeira metade do século XVIII, ao lado dos periódicos políticos e informativos, já começavam a surgir folhetos de diversão ligeira e de conhecimentos gerais, dirigidos à burguesia comercial em ascensão. Foi, porém, somente na época pombalina que apareceu o primeiro periódico que podemos denominar "literário", intitulado *Gazeta Literaria ou noticia exacta dos principaes escriptos, que modernamente se vão publicando na Europa* (1761-1762), impresso primeiramente no Porto e depois em Lisboa. Na mesma década, a imprensa portuguesa passou a sofrer um período de censura das mais acirradas, com a instauração da Real Mesa Censória, que vigorou de 1768 a 1787. Segundo Tengarrinha:

> O claro predomínio dos jornais de diversão, cautelosamente satíricos, que também divulgavam conhecimentos úteis e de cultura geral, explica-se pela evolução que [...] se assinala na sociedade portuguesa da primeira metade de Setecentos e, também, pela severidade do poder pombalino, que obrigava ao refúgio no domínio da fantasia ou de uma deliberada frivolidade. (Tengarrinha, 1989: 46)

Tratando de matérias pouco visadas pela censura pombalina, o jornalismo de ilustração estabeleceu-se em definitivo em Portugal. Iniciando-se no período pombalino, acentuou-se nas décadas subseqüentes o seguinte fenômeno: por um lado, o aparecimento de periódicos cada vez mais especializados e, por outro, o surgimento dos jornais enciclopédicos. Assim, coexistiam jornais predominantemente científicos, ou literários, ou humorísticos, ou musicais, ou históricos, ou comerciais, com aqueles que, a um só tempo, procuravam trazer noções de diversas áreas do conhecimento. Ao referir-se ao enciclopedismo, Tengarrinha observa:

> A questão relaciona-se, igualmente, com a ascensão economica e social da burguesia comercial. Abrindo-se-lhe cada vez mais de par em par as portas dos salões aristocráticos ou aristocratizantes, reconhecendo, por outro lado, a necessidade de alargar a visão dos problemas com uma maior bagagem de conhecimentos práticos e teóricos, a burguesia ligada aos negócios precisava de adquirir rapidamente uma vasta cultura. Não uma cultura, como a da aristocracia, vazada nos pesados e austeros moldes clássicos, mas leve, variada, servindo às necessidades imediatas da vida, tanto no domínio econômico como social. Nada melhor, para isso, do que esses jornais enciclopédicos, que ministravam, "em pequenas doses", conhecimentos gerais de literatura, artes, história, a par de conselhos sobre a melhor maneira de preparar e conservar os couros, "modo de destruir as pulgas, percevejos, etc.", processo mais seguro de embalar artigos... (1989: 51)

A ascensão e consolidação da burguesia expressas na produção de periódicos enciclopédicos, que na França se caracterizou por uma forte polêmica ideológica, não tiveram qualquer caráter revolucionário no jornalismo português -- afirma Tengarrinha --, mesmo depois do período pombalino.[1] Fazia-se, sim, um periodismo de caráter conservador, que se preocupava em agradar ao leitor. Na importação da moda publicista parisiense, poderíamos afirmar que houve uma "neutralização" do seu caráter ideológico.

Após as invasões francesas de 1807 e 1809, um novo quadro político e social surgiu em Portugal, afetando a imprensa periódica nacional. Era natural que a questão política tomasse o primeiro plano e, assim, os jornais combativos passaram a dar o tom. Conseqüentemente, em 1809, surgiu *A Abelha do Meio-Dia*,[2] periódico antinapoleônico. Seu título e modelo iriam fazer escola nas colônias a partir da década de 1820, primeiramente com *A Abelha* (1822-1823?), na Bahia (Brasil), depois com *A Abelha da China* (1822-1823), em Macau, e finalmente, um pouco mais tarde, com a *Abelha de Bombaim* (1848-1861), na colônia britânica vizinha de Goa. Todos periódicos políticos, que defendiam interesses locais. Era a disseminação do liberalismo na política.[3]

De 1810 até a revolução liberal, foram novamente os periódicos de ilustração que perfizeram a maior parte das publicações, muitos deles impressos fora de Portugal, por portugueses que tiveram de se exilar. É assim que diversos periódicos impressos por portugueses em Londres passaram a ganhar um sentido político bastante acentuado. Contrariamente ao que ocorrera com o modelo publicista francês do século XVIII, podemos dizer que, no início do século

---

1. Ressalva, no entanto, que é possível vislumbrar algumas pinceladas liberais dos redatores de periódicos como: *Paládio Português*, *Variedades*, *Biblioteca Universal*, *Correio Brasiliense*, *O Investigador Português em Inglaterra*, *Minerva Lisbonense* ou *Variedades Literárias e Políticas* (Tengarrinha, 1989: 51).

2. No primeiro exemplar, de 31 de julho de 1809, ao apresentar o periódico, afirma seu redator: "No Norte da Europa se imprime, ha muitos annos, huma Gazeta muito acreditada, intitulada *Abelha do Norte*, á sua imitação julgamos conveniente publicar tambem huma Gazeta do mesmo nome no Meio-dia da Europa. Além disso tem sahido a publico, ha alguns annos, tantos Periodicos de varias fórmas, e figuras desconhecidas, que não se reputará estranho, que saia também á luz huma *Abelha*, insecto tão util, e industrioso, que anda colhendo de flor em flor o que ellas possuem de mais precioso". E de fato muitas das matérias do periódico são colhidas em outras gazetas, além de publicar extratos de cartas regulamentos, leis etc.

3. Em abril de 1836 aparece um outro periódico homônimo em Portugal, impresso na Imp. de C. A. S. Carvalho, no fim da calçada do Garcia, n. 42, subintitulando-se, todavia, "jornal de utilidade, instrução, e recreio em portuguez, e francez". Só tivemos conhecimento de um exemplar da edição portuguesa, sendo que todos os outros aparecem inteiramente em francês, sob o título *L'Abeille, journal encyclopédique*. Em 1856, no Porto, aparece ainda um outro *Abelha*, também este já um periódico de "recreio".

XIX, houve uma "potencialização" do caráter ideológico do jornalismo inglês. Temos então uma série de publicações políticas e liberais na Inglaterra, redigidas por portugueses e a eles dirigidas, tais como *O Investigador Português em Inglaterra* (1811-1819), *O Espelho Político e Moral* (1813-1814), *O Português* (1814-1822/1823-1826), e mesmo uma publicação dirigida ao Brasil, como foi o caso do *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (1808-1822). Seus editores tinham saído de Portugal no período das invasões francesas e procuravam então participar do processo de reestruturação da nação, que passara a ter seu centro no Brasil, com a fuga da família real para o Rio de Janeiro em 1808. É também nesse contexto que surgiram, em 1818, os *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, publicado por uma sociedade de portugueses residentes em Paris.[4]

Com a Revolução Liberal de 1820, o quadro político mudou. A sociedade civil tomou a dianteira e já em 1º de janeiro de 1822 vemos surgir a Sociedade Litteraria Patriotica de Lisboa, com o fim de "dirigir, a bem do systema constitucional, a opinião publica por meio de escriptos, e servir de escola de adquirir habito de fallar em publico com precisão e acerto" (artigo 1º dos estatutos da sociedade, *apud* Silvestre Ribeiro, 1874: t. IV, 128). Formada pelos ex-integrantes do Gabinete Litterario, fundado naquela cidade no ano anterior, editava um periódico bissemanal intitulado *Jornal da Sociedade Litteraria Patriotica*, que visava à "regeneração politica, diffundir a illustração, propagar os conhecimentos uteis, obviar os erros da administração publica, tolher prevaricações, extirpar abusos" (*apud* Silvestre Ribeiro, 1874: t. IV, 130). Teve vida curtíssima, se se considerarem seus números hoje existentes, que levam a crer que sua publicação teria findado em outubro de 1822. A sociedade dissolveu-se, ao que tudo indica, por divergências políticas internas.

Exatamente quatro meses depois do aparecimento da Sociedade Litteraria Patriotica, em 1º de maio de 1822, surgia outra sociedade, inspirada na homônima francesa,[5] a Sociedade Promotora da Indústria Nacional, também com sede em Lisboa e, ao que parece, com o apoio do Estado. Este foi o maior e mais estruturado empreendimento desses anos, publicando os *Annaes da Sociedade Promotora das Industria Nacional*, oferecendo prêmios aos estudiosos que se destacassem em diversas áreas do conhecimento científico, promovendo cursos, divulgando conhecimentos úteis a vários setores da indústria e agricultura portuguesas e inaugurando o fenômeno da promoção de exposições industriais em Portugal. Seu projeto, porém, era ambicioso e acabou por ter vida difícil e conturbada, o que se compreende tendo em vista o agitado período político da década de 1820 e início da seguinte. Foi encerrada e reabriu por três vezes,

4. Os *Annaes* diferenciavam-se daquelas outra publicações por funcionarem como sociedade, servindo, possivelmente, como modelo para futuras associações e publicações portuguesas e mesmo ultramarinas (principalmente as brasileiras, pois o Brasil era responsável por quase 30% de seu consumo). Cf. Queirós, Francisco Fortunato. *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* (Paris, 1818-1822). Porto, Edição do Centro de História da Universidade do Porto, 1983.

5. José Silvestre Ribeiro (1874: t. IV, 154-155) nota que, em 1819, Cândido José Xavier escreve um extenso artigo nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, publicado em Paris, estimulando o surgimento em Lisboa de uma

sobrevivendo até transformar-se, em meados do século, na Sociedade Promotora da Indústria Fabril (Silvestre Ribeiro, 1874: t. IV, 153).

A luta entre absolutismo e liberalismo resultou em acirrados conflitos durante as décadas de 1820 e 1830. A imprensa teve um grande surto de crescimento com a ascensão dos liberais, em 1821, ano em que também se definiu a primeira Lei de Imprensa em Portugal, permitindo a qualquer cidadão a total liberdade de expressão escrita, desde que respondesse pelos abusos eventualmente cometidos e previstos em lei. Surgiu, naquele momento e pela primeira vez em solo português, uma verdadeira imprensa de opinião. Um dos temas em debate foi a própria amplitude da liberdade da Lei de Imprensa, que não chegou a entrar em vigor na sua íntegra, uma vez que D. João VI acabou por restaurar o regime monárquico pré-revolução liberal já em janeiro de 1824, revogando a Carta Constitucional de 1822 e exercendo forte censura junto à imprensa. Em 1826, com a morte de D. João VI e a crise da sucessão, é outorgada a Carta Constitucional[6] remetida por D. Pedro IV -- então D. Pedro I do Brasil -- e a liberdade de imprensa é parcialmente restabelecida, gerando novo surto de periódicos.

Mas, em 1828, a ascensão de D. Miguel recolocou em funcionamento a tradicional censura prévia com a Mesa do Desembargo do Paço, e novo desestímulo atingiu o periodismo em geral, ficando a cargo dos emigrados, principalmente dos que se encontravam em Londres, a maior parte da atividade jornalística.

O reinado de D. Miguel logo começou a soçobrar, em função dos confrontos com D. Pedro IV, que abdicara do trono brasileiro e retornara a Portugal, o que acabou por gerar os trágicos episódios da guerra civil, findos em maio de 1834, com a Convenção de Évora Monte e a definitiva vitória das forças liberais.

Em 24 de setembro daquele mesmo ano, morreu D. Pedro IV, passando a coroa para a sua filha, D. Maria II. Só então, de fato, entraria em vigor, em 22 de dezembro de 1834, quase catorze anos depois de redigida pelos vintistas, a lei de liberdade de imprensa, permitindo o ressurgimento da imprensa de opinião e o estímulo a todos os outros gêneros de jornalismo, entre eles o periodismo de ilustração.

Assim, já em 1835 somavam-se 54 novos títulos. Para se ter idéia do crescimento da imprensa portuguesa nesse momento, basta lembrar que, dois anos depois, quando da criação de *O Panorama* (que mais adiante merecerá detalhada descrição), entram em cena 67 títulos.

Segundo Rodrigues (1996, v. 1: 94-96), o "período de afirmação da Imprensa em Portugal acontece entre os anos de 1836 a 1840", quando o volume de publicações cresceu substancialmente não só em número[7] como também espacialmente, isto é, passou a haver uma

---

entidade similar à Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale.

6. Foi esse o texto constitucional que mais tempo esteve em vigor no decorrer do século: 1826-1828, 1834-1836 e 1842-1910 (Rodrigues, org., 1994: 206).

7. Notemos que o segundo qüinqüênio de 1835-1840 foi o de maior profusão jornalística até o início da década de 1860. Ernesto José Rodrigues (1996, v.1: 94) fornece-nos os seguintes dados referentes aos títulos publicados, por

produção mais eqüitativa de revistas[8] em Lisboa, Porto e Coimbra, surgindo ainda inúmeras delas em localidades menores. Além disso, Rodrigues chama a atenção para o "lançamento de alicerces editoriais vigorosos".

É a partir daí que, em razão da grande profusão de publicações, a imprensa periódica especializada passou a ter lugar garantido no cenário literário. Periódicos voltados exclusivamente para determinados setores sociais ou para gostos específicos procuraram e encontraram o seu público. É o caso, por exemplo, daqueles dedicados somente à poesia. Primeiramente surgiu em Lisboa o *Semmanal das Musas* (1836), de Manuel Cesário de Araújo de Silva (Rodrigues, 1996, v. 1: 126), sendo, no entanto, em Coimbra e no Porto que esse gênero de publicação de fato frutificou.[9]

Como o jornalismo literário e de ilustração não foi atingido pelas restrições cartistas, ganhou ele relevante papel na vida nacional portuguesa. Juntamente com as reformas do ensino elementar, contava-se com esse tipo de imprensa como forma complementar da educação básica do cidadão, procurando-se atingir os idealizados padrões de ensino existentes na Alemanha, na França ou na Inglaterra.

Tais publicações eram, por diversas vezes, patrocinadas por associações civis, como foi o caso da Sociedade de Sciencias Medicas e de Literatura do Porto (depois, Sociedade Literaria Portuense), que publicava o bimensal *Repositorio Literario*, onde encontramos o renomado artigo de Herculano sobre os futuros caminhos da literatura em Portugal, intitulado "Qual é o estado da nossa literatura? -- Qual é o trilho que ela deve seguir?", estampado no primeiro exemplar da publicação e que seria de especial importância não só para os escritores portugueses, como também para os escritores da segunda geração do romantismo brasileiro.[10]

---

qüinqüênios, desde o início do século XIX: 1780-1805, 9; 1806-1810, 26; 1811-1815, 16; 1816-1820, 25; 1821-1825, 61; 1826-1830, 81; 1831-1835, 66; 1836-1840, 157; 1841-1845, 77; 1846-1850, 105; 1851-1855, 108; 1856-1860, 136. Somente após 1860 seria superada a marca daquele qüinqüênio, já que em 1861-1865 aparecem 202 títulos e em 1866-1870, 201.

8. Rodrigues (1996, v.1: 97) pergunta-se pela definição de "revista", por causa da diversidade de publicações que assim se autodenominam, concluindo haver "uma tendência para um mínimo de oito páginas a duas e três colunas, sobretudo no espírito magazinesco e divulgador, parcamente noticioso ou feito de 'breves' -- grupo que visa a instrução e deleite --, enquanto que a revista canônica, no sentido que ainda hoje conserva de pausada reflexão sobre o seu tempo histórico, corre também a uma só coluna, favorecendo ligação à suposta perenidade do livro ou à idéia de um programa". Este segundo caso seria, evidentemente, o de *O Panorama*. Porém, esta seria uma definição genérica de revista, já que, segundo Rodrigues, nenhuma delas dá conta das publicações que aparecem sob essa categoria durante o século XIX.

9. Em Coimbra apareceu *O Trovador* (1848), que contava, entre seus poetas, com Luís Augusto Palmeirim (muito estimado pelos periódicos goeses) e com um brasileiro, Gonçalves Dias. A esse seguiu-se *O Novo Trovador* (1851?-1856), que tinha em suas fileiras Alexandre Braga, Serpa Pimentel e diversos outros. No Porto veio a lume *O Respigador* (1846), de poesia religiosa, *A Lyra da Mocidade* (1849), com Alexandre José da Silva Braga Júnior, entre outros, a *Miscellanea Poetica* (1851-1852), com colaboração de Camilo Castelo Branco e uma infinidade de outros poetas, *O Bardo* (1854), no qual também colaborou Camilo Castelo Branco, e *A Grinalda* (1855-1859), este último o esforço mais duradouro e rico em colaboradores de todos eles, contanto com Ramalho Urtigão, Antero, Teófilo Braga, Júlio Dinis, Tomás Ribeiro, Junqueiro e muitíssimos outros.

10. A geração de José de Alencar, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães apropria-se e mesmo imita o texto de Herculano na introdução do periódico paulistano *Ensaios Literários* (1847-1850), revelando forte influência do escritor português na reflexão em torno dos caminhos literários da Europa e daqueles a serem trilhados pela literatura brasileira.

Já um empreendimento de especial interesse para a área educacional foi a Sociedade dos Amigos das Letras, de Lisboa, com o primeiro número de seu periódico, o *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras*, vindo à luz em maio de 1836. Originou-se da fracassada tentativa governamental de estabelecer o Instituto das Sciencias Physicas e Mathematicas, que durou apenas nove dias. Os professores envolvidos no empreendimento acabaram por formar a sociedade, que propunha o restabelecimento do Instituto e a realização de reformas contemplando os seguintes ramos do conhecimento: moral e política; física; matemática; medicina; direito; ciências militares; instrução pública; literatura e belas artes. No entanto, o Instituto não foi restabelecido e tanto o jornal como a sociedade tiveram duração bastante efêmera, extinguindo-se, ao que parece, no mesmo ano (Silvestre Ribeiro, 1878: t. VII, 335-346; 1879: t. VIII, 10-11).

As iniciativas da sociedade civil não chegaram a ter grande repercussão ou continuidade. Logo o jornalismo literário e de ilustração passou a receber algum estímulo por parte das autoridades, com o compromisso velado de não abordar assuntos de natureza política. Exemplo disso foram as portarias de 25 de setembro de 1835 -- que determinava a publicação de um periódico mensal "tendente a desenvolver os diferentes ramos da instrucção" -- e de 7 de outubro do mesmo ano -- que aprovou um programa para um periódico mensal de educação. Ainda em 1835 aparecia o *Jornal Mensal de Educação*, dirigido por Antônio de Oliveira Marreca e inteiramente voltado , obviamente, para as questões da educação (Silvestre Ribeiro, 1879: t.VIII, 16-17). No ano seguinte, surgia *O Panorama*, periódico de instrução e lazer, sob a direção de Alexandre Herculano. Essa publicação, que se transformou no paradigma do jornalismo literário e de ilustração do romantismo português, teve forte apoio governamental, já que, em 8 de agosto de 1839, D. Maria II mandou que se auxiliasse a empresa de *O Panorama* "ou obtendo socios para a mesma empresa ou assignantes para o periódico" (*apud* Tengarrinha, 1989: 175).

De 1842 a 1851, foi decretada uma série de medidas censórias à imprensa do governo cartista do duque de Terceira e Costa Cabral (partidários da Carta Constitucional de 1826, de D. Pedro IV), ao mesmo tempo que ocorriam as revoltas campesinas de Torres Novas e de Maria da Fonte e as guerras patuléias. A censura tinha por alvo, como sempre, os jornais políticos e, em meio a medidas repressivas a estes, o artigo 169 do decreto de 24 de setembro de 1844 estabelecia que:

> Poderá egualmente o governo mandar imprimir os jornaes necessarios para se promover o progresso e o aperfeiçoamento do ensino, o das lettras e sciencias, e de todos os conhecimentos uteis ás artes, e quaesquer generos de industria. A impressão será feita nas imprensas nacionaes de Lisboa e Coimbra, havida a conveniente collecção dos periódicos estrangeiros mais acreditados. (*Apud* Silvestre Ribeiro, 1878: t. VII, 416)

Parece que a virtual boa vontade dos governantes para imprimir periódicos literários e de ilustração jamais se materializou (Tengarrinha, 1989: 175). Quanto aos periódicos do gênero existentes, todavia, foi-lhes facultado o porte gratuito no correio, o que permitia sua ampla

distribuição por todas as colônias do reino. De outubro de 1846 a julho de 1847,[11] proibiu-se qualquer publicação periódica, a não ser o *Diário do Governo* e os jornais de ilustração. Como se sabe, porém, toda uma imprensa clandestina de pequenos jornais, panfletos e folhetos continuou a atuar com todo vigor.

Em 1848 houve eleições e, no ano seguinte, Costa Cabral regressou ao poder. Fundou-se ainda em 1848 a Carbonária Lusitana, sociedade secreta republicana. Mas a repressão cabralina à imprensa recrudesceu e, em 1850, o governo instituiu a "Lei das rolhas", que, a pretexto de regulamentar a liberdade de imprensa, praticamente a extinguiu. Entre os detratores daquela lei, encontravam-se Garrett e Herculano, formulando contundentes protestos contra tal arbitrariedade.

Para se ter idéia do volume de publicações no campo da ilustração nas décadas de 1830 e 1840, basta lembrar que Rodrigues (1996, v.1: 112-188), centrando seu levantamento bibliográfico em Lisboa e no Porto, cita 25 publicações de instrução e recreio, 38 de caráter predominantemente literário ou teatral, 4 coleções de poesias inéditas, 2 boletins bibliográficos, 8 revistas dedicadas ao público feminino, 2 publicações com traduções de vários periódicos estrangeiros e uma publicação em francês. Nesse período, entre os títulos surgidos em Lisboa, Rodrigues destaca *O Panorama* (1837-1868), o *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras* (1836), o *Cosmorama Litterario* (1840), a *Revista Universal Lisboense* (1841-1859), o *Jornal das Bellas-Artes* (1843-1848), *O Pentólogo* (1844), *A Aurora* (1845), *A Illustração* (1845-1846), a *Revista Popular* (1848), *O Farol* (1848-1849), *A Epoca* (1848-1849) e *A Assembléa Litteraria* (1849). Registremos que o Porto também apresentava publicações que se igualavam em qualidade e, em alguns gêneros, em número a Lisboa, ainda que não caiba aqui enumerá-las, já que o nosso foc e interesse é a metrópole.

Em abril de 1851 ocorreu o golpe militar preparado na casa de Alexandre Herculano e ue instaurou o governo constitucional regenerador, chefiado pelo marechal-duque de Saldanha, ornado presidente. O governo da regeneração vigorou por quase vinte anos, realizando um vasto programa de reformas, sempre sob o lema da paz e do progresso, caracterizando-se pela rotatividade bipartidária de governo entre os progressistas (regeneradores x históricos) e por uma série de reformas políticas, econômicas e administrativas.[12]

Na literatura, esse período foi marcado pela Questão Coimbrã, que colocava em confronto o ultra-romantismo de Antônio Feliciano de Castilho com o romantismo positivista ou o realismo de alguns estudantes de Coimbra. A polêmica, ocorrida em meados da década de 1860, acabou ganhando partidários em várias localidades de Portugal e mesmo do Brasil, ocupando páginas e

[11]. Em 1847 há uma epidemia de febre tifóide, que dura até 1849.

[12]. Entre tais reformas, podemos destacar as seguintes *medidas políticas*: eleições diretas, abolição da pena de morte para crimes políticos, reforço do poder das cortes e dos poderes locais; *medidas econômicas*: criação do Banco Internacional Ultramarino, desenvolvimento dos transportes no interior do país para circulação de bens e

páginas em várias publicações periódicas. Também em meados daquela década, mais especificamente em 1865, estabeleceu-se um governo de fusão entre históricos e regeneradores, sob o comando do marquês de Loulé. Surgiu, ao mesmo tempo, um partido contraposto a históricos e regeneradores, o Partido Reformista, que iria assumir o governo depois da Revolta da Janeirinha, em 1868.

Nessas duas décadas de 1850 e 1860, Rodrigues (1996) catalogou quase uma centena de títulos de periódicos com um perfil que designamos de "ilustração". Entre os estampados em Lisboa, destacam-se *O Atheneu* (1850-1851), *A Semana* (1850), *A Quinzena* (1851), o *Ecco Litterario* (1855-1856), *A Revista Contemporanea* (1855-1856), a *Revista Peninsular* (1855-1857), *A Illustração Luso-Brazileira* (1856), os *Annaes das Sciencias e Letras* (1857-1858), o *Archivo Pittoresco* (1857-1868), a *Revista de Instrucção Publica para Portugal e Brasil* (1857-1858), a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (1859-1865), os *Fructos Academicos* (1865), a *Revista do Seculo* (1865), *O Consciencioso* (1866-1868), *A America* (1868-1869), a *Folha dos Curiosos* (1868-1869), o *Archivo Contemporaneo* (1869) e *O Lisbonense* (1869-1870).

Foi também nesses anos que surgiu o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1854-1932), dirigido inicialmente por Alexandre Magno de Castilho. Foi uma publicação anual que fez história entre as colônias portuguesas, já que colaboraram com o almanaque escritores das diversas regiões coloniais, além de portugueses e brasileiros. Notemos ainda, apenas pelos títulos supracitados, que as relações literárias entre Brasil e Portugal passaram a ter lugar na imprensa, o que não ocorria de forma evidente até então. Isso tudo criava um universo com alguma integração, fazendo interagir as diversas regiões do globo que tinham o português como principal língua escrita.

Fato i rtante, ainda que de efeito simbólico, foi a abolição, em 1869, de toda e qualquer forma d na totalidade dos domínios lusitanos. Isso dava aos portugueses um sentimento nidade e de modernidade que não tinha correspondente na realidade colonial, m que o comércio e o trabalho escravos, agora dissimulados, continuavam a ser a base da economia de várias colônias.

Os estudantes da Universidade de Coimbra, que já haviam despontado no cenário literário por intermédio da Questão Coimbrã e com uma significativa produção de periódicos literários e de ilustração, formaram aquela que passaria a ser conhecida como a Geração de 70, ou a Geração Nova. Destacavam-se nomes como Antero de Quental, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Adolfo Coelho e diversos outros escritores e literatos que provocariam uma verdadeira revolução no meio literário e intelectual português.

---

dinamização do mercado interno, inauguração do telégrafo e da ferrovia; *medidas administrativas*: criação do Ministério de Obras Públicas, Comércio e Indústria, entrada em vigor do Código Penal, apoio ao ensino técnico.

Em termos de publicações periódicas, isso traduziu-se na década de 1870 até o final do século em mais de uma centena de publicações voltadas especificamente para a ilustração do povo português, além, evidentemente, das folhas políticas e de notícias, que também traziam folhetins, seções especializadas em teatro, poesia, literatura etc. Sem pretender destacar aqui os diversos títulos que cumpriram, juntamente com alguns dos já anteriormente citados, a função de renovar as idéias no meio literário português, lembremos apenas como exemplo maior a *Revista Occidental* (1875), publicada em Lisboa e que contou com a colaboração de Eça de Queiroz, Oliveira Martins e Adolfo Coelho, entre outros.

Mas, se pretendemos efetivamente considerar o espaço jornalístico no qual se deu a Questão Coimbrã, que resultou nas novas diretrizes da Geração de 70, temos de extrapolar as publicações até aqui privilegiadas, isto é, as literárias e de ilustração, para entrarmos no espaço da imprensa não especializada, que trazia em suas páginas literatura e conhecimentos gerais em espaços temáticos com diagramação especial -- como era o caso da seção "folhetim" ou das seções científicas, literárias, de variedades etc. O papel dessas publicações não especializadas foi fundamental nos debates estéticos do romantismo português. Entretanto, enveredar por tais publicações certamente iria pulverizar o já vasto *corpus* de periódicos que se apresentam no horizonte deste trabalho, fazendo que perdêssemos de vista a intenção primeira do percurso aqui traçado.

Nosso intuito ao reto , em linhas gerais o o oitocentista rtuguês foi menos definir o espaço atribuído à literatura na imprensa portuguesa do que historicizar e esboçar um certo gênero de publicações voltado para a literatura e para os conhecimentos gerais, tomando-se sempre como termômetro da dinâmica literária no seu coniunto.

Em vez de debruçarmo-nos sobre a tipologia dos periódicos oitocentistas e definirmos o que seria exatamente uma folha científica, ou de recreio, ou literária, ou de ilustração,[13] ou recorrermos a qualquer outra denominação que então os românticos empregavam para classificá-las, vamos tomar uma única publicação como referência para nossos trabalhos e, a partir de um estudo descritivo de sua coleção, exemplificar o gênero periodístico que buscaremos encontrar nas colônias portuguesas após a Revolução Liberal. A escolha de designá-las como "literárias e de ilustração" foi-nos motivada pelas duas principais funções que entendemos terem cumprido tais publicações: a de estimular a prática literária (poesia e prosa) e a de difundir e valorizar um certo conjunto de conhecimentos que têm no Iluminismo sua delimitação, valorização e propagação -- daí a idéia de luz e, portanto, de ilustração.

Com tal procedimento, por um lado, evitamos a tarefa espinhosa e ingrata de classificar publicações que em geral resistem, de uma maneira ou de outra, às categorias acima sugeridas ou

---

[13]. Rodrigues (1996, v.1) realiza uma detalhada classificação de tais publicações, que em muito facilita a consulta dos periódicos oitocentistas portugueses. Todavia, optamos por não adotar as mesmas distinções ali estabelecidas pelo

a outras similares e, por outro lado, delineamos, cremos, com propriedade, o contexto em que tais publicações se inseriam, fornecendo ao leitor elementos para que possa compreender o quanto esse gênero de jornalismo se distinguia do da grande imprensa -- ainda que esta, por vezes, também incorporasse, em seções específicas, como foi observado, alguns propósitos das publicações aqui tratadas.

Para concretizar tais propósitos, nenhuma outra publicação se coloca com maior pertinência do que a revista *O Panorama*, já que sempre foi tomada pelos próprios românticos, e depois pelos historiadores literários, como paradigma de revista literária, científica, de recreio e de ilustração do romantismo português. Tendo isso em vista, contaremos um pouco de sua história.

---

fato de trabalharmos com um *corpus* distinto do dele e que, portanto, apresenta características também distintas, ainda que similares.

CAPÍTULO 2

O Panorama: um periódico paradigmático

O Panorama teve seu primeiro número publicado em 6 de maio de 1837. Era impresso na tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, na rua do Arsenal, n. 55, primeiro andar. Trazia os seguintes dizeres em seu frontispício: "*O Panorama.* Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Publicado todos os sabbados".

Foi concebido com o intuito de instruir e deleitar seus leitores, ou melhor: deleitando, instruí-los. Publicava todo gênero de texto que tivesse interesse geral, preferencialmente os de caráter educativo e utilitário e jamais os de teor político (ainda que seja possível inferir as posições ali presentes).

Técnicas agrícolas, explicações sobre inventos do momento (máquina a vapor, eletricidade, trens etc.), sugestões para pequenos afazeres domésticos, roteiros de viagens, informações sobre terras e costumes distantes, sobre animais e plantas desconhecidas, sobre personalidades célebres, sobre preceitos morais e, principalmente, sobre a história de Portugal, de seus heróis, de seus edifícios, de suas colônias ultramarinas mas, também, de seu descompasso cultural com os países ditos civilizados, de seus problemas educacionais. Em meio a tudo isso, literatura.

A literatura ligava-se intimamente à historiografia, sendo em sua grande maioria romances históricos, crônicas, narrativas de viagens, havendo pouca poesia amorosa -- tão freqüente entre os românticos -- ou a presença de qualquer outro gênero que não tivesse um vínculo estreito com a história.

Publicava-se ainda, em todos os exemplares, ao menos uma gravura, o que tornava o periódico mais atraente aos olhos do público, ilustrando, na maioria das vezes, lugares distantes, ou plantas e animais exóticos, ou ainda edificações famosas etc.

Um de seus grandes trunfos para a história literária e cultural portuguesa foi ter como redator, em seus três pioneiros e definidores anos de vida, Alexandre Herculano. Nas páginas de *O Panorama*, o escritor deu a público, em primeiríssima mão, diversas de suas obras e é possível mesmo dizer que se hoje o período deve muito de sua fama a Herculano, na época era, em parte, Herculano que devia sua fama a *O Panorama.*

Além de Herculano, pelas páginas dos dezoito volumes da coleção passaram Antônio Feliciano de Castilho, Antônio de Oliveira Marreca, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça,

Inocêncio da Silva, e brasileiros como Francisco Adolfo Varnhagen e Casimiro de Abreu, entre muitos outros colaboradores.

Não sendo, pois, um periódico preferencialmente literário, foi, no entanto, aquele que divulgou e sedimentou a literatura romântica em Portugal, oferecendo ao público um conjunto paradigmático de obras da ilustração romântica.

Acolhido muito bem pelo público, tornou-se leitura e referência obrigatórias da classe média oitocentista portuguesa. Basta lembrar que, nos romances de Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, *O Panorama* tem presença certa para caracterizar a biblioteca do cidadão português ilustrado (cf. Ribeiro, 1995: 75).

1. *Origem: a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*

A publicação de *O Panorama* não teve origem na iniciativa de um único homem -- como muitas publicações -- mas sim no investimento de um conjunto deles, uma vez que foi primeiramente editado por uma sociedade composta de diversos acionistas, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

Criada em 1837 por um grupo de indivíduos interessados no desenvolvimento da educação em Portugal, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis inspirou-se, com certeza, na Society for the Diffusion of Useful Knowledge, fundada por Charles Knight em 1826 em Londres, responsável pela publicação de *The Penny Magazine* (1832-1845), que trazia em suas páginas conhecimentos gerais e ilustrações, sendo vendido a um penny (ou 20 réis). O semanário inglês serviria de modelo para *O Panorama*, segundo palavras do próprio Herculano.[14]

A sociedade constituía-se de acionistas e de uma diretoria que administrava seus fundos e negócios, formada por três membros eleitos por voto secreto, que exerciam "gratuitamente este cargo", como determinavam os estatutos. Além desses, eram eleitos do mesmo modo um presidente, um secretário e um vice-secretário, que também exerciam gratuitamente suas funções. Todo ano realizavam-se eleições, sendo permitida a recandidatura sem quaisquer restrições, além do que, obrigatoriamente, um dos três diretores era reeleito pela própria direção. Tal dispositivo garantia um forte vínculo (ao menos de uma terça parte) da nova direção com a antecedente, procurando assegurar assim a continuidade dos propósitos originais da sociedade.[15]

---

[14]. "Aos assignantes". *O Panorama*, 1838, v. 2, n. 36, pp.1-2.

[15]. Foi esta a primeira formação da diretoria da sociedade, estampada no início do primeiro volume de 1837, seguida do nome de todos os correspondentes e índice dos artigos publicados:
"Meza da Assemblea Geral
Presidente - Exmº Sr. Anselmo José Braamcamp
Vice-presidente - Illmº Sr. Luiz Duprat
Secretario - Illmº Sr. Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda
Vice-secretario - Illmº Sr. Augusto Xavier da Silva
Directores
M.A. Vianna Pedra. - João Baptista Massa. - Francisco da Costa Pinto

Desde seu aparecimento, como foi anotado, a sociedade teve o apoio declarado de D. Maria II, além de contar entre seus associados D. Fernando, a Duquesa de Bragança e a Infanta D. Isabel Maria (Lança de Mello, 1971: 8,12). Aparecia sempre no início dos volumes da primeira e segunda séries de *O Panorama* os seguintes dizeres: "Protectora Sua Magestade Fidelissima A Rainha".

O prestígio de estar ligado a uma sociedade que contava com a própria família real entre seus integrantes foi algo que certamente colaborou para o sucesso do empreendimento. Assim, não foi só o nome de Alexandre Herculano (e seus colaboradores: Silva Leal, Francisco Adolpho Varnhagen, Cunha Rivara) a doar credibilidade ao pioneiro empreendimento.

Mas a sociedade não surgiu só de títulos nobiliários e notório saber. Parece que também teve um significativo apoio financeiro do governo. O fato é que, segundo Tengarrinha (1989: 190, 202), *O Panorama* já entrava em cena impresso em tipografia própria e das mais bem apetrechadas do país, tendo possuído, inclusive, a primeira máquina impressora a experimentar o uso de rolos.

É evidente que a propriedade de tal máquina não era um capricho a que a sociedade se permitia, mas se ligava à própria razão de sua existência, que era "propagar os conhecimentos uteis, por todos os meios de que possa dispor, e desde já, por meio duma publicação semanal", segundo o primeiro artigo de seus estatutos. E não havia meio mais eficaz e abrangente naquele momento que a divulgação escrita, em especial através de periódicos, em razão de seu baixo custo para o leitor. Mais adiante, esses mesmos estatutos irão dizer:

> Art. 45° Haverá um jornal, publicado pela sociedade, destinado a promover a instrucção, principalmente ácerca dos conhecimentos uteis.
> Art. 46° Este jornal será intitulado *Panorama* Litterario e Instructivo, conterá oito paginas de quarto grande e duas columnas, e cada numero terá uma ou mais estampas, que sirvam de illustração a algum ou alguns artigos do texto.
> Art. 47° O jornal se occupará de considerações sobre a historia nacional e estrangeira, noticias de antiguidades e monumentos, estatistica e geographia do paiz, biographia de nossos varões illustres, em armas e em lettras, litteratura, propriamente dita, comprehendendo os elementos da theoria do discurso, e sua applicação á lingua portugueza. A jurisprudencia, a economia politica, o direito administrativo, a industria, o commercio e as bellas artes servirão tambem de assumpto a alguns artigos, pobres de apparato technologico, mas ricos de noções simples e uteis.
> Art. 48° Além d'estes objetos o jornal apresentará tambem extractos de viagens interessantes, artigos curiosos de sciencias naturaes, e idéas as mais elementares de astronomia, e de outros ramos agradaveis das mathematicas. Maximas moraes, e anecdotas historicas e pouco vulgares entrarão tambem no quadro do jornal.
> Art. 49° O *Panorama* se deverá distinguir, não sómente pela pureza de seu estylo e escolha de materias, mas tambem por seu constante respeito á moral publica. Não se intrometterá jámais em polemica politica, nem mesmo com disfarçadas allusões, ou apólogos chistosos.
> Art. 50° O jornal publicar-se-ha todos os sabbados. O preço de cada numero avulso será de 25 réis, e o da assignatura, por anno réis 1$200; por seis mezes 640 réis; com rosto e indice no fim do anno.

Directores Supplentes.
Illm°s Sres. Jorge Cesar de Figaniére. - Francisco de Salles e Brito. - Francisco Adolpho de Varnhagen".

> Art. 51° A direcção fará distribuir gratuitamente pela Casa Pia, Casa de Expostos, Asylos de primeira infancia, Aulas de instrucção primaria, e em geral por todos os estabelecimentos pios, alguns exemplares de cada numero, que facilitem aos alumnos a leitura d'esta publicação. (Silvestre Ribeiro, 1878: t. VII, 406-407)

Como é possível constatar, os artigos 47º e 48º contêm o programa de matérias publicadas no periódico, estabelecendo o artigo 49º três das principais diretrizes do periódico, que seriam sempre assinaladas na introdução de cada novo ano: a linguagem simples e nacional; a preocupação com a qualidade educativa das matérias publicadas; e o seu "apartidarismo" -- ou o quanto isso fosse possível.

Além do prestígio régio e do aparato humano e material, segundo José Silvestre Ribeiro (1878: t.VII, 407-408), a sociedade obteve ainda autorização para consultar e retirar da Biblioteca Nacional de Lisboa todo e qualquer material de interesse para publicação. Mas alguns entraves burocráticos no acordo entre sociedade e o bibliotecário-mor resultou, ao menos provisoriamente, na suspensão de tal privilégio.

Outra vertente importante da sua atuação era seu funcionamento como casa editorial, já que:

> Entre os propositos da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, um dos mais vantajosos é o de reimprimir e publicar os nossos bons livros por modico preço. Este intento esperamos vê-lo posto por obra em breve, e recebido como o da publicação do Panorama, que logo ao 5° Numero se tirava a 5:000 exemplares, caso unico em a historia das publicações periodicas em Portugal.[16]

Nascida, como se constata, de uma proposta fundamentada na revitalização da literatura e da identidade nacionais, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis conseguiu manter-se por oito anos de modo bastante satisfatório. Extinguiu-se, ao que tudo indica, juntamente com seu periódico, no dia 9 de abril de 1845 (Baptista, 1977: 67-69).

Ainda que com poucos anos de existência, de maio de 1837 a abril de 1845, mostrou a que veio, deixando em *O Panorama* uma obra de peso para a história da cultura de Portugal. Além disso, consolidou um lastro de credibilidade pública que permitiria a continuidade do semanário por iniciativa de outros empreendedores. Mas, acima de tudo, consagrou em Portugal e em toda a comunidade lusófona um modo de difusão literária e científica -- e, portanto, de estímulo à sua produção -- que fazia então escola em todo o Ocidente: o associativismo liberal.

---

16. "Gallicismos", *O Panorama*, set. 1837, n. 5, pp. 52-53. Segundo José Silvestre Ribeiro (1878, VII: 407-408), além de *O Panorama*, a sociedade publicou também os seguintes titulos: "*Cintra pintoresca*, do sr. visconde de Joremenha; *Diccionario Juridico-Commercial*, de José Ferreira Borges; *Epitome Chronologico dos Reis de Portugal*, ordenado por J. C. de F.; *Harpa do crente*, de Alexandre Herculano; *Noticia Historica e Discriptiva de Belem*, *Quadros Historicos de Portugal*, de Antonio Feliciano de Castilho; *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, pelo padre Francisco José Freire; *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal* (1663), o padre Manuel Godinho (2ª edição); *O romanceiro portuguez: ou Collecção de romances: historia portugueza*, por Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento; *Ruy, o Escudeiro*, de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque."

É bom lembrar, no entanto, que, se a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis e *O Panorama* consolidaram o associativismo liberal em solo português, não foram eles certamente a origem dessa forma de organização e produção literária e intelectual. Muitas outras sociedades antecederam a dos Conhecimentos Úteis, como foram os casos da Sociedade de Sciencias Medicas e de Literatura do Porto e da Sociedade de Amigos das Letras, anteriormente citadas, e muitas outras a sucederam, constituindo-se o conjunto de tais entidades um elemento importante na formação do gosto romântico português.

2. *O modelo explícito do periódico*

No texto introdutório do primeiro exemplar de *O Panorama*,[17] o redator, possivelmente Herculano, respeitando o modelo retórico convencional do momento, inicia suas considerações na Grécia, passando pelos romanos e pela origem do cristianismo, chegando finalmente à invenção da imprensa e daí extrai a idéia central de todo esse périplo: o crescente acúmulo e a ampliação do conhecimento humano. Considerando que o indivíduo já não pode dominar a totalidade desses conhecimentos, afirma que: "No seculo XIX a existencia de um Aristoteles seria absolutamente impossivel". Considerando essa impossibilidade, observa que a leitura passa a ser valorizada não só como ato de conhecimento, mas também como prazer e recreio, sem, no entanto, perder de vista sua utilidade ilustrativa e educacional. É no interior desse conceito de leitura que *O Panorama* seria concebido.

Como foi observado, *The Penny Magazine* era o modelo explícito de *O Panorama*, ao menos em seu primeiro ano de vida:

> Quando este jornal começou a apparecer nada mais era, quanto á fórma, do que uma imitação do *Penny Magazine*, do qual tambem o são todos os jornaes populares publicados na Europa.[18]

E, de fato, em seu primeiro ano, *O Panorama* apresentava o mesmo formato que *The Penny Magazine*, sendo distinto apenas quanto às ilustrações de página inteira, enquanto *The Penny* apresentava pequenas ilustrações no interior do texto (técnica, com certeza, mais sofisticada). O frontispício de *O Panorama* era idêntico ao de *The Penny*, que dizia: "*The Penny Magazine* of the Society for the Diffusion of Useful Knowledge. Published every saturday".

Porém, como observa Jacinto Baptista (1977: 34-37), é preciso lembrar que a sociedade londrina possuía condições socioculturais muito mais favoráveis que a lisboeta para levar a cabo uma empreitada dessa natureza. Em relação a esse setor, então pioneiro, hoje denominado "indústria cultural", as condições materiais e culturais inglesas eram bastante diversas das

17. "Introdução", *O Panorama*, 1837, 6 maio, v. 1, 1ª série (por Herculano).
18. "Aos assignantes", *O Panorama*, v. 2, n. 36, p. 1.

portuguesas. Apenas para se ter a dimensão do descompasso entre ambas, basta lembrar que *The Penny Magazine* iniciara-se com uma tiragem de 160 mil exemplares e, cinco anos depois, quase dobrou esse valor, enquanto *O Panorama,* em seus primeiros meses, chegou a uma tiragem de 5 mil exemplares, considerada alta pelos próprios redatores, como veremos adiante, para esse gênero de jornalismo em Portugal.

Portugal tinha um alto grau de analfabetismo e uma produção de obras letradas bastante minguada, se comparado à Inglaterra. Lopes de Mendonça, em seus *Ensaios de crítica e litteratura*, de 1849, chega a comentar sobre Oliveira Marreca, um dos mais importantes redatores de *O Panorama*, que:

> É uma vergonha para a nossa terra, que uma das nossas grandes illustrações, apenas se podesse ter manifestado no jornalismo litterario: no *Panorama*, na *Illustração* e na *Revista Economica*, é que se avaliam as suas poderosas faculdades, e se lamenta que o nosso pequeno movimento litterario, não dê sufficiente espaço para que se produza um tão grandioso talento. (1849: 41)

Já no que concerne à Inglaterra, lembra Jacinto Baptista (1977: 29) que, em 10 de março de 1834, apareceu no *Repositorio Literario* um interessante artigo intitulado "Periodicos inglezes", no qual José de Urcullu fornecia um quadro da imprensa inglesa naqueles anos, traduzindo um longo trecho de um artigo provavelmente publicado no próprio *The Penny Magazine*, que apresentava uma verdadeira radiografia do "grau de civilização" que a Inglaterra alcançara e da prestigiosa auto-imagem que possuía e propagandeava. Eis a tradução:

> ✆ número do *Penny Magazine* que ha de aparecer no dia 30 de Dezembro está prompto para se imprimir, isto é, para entrar no prélo no dia 19, depois de haver passado pelas mãos dos escritores, e artistas, e do compositor da imprensa; no qual se tem empregado algumas semanas. Sem invenção da Fundição Steriotipa, que se tem aperfeiçoado muito nestes últimos anos, o *Penny Magazine* não se poderia imprimir por duplicado, o que diminue os gastos, nem o numero d'exemplares seria proporcionado ás exigencias do público. Quando a *máquina* de imprimir começa a trabalhar emprega dez dias para produzir 160,000 exemplares com duas pranchas. A não se ter inventado a tal máquina, uma só prensa, imprimindo cada dia mil exemplares perfeitos, empregaria 160 dias, ou mais de 5 mezes, para completar aquele número.
>
> ✆ *Penny Magazine* que começa a ser estampado no dia 19 de Dezembro, estará posto á venda em todas as partes do Reino Unido, no dia 1° de Janeiro, e nos districtos mais remotos no dia 3 ou 4. Qualquer pessoa que deseje comprar um exemplar em Inglaterra, Escocia e Irlanda, o achará sem dificuldades em casa dos livreiros. Esta communicação entre a capital e as provincias, entre as grandes cidades e os pequenos lugares, é hoje tão perfeita, que desejando-se algum sortimento de qualquer genero, se recebe imediatamente dos pontos mais distantes. Porem, o *Magazine de Vintem* (Penny Magazine) não altera o seu preço, isto é, vende-se por 20 rs. em todos os pontos d'Inglaterra: porque os Editores do periodico fazem um abatimento regular aos livreiros: e porque as communicações são *baratas* e *rapidas* em todo o reino. O barco de vapor nos mares -- o canal -- o caminho de ferro -- o carro rápido -- a diligencia e a mala -- sam meios para que o *Penny Magazine* se possa vender como se fosse em Londres. Nada pode provar mais que isso o estado de civilisação, da nossa patria, (dizem com justo orgulho os mesmos Editores); e quando algumas pessoas pouco reflexivas perguntam, que beneficio tira o pobre das máquinas de vapor, dos canaes, e das belas estradas, se lhes pode responder só com este exemplo. Neste, com em todos os outros casos, se observa que a comunicações (sic) baratas e rápidas aplanam os obstaculos do tempo e do

> espaço, unem as estremidades d'um grande reino, diminuem as desigualdades da situação e dos bens de fortuna, igualmente o preço das comodidades, e fazendo até certo ponto que estas sejam accessiveis a todos.
>
> O *Penny Magazine* não goza de privilegios exclusivos: *está cimentado sobre um principio comercial*: e se a sua venda não pagasse as despezas, deixando algum interesse a todos os que empregam n'ele (excepto os membros da Sociedade estabelecida para propagar os conhecimentos uteis, debaixo de cujos auspicios se publica), não se poderia sustentar. Os que compram o *Penny Magazine* até o numero *Duzentos mil exemplares*, sam os que sustentam o periodico porque a Sociedade não tem fundos; antes pelo contrario o periodico contribue materialmente para os fundos da Sociedade, que se aplicam a novas emprezas em beneficio do publico.[19]

Essa era a dinâmica de produção inglesa à época de *The Penny Magazine*, que *O Panorama* tentou tomar por referência. Herculano, dando-se conta do descompasso entre os contextos sociais da Inglaterra e de Portugal, já em 1838, observava que:

> Persuadidos estavamos que nenhum melhor modelo tinhamos para seguir; mas com o tempo nos temos convencido de que as circumstancias relativas dos dois paizes, Portugal e Inglaterra, sendo diversissimas, deviam influir diversamente no modo de tractar a *litteratura popular* das duas nações. Em Inglaterra, como em França e Alemanha, o lêr é uma necessidade intellectual, em Portugal um prazer, ou antes um desfastio, e é como tal, principalmente, que a instrucção se deve apresentar entre nós. Em parte nenhuma, portanto, ella deve ter em si os dois caracteres, do util e deleitoso, profundamente estampados, com em o nosso paiz.[20]

Identificando, pois, uma profunda distinção entre o perfil do público leitor inglês, francês ou alemão e o do público português, considerava haver três classes distintas de leitores em Portugal, que um periódico do gênero de *O Panorama* deveria contemplar: a primeira, "os que pretendem só instrucção, sem lhes importar a fórma"; a segunda, "é a mais numerosa, consta daquelles que gostam de instruir-se recreando-se"; a terceira, os que "buscam na leitura passatempo para matar o tedio, e a quem cousas singelas, claras, communs, ou frivolas só agradam". A partir daí, idealiza o novo modelo do periódico:

> *O Panorama* conterá de ora ávante duas partes, que de algum modo se podem considerar como distinctas. A primeira destinada aos artigos mais extensos e relativos ás sciencias naturaes, aos quadros historicos, á geographia, aos monumentos, á economia, á litteratura, e a todos os mais objetos graves e importantes: a segunda conterá artigos breves, variados, de menos monta, posto que tendentes sempre, quando for compativel com a sua natureza, á instrucção commum, não sendo d'ahi inteiramente desterrada e (a) sciencia, quando nella se poderem dar as condições desta parte do jornal -- brevidade, deleite e variedade. Não só adequado ás circumstancias peculiares do nosso paiz nos parece este systema de redacção; mas conveniente para ser seguido em muitos outros, que, bem como Portugal, estão ainda abaixo da Alemanha, de Inglaterra, e de França na escala da civilisação.
>
> (...)
>
> Semelhantes jornaes devem ser considerados como um complemento da educação primaria popular, e esta é miseravel, incompleta, e despresada. (...) se desse ao povo os rudimentos geraes da instrucção, antes de lhe ensinar sciencias, parece-nos que a civilisação caminharia em Portugal melhor, e que não aconteceria (como já nos succedeu) encontrar-se um doutor, que suppunha ser o Baltico um rio, e outro, professor de certa academia celebre, que dava a

---

19. José de Urcullu, "Periodicos inglezes", *Repositorio Literario*, 1º mar, 1834, n. 10, p. 80.
20. "Aos assignantes", *O Panorama*, v. 2, n. 36, p. 1.

> rasão de serem as viagens do Brasil mais demoradas de lá pra cá, do que de cá pra lá, do seguinte modo: "Meus senhores, forçosamente assim ha de acontecer; porque para lá, desce-se; e para cá, sobe-se".[21]

O novo projeto que Herculano elaborou para o semanário teve em vista a educação da incipiente classe média portuguesa, distinguindo-se assim de *The Penny Magazine*, que visava a um público mais amplo, com formação intelectual diversa. Herculano subscreveu uma preocupação que era um dos pontos nevrálgicos da política nacional naqueles anos: a reforma do ensino de base, que desde Pombal se mantivera praticamente o mesmo. Ainda depois da saída de Herculano, seria sempre esse o perfil de *O Panorama*, retomado em linhas gerais pelos que sucederam o escritor.

3. *Modelos implícitos do formato*

Herculano, em carta de 27 de julho de 1838, ao dar conselhos a Adrião Forjaz de Sampaio, que pretendia editar uma revista literária em Coimbra, lembrava que:

> Debaixo de dois pontos de vista (passe o gallicismo) se ha de considerar qualquer empreza de um novo jornal d'esta especie: proveito commum litterario; proveito material da empreza.
> (...)
> Uma revista boa podia sustentar-se em Portugal; mas era preciso tomar para modelo d'ella a *Revue des Deux Mondes*, ou outro assim, que ministrasse o solido á sombra do deleitoso.
> (...)
> Elle (o povo) não beberá o remedio, se não lhe pozermos o mel na borda do vaso. Apoz de um artigo de critica, de moral, de sciencia, deve ir um romance historico, uma scena dramatica, um poema.[22]

E numa carta posterior a essa, porém sem data, diria que:

> Acho em consciencia, que os fundadores do jornal deviam dirigir-se aos homens mais conhecidos como escriptores e convidal-os a trabalhar na revista de Coimbra: nenhum d'elles se negaria: isto bastava; ainda que cada um desse um artigo por anno, ou mesmo um ou outro falhasse.[23]

É evidente que toda a descrição que faz do idealizado periódico (conciliar lucro e literatura, abordando assuntos sérios e prazer literário de qualidade, garantido pela colaboração de escritores célebres) corresponde tanto ao citado modelo da *Revue des Deux Mondes* como, em linhas gerais -- à exceção do didatismo da publicação portuguesa --, ao do próprio *O Panorama*, evidenciando que já empregava no periódico que então dirigia, o quanto lhe era possível, o modelo da revista francesa que recomendava.

---

21. "Aos assignantes", *O Panorama*, v. 2, n. 36, pp.1-2.
22. *O Conimbricense*, 26 maio, 1896, n. 5.078, p. 3.
23. *O Conimbricense*, 30 maio, 1896, n. 5.079, p. 2.

O fato é que a *Revue de Deux Mondes,* sem dúvida, serviu de modelo a Herculano, mantendo-se sempre em seu horizonte, ainda que soubesse que era rigorosamente inviável implantá-lo, assim como ocorria com o modelo de *The Penny Magazine*.

Lança de Mello (1971: 16) nos lembra que também *Le Musée de Familles* apresentava o mesmo formato e a divisão de matérias que possuía *O Panorama*, aparecendo neste traduções de artigos inteiros do periódico francês. Foi, na certa, uma outra forte referência do semanário português.

Desse modo, apesar do declarado vínculo com o modelo inglês de *The Penny Magazine*, temos nas edições francesas o modelo subliminar do semanário. Lembremos ser compreensível a omissão de tais modelos devido ao forte antifrancesismo em voga naquela altura. Álvaro Manuel Machado (1986: 130-158), em seu trabalho *Les romantismes au Portugal, modeles etrangers et orientations nationales*, ao procurar demonstrar o antifrancesismo português vigente naqueles anos, irá recorrer, entre outros, justamente ao artigo "Gallicismos", publicado em *O Panorama*, de provável autoria de Herculano.

Outros modelos também aparecerão, se considerarmos as gravuras estampadas no periódico. Apesar de, em 1809, ter surgido o primeiro periódico português com ilustrações -- o *Armazem Interessante e Recreativo* --, quase três décadas depois, quando da publicação de *O Panorama*, os apetrechos técnicos e a mão-de-obra qualificada para essa atividade continuavam a ser precários e escassos. Assim, em matéria de gravura, muito se copiava dos periódicos estrangeiros.

É difícil identificar os modelos que se seguiram em tal aspecto e é mesmo provável que tenha seguido mais de um. O próprio *The Penny Magazine* seria um deles. Segundo Sampaio Bruno (1984: 65), sente-se a influência do *Magasin Pittoresque* (1833), opinião corroborada por Tengarrinha (1989: 198). O fato é que havia inúmeras publicações na época que empregavam gravuras, sendo porém o *Magasin Pittoresque* o mais apreciado em Portugal e, portanto, o modelo mais provável de *O Panorama*.

4. *As diversas orientações de O Panorama*

O momento inaugural e o papel de Herculano

A coleção de *O Panorama* possui ao todo cinco séries. Herculano, como se sabe, dirigiu o periódico de 1837 a 1839, atuando em parte da primeira série, que durou até 1841. Colaborou, no entanto, posteriormente, em 1843, quando voltou à direção do semanário e, vale lembrar, em

condições materiais muito melhores do que as iniciais,[24] mantendo-se ali até a conclusão da segunda série, já no ano seguinte. A terceira (1846-1856) e a quarta (1857-1858) séries ficaram por conta de Lopes de Mendonça, Rebelo da Silva e Cunha Rivara, e a quinta (1866-1868) sob a pena de Pinheiro Chagas, Inocêncio da Silva e Zacharias Aça, sem que o autor de *Eurico* voltasse a aparecer nas páginas do semanário.

Herculano manteve-se na direção da primeira série do periódico exatamente até o número 115, de 13 de julho de 1839, quando ali anunciou ter deixado o cargo e que, a partir de então, suas eventuais colaborações apareceriam com as iniciais de seu nome, já que durante esse período jamais assinara suas matérias. Saiu para ocupar o cargo de Diretor das Bibliotecas Reais da Ajuda e Necessidades, nomeado por D. Fernando. Assim, na segunda série, sua colaboração esporádica e depois na direção seria identificada com suas iniciais.

A já referida correspondência pessoal do escritor com Adrião P. Forjaz de Sampaio fornece-nos o volume de sua anônima colaboração na primeira série:

> Eu obriguei-me por um contracto a ter sempre adeantados, no escriptorio da Sociedade Propagadora, 4 numeros do *Panorama*. Recebo por isto 40$000 réis mensaes, devendo dar em cada numero 2 ou 2 1/2 paginas escriptas por mim.[25]

Eis aí a percentagem de seus textos no semanário durante sua primeira gestão: ao menos a quarta parte do que ali está saiu da pena de Herculano.

Lança de Mello (1971: XCVI-CV) apresenta-nos uma "Pressuposta e declarada colaboração de Herculano no *Panorama* de 1837 a 1844". Vale destacar algumas de suas colaborações, principalmente as literárias, como é o caso das narrativas ficcionais de inspiração histórica: "O castelo de Faria", "Mestre Gil", "Tres mezes em Calicut", "A aboboda", "A morte do lidador", "O cronista", "O monge de Cister", "Arras por um foro de Espanha", "O bobo", "A dama pé-de-cabra" ou "O paroco da aldeia".

Concomitantemente à literatura e intimamente a ela relacionados, escreveu diversos textos sobre a história de Portugal, como "Judeus em Portugal", "Classes da antiga nobreza de Portugal", "Ordens monasticas nos tempos antigos", "As cruzadas", "Origem da inquisição em Portugal", "Origem e progressos da navegação", "Foros e costumes antigos de Portugal", "Crenças populares portuguesas", "Superstições populares".

Também pintou diversas batalhas célebres e realizou alguns estudos relacionados à história do jornalismo e do teatro.[26] O fato é que, em Herculano, história e literatura nunca

---

24. "São materialmente bem mais vantajosas, diga-se de passagem, as condições em que Alexandre Herculano regressa a *O Panorama*. Segundo Rodrigues Cordeiro, entra ele por novo contrato, em 20 de Janeiro daquele ano, para director do jornal, recebendo então 800$000 réis anuais, ou 5$128 réis por página, devendo escrever três páginas em cada número. É o período em que ali publica, em folhetins muito apreciados, as suas novelas e os seus romances históricos." (Baptista, 1977, 24)

25. *O Conimbricense*, 1896, 26 mai., n. 5.078, p. 3.

26. Entre as batalhas retratadas estão a "Conquista de Malaca", "Tomada de Armuz", "Batalha de Alcácer Quibir", "Motim em Lisboa" e "Batalha de Alfarrobeira". Não esquece personalidades renomadas, como "Damião de Goes",

estiveram em diálogo tão próximo e direto como nesse momento. Sua produção literária em *O Panorama* vem reafirmar, por sinal, a tese de ter sido ele essencialmente um medievalista e um historiador da vida rural, defendida por Joaquim Barradas de Carvalho (*et alii*, 1974: 29), uma vez que temos também nos textos literários seu integral reforço.

E mesmo na crítica literária este caráter está presente, já que, entre textos sobre "Homero", "D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna", "Nicolau Maquiavel", "Cervantes", "Fernão Lopes", lembrou-se de "Os amores de Bernardino Ribeiro e a Infanta D. Beatriz" e das "Novelas de cavallaria portuguesa".

É claro que falava também de seus contemporâneos, incluído aí o historicismo de Walter Scott, em "Nota bibliographica sobre Ivanhoé". Louvou também os escritores portugueses coevos, como em "Nota bibliographica sobre *A primavera* -- poema de Castilho", e aplaudiu sempre o aparecimento de novos periódicos e de novas obras, como em "Revista Literaria" e na seção intitulada "Nota bibliographica".

Não bastando seu empenho como historiador e escritor, Herculano, já nesse momento, tornou-se o grande defensor da preservação de monumentos e edificações de valor histórico. Sua militância aparece em "Os monumentos" e "Mais um brado a favor dos monumentos" e também em "O páraco".

E, como não poderia deixar de ser, tendo em vista o próprio projeto de caráter didático que fundamentou o semanário e que, como vimos, iria acentuar-se a partir do segundo ano de sua publicação, temos de sua autoria uma série de artigos sobre educação, tais como: "Da educação phisica", "Instrucção popular", "Educação materna", "Da educação intellectual", "Da educação moral", "O seculo -- educação", "Da educação e instrucção das classes laboriosas" e "A educação e o Estado".

Herculano publicou ainda uma infinidade de artigos que não se enquadram nas categorias aqui aventadas, e mesmo as referências acima não esgotam cada uma delas. É vastíssima sua produção em *O Panorama*, incluindo as mais diversas áreas do conhecimento: artes plásticas, economia, religião, moral, turismo etc.

Pelas matérias aqui citadas, é possível ter uma idéia mais clara do que vinha a ser uma publicação literária e de ilustração. A produção de Herculano ali é um material privilegiado para tal empreitada, já que, sendo o editor do periódico, buscava imprimir a dose exata dos diversos assuntos que *O Panorama* deveria abordar. É evidente que matérias que abordavam as ciências biológicas, físicas ou matemáticas eram encomendadas a estudiosos dessas áreas.

"Diogo de Couto", "Oliverio Cromwell", "Frei Tomé de Jesus", "Morte de D. Leonor, duquesa de Bragança", "O marquês de Pombal", "Fernão Lopes", "Gomes Eneas de Azurara", "Vasco Fernandes de Lucena", "Rui de Pina", "D. Francisco Manoel de Mello" e "Garcia de Resende". Entre os estudos sobre jornalismo e teatro temos a "Origem da typographia", "Gazetas dos romanos", "Origem das gazetas em Portugal", "Origens do theatro moderno" e "Historia do theatro moderno".

Como vimos, além de Herculano, colaboraram nesses anos em *O Panorama* Francisco Romano Gomes Meira, que seria depois seu cunhado, Rodrigo Felner,[27] Cunha Rivara, Francisco Adolfo Varnhagen, Trigoso, Silva Leal e outros -- todos ali presentes de forma anônima. Jacinto Baptista (1977: 57-58) faz notar que o anonimato imposto aos colaboradores de *O Panorama* produziu o desejado efeito de obra coletiva. Foi esse o germe da uniformidade de textos que caracterizaria o jornalismo moderno, inaugurada em larga escala pelo *Times* -- um jornalismo informativo, impessoal, não emotivo. Era esse, com certeza, o intuito dos diretores da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Com isso procuravam controlar o irredutível teor político presente em qualquer meio de comunicação, não permitindo que os redatores, identificados, se comprometessem ideologicamente com seu público.

Mas parece que a estratégia de controle não funcionou no caso de Herculano, que, deixando a direção do periódico, passou, como vimos, a assinar seus trabalhos com o consentimento da sociedade, já que a presença de seu nome no semanário possuía maior valor que o anonimato pretendido.

A importância de Herculano para *O Panorama* não se encerra, no entanto, no período em que esteve na direção do semanário e como seu colaborador. Seu nome foi um dos pilares mais fortes das futuras empreitadas que viabilizariam o periódico por mais dez anos e, portanto, *O Panorama* deve a ele não só a sedimentação de seu projeto original como o maior lastro à sua manutenção pelo período de dezoito anos.

Suas outras orientações e seu trajeto exemplar

Antes de comentar as novas orientações de *O Panorama*, é oportuno lembrar que o semanário era editado de modo a constituir uma coleção em volumes, isto é, o leitor podia encadernar a cada ano os exemplares, que já vinham com a numeração seriada para tanto. O primeiro exemplar do ano apresentava uma introdução, que funcionava como uma espécie de editorial, fazendo o balanço do ano anterior e apresentando perspectivas e propostas para o ano que se iniciava. Assim, tais introduções constituem material privilegiado para avaliar o desempenho da publicação no decorrer dos seus dezoito anos de existência e é, pois, a elas que aqui se recorre.

Após a saída de Herculano da direção do periódico é sensível a mudança da concepção que o regia. Na apresentação do texto de 1840,[28] possivelmente de Antônio de Oliveira Marreca, que assumira a direção da empreitada, nota-se um discurso monocordicamente positivo diante da realidade literária e educacional portuguesa, argumentando em linhas gerais que a vida literária

---

27. Cf. Baptista, 1977: 57.
28. "Aos nossos leitores", *O Panorama*, anônimo, 1840, jan., v. 4, 1ª série.

em Portugal encontra-se em pé de igualdade com o resto da Europa, o que Herculano, apesar de otimista, nunca fizera.

Em janeiro do ano seguinte,[29] foi Antônio Feliciano de Castilho que apresentou o novo volume, fazendo um longo elogio ao jornal e atacando a banalização do empreendimento do jornalismo literário e científico por outros menos dotados, revelando assim o crescimento do periodismo em Portugal e a preocupação com a qualidade de tais publicações. É curioso encontrarmos Castilho na direção do periódico, já que, quando do seu surgimento, fôra ele primeiramente convidado para dirigi-lo, tendo recusado o convite e indicado Herculano para o cargo (Baptista, 1977: 23). Mas Castilho logo abandonou *O Panorama* para editar em 1843 a *Revista Universal Lisbonense*, que também ganhou imenso prestígio

É oportuno notar que Castilho teve uma presença marcante junto aos poetas românticos que então surgiam em Portugal, especialmente em relação ao grupo de *O Trovador*, que, segundo o espírito associativista, praticava uma poesia que tinha por horizonte algumas vertentes dominantes do romantismo (Morna, 1987), colaborando, desse modo, para a sedimentação de um gosto romântico convencional em língua portuguesa. Castilho também exercerá forte influência sobre os poetas que, nas décadas seguintes, terão origem nas colônias. Sua passagem pela direção de *O Panorama* tem, portanto, um sentido especial aos propósitos deste trabalho, já que faz que o autor do *Tratado de versificação portuguesa para em pouco tempo e até sem mestre se aprender a fazer versos de todas as medidas e composições* (1851) integre-se ao que reputamos ser o paradigma maior do periodismo literário e de ilustração português, reconhecendo que, se o modelo jornalístico foi estabelecido por Herculano, a composição poética teve em Castilho sua maior expressão modelar.

Após a saída de Castilho da direção do periódico, é novamente Oliveira Marreca quem a assumiu, com o apoio de Silva Leal, Fr. Heitor Pinto, P. Midosi, Ribeiro de Sá e Couto Monteiro. Abriram a segunda série do periódico e mudaram seu tipo gráfico. Na introdução,[30] os redatores ressaltavam a boa receptividade do periódico no Brasil, assinalando, mais realistas, as dificuldades estruturais portuguesas na área do jornalismo e da educação de base. Tentavam, no entanto, demonstrar estatisticamente que o português lê tanto ou mais que os outros europeus.

No ano seguinte,[31] a ingenuidade e positividade das introduções anteriores ficou à margem e a realidade fez-se sentir, vindo à tona a precária situação do semanário, subentendida na inúmeras estatísticas para comprovar o crescente movimento científico e literário na Europa, onde Portugal estava muito aquém do desejado.

---

29. "Introdução", *O Panorama*, 1841, jan., v. 5, 1ª série, por Antônio Feliciano de Castilho.
30 RR. (os redatores), "Aos leitores", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1842, v. 6 ou v. 1 da 2ª série.
31. Antônio de Oliveira Marreca, "Aos leitores", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1843, v. 7 ou v. 2 da 2ª série.

Em 1844,[32] os redatores comentavam a longevidade da revista, fazendo profissão de fé na continuidade do projeto inicial e rebatendo o que consideravam a crítica dos imediatistas (ditos "socialistas"), que não reconheceriam o valor da história. O fato é que o semanário teve aí seus últimos dias e a própria Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, já no ano seguinte, daria seu derradeiro suspiro.

Apesar do fim da sociedade, o semanário ressurgiu no ano seguinte, em setembro de 1846. Não conseguiu, porém, manter-se e novamente desapareceu, retornando, enfim, apenas em 1852, já sob a redação de Lopes de Mendonça, Rebelo da Silva, Cunha Rivara, Gomes d'Amorim, Latino Coelho, J. da C. Cascaes, J. M. de Sousa Monteiro, A. Lima, Germano Chaves, José de Torres, F. D. d'Almeida e Araújo, F. M. Bordalo, J. A. X. de Magalhães, Carlos Ribeiro e outros.

Essa nova empresa daria excelentes resultados até 1858. De início, no entanto, seus responsáveis tiveram grande dificuldade em firmar a reedição do semanário.

Na introdução[33] do volume, que dizia respeito ao longo período (de quase silêncio) que ia de setembro de 1846 a dezembro de 1852, o redator ressalta o fato de *O Panorama* ter sido até ali um formador do gosto do público português e afirma que, nessa nova fase de sua publicação, continuaria a deixar à margem as grandes preocupações imediatas da atualidade, privilegiando as questões elementares de intuito formador e educativo. Observa, porém, que, sem ser semanário de notícias, acompanharia o andamento do século, com linguagem não arcaizante e nacional. Comenta ainda a ampla aceitação popular de *O Panorama*, incluindo aí o Brasil, sobre o qual faz considerações de extrema simpatia.

Os novos empreendedores procuraram manter o espírito didático que Herculano incutira à publicação, contando então não só com os leitores portugueses, como também com os brasileiros. Assim, a participação do Brasil contribuía para que pudessem viabilizar a continuidade da publicação.

Em janeiro de 1853, foi Rebelo da Silva quem escreveu a introdução,[34] tecendo elogios a Herculano. Prometia fidelidade às diretrizes iniciais do periódico, buscando registrar em suas páginas o que havia de melhor sobre a história pátria (homens ilustres e dias heróicos), a civilização e a democratização do saber. Solicitava confiança ao antigo público (operários, lavradores e brasileiros), fazendo notar a interrupção que sofreu a publicação.

No entanto, é somente a partir de 1854 que *O Panorama* novamente, de fato, se firmou. Na abertura do volume daquele ano,[35] o redator registrava as dificuldades dos dois anos anteriores, notando que aquele fôra exemplar, apesar de ter-se publicado menos variedade, tornando o periódico mais sisudo. Deixava entender que o gravador era o mesmo (Francisco Maria Bordalo) desde o início da publicação e prometia melhorias nessa arte.

---

32. RR. (os redatores), "Introdução", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1844, v. 8 ou v. 3 da 2ª série.
33. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, setembro de 1846 -- dezembro de 1852, v. 9 ou v. 1 da 3ª série.
34. L. A. Rebello da Silva, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1853, v.10 ou v. 2 da 3ª série.

Em 1855,[36] o novamente anônimo redator reafirmava a solidez do periódico, fazendo sintomaticamente um elogio à proteção de "Augustos Personagens" e aos novos "subscriptores" em todas as colônias do reino e no "vasto imperio do Brazil". É mais um indício de que o Brasil teve algum papel na sustentação de *O Panorama* durante aqueles anos.

Reforçava-se, no ano seguinte,[37] o fato de constituir a coleção do semanário um repositório de trabalhos ilustres e, apesar do respeito à proposta inicial, esta era ajustada às novas experiências (como, por exemplo, artigos menos extensos) e continuava-se a prometer mais gravuras de monumentos nacionais.

Em 1857,[38] apareceu um curtíssimo texto para a abertura de uma nova série: ocupava meia coluna e notava a longevidade da publicação, sua credibilidade e o empenho de seus redatores em melhorá-la. E em 1858 o texto introdutório[39] felicitava a todos pela entrada do ano e, empregando a metáfora do plantio, falava genericamente da tradição de *O Panorama*, vislumbrando que ainda iria florescer e gerar muitos frutos. É importante notar que não havia mais o tom programático das séries anteriores. As profecias de fecundidade não se iriam cumprir.

O semanário deixou de ser publicado por oito anos. Somente em 1866 foi, então, novamente reeditado por Inocêncio da Silva, Zacharias Aça, Pinheiro Chagas, E. A. Vidal, Cândido Figueiredo, Ernesto Marecos, J. R. d'Oliveira Santos, A. Ozório de Vasconcellos, Costa e Silva, Nogueira da Silva, Guilherme de Azevedo e outros.

Um anônimo e curtíssimo texto introdutório[40] reabriu a publicação, assinalando o peso da responsabilidade em retomar a publicação de um periódico com tanta reputação. E observava: "Não ousariam fazel-o se não contassem com o auxilio de algumas das pennas mais justamente illustres de Portugal". Declarava também que: "Não fazemos programmas, nem tentamos captar a benevolencia dos assignantes com promessas pomposas", afirmando que obviamente far-se-ia o melhor possível. Nos dois anos que se seguem,[41] não aparecem textos de introdução aos volumes anuais do semanário.

Num balanço geral, podemos afirmar que, após o bem-sucedido modelo estabelecido por Herculano, a terceira e a quarta séries concentravam-se na história e na literatura, o que tornou o periódico muito especializado. Passaram mesmo a estampar artigos muito densos, como vimos, chegando a incomodar os leitores. A quinta série buscou recuperar o perfil da primeira, mas não chegou a dosar ciência, literatura e variedades do mesmo modo que aquela, predominando igualmente a relação entre a literatura e a história. O tipo e a diagramação escolhidos eram mais arejados e, na busca de retomar a origem de *O Panorama*, chegaram mesmo a publicar alguns

35. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1854, v. 11 ou v. 3 da 3ª série.
36. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1855, v. 12 ou v. 4 da 3ª série.
37. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1856, v. 13 ou v. 5 da 3ª série.
38. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1857, v.14 ou v. 1 da 4ª série.
39. Anônimo, "Introducção", *O Panorama*, janeiro-dezembro de 1858, v. 15 ou v. 2 da 4ª série.
40. Anônimo, "Duas palavras ao publico", *O Panorama*, 1866, v. 16 ou v. 1 da 5ª série.
41. *O Panorama*, 1867, v. 17 ou v. 2 da 5ª série, e 1868, v. 18 ou v. 3 da 5ª série.

temas presentes nos primeiros anos do semanario. Mas a empreitada já não duraria, pois o contexto intelectual mudara e a literatura e a historiografia de caráter moralizador e formador do romantismo da segunda geração perdia em interesse para a mentalidade crítica e racionalista da historiografia positivista e da literatura realista. Lembremos também que o caráter mais imediato e prático das matérias (como tirar manchas de roupas, como cultivar determinadas plantas etc.) foi deixando gradualmente de existir, desaparecendo em definitivo a partir da quarta série.

5. *A referência paradigmática de O Panorama*

Uma passada de olhos pelas diversas orientações que adotou *O Panorama* nos pôde dar a medida da diversidade de propostas que uma única publicação podia abraçar sem perder o perfil de um periódico literário e de ilustração. As diretrizes que nortearam a concepção de *O Panorama* mantiveram-se em todas as séries.

Idealizado com base em modelos ingleses (*The Penny Magazine*) e franceses (*Revue des Deux Mondes*, *Magasin Pittoresque*, *Le Musée des Familles*), calcado no associativismo científico e literário e tendo ganhado em larga medida o apoio do governo e a simpatia do público, *O Panorama* conseguiu estender sua influência por todo o território português, tanto em sua parte continental, quanto na insular e colonial, chegando também ao Brasil. Estabeleceu, assim, uma ponte virtual entre regiões tão distintas e distantes do globo, difundindo ciência, literatura, idéias e diversão aos mais variados públicos. Esse diálogo continuado e, entretanto, sempre renovado fez de *O Panorama* uma publicação exemplar do espírito ilustrado romântico.

Valorizando seu caráter formador, educativo e deleitoso, e privilegiando os elementos literários que o caracterizaram -- como artigos historiográficos, relatos de viagem, crônicas, poemas e literatura ficcional --, iremos selecionar entre os periódicos produzidos nas colônias aqueles que mais se aproximaram desse perfil. Entretanto, sabendo-se que a produção colonial oitocentista não chegou, em certas regiões, a apresentar publicações com tais especificidades, consideraremos nessas localidades cada um dos elementos literários isoladamente, ainda que publicados em periódicos de perfil bastante distinto de *O Panorama*.

Mas, antes de tratarmos das publicações periódicas das colônias, faz-se necessário investigar, primeiramente, as condições materiais e políticas que condicionaram a instalação da imprensa periódica naquelas localidades e, depois, a difusão da alfabetização em língua portuguesa, já que para a constituição de meios literários coloniais era imprescindível a presença de oficinas impressoras, de escritores e de um público leitor.

CAPÍTULO 3

A expansão colonial da imprensa portuguesa: o exemplo de Goa

A atividade da imprensa teve um papel inaugural na formação de certo público leitor real e virtual nas colônias. Isso, entretanto, não se deu de modo linear, e muito menos de modo homogêneo. Foi, sim, marcado por períodos produtivos e por rupturas, sendo que houve maior investimento na imprensa em certas regiões coloniais que em outras, de acordo com os interesses comerciais ou militares do Estado português.

A instalação de máquinas impressoras nas colônias seguiu, de um modo geral, o grau de interesse que cada uma delas ganhou aos olhos da metrópole portuguesa em momentos diferentes da história. Se o Oriente português logo passou a imprimir seus próprios folhetos, o Brasil e a África ficaram praticamente por três séculos sem qualquer possibilidade de fazê-lo. A imprensa só apareceu em Angola em 1845; em Moçambique em 1854; em São Tomé e Príncipe em 1857; e na Guiné em 1883. No Brasil, a imprensa surgiu oficialmente após 1808, com a chegada da família real, mas já em meados do século XVIII, como se lê em Nelson Werneck Sodré (1966: 20), o português Antônio Isidoro da Fonseca teria impresso alguns trabalhos por encomenda. De qualquer modo, a imprensa brasileira, assim como a de todas as regiões luso-africanas, só teve existência efetiva no século XIX; e, dentre as luso-africanas, algumas só chegaram a tomar corpo no século XX.

Já a primeira obra impressa pelos portugueses em Macau data de 1590 e intitula-se *De Missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa ac toto in itinere animadversis, Dialogus, & c.* Originalmente escrita em japonês, teve ela versão em latim. Relata a missão e viagem de uma embaixada cristã japonesa ao Papa Gregório XIII.[42]

A imprensa de Goa, porém, foi certamente a mais antiga e mais ativa das imprensas coloniais, justamente por ser a sede do governo português no Oriente. Façamos, pois, aqui, um estudo mais detido dos descaminhos que a imprensa goesa apresentou até o século XIX, sabendo-

[42]. A primeira obra escrita em e sobre Macau foi a de Fr. Paulo da Trindade, macaense, que redigiu entre 1630 e 1636 a *Conquista Espiritual do Oriente*, texto por muito tempo mantido inédito na Biblioteca do Vaticano. Ainda no século XVII, mais precisamente em 1690, seria publicado *O vergel de plantas e de flores da província da Madre de Deus dos Capuchos da Índia Oriental*, de Fr. Jacinto de Deus, que teria utilizado como uma de suas fontes o texto de Fr. Paulo de Trindade (Azevedo, 1984: 37).

se que Macau viveu um processo similar e que as outras colônias só tiveram efetivamente imprensa no século XIX. Com isso, pretendemos apenas ilustrar a relação entre as colônias e a metrópole no que concerne à difusão da imprensa, retomando em especial o cenário político, que esteve sempre vivamente representado naqueles pequenos mas, por vezes, agitados espaços coloniais.

A primeira imprensa saída de Portugal para as colônias fôra inicialmente destinada à Abissínia. Era um presente de D. João III ao suposto rei cristão da Etiópia, Preste João. No entanto, ao passo que João Nunes Barreto encaminhava no ano de 1556 o real presente a seu destino, um novo monarca etíope teria ascendido ao trono e proibido a entrada de missionários cristãos, ficando a máquina impressora na cidade de Goa, mais exatamente no Colégio de São Paulo, que acabara de ser criado no ano anterior por ordem real.[43] Assim, naquele mesmo ano são estampadas as *Conclusiones philosophicas*, primeira publicação portuguesa em solo indiano.[44] Foram editadas pelo impressor espanhol João Bustamante, natural de Valência, que acompanhara João Nunes Barreto na viagem até a Abissínia.

Bustamante estabeleceu-se em Goa e acabou ordenando-se sacerdote no próprio Colégio de São Paulo, em 1584. Além dele, o nome de outros dois impressores -- e, portanto, talvez de duas outras tipografias -- aparecem nesses anos: João de Enden e João Quinqüênio. Haveria ainda a tipografia de João Blávio, natural de Colônia, que tinha oficina em Lisboa e teria uma outra nas Índias, havendo sido esta arrendada, em 1564, a Francisco Correa.

Segundo Leão Crisóstomo Fernandes, porém:

> Em todos os livros impressos em Goa na segunda metade do séc. XVI vem nomeados como impressores João de Enden e João Quinquênio, e nenhuma carta dos missionários do Oriente, que são para aquele tempo a melhor fonte histórica, refere-se à vinda de algum impressor com estes nomes (...) (1935, n. 25: 54)

Supõe, pois, que João de Enden e João Quinqüênio fossem somente pseudônimos de João Bustamante. Acreditando também que João Blávio jamais chegou a usufruir da autorização concedida pelo rei para imprimir livros em Goa, Crisóstomo Fernandes (1935, n. 27: 83-85) conclui que Bustamante foi o único impressor naquelas paragens durante o século XVI.

O fato é que, independentemente do número de impressores e tipografias, a imprensa estabeleceu-se com vitalidade em Goa, com expressão em português e em línguas regionais. Em 1554, ainda na Europa, imprimiu-se o primeiro livro em língua indiana: a *Carta que contem breuemente ho q todo christão deve apręder pera sua salvação. A qual elRey dom Johão terceiro deste nome nosso Senhor mandou imprimir lingua Tamul e Portugues cõ a decraraçam por cima*

---

[43]. Cf. Mariano Saldanha, *A primeira imprensa em Goa*. Bastora, Goa, Tipografia Rangel, 1956 -- Separata do *Boletim do Instituto Vasco da Gama* n. 37. Cf. também Lopes, Antônio dos Mártires (1971: 11).

[44]. Há longa polêmica sobre qual teria sido a primeira publicação em Goa. Devi & Sebra (1971: 90-91) sintetizam as diversas hipóteses em questão, sem, contudo, se referirem ao artigo de Leão Crisóstomo Fernandes (1935),

de vermelho. Em 1557, publicou-se o *Catecismo da doutrina cristã,* de Francisco Xavier, que em 1577 sairia em língua malabar, com tipos fundidos pelo irmão João Gonçalves. No ano seguinte, o padre João de Faria fundiu caracteres em tamul, com os quais imprimiu o *Flos-Sanctorum*, "copioso confessionario e outros livros" (Gracias,1880: 70),[45] pelo qual os padres aprendiam a ler e escrever. No início do século XVII, seria publicado o *Purâna,* de Thomas Estêvão, que alcançaria grande popularidade entre os goeses por ser redigido em versos e em concanim. E diversas outras regiões da Índia passaram a ter sua própria oficina impressora, publicando nas diversas línguas regionais.

Assim, a imprensa goesa, além de ser uma das ramificações da imprensa portuguesa no mundo, integrou-se ao fenômeno do estabelecimento e da expansão da imprensa de Gutenberg na Índia. Se é verdade que os indianos conheciam formas de impressão muito antes dos povos ocidentais, a imprensa tipográfica, que permite maior escala de produção, chegou ali pela primeira vez por intermédio dos jesuítas portugueses.

Mas grande parte das obras literárias indo-portuguesas foram publicadas na metrópole. Em 1563, por exemplo, apareceu em Lisboa o *Tratado que compôs o nobre e notauel capitão Antônio Galuão, dos diuersos e desuayrados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especearia veyo da india ás nossas partes,...*[46] considerado por Vimala Devi e por Manuel de Seabra o texto fundador daquela literatura.

De 1573 a 1634, houve um hiato nas publicações da tipografia do Colégio de São Paulo, local que logo passou a ser denominado *São Paulo-o-Velho*.[47] Supõe-se que a causa tenha sido a mudança da instituição para outro edifício, sendo a máquina impressora primeiramente instalada na Casa Professa do Bom Jesus e depois no antigo Colégio de São Roque, que passou a denominar-se *São Paulo-o-Novo* (Fernandes, 1935, n. 27: 85). Isso justifica, ao menos em parte, o silêncio em que se manteve a imprensa goesa de 1574 a 1615, já que uma de suas máquinas impressoras -- senão a única, caso seja aceita a tese de Crisóstomo Fernandes -- manteve-se parada.

Nesse ínterim, em Lisboa, foram publicados mais dois textos de fundamental importância para os primórdios da história da literatura indo-portuguesa: em 1585, a *Hystoria dos cercos...,*[48] de Jorge de Lemose, e em 1607, a *Lusitania Transformada...*,[49] de Fernão Álvares do Oriente.

---

publicado no *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, que parece apresentar as considerações mais avançadas e devidamente documentadas do debate.

45. Cf. Devi & Seabra (1971: 92).

46. ...*e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos ate a era de mil e quinhentos e cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram: e em que tempos e as suas alturas, obra certa muy notauel e copiosa.* Antônio Galvão era filho de Duarte Galvão -- o sucessor de Fernão Lopes no cargo de cronista da corte -- e muito provavelmente nascido no Oriente. Autor também da *História das Molucas, da natureza, e descobrimento daquellas terras dividida em 10 livros*, que se perdeu (cf. Devi & Seabra, 1971: 104-105).

47. A última obra do primeiro momento da imprensa goesa de que se tem notícia são os *Desenganos de perdidos*, do arcebispo D. Gaspar, publicada em 1573 e proscrita em 1581, figurando no Índex expurgatório deste ano.

48. ... *que em tempo de Antonio Moniz Barreto Governador que foi dos estados da India, os Achens, e Iaos puserão â fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga capitão della. Breuemente composta por Iorge de Lemos* (Devi & Seabra, 1971: 105).

Durante o século XVII funcionou, além da pioneira máquina então situada no colégio São Paulo-o-Novo, uma outra, nova, posta a funcionar no colégio dos jesuítas de Rachol a partir de 1618.[50] Sobre a segunda metade dos Seiscentos e praticamente sobre todo o século XVIII pouquíssimo se sabe a respeito da imprensa em Goa. Ou o rigor repressivo da Inquisição teria proibido grande parte das publicações, ou as possíveis publicações desse período teriam sido destruídas no período pombalino sem deixar qualquer vestígio (a hipótese mais improvável), ou ainda teria havido qualquer outro motivo de ordem prática ou regional que as teria inviabilizado. O fato é que, em 20 de março de 1754, quando Pombal proibiu a imprensa em Goa, somente o fez em razão de pedidos dos goeses para ali se estabelecer uma imprensa, denotando, portanto, sua efetiva inexistência.[51]

Em 1774, Pombal extinguiu o tribunal da Inquisição e determinou que todos os cargos religiosos, administrativos e mesmo militares deveriam ser ocupados por naturais ou seus descendentes, fazendo que os brâmanes católicos ascendessem em todos os níveis sociais.

Em razão, porém, da morte de D. José e da queda de Pombal, ocorreu a Conjuração de 1787[52] e os brâmanes foram depostos e condenados a pesadíssimas penas, como as de morte e esquartejamento, tal qual ocorreria na Inconfidência Mineira, no Brasil. Entre os conjurados, encontrava-se o padre Caetano Vitorino de Faria, pai de José Custódio de Faria. O padre Caetano foi preso em Portugal, quando da denúncia da suposta insurreição, enquanto seu filho, também padre, fugia para a França, onde participou ativamente na Revolução de 1789, colaborando para delinear, como observa Saldanha (1990: 229), aquele "extraordinário tipo de padre, magnetizador, físico, professor e revolucionário" que inspiraria a Alexandre Dumas um dos principais personagens de *O conde de Monte Cristo*.

Lembremos que, por esses anos, Bocage encontrava-se em Goa.[53] Tendo vivido na Índia por dois anos, elaborou muitas composições inspiradas naquela realidade mesclada de

---

49. ... *Composta por Fernão d'Aluarez do Oriente. Dirigida ao Illustrissimo e muy Excellente Senhor, Dom Miguel de Menezes, Marquez de Villa Real, Conde d'Alcoutim e de Valença, senhor d'Almeida, Capitão mor e Gouernador de Ceita* (Devi & Seabra, 1971: 106-107).

50. Interessa para as relações entre as literaturas de língua portuguesa notificar que em 1627 aparece o manuscrito do goense Antônio Gil Preto, cronista do Estado da Índia, intitulado *Breve Relação da Viagem que fez para a India o ano de 1627, arribada ao Brasil, e chegada a Goa da Náo Almirante S. Pedro de Rates, morte do Arcebispo D. Fr. Chirstovaõ da Silveyra, vida, e acçoens do mesmo Arcebispo*, que se encontrava em 1747, segundo Barbosa Machado, na biblioteca do Convento de N. S. da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho (Devi & Seabra, 1971: 122).

51. Diogo de Mendonça Corte-Real, secretário do Estado, escrevia ao vice-rei Conde de Alva em 1754: "Illmo. E exmo. snr. A S. Magestade se fizeram algumas representações em que se pretendia estabelecer nesse estado algumas imprensas para imprimir livros, ao que o mesmo senhor não deferio, e me ordena avise a v. exa. que não consinta estabelecimento algum das ditas imprensas nesse Estado, não só em particulares, como tambem nos Conventos, Collegios, ou qualquer outra comunidade, por mais previlegiada que seja; o que participo a v. ex.a para que neste particular ponha o maior cuidado em ordem a que se evite o dito estabelecimento. Deos guarde v. exa. Lisboa 20 de março de 1754." (Livro das Monções n. 127, fl. 415 [51], *apud* Gracias, 1880: 71).

52. Segundo Saldanha (1990: 225), "no dia 5 de Agosto de 1787, Antônio Eugénio Toscano, escrivão da comunidade de Aldoná, veio denunciar ao governador que uns clérigos intentavam sublevar os naturaes da terra para expulsarem dela os europeus e contituírem-se em governo independente". Dos 26 acusados, foram condenados à morte 15 dos réus, 5 a degredo, 5 à pena de açoites e apenas um foi absolvido.

53 . "Manoel Maria Barbosa Hedois du Bocage, natural de Setubal, da idade de 21 anos, veio à Índia na monção de 1786 junto com o governador Francisco da Cunha Menezes, despachado no posto de guarda-marinha. No ano de

cristianismo e hinduísmo, satirizando o provinciano desejo de nobreza das famílias de origem portuguesa -- por conta dos supostos atos heróicos de seus antepassados -- ali estabelecidas e empobrecidas.

Da passagem do século XVIII para o XIX até o final do primeiro quartel oitocentista, não ocorre grande produção periódica nem mesmo em Portugal, por causa dos rigores da censura que por esses anos vigorou.

Lembremos que, nesse momento, Goa é invadida por tropas inglesas, que diziam pretender a defesa daquele território da ocupação francesa. Primeiramente pelo marquês de Wellesley, depois por lorde Minto, a Índia portuguesa permaneceu ocupada pelos britânicos de 1799 a 1810. Se Damão e Diu ainda mantinham um tradicional comércio com Moçambique, os negócios de Goa com a metrópole encontravam-se bastante reduzidos. Em 1803, por exemplo, somente uma sociedade lisboeta -- a Colffs, Loureiro e Guimarães -- ainda enviava à Índia um navio anualmente. Tudo isso resultou na paulatina integração de Goa ao sistema econômico britânico (Carreira, 1993: 221).

Não há qualquer registro sobre as possíveis publicações desse período. É provável, e mesmo certo, que tenham existido. De qualquer maneira, seu volume e expressão devem ter sido muito pequenos até a ascensão dos liberais, já na década de 1820.

Segundo Vimala Devi e Manuel de Seabra (1971), já desde o século XVIII e, mais acentuadamente, durante o século XIX, três grupos disputaram o poder: 1) os "europeus", isto é, os portugueses que se dirigiam a Goa para ocupar cargos políticos e administrativos e que possuíam vínculo quase exclusivo com a metrópole, detendo a maior parte do poder em suas mãos; 2) os "descendentes" dos portugueses já estabelecidos em Goa, miscigenados com a população local, que também detinham forte poder político, com interesses vinculados aos privilégios advindos dos cargos públicos; e 3) os brâmanes[54] católicos, cristãos oriundos de famílias brâmanes convertidas, que conciliavam o hinduísmo com o cristianismo e que tinham, na maior parte das disputas, o apoio dos chardós[55] (ou chatrias). Adotaremos tal segmentação da sociedade goesa apenas para situarmo-nos no extremamente complexo quadro político-cultural de Goa, conscientes, todavia, de haver aí uma simplificação das relações e dos conflitos culturais,

---

1787 matriculou-se na antiga aula real da marinha de Goa, mas não fez exame por causa legítima; repetiu a matrícula no ano imediato e não freqüentou as lições. Em 25 de Fevereiro de 1789 foi nomeado pelo dito governador tenente de infantaria do regimento de Damão, para onde foi em 8 de Março subseqüente. Dois dias depois de chegar àquela praça, ausentou-se sem motivo, nem participação ao comandante, sabendo-se muito depois que se dirigira para Macau, donde regressou a Lisboa" (Saldanha, 1990: 230).

[54]. Não há corre pondência entre a divisão de classes sociais ocidental e a distinção de castas do hinduísmo, mas podemos aproximar os brâmanes à comunidade de intelectuais do Ocidente.

[55]. Notemos que os chardós formam a segunda casta em importância na sociedade hindu, mas não se reconhecem nessa condição secundária. A tradição teológica corrente afirma que os brâmanes teriam origem na boca de Brahma, e seriam, portanto, seus sacerdotes, enquanto os chardós teriam advindo de seus braços, e seriam seus guerreiros. De acordo, porém, com outra tradição sobre a origem das populações indianas, os chardós seriam de fato guerreiros, mas daqueles povos arianos que tentaram sem sucesso defender o território da invasão dos brâmanes, isto é, dos ataques do célebre Purasumâra. Dessa perspectiva, ainda que se alinhassem circunstancialmente com os brâmanes, a rigor consideravam estes, como os portugueses e descendentes, estrangeiros àquelas paragens.

de castas e de classes efetivamente presentes nos diversos e sobrepostos segmentos sociais daquela comunidade.

Em 1821, após o constitucionalismo implantar-se no império lusitano, em Goa o então vice-rei e capitão-geral D. Diogo de Souza, conde do Rio Pardo, foi deposto e feito prisioneiro, exilando-se posteriormente em Bombaim e, depois, retirando-se para a corte no Brasil. Assumiu uma junta provisional de cinco membros[56] eleitos pela população, seguindo-se a orientação das Cortes que funcionavam em Lisboa naqueles anos. Por ser, porém, uma articulação dos europeus, por causa da pressão dos descendentes e brâmanes católicos, a junta foi desfeita e elegeu-se uma nova. Nessa, os brâmanes católicos conseguiram conquistar espaço, elegendo dois de seus membros. Os descendentes reagiram e conseguiram substituir um dos membros da junta por um seu correligionário.[57]

Nesse ínterim, D. Manuel da Câmara chegou de Portugal para ocupar o cargo de governador de Goa, mas teve de dividir seus poderes com a segunda junta. De Bombaim veio uma máquina impressora para que fosse publicada a *Gazeta de Goa*. Seu primeiro número saiu em 22 de dezembro de 1821. Contou inicialmente, como redator, com o físico-mor Antônio José de Lima Leitão, liberal inflamado. Em breve a direção do periódico passou para o oficial maior da Secretaria do Governo Geral, Luiz Prates de Almeida Albuquerque, que acabou por ser assassinado por membros do exército, este constituído em grande parte por "descendentes". D. Manuel da Câmara retirou-se para Sunquerim, em Carwar, sob a proteção do governo britânico.

Em 1823, devido ao retorno de D. João VI a Portugal e à restauração do absolutismo, as Cortes foram dissolvidas e, no ano seguinte, D. Manuel da Câmara passou a ser vice-rei das Índias, de acordo com as antigas normas. A *Gazeta de Goa* continuou a ser publicada, então sob a direção de José Aniceto da Silva, ferrenho opositor dos liberais.

D. Manuel da Câmara morreu em 1825 de grave enfermidade. Nomeou-se, então, D. Manuel de Portugal e Castro para governar a Índia portuguesa, sendo a *Gazeta de Goa* considerada desnecessária e suspensa após a edição de 29 de agosto de 1826. Com a ascensão de D. Miguel em Portugal e a irupção dos conflitos que se seguiram à sua queda, recrudesceu a repressão à imprensa e até 1834 não surgiu em Goa qualquer publicação periódica que viesse tomar o lugar da antiga gazeta. Em Bombaim, porém, apareceu em 1831 o semanário político e liberal *Mensageiro Bombayense* (17 mar 1831 -- 26 jan. 1832). Mas nem por isso a elite política goesa deixou de atuar. Tomemos à trajetória de um brâmane que teve papel crucial na política desses anos:

---

[56]. Membros da Junta: Manuel Godinho da Mira, Joaquim Manuel Corrêa da Silva e Gama, Manuel José Gomes Loureiro, Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, Manuel Duarte Leitão.

[57]. Membros da segunda junta: O Arcebispo de Cranganor D. Fr. Paulo de Aquino; o brigadeiro A. J. de Mello Souto-Maior Telles; o desembargador João Carlos Leal; e o doutor Lima Leitão. Logo Lima Leitão é substituído por Joaquim Mourão Garcez Palha, por força dos descendentes.

> Bernardo Peres da Silva surgiu na arena política em 1821, seguindo o grupo liberal. Mas não aceitou qualquer cargo. Em 1822, no entanto, foi eleito deputado, juntamente com outro brâmane, Constâncio Roque da Costa, e ambos seguiram para Lisboa. A viagem, porém, foi tão trabalhosa e demorada que quando chegaram tinha sido restabelecido o regime absoluto. Regressou, por isso, à Índia, onde em 1827, ao ser restabelecido o liberalismo, voltou a ser eleito deputado. De novo seguiu para Lisboa, onde de novo estava já D. Miguel no trono. Exilou-se então e viveu primeiro em Inglaterra e depois no Brasil, regressando a Portugal em 1834, ao subir ao Trono D. Pedro IV. (Devi & Seabra, 1971: 137)

Enquanto esteve no Brasil, publicou um *Diálogo entre um doutor em philosophia, e um portuguez da Índia na cidade de Lisboa, sobre a Constituição política do reino de Portugal, e meios de mantel-a. Dedicado à mocidade da India* (Rio de Janeiro, 1832). Em janeiro de 1835, tendo em vista a definitiva vitória dos liberais em Portugal, Bernardo Peres da Silva, deputado goês na metrópole e brâmane católico, foi nomeado governador dos Estados da Índia. Foi um momento de extrema glória para os brâmanes católicos, mas, também, bastante fugaz: durou somente dezessete dias. Peres foi deposto pelos militares e exilado em Damão, assumindo novamente D. Manuel de Portugal.

De Damão, Bernardo da Silva Peres passou a encabeçar o "perismo" (de "Peres"), defendido por algumas publicações periódicas, tais como *O Portuguez em Damão* (18 jul. a 8 ago. 1835),[58] e o semanário *A Sentinella da liberdade na guarita de Damão* [59] (4 set. a 16 dez. 1837), este redigido por João de Sousa Machado e litografado na oficina de Gustavo Henrique Oom.

Também em Goa surgiu, em defesa do liberalismo, *O Constitucional de Goa* (18 jun. a 3 set. 1835), semanário manuscrito[60] redigido por João de Sousa Machado. Mas foi em Bombaim que os emigrados portugueses constituíram a mais forte imprensa liberal, com *O Investigador Portuguez em Bombaim* (Bombaim, 6 ago. 1835 -- 28 dez. 1837), redigido por José Valerio Capella -- o mais significativo órgão de defesa do perismo. Seu título tem nítida inspiração no *Investigador Português em Inglaterra* (1811-1818), periódico que cumpriu importante papel na formação da consciência liberal vintista. Mas *O Investigador* logo seria substituído pelo semanário *O Pregoeiro da Liberdade* (Bombaim, 6 jan. 1838 -- 28 jun. 1846), redigido por Antônio Simeão Pereira.

Como já foi observado, tal qual o papel representado em Portugal anos antes pelos emigrados portugueses liberais na França e na Inglaterra, os goeses liberais da colônia britânica de Bombaim tiveram presença constante e mesmo determinante na política do reino português da Índia (cf. Miranda, 1863: 103).

Defendendo as posições do governo encontrava-se a *Chronica Constitucional de Goa* [61] (13 jun. 1835 a 30 nov. 1837), semanário dirigido pelo mesmo José Aniceto da Silva, que dirigira

---

58. Deixou de existir quando surgiu *O Investigador Portuguez em Bombaim*.
59. Publicou somente 11 números, tendo-se extinguido juntamente com a prefeitura.
60. Dependendo de amanuenses que fizessem cópias para sua divulgação, o periódico tinha evidentemente um alcance limitado, mas publicou ao menos o primeiro exemplar.
61. Contém 2 volumes.

a *Gazeta de Goa* quando os liberais a perderam, fazendo pesada campanha contra o perismo. A *Chronica* seria substituída sem interrupção, já sob o governo de Simão Infante de Lacerda, como órgão da situação, pelo *Boletim do Governo do Estado da India*[62] (7 dez. 1837 a 30 abr. 1880), redigido por uma comissão formada por Antônio Mariano de Azevedo, Caetano João Peres e Caetano Francisco Pereira Garcez, publicação que teve vida longa e periodicidade variada. De grande importância para o registro da história das colônias, por causa de sua longa e ampla sobrevivência, os boletins das colônias foram instituídos em 7 de dezembro de 1836 por decreto do ministro Vieira de Castro, mas efetivamente criados a partir do ano seguinte, sendo o de Goa a experiência pioneira.[63]

Entre as diversas publicações políticas, surgiram por essa época os *Appensos ao Boletim do Governo* (22 mai. 1844 -- fim de 1845), os quais já no ano seguinte transformaram-se no *Jornal da Santa Igreja Lusitana do Oriente* (jan. 1846 -- mar. 1849), inaugurando a imprensa de caráter religioso. Eram redigidos pelo arcebispo D. José Maria da Silva Torres, defensor do padroado, que se opunha à folha propagandista *Bombay Catholic Examiner*. Mais tarde apareceram *O Defensor da Ordem e da Verdade* (Nova Goa, 24 a 31 de ago. 1853) e *O Defensor do Real Padroado* (Nova Goa, 1º set. 1853 - mar 1854), este com redação de José Antônio de Oliveira, Fillipe Nery Xavier e outros. O fato é que o padroado perdeu mais e mais terreno e Goa acabou por não mais receber financiamento missionário.[64]

Em 1854 teve lugar uma abusiva demonstração de poder das forças armadas. Em razão da morte de um capitão num distúrbio eleitoral, o exército saiu em marcha para arrasar a Ilha da Piedade, onde o caso ocorreu. O episódio pôs em evidência o quanto Goa, apesar do verniz liberalizante, continuava a ser eminentemente um Estado militar.

O ano de 1859 foi muito importante para a história do jornalismo em Goa, já que marcou o início do funcionamento da primeira imprensa privada no Oriente português. Até então, todos os periódicos[65] -- liberais, conservadores, literários, religiosos etc. -- eram impressos numa única máquina tipográfica: a da Imprensa Nacional, em Nova Goa, ou Pangim, como era conhecida pelos goeses. Estavam, portanto, intrinsecamente sujeitos ao jogo de forças político.

O surgimento, em Margão, de *O Ultramar* (6 abr. 1859 -- 1941) veio trazer um novo e estrutural elemento ao cenário político e cultural goês, uma vez que foi tanto o primeiro periódico a não se submeter diretamente às intempéries do governo central, como também o primeiro órgão

---

62. Contém 39 volumes.
63. O boletim de Macau só foi criado em 5 de setembro de 1838 e os da África ainda mais tarde. Cf. Lopes (1971: 14).
64. Em Bombaim despontam os semanários políticos *India Imparcial* (Bombaim, 16 ago. 1843 -- 9 fev. 1844), redigido por Antônio Filippe Rodrigues, e o *Observador* (Bombaim, 4 jul. 1846 -- 12 set. 1848), outro editado por Antônio Simeão Pereira. Em 1848, dez anos depois de desaparecido *O Pregoeiro da Liberdade*, surge *A Abelha de Bombaim*, "Semanario Politico, Litterario e Commercial", impresso em tipografia própria. Era um novo hebdomadário dirigido por Luiz Caetano de Menezes e que iria fazer o papel de verdadeira oposição ao governo por mais de uma década, desaparecendo apenas em 31 de agosto de 1861, quando morre seu redator. Grácias (1880: 99) afirma que o periódico continuava em 1880.
65. À exceção daqueles publicados em Bombaim.

de imprensa dos brâmanes católicos. De propriedade de Bernardo Francisco da Costa,[66] passando, a partir de 1867, a seu irmão, Anastácio Bruto da Costa -- e depois a diversos outros --, foi um dos periódicos goeses de maior duração, em razão, provavelmente, de sua autonomia em relação ao apoio governamental.

Começou, então, o momento de instalação de novas tipografias. Logo em 1861 apareceu o semanário político *A India Portugueza* (4 jan. 1861 -- ao menos até 1971), redigido por Manuel Lourenço de Miranda Franco, impresso também em Margão e em tipografia própria, a qual se mudou para Orlim, em Salcete, em 1864, passando em 1866 a redação do periódico para José Ignácio de Loyola.[67] Era um periódico redigido por chardós, que aparecia para fazer frente a *O Ultramar*. Apesar de alinharem-se com os brâmanes nas disputas contra europeus e descendentes, os chardós passavam a afirmar sua identidade e distinguir-se radicalmente dos brâmanes.

Segue-lhe *A Fênix de Goa* [68] (Mapuça, 6 abr. 1861 -- 30 dez. 1862), também um semanário político publicado em tipografia própria, transferida em setembro de 1861 para a aldeia de Calangute, da mesma província de Bardez, tendo por redator Diogo Aleixo Antônio de Goes e outros. Outros semanários políticos vieram à luz nesses anos, como *A Harmonia*[69] (Nova Goa, 12 abr. 1862 -- 27 out. 1864), este também literário, redigido por Gustavo Adolfo de Frias, e *A Aurora de Goa* (Calangute, 6 jan. 1863 -- 15 jul. 1865), publicado na tipografia de *A Phenix de Goa* e redigido por Antônio Faustino dos Santos Crespo, que em 1862 fôra o colaborador mais assíduo de *A Phenix*. A partir de setembro de 1864, *A Aurora* passou a ser publicada em Nova Goa, para onde foi transferida a tipografia.

No início da década de 1860, em Bombaim, teve lugar o surgimento de periódicos bilíngües -- português e inglês --, como foi o caso do hebdomadário político *O Patriota*[70] (Bombaim, 1860) e do periódico político, literário e comercial *A Estrella do Norte* (Bombaim, 9 nov. 1862 – jul. 1864), tendo por redator José Antônio de Viveiros, natural de Bombaim, e impresso na Mercantile Press, ou ainda *O Anglo-Português* (Bombaim, 3 mar. 1866 -- 26 jan. 1867), redigido na parte portuguesa por João Filipe de Golvea, sendo que em 9 de fevereiro de 1867 reapareceu sob a redação de Manuel Pedro de Sousa Franklin, natural de Goa, encerrando sua publicação no mesmo ano, possivelmente em 12 de outubro.[71]

---

66. Bernardo Francisco da Costa foi lente de ciências físico-químicas e história natural na antiga escola matemática e militar de Goa, reitor do Liceu, inspetor dos estudos na Índia, advogado, deputado, jornalista, fundador do Montepio Geral de Goa, introdutor da máquina de moagem de cana, de extração de óleo de coco etc.

67. José Ignácio de Loyola possuía especial interesse pela agricultura, imprimindo-o ao periódico. A família Loyola, apesar de ter deixado a direção do jornal, manteve-se por muito tempo como proprietária da tipografia de *A India Portugueza*.

68. Com 88 exemplares, sendo que, em 1862, o colaborador mais assíduo foi Antônio Faustino dos Santos Crespo.

69. Contendo um volume de 478 páginas.

70. O n. 3 de 1860 foi impresso na Imprensa Nacional em Goa, tendo por redator Vicente Luís da Silva, natural de Bombaim.

71. A imprensa política não arrefece na colônia britânica e surgem: *O Português de Bombaim* (Bombaim, 24 mar. a set. 1863), tendo por redator Luís Corrêa da Silva;[71] *O Echo de Bombaim* (Bombaim, 6 jun. 1863 -- 25 mai. 1864), redigido por Miguel de Sousa, natural de Bombaim; o semanário *A Sentinela da Liberdade*[71] (Bombaim, 7 out. 1864

Em 1870 decretou-se a reorganização militar do exército de Goa, que foi mal recebida pelos seus integrantes, sendo que, no ano seguinte, o exército foi definitivamente extinto.

> Este golpe mortal, pondo termo ao prevalecimento da mentalidade militar em Goa, assim como a liberdade de expressão trazida pelo liberalismo, vieram alterar completamente o caráter da sociedade goesa, deixando campo livre aos goeses indianos, que desde o início do século se agitavam em busca de uma expressão própria. (Devi & Seabra, 1971: 139)[72]

Em 1886, foi inaugurada a Tipografia Rangel, fundada por Vicente João Janin Rangel, talvez a mais importante tipografia da história goesa, publicando, na primeira metade do século XX, diversas obras importantes para a afirmação da identidade indo-portuguesa.

Já para o final do século XIX, de 2 de dezembro de 1895 a 9 de setembro de 1897, esteve proibida a imprensa periódica em Goa, restando apenas o *Boletim Oficial* (Lopes, 1971: 10). Nesse momento, a imprensa diária em Goa tinha já um considerável público e estava definitivamente estabelecida. As preocupações voltavam-se, por um lado, para a modernização e internacionalização[73] crescentes das relações econômicas e culturais, e, por outro, para uma retomada do hinduísmo, até então rejeitado pelas elites portuguesas. Mesmo que ainda profundamente atada a questões mal resolvidas no século que findava -- como era o caso do próprio ensino e do significado do idioma português --, começava um novo momento para a história da identidade indo-portuguesa, que extrapola os interesses deste trabalho.

Algumas possíveis generalizações

Ao percorrermos a história da imprensa periódica em Goa, algumas características saltam aos olhos. Em primeiro lugar, o jornalismo político dá o tom. É ele que funda e mantém o debate intelectual da colônia, discutindo, em parte, as diretrizes políticas metropolitanas e, em parte, a conjuntura política local. Há uma sobreposição do jogo de forças políticas da metrópole sobre o jogo de forças local, resultando, *grosso modo*, naquela fórmula simplificada proposta por Vimala Devi e Manuel de Seabra, na qual "descendentes" e parte dos "europeus" são iguais a "conservadores" (miguelistas), assim como "brâmanes" e outra parte dos "europeus" são iguais a "liberais" (cartistas e setembristas), se tomarmos por referência a primeira metade do século XIX. Entretanto, sabemos o quanto é redutor dividir o quadro político português desse momento entre miguelistas, setembristas e cartistas, o mesmo valendo para a segmentação da sociedade goesa

-- 31 dez. 69), impresso na aldeia de Benaulim (Salcete) em tipografia própria; e também um segundo periódico com o título de *O Patriota* (Bombaim, 7 abr.1866 a 1867).

[72]. Retirados os descendentes, acirra-se a disputa entre brâmanes e chardós. Disputa que iria arrefecer à medida que se dividessem e equilibrassem as forças entre os dois grupos. Com a conquista cada vez maior de espaço na sociedade goesa, o hinduísmo, no início do século XX e tendo por marco principal o periódico *Luz do Oriente* (1906), seria revalorizado por parte dos goeses cristãos.

acima empregada. Descrever a dinâmica social goesa a partir da sobreposição de correntes políticas de uma e outra sociedade cria, pois, um quadro de imensa complexidade, gerando todo tipo de mal-entendidos, falsas associações, paralelismos impróprios e mesmo obscuridades. Todavia, tal sobreposição era em parte assumida pelos próprios grupos políticos goeses, o que só vem tornar ainda mais complexo o quadro aqui esboçado. Aos nossos olhos, tal quadro assemelha-se a um daqueles enigmas publicados nas revistas de recreio da época. Mas, para tais enigmas, o número seguinte do periódico trazia sempre a solução. Para o enigma goês, ainda não saiu o referido exemplar.

Menos que entender a fundo a complexidade política da sociedade goesa, interessa-nos registrá-la, tendo em vista que a mesma complexidade aparecerá nas outras colônias. A sobreposição da política e de interesses locais em relação aos similares portugueses leva invariavelmente a imbricadas relações sociais, políticas, econômicas e culturais que, vulneráveis aos mal-entendidos, fazem com que nada do que apareça nos periódicos políticos coloniais possa ser lido como se fosse publicado na metrópole. Nas colônias tudo tinha seu lugar e sentido específicos, que guardavam certa relação com o lugar e o sentido originais da metrópole, mas diziam respeito a um contexto muito peculiar. Sabemos que essa dimensão local sempre estava presente no horizonte dos textos aqui tratados, ainda que em nenhuma das colônias possamos dedicar-lhe atenção mais detida, já que nosso interesse volta-se para o conjunto e, portanto, para a referência metropolitana.

Outro aspecto do periodismo luso-colonial é a constante intervenção da censura, que também em Portugal tinha presença marcante. Em razão das constantes alterações no cenário político, a censura retornava sistematicamente. Como conseqüência, houve uma grande rotatividade dos cargos políticos, principalmente na primeira metade do século XIX, e além disso, no que concerne ao periodismo, diversas publicações acabaram por ter vida curtíssima, censuradas pouco tempo depois de seu surgimento. Esse é um fenômeno que pudemos constatar em Goa e que veremos se repetir mais claramente em Macau e em Angola, ainda que tenha caracterizado toda a produção periodística colonial.

No que diz respeito à política, é importante observar também a adesão das elites coloniais à metrópole, como tivemos ocasião de observar em Goa, não circulando, ao menos em periódicos, quaisquer idéias sobre um processo de independência local ou coisa similar, com raríssimas exceções -- Angola, por exemplo. Em todas as publicações periódicas coloniais, reclamava-se muito uma atenção maior da metrópole para com a colônia (então denominada "província"), como se a colônia fosse uma parte realmente integrada ao Estado português.

---

[73]. Em 1880 teve início o tratado luso-anglo-indiano, que se findou em 1892. Durante o tratado foram abolidas as tarifas aduaneiras e foi construída a estrada de ferro que sai de Mormugão seguindo para o interior do continente -- obra que endividou consideravelmente o governo local.

Para concluir, vale reforçar que tais traços gerais da produção da imprensa colonial não correspondem à real descrição da situação política e cultural daquelas localidades, mas sim à face daqueles universos voltada para Portugal. Os debates aí travados em língua portuguesa correspondem a uma vivência de escrita e leitura que dizem respeito às preocupações das elites dirigentes brancas e àqueles que estavam próximos ou integrados a ela. Não podemos esquecer, entretanto, que existiam outras elites locais -- em Goa, os indianos mais ortodoxos; em Macau, o Estado Chinês; na África, os chefes de diversos grupos étnicos -- que atuavam decisivamente no cenário político e cultural local, sem aparecer com seu real peso e presença nas publicações aqui tratadas.

PARTE 2

O público leitor nas colônias portuguesas oitocentistas

A relações de Portugal com as suas colônias são originais. Elas não nos dão rendimento algum; nós não lhes damos um único melhoramento: é uma sublime luta -- de abstenção!
[...]
Quando muito, às vezes, a metrópole remete às colônias um governador: agradecidas as colônias mandam à mãe pátria -- uma banana. E perante este grande movimento de interesses e de trocas Lisboa exclama:
-- Que riqueza a das nossas colônias! Positivamente, somos um povo de navegadores!

(Eça de Queiroz, *Uma campanha alegre*)

O preto, raça inferior, não poderá nunca acompanhar as raças superiores no seu progressivo desenvolvimento. Podem dar-se-lhe escolas sem receio, que elle ha de ficar sempre distante, embora com sentimentos melhores do ue os de hoje.

(Mario du Val, *Districto de Lourenço Marques*).

CAPÍTULO 4

Diretrizes da política educacional portuguesa oitocentista

Ainda que saibamos o quanto foi fundamental a introdução da imprensa para a criação de um disseminador literário nas colônias, se pensarmos sobre a formação de um público leitor, o ensino do português tomou, evidentemente, o primeiro lugar em importância. Para a sua paulatina efetivação, contribuíram três instâncias: o governo português, a Igreja e a sociedade civil -- o governo português, por meio de sua frágil e verborrágica política educacional; a Igreja, por intermédio de sua então precária política catequética; a sociedade civil, com o funcionamento de algumas associações e escolas privadas. Foi do constante e complexo relacionamento entre essas três instâncias sociais que o idioma português conseguiu, em maior ou menor grau, instituir-se como língua literária nas colônias.

Diretamente relacionado com os acontecimentos da metrópole, a política de ensino para as colônias passou por diversas fases desde o século XVI. Interessa-nos, entretanto, de modo especial, apenas as diretrizes tomadas durante o século XIX.

Entre a revolução liberal de 1820 e a estabilização política portuguesa ocorrida somente por volta de 1850, o índice de anafalbetismo em Portugal era de cerca de 90% (Carvalho, 1986: 549). Não encontramos qualquer estatística precisa sobre as colônias africanas e orientais nesse período. No entanto, supõe-se que o analfabetismo (em língua portuguesa) girasse em torno de 99%,[1] uma vez que somente as elites burocráticas daquelas localidades faziam uso da palavra escrita.

A manutenção em Portugal de tão alto índice de analfabetismo por tão largo espaço de tempo -- praticamente toda a primeira metade do século XIX --, no momento em que toda a Europa se voltava para a instrução de suas populações, justifica-se, em parte, por motivo das tribulações políticas pelas quais passaram os portugueses nesses anos, envolvidos primeiramente na guerra contra a França e, depois, em lutas partidárias internas e na conseqüente guerra civil.

De qualquer modo, mesmo nesse período estiveram presentes tentativas pedagógicas para sanar a já então reconhecida falha no setor educacional. Após a ocupação francesa de 1809 a

[1] . Este é um número especulativo. O próprio método de se calcular percentualmente encontrava-se em algumas das regiões coloniais inteiramente comprometido, já que as delimitações territoriais não eram claras, as populações que ali viviam por vezes eram nômades e, ainda que estabelecidas, nem sempre podiam ser consideradas como

1811, houve algum investimento do governo português na melhor preparação das forças militares nacionais, incluindo aí as primeiras letras para adultos. Sob o comando do inglês Beresford, que passou a ditar integralmente as regras a partir de 1816, foi adotado o sistema de ensino mútuo (isto é, os estudantes mais adiantados ensinavam os iniciantes), também conhecido como método Lancaster (referindo-se a seu grande divulgador, o *quacker* inglês Joseph Lancaster). Em 1816, segundo Rômulo de Carvalho (1986: 531), a disseminação crescente das escolas de ensino mútuo e a irregularidade de seus resultados demonstraram a necessidade de preparar melhor aqueles que se candidatavam a mestres, fazendo surgir a primeira Escola Normal de Lisboa, que funcionou no Quartel da Guarda do Corpo, em Belém.

Com a revolução liberal, os portugueses procuraram estudar um plano de alfabetização em larga escala, que não chegou a termo. Privilegiou-se, sim, o investimento na Universidade e permitiu-se a qualquer cidadão, com conhecimentos gerais, ministrar aulas de ensino básico, tendo em vista o que já ocorria com a adoção do método de ensino mútuo.

O retorno de D. João VI e sua aliança com D. Miguel derrubaram a constituição proclamada pelos liberais e, no plano da educação, por razões morais e ideológicas, revogou-se o direito a qualquer cidadão de ministrar aulas sem o prévio consentimento do Estado ou da Igreja.

Transcendendo a disputa entre liberais e miguelistas, Mouzinho de Albuquerque publicou em Paris suas *Idéias sobre o estabelecimento da instrução pública dedicadas à nação portuguesa e oferecidas aos seus representantes* (1823), que muito influenciaram o debate educacional. Dois anos depois, foram fundadas as Escolas Régias de Cirurgia de Lisboa e do Porto, incrementando, ao menos em parte, o ensino superior, apesar de Mouzinho propor, como primeira medida de sua reforma, a extinção da universidade.

O período miguelista (1828-1834) foi tão repressivo para as universidades como para o ensino básico, que teve seus quadros significativamente reduzidos. Foi quando a Igreja teve permissão para atuar novamente na educação. Afastada da área pedagógica progressivamente desde o período pombalino, voltava a ela em 30 de agosto de 1832.

Em 30 de maio de 1834, no calor das batalhas civis, foram novamente extintas as ordens religiosas masculinas, tendo seus bens confiscados e nacionalizados, por causa de uma série de fatores[2] que deram muito o que falar no debate em torno da formação intelectual do povo português.

Com o fim das guerras civis, em curto espaço de tempo vários políticos atuaram em prol das reformas educacionais. Depois de uma rápida passagem de Rodrigo da Fonseca, temos Mouzinho de Albuquerque e, em 1835, encontramos Guilherme Dias Pegado, professor de Matemática da Universidade de Coimbra, que publicou o *Projecto de lei da Organização Geral da*

---

efetivamente integrantes das colônias portuguesas, em função dos confrontos e acordos estabelecidos pelas lideranças locais.

[2]. Entre eles, a conivência da Igreja com o miguelismo e a crença generalizada na sua inutilidade.

Universidade de Portugal. Seu projeto trata, na realidade, do ensino como um todo, propondo reformas muito similares às que tinham sido feitas anteriormente por Mouzinho de Albuquerque. Destacamos aqui sua presença por lembrar que Manuel Maria Dias Pegado, irmão de Guilherme Dias Pegado, atuou no mesmo período como grande editor de periódicos em Macau. A influência do irmão junto à metrópole possivelmente permitiu a atuação mais continuada de Manuel Maria em Macau, onde, como veremos, vigorava uma forte repressão à imprensa.

A partir de 1836, a atuação estatal na área da educação foi decisiva, entrando em cena Manuel da Silva Passos ou, como ficou mais conhecido, Passos Manuel. Sua reforma retomou, em linhas gerais, a que tinha sido proposta (e de imediato abortada) por Rodrigo da Fonseca. Foi quando se criaram os liceus e houve uma significativa mudança na concepção do ensino, passando a ser valorizados os conhecimentos práticos com vistas à formação profissional, em especial dos secundaristas. Surgem também dois conservatórios de artes e ofícios, em Lisboa e no Porto, inspirados no *Conservatoire National des Arts e Métiers*, criado em Paris em 1794. Ambos sobreviveram apenas 16 anos. Veremos, adiante, essa mesma iniciativa ser retomada nas colônias no final da década de 1870 e no curso da de 1880, com poucos resultados, porém.

Passos Manuel criou também a Escola Politécnica de Lisboa e a Academia Politécnica do Porto, que instituíram o ensino tecnológico. No âmbito universitário, pouca coisa mudou. Surgiu, por exemplo, a Faculdade de Direito de Coimbra, oriunda unicamente da fusão da Faculdade de Cânones com a de Leis. No exército, foram criadas escolas primárias para os regimentos, reformou-se o Colégio Militar e teve origem a Escola do Exército. Foi o momento das inovações técnicas e da sedimentação das idéias liberais e industriais.

Rómulo de Carvalho (1986: 573-576) nota que a reforma proposta por Passos Manuel não era liberal de nenhuma das correntes que então polarizavam a política portuguesa, o que resultou em não receber o apoio de homens como Almeida Garret e Alexandre Herculano, que, todavia, sempre estiveram preocupados com as questões pedagógicas.

No lugar de Passos Manuel, teremos, já em 1839, Costa Cabral, que fez nova reforma no ensino, mantendo, entretanto, as diretrizes gerais estabelecidas por seu antecessor, ainda que se revelando mais tradicionalista. A partir de Passos Manuel, as colônias foram objeto de uma política educacional, o que não significava sua integral implementação.

Portugal reatou relações com a Santa Sé em 1841 e alguns anos depois ressurgiriam as divergências sobre o Padroado do Oriente, cujos direitos haviam sido defendidos pelo bispo de Macau e pelos eclesiásticos ligados a Bombaim. No ano seguinte, foi publicado um Novo Código Administrativo para o ultramar e em 14 de setembro de 1844 organizou-se o Serviço de Saúde em todas as colônias.

No mesmo ano de 1844 criou-se em Coimbra o Conselho Superior de Instrucção Pública, presidido pelo ministro do Reino e tendo por vice-presidente o reitor da Universidade de Coimbra, mantendo as diretrizes educacionais ainda nas mãos da universidade. Houve uma reforma no

ensino básico, que passou a ser dividido em dois graus.[3] A freqüência nas escolas -- onde estas existiam -- passou a ser obrigatória para as crianças entre 7 e 15 anos.

Procurou-se instituir o ensino de medicina e de farmácia em Cabo Verde, Angola e Moçambique, sem grandes resultados. Em Goa a proposta teve maior efetividade.

Em 14 de agosto de 1845, Joaquim José Falcão, ministro do Estado da Marinha e do Ultramar, publicou um decreto que estabelecia o primeiro sistema coordenado de ensino fora da metrópole, isto é, nas colônias (Azevedo, 1958: 122). Passou-se a considerar, na instrução primária, dois graus distintos: um, que englobava o ensino elementar (ler, escrever, contar, doutrina cristã e história de Portugal) e outro, mais avançado, designado *ensino principal* (gramática portuguesa, desenho, geometria, escrituração, economia e física aplicada). Esboçou-se também um princípio de inspeção com o Conselho Inspector e iniciou-se o recrutamento de professores, uma vez que os das escolas elementares eram designados pelas próprias colônias, enquanto os das escolas principais deveriam provir da metrópole.

> São consolidados estes alicerces e aperfeiçoado successivamente o plano organico pelo decreto de 14 de Dezembro [sic] de 1845, e pelas regias portarias de 9 de Novembro de 1854 e 14 de Novembro de 1857, confimada pelo decreto rigorosamente effectivo de 4 d'Outubro de 1858, até que, em 30 de Novembro de 1869, o inominavel e dedicadissimo ministro da marinha Augusto Rebello da Silva leva á assignatura regia o actual decreto organico de instrucção publica ultramarina.[4]

Se esse foi o longo percurso da legislação para normatizar o ensino nas colônias, mais longo e complexo foi o de colocá-la em prática. Oficialmente foram criadas em 1847, por Joaquim José Falcão, as escolas principais nas colônias, fato que teve em cada uma delas uma história distinta. No ano seguinte, em 1848, o Método Repentino de Leitura, de Antônio Feliciano de Castilho, foi adotado em toda a extensão do território português e, possivelmente, também nas colônias. Chegou a ser criado o cargo de "Comissário Geral do Ensino Repentino" especialmente para Castilho, ampliando o emprego de seu método, que, entretanto, não deixou de ter sérios detratores.

Rômulo de Carvalho assim avalia a contribuição de Castilho nesse aspecto:

> O caso do *Método Português* de Castilho, posto de parte o seu carácter episódico, de aspectos divertidos, não merece ficar no esquecimento porque deixou acentuada marca positiva na História do Ensino em Portugal. A sua didáctica incorrecta e o pavor de alguns críticos ao seu alargamento pelas escolas em número rapidamente crescente, trouxeram à luz da Imprensa o grave problema da situação do nosso ensino primário, da leccionação, da preparação dos professores, do analfabetismo, do valor dos métodos de ensino, etc., provocando um vendaval de ar fresco, ora polémico e agressivo, ora conciliador e moderado, mas sempre útil. (1986: 586)

---

3. "No primeiro aprendia-se a ler, e rever e a contar, princípios gerais de moral, doutrina cristã e civilidade, exercícios gramaticias e princípios de geografia e história portuguesas. No segundo, complementavam-se os estudos do primeiro grau e aprendia-se gramática portuguesa, desenho linear, geografia e história geral, história sagrada do Antigo e Novo Testamento, aritmética e geografia com aplicação à industria e escrituração" (Rodrigues org., 1994: 217).

4. A. da C. T., "Instrucção secundaria (em Cabo-Verde)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, pp. 72-74.

Em 1851, caiu o governo de Costa Cabral e teve início o período da Regeneração, que durou até 1869. Em 1852, com a atuação de Fontes Pereira de Melo no setor educacional, os portugueses assistiram à consagração do ensino técnico industrial, agrícola e comercial, criando-se então o Instituto Industrial de Lisboa e o do Porto, além de uma legislação sobre as escolas técnicas nessas três áreas.

Ainda no ano de 1851 surgia o Conselho Ultramarino, presidido por Sá da Bandeira, que pretendia fornecer uma orientação política conjunta às colônias. Quatro anos depois, uma nova medida buscou revigorar as missões religiosas nas colônias. Fundou-se em Cernache de Bonjardim, em Portugal, na antiga residência do priorado de Crato, um seminário para formar os novos missionários. Em 21 de fevereiro de 1857 foi publicada a concordata entre Portugal e a Santa Sé para a manutenção do Padroado da Coroa portuguesa na China e na Índia, mas, de 1857 a 1862, houve toda uma polêmica em torno do estabelecimento ilegal da Congregação Religiosa Irmãs da Caridade em Portugal (francesas), que acabaram por ser expulsas do país, proibindo-se o funcionamento de qualquer congregação dessa natureza. Em 1860, por sinal, suprimiram-se os morgados e capelas ainda existentes e em 1861 todos os bens da igreja foram incorporados à Fazenda Nacional.

No âmbito universitário, vale registrar que em 8 de junho de 1859, por iniciativa e sob a proteção de D. Pedro V, foi estabelecido o Curso Superior de Letras em Lisboa e, um ano e meio depois, em dezembro de 1861, alguns estudantes de Coimbra (entre eles, Antero de Quental, Alberto Sampaio e Joaquim Falcão) criavam a Sociedade do Raio em protesto contra os valores retrógrados da Universidade. Pouco tempo depois ocorria a famosa rebelião estudantil contra o ministro Rolim de Moura, quando os estudantes, revoltados, abandonaram a cidade de Coimbra em comboio especial rumo ao Porto, cidade identificada com o liberalismo.

Já no final da década de 1860, seria Luís Augusto Rebelo da Silva o novo ministro da Marinha e do Ultramar, cabendo-lhe manter para as colônias as tendências pedagógicas acima delineadas. De resto, todas as medidas adotadas na metrópole, referentes à obrigatoriedade do ensino para as crianças, à fiscalização do Estado, ao detalhamento dos currículos etc. foram hipoteticamente adotadas pelas colônias, estando longe, no entanto, de corresponder à realidade. Rebelo da Silva incluiria oficialmente nos programas escolares das colônias o inglês o francês ou o árabe, com vistas à prática do comércio, iniciativa que logo malogrou.

Em 1870 criou-se o Ministério da Instrução Pública, com D. Antônio da Costa nomeado para ministro. Na reforma da instrução primária de Rodrigues Sampaio esteve presente a famosa *Cartilha maternal*, de João de Deus, publicada em 1876 e logo adotada em todo o território continental e insular, tendo grande aceitação por parte do público. Criaram-se ainda as "escolas móveis", sob a égide do republicanismo, que adotaram a cartilha de João de Deus. Essas escolas surgiram a partir da iniciativa civil, tendo na figura do industrial Casimiro Freire sua pedra

fundamental. Pessoas qualificadas para a alfabetização com a *Cartilha maternal* eram enviadas a localidades isoladas e sem escolas para ali ensinar. Comentava-se muito, nos periódicos das colônias, o método de João de Deus, mas nada sabemos sobre qualquer resultado de suas eventuais aplicações naquelas localidades. Vale a pena registrar que a cartilha ganhou uma versão para o ensino do quimbundo, colocada em prática pelo angolano J. D. Cordeiro da Mata, que mereceu um pequeno ensaio de Mario Antônio Fernandes de Oliveira (1997: 143-156).

Somente em 1877 se fez o primeiro levantamento estatístico sobre as condições da educação em Portugal, referente ao ano de 1875. Constatou-se que 82,4% (Carvalho, 1986: 614) da população portuguesa continental e das ilhas era absolutamente analfabeta. Assim, revelou-se a quase total ineficiência das medidas até ali tomadas para a alfabetização e o aprimoramento técnico da população portuguesa, surgindo na década de 1880 uma nova tentativa de criar escolas industriais.

Nas colônias, o ensino religioso teve novo estímulo. Entre 1883 e 1884, Pinheiro Chagas, então ministro da Marinha e do Ultramar, fez uma profunda remodelação no seminário de Cernache de Bonjardim e ofereceu regalias para que os padres seculares se instalassem nas colônias e se dedicassem ao ensino da língua portuguesa.

Em 1900, a taxa de analfabetismo em Portugal ainda era de 78,6% (Carvalho, 1986: 635). Joaquim Ferreira Gomes (*in* Nóvoa, 1996: 31) dá a cifra de 74,9% de analfabetos, entre os portugueses com mais de 7 anos.[5] Houve, portanto, uma melhoria de cerca de 10% a 15% em relação ao início do século, o que, em números absolutos, significava que pouco mais de um milhão de portugueses encontravam-se alfabetizados. Quantos desses habitavam as colônias? Que percentual da população dos grupos colonizados já se encontrava alfabetizada? Tudo aqui passa a ser especulação, já que não existem dados estatísticos confiáveis sobre tais áreas. De qualquer maneira, ao delinearmos o quadro oitocentista do ensino do português nas colônias, vê-se que foram feitas muitas tentativas de implantação de escolas de ensino básico e médio, além de ter surgido uma significativa produção literária no âmbito da imprensa periódica, fazendo crer que algum público local, ainda que virtual, chegasse a se constituir no horizonte dos escritores que trabalhavam naquelas paragens.

Os estudos mais recentes e específicos que utilizamos sobre a educação nas colônias no século XIX foram os de Serafim da Silva Neto, *História da língua portuguesa* (1952), de Ávila de Azevedo, *A influência da cultura portuguesa em Macau* (1984), *Política de ensino em África* (1958) e *Relance sobre a educação em África* (1963), e de Fernando dos Santos Mendonça Gamboa, *A educação humanista e os intelectuais angolanos no último quartel do século XIX: o exemplo de José de Fontes Pereira* (*in* Nóvoa, 1996: 255-265). Foi baseado em tais estudos e em

---

[5]. Em uma estatística publicada no *Almanaque Luso-Africano* de 1899 sobre o analfabetismo na Europa, datada de 1896, Portugal aparece com a marca de 67,35% de analfabetos. Cf. "Analphabetos (Europa) (1896)", *Almanaque Luso-Africano*, 1899, p. 104.

alguns outros escritos ainda do século XIX -- como os de Jacinto Caetano Barreto Miranda, *Quadros históricos de Goa* (1863), e de Antônio Anastácio Bruto da Costa, *Goa sob a dominação portugueza* (1896) -- e também nos textos extraídos dos periódicos consultados que fundamentamos o que até aqui foi dito sobre o tema e o que se seguirá referente a cada uma das regiões tratadas. Também na bibliografia sobre a história portuguesa colonial e sobre a história literária dessas regiões pudemos recolher significativa informação sobre o tema.

Ao observarmos tais limitações, procuramos afirmar nossa total despretensão de tratar de forma exaustiva a história do ensino do idioma português nas colônias, buscando apenas traçar um esboço do que tenha sido seu público leitor durante o século XIX. Comecemos por Macau, por ser uma das colônias onde tal ensino teve presença mais remota, sendo além disso aquela que tem a história da língua portuguesa mais bem documentada.

CAPÍTULO 5

A língua portuguesa em cada colônia

1. *O ensino da língua portuguesa em Macau*

Apesar da constante presença portuguesa, a comunidade macaense sempre foi composta por uma grande maioria chinesa, que mantinha vínculos pouco consistentes com os portugueses. A comunidade portuguesa vivia, como veremos adiante, uma situação similar à de Goa, constituindo uma elite político-administrativa muito fechada. Em Macau, porém, devido ao pagamento de tributos ao imperador chinês e às relações diplomáticas bastante instáveis, os mandarins tinham uma presença mais próxima e mais forte junto à elite portuguesa, que perdia em autonomia, se comparada a Goa, onde não havia tal compromisso com o governo local.

O chinês que residia em Macau tinha geralmente origem em Cantão, província chinesa na qual a possessão portuguesa se encontra situada. Mas, por tratar-se de um porto, evidentemente sempre houve uma população flutuante bastante diversificada, quer de chineses de vários pontos do império, quer de europeus de outras nacionalidades que não a portuguesa.

Nesse contexto, a cultura e a língua portuguesas estiveram sempre em luta cerrada e constante com a cultura e a língua locais. O resultado foi sempre poucos chineses comunicarem-se em português e poucos portugueses, em chinês. Além disso, originou-se ali um crioulo português, denominado *patoá*, o que vinha distinguir o autóctone macaense quer dos chineses, quer dos portugueses.

O ensino do português teve início evidentemente com as missões católicas. Logo que chegaram, os jesuítas inauguraram uma primeira e modesta escola denominada *Primum litterarum scholam* (1565). Uma década mais tarde, o papa Gregório XIII (1572-1585) fundava a Diocese de Macau, com jurisdição sobre a China, a Coréia e o Japão. Imerso numa sociedade de tradição milenar, o cristianismo acabou por amalgamar-se com a filosofia de Confúcio -- sincretismo condenado pela Igreja de Roma, mas sempre admitido e mesmo defendido pelos jesuítas. Em meio aos embates da fé, as dependências dos jesuítas cresceram. Já para o fim daquele século tinham outra dimensão:

> De facto, achavam-se ali incorporados dois seminários para seculares, uma Universidade, dotada de Faculdades de Letras, Filosofia e Teologia, uma escola elementar e uma escola de Música e Artes Plásticas. Assim, ensinavam-se no Colégio de Macau as primeiras letras, do ABC até aos mais altos pontos e ápices da sagrada teologia; tinha um mestre de ler, escrever e contar; dois mestres de latim e um de filosofia; dois da sagrada teologia, um de moral e casos de consciência e um prefeito de estudos. Na igreja do Colégio conferia-se o grau em artes aos que mereciam, chegando das suas terras os doutorandos acompanhados pelos amigos e padrinhos, com charamelas na dianteira do cortejo como se usava na Europa (...) No Colégio também se guardava o Arquivo da Província Jesuíta e instalara-se uma biblioteca com mais de 5000 volumes. Luís XIV brindou esta livraria com um relógio que ali permaneceu durante muito tempo. (Azevedo, 1984: 15)

Entre outras dependências, como, por exemplo, uma farmácia, ali também funcionava uma máquina impressora de caracteres móveis. Teria sido trazida em 1588 pelos jesuítas, na qual foi impresso o primeiro texto em Macau, acima referido.

No século XVIII, mais exatamente em 1728, inaugurou-se outro seminário jesuíta, o Seminário de S. José, que atuou com êxito até 1762, quando os jesuítas foram expulsos. Em 1784 passou para a direção dos padres lazaristas, mudando o nome para Seminário Régio e Episcopal de Pequim e, depois, para Casa da Congregação da Missão. Alguns anos antes, mais exatamente em 1774-1775, foi publicado em Macau o trabalho de José de Jesus Maria intitulado *Ásia Sínica e Japónica*, reeditado parcialmente no segundo *Ta-ssi-yang-kuo*.[6]

Após a expulsão dos jesuítas, o ensino macaense sofreu um grande golpe. Foi quando Bocage passou por aquelas paragens. O poeta ali se estabeleceu de setembro a outubro de 1789, retornando de passagem em março de 1790 (ou agosto, segundo Azevedo, 1984: 40). Ali teria vivido de favores e da ajuda do governador interino Lázaro da Silva Ferreira (Morais, 1993: 224). Bocage escreveu o seguinte poema para a cidade:

> Um governo sem mando, um bispo tal,
> de freiras virtuosas, um covil,
> três conventos de frades, cinco mil
> *nhons* e chinas cristãos, que obram muito mal.
>
> Uma Sé que hoje existe tal e qual,
> catorze prebendados sem ceitil,
> muita pobreza, muita mulher vil,
> cem portugueses, tudo em curral;
>
> Seis fortes, sem soldados, um tambor
> três freguesias cujo ornato é pau
> um vigário geral sem promotor
>
> Dois colégios e um deles muito mau,
> um Senado que a tudo é superior
> é quanto Portugal tem em Macau.

---

6. *Ta-ssi-yang-kuo*, 1899-1900, vv. I e II, pp. 203-212, 265-273, 327-337, 389-401, 461-473e 621-630; v. III, pp.147-170; v. IV, pp. 701-722e 781-790. Mais recentemente foi reeditado por C. R. Boxer, também em Macau, em 1941.

O despotismo do poder local, o sucateamento das armas portuguesas, a pobreza e inadimplência das ordens religiosas e do ensino, esse era o diagnóstico cruel, porém, ao que parece, bastante exato, que Bocage fez de Macau no final do século XVIII.

Apesar de os jesuítas terem sido os grandes promotores da língua portuguesa até os Setecentos, também outras ordens católicas ali tiveram participação no ensino do português. Destacou-se a atividade das irmãs claristas. Entre 1626 e 1634, o português Antônio Fialho Ferreira e o espanhol Diogo Enriquez de Losada fundaram o mosteiro das Claristas, vinculado e dependente da província clarista de Manila. O mosteiro desempenhou papel duradouro na formação cultural e cristã da mulher macaense, prolongando sua atividade até o século XIX.

Também os agostinianos, os dominicanos e os franciscanos, ainda que em menor escala, colaboraram para a formação letrada do macaense desde os primeiros anos da presença lusitana em Macau.[7]

Em 1824, o edifício onde funcionava o mosteiro das Claristas -- ainda em atividade educacional -- pegou fogo e as irmãs foram albergadas num local que passou a ser denominado Recolhimento de Santa Rosa de Lima.[8] Dez anos depois, quando, por determinação do governo português, foram extintos os conventos, as claristas, no entanto, continuaram a ser respeitadas em Macau.

No início do século XIX, o antigo seminário jesuíta de S. José, então sob a direção dos lazaristas, foi financiado pelo Leal Senado de Macau e teve papel de extrema importância na formação cultural dos macaenses, com um corpo docente formado apenas por portugueses. Eram ministradas matérias como gramática latina, gramática portuguesa, aritmética, retórica, teologia etc. Em 1822, porém, os lazaristas também foram perseguidos e até presos, por terem aderido ao movimento constitucional, e, mais uma vez, a instituição de ensino se desestruturou.

Em 1834, com a extinção de todas as ordens religiosas em todos os territórios portugueses, as missões do Padroado na China sofreram um tremendo choque e Macau perdeu mais uma vez presença junto à comunidade cristã chinesa. No ano seguinte, um incêndio destruiu a famosa igreja de S. Paulo -- com exceção da fachada, que até hoje permanece em pé.

Após os anteriormente referidos acordos e discórdias entre a Igreja e o Estado português durante os anos de 1840 e 1850, o Seminário de S. José retornou às mãos dos jesuítas em 1862:

> Foram internados 41 pensionistas e os externos atingiram o número de 150. Além de aulas de primeiras letras ministrava-se o ensino de português e de outras disciplinas como o latim, francês, inglês, filosofia racional e moral. Os professores eram na sua maioria de

7. "No convento de S. Domingos, no centro de Macau, não longe do Leal Senado, funcionava uma escola onde os padres ensinavam a ler, a escrever, bem como um curso de latim e outras disciplinas literárias (...) Os Agostinhos, com sua longa tradição pedagógica, possuíam também a sua escola (...) Também há notícia da fundação de um convento de Franciscanos, fundado por Pedro de Alfaro e seus companheiros em 1579, a que se acrescentou um seminário onde se educaram vinte meninos (...)" (Azevedo, 1984: 23-24).

8. A bibliografia sobre o assunto é um tanto obscura. Fernandes (1883: 23) dá o ano de 1856 para a anexação do colégio de Santa Rosa de Lima ao mosteiro de Santa Clara, sem que saibamos se o edifício incendiado das claristas foi reconstruído ou se foi o colégio de Santa Rosa de Lima que se transformou no mosteiro clarista.

> nacionalidade portuguesa (...) Desta sorte, o número de educandos foi-se sempre elevando. Em 1864 frequentavam o Seminário 216 alunos e em 1870 matricularam-se 377. (Azevedo, 1984: 20)

Funcionava também, em 1866, o Colégio da Imaculada Conceição, dirigido por uma irmã de caridade francesa (Azevedo, 1984: 76). Fernandes (1883: 23) fala em "mestras francesas, irmãs do instituto de S. Paulo", notando que o referido colégio foi integrado em 1875 ao de Santa Rosa de Lima. Ainda em 1875 morreu a última clarista e o Recolhimento passou à designação de Colégio, o qual continuou a ter grande importância no cenário pedagógico macaense.

Em 20 de novembro de 1870, um decreto publicado pelo marquês de Sá da Bandeira ordenava a reorganização do seminário, criando um curso preparatório e um curso eclesiástico, e excluindo os professores estrangeiros do corpo docente da instituição. Tais reformas resultaram na demissão da grande maioria dos professores, restando apenas aqueles que ministravam aulas de português e chinês. No ano seguinte, chegaram a Macau os novos professores, porém a instituição caiu em descrédito ante a comunidade macaense e já no início da década de 1880 reconhecia-se no âmbito governamental seu sucateamento.

Do episódio acima referido é possível constatar como o colonialismo, por medo de perder o controle sobre as colônias, acabou por inviabilizar o bom andamento de instituições já sedimentadas e bem-sucedidas.

Em 1873, surgia uma instituição de canossianas, que iria fundar um colégio para meninas. Em 23 de junho de 1886, novo acordo entre Portugal e a Santa Sé manteve com os portugueses os padroados de Goa, Damão, Cochim, Meliapor e Macau, e os semi-padroados de Bombaim, Mangalor, Coulão e Trichinópolis, sendo a atuação católica revitalizada também por meio de inúmeras publicações religiosas.

Ao que tudo indica, apesar das inúmeras proibições que sofreu, a Igreja foi a grande mantenedora do ensino do português em Macau. É certo que o ensino laico teve seu lugar e participação, mas isso ocorreu de forma relevante apenas a partir de meados do século e, tal qual o religioso, esteve constantemente sujeito aos altos e baixos da política portuguesa.

O ensino laico

Desde o início até a segunda metade do século XIX, funcionou a Escola das Primeiras Letras, regida por Alexandre Antônio Pereira e depois por Camilo de Lélis de Sousa, que ministrava noções básicas de leitura, escrita e matemática.

Em 1847, o governo português cria a Escola Principal de Macau com o apoio financeiro do Leal Senado, sendo o padre Jorge Antônio Lopes da Silva designado como diretor. No currículo encontravam-se, entre outras disciplinas, o ensino do latim, do português, do francês e do inglês.

Em 1854 o padre Vitorino José de Sousa Almeida assumiu a coordenação da entidade, sendo a escola freqüentada por mais de trezentos alunos (Azevedo, 1984: 32).

Entre 1862 e 1867, funcionou a Nova Escola Macaense, de ensino primário e secundário, criada com a colaboração de mestres portugueses e ingleses. Com os fundos dessa escola foi instituída a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (Fernandes, 1883: 23), criada em 17 de setembro de 1871. Teve por presidente o negociante Maximiano Antônio dos Remédios e por secretário Pedro Nolasco da Silva, ambos macaenses. Logo de partida concederam subsídio para o Colégio de Caridade das Irmãs de S. Paulo para que estas pudessem ministrar a instrução primária em português e em inglês -- língua esta que ganhava prestígio devido ao estreitamento dos contatos comerciais com Hong Kong.

Em 1878, o ensino técnico, por determinação da metrópole, ganhou lugar nas colônias e fundou-se uma escola comercial, onde era ministrado o ensino do português em níveis elementar e superior. Em 1885, essa escola foi anexada ao Seminário de S. José, tendo sido criado em seguida o Instituto Comercial, com disciplinas mais específicas desta área.

Apesar da determinação portuguesa de laicizar o ensino em Macau, as ordens religiosas continuaram a ministrar cursos e a ter prestígio educacional. Isso pode ser interpretado como resultado da grande importância da identidade cristã do macaense, que se opunha à identidade taoísta, budista etc. dos chineses.

Enfim, quanto aos resultados concretos no século XIX desse percurso pedagógico, temos que o perfil do leitor macaense não era dos melhores. Num dos mais completos estudos sobre o assunto, o autor Rafael Ávila de Azevedo conclui que:

> [...] o ensino da língua portuguesa ofereceu sempre sérias dificuldades de assimilação. Os alunos entravam nas escolas com conhecimentos muito rudimentares de vocabulário, grande ignorância das regras gramaticais e vícios inveterados de linguagem. Há realmente causas que explicam esta diferença em relação aos alunos que iniciavam a sua vida escolar na Metrópole. Entre elas podem apontar-se o número bem limitado de Europeus, a pequenez do meio e, o que era mais importante, a influência da língua chinesa, uma língua monossilábica, sem flexões e naturalmente em contraste bem marcado com a construção morfológica e sintática da língua portuguesa. (Azevedo, 1984: 70)

Ainda que não concordemos com o fato de que a língua chinesa tenha tido uma influência negativa para o aprendizado do português, como sugere Ávila de Azevedo, os outros fatores complicadores por ele arrolados, somados às precárias condições econômicas que caracterizaram a vida do macaense logo após o período do descobrimento, além da falta de uma política educacional continuada por parte do governo português, formam o quadro que justifica a pouca vitalidade da língua portuguesa na costa chinesa.

Sintetizando, podemos afirmar que o ensino do português chegou a Macau com grande presença e pressão, devido ao empenho catequético dos jesuítas. Com o decorrer dos séculos, e a progressiva perda da influência político-econômica portuguesa no âmbito internacional, esse

ensino perdeu gradativamente a força. O fim da catequese jesuítica e, já nos séculos XVIII e XIX, a separação entre Igreja e Estado, resultaram numa queda ainda maior da quantidade e da qualidade desse ensino. Em meio a tudo isso, a língua portuguesa em Macau manteve-se sempre intimamente ligada ao catolicismo. Em síntese, os lusófonos constituíam, naquele arquipélago, uma ilha católica rodeada de budistas e taoístas, que tinham o cantonês -- variedade local do chinês -- como língua corrente.

A preponderância da língua chinesa

A língua chinesa -- e em especial o cantonês -- sempre foi a mais falada em Macau. Apesar dos inúmeros esforços dos portugueses em cooptar a população local, isso nunca ocorreu de modo maciço. Num primeiro momento, o aprendizado do português teve por finalidade a conversão dos chineses ao cristianismo e isso se deu num grau bastante baixo.

Por outro lado, o intenso comércio patrocinado por Macau entre China e Europa despertava o interesse dos chineses no entendimento do português. Entretanto, esse interesse durou pouco, já que a perda paulatina do poder comercial lusitano logo desestimulou a divulgação do português como língua comercial.

A expulsão dos jesuítas no final do século XVIII resultou em perda maior para o cultivo do português, aniquilando seu caráter dogmático-cristão.

Para dificultar a ascensão do português em Macau, a população chinesa que ali residia encontrava-se inteiramente subordinada às leis de Cantão. Não tinha, portanto, a menor necessidade de aprender o português para reger sua vida cotidiana. Mesmo na execução das tarefas corriqueiras que demandavam negociações comerciais de alguma complexidade com os portugueses, podiam utilizar intérpretes. Assim, nem os portugueses aprendiam o chinês, nem os chineses, o português.

Já em meados do século XIX, com a ascensão dos ingleses na região, então coligados aos portugueses, mas com presença econômica bem mais ostensiva, a língua portuguesa perdeu mais e mais terreno para os anglófonos no cenário comercial da costa chinesa. Em meados do século XIX, mesmo os macaenses estavam interessados em aprender o inglês, devido ao promissor comércio com Hong Kong, já tornado território inglês.

Mesmo com a concorrência do cantonês e, posteriormente, do inglês, o português em Macau chegou a ganhar uma variedade lingüística local, ali denominada de *patoá*. O termo servia originalmente à designação genérica das variedades dialetais do francês (*patois*), tendo sido tomado pelos macaenses para denominar a variedade do português ali falada.

A primeira referência à existência do *patoá* apareceu numa monografia chinesa intitulada *Oi-Mun-Kei-Leok*, sobre a cidade de Macau, redigida em 1745-1746 por Tcheng Ulam. Já o primeiro a estudá-lo de modo sisitemático foi Francisco Adolfo Coelho, que escreveu *Os dialectos portugueses ou neo-latinos da África, Ásia e América*, publicado pela Sociedade de Geografia de Lisboa.

Foi um discípulo de Francisco Adolfo Coelho, o macaense João Feliciano Marques Pereira, quem divulgaria amplamente o patoá através do segundo *Ta-ssi-yang-kuo* em sua série de artigos intitulada "Subsidios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo Oriente".[9] Parte destes artigos foi escrita por Sebastião Rodolpho Dalgado,[10] que trata dos crioulos da Índia. Marques Pereira faz um longo apanhado de vários aspectos do emprego do *patoá*, inclusive o emprego literário, em versos de canções populares.[11] Afirma que a língua de Macau apresenta-se em três formas: 1) o macaísta falado pelas classes populares, que seria o mais puro deles; 2) o macaísta das altas classes sociais, muito próximo ao português; 3) o macaísta falado pelos chineses.

Ao observar as influências lingüísticas sofridas pelo *patoá*, Azevedo (1984: 44-46) registra o malaio, o castelhano, o chinês e o canarim (ou concanim) de Goa.[12] Este último pode ser tomado como indício da integração de Macau à Índia portuguesa.

Vale notar que o emprego dos pronomes de tratamento no português de Macau é mais próximo do utilizado no Brasil do que o de Portugal. A segunda pessoa do singular tem caráter formal, enquanto o pronome "você" é empregado no tratamento familiar e entre amigos, exatamente como acontece na maior parte do território brasileiro.

Literariamente, foram feitos diversos registros do *patoá* de Macau, e alguns escritores macaenses de renome chegaram a compor peças no dialeto, como veremos adiante.

2. *O ensino da língua portuguesa em Goa*

Quando tratamos ilustrativamente da instalação da imprensa em Goa, alguma coisa dissemos sobre os primórdios das instituições de ensino naquelas paragens. Importa, entretanto,

---

9. João Feliciano Marques Pereira (sobre Macau) e Sebastião Rodolpho Dalgado (sobre a Índia), "Subsidios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo Oriente", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1889-1900, vv. I-II, pp. 53-66, 121-127, 189-196, 259-263, 323-326, 457-460, 517-522 e 777-786; v. III, pp. 359-377; v. IV, pp. 515-523, 684-694e 746-750.

10. Sebastião Rodolfo Dalgado foi orientalista, sanscritólogo, concanista e filólogo. Nasceu em Goa e foi nomeado missionário régio para a Índia, desembargador da Relação Eclesiástica e inspetor dos seminários e escolas do padroado. Desempenhou vários cargos no Ceilão, Bengala e Onor e publicou o *Dicionário de Concanim-Português* (Morais, 1993: 278).

11. Sobre o *patois*, ver também Graciete Nogueira Batalha: *Estado actual do dialecto macaense*, *Língua de Macau, o que foi, o que é*, *Glossário do dialecto macaense*, Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*. Ver também José dos Santos Ferreira, que reconstitui em suas obras de ficção o português de Macau: *Macau sã assi*, *Papia Cristám de Maacu*, *Epitone de Gramática Comparada*, *Poéma di Macau* (Azevedo, 1984: 43).

12. Com a fixação dos ingleses em 1841 em Hong Kong, muitos vocábulos do inglês foram assimilados pelo patoá, porém isso ocorre possivelmente já para o final do século XIX, extrapolando os limites deste trabalho.

registrar ainda que grande parte do ensino do português era levada a cabo pela iniciativa particular.

> O ensino livre não só nos nossos tempos, mas ainda no século XVII quando estavam vulgarizados os conhecimentos, ganhou grande estadio entre nós. Desde os principios elementares até os de sciencias, tudo era professado em particular (Miranda, 1863: 82-83).

Já no século XVIII, durante o período pombalino, procurou-se instituir um novo sistema de instrução pública, que viria tomar o lugar do ensino dos jesuítas. Assim, em 1759, Pombal ordena o estabelecimento dos dois seminários de Rachol e, alguns anos depois, em 1772, cria o "subsídio literário" para pagar professores laicos. Em Goa, por conta de tal subsídio, foram empregados dois professores de ensino primário, dois de latim, um de grego, um de retórica e um de filosofia. Além desses, ainda outros professores foram contratados em Margão, Mapuça e Nova Goa.

Em 1798, o então governador Veiga Cabral suspendeu as aulas instituídas por Pombal, alegando falta de verbas e baixa freqüência de alunos. Dez anos depois, foram novamente criadas cinco escolas de latim em Goa, Majordá, Chinchinim, Mapuça e Candolim, por determinação do novo vice-rei Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas.[13]

Como vimos anteriormente, as disputas políticas metropolitanas ganhavam naquelas localidades contornos peculiares e todos que estivessem próximos às elites dirigentes deveriam dominar a língua portuguesa em maior ou menor grau, uma vez que esta era a língua oficial da burocracia. Entretanto, o estado da educação no início do século XIX, em Goa, era muito precário. Segundo um ofício do governador da Índia portuguesa, D. Manuel da Camara, de 22 de janeiro de 1823:

> A instrução publica aqui é quasi nulla. N'uma população de 260.000 almas não ha uma unica casa d'educação. Há cinco cadeiras de grammatica latina, e nenhuma da lingoa portugueza. Em dois Seminarios, em que a Fazenda Publica sustenta com o despendio annual de 20.000 xerafins, 30 alumnos para clerigos, ensina-se tambem a mesma grammatica latina, filosofia, theologia dogmatica, e moral, por um methodo antiquado e prolongado. Mas os mestres todos naturaes do paiz d'onde nunca sahiram, não tendo tido estudos preparatorios d'aquellas faculdades, nem ouvido bons mestres, Vossa Magestade ajuizará facilmente do pé em que aqui podem estar estes conhecimentos. Os que soffrem mais da falta d'instucção são os filhos dos Portuguezes e seus descendentes, que todos se destinam á profissão das armas; os quaes, nada possuindo, mais que os seus poucos soldos, carecem de meios para fazer instruir seus filhos; sendo o mesmo mal tambem transcendente áquellas pessoas, que destinam os seus para servirem nas Repartições d'administração publica do Estado.[14]

D. Manuel da Câmara morreu dois anos mais tarde e D. Manuel de Portugal e Castro foi nomeado seu substituto, continuando o ensino em estado calamitoso. Diz o próprio D. Manuel de Portugal e Castro:

---

[13]. Ainda durante seu mandato, em 1812, aboliu-se definitivamente, com o apoio dos ingleses, a Inquisição em Goa, tendo sido demolido o palácio daquele tribunal.

[14]. Manuel Felicissimo Louzada d'Araujo d'Azevedo, "Memoria ácerca da educação publica nos Estados da India, approvada para se publicar nos Annaes d'Associação", *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 1842, 2ª série, n. 1, p. 10.

> Tendo achado em todo o Estado a instrucção publica na mais lamentavel situação, principalmente pelo que respeita ás cadeiras de primeiras letras, me propuz estabelecer algumas nos lugares de maior consideração, a saber: uma cadeira na Ilha de Gôa, outra na Provincia de Salsete, e a terceira na de Bardez; tendo reconhecido esta necessidade por ter achado por propria experiencia, que era rarissimo o papel, d'entre os muitos que diariamente se me apresentam, que fosse escripto conforme as mais triviaes regras de grammatica e ortographia portugueza, devendo-se em grande parte um tal inconveniente a que a nossa lingoa não é aqui a vulgar, havendo apenas dois ou tres entre cem habitantes que a fallam.[15]

D. Manuel nota ainda a grande falta de educação presente em todas as classes sociais e propõe reformar os dois seminários então existentes, o de Chorão e o de Rachol, eliminando do segundo a administração dos padres, para transformá-lo numa instituição integralmente laica e estatal. D. Manuel de Portugal acabou por criar em Nova Goa, Mapuça e Margão três escolas de latim e outras seis escolas primárias em Ribandar e nos quartéis de Nova Goa, Margão, Pondá, Bicholim e Colvalle, além de colocar em prática um projeto de embelezamento de Nova Goa e realizar reformas nos quartéis. Para tanto, tomou imensos valores da fazenda pública, "sem a devida economia e fiscalização", comenta Cottineau Kloguen (1858: 61).

Apesar de tais declarações dos vice-reis e governadores de Goa -- que sempre trazem em seu bojo interesses não declarados --, o ensino do português em Goa na primeira metade do século XIX não melhorou, continuando a ser muitíssimo mal administrado e chegando à beira da completa nulidade.

O ano de 1835 marca a extinção de todos os conventos, por determinação da coroa portuguesa emanada no ano anterior. A grande maioria daqueles estabelecimentos em Goa ficou em estado de abandono, à exceção dos de S. Caetano, de S. Francisco de Assis e de Bom Jesus, que foram os que efetivamente sobreviveram às demolições.

Na década de 1840, já sob a reforma de Costa Cabral na metrópole, a Academia Militar, que fôra fundada pelo conde do Rio Pardo para a formação de oficiais, transformou-se em Escola Matemática e Militar,[16] por ordem do governador José Joaquim Lopes de Lima, que mandou funcionar ali os cursos de Engenharia, Artilharia e Infantaria; esse mesmo governador ainda organizou as escolas de ensino primário e secundário e deu apoio à Sociedade Patriótica.[17]

Foi também quando Lopes de Lima, segundo o espírito mais pragmático de Costa Cabral, criou, em 1841, diversas escolas primárias, que deveriam ser financiadas pelas próprias comunidades. Durante seu governo, realizou em Goa a reforma portuguesa do ensino primário e secundário, que tivera início em Portugal com Passos Manuel, em 1836. Assim, criou ou reformou, ao todo, 49 escolas primárias e 9 secundárias. Em 1842, retornou um dos quatro

---

15. Manuel Felicissimo Louzada d'Araujo d'Azevedo, "Memoria ácerca da educação publica nos Estados da India, approvada para se publicar nos Annaes d'Associação", *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 1842, 2ª série, n. 1, p. 8-9.
16. Em 1871, seria denominada de Instituto Profissional e, em 1893, incorporada ao Liceu de primeira classe a que foi elevado o de Goa.
17. Durante o governo de D. Manuel de Portugal e Castro, Pedro Joaquim de Miranda cria a Sociedade Patriótica dos Baldios das Novas Conquistas, da qual nada pudemos saber para além do próprio nome.

estudantes[18] que se havia dirigido a Portugal em 1833 com o intuito de formar quadros para a criação da escola médico-cirúrgica, a qual de fato teve então origem sob a direção do físico-mor dr. Moacho.

No ano seguinte, já sob o governo de Francisco Xavier da Silva Pereira, conde das Antas, a sede da colônia mudou para Nova Goa, às margens do rio Mandovi, e as despesas das escolas primárias criadas por Lopes de Lima foram tomadas para o Estado. Sobre esse período, conta Antônio Anastácio Bruto da Costa:

> Até os annos de 1844 poucos estudantes que iam estudar o latim entendiam a lingua portugueza e as regras da syntaxe latina eram explicadas em concanim, e nos 4 e 5 annos que se cursava aquella escola é que os alumnos ficavam aprendendo a lingua portugueza juntamente com a latina. (Costa, 1896: 85)

Por tal declaração se vê que, apesar dos aparentes esforços numéricos aqui arrolados, a difusão em larga escala e de modo eficiente da língua portuguesa ainda não ocorria. Já surgia, porém, uma ativa imprensa local. O novo público leitor que então se formava -- ainda que bastante acanhado -- dava o primeiro impulso às letras goesas.

A partir de 1844, José Ferreira Pestana assumiu o governo de Goa e, juntamente com seu secretário Custódio Manuel da Costa, instaurou uma administração democrática com grande incentivo à educação, criando a Escola de Meninas, a Escola de Filosofia Racional e Moral, e Princípios de Direito Natural, Arte Oratória, Poética e Literatura Clássica. Além dessas, instituiu também uma escola de francês em Margão. Apareceu ainda o colégio particular de S. Miguel em Loutulim. Pestana investiu no setor viário e procurou combater as distinções de castas. Chegou, no entanto, a ser quase deposto pelos militares em 1846, por mandar processar três comandantes acusados de corrupção.

Pestana, em seus esforços pelo ensino público, foi, segundo Jacinto Miranda (1863: 81), auxiliado pela Sociedade Patriótica de Salcete, que prestou grandes serviços à publicação de compêndios para os meninos. O fato interessa por registrar a participação da sociedade civil no incremento da educação. Mas essa participação dava-se efetivamente no campo do ensino privado. Jacinto Miranda (1863: 82) nota que "aos estabelecimentos públicos de ensino podemos reunir os particulares, que felizmente não são poucos no recinto de Goa".

Somente em Salcete existiriam, em 27 de agosto de 1863, nove escolas de ensino superior, com 303 alunos, 25 escolas de ensino secundário, com 1.175 alunos, e 72 de ensino primário, com 2.602 alunos, sendo a maior parte formada por instituições particulares. Um quadro promissor, porém relativizado pelos dados que o mesmo Jacinto Miranda fornece em seguida, notando que, "segundo ensaios estatisticos de moderna data, a proporção he de um estudante a cento e trinta e três não estudantes, e no sexo feminino de um a mil". Temos aqui menos de um

---

18. Por um equívoco na formulação de Bruto da Costa (1896: 86), não é possível saber se quem retornou foi Aureliano Aleixo Leandro Mascarenhas ou Antônio José da Gama.

por cento da população goesa estudando o português e, portanto, uma projeção um pouco acima disso de goeses alfabetizados (de 1% a 3%). Lembremos, todavia, que tais dados estatísticos eram estimados e não o resultado da realização metódica de um censo.

Não tivemos acesso a dados em relação à educação em Goa já para o final do século. Entretanto, o quadro acima descrito provavelmente não se alterou de modo significativo, tendo em vista que a colônia de Goa perdeu em importância aos olhos da metrópole portuguesa, já que os portugueses viram-se obrigados, a partir da década seguinte, a ter uma presença mais evidente na África, com a finalidade de garantir ali suas possessões.

Além disso, como foi observado, o exército goês foi extinto no início da década de 1870, o que resultou em forte desestímulo à presença portuguesa em Goa. Nesse contexto, os goeses iniciaram um processo de revalorização de suas raízes indianas e a língua portuguesa passou a ocupar um lugar diferente do que até então ocupara, lugar um pouco mais autônomo em relação à metrópole, o que extrapola os interesses deste trabalho. O concanim também passou por um processo de revalorização. Vejamos um pouco da relação entre essas duas línguas na história de Goa.

O concanim e o português de Goa[19]

Quando os portugueses chegaram a Goa, os indianos que ali habitavam tinham por língua o *concanim*, ou *concani*, nome que se deriva de Concão, região na qual Goa se encontra situada. Adotando, porém, uma política particularmente agressiva[20] de conversão dos nativos ao cristianismo, os missionários portugueses teriam queimado todos os registros escritos naquela língua, impondo o latim para a escrita e, para a fala, o português.

Não se restringindo à localidade de Goa, o canconim sobreviveu à violência portuguesa na sua forma oral, perdendo-se porém, para sempre, seus registros escritos e, com estes, algumas das principais fontes históricas da Goa anterior à colonização portuguesa.

Apesar dessa atitude arbitrária inicial, os portugueses, seguindo o modelo imposto em todas as regiões colonizadas, procuraram de imediato aprender a língua local, obrigando os sacerdotes cristãos a falar o concanim. Em 1584 mudou-se novamente a política lingüística da metrópole e foi estabelecido que toda a população da Índia portuguesa deveria abandonar em definitivo a língua materna, obrigada a falar somente o português -- e determinou-se para

19. Praticamente tudo o que historicamente aqui relatamos sobre o concanim e outras línguas da Índia foi extraído de Devi & Sebra (1971) e, portanto, nos eximimos de fazer as referências ponto a ponto.

20. Vimala Devi & Manuel de Seabra (1971, v. I: 44) consideram que tal política foi uma exceção no modelo colonial português e cristão, resultado da "curteza de ideias de funcionários ou sacerdotes ignorantes", já que a política de cristianização partia sempre do domínio da língua local para a conversão ao catolicismo. Tanto é que a Igreja valorizava os sacerdotes de origem local por conhecerem a língua nativa. No entanto, parece não ser um contra-senso que, por um lado, destruíssem a acumulação da cultura local na sua forma mais elaborada, os livros, e, por outro, pretendessem apropriar-se do concanim somente como instrumento de comunicação oral para a mais fácil e rápida conversão da população indiana ao cristianismo.

tamanha tarefa o prazo de três anos. Seguiram-se a essa outras tantas medidas de proibição ao uso da língua nativa até meados do século XX. Todas morreriam no papel. O concanim sobreviveu a tudo isso e, ainda hoje, é a principal língua falada em Goa.

O fato é que, apesar da constante oposição ao seu uso, os portugueses jamais deixaram de estudar e procurar sistematizar o concanim e outras línguas da Índia, acabando por produzir uma expressiva literatura religiosa em línguas locais, escrita com o intuito da conversão dos gentios. Evidentemente, tendo em vista a queima de seus livros vernáculos (em concanim), seu registro escrito foi elaborado a partir do alfabeto ocidental, o mesmo ocorrendo com outras línguas regionais da Índia, como é o caso do *Vocabulario em idioma bengalla e portuguez. Dividido em duas partes*, por Frei Manuel de Assunção, publicado em 1743, e as duas gramáticas de línguas regionais indianas, a *Grammatica indostana a mais vulgar que se pratica no Imperio do Gram Mongol* e a *Grammatica marata a mais vulgar que se pratica nos reinos de Nizamaxa e Idalxa*, publicadas em Roma em 1778 e reeditadas em Lisboa em 1805.

Esses e outros trabalhos foram divulgados com maior interesse durante o século XIX, quando a política contra aquela língua já arrefecera significativamente. Colaborou com a revalorização do concanim a onda romântica, que valorizava sobremaneira as culturas locais. Foi Cunha Rivara o maior defensor do estudo e do ensino do concanim nas escolas goesas durante os Novecentos. Apesar, porém, dos trabalhos até ali realizados, a língua dos goeses ainda não possuía uma ortografia e uma gramática fixas, dificultando sua implantação oficial, o que ocorreu somente no século XX.

Apesar de tais contratempos, alguns românticos goeses resolveram adotar o concanim como língua literária e deram a público *O Ramalhetinho* (1866-1870), periódico editado em português e concanim. Tanto este esforço como o de Cunha Rivara sempre estiveram longe de dar ao concanim o *status* de língua literária. Basta compará-lo ao marata, língua falada em regiões próximas a Goa, de colonização inglesa, para ter-se a medida de seu acanhado desempenho literário até aquele momento. O marata teve um florescimento muito mais rápido, abrangente e significativo. O primeiro romance em língua marata já saía em 1857, intitulado *Yamuna Paryatan*, de Baba Pudmanji, assim como o conto e a poesia marata ganharam grande desenvolvimento já naqueles anos.

Por outro lado, após tanta convivência com o português, o concanim acabou por influenciá-lo fortemente, determinando um registro coloquial do português falado em Goa tão peculiar quanto o é aquele falado no Brasil. Apesar disso, Vimala Devi e Manuel de Seabra observam que:

> (...) não chegando a dar origem a um crioulo próprio, o português falado em Goa não conseguiu também impor-se como linguagem literária, a exemplo do português do Brasil e de Cabo Verde, o que, de certo modo, constituiu impedimento poderoso para os escritores goeses (1971, v. 1: 57).

Ressalvam, no entanto, no final do século XIX, o romance *Jacob e Dulce*, de Gip, ou Francisco João da Costa, publicado como folhetim em *O Ultramar*, de Margão, sob o título "Cenas da vida indiana", e depois em forma de livro. O romance emprega a linguagem coloquial do português de Goa, realizando uma mordaz crítica à sociedade goesa a partir da fixação de alguns de seus tipos. Devi & Seabra consideram-no como um dos livros mais importantes da literatura goesa, tanto por seu tema e linguagem, como pela forte polêmica que se promoveu em torno da obra, transformada em referência corrente para toda e qualquer crítica a certos tipos e costumes locais.[21]

Exemplo da utilização da linguagem coloquial na literatura, *Jacob e Dulce*, porém, não teve seguidores. Pelo contrário, a intelectualidade goesa sempre teve forte preconceito para com o português falado em Goa, o que levou Vimala Devi e Manuel de Seabra a afirmar que:

> Desprestigiado e considerado português "incorrecto", o português de Goa foi evitado por suas *élites* e pelos seus escritores (...) Desse modo condicionados a desprezar a sua própria expressão linguística, os escritores goeses perderam a oportunidade de criar uma literatura numa linguagem genuinamente goesa, com prejuízo da sua própria identidade cultural. (1971: 61)

Mais adiante irão observar que:

> A pureza da língua portuguesa sempre teve em Goa muitos defensores esforçados. Para referir apenas alguns, citaremos Francisco Antônio Wolfango da Silva, que sobre a pureza da língua publicou numerosos artigos na Imprensa local; José Maria da Costa Álvares, que, com o pseudónimo de A. Castro Alves, lançou em volume as sua *Palestras sobre os vícios da linguagem portuguesa mais comuns em Goa*, e o padre Filinto Cristo Dias, que, com o pseudódimo de Frei Manuel de Cristo, durante muitos anos publicou nos diários *A Vida*, *Heraldo*, *O Heraldo* e no *Diário de Goa* inúmeros artigos sobre problemas linguísticos. Resta averiguar, porém, se esta tarefa teria sido útil. Desprestigiando as formas locais da língua portuguesa e transigindo com o mimetismo e a falta de originalidade próprios das classes médias, estes campeões do "lisboês" constribuíram talvez muito para que a língua portuguesa não evoluísse naturalmente nem conseguisse, na sua variedade local, o prestígio a que tinha direito entre os sectores da população que a falam. Além disso, não tendo nascido um autêntico crioulo em Goa, a aceitação dos peculiarismos locais não teria diferenciado a língua mais do que no Brasil. (1971: 61)

Se é incontestável a responsabilidade das classes letradas goesas no desprestígio do português local, não podemos esquecer que no Brasil ou em Angola também existiram os vigilantes da norma culta, sendo que o prestígio do português local estabeleceu-se não somente por determinação de seus escritores mas, sim e principalmente, em razão de seu efetivo emprego por significativa parcela da população. Parece-nos que essa legitimação "imposta" pelo uso foi o que levou à legitimação literária, coisa que não ocorreu, ao menos não na mesma proporção, em Goa. Assim, teria sido a soma desse distanciamento normativo com o pouco emprego da língua

---

21. É curioso lembrar que em 1º de julho de 1897 o Visconde de Taunay escreve uma positiva resenha sobre o romance de Gip na *Revista Brasileira* (Devi & Seabra, 1971: 204), denotando o interesse despertado pelo autor goês em solo brasileiro.

portuguesa pela população goesa que não permitiu o maior desenvolvimento literário do português falado em Goa.

3. *O ensino da língua portuguesa em Moçambique*

Em Moçambique, como em toda a África portuguesa, o ensino da língua portuguesa teve presença menos conspícua do que em Goa e Macau. No entanto, já no século XVI, nas paragens que formariam o território de Moçambique, temos os dominicanos, sediados em Vila de Sena, e logo em seguida os jesuítas, inicialmente estabelecidos na ilha de Moçambique, onde fundaram um colégio sob a invocação de S. Francisco Xavier, estendendo suas atividades para Luabo, Tete, Sena e Quilemane. Todavia, foi a ordem dos dominicanos a que mais prosperou naquelas paragens.

Mas as missões ali não tiveram a mesma perenidade que apresentaram na Índia e na China. Já no fim do século XVII e durante todo o século XVIII, as missões encontravam-se em franca decadência, coroada com a expulsão dos jesuítas. Em 1835, extintas todas as ordens religiosas, só existiam no interior de Moçambique dez sacerdotes (Azevedo, 1958: 122). Também o governo português não tomara até então qualquer medida educacional concreta.

Em meados do século XIX, com a Restauração em Portugal, o ensino religioso, como vimos em relação a Macau, ganhou nova vitalidade após os entendimentos entre o Estado português e o Vaticano, do que resultou o retorno das missões já na segunda metade do século.

Ao lado do ensino religioso, estabeleceu-se um modelo de ensino laico que propunha uma educação "largamente aberta a todos os indígenas que tivessem atingido uma situação de civilizado", segundo Ávila de Azevedo (1858: 124). A verdade é que esse ensino nunca conseguiu ser instituído de fato, ao menos não no século XIX.

Ávila de Azevedo procurou explicitamente destituir o português de qualquer preconceito racial contra os negros, fundamentando-se na clássica imagem do colonizador que vem tirar os povos da ignorância. A avaliação que faz da cultura original dos grupos africanos locais é extremamente depreciativa, sem qualquer relativização cultural. Se não concordamos, porém, com os pressupostos valorativos que norteiam sua análise, é necessário reconhecer que foi um dos únicos a se debruçar sobre a história do ensino do português em colônias como Macau e Moçambique, esta última, em especial, tão carente de tais estudos.

Azevedo identifica, no decorrer do século XIX, as duas "tendências" de ensino laico estabelecidas pela metrópole: uma voltada para o ensino técnico e profissionalizante, que visava a suprir a demanda de profissionais da comunidade local; outra, mais globalizante, buscando homogeneizar o ensino ali ministrado com o das outras colônias e com o da metrópole. Com isso, pretendia-se tanto equipar tais regiões de profissionais minimamente qualificados para as tarefas

administrativas e comerciais, como tentar manter certa coesão nacional entre essas regiões tão distantes, divulgando conhecimentos, valores e idéias que tinham íntima relação com a vida na metrópole e na Europa. Era, em outra perspectiva, a versão colonial da distinção entre o ensino básico e o dos liceus, que vimos vigorar na metrópole portuguesa. Foi certamente essa a base para a distinção entre o ensino voltado para o negro e o ensino voltado para o branco, que seria estabelecido no período neocolonial em todas as regiões luso-africanas.

Como exemplo de ensino profissionalizante, tivemos, em 1878, a criação da Escola de Ofícios da ilha de Moçambique, fundada pelo então governador geral Francisco Maria da Cunha e por Henrique Carvalho, sendo dirigida à população negra. Em 1882, apareceu no periódico moçambicano *Africa Oriental* um artigo sobre a mesma escola, notando que a instituição já se encontrava em crise. Segundo o autor do artigo, os diretores do estabelecimento de ensino teriam sido até ali militares pouco letrados, o que teria prejudicado seriamente a instituição. Mudou-se o nome do estabelecimento de Escola de Ofícios para Escola de Artes e de Ofícios, contando com a participação do Visconde de Paço d'Arcos.

Ao lado de tais críticas, Francisco de Paula Carvalho, o proprietário do *Africa Oriental*, publicou um "Relatorio da escola d'officios", contestando as declarações do Dr. Joaquim d'Almeida Cunha, secretário-geral do governo, publicadas no *Boletim Official*, sobre as atividades que o jornalista exerceria na escola, além da de conselheiro. Ao que parece, Joaquim d'Almeida Cunha declarava atividades acertadas verbalmente com Francisco de Paula Carvalho, as quais não eram reconhecidas como verdadeiras por este. Não nos foi possível remontar a discussão, porém depreende-se que a Escola de Artes e Ofícios não ia nada bem e a responsabilidade era empurrada de um lado para o outro.[22]

Em outro artigo publicado no mesmo ano, afirma-se que:

> A escola d'officios é uma instituição popular, criada pelo povo e por elle sustentada para elle mesmo se utilisar; não deve o governo ser para esta instituição mais do que um zeloso tutor, para a amparar quando careça d'auxilio e deffendel-a dos ataques que lhe possam faser.
>
> Esta instituição que tantos e tam serios desgostos tem já dado aos homens que lhe deram a vida e que trabalharam para a sustentar, vae hoje caminhando a passos largos para a sua prosperidade.
>
> Este estabelecimento aberto em Abril de 1878, apesar das necessidades por que tem passado, já possue alguns alumnos habilitados nos officios a que se dedicaram, alguns podendo classificar-se de bons artistas.[23]

Já em 1885, no *Africa Oriental*, alguém que se assina X. M. escreve sobre "O Dr. Mello Varejão",[24] elogiando sua direção junto à Escola de Artes e Ofícios. O fato é que houve uma longa

---

22. S. G., "Estudos sobre a educação da raça preta -- eschola d'officios", *Africa Oriental*, 1878, 18 jul., n. 76, pp. 1-2; 1878, 25 jul., n. 77, p. 2; João Antônio Corrêa Perreira, "A Escola D. Officios" [sic], *op. cit.*, 1879, 4 mai., n. 104, pp. 2-3; "Escola d'officios", *op. cit.*, 1882, 15 fev., n. 195, p. 1; Francisco de Paula Carvalho, "Relatorio da escola d'officios", *op. cit.*, 1882, 15 fev., n. 195, p. 1.

23. "A escola d'artes e officios", *Africa Oriental*, 1882, 15 ago., n. 209, p. 1.

24. X. M., "O Dr. Mello Varejão", *Africa Oriental*, 1884, 9 jul., n. 258, p. 1.

discussão em torno desse estabelecimento de ensino, que redundou em embates políticos e ideológicos que vão além dos limites deste trabalho. Importa saber que essa era a instituição de ensino de maior prestígio em Moçambique naqueles anos e, mesmo assim, mantinha-se precariamente.

Informa-nos Antônio Sopa (1996: 49-58) que a escola possuía uma banda que executava "estropeadas peças de musica" e um pequeno teatro que representava peças dos alunos da escola e de outros colaboradores. O teatro surgira em 1882 para substituir o Teatro do Príncipe Real, que havia anos encerrara suas portas e que dera lugar ao primeiro espetáculo teatral levado à cena em Moçambique, "D. Filipa de Vilhena", de Almeida Garrett, em 1856.

Para se ter idéia de como a colônia se encontrava em matéria de letras nesse período, temos uma crônica publicada no *Africa Oriental*, no ano seguinte à fundação da Escola de Artes e Ofícios, na qual Sylvio Nemo, correspondente do periódico em Quelimane, comenta que:

> [...] em toda a vastissima provincia de Moçambique, não há uma só livraria!
> Parece que o estudo e a leitura são plantas exóticas nestas paragens, e cada um que as queira cultivar carece de recorrer ao favor do amigo, que por ventura possue algum livro, ou fazer uma encommenda, que, ate vir cumprida, bem nos permitte deixar enferrujar a intelligencia no contacto *illustrativo* e *edificante* da linguagem cafrial.[25]

Mais adiante caracteriza o *musungo*:

> creatura indeferida [?], que, não sendo branca a isso pretende, esse, com razões excepcionaes, não conhece senão a cartilha, por onde aprendeu na Escola primaria; escreve em geral com boa lettra e pessima ortographia, mas nem da por isso; conversa no balcão sobre os acontecimentos do dia, segundo as informações colhidas da *sinhara* ou da *nhanha*; diz mal do governo, e acha-se capaz de virar o mundo com o poder do seu genio, e... nem pensa que ha livros que o podiam instruir e tirar-lhe da cabeça as teas d'aranha e os prejuisos, que lá lhe meteram na cabeça as *amas* e os *comboiaços* (salvo a ortographia explicando que o termo significa – advinhos --).[26]

A fiarmo-nos no que diz o cronista, o muzungo era o moçambicano que sabia ler e escrever precariamente, mas, informando-se em conversas caseiras, acreditava-se mais sabido do que realmente era. Era, pois, o mestiço racial e cultural, gerado pelos confrontos e coligações da sociedade moçambicana. Mas aqui se apresenta apenas a visão que o português tinha do muzungo. Esta era, em verdade, a designação dada aos descendentes dos prazeiros da região do Baixo-Zambeze, que lutaram pela constituição de estados independentes, como o Gorongosa, o Massangano e o Massingire, sendo suas elites geralmente de origem mista (afro-indiana, luso-indiana, luso-asiática etc.) (Medeiros, 1997). Assim, sem deixar de ser verdade sua situação de miscigenado e sua baixa cultura letrada, apontadas pelo cronista, o muzungo era sobretudo um grande empecilho aos interesses dos portugueses em Moçambique, tendo lutado até o início do século XX contra a dominação lusitana.

---

[25]. Sylvio Nemo, "O livro -- divagações -- quem não pensa, não vive", *Africa Oriental*, 1879, n. 108, p. 3.
[26]. Sylvio Nemo, "O livro -- divagações -- quem não pensa, não vive", *Africa Oriental*, 1879, n. 109, p. 2.

Num outro texto do mesmo periódico, intitulado "Chronica de Moçambique", saído em 1885, comenta-se a falta absoluta do que fazer naquela colônia para o bem do espírito. E nesse mesmo ano, Herculano Linha assina a crônica "Uma pagina para a historia de Moçambique", saudando o retorno a Portugal de alguns dos 439 homens que chegaram quatro anos antes a Moçambique, na corveta "Mindello", com o intuito de fazer prosperar aquela colônia. Nota ainda que parte do sucesso da Escola de Artes e Ofícios deveu-se à "guarnição da Mindello",[27] na qual se encontravam José Dias, Gomes, Matos, Moreira de Sá, Serejo, Freitas, Barahona, Craveiro e o ator Júlio Talento -- codinominado "o verdadeiro Demócrito". Vale registrar que o ator Júlio Talento teve presença constante nas páginas do *Africa Oriental*, por participar de diversos eventos culturais da colônia, quer representando, quer cantando, quer recitando poemas.[28]

Também em 1885, na *Revista Africana*, a discussão em torno da Escola de Artes e Ofícios de Moçambique foi retomada, então em termos pedagógicos, por Simeão de Oliveira, num artigo intitulado "Escolas manuaes".[29] Historicizando o conceito das escolas manuais, isto é, técnicas, elogiava o período no qual Varejão foi o diretor do estabelecimento moçambicano e fazia notar que a escola precisava de uma reforma que a capacitasse de ensinar "technologia" a seus alunos, coisa que, segundo Simão de Oliveira, não fazia.

Em 1889, inaugura-se a Biblioteca Pública da Escola de Artes e Ofícios, sendo os livros adquiridos, em parte, por meio de verba governamental e, em parte, por meio de receitas particulares obtidas nos bazares e espetáculos que a escola realizava. No mesmo ano, fôra criado o Museu da Província de Moçambique, tendo no acervo batuques de guerras de chefes locais e bandeiras de expedições militares portuguesas (Sopa, 1996: 53).

É importante lembrar ainda que diversas associações culturais e de recreio surgiram no decorrer da segunda metade do século XIX. Encontravam-se já registradas as seguintes sociedades dessa natureza: a Associação Civilizadora de Moçambique (1869), que intencionava criar uma biblioteca e um gabinete de História Natural; o Grêmio Literário (1870); o Clube Recreativo Regeneração (1871); o Clube Instrutivo Militar (1874), onde havia uma biblioteca com livros adquiridos em Lisboa; o Clube Recreativo Literário (1877), que se propunha a patrocinar jogos dramáticos e um gabinete de leitura; o Recreio Militar dos Oficiais Inferiores (1892), além do Clube Dramático Musical e do Clube Moçambicense, que surgiram na última década do século mas que ainda não têm fixado o ano exato de seu aparecimento. Antônio Sopa observa, entretanto, que, apesar do grande empenho associativista, "os gostos literários foram sempre escassos. Os jogos, como o bilhar, o gamão, as damas e até o simples dominó, juntamente com as *soirées* dançantes, terão tido sempre a preferência dos sócios" (1996: 53).

---

[27]. Lembremos que tal designação pode fazer menção à praia do Mindelo, no norte de Portugal, onde desembarcaram as tropas de D. Pedro I, do Brasil, e teve inicio as lutas contra o governo conservador de D. Miguel, fazendo com que a "guarnição do Mindelo" pudesse ganhar aqui um conotação política.

[28]. Herculano Linha, "Uma pagina para a historia de Moçambique", *Africa Oriental*, 1885, 11 mar., n. 282, pp. 1-2; F., "Chronica de Moçambique", *op. cit.*, 1885, 16 mai., n. 284, p. 3.

Quanto à instrução básica, vale destacar uma matéria anônima sobre educação, intitulada "A instrucção publica em Moçambique", que apontava para a falta de uma escola primária em toda a colônia e denunciava uma fraude ocorrida, ao que parece, na ilha de Moçambique:

> Ha cerca de dez annos que o governo esta pagando ao professor da escola principal d'esta cidade, porém, julgo que ainda não deu dez dias d'aula durante este espaço de tempo e somos d'opinião que até teria vergonha n'isso [...][30]

Tal notícia data de 1883 e, portanto, segundo o redator, desde 1873 existiria supostamente o ensino básico naquela colônia, coisa que de fato não ocorria. Comparada a Goa e a Macau, é realmente espantoso que a colônia de Moçambique tenha permanecido até tão avançada data sem tentativas mais significativas na área do ensino do português.

Por conta disso, o ensino privado em Portugal estendia sua propaganda para aquela colônia. Prova disso são os anúncios de colégios de Lisboa, como o "Collegio Herculano" ou o "Collegio Santa Rosa de Lima",[31] fazendo notar que provavelmente grande parte dos filhos de portugueses e de moçambicanos abastados eram educados na metrópole, tendo em vista a total falta ali de instituições de ensino.

Já em 1889, Mário du Val afirmava que a falta de instituições educacionais em Moçambique estava declaradamente atrelada ao medo da autonomia das colônias, num artigo intitulado "Civilisação africana":

> É de prever que a idêa de dar ás colonias autonomia, trará uma opposição enorme, fundada no receio de se tornarem independentes, e é talvez por isso que se não diffunde a instrucção no preto e se lhe não ensinam direitos e deveres.
> [...]
> O preto, raça inferior, não poderá nunca acompanhar as raças superiores no seu progressivo desenvolvimento. Podem dar-se-lhe escolas sem receio, que elle ha de ficar sempre distante, embora com sentimentos melhores do que os de hoje. Nós tambem caminhamos, e caminhamos mais do que elle.
> Que a raça branca venha tornar independente as possessões, como succedeu ao Brazil, é também um erro, no que diz respeito ás possessões africanas. As condições são diversas.
> [...] nós dominaremos á custa de renovação constante do elemento europeu, e esta fluctuação tira todo o receio de independencia.[32]

E efetivamente não era necessário temer que a educação viesse trazer consigo a independência das possessões africanas, tendo em vista a qualidade daquela. Um artigo anônimo intitulado "Instrucção elementar" assim avaliava a educação no distrito de Lourenço Marques:

> [...] O que se vê, é, nem mais nem menos, que uns professores analphabetos e uns methodos cahoticos que o progresso e a civilisação deviam já ter banido e expulsado.
> [...]
> Ao entrar n'uma escola nossa, sentimos o mal estar que pode experimentar-se ao penetrar n'um d'esses antros infernaes, creados pela narração das lendas antigas. Ha ali o embrutecimento moral e o embrutecimento physico manifestados. N'uma cantilena atroadora, sentadas em bancos mal dispostos e pouco commodamente construidos, essas

---

29. Simeão de Oliveira, "Escolas manuaes", *Revista Africana*, 1885, 1º out., n. 2, pp. 12-14.
30. * * *, "A instrucção publica em Moçambique", *O Quelimanense*, 1º anno, 1883, 22 jan., n. 41, p. 2.
31. *Correio da Zambezia*, 1886, 26 de jan., n. 8.
32. Mário du Val, "Civilisação africana", *Districto de Lourenço Marques*, 1889, n.13, pp. 2-3.

> creanças a quem queremos incutir a ideia d'um beneficio immenso, estão como presas, sem ar, sem luz e sem ventilação. E não se diga que as aulas são melhores que as palhotas onde esses infelizes entes vivem, porque é sustentar d'esta fórma um absurdo. Assim, nós não educamos o preto nos nossos habitos e costumes, colocando-lhe o moral á altura a que nós chegámos, mas sim lhes deixamos ao viver physico a selvageria antiga.
>
> [...]
>
> Todos sabem que na Africa não ha professorado habilitado e que, sobretudo, não ha jury d'exame.
>
> [...]
>
> O primeiro analphabeto que se apresente a sollicitar um logar de professor é logo despachado. Aos funcionarios reconhecidos como incompetentes, dá-se-lhe logo um logar de professor.[33]

Agora é possível entender por que no supracitado artigo "A instrucção publica em Moçambique", saído em *O Africano*, de Quelimane, em 1883, o redator supunha que um professor que havia dez anos recebia salário sem ministrar aulas provavelmente teria vergonha em assumir efetivamente seu trabalho. Ao que tudo indica, ser professor em Moçambique no século XIX era sinônimo de ignorância e incompetência, de péssimas condições de trabalho e, em sentido amplo, era a maneira de manter a idéia de um processo "civilizacional" sem correr o risco de que ele obtivesse efetivamente algum resultado.

É interessante destacar que o redator apontava para a falta de uma escola normal que viesse controlar a qualidade de formação do minguado professorado em Moçambique, o que, como vimos, era feito em Portugal desde 1816. Essa preocupação com a formação do professorado africano foi uma constante em Lourenço Marques, na década de 1880. Discutia-se também, nesse sentido, uma proposta, feita em 1885, de adoção do método de ensino do português de João de Deus, criticando, não o método, mas o modo como se pretendia treinar os professores.

Lembremos que Lourenço Marques, hoje Maputo, crescia rapidamente naqueles anos e necessitava marcar sua lusitanidade diante das ameaças constantes da Inglaterra após o *Ultimatum*. Já no final do século, *O Luso Africano*, de 1892, trazia o artigo "Colonisação",[34] tratando genericamente do assunto e clamando pela necessidade de não mais colonizar pela força, mas sim pela educação, sem, contudo, discutir ou propor nada de concreto. Essa era uma cartilha repetida nesses anos pela quase totalidade dos artigos sobre educação. Era a diluição de um discurso que funcionava para construir uma imagem de Portugal, como nação não mais conquistadora, mas sim civilizadora, como então ditava toda a nova mentalidade européia.

Uma peculiaridade moçambicana que vale a pena ser registrada é a adoção do ensino facultativo do árabe (além do francês e do inglês) nas escolas, dentro do mencionado programa de Rebelo da Silva, instituído em 1869. Faltou, entretanto, a devida eficiência na execução de tão acertada tarefa para o bem da integração e economia de algumas regiões de Moçambique.

---

33. "Instrucção elementar", *Districto de Lourenço Marques*, 1889, n. 4, pp. 2-3.
34. "Colonisação", *O Luso Africano*, 1892, 3 jan., n. 1, p. 1.

Ao tomar por base esse fragmentado quadro do ensino do português nas crônicas jornalísticas, temos um panorama bastante pessimista para os editores e redatores dos periódicos moçambicanos. Eles jamais puderam contar com a formação de um público leitor por meio das escolas estatais, como acontecia, por exemplo, ainda que em baixo grau, em Macau ou em Goa.

Em Moçambique, quando se falava em alfabetização e educação governamental, falava-se da educação do negro, do indiano, do chinês e mesmo do português miscigenado ou empobrecido. E essa educação era, quando muito, técnica e não literária.

Podemos, portanto, concluir com alguma segurança que o leitor moçambicano oitocentista era o português recém-chegado ou o colono de boa condição socioeconômica, que fôra educado em casa ou em colégios na Europa. No rol dos leitores também entravam os moçambicanos (negros e mulatos) nas mesmas condições socioeconômicas. Assim, os periódicos dirigiam-se somente aos portugueses e moçambicanos socialmente bem postos, jamais contando com a população em geral.

4. *O ensino da língua portuguesa em Angola*

Em Angola, também foram os jesuítas os primeiros a instituírem o ensino do português. Chegaram a Luanda em 20 de fevereiro de 1575, transformando-se nos maiores proprietários territoriais da época. Em 1605, já tinham uma escola de primeiras letras e, em 1622, criaram aulas de letras, teologia e moral. Davam formação pedagógica tanto para a comunidade esclesiástica local, quanto para os leigos que viriam a ocupar as atividades públicas e privadas.

Todavia, antes mesmo de Pombal, na primeira metade do século XVIII, o ensino jesuíta já não tinha mais eficiência. Com a expulsão da ordem na segunda metade daquele século, ainda permaneceram em Luanda franciscanos, carmelitas, capuchinhos (de origem italiana) e alguns padres seculares, que provavelmente mantiveram aulas de primeiras letras. O governador Francisco de Sousa Coutinho, por sua vez, criou duas aulas de geometria naquela cidade. Lembremos que o subsídio literário, espécie de imposto sobre a venda de determinados produtos, criado no período pombalino na metrópole, também foi aplicado em Luanda. Foi esse subsídio que sustentou por algum tempo um professor de latim e um mestre de ler e escrever naquela cidade.

Entre 1764 e 1772, o governador D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho determinava que "os brancos ensinassem seus filhos a língua portuguesa e a ensinassem também aos negros, como se fazia no Brasil" (Silva Neto, 1986: 516).

Já no período posterior a Pombal, no final do século XVIII, temos no governo de Miguel Antônio de Melo novamente aulas de aritmética, geometria e trigonometria. No plano lingüístico, o idioma dominante era o quimbundo.

Com Saldanha da Gama, no início do século XIX, inaugurou-se em Angola o ensino destinado ao sexo feminino, ministrado pela esposa do governador, Antônia de Brito, que ensinava português, francês e música às meninas "ilustres". Há notícias de que, no mesmo governo de Saldanha da Gama, registrou-se o aparecimento das primeiras escolas elementares em Luanda e Benguela. Em 1807, foi criado o curso de matemática, para o aperfeiçoamento dos professores que trabalhavam na colônia.

No início dos Oitocentos, havia em terras angolanas carmelitas, franciscanos e capuchinhos. Entretanto, quatrocentos capuchinhos deixaram a região naqueles anos, mantendo ali somente uma representação simbólica. Lembremos que os membros dessa ordem se encontravam em Angola e no Congo de longa data, desde o século XVII, e tinham em geral origem italiana (Almeida, 1979: 8). Assim, o português passava a ser a única língua franca cristã nas terras angolanas.

Se confrontarmos o ensino do português em Moçambique e em Angola, parecerá que neste último caso houve um desenvolvimento mais eficaz (Azevedo, 1958: 139). Tudo indica que tenha havido em Angola um número maior de iniciativas educacionais até o século XIX. Citando um estudo de Jill Dias sobre a identidade angolana, Fernando dos Santos Mendonça Gamboa observa que:

> No longo período da presença portuguesa em Angola -- séculos XVII, XVIII e grande parte do século passado [XIX] -- as comunidades mestiça e negra assimilada que coabitavam com os portugueses nas zonas próximas dos rios Kuanza, Dondo, Bengo, Lucala, e nas regiões de Golungo Alto, Benguela e sobretudo Luanda, onde a influência da cultura portuguesa foi acutilante, e onde, consequentemente, se encontrava a maior e mais europeizada das referidas comunidades, criou-se uma elite detentora de certo poder económico, obtido sobretudo na sua participação no tráfico de escravos, na posse de terras e na acumulação de grandes propriedades em Luanda e arredores, especialmente nos distritos de Bengo e Dondo. (Nóvoa *et alii*, 1996: 256)

Reforça sua tese sobre o poder dessa elite mestiça racial e/ou culturalmente até os anos de 1890, apoiando-se em autores como Anne Stamm, René Pelissier ou Mario Oliveira.[35] E, chamando a atenção para os meios de que dispunha essa elite para apropriar-se da língua portuguesa e da cultura européia, nota que:

> Além das riquezas imobiliária e pecuniária de que dispunha, a elite africana era portadora de uma vasta cultura, no sentido genérico do termo, o que lhe valeu o epiteto de elite intelectual. A existência do seminário de Luanda, o ensino particular "Angolense" do médico brasileiro Saturnino de Sousa e Oliveira, as atitudes filantrópicas de certos personagens como Helichatelain, por exemplo, a aprendizagem cumprida em cartórios, repartições e estabelecimentos comerciais e, muito raramente, o envio de filhos para o Brasil ou Portugal, foram os principais factores de elitização intelectual de parte dessa comunidade de híbridos. (Nóvoa *et alii*, 1996: 257)

---

35. Anne Stamm, "La societé creoler à Saint-Paul de Luanda dans les annés 1838-1848", *Cahier d'etudes africaines I*, 1975, pp. 12-154; René Pelissier, *La colonie du minotaure*, Paris, Pelissier, 1975; Mário Oliveira, "Fatores de 'elitização' de naturais de Luanda", *Mensário Administrativo I*, 1963, 6, pp. 186-191.

Como em Macau, também em Luanda já em 1845 tivemos algumas aulas de língua inglesa, que certamente surgiram a partir das reformas pedagógicas do governo de Costa Cabral. Também foram ali estabelecidas algumas aulas de medicina e regulamentado o ensino primário (Almeida, 1979: 18, 20, 89). Poucos dados obtivemos, entretanto, sobre esse período.

Na década de 1860, no periódico angolano *A Civilisação da Africa Portugueza*, apareceram alguns artigos assinados por Urbano de Castro, que muito revelam sobre o andamento da educação em Angola. Já no primeiro exemplar do periódico, teve lugar o artigo "Instrucção publica", no qual Urbano de Castro proclamava: "Querer civilisar um povo, sem lhe facilitar os meios de se instruir, é exigir colheitas do campo sem o semear". Defendendo a prioridade do estabelecimento de escolas primárias em toda a colônia, observava que:

> Pode diser-se, que nenhuma attenção tem merecido até hoje a instrucção primaria no interior da provincia.
>
> Os governos, em nomeando professores, para os logares vagos, quaesquer homens analphabetos, que nem sabem ensinar, nem cuidam d'isso, teem julgado satisfeita e finda a sua missão.
>
> Os chefes dos concelhos, alguns dos quaes temos visto quasi tão ignorantes como os pseudo-professores nomeados, satisfasem-se com visar os recibos dos ordenados d'estes.[36]

Fazia notar que o ensino primário era legalmente obrigatório, não sendo necessário, portanto, nova legislação, mas sim o devido cumprimento daquela vigente.

Já no artigo "A instrucção elementar, e a instrucção professional" temos a notícia da abertura no edifício do observatório de uma aula regimental de instrução primária, dirigida aos praças do batalhão que eram obrigados a freqüentá-la. Urbano de Castro elogiava a iniciativa e comentava:

> Excellentemente; mas quando tractará o sr. adminstrador do concelho de obter um arrolamento exacto da população, de conhecer os menores que ha na cidade em cada casa, e de obrigar a mandal-os ás escholas as pessoas, a cuja auctoridade esses menores estão sujeitos?
>
> Um dos melhores adminiculos para realisar e suavisar a transição da escravidão para a liberdade seria a execução do ensino gratuito e obrigatorio, não só o da instrucção primaria elementar, mas o de uma profissão industrial.
>
> Quanto o ensino professional for obrigatorio, desapparecerão quasi inteiramente os vicios e os crimes, que se geram da ignorancia e da penuria.
>
> [...]
>
> Quando o governo da provincia quiser energicamente entrar no caminho das reformas liberaes, prestará attenção á necessidade de ensino professional, e de casas de correcção, em que ao ocio, aos colloquios obscenos, ao ensino mutuo dos vicios e dos crimes, se substitua a educação das faculdades intellectuaes, moraes e physicas.[37]

---

36. Urbano de Castro, "Instrucção publica", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1866, 6 dez., n. 1, p. 2.
37. Urbano de Castro, "A instrucção elementar, e a instrucção professional", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 11 jul., n. 30, p. 117.

Em "A instrucção e a religião em Calumbo",[38] Urbano de Castro tratava da falta de condições materiais mínimas para que o padre Luiz Maria de Carvalho exercesse seu sacerdócio e a instrução primária naquele munícipio. Nomeado pelo governo da metrópole, Urbano de Castro apelava para a responsabilidade da Junta da Fazenda Pública de Angola a fim de viabilizar as devidas condições materiais, aproveitando para tecer algumas críticas sobre o ensino no interior da colônia.

Na década de 1880, em *A União Africo-Portugueza* temos um outro artigo de Urbano de Castro sobre "A instrucção publica", no qual o jornalista reproduzia um texto publicado em *O Cruzeiro do Sul*, de 4 de junho de 1874, divulgando a solicitação da Associação Comercial de Loanda para a criação de uma cadeira de escrituração mercantil naquela capital. Passados oito anos, o redator notava que nada fôra feito:

> Em 22 de junho de 1882, oito anos depois, está ainda para criar a aula nocturna que pedimos.
> É indignissimo esse despreso dos poderes publicos pela instrucção do povo; não há glorias litterarias, nem glorias marciaes, de ministros e governadores do ultramar, que não escureçam, e não infamem, com este matar á sede de luz tanto milhões de espiritos.[39]

Podemos ainda notar, a partir de um anúncio do "Collegio de S. Paulo de Assumpção de Loanda -- proprietarios -- J. M. da L. Miranda Henrique, professor jubilado d'instrucção publica e sua mulher",[40] que ali se lecionava o ensino básico, incluindo também francês, latim e lógica. Lembremos que "jubilado" aqui significa "aposentado". O anúncio apresenta um texto bastante minucioso quanto às matérias e ao regime de ensino adotados.

Também o angolano Joaquim Dias Cordeiro da Mata, que se revelou um dos mais importantes escritores oitocentistas de Angola, foi um combatente em torno da causa do ensino do português e também do quimbundo nas escolas. Era, por sinal, filho de um professor da escola régia, e assim se pronunciaria em 1890, em *O Policia Africano*:

> Dói-nos profundamente entrarmos nas denominadas escolas régias e encontrarmos umas poucas crianças, umas estiradas ou acocoradas no chão e outras sentadas em bancos coxos, aprenderem por livrinhos sujos e sebentos e por cartas escritas sabe Deus como. (*apud* Oliveira, 1997: 86)

Em substituição aos "livrinhos sujos e sebentos" propunha a adoção da cartilha de João de Deus, a qual, por sinal, adaptou para o aprendizado do quimbundo. Cordeiro da Matta foi um pioneiro e um militante na alfabetização em quimbundo -- a língua africana mais falada em Angola. Em sua *Catilha racional para se aprender a ler o kimbundu escrita segundo a cartilha maternal do Dr. João de Deus*, revela profunda consciência da relação entre língua e cultura ao

---

38. Urbano de Castro, "A instrucção e a religião em Calumbo", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 11 jul., n. 30, p. 117.
39. "A instrucção publica", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 25 jun., n. 13, pp. 1-2.
40. "Collegio de S. Paulo de Assumpção de Loanda -- proprietarios -- J. M. da L. Miranda Henrique, professor jubilado d'instrucção publica e sua mulher", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 2 fev., n. 51, p. 202.

chamar a atenção dos falantes de quimbundo para a importância de saberem ler e escrever na língua materna (Oliveira, 1990: 152). Pouco sabemos, todavia, dos resultados concretos obtidos pela cartilha. Sobre a alfabetização em quimbundo, vale ainda destacar o nome do suíço Héli Chaterlain, que, ainda no século XIX, estudou profundamente aquela língua e publicou trabalhos como o *Kimbundu grammar* e *Contos populares de Angola*.[41]

Figura de relevo na educação angolana foi também o padre Castanheira Nunes. Num artigo publicado em *A Verdade*, intitulado "A instrucção publica na provincia d'Angola -- importancia, extensão e marcha da instrucção universal", após fazer um grande preâmbulo sobre a educação em geral, dissertou detalhadamente sobre o programa de ensino básico e secundário, mas não chegou a relatar o estado coevo da educação em Angola, deixando tal tarefa para um próximo artigo -- que não vimos estampado.

Outro que cuidou da "Instrucção publica" foi Alfredo Mântua, que elogiava a iniciativa do governador Ferreira do Amaral de investir em educação. A par disso, comentava o estado da educação em Angola e em Portugal, denunciando o alto grau de analfabetismo e condenando o empreguismo estatal -- que propiciava a corrupção e o comodismo e prejudicava a iniciativa individual e privada.[42] Lembremos que o aqui elogiado Ferreira do Amaral foi criticado em Cabo Verde por proclamar retoricamente a necessidade da educação mas, na prática, fechar a Escola Principal da Praia em 1892.[43]

Apesar da baixa qualidade do ensino colonial, em fins do século XIX um significativo número de intelectuais angolanos surgia, estabelecendo um diálogo com uma comunidade local que estaria virtualmente muito acima da média e do horizonte que aquelas precárias escolas podiam oferecer. Para explicar esse fato, além das razões que aqui já foram arroladas em torno da formação da elite econômica e cultural negra e mestiça, Mário Antônio (Oliveira, 1997: 163-166) aponta a dedicação pessoal de homens como o padre Castanheira Nunes e de alguns outros, notando o papel da igreja católica na formação letrada dos angolanos durante o século XIX. Também Carlos Pacheco (1993: 85-95) procura demonstrar como, já na primeira metade do século XIX, o cultivo de bibliotecas particulares estimulava a leitura em Angola.

Se é certo que tais fatos contribuíram para a formação dessa elite letrada angolana, acreditamos que aquilo que efetivamente deu vida e mesmo formou aquela comunidade intelectual foi, acima de tudo, a prática jornalística, o debate e a vitalidade da imprensa. Esse era um lugar de debate e formação intelectual, que propiciava a metamorfose do cidadão político e educado em escritor e poeta. Foi no trato constante com a palavra na imprensa que os homens letrados locais e portugueses ali estabelecidos tiveram sua formação literária em Angola,

---

41. Para se ter idéia da presença do quimbundo entre as línguas faladas em Angola e de sua classificação e características lingüísticas gerais, ver Mário Antônio (Oliveira, 1990: 69-122; 1997, 88-105).

42. Castanheira Nunes, "A liberdade d'imprensa", *A Verdade*, 1882, 7 nov., n. 29, p. 127; Castanheira Nunes, "A instrucção publica na provincia d'Angola", *op. cit.*, 1882, 10 out., n. 26, p. 113; A. Mântua, "Instrucção publica", *op. cit.*, 1882, 30 out., n. 28, p. 125.

estabelecendo um diálogo tanto com a metrópole como com uma restrita e por vezes hipotética comunidade letrada local, sendo que, em ambos os casos, a efetividade de uma real interlocução se desse num grau muito baixo.

5. *O ensino da língua portuguesa em Cabo Verde*

Em 1462, as ilhas de Cabo Verde já dispunham de um vigário e de um coadjutor. A diocese seria criada somente em 1533, sob a direção de franciscanos. Em 1592, começou a funcionar um seminário. Segundo Alberto Duarte Carvalho, que nos forneceu a maior parte das informações históricas aqui presentes, "os séculos XVI-XVIII pouco deverão oferecer de notável no desenvolvimento cultural do arquipélogo" (1988: 52).

Passemos, pois, ao século XIX. A primeira escola laica apareceu em 1817, na Praia. No início, porém, da década de 1840 já tínhamos 12 escolas oficiais distribuídas por diversas ilhas. A partir de 1845, com a reforma da instrução pública em Portugal, cresceu o número de escolas em Cabo Verde. Em 1848, fundou-se a escola principal da ilha da Brava, sendo legislado que, em todas as escolas do arquipélogo, só seria permitido o uso do português, sendo terminantemente proibido o emprego do dialeto crioulo.

Em 1850, num artigo anônimo, "O professor elementar", publicado no *Boletim Official de Cabo Verde*, podemos ler alguns conselhos aos mestres de como devem proceder em sala de aula e quais os parâmetros morais e políticos que devem seguir. Defendendo o ensino religioso como base moral e o governo como base social, ao comentar a distinção entre as classes sociais, recomendava:

> O Professor escolherá, d'entre os que em tanta cópia se offerecem, proprios para persuadir os discipulos que é incomparavelmente mais util e prudente tirar de sua posição todo o partido possivel, do que forcejar por sair d'ella. Não perderá occasião de infiltrar-lhe no espirito a convicção de que ás apparentes desigualdades de classes, e cabedaes estão muito longe de corresponder desigualdades reaes de felicidade e dignidade moral; pois que o homem tira de si, e não deve a ciscumstancias exteriores, os bens reaes. Sobre tudo recordar-lhe-ha que a lei da desigualdade das condições prende com o progresso dos interesses geraes da humanidade, e foi estabelecida pela soberania divina, como um meio de desenvolvimento, o que a torna respeitavel, como lei fundamental da sociedade.[44]

A educação como forma de prevenção contra revoltas sociais era claramente entendida pelos mestres e, provavelmente, posta em prática com cunho marcadamente religioso.

Em meados do século, Cabo Verde já podia contar com meia centena de professores espalhados pelas ilhas em diversas escolas. Segundo Carvalho, existiam "a escola oficial para

---

43. A. da C. T., "Instrucção secundaria (em Cabo-Verde)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, pp. 72-74.
44. "O professor elementar", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 8 mai., n. 23, pp. 93-94; 15 jun., n. 24, pp. 96-98; 22 jun., n. 25, pp. 100-101.

rapazes e meninas, a escola eclesiástica, a do batalhão militar e a profissional com o envio de rapazes para Lisboa" (1988: 57).

Cerca de 1870, registravam-se 43 escolas. Na década de 1880 apareceu, também no *Boletim Official*,[45] um artigo identificado pelas iniciais A. S. M., intitulado "As escolas", que fazia notar a existência, em todo o arquipélogo, de 45 instituições de ensino (o que seria insuficiente, segundo o autor do artigo), sendo que dos 11 concelhos que formavam Cabo Verde apenas um não possuiria escola para o sexo feminino, sem especificar qual deles. O redator do artigo finaliza elogiando a câmara municipal de S. Vicente pelo especial cuidado com a educação.

Isso vem comprovar que a partir da década de 1850 os cabo-verdianos conseguiram de fato acompanhar as mudanças educacionais que ocorriam na metrópole, instituindo diversas escolas elementares de ambos os sexos pelas ilhas.

O otimismo, porém, do redator faz desconfiar desses indicadores, parecendo mais um discurso de intenção política do que de caráter pedagógico. Não temos dados qualitativos para saber o que se passava nas escolas caboverdianas. Carvalho (1988: 59) afirma que apenas 2%-3% da população caboverdiana encontrava-se matriculada em tais instituições, sendo ainda mais baixo o coeficiente de aprovações. O certo é que o ensino do português ali não foi suficientemente homogêneo para que a maioria da população falasse o português-padrão, o que nos faz indagar sobre a real eficiência daquelas instituições.

Quanto ao ensino secundário,[46] a primeira tentativa de seu estabelecimento se deu ao lado do Paço Episcopal da Ribeira Grande, na ilha de Santiago, tentativa logo malograda. Todavia, em 1854-1855, foram inaugurados alguns cursos de nível médio na ilha da Brava, coordenados por D. Patrício Xavier de Moura. Transferidos para a Ribeira Grande, logo seriam transplantados para a cidade da Praia, na mesma ilha de Santiago, dando origem ao Liceu Nacional.

Assim é que, em 1861, anunciava-se a abertura do Liceu Nacional em Cabo Verde, estabelecido nos Paços do Concelho na cidade da Praia, na ilha de Santiago.

> Acaba v. exa. [o governador geral Januário Correia de Almeida] d'inaugurar entre nós o Lyceu nacional.
>
> Esta instituição que em todos os paizes cultos tem derramado a instrucção pelo povo, é destinada a propaga-la na mocidade Cabo-verdeana com o curso de diversas disciplinas professionaes a par de solidos principios de moral. A instrucção, tão descuidada até agora, vai surgir radiosa e prestante.[47]

Observava-se que naquela data também fôra instituído o Conselho Inspector de Instrução Pública, sob a presidência do governador-geral da colônia.

---

45. A. S. M., "As escolas", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1882, 4 nov., n. 44, p. 232; José Felix Machado. Além deste, temos, de José Félix Machado, um "Relatorio da escola regia d'instrucção primaria da freguezia de Nossa Senhora do Rozario da ilha de S. Nicolau, relativo ao anno lectivo de 1881 a 1882", *op. cit.*, 1883, 31 mar., n. 13, pp. 72-74; 13 set., n. 37, pp.189-190.

46. A. da C. T., "Instrucção secundaria (em Cabo-Verde)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, pp. 72-74.

47. [Sem titulo -- sobre a abertura do Liceu Nacional em Cabo Verde] *Boletim Official de Cabo Verde*, 1861, 12 jan., n. 2, p. 8.

Em 1866, o Liceu Nacional integrou-se ao Seminário-Liceu, que funcionou, por sua vez, até 1911. Criado pelo Bispo de Cabo Verde, D. José Luiz Alves de Feijó, em 3 de setembro de 1866, o Seminário-Liceu foi instalado na Ribeira Grande, apesar das pressões por parte do governo provincial para que a instituição se estabelecesse na cidade da Praia. Pouco tempo depois, em 1869, na cidade da Praia, surgiu a Escola Principal, que teve seu fechamento decretado em 1892 pelo então ministro da marinha Ferreira do Amaral.

O seminário ministrava instrução superior gratuita para clérigos e instrução secundária, paga, para leigos. Apresentava um currículo bastante tradicional e, portanto, mais erudito e religioso do que prático e científico. Em alguns artigos saídos no *Almanach Luso-Africano*, forneceu-se um quadro completo dos primeiros professores, vindos de Lisboa, sendo comentada a grade curricular do curso. Apareceu também estampada uma gravura do seminário, fornecendo dados sobre os melhoramentos realizados em seu edifício.[48]

A instalação de tal instituição de ensino médio revela menos o empenho do Estado português do que o do clero para com a educação. O governo em geral mal cumpria a função de fornecer um ensino básico. O certo é que o seminário-liceu apontava para a constituição de um público leitor mais sofisticado naquele arquipélogo, ainda que numericamente restrito.

Além de instituições oficiais e religiosas, temos a notícia, no periódico *A Imprensa*, de 1880, da abertura de um curso de caligrafia, desenho e pintura pelo prof. Antônio Maria Smith Chaves.[49]

Em 1899 apareceu ainda uma outra instituição de ensino em Cabo Verde, privada e paga, que ganhou algum destaque:

> A Associação Escolar "Esperança" tem por fim diffundir, apar da bôa educação, a instrucção popular theorica e pratica, para ambos os sexos, por escolas theoricas de instrucção popular e escolas praticas de artes e officios, desviando assim a mocidade do vicio e da ociosidade, inspirando-lhe o amor pela instrucção, pelo trabalho e pelo bem.[50]

Fundada pelo diretor do *Almanach Luso-Africano*, Antônio Manuel da Costa Teixeira, não sabemos se chegou efetivamente a funcionar. De qualquer modo, no final do século XIX, Cabo

---

48. Francisco Ferreira da Silva, "Seminario Lyceu de Cabo Verde -- Edital", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1891, 29 ago., n. 35, p. 200; "Instrucções e disposições regulamentares do seminario lyceu de Cabo Verde na Ilha de S. Nicolau", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1892, 1 out., n. 40, pp. 273-276; A. da C. T., "Seminario de Cabo-Verde -- I (Creação e constituição)", *Almanaque Luso-Africano*, 1899, pp. 185-186; A. da C. T., "Seminario-Lyceu de Cabo-Verde (Installação)", *op. cit.*, 1899, pp. 196-197; A. da C. T., "Seminario-Lyceu de Cabo-Verde", *Almanaque Luso-Africano*, 1899, pp. 212-215; A. de C. T., "Seminario de Cabo-Verde (O edificio)", *op. cit.*, 1899, pp. 271-273. Além das matérias sobre o liceu, no *Almanach Luso-Africano* aparece sobre educação um texto de Júlio Diniz, "O professorado primario" (p. 487), que trata da ingratidão que dedicamos aos professores primários. De A. da C. T., o "Methodo normal portuguez para aprender a ler racionalmente a lingua portugueza" (pp. 53-54), que apresenta as linhas gerais de um método de alfabetização fundamentado nos de Castilho, Caldas Aulete, João de Deus e Claudino Dias. De F. Ferreira da Silva, "A educação da mocidade nas escolas" (pp. 528-529), sobre o papel de formadora moral que as escolas devem assumir. E também de Mgr. Frayssinous, indicando tratar-se de uma conferência, aparece "A educação" (pp. 385-386), que comenta genericamente a importância social que possui a educação dos meninos.

49. "Instrucção" [sobre a abertura de um curso de caligrafia, desenho e pintura pelo prof. Antonio Maria Smith Chaves], *A Imprensa*, 1881, 7 jul., n. 54, p. 5.

Verde contava com uma estrutura escolar razoável, se confrontada com aquelas existentes no restante das colônias portuguesas na África.

> Uma estatística relativa ao ano de 1900 encontra uma população de 144.382 indivíduos compreendendo mestiços, negros e brancos. Neste mesmo ano, os valores de freqüência escolar davam uma percentagem de 64% ao mestiço, uma mais baixa ao negro, 30%, ficando os restantes 6% para o branco. Um apanhado estatístico mais largo, entre 1889/1890 e 1907/1908, mostra que, nesta viragem do século, as vantagens de proporção, na freqüência escolar, pertenciam ao branco, 3% da população, com 6% de alunos, e para o negro, 33% da população com 39% de alunos. Porém, em finais deste período, o branco subiu pouco, de 6% para 9%, enquanto o mestiço subiu de 55% para 65% a custa de uma quebra de alunos negros de 39% para 26%. (Carvalho, 1988: 61)

Por tais dados é possível constatar a ascensão intelectual dos mestiços em Cabo Verde, tal como já havíamos verificado em Angola.

Outro fato diretamente relacionado à educação e à leitura ocorre em Cabo Verde em 8 de março de1871: inauguraram-se a Biblioteca e o Museu Nacionais de Cabo Verde, na cidade da Praia. Seu regulamento[51] foi publicado pelo secretário-geral João Cezário de Lacerda e a biblioteca e o museu foram instalados provisoriamente no quartel-general. Abriram-se inscrições para aqueles que quisessem colaborar mensalmente com a nova institutição, os quais passariam a ter seus nomes publicados no boletim da colônia. Assim, em 1871, começaram a aparecer as notificações de doação de obras à biblioteca, com listas de obras doadas e seus respectivos doadores, o que ocorreria ao menos até 1883.

A instituição passou a receber doações enviadas pela Direção Geral da Marinha e de muitos particulares, pois tinha solicitado doações aos "principaes autores portuguezes". Apesar de seu caráter aleatório, trazendo as mais variegadas contribuições, temos nessas listas um dos horizontes de leitura dos cabo-verdianos.[52]

Em 1873 assumiu a presidência da comissão diretora Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão. Dois anos depois, elaborou um relatório de atividades da instituição,[53] dirigido ao governador-geral Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, no qual registrou a total falta de verbas para o aprimoramento da biblioteca, fazendo notar a iniciativa de requerer doações de

---

50."Associação Escolar 'Esperança'", *Almanaque Luso-Africano*, 1899, pp. 353-356.

51. João Cezario de Lacerda, Secretario Geral, "Regulamento da Bibliotheca e Museu Nacionaes na Provincia de Cabo-Verde", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1871, 11 mar., n. 10, pp. 48-49; "Cidade da Praia, 11 de março", *op. cit.*, 1871, 11 mar., n. 10, p. 52.

52. Apenas como exemplo das listas de doações a Biblioteca e Museu Nacionais podemos citar: "Bibliotheca e Museu Nacionaes" [lista dos títulos de livros enviados pelo comendador Ovide Urbain], *Boletim Official de Cabo Verde*, 1871, 30 dez., n. 52, p. 252; "Bibliotheca e museu nacionaes" [lista dos títulos de livros enviados pela direção geral da marinha e daqueles oferecidos por João de Carvalho Ribeiro Vianna, por José Antonio Marques, e por Miguel Eduardo Lobo de Bulhões], *op. cit.*, 1871, 22 jul., n. 29, p. 149; João Cezario de Lacerda, Augusto Carlos Pinto Osorio, "Bibliotheca e museu nacionaes" [lista dos titulos de livros enviados pela direção geral da marinha], *op. cit.*, 1871, 14 out., n. 41, pp. 207-208; "Bibliotheca e museu nacionaes" [doaçao de livros em francês], *op. cit.*, 1877, 2 jun., n. 22, pp. 99-100; "Bibliotheca e museu nacionaes" [doaçao de revistas em português e francês], *op. cit.*, 1877, 1 set., n. 35, p. 156; "Bibliotheca e museu nacionaes", *op. cit.*, 1883, 29 dez., n. 52, p. 262; Guilherme da Cunha Dantas, "Bibliotheca e museu nacionaes', *op. cit.*, 1884, 26 jan., n. 4, pp. 18-19.

53. Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão, "Bibliotheca e museu nacionaes", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1875, 23 out., n. 43, pp. 262-263.

livros a particulares e a autores consagrados. Até 1875, conforme Balsemão, a biblioteca tinha em seu acervo 1.493 volumes e 453 folhetos (entre jornais, manuscritos e cartas geográficas), sendo seu principal doador o marquês de Sá da Bandeira.

Balsemão ainda comentava o fato de ser aquela instituição "a unica que existe em toda a Africa portugueza".[54] Lembrava que a assiduidade de leitores era em média de oito ao dia (e noite). Em 1876, em média 200 obras eram solicitadas mensalmente, sendo que um terço delas era de caráter literário. Quanto ao museu, afirmava sua quase inexistência, alegando não haver espaço nem dinheiro para qualquer aquisição de novas peças enquanto se encontrassem nas instalações provisórias.[55]

É também significativa a seguinte nota que, em 1883, Balsemão fez publicar: "São convidadas todas as pessoas que tenham em seu poder livros pertencentes á bibliotheca d'esta cidade, a mandarem-os restituir com a possivel brevidade",[56] o que reforçava o fato do funcionamento efetivo da instituição.

Em 1875, foi criada a sociedade Illustração Africana na ilha do Sal, que tinha por finalidade "deleitar o espirito, diffundir conhecimentos uteis por meio de leitura, e estreitar os laços sociaes". Para tanto, propôs a criação do Gabinete de Leitura da Povoação de Santa Maria da Ilha do Sal de Cabo Verde, publicando seus estatutos em 1875. O presidente da sociedade era Antônio Pereira Gambôa, e os secretários, Manuel José Martins e José Pedro Delgado.[57] Vinculados ao gabinete naqueles anos temos também os nomes de Augusto Carlos Pinto Osorio e João Cezário de Lacerda e, já em 1884, aparecia Guilherme da Cunha Dantas como encarregado.

Mas nesse cenário não poderia faltar a figura do livreiro. Em 1877, um anúncio intitulado "Serões romanticos. Agente na Praia -- Artiaga", saído no *Boletim Official de Cabo Verde*, assim dizia: "Acaba de receber um grande e variado numero de romances dos melhores auctores. Acompanham algumas obras, como brindes, vistas de Lisboa, Paris, Londres, etc., etc."[58] Havia assim um agente literário na cidade da Praia que trazia livros mais atualizados, o que ampliava o horizonte de leitura dos cabo-verdianos.

Em 1881, pelo que é possível depreender dos anúncios de doações de livros, criou-se a Biblioteca Pública da Ilha de S. Vicente, que ficou sob os cuidados de Custódio Duarte, possivelmente apenas uma mudança de estatuto da até então Bibloteca e Museu Nacionais. Tinha como protetor o conselheiro João Paes de Vasconcellos.[59] Já em 1884 saía um anúncio no boletim

---

[54]. Comenta ainda a contratação de um novo bibliotecário, Antônio Rogerio Gromicho Couceiro.
[55]. Este tinha por secretário Pedro Augusto Macedo d'Azevedo e por delegado interino Henrique José d'Oliveira; "Bibliotheca e museu nacionaes" [estatística de frequência], *Boletim Official de Cabo Verde*, 1876, 8 abr., n. 15, p. 81.
[56]. Eduardo A. de Sá Nogueira P. de Balsemão, "Bibliotheca e museu nacionaes", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1883, 6 out., n. 40, p. 203.
[57]. Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão, "Estatutos do gabinete de leitura da povoação de Santa Maria da ilha do Sal de Cabo-verde", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1875, 10 abr., n. 15, pp. 100-101.
[58]. "Serões romanticos. Agente na Praia -- Artiaga", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1877, 18 ago., n. 33, p. 150.
[59]. "Biblioteca publica da ilha de S. Vicente", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1881, 6 ago., n. 32, pp. 180-181; "Bibliotheca publica de S. Vicente", *op. cit.*, 1884, 23 fev., n. 8, p. 42 ; 17 abr., n. 16, p. 113; 5 jun., n. 23, p. 156;

da colônia da Biblioteca Pública da Cidade da Praia, o que revelava uma real ampliação no acervo literário dos cabo-verdianos.[60]

Além de livros, havia também lugar em Cabo Verde para interpretações dramáticas. Existiu, pois, o Teatro D. Maria Pia de Sabóia, que, no domingo de 23 de junho de 1867, por exemplo, apresentava uma

> récita em beneficio do mesmo theatro -- irá á scena -- *Uma Entalação* -- Comedia em um acto; desempenhada pelos Srs. Moniz, H. Silva, Izidro, Padrel, Ribeiro, Vasconcellos e Azevedo -- *O Zelador* -- Scena comica; desempenhada pelo Sr. Dias -- *O Ferro Velho* -- Comedia em dois actos; desempenhada pelos Srs. Moniz, Dias, Azevedo, Vasconcellos, H. Silva, Ribeiro, Padrel e Izidro. Principia ás 9 horas da noite.[61]

No que concerne às associações, no mesmo ano de 1867, foram publicados os "Estatutos da Associação Igualdade", redigidos por Antônio de Mello Varajão, seu secretário-geral. A associação tinha por intuito a conclusão do teatro D. Maria Pia de Sabóia e o "estudo recreativo e proficuo da arte dramatica".[62]

Não sabemos que fim levou a Associação Igualdade e o próprio teatro, mas o certo é que, em 1874, surgiu uma nova empreitada associativa, o que se evidenciava pela publicação dos "Estatutos da sociedade instructivo-recreativa da villa da Ribeira Brava da ilha de S. Nicolau de Cabo-Verde". Já no ano seguinte, um anúncio do "Club Recreativo" (talvez a mesma sociedade acima referida) revelava seus propósitos: promover bailes e jogos, reservando o direito à direção do clube de convidar os visitantes que ali se encontrassem a participar de suas atividades. Era seu presidente o mesmo Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão, que estava à frente da Biblioteca e Museu Nacionais.[63]

O fato é que tais sociedades proliferavam naqueles anos. Alberto Duarte Carvalho pôde recensear cerca de 42 instituições de caráter cultural, religioso, humanitário, social ou profissional em Cabo Verde até o ano de 1908.

Os esforços para educar e alfabetizar a população cabo-verdiana não diferem muito dos empregados em outras regiões. Todavia, por ser constituída de diversas comunidades pequenas assentadas em ilhas distintas do arquipélago, comunidades que foram para ali transportadas (já que, quando de sua descoberta, não havia grupos autóctones que as povoassem), parece que, se

---

12 jun., n. 24, p. 160; 19 jun., n. 25, p. 163; 26 jun., n. 26, p. 167; 3 jul., n. 27, p. 172; 10 jul., n. 28, pp. 174-175; 17 jul., n. 29, p. 179; 24 jul., n. 30, p. 184; 31 jul., n. 31, p. 192; 14 ago., n. 33, p. 203; 21 ago., n. 34, p. 211; 28 ago., n. 35, p. 217; 4 set., n. 36, p. 223; 11 set., n. 37, p. 227; 25 set., n. 39, p. 239; 2 out., n. 40, p. 247; 9 out., n. 41, p. 253; 16 out., n. 42, pp. 257-258; 23 out., n. 43, pp.262-263; 20 nov., n. 47, p. 290; "Bibliotheca publica de S. Vicente", *op. cit.*, 1889, 22 jun., n. 25, pp. 126-127.

60. "Bibliotheca publica da cidade da Praia", *op. cit.*, 1884, 23 fev., n. 8, pp. 41-42.

61. "Theatro de D. Maria Pia de Saboia", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1867, 22 jun., n. 25, p. 128.

62. Antônio de Mello Varajão, "Estatutos da Associação Igualdade", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1867, n. 6 jul., n. 27, pp. 135-137.

63. "Estatutos da sociedade instructivo-recreativa da villa da Ribeira Brava da ilha de S. Nicolau de Cabo-Verde", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1874, 19 dez., n. 51, pp. 313-315; "Club Recreativo", *op. cit.*, 1875, 13 fev., n. 7, pp. 48-49.

não houve um esforço maior por parte dos portugueses em europeizar aquela população, houve certamente menor resistência desta às investidas nesse sentido.

Construiu-se, pois, uma identidade "crioula", isto é, uma sociedade lingüística e culturalmente mestiça, que ganhou consciência literária somente na década de 1930, mas que já estabelecera uma rotina literária a partir de fins do século XIX, dispondo de um público, ao que tudo indica, mais "estatisticamente" real do que aquele encontrado em qualquer outra colônia luso-africana.

6. *O ensino da língua portuguesa na Guiné*

Serafim da Silva Neto, em sua *História da língua portuguesa* (1986: 513-514), transcreve um relato do capitão André Álvares de Almada, que, em 1594, esteve na Guiné. O capitão constatou que o rei, Ventura de Serqueira, um cristão, sabia ler e escrever e que diversos negros também dominavam em certo grau o português. Silva Neto fez notar que ali se falava uma variedade do português, possivelmente empregada como língua franca no contato entre negros e brancos.

Praticamente nada pudemos saber sobre o ensino da língua portuguesa na Guiné até o século XIX. Apesar de os portugueses terem ali presença desde o século XV, pouco restou dos primeiros empreendimentos pedagógicos lusitanos. Ávila de Azevedo (1958) comenta que, entre 1700 e meados do século XIX, a região não contava sequer com "obreiros" da fé.

Nos periódicos por nós consultados, sobre educação aparecem apenas uns "Estatutos do collegio das missões ultramarinas", publicados em 1885 no *Boletim Official da Guiné* e assinados por Manuel Pinheiro Chagas, então ministro do Estado de Negócios da Marinha e do Ultramar. Ali, o ministro observava que a instituição tinha por finalidade:

> [...] a educação intellectual e moral, e a ordenação dos mancebos europeus que se queiram dedicar ao sacerdocio, para satisfazer ás necessidades religiosas do real padroado na Africa, Asia e Oceania, e é o ponto central de todos os trabalhos religiosos nas possessões portuguezas.
>
> § unico. Este collegio é considerado seminario diocesano por preparar, como os seminarios ultramarinos, parochos, professores e missionarios para todas as dioceses do ultramar.[64]

Referia-se, provavelmente, ao Seminário de Cenache de Bonjardim, que, como vimos, formava os missionários para que atuassem nas colônias. A publicação de tais estatutos leva a inferir a atuação dos missionários na Guiné. Assim, já no último quartel do século XIX, era ainda a Igreja que continuava a atuar como instituição "civilizadora" de maior força naquelas paragens.

64. Manuel Pinheiro Chagas, "Estatutos do collegio das missões ultramarinas", *Boletim Official da Guiné Portugueza*, 1885, 7 fev., n. 6, pp. 33-35; 14 fev., n. 7, pp. 37-39; 21 fev., n. 8, pp. 43-44.

Nada mais pudemos recolher de peculiar ao ensino do português na Guiné durante o século XIX.

7. *O ensino do português em São Tomé e Príncipe*

A presença da Igreja em São Tomé e Príncipe também foi o único veículo letrado no estabelecimento do ensino do português até o século XIX. Os dogmas educacionais religiosos tinham presença marcante no boletim oficial daquela colônia no final da década de 1850.[65]

Sobre o ensino do português no decorrer do século XIX, pouquíssima informação pudemos arrolar. No que concerne ao ensino básico, tudo indica que foi em 1852 quando abriu-se a primeira escola laica das ilhas, sob a direção de João Ferreira Jervis.[66]

Em 1880, São Tomé já possuía uma escola principal e algumas escolas elementares. Porém, a constância e a qualidade do ensino na escola principal deixavam muito a desejar. Antônio Maria de Jesus Castro e Moraes, ao defender a qualidade das escolas principais das colônias junto aos membros do Conselho Inspetor de Instrução Pública de São Tomé e Príncipe, do qual era vogal, nota que não conseguira até ali exercer sua função de modo satisfatório, por causa da falta de condições materiais, declarando ainda que, antes dele, o cargo ficara vago por alguns anos. O mesmo professor atuava junto ao ensino primário, de modo provisório.[67]

Em 1881 foi publicado o "Regulamento das escolas da província de São Tomé e Príncipe", que estabelecia no primeiro capítulo, "Das escólas":

> Artigo 1. Na provincia de S. Thomé e Principe haverá as seguintes escólas:
> 1. Para o sexo masculino:
> Uma escóla principal na capital, e uma escóla de instrucção primaria elementar em cada uma das freguesias dos concelhos:
> 2. Para o sexo feminino:
> Duas escólas d'instrucção primaria elementar no concelho de S. Thomé, sendo uma na cidade e outra na villa de S. S. Trindade, e uma no concelho da ilha do Principe.
> Art. 2. As casas para estas escólas serão mandadas construir pelo governo da provincia, pelas camaras municipaes, juntas de parochia, e quaesquer associações para esse fim creadas, ouvida sempre previamente sobre taes construcções a junta de saude e as repartições technicas competentes, com o voto do conselho inspector d'instrucção publica.
> Artigo 3. Os livros, utensilios, mobilia e mais effeitos necessarios ás escólas serão fornecidos pelas camaras municipaes, juntas de parochia, e quaesquer associações creadas com esse intuito, competindo ao governo cuidar da nomeação dos respectivos professores e da sua manutenção, nos termos indicados na lei geral.

---

65. F. Stockler, "Pais de familia!", *Boletim Official de S.Tomé e Príncipe*, 1859, 19 mar., n. 68, p. 274; 16 abr., n. 70, p. 282.
66. "Conselho Inspector de Instrucção Publica. Acta da sessão de 3 de vonero de 1880", *Boletim Official de S.Tomé e Príncipe*, 1880, 27 nov., n. 48, p. 381.
67. "Conselho Inspector de Instrucção Publica. Acta da sessão de 3 de vonero de 1880", *Boletim Official de S.Tomé e Príncipe*, 1880, 27 nov., n. 48, p. 382; Sebatião Dias Lopes. "Escola d'instrucção primaria da Freguezia da Santissima Trindade", *op. cit.*, 1880, p. 258; Antonio Maria de Jesus Castro e Moraes, "Escola elementar d'instrucção primaria interinamente a cargo do professor da escola principal da cidade de S. Thomé", *op. cit.*, 1880, p.183.

§ unico. Os referidos fornecimentos serão satifeitos por via do conselho inspector, que julgará da sua necessidade.[68]

Era evidente o pouco investimento monetário da metrópole portuguesa em tal empreendimento, que deveria procurar recursos materiais nas câmaras, paróquias e associações locais. Pela publicação no *Boletim Official* das listas de alunos matriculados nas escolas de São Tomé (o que podia ter dois sentidos: falta de matérias no boletim ou necessidade de demonstrar que as escolas estavam em atividade, uma vez que possuíam alunos matriculados), ficamos sabendo que na Vila da Santíssima Trindade o padre Sebastião Dias Lopes dava aulas para 30 alunos, que o padre Luiz José da Silva dava aulas para 58 alunos na Freguesia da Nossa Senhora da Conceição da Ilha do Príncipe e que o próprio Antônio Maria de Jesus Castro e Moraes dava aulas de instrução primária na escola principal para 45 alunos.

Ainda em 1881, no *Jornal de S. Thomé e Principe* aparece uma pequena notícia que assim diz:

> Estão funccionando regularmente e com bastante numero d'alunnos, as duas escólas da cidade [ilha de São Tomé], de que são dignos professores os revmos. José Simões dos Santos e Silva, e Jeronymo Pereira Barbosa Neto, aquelle na freguezia da Conceição e este na da Graça.[69]

Assinalemos que praticamente todos os professores eram padres católicos, o que reforçava a presença da Igreja naquelas ilhas.

No capítulo seguinte do "Regulamento das escolas da província de São Tomé e Príncipe", subintitulado "Ensino", assim se rege:

> Art. 4. O ensino divide-se em complementar e elementar.
> O ensino complementar será leccionado na escóla principal; o ensino elementar nas escólas primarias propriamente ditas.
> Art. 5. As materia d'ensino que ás differentes escólas competem são as seguintes:
> 1. Á escóla principal:
> Grammatica portugueza e exercicios praticos de redacção.
> Historia e chorographia portugueza.
> Elementos de geographia e chronologia.
> Arithmetica e geometria elementar.
> Desenho linear.
> Rudimentos d'agricultura, mechanica, agrimensura e economia rural.
> Noções de direito civil e administrativo, e dos seus respectivos codigos.
> 2. Ás escolas primarias elementares para o sexo masculino;
> Leitura.
> Escrita.
> As quatro operações em numeros inteiros, fraccionarios e decimaes.
> Exercicio sobre o systema metrico decimal.
> Doutrina christã.
> Noções de moral, da constituição da familia e do dever do trabalho.
> 3. Ás escólas primarias elementares para o sexo feminino:
> Todas as disciplinas estabelecidas para o sexo masculino no n.2.

---

68. O Secretario Geral Custodio Miguel de Borja, "Regulamento das escolas da provincia de S. Thomé e Principe", *Boletim Official de S.Tomé e Príncipe*, 1881, 3 jan., n. 1, pp. 1-6.
69. "Escolas de ensino primario", *Jornal de S. Thomé e Principe*, 1881, 18 out, n. 7, p. 27.

> Rudimentos de grammatica portugueza e exercicios praticos de redacção.
> Todos os trabalhos proprios do sexo feminino, em especial os mais applicaveis ao uso das classes sociaes menos abastadas, e noções determinadas nos numeros 1., 2. e 3., serão dadas prelecções, pelos professores, uma vez pelo menos em cada semana, durante uma hora.[70]

Note-se que o ensino feminino era fundamentalmente prático, já que toda a parte lingüística e teórica podia ser ministrada em apenas uma hora semanal. A referência, quanto aos trabalhos femininos, àqueles mais aplicáveis "ao uso das classes sociaes menos abastadas", revelava que tais escola dirigiam-se efetivamente à população menos favorecida e daí o pouco interesse em ensinar-lhes matérias mais complexas, como seriam as de língua portuguesa ou as de direito civil. Provavelmente, o mesmo ocorria com o ensino voltado para os meninos, sendo reforçada sua face pragmática.

Segue-se a determinação do uso de compêndios escolhidos e aprovados pelo governo, oferecidos pelo governo da metrópole.

O fato é que em São Tomé e Príncipe, assim como na Guiné, não chegou a se constituir verdadeiramente uma elite letrada de alguma expressão local durante o século XIX. Se tal elite chegou a existir, foi apenas circunstancialmente e por curtos períodos, formada por indivíduos vindos da metrópole. É sintomático que Caetano da Costa Alegre (1864-1890), o primeiro poeta negro são-tomense, tenha feito toda sua formação letrada na metrópole.

---

70. O Secretario Geral Custodio Miguel de Borja, "Regulamento das escolas da provincia de S. Thomé e Principe", *Boletim Official de S. Tomé e Príncipe*, 1881, 3 jan., n. 1, pp. 1-6. Para detalhes sobre as diretrizes pedagógicas, ver também: "Regulamento provisorio da aula d'instrucção primaria da ilha de S. Thomé", *op. cit.*, 1861, 27 jul., n. 21, pp. 81-84; "Ministério dos Negócios da Marinha e Ultramar", *op. cit.*, 1870, 5 mar., n. 10, pp. 1-7; "Governo da Província. Portarias", *op. cit.*, 1874, 30 mai., n. 22, pp. 185-189.

CAPÍTULO 6

Considerações gerais sobre o público leitor nas colônias

Tomado em seu conjunto, o ensino do português nas colônias até o século XIX pode ser dividido em momentos históricos distintos. Ávila de Azevedo (1958) identifica três períodos na história do ensino na África: 1) os séculos XV e XVI; 2) o período da Restauração (1640) à Regeneração (1851); e 3) o período da Regeneração até 1940. Tal divisão nos parece adequada no que concerne à África; se considerarmos, porém, o conjunto das colônias portuguesas, temos de reformulá-la em alguns aspectos.

Não há o que alterar no primeiro período identificado por Ávila de Azevedo -- o dos descobrimentos e as décadas subseqüentes -- já que em Goa e Macau (e temos de incluir aí também o Ceilão, o Japão e algumas outras regiões asiáticas) temos o mesmo processo de catequização adotado na África.

No que diz respeito, porém, ao segundo período, o da pós-Restauração, que iria até 1851, acreditamos ser necessário estabelecer alguma distinção entre o ensino pré e o pós-pombalino, já que aí se iniciou o processo de laicização do ensino em Portugal e também em Goa e em Macau, ainda que nestas duas últimas localidades isso tenha acontecido de modo muito incipiente. Na África esse mesmo processo só teve início após a Regeneração de 1851, como bem observa Ávila de Azevedo. Assim, proporíamos como segundo período para o conjunto das colônias aquele que vai da Restauração de 1640 até o início do reinado de D. José, isto é, até 1750, quando Sebastião José de Carvalho e Melo -- que entraria para a história como marquês de Pombal -- assumiu a Secretaria do Estado de Negócios Estrangeiros e da Guerra.

Um terceiro período teria aí início e seu término ultrapassaria os limites deste trabalho, já que iria até o desligamento político de cada uma das colônias em relação a Portugal. Mas esse seria o momento que mais nos interessa, pois foi quando se deu o estabelecimento da imprensa liberal nas colônias portuguesas e quando o ensino laico da língua portuguesa passou, gradualmente, a ganhar importância aos olhos das comunidades coloniais, que então começavam a formar suas elites intelectuais.

Um quarto momento, que diz respeito a um período que está além da classificação de Ávila de Azevedo (lembremos que seu texto foi publicado em 1958) e também dos limites do atual trabalho, iria da perda do vínculo político com Portugal até os dias de hoje. Nesse quarto

momento, que tem início na década de 1960, o uso do português ou perdeu lugar para outras línguas locais (como foi o caso de Goa, Damão e Diu) por razões políticas e culturais, ou foi assumido como língua oficial, ganhando um tratamento lingüístico e didático particularizado (como ocorreu nas ex-colônias africanas). Macau seria, politicamente falando, uma exceção, já que só perderá o vínculo oficial com Portugal no ano 2000. Porém, lingüisticamente, o ensino do português ali tem uma história similar à de Goa.

Podemos também fazer uma distinção territorial do ensino do português nas colônias. É evidente que, ao menos até o último quartel do século XIX, o português teve maior força em Goa e em Macau, isto é, na parte oriental dos domínios portugueses. Moçambique, entretanto, que também se encontra no lado oriental, ficou fora desse empenho didático.

Já na parte ocidental, Angola e Cabo Verde destacaram-se como regiões onde o aprendizado do português teve maior homogeneidade e constância. Na Guiné Bisssau e em São Tomé e Príncipe, como vimos, o ensino foi precaríssimo, ainda pior que em Moçambique.

Essa distinção entre o ensino do português na Índia e na China, de um lado, e nos países da África, de outro, faz pensar que, além de razões econômicas e comerciais, essa distinção se fazia pelo próprio modo como o português pensava a diversidade cultural dos negros africanos. Num artigo anônimo, "Instrucção do sexo feminino", saído em *O Vigilante* de Moçambique, o redator defendia a instrução primária para toda a população, e em especial para a mulher africana, e comentava:

> Imagine-se, que progresso é possivel haver, nesta provincia e principalmente neste districto [de Quelimane] onde os costumes adulterando-se de dia para dia, acabaram de tocar o auge da corrupção, onde o proprio irmão e muitas vezes o proprio pae, imprime o ferrete de ignominia na fronte da propria irmã, da propria filha?![71]

Quando se fala em educação, e certamente podemos generalizar esse discurso para todas as colônias, fala-se tanto no ensino do português como também em mudança radical de hábitos culturais, na instituição de uma nova ordem social, psicológica e religiosa, o que fica evidenciado pelo choque cultural que o trecho acima revela ao fazer referência a práticas de incesto -- quer fossem reais ou não.

Em Goa e em Macau, a preocupação educacional recaía sobre o ensino do português, já que no embate cultural os portugueses até certo ponto respeitavam e mesmo admiravam as culturas ali estabelecidas (lembremos, por exemplo, o amálgama entre o confucionismo e o catolicismo, em Macau, e entre o bramanismo e o catolicismo, em Goa, elaborados pelos jesuítas). O mesmo não se dava na África, pois ali se tratava de enfrentar uma grande diversidade de culturas completamente desqualificadas, e mesmo perniciosas, aos olhos do europeu, na busca de instituir um padrão cristão e "civilizado" de vida.

---

[71]. "Instrucção do sexo feminino", *O Vigilante*, 1º Anno, 1882, 24 set, n. 7, p. 2.

Isso gerou um modo distinto de lidar com o ensino do português no Oriente e na África. Considerado intelectual e moralmente inferior, ao negro serão atribuídas qualidades físicas e práticas que pouco precisavam da língua escrita para serem desenvolvidas. Daí o pouco empenho em fazer que o negro fosse alfabetizado. Antes, importava que fosse moralizado. É verdade que se revelava a mesma intenção catequética e moralizadora junto ao indiano e ao chinês, mas por tais sociedades apresentarem sofisticação material e tecnológica próxima da dos europeus, estes tinham maior respeito por suas peculiaridades culturais. Além disso, não eram sociedades totalmente ágrafas, pois algumas línguas indianas tinham forma escrita, o mesmo acontecendo com algumas variantes do chinês.

De qualquer modo, ainda que possamos considerar que esta ou aquela colônia tenha sido alvo de um melhor empreendimento pedagógico que outra, todas sem exceção, ao menos até o final do século XIX, tiveram no português antes uma referência de língua escrita (a maior parte das línguas praticadas nas colônias eram ágrafas) e de língua jurídica (pois as leis eram difundidas em português) do que modelo de língua de uso cotidiano, como queriam os portugueses.

Numa avaliação geral, o ensino do português nas colônias durante o século XIX caracterizou-se pela precariedade em termos materiais (escolas) e humanos (professores), sem que pudesse contar com grande estímulo por parte das elites políticas locais. Entretanto, havia aqueles que pugnavam pela eficiência do ensino nas colônias. Em 1880 tivemos, por exemplo, o já citado Antônio Maria de Jesus Castro e Moraes, vogal do Conselho Inspetor de Instrução Pública em São Tomé em Príncipe, que afirmava serem eficientes as escolas principais das colônias, observando que:

> Confrontem-se os *Boletins Officiaes* das provincias ultramarinas desde que vigora o decreto de 30 de novembro de 1869; atente-se bem ao crescente numero de alumnos distinctissimos que ellas teem produzido com especialidade nas de Angola e Cabo-Verde, e conhecer-se-ha desde logo a justiça de uma tal asserção.[72]

Mas sabemos a distância entre o discurso e a realidade. Diferentes perspectivas, diversificados interesses, distintas vontades fizeram que colonos e portugueses tivessem visões diversas do processo colonial no qual interagiam. Uma coisa, porém, era certa: Portugal não conseguia manter adequadamente suas colônias aos olhos dos próprios colonos e da comunidade internacional. No artigo de *O Vigilante*, supracitado, temos ainda uma forte crítica à admininstração portuguesa na África:

> Occupar as colonias, e não instruir povos; lembrar das colonias, para acommodar os afilhados; consumir sommas fabulosas com luxuosas expedições das obras publicas; impôr deputados, opprimindo a liberdade do voto; onerar os povos por meio de impostos

---

72. "Conselho Inspector de Instrucção Publica. Acta da sessão de 3 de vonero de 1880", *Boletim Official de S. Tomé e Príncipe*, 1880, 27 nov., n. 48, p. 382.

> pezadissimos; enviar para as colonias tudo quanto é imprestavel, prejudicial e perniciozo á sociedade e ate as mais asquerosas fazes de Portugal.
>
> É este o unico sistema que invariavelmente rege as colonias portuguezes [sic] da Africa.[73]

E também Eça de Queirós perguntava-se:

> Para que temos colônias? E ai de nós que as não teremos muito tempo! Bem cedo elas nos serão expropriadas por utilidade humana. A Europa pensará que imensos territórios, pelo fato lamentável de pertencerem a Portugal, não devem ficar perpetuamente seqüestrados do movimento da civilização; e que tirar as colônias à nossa inércia nacional é conquistá-las para o progresso universal. Nós temo-las aferrolhadas no nosso cárcere privado de miséria. Não tardará que na Europa se pense em as libertar.
>
> Para evitar esse dia de humilhação sejamos vilmente agiotas, como sempre compete a uma nação do século XIX -- e vendamos as colônias. (Queirós, 1890, v. 1: 164-165)

Não foram "vilmente agiotas". Não venderam as colônias. E também não evitaram a humilhação de gerar uma guerra hedionda e, ainda assim, ver as colônias tornarem-se independentes.

A história do ensino do português nas colônias ainda está por ser devidamente escrita e pelos fragmentos que aqui pudemos reunir faz-se difícil delinear o estado real do ensino colonial no século XIX. A distância entre o discurso e a prática e a falta de dados numéricos confiáveis são fortes entraves para entender o papel das escolas e o efetivo aprendizado do português nas colônias. Todavia, a lenta atuação das instituições religiosas, do ensino particular nas casas, das escolas públicas e privadas, da formação intelectual na metrópole, enfim, a soma dos pequenos esforços aqui arrolados acabou por gerar ainda no século XIX uma viva imprensa periódica em língua portuguesa em quase todas as colônias.

Seus agentes eram homens educados por intermédio dos empreendimentos acima referidos, valendo lembrar que, ao menos antes do acirramento da política neocolonial nos primeiros decênios do século XX, o mestiço foi o que mais se beneficiou com o ensino do português, conseguindo a partir daí alguma ascensão social. Baseado no que comentamos sobre Goa, Angola e Cabo Verde, podemos concluir que houve um conjunto significativo de mestiços atuando na área intelectual no final do século XIX.

O público real dos periódicos que serão aqui tratados parece ter sido irrisório, como se constata pelo mapeamento que acabamos de realizar. Entretanto, houve um amplo público virtual nas colônias -- e isso é o que mais interessa --, resultado da constante emulação dos escritores estabelecidos nas colônias para com os escritores portugueses, franceses, ingleses e mesmo brasileiros. A prática emulativa fazia que o público real dos autores emulados surgisse virtualmente no trabalho dos emuladores, ainda que concretamente esse público fosse restrito no que concerne à política e restritíssimo no que concerne à literatura e à ilustração.

Em matéria de política, que, como vimos, constitui a vertente mais forte do periodismo colonial, as publicações estabeleciam um persistente diálogo de mão única com a metrópole, uma

vez que tais publicações eram pouquíssimo lidas em Portugal e menos ainda comentadas. Todavia, estabeleciam também um constante diálogo com a comunidade política local, resultando num animado debate entre os periódicos que representavam interesses e facções políticas distintas.

Em matéria de literatura e artes, não havia exatamente diálogo ou debate, mas, sim, uma produção voltada para um público virtual que seguiria o hipotético gosto literário vigente na metrópole. Além disso, havia uma produção que interagia concretamente com o cotidiano das colônias, publicando literatura de ocasião (aniversários, recepções, mortes etc), geralmente de caráter laudatório, ou literatura de natureza política, entrando pelo viés da sátira.

Veremos, pois, adiante, em que medida os públicos virtual e real definiram o perfil literário de cada colônia, estabelecendo parâmetros para a apreciação literária e valorizando o papel laudatório da literatura.

---

[73]. "Instrucção do sexo feminino", *O Vigilante*, 1º Anno, 1882, 24 set., n. 7, p. 1.

PARTE 3

O eixo oriental: Goa, Macau e Moçambique

Aprender escrevendo ou escrever aprendendo, tal é pois a nossa divisa, e tal será sempre o alvo que teremos em mira como norte invariável. Viveremos acaso illudidos nas nossas esperanças? Não o sabemos, e só o futuro é quem nôl-o pode responder.

(*Tirocínio Littterario*, n. 1, Goa, 1862)

CAPÍTULO 7

O jornalismo literário e de ilustração em Goa

1. *O modelo de O Panorama*

De acordo com o que foi desenvolvido na primeira parte deste trabalho, pudemos constatar que *O Panorama* se tornou o paradigma de publicação literária e de ilustração tanto para os portugueses como para os brasileiros. Vejamos agora como tal paradigma chegou às colônias e serviu de modelo para as publicações que primeiramente ali se fizeram. Isso se deu de modo mais notório em Goa, que durante o século XIX viveu um amplo e diversificado surto de periódicos. Segundo Vimala Devi e Manuel de Seabra:

> O século XIX foi, na verdade, da maior importância para as letras goesas, coincidindo com o remoinho de novas descobertas em todos os domínios das ciências e das artes, que da Europa, naturalmente, passavam à Índia, contribuindo muito para estimular os Goeses na busca de uma definição mais precisa da sua consciência como singularidade cultural. (1971: 134)

Grande parte dessa singularidade ganhou forma e expressão nos periódicos literários e de ilustração. A primeira publicação do gênero na Índia portuguesa foi *A Bibliotheca de Goa* (Goa, jan., 1839), que teve vida curtíssima e sequer chegou a constituir de fato um periódico, já que publicou um único exemplar, redigido por João Antônio d'Avelar e outros, e que infelizmente não pudemos ter em mãos.

Em seguida, entrou em cena *O Encyclopedico -- Jornal d'Instrucção e Recreio* (31 jul. 1841 -- 30 jun. 1842), editado mensalmente e dirigido por Cláudio Lagrange Monteiro Barbuda. Fora, segundo Miranda (1863: 110), "o pequeno *Panorama* da litteratura indiana". E, de fato, pudemos constatá-lo no texto introdutório do periódico. Os redatores, após delinearem um rápido e interessante resumo da história das publicações periódicas na Europa e em Portugal, comentam as de teor literário e confrontam as do século XVIII e XIX, notando o desenvolvimento cada vez maior de um caráter mais leve e descontraído, de recreio e utilidade, em tais publicações. Discorrem, então, sobre as diretrizes do periódico:

> Desejando ajudar, quanto em nós he, o progresso moral da sociedade, em que vivemos, *O Encyclopedico* promette extrahir dos jornaes Portuguezes, e d'alguns estrangeiros, os artigos que dão conta de trabalhos, ideais e invenções uteis, e que forem tão recommendaveis pela materia, como pela forma. E não nos esqueceremos do que a experiencia ensinou a hum dos

> nossos mais distinctos Escriptores contemporaneos, que dividiu os leitores em tres classes, das quaes a mais numerosa he a daquelles, que gostam d'instruir-se recreando-se. *Utile dulci.*[1]

É uma referência direta às três classes de leitores que Herculano definira, três anos antes, numa das duas cartas endereçadas a Adrião Forjaz de Sampaio, as quais aqui foram resenhadas ao comentarmos os modelos de *O Panorama*. No entanto, tais cartas foram publicadas somente no final do século, mais exatamente em 1896, em *O Conimbricense*. Quer Adrião Forjaz de Sampaio tenha divulgado seu conteúdo de algum modo, quer o próprio escritor tenha expressado tais idéias em outra oportunidade, o certo é que os redatores se referem ao autor de *Enrico*, que sempre desfraldou bandeiras pelo *utile dulci*.

O título do periódico goês, assim como várias outras publicações que o antecederam,[2] reporta-nos imediatamente a uma publicação francesa de grande reputação, a *Revue Encyclopédique*, fundada em 1777, em Paris, e editada por H. Carnot e P. Leroux. Os redatores goeses, no entanto, referem-se somente ao *Jornal Encyclopedico* de 1799, de Lisboa, publicado por integrantes da Academia Real de Ciências. Se lembrarmos que alguns anos antes, mais exatamente em 1836-1837, publicava-se em Lisboa um *Jornal Encyclopedico*, podemos encontrar aí a referência historicamente mais próxima, porém não declarada dos redatores goeses. O periódico lisboeta de 1836 possuía, até mesmo, em linhas gerais, o mesmo formato de *O Panorama*, com textos diversificados, gravuras, apresentando, no entanto, tamanho de página menor que este, textos mais curtos e menos densos, com uma diagramação bastante mais leve, tal qual o periódico goês.

Corroborando a relação com o *Jornal Encyclopedico*, temos a gravura subintitulada "Os gemeos de Siam", estampada no primeiro número do periódico goês, sendo que já aparecera exatamente no primeiro exemplar do periódico lisboeta de 1836. Além dessa, a gravura "A Esphinge", de Bordallo, e o texto correspondente, "Monumentos do Egypto", estampados no segundo exemplar de 1841, foram retirados também do segundo exemplar do *Jornal Encyclopedico* metropolitano; o mesmo se passou com o texto e a gravura intitulados "Barcelona". Importa ressaltar, no entanto, que o periódico lisboeta dava amplo espaço para a moda de vestuário feminino, com textos e gravuras sobre o assunto, no que não era acompanhado pelo goês. O fato aponta, por um lado, para a vontade dos goeses de -- ainda que reproduzindo extratos de outros periódicos -- manterem-se sempre próximos do modelo de *O Panorama*, que não chegava a abordar matérias consideradas "fúteis". Mas cabe lembrar que, naqueles anos, as mulheres goesas, ainda que católicas, não se vestiam rigorosamente à moda ocidental.

Geralmente não indicavam a fonte de onde se retiravam as matérias publicadas, porém, pelas gravuras e pelos textos correspondentes, logo podemos identificar várias delas como

---

1. "Aos nossos leitores". *O Encyclopedico*, 1841, n. 1, p. 3.
2. Já em 1788 aparecia em Lisboa um periódico com o título de *Jornal Encyclopedico*, logo surgindo outro em 1806, outro ainda em 1820 e mais outro em 1836.

extraídas de *O Panorama*.[3] Além disso, citavam textualmente como fontes o *Journal des Lundes*, *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, *Jornal dos Amigos das Letras*,[4] *A. C. de U.*, *C. L.*, *Revue de Paris*, *F.F.*, *Ann. Hist.*, *O Artil.*, *Journal des Villes et des Compagnes* e *Man. d'économie domestique*. Também foram transcritos textos da *Encyclipedia Portugueza*, de documentos oficiais e da *Harpa do Crente*, de Herculano, de onde se extraiu o poema "A victoria e a piedade".[5] Constata-se, pois, que as fontes selecionadas eram não só portuguesas, mas também francesas e mesmo brasileiras.

Miranda (1863: 110) ressalta o fato de ali ter saído pela primeira vez "a arte palmarica escripta pelos padres da companhia de Jesus, agronomos theoricos e praticos da antiguidade, a quem deve muito a nossa agricultura, e cujo melhor elogio são as multiplicadas edições que esta arte tem tido em Portugal e na India". Lembrando o interesse que Herculano e, portanto, o próprio *O Panorama* revelavam pelo desenvolvimento agrícola, estimulando-o o quanto podiam, é possível entrever aqui a incorporação, por parte das elites letradas coloniais, da vulgarização de tais conhecimentos, concebida como forma de atingir um melhor grau de "civilização".

Além disso, estampavam artigos da mais variada natureza e, tal qual *O Panorama*, tanto publicavam matérias de teor prático, feito o "Modo de lavar a ganga sem lhe fazer perder a cor", quanto matérias de teor filosófico, como "Literatura -- Rudimentos ideologicos". Também uma espécie de proto-sociologia literária -- muito comum nesses anos --, que pintava com cores românticas os tipos e cenários que retratava, teve lugar em "O pobre, sua vida e morte". Vale ainda registrar aqui a presença de um tema recorrente nas publicações goesas: o do comportamento do marido em relação à mulher no casamento. O artigo "Castigo dos maridos fracos"[6] iria refletir sobre esse tema polêmico, já que o lugar da mulher -- e por conseqüência o do marido -- eram bastante distintos nas sociedades hindu e cristã, obrigando o goês a encontrar um meio termo entre os dois modelos.

---

[3]. P., "Idade dos Estados portugueses na India até o auge da sua grandeza", *O Encyclopedico*,1842, 31 mar., n. 3, p. 57-60; P., "Modas", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 6, p.158-161; P., "A grande alca do norte", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 6, p.165-165; "O esposo assassino. Chronica de Genova", *op. cit.*, 1841, 30 set., n. 3, p. 78-81; P., "Os reis de poucos dias", *op. cit.*, 1841, 30 set., n. 3, p. 78; P., "Caffres e as suas choças", *op. cit.*, 1841, 31 out., n. 4, p. 85-87; P., "Os reis de poucos dias. Conclusão do artigo começado no n. ultimo, pag. 78", *op. cit.*, 1841,31 out., n. 4, p. 90; P., "Circulação do sangue", *op. cit.*, 1841, 31 out., n. 4, p. 92-93, além das gravuras (e textos correspondestes) que se seguem: "A esphinge", Lith. de Goa, *op. cit.*, 31 ago., n. 2, p. 38/39; "Caffres e as suas choças", Lith. de Goa, *op. cit.*, 1841, 31 out., n. 4, p. 84/85; "A remora", *op. cit.*, 1841, 31 out., n. 4, p. 94/95; "Ponte suspensa de Friburgo, na Suissa", Lith. de Goa, *op. cit.*, 31 out., n. 4, p. 96/97; "O ornithorinco", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 5, p. 140/141; "Napoleão", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 5, p. 144/145; "A grande alca do norte", *op. cit.*, 1841, n. 6, p.164/165; "Velho e rapariga do Cantão de Soleue [Soleure]", Lith. de Gôa, *op. cit.*, 1842, 31 jan., n. 1, p. 22/23; "Vista de Moscow", Lith. de Goa, *op. cit.*, 1842, 31 mar., n. 3, p.60/61; "Carlota Corday", Lith. de Gôa, *op. cit.*, 1842, 30 abr., n. 4, p. 92/93.

[4]. Lembremos que em 1836 aparece em São Paulo um periódico dos alunos da Academia de Ciências Sociais e Jurídicas intitulado *O Amigo das Letras*, dirigido por Josino do Nascimento Silva.

[5]. *O Encyclopedico*, 1841, n. 2, p. 54-55.

[6]. Y., "O pobre, sua vida e morte", *O Encyclopedico*, 1842, 31 jan., n.1, p. 16-17; (Man. d'économie domestique), "Modo de lavar a ganga sem lhe fazer perder a cor", *op. cit.*, 1842, 28 fev., n. 2, p. 54; "Literatura. Rudimentos ideologicos", *op. cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 5-7; "Variedades. Os gemeos de Siam", *op. cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 9-11; "Castigo dos maridos fracos", *op. cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 15.

São esses apenas alguns exemplos da diversidade de temas tratados em *O Encyclopédico*, revelando que os goeses procuravam manter-se sintonizados com o andamento da metrópole, ao mesmo tempo que selecionavam ali o que lhes era de interesse mais direto.

Já no que concerne à literatura em prosa, é bastante difícil definir os diversos gêneros que apareciam nas revistas românticas em geral. Colocando à parte aquilo que já se apresentava como texto propriamente histórico -- como o entendemos hoje --, podemos lembrar algumas denominações correntes, como crônica histórica, episódio histórico, episódio moral, conto, novela, romance, narrativa de viagem etc.

Publicaram-se diversos textos históricos, chegando-se mesmo a estampar, de Martinez de la Roza, o artigo "Qual he o methodo ou systema preferiveis para escrever a historia?". Apesar de a história portuguesa ter maior presença nas páginas do periódico, procuravam também reproduzir textos sobre a história de outros países europeus, como era o caso do texto "Lanço de vista sobre a historia da Inglaterra" ou "História dos quakers -- Traduzida de Voltaire", assim como procuravam estampar matérias mais próximas da realidade colonial, tal qual "Das primeiras moedas que se cunharam em Goa". Mas era a narrativa de vidas e episódios notáveis que mais apareciam, ao feitio dos textos sobre "D. Maria Ursula d'Abreu e Lencastro" e sobre "O duque de Bragança no cerco do Porto".[7] Havia, por sinal, uma evidente preferência em *O Encyclopedico* pelas narrativas de teor histórico, sendo possível citar já no primeiro exemplar diversas delas, tais como "A columna Strozzi, ou da pega ladra", "Supplicio do esculptor Torreciano" e "O rei dos ashentis".[8]

De textos narrativos inteiramente ficcionais apareceram a novela "A gruta d'amor -- Novella historica", de David Bartolotti, e a "Invocação de Volney", assinado por "Bom Senso". A mais longa e interessante das narrativas, porém, era o conto, ou novela, "Religião, amor e patria -- Romance historico", apenas com a indicação de ter sido retirado do *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, o que pode significar a autoria de um brasileiro. Também apareceram outras duas novelas: "Almanza -- Novella mourisca" e "Appia -- Novella romana". Além dessas, foi publicado o conto "Fatima, e Zendar, ou O fatal destino". Era evidente o gosto pelo drama amoroso ambientado em lugares ou épocas distantes.[9]

---

7. Marinez de la Roza, "Qual he o methodo ou systema preferiveis para escrever a historia?", *O Encyclopedico*, 1842, 31 mai., n. 5, p. 109-113; B., "Lanço de vista sobre a historia da Inglaterra", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 5, p. 138-140; "Historia dos quakers. Traduzida de Voltaire", 1842, 28 fev., n. 2, p. 36-40; (Ann. Hist.), "D. Maria Ursula d'Abreu e Lencastro", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 6, p. 161-162; (O Artilh.), "O duque de Bragança no cerco do Porto", *op. cit.*,1842, 31 jan., n. 1, p. 21; C. L., "Das primeiras moedas que se cunharam em Goa", *op. cit.*, 1842, 31 mar., n. 3, p. 77-78.

8. "A columna Strozzi, ou da pega ladra", *O Encyclopedico*, 1841, 31 jul., n. 1, p.12-13; "Supplicio do esculptor Torreciano", *op.cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 14; "O rei dos ashentis", *op. cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 15.

9. David Bartolotti, "A gruta d'amor. Novella historica", *O Encyclopedico*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 19-21; (Bom Senso), "Invocação de Volney", 1841, 31 ago., n. 2, p. 51; [*J. do C. do Rio de Janeiro*], "Religião, amor e patria. Romance historico", 1841, 30 set., n. 3, p. 67-74; 31 out., n. 4, p. 99-103; 30 nov., n. 5, p.131-132; 31 dez., n. 6, p. 154-158; "Almanza. Novella mourisca", *op. cit.*, 1842, 31 jan., n. 1, p.17-20; (cont.) "Almanza. Novella mourisca", *op. cit.*, 1842, 28 fev., n. 2, p. 42-47 (cont. e concl.) "Almanza. Novella mourisca", *op. cit.*, 1842, 31 mar., n. 3, p. 63-

Apesar de não ser um trabalho ficcional, vale registrar aqui a presença de Lamartine com seu texto "Deveres civis dos parachos".[10] Basta recordar o quão católicos eram -- e ainda o são -- os goeses para se ter idéia da força que os trabalhos de Lamartine ali possuiriam.

Quanto aos poemas, muitos deles encontravam-se sem qualquer indicação de autor. Por vezes apareciam apenas assinados por iniciais, o que nem sempre se referia ao autor mas, sim, ao título da publicação de onde foram extraídos. Diversos outros, no entanto, encontravam-se devidamente creditados, como, por exemplo, "A madrugada no Porto", de J. J. Lopes de Lima, com indicação de ter sido extraído do *Jornal dos Amigos das Letras*, e o já citado poema "A victoria e a piedade", de Alexandre Herculano, extraído da *Harpa do crente*. Outros foram retirados de miscelâneas, como o "Lucrecia", pertencente à *Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade*. Ainda com indicação de autor, apareceu a "Ode a Lisboa -- sobre a decadencia das nossas conquistas na Asia", de Antônio Ribeiro dos Santos, um "Soneto", de Bocage, e, finalmente, "As duas irmãas, huma trigueira, outra branca, e loura", de Gentil. Entre os assinados por iniciais temos o poema de F. L. d'A., "Amor e receio -- conto"; o de G., intitulado "Conto"; o de C. L., sem título; o de C., também sem título; outro de C., intitulado "Lyra"; e de R., denominado "Mote - Gosa hum puro Céo d'amor/Quem gosar tua belleza -- Glosa do marujo". Nesses trabalhos, é possível constatar o gosto pelo poema narrativo ao modo romântico, ao lado do poema de tradição neoclássica.[11]

Interessa especialmente registrar os poemas sem qualquer indicação de autor ou da publicação de que foram extraídos, já que alguns deles podiam ser de autoria de goeses. Apareceram, pois, os seguintes poemas: "Conto epigrammatico", "Mote: o meu bem he pouco pratico - Glosa jocosa", "Soneto - A hum velho que pinta as sobrancelhas, e traz dentes postiços", "O perjuro arrependido - Lyra", "Apologo - Os dois carangueijos", "Methamorphose - Cenêo, Solina, e Déste", "Sonho realisado". Aqui o neoclacissismo é predominante em suas formas lírica e satírica.[12]

70; "Appia. Novella romana", *op. cit.*, 1842, 30 abr., n. 4, p. 94-96; "Fatima, e Zendar, ou O fatal destino", *op. cit*, 1842, 31 mai., n. 5, p.121-125.

10. (Extrahido de Lamartine), "Deveres civis dos parachos", *O Encyclopedico*, 1841, 31 ago., n. 2, p. 31-35.

11. F. L. d'A., "Poezia. Amor e receio. Conto", *O Encyclopedico,* 1841, 31 jul., n. 1, p. 24-27; G. "Conto", *op. cit.*, 1841, 31 jul., n. 1, p. 27-; J. J. Lopes de Lima (extraído do "Jornal dos Amigos das Letras"), "A madrugada no Porto", *op. cit.,* 1841, 31 ago., n. 2, p. 53-54; Alexandre Herculano (extraído da "Harpa do crente"), "A victoria e a piedade", *op. cit.*, 1841, 31 ago., n. 2, p. 54-56; Miscell. de Miguel Leitão de Andrade, "Dialogo O Lucrecia", *op. cit.,* 1841, 31 ago., n.2 , p. 56; C. L., [sem título], *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 5, p. 142-143; Antonio Ribeiro dos Santos, "Ode a Lisboa -- sobre a decadencia das nossas conquistas na Asia", *op. cit.*, 1841, 30 set., n. 3, p. 83-84; C., [sem titulo], *op.cit.*, 1841, 31 out., n. 4, p. 115-116; Bocage, "Soneto", *op. cit.*, 1841, 30 nov., n. 6, p.168; C. Lyra, *op. cit.*, 1842, 31 mar., n. 3, p. 82-83; Gentil, "As duas irmãas, huma trigueira, outra branca, e loura", *op.cit.*, 1842, 28 fev., n. 2, p. 55-56; R. "Mote. Gosa hum puro Céo d'amor / Quem gosar tua belleza". "Glosa do marujo", *op. cit.*, 1842, 31 mai., n. 5, p.131.

12. "Conto epigrammatico", *O Encyclopedico*, 1841, 30 nov., n. 6, p. 168; "Mote: o meu bem he pouco pratico. Glosa jocosa", *op. cit.,* 1841, 30 nov., n. 6, p. 168; "Soneto -- A hum velho que pinta as sobrancelhas, e traz dentes postiços", *op. cit.*, 1842, 31 jan., n. 1, p. 27; "O perjuro arrependido. Lyra", *op. cit.*, 1842, 31 jan., n. 1, p. 27-28; "Apologo. Os dois carangueijos", *op. cit.*, 1842, 31 jan., n. 1, p. 28; "Methamorphose. Cenêo, Solina, e Déste", *op. cit.*, 1842, 30 abr., n. 4, p. 104-108; "Sonho realisado", *op. cit.*, 1842, 31 mai., n. 5, p.130-131.

Mas foi *O Compilador*[13] (27 set. 1843 - 31 dez. 1847), semanário pitoresco, redigido pelo mesmo João Antônio de Avelar, de *A Biblioteca de Goa*, que mais próximo esteve de *O Panorama*.

> Era destinado a colligir as mais escolhidas publicações que na Europa se espalham tão abundantemente, e que infelizmente não estão ao alcance do geral dos leitores deste tão afastado paiz, onde os conhecimentos se transmittem com muito vagar, e a aquisição dos bons livros he custosa; o que cumpriu, reproduzindo na maxima parte os bem ellaborados artigos do *Panorama*, periódico distincto na litteratura portugueza, que então a sociedade dos conhecimentos uteis publicava em Portugal. (Miranda, 1863: 111)

Saía aos sábados e continha entre oito e dez páginas por exemplar, com o mesmo tamanho e a mesma diagramação de *O Panorama*. Era um periódico ilustrado, científico e literário. Assim como o periódico lisboeta e provavelmente retirado daquele, apresentava seu "Semanario Historico", isto é, uma relação cronológica dos principais acontecimentos da história do Ocidente e, em particular, de Portugal. Possuía muitas estampas, sendo que muitas delas -- as de página inteira -- eram assinadas por Manoel Cunha Mold... (?). Mas mesmo essas não eram originais e sim reproduções de estampas de *O Panorama* e de outros periódicos.

Não publicava praticamente nada de cunho local. Tudo eram extratos de revistas portuguesas e por vezes também francesas, ou mesmo inglesas. Durante os dois primeiros anos, não indicou na maior parte das vezes a origem dos artigos publicados, mas eventualmente trazia as iniciais da fonte, tais como P. (que constatamos tratar-se de *O Panorama*), A. (*Archivo Portuguez*, 1838, ou *Archivo Popular*, 1837, ou ainda *Archivo dos Conhecimentos Uteis*, 1837) (?), J. de V. (*Jornal de Variedades*) (?), J. de U. P. (*Jornal de Utilidade Publica*, 1841) (?), C. das D. (*Correio das Damas*, 1836) (?), R. (?), D. J. (?).

O Compilador teve dois momentos: o primeiro, de 27 de setembro de 1843 a 28 de dezembro de 1844;[14] o segundo, de 15 de julho a dezembro de 1847. Quando reapareceu em 1847, manteve o mesmo perfil, porém apresentava ao final de cada artigo o título da publicação que lhe tinha servido de fonte. Assim, vem à baila *O Panorama*, o *Archivo* (qual?), a *Distracção Instructiva* (1842), o *Correio das Damas* (1836), o *Mosaico* (1839), o *Archivo Portuguez* (1838), o *Jornal das Familias*, o *Jardim das Damas* (1845), *O Moralista* e *La Semaine* (*L'Observateur*).[15]

Tal como *O Encyclopedico*, abordava grande diversidade de assuntos, como educação ("Censura a muitas mãis de familia -- Carta de Theana, mulher de Pythagoras, a Eubula"), saúde ("Inconveniencia de cobrir os olhos"), viagens ("Rio de Janeiro -- Seus arredores, Cascata da

---

13. A coleção do periódico existente na Biblioteca Nacional de Lisboa não contém o primeiro exemplar, o que impossibilita a consulta ao programa da publicação que na grande maioria das vezes aparece no texto de apresentação. Lembremos que também em Lisboa foi publicado nove volumes (nov. 1821 – abr. 1823) de um periódico intitulado *O Compilador ou Miscellanea Universal*, de orientação marcadamente liberal, editado por João Baptista Gastão na Typographia Rollandiana, que trazia literatura, política e legislação, chegando seus redatores e traduzir e publicar em encadernação conjunta com volumes do periódico *O contrato social*, de Jean-Jacques Rousseau. Além deste, em 10 de janeiro de 1836 surgiu naquela capital outro periódico com o título de *O Compilador*, publicando alguma literatura, mas com perfil nitidamente político.

14. Formando 2 volumes com 558 páginas.

15. Segundo Devi & Seabra (1971: 141), também reproduzia artigos do *Jornal dos Amigos das Lettras*, fato que não pudemos confirmar.

Tejuca") e mesmo temas delicados como "A origem dos negros", texto que revelava a depreciativa imagem que aquela raça possuía aos olhos dos europeus e -- por estar ali reproduzido -- dos goeses.[16] Em história, vale registrar o longo artigo "Memória sobre as ilhas de Solor e Timor",[17] e também as diversas biografias de personalidades como Mozart, Bacon, Newton e Franklin.[18]

Daquilo que foi possível identificar ter sido extraído de *O Panorama*, temos um leque ainda maior de interesses, pois englobavam costumes, zoologia, monumentos, relíquias, curiosidades.[19]

O Compilador estampou mais literatura ficcional que *O Encyclopedico*, sendo interessante destacar que republicou em 1844 o conto "O mestre assassinado",[20] de Herculano, saído em 1838 em *O Panorama*. Notemos também a presença de uma série de artigos ridicularizando o uso incorreto do português, postura que faria escola em Goa até o início do século XX. Entre estes, encontram-se uma "Sentença de hum Juiz do Brasil", uma "Carta que escreveu hum rapaz amante, a huma Senhora, para a persuadir a que casasse com elle" e algumas "Cartas de Theodozia Maria, a seu filho Estudante de Coimbra",[21] que são, de fato, hilariantes no plano gramatical e estilístico.

Os vários tipos de prosa formavam o gênero mais cultivado pelo periódico. Da narrativa histórica à interiamente ficcional, tinha lugar toda uma gama de textos passíveis de diversas classificações. Havia, por exemplo, certo tipo de narrativa que era possível qualificar de "episódica", isto é, tratava muito rapidamente de um episódio histórico, lendário, informativo ou de ficção, sem pretender um rigoroso compromisso, quer com sua virtual verdade factual, quer com a verossimilhança. Tratava-se de textos curtos que se prestavam a dar exemplos de

---

16. "Censura a muitas mãis de familia. Carta de Theana, mulher de Pythagoras, a Eubula", *O Compilador*, 1843, 4 out., n. 2, p. 14; "Inconveniencia de cobrir os olhos", *op. cit.*, 1843, 4 out., n. 2, p. 14; "Rio de Janeiro. Seus arredores -- Cascata da Tejuca", *op. cit.*, 1844, 13 jul., n. 41, p. 344-346; "A origem dos negros", *op. cit.*, 1844, 28 set., n. 52, p. 447.

17. "Memoria sobre as ilhas de Solor e Timor", *op. cit.*, 1843, 25 nov., n. 8, p. 66-67; 9 dez., n. 10, p. 74; 30 dez., n. 13, p. 98-99.

18. A., "Bacon", *O Compilador*, 1844, 24 ago., n. 47, p. 393-394; A., "Mozart", *op. cit.*, 1844, 17 ago., n. 46, p. 385-386; A., "Newton", *op. cit.*, 1844, 7 set., n. 49, p. 421-422; A., "Franklin", *op. cit.*, 1844, 5 out., n. 53, p. 449-450.

19. P., "Chapelle e Boileau", *O Compilador*, 1844, 31 ago., n. 48, p. 409-410; P., "O indio voraz e o seu camarada", *op. cit.*, 1844, 29 jun., n. 39, p. 328-329; (Panorama) P., "Damião de Goes", *op. cit.*, 1843, 28 out., n. 4, p. 25; Panorama, "Castelo d'Aguilar", *op. cit.*, 1847, 15 ago., n. 3, p. 18; Panorama, "A pêga", *op. cit.*, 1847, 31 ago., n. 4, p. 26; Panorama, "Usos e costumes singulares. Aborigenes da Columbia", *op. cit.*, 1847, 31 ago., n. 4, p. 27-28; Panorama, "Viagem do capitão Back ao polo", *op. cit.*, 1847, 15 set., n. 5, p. 35-36; Panorama, "A queda do imperio grego", *op. cit.*, 1847, 31 jul., n. 2, p. 9-10; Panorama, "O cofre do Cid", *op. cit.*, 1847, 30 set., n. 6, p. 42; Panorama, "Viagem do capitão Back ao polo", *op. cit.*, 1847, 30 set., n. 6, p. 43-44; Panorama, "Botocudos", *op. cit.*, 1847, 30 nov., n. 10, p. 74-76; Panorama, "Ara egypcia", *op. cit.*, 1847, 15 dez., n. 11, p. 82; Silva Leal Júnior (Panorama), "Milicia portugueza no seculo 18 (esboço)"; *op. cit.*, 1847, 31 dez., n. 12, p. 89-91; Panorama, "Aguas mortiferas", *op. cit.*, 1847, 31 dez., n. 1, p. 95; Panorama, "Pedro Nunes", *op. cit.*, 1847, 15 jul., n. 1, p. 2; Panorama, "Moysés", *op. cit.*, 1847, 31 ago., n. 4, p. 28-29.

20. Herculano, "O mestre assassinado", *O Compilador,* 1844, 28 set., n. 52, p. 444-445; P., "O mestre assassinado", *op. cit.*, 1844, 5 out., n. 53, p. 453-455;

21. J. B. de M. [o juiz], "Sentença de hum Juiz do Brasil", *O Compilador*, 1844, 3 fev., n. 18, p. 149; "Carta que escreveu hum rapaz amante, a huma Senhora, para a persuadir a que casasse com elle", *op. cit.*, 1844, 27 jul., n. 43, p. 366-366; "Cartas de Theodozia Maria, a seu filho Estudante de Coimbra", *op. cit.*, 1844, 20 jul., n. 42, p. 356-357.

comportamentos, como a "Devoção do amor conjugal", ou a definir um certo caráter, tal qual o "Amor paternal de Racine", ou ainda a apresentar algo curioso, como "A vida da côrte", sempre buscando oferecer pílulas de saber, pequenas doses de ilustração, característica que se encontrava estreitamente vinculada ao próprio ideário das revistas.[22]

Já no campo inteiramente ficcional, eram reproduzidos alguns textos que, num paralelo com a arquitetura de fachada, podemos classificar de "contos de fachada", já que eram narrativas sem profundidade, sem desenvolvimento, que só se atinham aos elementos mais aparentes de uma trama convencional. Trabalhavam apenas o ápice da trama, partindo de personagens e contextos já bem conhecidos dos leitores, fazendo-se, portanto, desnecessário denifi-los. A trama era, ao menos na metade dos casos, a do reencontro dos amantes tragicamente separados. Só o que interessava era o desfecho da narrativa. Assim, personagens e contexto prestavam-se apenas para estabelecer as regras do jogo -- como, por exemplo: época da Cruzadas, amantes separados, reencontro imprevisível; ou árabes na Península Ibérica, amantes separados, reencontro imprevisível. Havia também a trama dos mal-amados, dos vingativos, dos miseráveis.

Esse tipo de narrativa, que se preocupava apenas com o *climax* e trabalhava com o previsível e o conhecido, era antes de mais nada um conto como outro qualquer, por vezes mal redigido, por vezes somente convencional. Se isolamos tais trabalhos e mesmo criamos uma designação para eles é porque cumpriram um papel que reputamos de grande importância: o de criar um repertório conhecido e previsível para o leitor, fazendo que este iniciasse o texto com a certeza de obter satisfação ao final de sua leitura. Era essa segurança que iria motivar sua leitura, assim como é a segurança de um conjunto de valores conhecidos e de um final feliz que anima a criança a ler as histórias moralizadoras de La Fontaine e de diversos outros autores formadores de público. A familiaridade com os valores em jogo numa trama (e, portanto, com o desfecho a que convergem as ações pautadas em tais valores) é a base para a constituição do gosto literário mediano, que quer ver a ordem de seus valores refletida no mundo. Assim, tais textos prestaram-se para a definição do gosto médio que consumiu e consome o que hoje denominamos literatura de entretenimento -- os *best-sellers* que se pautam pelos mesmos princípios aqui arrolados, ainda que o "previsível" e o "conhecido" tenham ampliado e diversificado seus campos de ação desde então.

---

[22]. Poderiam ser classificadas desse modo as seguintes narrativas: A. P., "Devoção do amor conjugal", *O Compilador*, 1843, 21 out., n. 3, p. 19-20; P., "O prazer de fazer bem", *op. cit.*, 1843, 28 out., n. 4, p. 30; R. J. de S. Neto, "A vida da côrte", *op. cit.*, 1843, 18 nov., n. 7; J. de V., "O pedreiro, e o imperador Alexandre", *op. cit.*, 1844, 9 mar., n. 23, p. 192-193; A., "Ricardo Cromwell", *op. cit.*, 1844, 1º jun., n. 35, p. 292-296; A., "Huma scena da viagem de Colombo", *op. cit.*, 1844, 15 jun., n. 37, p. 312; ***, "Um divorcio em Hungria", *op. cit.*, 1844, 17 ago., n. 46, p. 386-388; "Amor paternal de Racine", *op. cit.*, 1844, 7 set., n. 49, p. 418; Correio das Damas, "Amei e ainda amo quatro", *op. cit.*, 1847, 15 jul., n. 1, p. 6; La Semaine (Observateur), "O salvador de pio IX", *op. cit.*, 1847, 15 dez., n. 11, p. 85-86.

Além dessas narrativas, publicou-se uma grande quantidade de contos[23] propriamente ditos, aparecendo nomes como os já citados Herculano, L. A. Rebello, Reichmuth d'Adocht, aparecendo muitas outras obras sem qualquer indicação de autor, tal como "O esposo assassino -- Chronica de Genova", que já fôra publicada em *O Encyclopedico*.

Apesar de as distinções aqui identificadas entre as narrativas presentes em *O Compilador* serem em certo sentido arbitrárias e talvez redutoras, fazemo-nas fundamentalmente na procura de elucidar a natureza dos textos estampados no periódico, o que, no entanto, não invalida sua pertinência quanto à própria tipologia dos textos românticos divulgados em revistas, que muitas vezes apresentam as características supracitadas. Recordemos que as categorias aqui identificadas valem, *grosso modo*, também para os periódicos românticos portugueses, e mesmo europeus, uma vez que *O Compilador*, como o próprio título indicava, vinha a ser um apanhado de tais publicações.

Quanto aos poemas, estamparam-se duas traduções: uma do dinamarquês,[24] de autoria de Baggesen, "A infancia", e outra do francês, de Beranger, "O conto do cossaco". Revela-se uma preferência pelo soneto, aparecendo contudo diversos outros tipos de poema e mesmo um com forma piramidal, intitulado "A pyramide da poetica", de João Xavier Pereira da Silva. Entre os poetas ali presentes encontravam-se Filinto Elizio, Dr. Manoel da Nobrega, Gentil, J. M. da Silva Vieira, J. M. da Costa e Silva, Jose Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, J. F. de Serpa.[25]

---

[23]. A., "A amante do salteador", *O Compilador*, 1843, 28 out., n. 4, p. 27-28; P., "O esposo assassino". Chronica de Genova", *op. cit.*, 1843, 30 dez., n. 13, p. 100-102; Eduardo de Faria (cont. e concl.), "A revolução de 1640. Romance original", *op. cit.*, 1844, 13 abr., 28, p. 229-230; J. de U. P., "A filha do resuscitador *(sic)*", *op. cit.*, 1844, 8 jun., n. 36, p. 301-303; [tradução de Gentil], "Tudo isto por falta de combinação", *op. cit.*, 1844, 15 jun., n. 37, p. 312-314; Polydoro, "João Pires de Bandeira", *op. cit.*, 1844, 15 jun., n. 37, p. 309-312; [L. A. Rebello], "Gonçalo Hermigues", *op. cit.*, 1844, 22 jun., n. 38, p. 318-319; [L. A. Rebello], "Gonçalo Hermigues", *op. cit.*, 1844, 29 jun., n. 39, p. 325-327; [L. A. Rebello], "Gonçalo Hermigues", *op. cit.*, 1844, 6 jul., n. 40, p. 334-335; L. A. Rebello, "Gonçalo Hermigues", *op. cit.*, 1844, 13 jul., n. 41, p. 343-344; C. das D., "O encontro inesperado", *op. cit.*, 1844, 20 jul., n. 42, p. 352-353; ***, "As tres victimas", *op. cit.*,1844, 27 jul., n. 43, p. 361-364; Reichmuth d'Adocht, "Novella dinamarqueza", *op. cit.*, 1844, 7 set., n. 49, p. 413-415; R., "Os dous miseraveis -- Novella", *op. cit.*, 1844, 7 set., n. 49, p. 422-423; [senhora portuense], "Ricardo e Margarida", *op. cit.*, 1844, 28 set., n. 52, p. 442-444; A., "O valle de sangue", *op. cit.*, 1844, 9 nov., n. 58, p. 496-499; P., "Os escravos de Zamoski. Novella original", *op. cit.*, 1844, 16 nov., n. 59, p. 504-506; Netto, "Huma traição (romance original)", *op. cit.*, 1844, 7 dez., n. 62, p. 528-530; A., "O monge vingativo", *op. cit.*, 1844, 14 dez., n. 63, p. 535-537; A., "O monge vingativo", *op. cit.*, 1844, 21 dez., n. 64, p. 544-546; A., "O monge vingativo", *op. cit.*, 1844, 28 dez., n. 65, p. 551-554; "Distracção Instructiva -- A pobresinha -- Romance original", *op. cit.*, 1847, 15 jul., n. 1, p. 4-6.

[24]. Notemos que também aparece um texto de Reichmuth d'Adocht, intitulado "Novella dinamarqueza", *O Compilador*, 1844, 7 set., n. 49, p. 413-415.

[25]. "A infancia. Traduzido do Dinamarquez de Baggesen", *O Compilador*, 1844, 6 jul., n. 40, p. 339-340; Beranger [tradução], "O canto do cossaco", *op. cit.*, 1843, 4 out., n. 2, p. 16; Felinto Elizio, "Soneto", *op. cit.*, 1843, 21 out., n. 3, p. 24; João Xavier Pereira da Silva, "A pyramide da poetica", *op. cit.*,1843, 28 out., n. 4, p. 32; Dr. Manoel da Nobrega, "Soneto", *op. cit.*, 1844, 9 mar., n. 23, p. 194; J. A. M., "Ode anacreontica", *op. cit.*, 1843, n. 2, dez., n. 9, p. 72; Gentil, "Soneto", *op. cit.*, 1844, 3 fev., p. 18, p. 150; "A. B. C. do amor", *op. cit.*, 1844, 17 fev., n. 20, p. 170; Malhão, "A escolha de tres flores", *op. cit.*, 1844, n. 23, 25 mar., p. 209-210; J. M. da Silva Vieira, "O remorso", *op. cit.*, 1844, 13 abr., n. 28, p. 233-234; "Mote -- Da ventura á desgraça o passo he curto. Soneto", *op. cit.*, 1844, 1º jun., n. 35, p. 298-298; J. M. da Costa e Silva, "Descripção da inveja, extrahida do poema de Mr. de Caux de Capeval, intitulado o Parnazo", *op. cit.*, 1844, 15 jun., n. 37, p. 316; José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, "A noute do cemiterio", *op. cit.*, 1844, 27 jul., n. 43, p. 367-368; "Soneto", *op. cit.*, 1844, 31 ago., n. 49, p. 412; "Soneto", *op. cit.*, 1844, 7 set., n. 49, p. 420; "A noiva de Hugo", *op. cit.*, 1844, 9 nov., n. 58, p. 502; D. J., "Ode anacreontica", *op. cit.*, 1844, 28 dez., n. 65, p. 557-558; J. F. de Serpa, "A minha amada", *op. cit.*, 1847, 15 set., n. 5, p. 40.

No que concerne à crítica ou resenha de publicações e escritores, praticamente nada foi publicado, à exceção de um texto sobre "Mr. de Buffon".[26]

Faz-se importante notar que tanto *O Compilador* como *O Encyclopedico*, apesar de terem no horizonte todo o conjunto de publicações periódicas metropolitanas, têm em *O Panorama*[27] sua principal referência. Isso em parte se deveu ao fato de o periódico de Herculano apresentar-se como modelar já mesmo em Portugal. Seu perfil ilustrado era seguido à risca pelos goeses, ainda que as dificuldades para assim proceder em Goa fossem muitíssimos maiores que as da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis em Portugal -- que, por sua vez, já reclamava do esforço necessário para conseguir estampas. Isso não só corroborou a forte presença da revista lisboeta na colônia luso-oriental, como também revela que o gosto médio literário oitocentista goês passou, *grosso modo*, pelo mesmo conjunto de interesses e idéias que o luso-metropolitano, guardadas as devidas proporções dos respectivos meios culturais e literários.

2. *Da compilação à imitação*

Ainda durante o segundo momento de publicação de *O Compilador*, apareceu o primeiro periódico literário cunhado pela pena verdadeiramente goesa. Conta-nos Jacinto Miranda:

> Em 1846 instalou-se uma sociedade composta de alguns individuos illustrados da capital, que contava com seus correspondentes em todos os angulos dos estados da India portugueza, e que tinha entre os projectos do estabelecimento d'uma bibliotheca e do estudo do idioma francez, o de publicar um periodico litterario, que sob a divisa do *utile et dulci* désse á lume as especialidades de Goa. O nosso amigo o sr. Filippe Nery Xavier, tão erudito nas coisas do paiz, e á quem todos nós respeitamos como um dos nossos mais laboriosos chronistas, teve parte nesta publicação que se intitulou -- *Gabinete Litterario das Fontainhas* -- para mais tarde tomal-a exclusivamente sobre os seus hombros. (Miranda, 1863: 111-112)

Vale ressaltar a existência de uma associação homônima, dedicada a "trabalhos litterarios", o que denotava certa similaridade dos meios de produção intelectual de Goa com os de *O Panorama*. Chegaram mesmo a adotar alguns critérios para a publicação do periódico similares àqueles adotados pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, nomeadamente no que concerne à proposta de dar "noticias do seu Paiz, e algumas outras, que com ellas tenham relação", a empregar uma "lingoagem humilde" e a aceitação de colaborações que "não tenham relação com politica".[28] O periódico era distribuído na Loja da Imprensa, em Nova Goa, e nas Casas dos Correios Subalternos, nas comarcas.[29]

---

[26]. A., "Mr. de Buffon", *O Compilador*, 1844, 13 jul., n. 41, p. 341-342.
[27]. Ainda que n' *O Compilador* a presença do periódico de Herculano era quase equivalente á do *Archivo Portuguez* e do *Mosaico*.
[28]. Felipe Nery Xavier, "Prospecto", *Gabinete Litterario das Fontainhas*, 1846, n. 1, p. 3.
[29]. No artigo "Prospecto" supracitado fez-se referência a um texto homônimo que teria divulgado o projeto inicial da publicação, que seria bimensal e de formato maior que aquele que de fato assumiu.

No verso da capa sempre trazia a seguinte quadra do canto 6, estrofe 99, de *Os Lusíadas*:

> Desta arte, se esclarece o entendimento,
> Que experiências fazem repousado:
> E fica vendo, como de alto assento,
> O baixo trato humano embaraçado.

Apesar de trazer uma gravura no primeiro exemplar -- e essa seria a única --, o periódico nunca se pretendeu ilustrado, o que já era uma fuga ao modelo de *O Panorama*, no que seria seguido por praticamente todos os outros periódicos goeses vindouros. Isso se deveu em parte, possivelmente, às dificuldades em conseguir gravuras e ao seu alto custo, e em parte por surgirem novos modelos de periódicos, mais próximos do livro que da revista.

Publicaram-se três volumes, correspondentes exatamente aos anos de 1846, 1847 e 1848, sendo que as matérias ficcionais literárias foram escasseando com o decorrer da publicação, a ponto de, em 1848, não ter sido publicado praticamente nada do gênero. De 18 de janeiro de 1846 a dezembro de 1848, *O Gabinete Litterario das Fontainhas*[30] foi publicado mensalmente, sendo que, após esse período, passou a ter edições esporádicas, que formaram o *Esboço d'um diccionario historico-administrativo* (somente as letras *A* e *B*, referentes ao quarto volume do *Gabinete*) e a *Collecção das leis peculiares das communidades agricolas das aldeias dos concelhos das Ilhas, Salcete, e Bardez* (referente ao quinto volume, e segunda parte do quinto volume do periódico).

Pode-se considerar Filippe Nery Xavier, no que concerne à história, como o Herculano de Goa, já que não só teve uma vontade e um empenho intelectual paralelos aos daquele, como também ocupou cargos oficiais que lhe propiciaram o contato com as fontes mais ricas da historiografia goesa, estudando com afinco as origens da colônia e divulgando maciçamente tais conhecimentos.[31]

O periódico era dividido em diversas seções, como "Peças ineditas e pouco vulgarizadas", "Variedades" (onde aparecia a literatura ficcional), "Parte oficial", "Maximas moraes" etc. Se havia originalidade no material histórico que foi estampado, o mesmo não se podia dizer da grande maioria das matérias propriamente literárias, extraídas de periódicos metropolitanos. Isso era afirmado no "Prospecto", intróito da publicação assinado por Felipe Nery Xavier, como também no artigo "O Gabinete Litterario", que seguia a introdução. Neste, após discorrer sobre a necessidade da publicação de textos mais leves, observava-se que:

---

30. Sua coleção completa forma três volumes.
31. Os trabalhos de Felipe Nery Xavier, juntamente com os de Miguel Vicente de Abreu (que traduziu do inglês o trabalho pioneiro do Reverendo Cottineau, escreveu os apontamentos biográficos de Fr. Manuel de S. Galdino, a notícia das alterações políticas que tiveram lugar em Goa em 1821 e 1822 etc.) e com os de Jacinto Miranda (que escreveu os *Quadros históricos de Goa*, inspirados certamente em Castilho), estabeleceram as bases da historiografia goesa.

> Para isto nada nos pareceu melhor do que recorrer ás Folhas da Europa que temos, e que não estão ao alcance da maior parte dos nossos Assignantes, e outras pessoas deste Paiz; e transcrever em as nossas columnas os seus ricos, e interessantissimos artigos.[32]

Publicavam-se muitas traduções, tais como as "Aneccdotas extrahidas da Vida de Nushirvan ou Cosrae, Rei da Persia, por A. C. Meissner, tiradas do Allemão"; ou o conto "Alexandre, e Kiasa", do mesmo autor; também M. Arnaud apareceu com dois contos, "O homem unico" e "O rico digno de o ser"; já Arnauld teve ali estampada "A origem do Priorado dos dous amantes".[33]

A religião estava largamente presente com o longo estudo anônimo "Historia da Religião ou Theomorphismo dos Idolatras da India Oriental", além do texto "Brahma, Visnú, Mahés". Juntamente com a "Traducção de duas Laminas de cobre da letra antiga, chamada Nandy nagar, e lingoa Sanscrit gentilica, do tempo do El-Rei Zaiquessy, escriptas pela maneira seguinte" temos em *O Gabinete Litterario das Fontainhas* a iniciativa inaugural para a divulgação dos estudos do hinduísmo em Goa, que só reapareceria tão presente quanto ali nas revistas do início do século XX.[34]

Extraíam artigos de *O Panorama*, da *Revista Academica*, do *Recreio* e da *Revista Universal*.[35] De literatura, interessa sobremaneira registrar a publicação do conto inédito "Um fatal engano", uma trágica trama de amor em inconfundível estilo romântico datada de "Ribandar, 10 de Julho de 1845", do então jovem goês M. J. da Costa Campos, que estampou também uma crônica sobre "A semana sancta". Apareceu ainda, sob a assinatura de "Democrito", o conto "A cautela da loteria -- Historia que podia acontecer" e um outro conto, anônimo, intitulado "A conformidade -- Tradicção dos rabinos", que podiam ser inéditos ou extraídos de

---

32. "O Gabinete Litterario", *Gabinete Litterario das Fontainhas*, 1846, n. 1, p. 6.

33. A. G. Meissner, "Alexandre, e Kiasa", *O Gabinete Litterario das Fontainhas*, 1847, fev., n. 2, p. 51-58; A. C. Meissner, "Aneccdotas extrahidas da Vida de Nushirvan ou Cosrae, Rei da Persia, por A. C. Meissner, tiradas do Allemão", *op. cit.*, 1847, mai., n. 5, p. 126-128; M. Arnaud, "O rico digno de o ser, por M. Arnaud", *op. cit.*, 1847, jun., n. 6, p. 149-151; A. C. Meissner, "Aneccdotas extrahidas da Vida de Nushirvan ou Cosrae, Rei da Persia, por A. C. Meissner, tiradas do Allemão", *op. cit.*, 1847, jun., n. 6, p. 151-152; Mr. Arnauld, "A origem do Priorado dos dous amantes, por Mr. Arnauld", *op. cit.*, 1847, jul., n. 7, p. 169-172; A. C. Meissner, "Aneccdotas extrahidas da Vida de Nushirvan ou Cosrae, Rei da Persia, por A. C. Meissner, tiradas do Allemão", *op. cit.*, 1847, jul., n. 7, p. 172-175; A. C. Meissner, "Aneccdotas extrahidas da Vida de Nushirvan ou Cosrae, Rei da Persia, por A. C. Meissner, tiradas do Allemão", *op. cit.*, 1847, ago., n. 8, p. 193-196; Arnaud, "O homem unico, por Arnaud", *op. cit.*, 1847, ago., n. 8, p. 196-198; Arnaud, "O homem unico, por Arnaud", *op. cit.*, 1847, set., n. 9, p. 222-224.

34. "Historia da Religião ou Theomorphismo dos Idolatras da India Oriental", *O Gabinete Litterario das Fontainhas*, 1846, jan., n. 1, p. 14-15; fev., n. 2, p. 39-40; mar., n. 3, p. 63-64; abr., n. 4, p. 86-88; mai., n. 5, p. 112-114; jun., n. 6, p. 134-136; jul., n. 7, p. 155-158; ago., n. 8, p. 179-182; set., n. 9, p. 204-206; out., n. 10, p. 229-232; nov., n. 11, p. 255-256; dez., n. 12, p. 275-278; "Brahma, Visnú, Mahés", *op. cit.*, 1846, jan., n. 1, p. 15-16; "Traducção de duas Laminas de cobre da letra antiga, chamada Nandy nagar, e lingoa Sanscrit gentilica, do tempo do El-Rei Zaiquessy, escriptas pela maneira seguinte", *op. cit.*, 1846, jan., n. 1, p. 16-20.

35. Segundo indicações explícitas, interessa registrar que de *O Panorama* estampavam máximas morais de Pope, Cardeal Gerdil, Franklin, *O Gabinete Litterario das Fontainhas*, 1846, 2 fev., n. 2, p. 48. Era, porém, da *Revista Universal Lisbonense* que reproduziam matérias literárias mais interessantes, como era o caso da crônica "Ensino dado por hum Saloio a um Alfacinha", *op. cit.*, 1846, fev., n. 2, p. 45-48; e do conto "Mysterios d'hum Falito (Fragmento)", *op. cit.*, 1846, jan., n. 1, p. 22-24; fev., n. 2, p. 43-44; mar., n. 3, p. 68-69.

outros periódicos, já que nada vem indicado. Também apareceu a narrativa de um episódio intitulado "Recreio Anecdota -- O çapateiro, e o candidato a deputado", igualmente anônimo.[36]

De janeiro a junho de 1848 teve lugar em Nova Goa o aparecimento de *O Mosaico*, redigido, entre outros, por Manuel Joaquim da Costa Campos. Este, por sinal, publicou diversos opúsculos, tais como o *Vergel*, 1858, a *Estrea Goana*, 1860, e os anuários *Almanak do Christianismo*, de 1863, 1864 e 1865, tendo sido um dos primeiros escritores românticos goeses, se não o primeiro. Não nos foi possível consultar tais publicações. Devi & Seabra (1971: 169, 219) avaliaram como puro convencionalismo romântico os textos literários ali publicados, tanto quando comentaram os poemas, como quando trataram dos contos, o que apontava para o abandono da compilação e a prática da imitação ou emulação aos mestres portugueses, já iniciada no *Gabinete Litterario das Fontainhas*.

Em 6 de novembro de 1854, aparece em Nova Goa *A Revista Illustrativa*, que trazia artigos e peças literárias dos mais reconhecidos escritores portugueses do momento, deixando de existir já em 16 de julho de 1855 -- publicação que também não pudemos ter em mãos.

Três anos depois, em janeiro de 1857, veio a lume em Nova Goa o *Arquivo Portuguez Oriental*, publicação em fascículos que estampava somente documentação sobre a história de Goa. Era um trabalho coordenado pelo conselheiro Rivara e foram editados seis fascículos até 1866. Reproduzia documentos depositados na Torre do Tombo de Goa, buscando também preencher as lacunas desses documentos com outros do "Real Archivo da Torre do Tombo de Lisboa, pelos manuscriptos das Bibliothecas de Portugal, e outras da Europa, e pelos Cartorios de algumas casas dos nossos Fidalgos".[37] Cunha Rivara buscou retomar a elaboração da história dos portugueses na Índia, interrompida desde o período dos primeiros cronistas (Fernão Lopes de Castanheda, Diogo de Couto, Manoel de Faria e Sousa etc.). Sua edição foi irregular, mas duradoura, aparecendo em 1857 (2 fascículos), 1861 (terceiro fascículo), 1862 (quarto fascículo), 1865 (quinto fascículo. 1. e 2. partes), 1866 (quinto fascículo, 3. parte), e 1876 (sexto fascículo e suplemento).

3. *1860, a grande década do jornalismo literário romântico*

Seria a década de 1860 o período mais marcadamente romântico da literatura indo-portuguesa, ao menos no espaço das publicações periódicas. Em 1859, como vimos, surgiu *O*

[36]. Lembremos que outros contos foram publicados sem indicação de autor mas com a da fonte da qual foram extraídos, fazendo supor que estes, pela falta de indicação precisa, seriam de cunho local. Os textos referidos são: Democrito, "A cautela da loteria. Historia que podia acontecer", *op. cit.*, 1846, mai., n. 5, p. 117-120; M. J. da Costa Campos, "Hum fatal engano", *op. cit.*, 1846, jul., n. 7, p. 163-166; ago., n. 8, p. 185-187; set., n. 9, p. 209-211; M. J. da Costa Campos, "A semana sancta", *op. cit.*, 1847, abr., 4, p. 100-101; **, "A conformidade. Tradicção dos rabinos", *op. cit.*, 1847, mar., n. 3, p. 73-74; "Recreio Anecdota. O çapateiro, e o candidato a deputado", *op. cit.*, 1847, dez., n. 12, p. 295-296.

[37]. Cunha Rivara, "Proemio", *Archivo Portuguez Oriental*, 1857, n. 1, p. 1.

Ultramar,[38] que, apesar de tratar-se de um semanário eminentemente político e de notícias, trazia muitas vezes, como toda publicação que pretendesse ter ares de grande imprensa -- e esse era o caso --, uma seção intitulada "Folhetim", onde se publicavam crônicas, contos, novelas, romances, críticas literárias, teatrais etc. Eram reproduzidas também várias narrativas, por vezes sem qualquer indicação de autor ou fonte. Na certa, não se tratava de produções goesas, pois quando assim ocorria colocava-se alguma indicação, tal como "romance original" ou mesmo um elogio à iniciativa do autor. Do que era imediatamente identificável, constatava-se a reprodução de muitos folhetins saídos em periódicos portugueses, especialmente no *Diario de Noticias* -- e aqui é fornecida a fonte --, além de *A Revolução de Setembro*, *Gazeta de Portugal*, *Boletim do Governo* etc. Note-se que eram reproduzidos com maior freqüência os periódicos de grande circulação em Portugal, e não os da imprensa ilustrada e literária, como faziam *O Compilador* ou *O Encyclopedico*. Eram extraídos ainda textos de periódicos estrangeiros, como *The Lamp*, *Illustrated Magazine* e *Le Monde Illustré*. Entre os autores portugueses reproduzidos, encontravam-se Rebello da Silva, Eduardo Coelho, Luiz de Araujo, Mariano Fróes, Alfredo Sarmento, Bulhão Pato, B. de Sousa Menezes, Eugênio de Castilho e outros. Notemos que em 6 de fevereiro de 1868 começaram a estampar "O mestre assassino", de Herculano, que saíra em primeira mão em *O Panorama* e já em Goa em *O Compilador*. Havia também traduções de autores de língua inglesa (Charles Dickens), francesa (Eugène Scribe) e espanhola (Raimundo de Puente). Também tinham presença um ou outro goês, como é o caso de J. C. Barreto Miranda. Havia ainda, durante a segunda metade da década de 1860, diversos folhetins assinados por "o folhetinista em disponibilidade", um cronista que comentava e criticava a vida goesa.

De outubro de 1859 a julho de 1860, apareceu *O Recreio*, primeiro periódico científico e literário impresso na tipografia de *O Ultramar*. Era bimensal e tinha por colaboradores A. A. Bernardino Fernandes, A. C. Reis de Noronha, A. L. Gomes e Pereira, A. Plácido de Nazareth, A. J. Sócrates da Costa, B. Z. Soares Peres, D. T. Tasso Dias, F. A. Frias de Noronha, Felicíssimo Lovo, J. C. Barreto Miranda, J. F. Napoleão Monteiro, J. F. Caraciolo de Sá, J. H. Victor Gomes, L. J. C. Paulo de Sá, entre outros.

No início dos anos de 1860, surgiu o *Tyrocinio Litterario*[39] (Nova Goa, 15 jan. 1862 -- 15 fev. 1863), que seria uma importante referência para a literatura goesa. Primeiramente, saiu manuscrito[40] e só depois veio a ser impresso quinzenalmente na Imprensa Nacional, com redação

---

38. Só foi possível consultar os exemplares d *O Ultramar* do n. 284, de 8/9/1864, ao n. 612, de 25/12/1870, disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa.

39. Composto de 15 exemplares em um volume de 108 páginas.

40. Saíram 12 exemplares manuscritos, que circulavam só no bairro de Ribandar, cada qual com 8 páginas de papel almaço, em duas colunas. Já era quinzenal e saiu o primeiro número em agosto de 1860 (entre os colaboradores estava Plácido da Costa Campos, que possuía o n. 4 da série manuscrita, de 16 de setembro de 1860, onde, segundo Grácias, 1880, constavam os seguintes artigos: "Mala da Europa (extrato de noticias) -- O soldado João Caroço (continuação) -- Dinheiro (continuação) -- Zatrá de fogo (continuação) -- O milhafre, ou o milhano -- Ao retrato de Maria -- Epitome de novidades -- Chronica culinaria -- Problema -- Charada -- Logogrifo -- Enigma -- Perguntas enigmaticas -- Explicação das charadas e enigmas do n. 3").

de Joaquim Mourão Garcez Palha (Visconde de Bucelas), M. J. da Costa Campos, C. A. Carneiro, F. de Lorena, L. J. de Souza e Brito, Joaquim Arêz, Filipe Nery Xavier e talvez outros, que, sob a direção de Garcez Palha, formavam uma sociedade literária de mancebos. Logo no intróito, afirmavam que o que os movia era:

> *Aprender escrevendo* ou *escrever aprendendo*, tal é pois a nossa divisa, e tal será sempre o alvo que teremos em mira como norte invariavel.

A afirmação acima poderia ser lida apenas como falso argumento da retórica da modéstia que invariavelmente aparecia em todo texto introdutório. No entanto, é necessário reconhecer primeiramente sua originalidade, já que esse caráter de formação, didático, que integrava a motivação de muitas publicações, apareceu pela primeira vez em Goa explicitamente formulado. Além disso, se levarmos em conta que o *Tyrocinio* foi num primeiro momento editado de forma manuscrita, teremos a presença de um caráter idealista mais acentuado, já que comercialmente uma publicação manuscrita não faria o menor sentido. Desse modo, a importância do *Tyrocinio* está em ser a primeira iniciativa conjunta de se publicarem textos de ficção e poemas goeses. É verdade que, como diziam na "Introdução" e cumpriram nos exemplares, acabavam também por fazer:

> (...) a reprodução nas suas páginas de um ou outro escripto menos vulgarisado dos esplendidos engenhos que sustentam hoje a reputação das nossas lettras. A estes pedimos aqui venia pela liberdade que teremos de tomar.

Publicaram, porém, muito mais matérias de cunho próprio que os periódicos anteriores do mesmo gênero. Cada exemplar do *Tyrocinio* continha oito páginas, possuindo diversas seções, como as de "Charadas", "Correspondencia" e "Noticias Diversas". Apenas a título de exemplo, temos no primeiro exemplar artigos sobre botânica, zoologia ou mesmo matemática. Além da literatura, também a música seria contemplada com um artigo sobre Liszt.[41]

Entre as matérias literárias publicadas, interessa ressaltar a reprodução de um longo artigo sobre Antônio Feliciano de Castilho, retirado do *Archivo Pittoresco*, e o artigo "Vocação", de *O Panorama*. Vale também registrar as traduções de um fragmento do *Atheu*, de Lamennais, do conto "O couteiro-mor", de Alexandre Dumas, versão de L. A. Ludvice da Gama, e do conto "O Stabat de Pergoleso (versão livre)".[42]

---

41. "Titães vegetaes", *Tirocinio Litterario*, 1862, jan., n. 1, p. 5; "Pangolim ou tirió de Goa", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 5-6; "Antipathias dos animaes", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 6; "Nova especie de logarithmos", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 6; "Noticias diversas", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 7-8; "Charada", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 8; "Correspondencia", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 8; C. M. J., "Uma pagina da vida de Liszt", *op. cit.*, 1862, mar., n. 4, p. 28-29.

42. "Antonio Feliciano de Castilho", *Tirocinio Litterario*, 1862, jan., n. 1, p. 2-3; "Vocação", *op. cit.*, 1862, abr., n. 5, p. 35-36; Lamennais, "Atheu (fragmento)", *op. cit.*, 1862, mar., n. 3, p. 21; Alexandre Dumas, "O couteiro-mor", *op. cit.*, 1862, n. 11, p. 84-85; "O Stabat de Pergoleso (versão livre)", *op. cit.*, 1862, jan., n. 1, p. 3-5; **, "O stabat de Pergoleso", *op. cit.*, 1862, jan., n. 2, p. 10-11; "O stabat de Pergoleso", *op. cit.*, 1862, mar., n. 3, p. 20-21.

Muitos trabalhos literários encontram-se sem qualquer referência clara, porém, dos textos passíveis de serem identificados como saídos da pena goesa. Lembremos aqui a fantasia escrita por C. A. Carneiro, intitulada "Mulher, anjo e demonio", onde o autor narrou, descreveu e comentou em prosa livre as desventuras que teve com o sexo feminino. E, em seguida, apareceu o conto homônimo "O anjo e o demonio", de M. J. da Costa Campos, que infelizmente não foi concluído até o décimo segundo e último exemplar do periódico aqui consultado[43] (a coleção completa teria dezesseis exemplares). Além desse conto, Costa Campos ainda publicou o poema "À despedida da Exma. Senhora...". Também L. J. de Souza Brito, de Bombaim, estampou ali umas quadras intituladas "Os desejos de uma velha", logo motivando o surgimento de "Os desejos de um bebado", anônimo. Teve lugar ainda um outro poema anônimo, assinado apenas pela inicial M., "A trovoada (Imitação do Allemão)", que podia ser ou não de autor goês.[44]

Também *A India Portugueza*,[45] que vimos tratar-se de um semanário político e de notícias, possuía um folhetim de rodapé no qual eram reproduzidos autores portugueses (entre eles, Herculano) e europeus (Frederico Bremer, Victor Hugo). A quantidade de literatura ali publicadada era bem menor que aquela de *O Ultramar*, porém havia mais matéria original, como crônicas e contos de autores goeses, como Wenceslau Proença, Filipe José Albino da Gama Botelho, P. S., Francisco Luís Gomes, M. J. da Costa Campos e também por uma mulher, Maria Helorica Valeriana Pereira, da qual, infelizmente, nada pudemos saber -- sequer se se travava de uma escritora goesa. Teve relevo, entretanto, uma polêmica envolvendo Cunha Rivara, criada por um dos cronistas anônimos de *A India Portugueza*, como se verá mais adiante.

Em 1862, apareceu o semanário *A Harmonia -- Jornal politico, litterario e comercial* (Nova Goa, 12 abr. 1862 -- 27 out. 1864), redigido por Gustavo Adolfo de Frias. Trazia como colaboradores: o próprio Gustavo Adolfo de Frias, Francisco Antônio Paulo Frias de Noronha, Leopoldo Cipriano da Gama, Francisco Henriques dos Santos, A. Lopes Mendes, B. B. de V. Lobo e J. Gerson da Cunha, entre outros.

No texto introdutório "Prospecto"[46] declara-se que o semanário "terá o mesmo formato do *Boletim do Governo*". Elogiava-se a liberdade de imprensa portuguesa e criticava-se a falta da mesma liberdade na França. Fazia-se notar que a política não seria tratada no plano individual, mas, sim, pela "apreciação dos actos d'authoridade", com frase "moderada, e comedida".

---

43. A coleção da BN vai até o n. 12, de 1862 (sem mês), sendo que o conto "O anjo e o demonio", de M. J. da Costa Campos, se encontrava ainda por concluir.

44. C. A. Carneiro, "Mulher, anjo e demonio", *Tirocinio Litterario*, 1862, mar., n. 4, p. 28; M. J. da Costa Campos, "O anjo e o demonio", *op. cit.*, 1862, abr., n. 6, p. 42-44; n. 7, p. 51-53; n. 8, p. 59-60; n. 9, p. 65-67; n. 10, p. 74-76; n. 11, p. 83-84; n. 12, p. 89-91; M. J. da Costa Campos, "A despedida da Exma. Senhora...", *op. cit.*, 1862, abr., n. 5, p. 37; L. J. de Souza e Brito (Bombaim), "Os desejos de uma velha", *op. cit.*, 1862, abr., n. 6, p. 45; ***, "Os desejos d'um bebado", *op. cit.*, 1862, abr., n. 11, p. 86-87; M., "A trovoada (Imitação do Allemão)", *op. cit.*", 1862, jan., n. 2, n. 14.

45. Consultamos apenas os exemplares de ns. 192, de 31 de agosto de 1864, a 365, de 23 de dezembro de 1867, de *A India Portugueza*, os únicos disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa no período aqui tratado.

46. "Prospecto". *A Harmonia*, 1862, 12 abr., n. 1, p. 1.

Já pelo título via-se tratar-se de uma publicação "comercial" e, portanto, alinhava-se a periódicos como *O Ultramar* e *A India Portugueza*. Não tinha, todavia, o porte daqueles. O semanário publicava política, literatura, anúncios e notícias diversas. Cobrava a publicação de correspondências, anúncios, necrológios e comunicados enviados à redação e extraíam-se matérias de *O Panorama*, de *A Revolução de Setembro*, da *Revista Militar*, de *A Ephoca*, do *Jornal de Havre* e da *Estrella do Norte* (Bombaim), além de *O Ultramar* e de *A India Portugueza*, de Goa.

Publicou, entretanto, um dos primeiros folhetins de rodapé de Goa, não ficcional, estampando inicialmente matérias sobre a família real portuguesa. O primeiro folhetim tratou da morte de D. Pedro V, sob o título "O rei fatalista". Depois apareceu um texto sobre D. Luís I e logo em seguida uma "Biographia -- O serenissimo sr. infante D. João", seguindo-se vários outros.[47]

A partir de 4 de abril de 1863, o cabeçalho do jornal passou a designar apenas "semanario politico", comprovando já a tendência predominante desde o início da publicação. No entanto, a seção "folhetim" continuou a ser estampada, aparecendo uma tradução de "O espectro do noivo",[48] conto de Washington Irving, e "A Abobada",[49] de Herculano, incompleto, entre outros.

De poemas só apareceram dois exemplares: um de Francisco Antônio Paulo Frias de Noronha, "Lamentos da nação portugueza", e outro identificado apenas pela inicial "A...", intitulado "Canção do marujo. Ao Sr.... Commandante da Escuna a Vapor -- Barão de Lazarim. Reconhecimento e amizade".[50]

4. *Enquanto isso, em Bombaim...*

Ainda em 1862, apareceu em Bombaim *A Estrella do Norte* (9 nov. 1862 – jul. 1864), periódico bilíngüe português-inglês,[51] que inaugurou um novo gênero de publicação no espaço

---

47. "Folhetim - O rei fatalista [sobre D. Pedro V]", *A Harmonia*, 1862, 10 mai., n. 5, p. 23-24; "Folhetim [sobre D. Luiz I]", *op. cit.*, 1862, 24 mai., n. 7, p. 33-35; A. F. de Sousa Pinto (da Rev. Militar, "Folhetim. Biographia. O Serenissimo Sr. Infante D. João", *op. cit.*, 1862, 7 jun., n. 9, p. 43-46; [Silva Leal Jr.], "Folhetim. O que foram portuguezes! 1640. (Pequeno esboço de um quadro grande) III. D. Fillipa de Vilhena", *op. cit.*, 1862, 14 jun., n. 10, p. 47-48; [Silva Leal Jr.], 5 jul., n.13; 12 jul., n.14, p. 63-64; 19 jul., n. 15, p. 68-69; 26 jul., n. 16, p.71-72; 9 ago., n. 18, p. 81-82; Marquez de Souza Holstein (da correspondencia de Portugal n.13), "Folhetim. Sua Alteza Real a Senhora D. Maria Pia Princeza d'Italia", *op. cit.*, 1862, 27 set., n. 25, p. 111-112; n. 29, p. 131; J. G. da Cunha, "Folhetim", *op. cit.*, 1862, 29 nov., n. 34, p. 149-150; J. C., "Folhetim. Uma festa", *op. cit.*, 1863, 17 jan., n. 41, p. 181-182; "Folhetim", *op. cit.*, 1863, 14 fev., n. 45, p. 197; "Folhetim", *op. cit.*, 1863, 21 fev., n. 46, p. 201; "Folhetim. Tributo de homenagem ao merito", *op. cit.*, 1863, 14 mar., n. 49, p. 213-214; J. G. da Cunha, "Folhetim. Grecia", *op. cit.*, 1863, 21 mar., n. 50, p. 217.

48. Nos exemplares de números 52, 55, 61, 62 e 63, de abril a junho de 1863, d' *A Harmonia*.

49. Nos números 88, 91 e 93, de julho e agosto de 1964, d' *A Harmonia*. Até o exemplar n. 102, de 27 de outubro de 1864, o último da coleção do periódico que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, o conto de Herculano não se concluiu.

50. Francisco Antônio Paulo Frias de Noronha, "Lamentos da nação portugueza", *A Harmonia*, 1862, 26 abr., n. 3, p. 10-11; A..., "Canção do marujo. Ao Sr. .. .Commandante da Escuna a Vapor -- Barão de Lazarim. Reconhecimento e amizade", *op. cit.*,1862, 25 out., n. 29, p. 131.

51. Só pudemos consultar o exemplar n. 35, de 5 de setembro de 1863. Após este, apareceriam ainda *O Luso-Portuguez* (comentado em detalhe mais adiante neste trabalho), *O Indio* (Bombaim, 4 jul. a 7 nov. 1872), dirigido por Justiniano de Couto, *A Gazeta de Goa* (Pangim, 16 jul. 1872 -- 30 dez. 1873), com direção de Sertório Coelho, *O Patriota* (Bombaim, 1874 -- ?), tendo por redator V. J. Silva. Alguns outros surgiriam até o final do século, valendo

indo-anglo-lusitano, atingindo um público mais diversificado. Era de propriedade de P. H. da Silva, vice-cônsul de Portugal, e tinha por redator José Antônio de Viveiros. De natureza fundamentalmente de notícias, não apresentava matérias de interesse literário, valendo mais por seu papel inaugural no que diz respeito à imprensa de língua portuguesa naquela localidade.

Já *O Portuguez em Bombaim*, de 1863, reproduzia artigos de *La Patrie*, do *Times of India* e do *Catholic Examiner*, e estampava alguma literatura. Publicou parte do conto "Fatima e Zendar" e a íntegra do conto "Pedro e Almanza", ambos já aparecidos em *O Encyclopedico*. Estampou também as "Cartas escriptas da India e da China nos annos de 1815 a 1835 por José Ignacio de Andrade a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade". Teve lugar um texto ultra-romântico intitulado "Jaimes, ou a desventura", devendo ser o extrato de um texto maior, e ainda o texto "Adelaide -- Romance original portuguez", que não se concluiu nos exemplares consultados.[52] Apareceram ainda cinco poemas: "A Jesus Christo", "Habitantes da India Portugueza", um longo poema de amor sem título, "Se me recorda da tua ingratidam. Glosa-Soneto" e um outro "Soneto".[53]

Em 1866 surgiu *O Patriota*,[54] periódico bilíngüe inglês-português, que trazia por epígrafe: "A verdade que eu conto nua e pura / Vence toda a grandeloqua escriptura", extraído de *Os Lusíadas*. Propunha-se a defender a causa dos portugueses residentes em Bombaim.[55] Reproduzia notícias de *O Sentinella da Liberdade*, de *O Ultramar*, de *O Ecco de Bombaim* etc. Publicava sobretudo debates e questões relativas ao catolicismo (padroado x propaganda), parecendo ser esse o maior sentido do termo "patriota". Em outubro de 1866, apareceu um curioso artigo sobre a imprensa portuguesa em Bombaim, redigido por V. L. da Silva.[56]

A imprensa de língua portuguesa em Bombaim, se não primava pelo aspecto literário, ao menos revelava uma vontade persistente da comunidade goesa e portuguesa ali estabelecidas em manter uma identidade em torno da língua portuguesa, além de constituir, por vezes, um lugar de expressão da oposição à elite dirigente de Goa.

---

no entanto registrar *A Anglo-Lusitano* (Bombaim, 8 jul. 1886 -- ao menos até 19 mar. 1955), semanário redigido na sua parte portuguesa por Leandro Mascarenhas, que dera origem à publicação. A título de curiosidade, registremos ainda que, já na década de 1840, aparecia em Bombaim um semanário redigido inteiramente em inglês, intitulado *Indio Imparcial* (1843--1844), dirigido por Antônio Filipe Rodrigues e voltado integralmente para a colônia portuguesa -- surgindo alguns outros do mesmo gênero no decorrer do século (Lopes, 1971: 117). Infelizmente não foi possível localizar qualquer exemplar do *Indio Imparcial*, de especial interesse para a definição das fronteiras do que se pode denominar como literatura indo-portuguesa.

52. "Fatima e Zendar", *O Portuguez em Bombaim*, 1863, n. 4 e 5; "Pedro e Almanza", *op .cit.*, 1863, n. 12; "Cartas escriptas da India e da China nos annos de 1815 a 1835 por José Ignacio de Andrade a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade", *op. cit.*, 1863, n. 3, 9, 10 e 11; "Jaimes, ou a desventura", *op. cit.*, 1863, n. 3; "Adelaide. Romance original portuguez", *op. cit.*, 1863, n. 6 e 7.

53. "A Jesus Christo", *O Portuguez em Bombaim*, 1863, n. 2; "Habitantes da India Portugueza", *op. cit.*, 1863, n. 3; [poema sem título], *op. cit.*, 1863, n. 9; "Se me recorda da tua ingratidam. Glosa-Soneto", *op. cit.*, 1863, n. 10; "Soneto", *op. cit.*, 1863, n. 12. O número 12, de 17 de junho de 1863, é o último exemplar da coleção da BN -- a coleção começa no n. 2 e não há o n. 8.

54. Só foi possível consultar a segunda edição do periódico, que saía até ali sem periodicidade fixa.

55. "Prospecto", *O Patriota*, 1866, n. 2, jul., p. 1; e "O Patriota", *O Patriota*, 1866, n. 2, jul., p. 1-2.

56. V. L. da Silva, "Jornalismo portuguez em Bombaim", *O Patriota*, 1866, outubro, n. 6, p. 15.

5. *As damas da Índia*

A década de 1860 foi também o momento em que diversos periódicos de segmentos específicos da sociedade entraram em cena. Passaram a ser publicados mensalmente pela Imprensa Nacional, em Nova Goa, os periódicos: *Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portugueza* (15 jun. 1862 -- 15 dez. 1863); *Revista Médico-Militar da Índia Portuguesa* (1º out. 1862 a 1º jan. 1864), mensal; *Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India Portugueza* (jan. 1864 -- dez. 1871), e *Periódico Militar do Ultramar Portuguez* (16 mar. a 16 out. 1863), este quinzenal.

Além desses periódicos especializados, despidos de interesse literário,[57] a imprensa voltada exclusivamente para o público feminino ganhava seu primeiro representante em Goa com o aparecimento de *Recreio das Damas. Periodico Semanal de Recreação Oferecido ás Damas da India Portugueza e ás Damas Portuguezas de Toda a India*[58] (9 mai. a 5 out. 1863).[59] Era impresso na Imprensa Nacional e redigido pelo oficial do exército João Filipe de Gouveia, o mesmo do *Periódico Militar do Ultramar Portuguez*. Publicava os poemas de Luís Augusto Palmeirim e intencionava editar em fascículos uma biblioteca feminina, aconselhando a leitura de diversos romances.

Trazia por epígrafe a frase de Montesquieu: "Tenho esperimentado, que não ha mortificação, que uma hora de leitura não tenha suspendido". Era dividido em diversas seções, tais como de "Variedades", "Poesias", "Anecdotas", "Charadas", "Maximas moraes". Vinha sempre abaixo do título os seguintes dizeres:

> Publica-se este periodico aos sabbados: consta de duas folhas de impressão, sendo uma de variedades, a outra, constante continuação de qualquer obra, que no fim se possa encadernar em separado. Preço por assignatura 2 tangas cada numero; para os Srs. subscriptores do - Periodico Militar, 1,5 tanga cada numero; cada numero avulso, 2,5 tangas.

Prometia, pois, publicar alguns romances e era fornecida sua relação: *Lionello*, do Pe. Antônio Bresciani; *Murat*, de Alexandre Dumas; *A mão direita do Sr. de Giac*, Alexandre Dumas;

---

57. Os periódicos especializados de Goa traziam muito pouca ou nenhuma literatura, o que nem sempre ocorreu com os da metrópole portuguesa. Como vimos, o *Repositorio Literario* (1834), onde Herculano se perguntava pelos novos caminhos da literatura romântica portuguesa, era órgão da Sociedade de Sciencias Medicas e de Literatura do Porto. Essa ausência da miscelânea entre especialização e literatura possivelmente se deveu ao fato de esse gênero de periódicos goeses aparecerem já na década de 1860, quando a idéia de especialização se encontrava muito mais sedimentada.

58. Lembremos que em 1859 era publicado no Porto um "periodico quinzenal de litteratura e modas", também intitulado *O Recreio das Damas*, tendo por proprietário João César Pinto Magalhães e por principal redator J. da Silva Mendes Leal Júnior, além da participação de diversas senhoras portuenses (que colaboravam inclusive com literatura propriamente dita). Publicava poemas, romances e textos sobre os costumes das mulheres em outras culturas, como a chinesa ou a turca. Faz crer que João Filipe Gouveia ao menos tivesse conhecimento dessa publicação, se é que não foi dali que retirou o título para sua publicação.

59. 8 de outubro de 1863, segundo Xavier (1876: 136). Publicou 16 exemplares, que formam um volume de 64 páginas

O banqueiro de cera, de Paulo Feval; *O leão d'ouro*, de Paulo Feval; *O derradeiro abencerragem*, de Chateaubriand; *Paulo e Virginia*, de Bernardin de Saint Pierre; *Rosa e branca*, de Jorge Sand; *Luiz Napoleão*, de J. B. Fellens; *Choupana India*, de Bernardim de Saint Pierre; *Branca de Beaulieu*, de Alexandre Dumas, e *De Delhi a Cawnporte*, do Dr. Félix Maynard. A relação acima revela ostensiva preferência pelos romancistas franceses, o gosto pelo cenário italiano, a reafirmação do apreço pelos trabalhos ambientados na Índia de Maynard e a total ausência de escritores portugueses, isso, sim, bastante significativo, denotando que as senhoras goesas procuravam fazer coro com as leitoras portuguesas, que também tinham na literatura francesa sua preferência.

Nenhum dos textos acima foi, no entanto, publicado, ao menos nos dezesseis primeiros exemplares, que parecem corresponder a tudo que se publicou do periódico. Estampou-se, em contrapartida, o romance *Os agoiros*, sem indicação de autor ou de onde teria sido extraído, que ficaria inconcluso.

A maior parte dos textos foram retirados de periódicos portugueses, tais como o *Viannense*, *O Instituto*, "d'um jornal da Beira Alta", mas também da *R. Britanique* [Revue Britanique] e publicaram-se, sobretudo, matérias sobre moda e moral. Quanto aos versos, o poeta de maior presença era Luiz Augusto Palmeirim, com os poemas "Sim? -- Não.", "Portugal" e "O guerrilheiro". Também apareceu "Melancolia", de Luiz Arsênio Marques Correia Caldeira, "O dia do juizo final", de Pinto d'Almeida, "Saudades de minha terra", de J. C. de Souza, "Retrato moral do homem", de Ducis, e um poema anônimo, "Mãe e filho".[60]

A propósito desse jornal e da importância cada vez maior que o refinamento de hábitos e costumes europeus ganhavam em Goa, recordemos como a vida social goesa era bastante peculiar, se comparada à metrópole. A começar pela vestimenta. Conta-nos Bruto da Costa:

> Ainda nos principios do seculo 19, exceptuando os facultativos, advogados, clerigos e empregados publicos, os varões da classe nativa faziam uso de calças curtas denominadas *marromba*, camisa, véstea, chapeu e chinellas ou alparcas, no uso ordinario da vida exterior, e a gente feminina trajava-se parte a indiana e parte a *panno-baju*.
>
> Ao fechar da segunda decada começou a entrar nas senhoras da classe mais elevada o uso do trajo europeu; e tambem os cavalheiros foram substituindo as marrombas pelas calças e as vesteas pelos jalecos e outro fato a moda europea.
>
> Successivamente nas familias nativas de maior consideração foi adoptado em ambos os sexos o trajo europeu; e hoje [1896] não ha na generalidade das mesmas familias differença alguma no modo de vestir, sendo rarissimas as damas que conservam o *panno-baju* e a *fota*.
>
> (...)
>
> Está infiltrado na nossa burguezia de tal fórma a idéa de que não se devem apresentar em reuniões publicas as damas sem uma *toilette* luxuosa que, ou sob qualquer pretexto se escusam, ou contraem dividas para assistirem ao baile: e os chefes de familia previdentes

---

60. Luiz Augusto Palmeirim, "Sim? -- Não.", *Recreio das Damas*, 1862, 9 mai., n. 1, p. 4; L. A. Palmeirim, "Portugal", *op. cit.*, 1862, 8 set., n. 14, p. 54-55; L. A. Palmeirim, "O guerrilheiro", *op. cit.*, 1862, 24 set., n. 15, p. 59-60; "Mãe e filho", *op. cit.*, 1862, 23 mai., n. 3, p. 12; Luiz Arsênio Marques Correia Caldeira, "Melancolia", *op. cit.*, 1862, 27 jun., n. 6, p. 23-24; Pinto d'Almeida , "O dia do juizo final", *op. cit.*, 1862, p. 35-36; J. C. de Souza, "Saudades de minha terra", *op. cit.*, 1862, 25 jul., n. 10, p. 39-40; Ducis, "Retrato moral do homem", *op. cit.*, 8 out., n. 16, p. 63-64.

> tratam de encurtar as despezas de alimentação e do fato caseiro para economisar o necessario a fim de satisfazer essa divida. (Costa, 1896: 98-99)

Também na alimentação se faziam sentir os hábitos regionais:

> A alimentação da quasi totalidade da população é canja de arroz para o almoço e merenda, e arroz e caril para jantar e ceia. Os da classe mais elevada faz o almoço de garfo; e um limitado numero serve-se no jantar de soupas, arroz refugado e prato de meio. (Costa, 1896: 99)

É curioso notar que, apesar das drásticas alterações introduzidas pelos hábitos ocidentais, tenha surgido apenas um periódico voltado exclusivamente para as mulheres goesas, tendo este ainda tão curta duração. Seria razoável supor que as profundas mudanças no gosto e na etiqueta viessem a estimular uma literatura, quer ficcional, quer informativa, que apresentasse os modelos vigentes na Europa com maior constância e detalhe. Ou isso se deu em outro lugar que não o do periódico, ou o lugar da mulher goesa não era o de leitora, como ocorria na Europa.

6. *Ilustres e ilustrados*

Ainda em 1863, nascia Moniz Barreto, "a mais importante figura literária que Goa deu a Portugal" (Devi & Seabra, 1971: 187), que deixaria a terra natal em 1878 e ganharia o respeito e a admiração dos meios literários portugueses, convivendo com Oliveira Martins, Eça de Queirós e Antero de Quental, entre outros.

Muniz Barreto nasceu num momento de efervescência da produção ilustrada e literária. No ano seguinte ao de seu nascimento, ocorreu um fato importante para os leitores e literatos goeses: surgiu a *Illustração Goana*[61] (nov. 1864 - dez. 1866). Era um periódico mensal, publicado primeiramente na Imprensa Nacional e depois na imprensa do *Ultramar*, em Margão. Seu diretor e proprietário era Luís Manuel Júlio Frederico Gonçalves, ou apenas Júlio Gonçalves. Contava com a colaboração de Antônio Joaquim Sócrates da Costa, Antônio Ferreira Martins, Fernando da Cunha Pinto, Caetano Francisco de Miranda, Joaquim José Fernandes Arez, José Francisco de Albuquerque, José Frederico de Assa Castel-Branco, José Gerson da Cunha, José Maria do Carmo Nazaré, Manuel Joaquim da Costa Campos, José Mariano de Abreu, Bernardo Francisco da Costa, Felipe Nery Xavier, Antônio João Frederico Gonçalves de Figueiredo, irmão do editor, e outros. Nomes que fariam a história intelectual e artística dos anos seguintes.

Foi muito bem recebido pelo público, como atestou *O Ultramar*,[62] em cujas páginas Júlio Gonçalves colaborava como um dos principais redatores na área de literatura. Publicou ali alguns artigos na seção "Variedades". Nesse mesmo ano de 1864 encontramos um intitulado

---

[61]. Consultei do n. 1, de 1864, ao n. 12, de 1865. Como a encadernação da BN não as capas intermediárias dos exemplares -- apenas as anuais -- não é possível identificar com certeza o mês em que cada exemplar foi de fato publicado. A numeração das páginas, no entanto, permite identificar o início e fim dos exemplares.

[62]. Júlio Gonçalves, "Illustração Goana", *O Ultramar*, 1864, 29 set., n. 287; 15 dez., n. 298.

"Litteratura",[63] em que a arte de escrever foi tomada como expressão patriótica e veículo de civilização. Concebeu a criação literária como resultado da história literária e da apropriação da "substancia" periodicamente elaborada pelas nações. Empregou os termos "absolutismo" e "liberdade" para afirmar o compromisso da literatura com o segundo, o que evidenciava, já no vocabulário empregado, íntima relação entre política e literatura. Mesmo sendo moeda corrente no romantismo, tal relação evidenciava a adesão de Gonçalves ao pensamento liberal -- que tem no obrar artístico do gênio um de seus principais paradigmas de liberdade. E seria esse, possivelmente, o ideário que fundamentaria a concepção da *Illustração Goana.*

Segundo Devi & Seabra, foi "a revista literária que maior influência teve na vida cultural do país" (1971: 143). E mais adiante, referindo-se ao periódico no cenário exclusivo das letras, observavam que "com ele se inaugurou uma nova era para as publicações de carácter literário em Goa (...) Pela primeira vez a literatura da Europa era divulgada entre as novas gerações" (1971:144), afirmação que não pode ser tomada literalmente, já que, como vimos, havia duas décadas que se divulgava a literatura européia. Acontece que, com a *Illustração Goana*, isso seria feito de modo mais didático, com um caráter de formação, em estudos panorâmicos sobre Madame de Stael, Chateubriand, Lamartine, Victor Hugo, Walter Scott, Byron, Anna Radcliffe e outros.[64] Júlio Gonçalves foi ainda o primeiro contista romântico goês de inegável valor,[65] tendo publicado muitos de seus contos na própria na revista que fundara.

A *Illustração Goana* tinha, na certa, por modelo a *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil* (1859--1865), na qual colaboravam nomes de portugueses como Teófilo Braga, Mendes Leal, Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas e Rebelo da Silva, e, entre os brasileiros, Machado de Assis. Imitava a natureza e a disposição das matérias publicadas, isto é: abria sempre com a biografia de alguma personalidade de relevo; em seguida, apresentava as matérias de ciências naturais, narrativas de viagens e contos; os poemas ficavam geralmente mais para o final do exemplar, que sempre fechava com a crônica do mês. Chegou mesmo a reproduzir os títulos das seções de crônicas, que na *Revista Contemporanea* eram denominadas de "Chronica do mez" e "Chronica politica nacional e estrangeira" e, na *Illustração Goana*, igualmente "Chronica do mez" e "Chronica exterior, nacional e extrangeira". O fato é que Júlio Gonçalves, na certa, conhecia a revista da metrópole e poderia mesmo ter mantido algum contato com seus editores, já que, enquanto colaborador de *O Ultramar*, reproduziria em 1865 um ensaio de Caetano Francisco Miranda sobre os progressos da literatura goesa, que fora em primeira mão parcialmente estampado na *Revista Contemporânea.*

---

63. Júlio Gonçalves, "Litteratura", *O Ultramar*, 1864, 8 set., n. 284.

64. Lembremos que os barrocos Antônio João de Frias e Leonardo Pais foram os primeiros ensaístas goeses, porém não produziram ensaios especificamente "literários", no sentido que hoje se atribui ao termo (sentido condensado a partir do século XIX).

65. Após J. Gonçalves, já no início do século XX, o conto teria diversos cultores, como José da Silva Coelho , que publicou muitos dos seus trabalhos em *O Heraldo*, ou Claudiana de Noronha Ataíde Lobo e sua filha, Beatriz da

A *Illustração Goana* publicava fundamentalmente matéria literária e histórica, com alguma passagem pelas ciências naturais. Era sem dúvida a mais bem elaborada revista literária de Goa do século XIX, com a colaboração dos mais importantes intelectuais locais, além da publicação de grande quantidade de literatura original. A seção dedicada à crônica era bastante completa e também aquela dedicada ao andamento literário europeu daqueles anos, redigidas por Antônio João Frederico Gonçalves de Figueiredo, pelo moçambicano José Pedro da Silva Campos Oliveira, por José Francisco de Albuquerque e pelo próprio Júlio Gonçalves.[66]

Em matéria de prosa ficcional, estampou "Traição -- Romance original", anônimo, o conto de A. J. Frederico Gonçalves de Figueiredo, "Uma festa e uma viagem", a fantasia de José Gerson da Cunha sobre "A mulher e o mundo", um conto de Campos Oliveira, "Nem uma nem outra", um episódio biográfico de J. F. de Sequeira sobre "O requiem de Mozart", além de duas traduções: uma de F. G., provavelmente Frederico Gonçalves, "Algumas palavras sobre a gruta de Gethsemani (Da *Voyage en Orient* de Lamartine)", e outra (em prosa) dos versos "Ode á Napoleão Bonaparte (Do Byron)", por Caetano Francisco de Miranda.[67]

No gênero narrativa de viagem apareceram, além da já supracitada de Lamartine, os textos "Singapura -- Fragmento d'uma viagem inedita" e "Pinang -- Fragmento de uma viagem inedita", assinados por ** N., e o longo texto "Viagem de Goa a Diu por Bombaim -- Fragmentos de um livro inedito", de Adriano César de Mello Xavier.[68]

Lembremos que, nessa mesma época, *A India Portugueza* estampava a narrativa de viagem "Descripção de alguns reinos da Ilha de Timor, inclusive a cidade de Deli, feita por um official do exercito de Goa, que esteve ali 3 annos",[69] sendo que em breve publicou outra narrativa de viagem, então na própria Índia: "Viagem de Rachol á Nachinolá ao meu amigo o senhor José Manoel Barreto",[70] de Filippe José Albino da Gama Botelho.

Conceição Ataide Lobo, que coletaram e transcreveram uma infinidade de contos populares, além de Alberto de Meneses Rodrigues, Ananta Rau Sar Dessai, Laxmanrao Sardessai , Vimala Devi, Epitácio Pais e outros.

66. Como a coleção da *Illustração Goana* que consultamos encontra-se encadernada sem as respectivas capas de seus exemplares, dificultando sobremaneira a exata referência bibliográfica de cada um dos textos, observamos apenas, no que concerne às crônicas, que temos ali dez crônicas de autoria de José Pedro Campos Oliveira, oito de Júlio Gonçalves, três de A. J. Frederico Gonçalves de Figueiredo, duas de J. F. de Albuquerque, uma de B. F. da Costa e duas anônimas.

67. "Traição. Romance original", *Illustração Goana*, 1864, n. 1, p. 6-7; n. 2, p. 5-8; n. 3, p. 43-46, n. 4, p. 6-10; Campos Oliveira, "Nem uma nem outra", *op. cit.*, 1866, n. 6, p. 14-18; J. F. de Sequeira, "O requiem de Mozart", *op. cit.*, 1866, n. 7, p. 16-17; F. G., "Algumas palavras sobre a gruta de Gethsemani. (Da Voyage en Orient de Lamartine)", *op. cit.*, 1866, n. 8, p. 5-6; C. F. de Miranda, "Ode á Napoleão Bonaparte (Do Byron)", *op. cit.*, 1866, n. 9, p. 6-9.

68. ** N.; "Singapura. Fragmento d'uma viagem inedita", *Illustração Goana*, 1866, n. 11, p. 9-13;** N, "Pinang. Fragmento de uma viagem inedita", *op. cit.*, 1866, n. 12, p. 5-8; Adriano César de Mello Xavier, "Viagem de Goa a Diu por Bombaim. Fragmentos de um livro inedito.", *op. cit.*, 1866, n. 1, p. 7-10; n. 2, p. 5-8; n. 3, p. 7-10; n. 4, p. 12-17; n. 5, p. 15-17; n. 6, p. 10-11.

69. "Descripção de alguns reinos da Ilha de Timor, inclusive a cidade de Deli, feita por um official do exercito de Goa, que esteve ali 3 annos", *A India Portugueza*, 1864, 12 out., n. 198, p. 1; 5 nov., n. 201, p. 1-2; 12 nov., n. 202, p. 1-2.

70. Filippe José Albino da Gama Botelho, *A India Portugueza*, "Viagem de Rachol á Nachinolá ao meu amigo o senhor José Manoel Barreto", 1865, 14 jun., n. 233, p. 1; 28 jun., n. 235, p. 1; 5 jul., n. 236, p. 1.

Mas também Júlio Gonçalves apareceu com diversos trabalhos em prosa, caracterizados por um apreço especial às tradições populares goesas e à vida cotidiana da colônia. Encontravam-se divididos em dois blocos: 1) "Contos da minha terra", que traziam os episódios "O pequeno do monte", "Amar por comissão" e "Era uma noite de maio"; 2) "Aventuras de um Simplicio", com os episódios "O Fantasma", "Um jesuita" e "Onde é que está a riqueza -- 1". Também publicou o texto "Os metualis (traducção livre da "Viagens" de Lamartine)". Júlio Gonçalves revelou-se aqui um bom contista, não só ambientando suas narrativa em Goa, como também descrevendo situação e personagens típicos da colônia com graça e desenvoltura. Destes, com exceção de "O pequeno do monte", já reproduzido por Devi & Seabra (1971), e da tradução do texto de Lamartine, todos os outros foram reproduzidos no volume anexo.[71]

Nesses anos, em *A Harmonia*, apareceu, na seção "folhetim", a "Carta acerca do romance *O anjo e o demonio* dirigida ao auctor do mesmo pelo sr. A. J. de Faria Leal"[72].

Com exceção de um poema de Camilo Castelo Branco, "Innocencia", e de outro de A. Lopes Mendes, "Á cidade velha de Goa", todos os demais eram de autoria de M. J. da Costa Campos, de José Pedro da Silva Campos Oliveira e de Júlio Gonçalves.[73]

De M. J. da Costa Campos temos "A cura miraculosa que aos pés do bemaventurado apostolo das Indias S. Francisco Xavier recebeu minha irman M. A. Francisca Xavier da Costa Campos na tarde do dia 26 de dezembro de 1859", "Um pedido" e "Á beira-mar"; de José Pedro da Silva Campos Oliveira, "Ella", "Amo-te", "A uma virgem (improviso)", "Uma visão (ao meu amigo A. do Rozario Alvares)", "Amores e dores" e "Não crês?!...", todos reproduzidos por Manuel Ferreira (1985); e de Júlio Gonçalves, "Hontem, hoje e amanhã", "A vóz do eremita", "A virgem" e "Esperança".[74]

---

71. Notemos que o primeiro episódio das "Aventuras de Simplício" também foi reproduzido por Devi & Sebra; tivemos, porém, de refazer essa tarefa para dar sentido aos outros dois -- J. Gonçalves, "Contos da minha terra. I -- O pequeno do monte", *Illustração Goana*, 1864, n. 6, p. 5-9; J. Gonçalves, "Contos da minha terra -- II -- Amar por comissão", *op. cit.*, 1864, n. 7, p. 6-11; J. Gonçalves, "Contos de minha terra. III. Era uma noite de maio", *op. cit.*, 1864, n. 9, p. 6-11; J. Gonçalves, "Aventuras de um Simplicio. I. O Fantasma", *op. cit.*, 1866, n. 4, p. 4-9; J. Gonçalves, "As Aventuras de um Simplicio. II. Um jesuita", *op. cit.*, 1866, n. 5, p. 5-10; J. Gonçalves, "Aventuras de um Simplicio. III. Onde é que está a riqueza. 1", *op. cit.*, 1866, n. 7, p. 5-8; J. Gonçalves, "Os metualis (traducção livre da "Viagens" de Lamartine)", *op. cit.*, 1866, n. 12, p. 12-13.

72. "Carta acerca do romance *O anjo e o demonio* dirigida auctor do mesmo pelo sr. A. J. de Faria Leal", *A Harmonia*, 1864, 17 set., n. 98, p. 457-458.

73. Camillo Castello-Branco, "Innocencia", *Illustração Goana*, 1864, n. 1, p. 8; A. Lopes Mendes, "Á cidade velha de Goa", *op. cit.*, 1866, n. 11, p. 17; M. J. da Costa Campos, "A cura miraculosa que aos pés do bemaventurado apostolo das Indias S. Francisco Xavier recebeu minha irman M. A. Francisca Xavier da Costa Campos na tarde do dia 26 de dezembro de 1859", *op. cit.*, 1864, n. 2, p. 14-16.

74. M. J. da Costa Campos, "A cura miraculosa (conclusão)", *A Illustração Goana*, 1864, n. 3, p. 50-52; M. J. da Costa Campos, "Um pedido", *op. cit.*, 1864, n. 6, p. 17-18; M. J. da Costa Campos, "Á beira-mar", *op. cit.*, 1866, n. 10, p. 11-14; J. P. da Silva Campos e Oliveira, "Ella", *op. cit.*, 1864, n. 5, p. 17-18; J. P. da Silva Campos Oliveira, "Amo-te", *op. cit.*, 1864, n. 9, p. 16-17; J. P. da Silva Campos Oliveira, "A uma virgem (improviso)", *op. cit.*, 1866, n. 4, p. 18; J. P. da Silva Campos Oliveira, "Uma visão (ao meu amigo A. do Rozario Alvares)", *op. cit.*, 1866, n. 8, p. 15-17; J. P. da Silva Campos Oliveira, "Amores e dores", *op. cit.*, 1866, n. 12, p. 4; José Pedro da Silva Campos Oliveira, "Não crês?!...", *op. cit.*, 1866, n. 1, p. 11-13; J. Gonçalves, "Hontem, hoje e amanhã", *op. cit.*, 1864, n. 7, p. 18-20; J. Gonçalves, "A vóz do eremita", *op. cit.*, 1864, n. 10, p. 10-14; J. Gonçalves, "A vóz do eremita", *op. cit.*, 1864, n. 11, p. 14-17; J. Gonçalves, "A vóz do eremita", *op. cit.*, 1864, n. 12, p. 13-16; J. Gonçalves, "A virgem", *op. cit.*, 1866, n. 2, p. 11-12; J. Gonçalves, "Esperança", *op. cit.*, 1866, n. 12, p. 22

Em matéria de textos sobre literatura, apareceram, de F. C. da Cunha Pinto, "Os homens de lettras e a gloria dos homens" e, de Caetano Francisco de Miranda, "Homens grandes da antiguidade -- Socrates" e "Rollin -- Golpe de vista sobre a sua vida e os seus escriptos".[75] No entanto, seria mais uma vez Júlio Gonçalves quem apresentaria o maior número de textos. Iniciou com "Bosquejos litterarios -- A litteratura e as nações ou Quadros historicos da litteratura contemporanea dos estados mais cultos da Europa -- I -- A França litteraria -- Stael -- Chateuabriand -- Lamartine -- Victor Hugo", seguidos de outros "Bosquejos litterarios -- A litteratura e as nações ou Quadros historicos da litteratura contemporanea dos estados mais cultos da Europa -- II -- A Inglaterra litteraria -- Byron -- Walter Scoot -- Pope -- Thomaz Moore -- Roberto Wilson -- Anna Radcliffe". Também estampou duas crônicas bibliográficas, "*Narração da inquisição de Goa*, de Mr. de Dellon, -- versão com notas e acrescentamentos do sr. M. V. d'Abreu" e "*Descripção do coqueiro, arequeira, arroz, e moedas de Goa*, pelo sr. Filippe Nery Xavier". Vale ainda registrar seu artigo "Algumas palavras sobre a imprensa".[76]

Outro que contribuiu com discussões relativas à literatura foi Filippe Nery Xavier, que publicou dois trabalhos sobre a vida de Bocage em Goa: "Bocage -- Noticia da vinda á Goa, e á Lisboa por Macáu", e "Amanteicui -- Noticia historica sobre o poema de Bocage, que leva este titulo, e sobre a vida e relações da sua heroina".[77]

Tornou-se evidente, apenas pela relação de matérias publicadas na *Illustração Goana*, o quanto tal publicação apresentou um caráter literariamente superior a qualquer outra até então ali editada. Foi efetivamente um marco na história da literatura goesa de língua portuguesa.

Ainda segundo os autores da *História da Literatura Indo-portuguesa*, foi a partir desses anos que as publicações periódicas passaram a trazer, ao lado dos graves estudos até então publicados, poemas e textos mais leves e mesmo frívolos, divulgando-se também a vida e a obra de escritores românticos. Isso, a rigor, também já se dava desde *O Encyclopedico;* tal traço, porém, iria fazer-se sentir com maior evidência a partir de meados da década de 1860.

---

[75] . F. C. da Cunha Pinto, "Os homens de lettras e a gloria dos homens", *Illustração Goana*, 1866, n.10, p.7-10; Caetano Francisco de Miranda, "Homens grandes da antiguidade - Socrates", *op. cit.*, 1864, n.7, p.12-15; F. de Miranda, "Rollin. Golpe de vista sobre a sua vida e os seus escriptos", *op. cit.*, 1864, n.11, p.9-11.

[76] . J. Gonçalves, "Bosquejos litterarios. A litteratura e as nações ou Quadros historicos da litteratura contemporanea dos estados mais cultos da Europa. I A França litteraria - Stael - Chateuabriand - Lamartine - Victor Hugo", *Illustração Goana*, 1864, n.5, p.8-9; J. Gonçalves, "Bosquejos litterarios. A litteratura e as nações ou Quadros historicos da litteratura contemporanea dos estados mais cultos da Europa. II. A Inglaterra litteraria - Byron - Walter Scoot - Pope - Thomaz Moore - Roberto Wilson - Anna Radcliffe", *op. cit.*, 1864, n.6, p.15-16; J. Gonçalves, "Chronica bibliographica. *Narração da inquisição de Goa*, de Mr. de Dellon, - versão com notas e acrescentamentos do sr. M. V. d'Abreu", *op. cit.*, 1866, n.9, p.17-20; J. Gonçalves, "Chronica bibliographica. *Descripção do coqueiro, arequeira, arroz, e moedas de Goa*, pelo sr. Filippe Nery Xavier", *op. cit.*, 1866, n.10, p.15-18; J. Gonçalves, "Algumas palavras sobre a imprensa", *op. cit.*, 1866, n.5, p.11-14.

[77] . Filippe Nery Xavier, "Bocage. Noticia da vinda á Goa, e á Lisboa por Macáu", *Illustração Goana*, 1864, n.3, p.47-49; Filippe Nery Xavier, "Amanteicui. Noticia historica sobre o poema de Bocage, que leva este titulo, e sobre a vida e relações da sua heroina", *op. cit.*, 1864, n.4, p.14-16; Filippe Nery Xavier. "Amanteicui. Noticia historica sobre o poema de Bocage, que leva este titulo, esobre a vida e relações da sua heroina", *op. cit.*, 1864, n.5, p.12-14.

7. *Um debate lá fora*

Em 1865, foi reproduzido em *O Ultramar*[78] um debate estampado em *A Revolução de Setembro* sobre os usos e abusos em torno do emprego da língua portuguesa pelos autores românticos, especialmente nos jornais, debate ocorrido entre um português e um brasileiro, sendo que o primeiro apresentou um tom sarcástico e intransigente, atacando o emprego de galicismos e arcaísmos no Brasil, e o segundo, um tom irônico e relativizador, apontando os galicismos cometidos pelo primeiro e ironizando sua intolerância, colocando-se na falsa condição de seu discípulo. O debate fora publicado na metrópole apenas quatro meses antes de ser reeditado em *O Ultramar*, o que pode ser tido como um acompanhamento bastante próximo e atento das intempéries literárias metropolitanas, principalmente se considerarmos que a Questão Xoimbrã teve seu início imediatamente após tal debate, mais exatamente em maio de 1865 (Ferreira, 1966-1970).

Além disso, é significativo notar que nenhum intelectual goês tivesse tomado posiçao publicamente em relação às questões gramaticais e estilísticas ali aventadas. As questões enfocadas debatiam sobre a legitimidade do emprego de variantes lingüísticas -- muitas delas possivelmente presentes no português falado e escrito em Goa. A opção dos goeses em se manterem na platéia, desconhecendo sua condição de réu, faz pensar que o romantismo ali não tivesse chegado a instigar uma consciência de identidade estilístico-literária, possivelmente porque colocaria em xeque a própria situação colonial, muito prezada, apesar de tudo, pela elite letrada de língua portuguesa.

8. *Poesia e prosa*

Importa destacar, nesse momento de efervescência literária, o aparecimento da *Harpa de Mandovy -- Jornal de Poesias* (7 jul. a 20 nov. 1865), periódico mensal que publicava exclusivamente poemas, o que nos remete imediatamente aos periódicos portugueses do mesmo gênero, editados especialmente no Porto e em Coimbra. Infelizmente não pudemos ter em mãos qualquer um de seus exemplares.

Também veio a lume *O Recreio -- Jornal Literario Instructivo e Mensal* (2 out. 1865 – 1º abr. 1866), editado mensalmente na Imprensa Nacional, de propriedade de Joaquim Victorino de Noronha Rodrigues. Seu principal colaborador era Francisco Antônio Paulo Frias de Noronha, assinando poemas e ensaios. Circulava, segundo o próprio periódico, em Goa e região, Damão,

[78] Os artigos aparecem sob o título "Litteratura portugueza", numerados de I a IV, nos exemplares n. 315, 317, 319 e 321 de abril e maio de 1865, apresentado indicação de terem sido extraídos de *A Revolução de Setembro*. Já a resposta vem com o título "Litteratura Portugueza - Carta", numeradas de 1 a 3, nos exemplares n. 323, 325, 326 e

Diu e África (leia-se Moçambique).[79] Já em suas diretrizes intencionava reproduzir periódicos europeus. Afirmava-se no texto introdutório:

> Com este intento [o de publicar um periódico modesto] havemos de trabalhar, para que pennas decididamente habeis venham honrar nossas columnas, para que escriptos de vantagem, e recreio que vêem publicados nos jornaes litterarios de Europa tomem logar n*O Recreio*.[80]

Eram reproduzidos artigos dos periódicos: *Alm. do Cast.*, *Ecco de Barcellos*, *La morale on action* e *Archivo Popular*. O periódico possuía uma seção de crônica do mês muito interessante, que fornecia dados sobre o cotidiano de Goa. Além disso, apresentou dois textos que trataram do universo literário: "Uma ligeira vista sobre Torquato Tasso", de J. F. Caraciola de Sá, e "A mulher na republica das letras", de F. A. Paulo Frias Noronha. Em prosa, apareceu o "Romance -- A fatalidade", de Leopoldo Cipriano de Gama.[81]

Segundo Devi & Seabra (1971: 145), teve como colaboradores "todos os nomes ilustres da burguesia goesa, dos quais, no entanto, poucos são dignos de memória", sendo ainda de tom "ultra-romântico e de mau gosto".

Lembremos que, em 1865, Jacinto Caetano Barreto Miranda publicava o artigo "Duas palavras sobre o progresso litterario de Goa" na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*,[82] de Lisboa, denotando a consciência de uma verdadeira expressão literária que começava a estabelecer-se no Oriente português.

João Filipe de Gouveia, que já redigira o *Periódico Militar do Ultramar Portuguez* e *O Recreio das Damas*, passou a ser o responsável pela parte lusa de *O Anglo-Portuguez* [83] (1866), impresso em Bombaim. Ali, seria o editor-responsável pela publicação, em folhetim, do primeiro romance goês, *Os Brahamanes*, de Francisco Luís Gomes.[84] É curioso que esse marco para a literatura goesa de língua portuguesa tenha sido publicado primeiramente na Índia inglesa e, ainda naquele ano, em Lisboa, e não em Goa. Segundo Devi & Seabra, assim se reafirmaria a pérfida tradição dos autores seiscentistas e setecentistas, que editavam seus trabalhos na

---

328 de junho e julho do mesmo ano, assinadas por "Zero" de datadas de 4, 5 e 6 de dezembro de 1864, porém oriundas do Rio de Janeiro, indicando ser seu autor um brasileiro.

[79] . Possuía a seguinte relação de correspondentes: J. F. Napoleão Monteiro na ilha da Piedade; Antonio Xavier Gomes e Pereira na de Salcete; Regalado Piedade Collaço de Margão em Baldez; Augusto Placido de Nazareth em Mapuça; e Caetano Manoel Ribeiro, em Porvorim e na residência do diretor em Siolim. Cf. "Aviso", *O Recreio*, n. 2, p. 26.

[80] . [Joaquim Victorino de Noronha Rodrigues], "Introducção", *O Recreio*, 1865, 2 out., n.1, p.2.

[81] . J. F. Caraciola de Sá, "Uma ligeira vista sobre Torquato Tasso", *O Recreio*, 1865, 1 dez., n.3, p.55-56; 1 mar., n.5, p.105-106; F. A. Paulo Frias Noronha, "A mulher na republica das letras", *op. cit.*, 1865, 1 abr., n.6, p.132-139; Leopoldo Cipriano de Gama, "Romance. A fatalidade.", *op. cit.*, 1865, 1 mar., n.5, p.106-111; 1 abr., n.6, p.128-132.

[82] . *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, 1865, v. 5, n.11, p. 583-593.

[83] . Devi & Seabra (1971: 212), ao se referirem a essa edição em folhetim, equivocaram-se, indicando o periódico *O Anglo-Lusitano*, aparecido somente em 1886, fato compreensível, visto o paralelismo entre nomes e datas.

[84] . Francisco Luís Gomes (1829-1869) era na altura deputado por Margão nas Cortes portuguesas, além de historiador e economista, considerado homem de excelente formação e vasta cultura. Afora *Os brahamanes*, escreveu também *Le Marquis de Pombal*, *A liberdade da e a economia política*, *Essai sur la Théorie d'Économie Politique et de ses Rapports avec la Morale et le Droit*, e *Os brigadeiros Henriques: Carlos Henriques e Joaquim J. X. Henriques* (Barros, 1989: 133-138).

metrópole, privando a comunidade goesa de sua direta influência.[85] Também o tema remonta aos séculos XVII e XVIII: o problema da estrutura das castas *versus* valores de igualdade cristãos, ainda que, então, de uma perspectiva diametralmente oposta, condenando-se, e não mais se justificando, a divisão em castas, como se tentava fazer nos séculos anteriores.[86]

Outro fato de suma importância em torno em *Os Brahamanes* foi ter sido publicado como folhetim no *Diário do Rio de Janeiro*.[87] Isso veio estabelecer uma relação bastante importante entre a literatura portuguesa, a goesa e a brasileira, mesmo que ainda não seja possível ter a medida clara de suas possíveis implicações. Em Portugal, o livro provocou bastante interesse por parte da crítica, bastando lembrar que, no ano seguinte, *A India Portugueza* reproduziu três críticas elogiosas sobre o romance de Francisco Luiz Gomes, extraídas dos periódicos portugueses *Jornal do Commercio* (assinada por D. M. F.), *Gazeta de Portugal* e *A Revolução de Setembro*.[88] Já no final do século, em 1898, ainda seria reimpresso em folhetim pelo semanário *O Independente do Norte*, de Coimbra.[89]

Em 1866, também Inácio Custódio Coelho publicou, em Margão, a primeira peça teatral romântica goesa: *Os dois irmãos doidos e as duas meninas vizinhas*, que foi levada à cena no Teatro Harmonia daquela localidade.[90] Foi ainda nesse ano que *A India Portugueza* estampou o conto "A noite de fora de casa",[91] por P. S., com cenário e personagens goeses, narrado tal qual um caso virtualmente ocorrido, o que situou o texto entre o conto e a crônica. No mesmo ano ainda veio à luz uma crítica negativa aos *Quadros históricos de Goa*, de Barreto Miranda, recusando a interpretação de ser o goês um indivíduo sem consciência de sua dependência e submissão em face da metrópole. Quem assinou foi W. F. de P. e S. P., isto é, Wenceslau Proença.[92] Apareceu ainda, nesse ano, na seção "folhetim", um pequeno episódio do *Mahabarata*,[93] o que revelava interesse pela revalorização do hinduísmo; interesse que ainda teria de esperar algumas décadas para se consolidar. Herculano continuou a se fazer presente numa longa carta sobre o

---

85 . Segundo os mesmos autores (cf. Devi & Sebra, 1971: 133), assim também irá acontecer com com *O signo da ira* (Lisboa, 1961), de Orlando da Costa, *Bodki* (Lisboa, 1962), de Agostinho Fernandes, e *Monção* (Lisboa, 1963), de Vimala Devi, outras três obras de suma importância para a sedimentação da literatura goesa.

86 . Apenas em 1894 aparecerá o segundo romance goês, *Os Maharatas*, de Leopoldo Dias (1854-1903), natural de Betalbatim, que encontra-se incompleto, já que apresenta-se como o primeiro volume de uma conjunto de histórias que se entrelaçam sem se fecharem. Em 1896 aparecerá um dos mais importantes romances goeses, *Jacob e Dulce*, de Francisco João da Costa. Depois, somente em 1961, *O signo da ira*, de Orlando da Costa e, no ano seguinte, *Bodki*, de Agostinho Fernandes, vale lembrar - segundo Devi & Seabra (1971).

87 . Devi & Seabra (1971: 212) não fornecem o período em que isso ocorreu.

88 . "*Os Brahamanes*, romance original de Francisco Luiz Gomes", *A India Portugueza*, 1867, 6 fev., n. 319.

89 . Só pude consultar o primeiro exemplar do *O Independente do Norte*, de 14 de março de 1898, onde tem início a publicação do romance (p.2-3), a qual provavelmente seguiu por diversos números.

90 . A tradição teatral indiana é vasta e de extremo prestígio entre a população. O teatro culto ocidental, no entanto, teve reduzida presença na Índia portuguesa. Vale lembrar que já no século XVII o padre Francisco do Rego escreveu diversas comédias, das quais parece que nada restou. No início do século XX, Luís Napoleão de Ataíde (? - 1909) publica diversas peças humorísticas (*A mulher do artista*, *O filho do mestre Jorge*, *A viúva do comandante*, *Nobreza de alma*), de sensibilidade ainda romântica. Mas será Ananta Rau Sar Dessai o maior dramaturgo goês, com vasta obra escrita para o teatro radiofônico, tais como *Os irmãos ideais*, *Fino e meio*, *Parvo e meio*, *A resolução do tumor da barriga*, *O amor é sacrifício*, *A força do sexo fraco* etc.

91 . P. S. "A noite de fora de casa", *A India Portugueza*, 1866, 18 abr., n.277, p.1-2; 17 mai., n. 281, p.1.

92 . W. F. de P. e S. P. , "Uma palavra sobre o que fomos e o que somos", *A India Portugueza*, 30 mai., n.283, p.1.

casamento civil, recolocando mais uma vez em cena a questão do casamento, um dos temas centrais do romantismo, que ganhou em território goês a dimensão de conflito cultural entre costumes europeus e indianos.[94]

9. *As línguas locais na imprensa*

Surgiu então outro periódico dirigido por Cunha Rivara, *O Chronista de Tissuary* (jan. 1866 – jun. 1869),[95] periódico mensal, impresso na Imprensa Nacional, que dava prosseguimento à publicação de documentos históricos sobre a Índia portuguesa. E, para a alegria do historiador, que sempre divulgou os estudos de concanim, apareceu *O Ramalhetinho* (jan., 1866, e mar. - abr., 1870), primeira publicação editada em português e concanim,[96] sob a direção de Miguel Vicente d'Adreu. Saíram, ao que parece, somente três exemplares, trazendo em suas páginas hinos e canções profanas.

Do material aqui consultado,[97] as canções em concanim eram cinco. Quatro tratavam da cerimônia de casamento e uma tematizava a dança mandó. As em português eram três: uma em homenagem ao rei D. Luís I, outra tratando dos lamentos à sua amada de um homem condenado à morte, e a última sobre os maridos que se deixam dominar pela mulher, reaparecendo aqui esse tema tão caro aos goeses.

É interessante notar a procura de instituir o concanim como língua literária, o que aconteceria efetivamente já no final do século, quando apareceu em Carmonã, Salcete, *A Defesa Nacional* (1894), e, em Bombaim, *O Concanim* (1892-1894), *O Luso-Concanim* (1892-1894), *O Intransigente* (1892), *A Luz* (1894-1916), *A Opinião Nacional* (1894-1895), o *Udentechém Salok* (1894-?) e *The Echo* (1897-1922). A partir do início do século XX, houve, além de publicações bilíngües, periódicos exclusivamente em concanim. O mesmo dar-se-ia com a língua marata, tendo o primeiro periódico marata-português aparecido em 1882, em Parcém, intitulado *Jornal das novas conquistas* (Lopes, 1971: 99).

---

93 . "Um episodio", *A India Portugueza*, 4 jul., n.288, p.1-2.

94 . . Estampada nos números 274, 275 e 276 de 1866 de *A India Portugueza*.

95 . Formando quatro volumes.

96 . Em 1859 aparecia em Bombaim um mensário trilíngüe (português-concanim-inglês) intitulado *O Liberal*, que foi editado de janeiro a outubro de 1859 e dirigido por Aleixo Casimiro Lobo. Esta imprensa trilíngüe também terá maior expressão já para o final do século XIX (Lopes, 1971: 127). Infelizmente não foi possível localizar um único exemplar deste periódico, que é um verdadeiro paradigma da situação lingüística do indo-português de Bombaim.

97 . Na Biblioteca Nacional de Lisboa só foi possível consultar um único exemplar do periódico, que se encontra dividido em duas partes - em concanim e em português -, cada parte com numeração própria, porém formando um mesmo exemplar, como afirma o texto introdutório. Há ainda alguns outros poemas encadernados em conjunto, não sendo provável, no entanto, pertencerem à mesma revista, já que, mesmo os tipos gráficos empregados são distintos. A informação corrente de terem sido publicados três exemplares pode ter origem nessa encadernação, o que resulta duvidoso, já que apesar da numeração distinta, as partes em concanim e em português pertencem a um único exemplar, sendo o terceiro apenas suposto que pertença a *O Ramalhetinho*.

10. *Um debate aqui dentro*

Outro periódico literário desse ano foi o *Goa Sociável* (15 mar. a nov. 1866),[98] impresso na Imprensa Nacional e tendo por redator Manoel Joaquim da Costa Campos. Pretendia atingir a todo cidadão goês sem distinção, propondo-se a publicar notícias históricas sobre Goa e seus filhos, "escolhidos romances originaes, imitados e traduzidos", poemas, crítica sobre novas publicações, impressões sobre a Goa antiga, variedades. Negava lugar à política portuguesa na sua expressão partidária, mas reservava lugar para comentários sobre a política local. Extraía matérias do *Archivo Pittoresco* e de outros periódicos.

De valor, estampou uma crítica bibliográfica sobre *O Chronista de Tissuary*, comentando as atividades de Cunha Rivara em Goa, que era pago pelo governo português para trabalhar com a historiografia daquela colônia. Publicou também um longo conto ambientado em Goa, de Antônio de Oliveira, intitulado "A voz do mundo", e os poemas "A caridade", de F. Gomes de Amorim, "Sê feliz", de M. J. da Costa Campos, "Ultimo canto (imitação livre)", de T. Mourão, e "A voz do Mandovy -- Á memoria do Exmo. Conde de Torres-Novas", de A. Lopes Mendes.[99]

Vale aqui destacar a trama ultra-romântica de "A voz do mundo", que impressiona por suas peripécias, sendo que a íntegra do texto encontra-se no volume da coletânea de textos que acompanha este trabalho. De Antônio de Oliveira nada pudemos saber, a não ser que dedica o conto ao pai.

Em 1867, Jacinto Caetano Barreto Miranda publicou, então em *O Ultramar*,[100] um segundo artigo sobre a literatura indo-portuguesa: "O sermão de Santa Cruz dos Milagres de Sebastião do Rego".

Ainda em 1867, em *A India Portugueza*, Wenceslau Proença publicou "As castas",[101] uma crônica da perspectiva cristã sobre a estratificação social hindu e também um conto intitulado "Marido de mulher casada".[102] Já Francisco Luiz Gomes, o autor de *Os Brahamanes*, colaborou com dois roteiros de viagens: "Inglaterra -- Tres dias de campo"[103] e "De Londres a Paris -- Caminho de ferro de Dover".[104]

Foi nesses anos que um cronista anônimo de *A India Portugueza* resolveu atacar a até então imaculada imagem de intelectual e erudito sustentada por Cunha Rivara. Apesar de assinar

---

98 . Formando um volume de 88 páginas.

99 . "Bibliographia. O Chronista de Tissuary.", *Goa Sociavel*, 1866, mar., n.1, p.8; Antonio d'Oliveira, "A voz do mundo", *op. cit.*, 1866 , abr., n.2, p.10-12; n.3, p.21-23; n.4, p. 27-29; n.5, p. 36-39 ; n.6, p.44-46; n.8, p. 59-62; n.9, p.67-71; n.10, p.76-80; F. Gomes d'Amorim, "A caridade", *op. cit.*, 1866, mai., n.5, p. 35; M. J. da Costa Campos, "Sê feliz", *op. cit.*, 1866, mai., n.6, p.48; T. Mourão, "Ultimo canto (imitação livre)", *op. cit.*, 1866, jul., n.9, p. 72; A. Lopes Mendes, "A voz do Mandovy. Á memoria do Exmo. Conde de Torres-Novas, *op. cit.*,1866, nov., n.11, p. 86.

100 . *O Ultramar*, n. 411, 14 fev 1867.

101 . Wenceslau F. de P. e Souza Prevença, "As castas", *A India Portugueza*, 1867, 29 mai., n.335, p.1.

102 . Wenceslau F. de P. S. Proença, 'Marido de mulher casada", *A India Portugueza*, 16 jan., n.316, p.1-2.

103 . F. L. Gomes, "Inglaterra. Tres dias de campo", *A India Portugueza*, 1867, 23 out., n.356, p.1.

104 . G., "De Londres a Paris. Caminho de ferro de Dover", *A India Portugueza*, 30 out., n. 357, p.1.

os artigos com os mais diversos pseudônimos, estilisticamente era evidente tratar-se de um único redator. Seus primeiros artigos, designando Rivara como "rato da biblioteca de Évora", procuraram desqualificar a produção historiográfica do autor português, e logo partiram para desqualificá-lo enquanto erudito, buscando apresentar provas de sua falsa erudição.

O anônimo cronista estreou no periódico em 12 de junho de 1867, com o folhetim "Revista do mez -- Summario",[105] assinando-se "Um seu criado", sem qualquer referência a Cunha Rivara. Em seguida, veio o artigo "Folhetim (ou scena comica) O Adormecedor",[106] afirmando que os textos históricos de Rivara provocariam uma epidemia sonífera em toda a população goesa, a qual estaria cada vez mais sem iniciativa e sem vontade própria, assinando-se dessa vez como "O Chronista de Pangim". Já com "A mão do finado" iria subscrever o folhetim "Rato da bibliotheca d'Evora",[107] transferindo todas as más características do animal a Cunha Rivara, enquanto que o pseudônimo de Monte Christo assinou o "Folhetim. Summario -- Chi-Tung-Sé-Bú -- O rato e a mão do finado -- O Sr. Loyola e as pillulas de Holloway",[108] mantendo a mesma ironia sobre os trabalhos de Rivara. Finalmente, houve a explicitação dos motivos políticos que fundamentaram as críticas até então elaboradas em "Pilherias do Sr. Rivara",[109] assinado por "O Investigador".[110] Assim, as acusações tomaram dimensão exclusivamente política, deixando o espaço do folhetim e passando a ocupar o lugar dedicado aos textos políticos nos periódicos. Passaram a ser redigidas já em tom mais sério e talvez por outro redator.

Apesar de iniciar com críticas de ordem intelectual e literária, ao ler-se o conjunto dos folhetins desse sarcástico cronista, é fácil deduzir que o problema era, de fato, político. Cunha Rivara ocupava o cargo de primeiro secretário do governador Pestana e tomava atitudes que, segundo os redatores e cronistas de *A India Portugueza*, beneficiavam seus amigos. Coincidentemente ou não, os amigos de Cunha Rivara encontravam-se entre o grupo que redigia *O Ultramar* -- que tomou a defesa de Rivara -- e então tudo se encaixava, já que havia forte rivalidade entre os chardós de *A India Portugueza* e os brâmanes católicos de *O Ultramar*.

Mas, independente da veracidade ou não das acusações dirigidas ao então primeiro secretário do governo, a habilidade com que foram escritas, em estilo extremamente pessoal -- com o emprego da ironia e de diversos recursos formais, como o da livre associação de palavras, de largo coloquialismo e mesmo do *non sense* --, resultaram em especial graça e revelaram um cronista que sabia usar de sua pena, de quem apenas sabemos que escrevia de Pangim.

---

105 . Um seu criado, "Revista do mez. Summario", *A India Portugueza*, 1867, 12 jun., n. 337, p.1-3.
106 . O Chronista de Pangim, "Folhetim (ou scena comica) O Adormecedor", *A India Portugueza*, 1867, 10 jul., n. 341, p.1-3.
107 . A mão do finado, "Rato da bibliotheca d'Evora", *A India Portugueza*, 1867, 17 jul., n. 342, p.1.
108 . Monte Christo, "Folhetim. Summario. Chi-Tung-Sé-Bú. O rato e a mão do finado. O Sr. Loyola e as pillulas de Holloway", *A India Portugueza*, 1867, 14 ago., n.346, p. 1-2.
109 . O Investigador, "Pilherias do Sr. Rivara", *A India Portugueza*, 1867, 19 nov., n. 360, p. 1.
110 . O debate irá continuar fora do espaço do folhetim com os artigos "As bravuras do sr. Rivara", (1868, 8 abr., n. 380, p. 1-2), "O sr. Rivara e a moralidade do paiz" (1868, 17 abr., n.381, p.1), "As bravuras do sr. Rivara" (1868, 17 abr., n.381, p.2), "Aos defensores do sr. Rivara" (1868, 6 mai., n.384, p.1-2), "O Ultramar e o sr. Cunha Rivara" (1869, 31 jul., n.448, p.1), entre outros.

Em 1868, apareceu em *A India Portugueza* o conto de Costa Campos, "Missa regimental",[111] narrativa sobre o costume de fazer que os integrantes dos regimentos do exército não-católicos assistissem obrigatoriamente à missa, o que levava a uma situação degradante do ato sacro. E eis que surgiu a já mencionada escritora Maria Helorica Valeriana Pereira. Estampou naquele periódico sua narrativa "Duas irmãs rivaes",[112] que pecou por alguma confusão narrativa no início da trama, mas que acabou por se resolver em rasgos ultra-românticos de drama e paixão. Vale recordar que, em 1844, *O Compilador* publicara um conto anônimo, intitulado "As irmãas rivaes", que apontava para o gosto goês das temáticas que giravam em torno da idéia de casamento e de unidade familiar.

Outro conto de grande interesse que apareceu em *A India Portugueza* em 1868 foi o de Wenceslau Proença, intitulado "Uma golfada de sangue",[113] narrando um caso de assassínio tendo por fundo o cenário de Goa.

11. *A década de 1870 e Tomás Ribeiro*

Em 1870, chegou a Goa Tomás Ribeiro, para ocupar o cargo de secretário-geral do governo, que Cunha Rivara então abandonava. Ali permaneceria por pouco mais de um ano; nesse curto período, porém, exerceu influência fortíssima sobre a vida cultural local, revitalizando a voga do poetar romântico junto aos jovens goeses. Entre os poetas que ali começaram ou aqueles que, já tendo trabalhos anteriores, foram então valorizados, lembremos Joaquim Mourão Garcês Palha, Tomás de Aquino Mourão Garcês Palha, Joaquim Filipe Nery Soares Rebelo, José Joaquim de Carvalho, Leandro Xavier Pereira, Guilherme Moniz Barreto e Floriano Barreto.

Durante a década de 1870, apareceram novas publicações periódicas de teor literário, já não, porém, em igual quantidade à da década que se findara. A mais importante das publicações desse período e uma das mais importantes publicações de Goa surgiu em 1872, com o título de *Instituto Vasco da Gama* (Nova Goa, jan. 1872 -- dez. 1875). Era a revista da instituição homônima e publicava os trabalhos dos membros do instituto, contando entre seus colaboradores com Tomás Ribeiro, Tomás de Aquino Mourão Garcês Palha, José Leite, José Frederico d'Assa, Jacinto Caetano Barreto Miranda, Tolentino Ferrão, Manuel de Campos e Pedro Gastão Mesnier.

Era um periódico fundamentalmente histórico e científico, publicando, no entanto, alguma matéria de interesse literário. Ali Cunha Rivara estampou alguns relatos de viagem, que podiam

---

[111] . M. J. da Costa Campos, "Missa regimental", *A India Portugueza*, 1868, 18 mar., n. 377, p.1-2; 1 abr., n.379, p.1-2.

[112] . Maria Helorica Valeriana Pereira, "Duas irmãs rivaes", *A India Portugueza*, 1868, 29 abr., n.383, p.1-2; 20 mai., n. 386, p.1-2; 3 abr. [sic] [3 jun.], n.388, p.1-2; "As irmãas rivaes", *O Compilador,* 1844, 24 fev., n. 21, p.175-177.

[113] . Wenceslau Proença, "Uma golfada de sangue", *A India Portugueza*, 16 out., n.459, p.1-2; 30 out., p.461, p.3-4.

ter interesse para o conjunto de sua obra, por serem textos de sua própria lavra, não simplesmente compilados. Esse era o caso da "Jornada a Saunto Varim, Vingorlá, e Malvana em 1856, por J. H. Cunha Rivara", "Jornada ás praças do Norte em 1859, por J. H. Cunha Rivara", além do texto histórico "Noticias dos reis de Goa da dynastia kadamba".[114]

Apareceu também um longo poema de Manuel de Campos, intitulado "Recordações", e alguns outros textos de interesse, tais como "Linguas da India", de J. F. de Sequeira, ou ainda dois textos de Suriagy Ananda Rau: "Memoria sobre o systema philosophico da India, comparado com outros systemas, especialmente o catholicismo", e "Conferencias litterarias e scientificas entre os antigos hindus -- Memoria historica pelo socio-effectivo Suriagy Anandá Ráu".[115]

Logo a seguir, surgiu o *Album Litterario* (abr. 1875 ao menos até 1880), publicação mensal, sendo que o primeiro número saiu nos prelos de *A India Portugueza*, em Orlim, e os outros na Imprensa Nacional. Saía muito irregularmente, sendo que, em fevereiro de 1877, haviam sido editados apenas nove exemplares, aos quais tivemos acesso. Tinha por diretores Narciso Archanjo Fialho e Antônio Félix Pereira.

Apresentava o mesmo projeto tipográfico que possuía a *Illustração Goana*, sendo apenas maior o tamanho da página do periódico, assim como o tipo empregado, o que conferia maior leveza visual à publicação. Tinha também a mesma estrutura da *Illustração Goana*, abrindo todos os exemplares com a biografia de uma personalidade ilustre, seguida de literatura ficcional goesa ou de alguma matéria científica, ficando os poemas para o fim do exemplar.

Trazia, no entanto, menos matéria literária. Quanto à poesia, por exemplo, havia poucos colaboradores. Além de um poema de Manuel Campos, intitulado "A leitura do romance Miragaia de A. Garret", todos os outros que ali encontramos eram de autoria de Christovão Pinto: "O teu rosto", "Fragmento", "Caeli Enarrant (psalmo 18)" e "Para recitar ao piano".[116]

Em prosa, apareceu um único conto de Wenceslau Proença, "De como lhes ventou a fortuna", e a crônica "Zatrá de fogo", de Plácido de C. Campos Júnior.[117] Sobre literatura, temos o texto de Pedro Antônio de Souza, "A literatura da India", valendo registrar ainda "A architetura (pagina solta)", de A. F. Ferreira. Era um grupo de literatos novos, com forte influência de Tomás

---

114 . Cunha Rivara, "Jornada a Saunto Varim, Vingorlá, e Malvana em 1856, por J. H. Cunha Rivara", *Instituto Vasco da Gama,* 1872, p. 142-151; "Jornada ás praças do Norte em 1859, por J. H. Cunha Rivara", *op. cit.,* 1872, p.162-171; p.240-247; p.269-274; p.298-303; "Noticias dos reis de Goa da dynastia kadamba", *op. cit.,* 1872, p.255-258.

115 . Manuel de Campos, "Recordações", *Instituto Vasco da Gama,* 1872, p.182-185; p. 233-236; J. F. de Sequeira, "Linguas da India", *op. cit.,* 1872, p.259-260; 283-284; Suriagy Ananda Rau, "Memoria sobre o systema philosophico da India, comparado com outros systemas, especialmente o catholicismo", *op. cit.,* 1872, p. 126-128; 152-154; "Conferencias litterarias e scientificas entre os antigos hindus. Memoria historica pelo socio-effectivo Suriagy Anandá Ráu", *op. cit.,* 1872, p.37-40.

116 . Manuel Campos, "A leitura do romance Miragaia de A. Garret", *Album Litterario,* 1875, n.2, p.42-45; Christovam Pinto, "O teu rosto", *Album Litterario,* 1875, n.3, p.72; Christovam Pinto, "Fragmento", *Album Litterario,* 1875, n.5, p.124; Christovam Pinto, "Caeli Enarrant (psalmo 18)", *Album Litterario,* 1875, n.7, p.163-164; Christovam Pinto, "Para recitar ao piano", *Album Litterario,* 1875 , n.9, p. 220.

117 . Wenceslau Proença, "De como lhes ventou a fortuna", *Album Litterario,* 1875, n.4, p.87-93; n.5, p.110-113; Placido de C. Campos Junior, "Zatrá de fogo", *Album Litterario,* 1875, n.7, p.165-172.

Ribeiro e do romantismo convencional que representava. Trazia também alguma participação dos literatos mais antigos na pessoa de Wenceslau Proença.[118]

Ainda em 1875, apareceu *O Mensageiro*, periódico de caráter eminentemente político e de notícias, apresentando apenas um folhetim intitulado "A freirinha", sem indicação de autor.[119] Dois anos depois, apareceu o mensário *A Estrea Litteraria* (15 abr. 1877 ao menos até 1880). Era publicado na Tipografia de *O Ultramar*, em Margão, e tinha por redatores Caetano Francisco Filomeno de Figueiredo, João Joaquim Roque Corrêa Affonso, Joaquim Mariano Alexandrino Álvares, José Filippe Álvares Júnior e José Nicolau da Silva Albuquerque.

Em 1878, José Gerson da Cunha apresentou, no Congresso Orientalista Internacional, sua *Memória sobre a literatura portuguesa em Goa*, que, todavia, parece jamais ter sido publicada (Devi & Seabra: 1971: 248). Esse trabalho, no entanto, juntamente com os de Jacinto Caetano Barreto Miranda, veio consagrar o movimento literário em Goa na segunda metade do século XIX.[120]

Foi também 1878 o ano em que Moniz Barreto deixou Goa para dar continuidade a seus estudos em Portugal. Podemos considerar que o futuro escritor e crítico deveu suas primeiras letras ao meio literário indo-português, que, apesar de restrito, fôra bastante agitado; meio que, tal como o jovem goês, encontrava-se ávido por ampliar seus horizontes.

Entre as diversas publicações que surgiram nas duas últimas décadas do século em Goa, vale registrar o semanário *Periódico do Povo* (out. 1883 -- 1884), editado em São Tomé, por Joaquim Conceição Antão. Ali foi reeditada em 1884 uma "Conferencia publica feita no dia 11 de outubro de 1883 no salão nobre da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro por Jayme Victor",[121] que fez referência a Castro Alves e Gonçalves Dias, Pedro Américo e Victor Meirelles, Carlos Gomes etc. Enfim, foram ali relacionados diversos artistas brasileiros (escritores, pintores, músicos) de índole nacionalista. A presença dessa conferência ganha vulto se considerarmos que foi justamente nesse período que Goa começou a investir na construção de uma identidade peculiar e frontalmente distinta da identidade portuguesa metropolitana. Evidentemente, o Brasil

---

[118] Pedro Antonio de Souza, "A literatura da India", *Album Litterario,* 1875, n.3, p.67-69; arquitetura, A. F. Ferreira, "A architetura (pagina solta)", *Album Litterario*, 1875, n.3, p.70-71.

[119] . Consultei apenas os exemplares de 8 a 16 (1872) e o 24 (1873). Periódico com quatro páginas por exemplar.

[120] . Devido ao interesse de registrar os elementos e indivíduos que de algum modo contribuíram para integrar a comunidade de língua portuguesa, lembremos ainda Caetano Xavier Taumaturgo dos Remédios Furtado (1861-1922), nascido em Colvá. Em 1887 formou-se em direito em Lisboa, exercendo o cargo de juiz da Relação em Moçambique. Escreveu dois romances: *Doutor Olímpio* [120]e *A renovação da Irenia* (Porto, 1906), produzindo uma literatura extremamente convencional, segundo Devi & Seabra (1971: 205).

[121]. Além da conferência referida, citamos aqui alguns outros artigos de interesse cultural e literário que pudemos identificar nos exemplares do periódico por nós consultados: Jayme Victor, "Conferencia publica feita no dia 11 de outubro de 1883 no salão nobre da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro por..." [continuação do n. anterior], *Periodico do Povo*, 1884, 1 mai., n.28, p.4; Henrique Lasserre, "Nossa Senhora de Lourdes por... Obra honrada com um breve especial de Sua Santidade o Papa Pio IX - traduzida do frencez", *op. cit.*, 1883, 25 out., n.2, p.1-2; 1884, 24 jan., n.15, p.1-2; 1884, 21 fev., n.19, p.1-2; 1884, 1 mai., n.28, p.1; (A Verdade do Funchal) "Fim desgraçado dos perseguidores da Egreja", *op. cit.*, 1884, 21 fev., n.19, p.4; Andre Francisco Romualdo da Costa (Orlim 15-1-84), "Quanto importa no mundo ter homem, ou não ter homem", *op. cit.*, 1884, 25 jan., n.15, p.4; João de Mendonça, "Livros e palcos - Scenas burguesas", *op. cit.*, 1884, 1 mai., n.28, p.4.

funcionava como modelar em se tratando de autonomia política e cultural por parte de uma ex-colônia portuguesa.

Em 1894, ao mesmo tempo que morria com apenas 31 anos o mais afamado literato oitocentista de origem goesa, Moniz Barreto, sem estabelecer qualquer vínculo mais estreito entre sua atividade literária em Portugal e sua origem colonial, nascia nas publicações goesas uma nova mentalidade, que gerou um movimento literário genuinamente goês no século XX, fundamentado na valorização da tradição hindu.

Foi quando teve lugar, no folhetim de *O Ultramar*, a publicação do romance *Jacob e Dulce -- cenas da vida indiana*, do goês Francisco João da Costa, que assinava com o pseudônimo de Gip. Editado em livro em 1896, teve um enorme êxito de vendas. Gip fazia uma dura crítica à sociedade goesa, desmascarando as mais ocultas fraquezas da burguesia local (Devi e Seabra, 1971, v. 1: 203). Foi, pois, quando o idealismo romântico deu lugar a uma visão realista e sociologicamente crítica da realidade goesa.

12. *Os almanaques*

Um fenômeno bastante típico de Goa foi a importância que ganhou o almanaque como veículo literário. Publicação anual, trazia em suas páginas um calendário com as mais diversas informações e os conhecimentos presumivelmente úteis para as mais diversas atividades. Vimala Devi e Manuel de Seabra (1971: 147) chamaram a atenção para a importância dos almanaques na sedimentação da vida literária em Goa, já que tinham por colaboradores grande parte dos literatos goeses.

Em Lisboa, desde meados do século XVIII, existiam almanaques. Eram extremamente simples, publicando calendários, listas de festejos, observações meteorológicas, lista das atividades administrativas e coisas do gênero. Havia também, no entanto, sob a mesma designação, verdadeiros livros de poemas, como era o caso do *Almanak das Musas*, de 1793, de Lisboa, que trazia como subtítulo: "nova collecção de poesias offerecida ao genio portuguez", sendo este já a segunda parte de um anterior, como faziam notar. Assim, já desde o século XVIII a denominação "almanaque" era algo que podia prestar-se às mais diversas matérias e aos mais variados propósitos.

Durante o século XIX, surgiram inúmeras publicações sob esse mesmo título genérico. Restringindo-nos a apenas alguns exemplos lisboetas, é possível apontar o *Almanaque das Ordenanças* (1815 e 1831), o *Almanaque Militar* (1817), o *Almanaque Militar dos Oficiais do Exército Português* (1825) ou o *Almanaque Português* (1825-1826), o *Almanak historico, ecclesiastico, civil e militar para o reino de Portugal por Antonio José da Rocha* (1852-1867), o *Almanak historico em que se descrevem varios monumentos e outras curiosidades historicas...*

(1856-1860), o *Almanak illustrado e encyclopedico* (1856-1857), o *Almanaque Gracioso* (1857), ou o *Almanaque Gratis* (1859).

Já pelos títulos era possível observar tratar-se de um gênero de publicação bastante diversificado, dirigido aos mais variados leitores. Todavia, logo se vê que possuía especial apreço nas fileiras militares. Considerando que Goa, de meados do século XIX até 1870, esteve sob um governo militar, nada mais natural que os almanaques proliferassem. Mas, se essa podia ser uma das razões para sua profícua existência nas Índias, certamente não foi a única. Recordemos, por exemplo, que também a Igreja tinha presença constante nos almanaques, que sempre divulgavam as atividades eclesiásticas.

Teriam surgido na Índia portuguesa durante o século XIX cerca de meia centena[122] deles, sendo o primeiro *O Almanak de Goa para o Anno Bissexto de 1840* (Bombaim, s.d.), de Caetano João Peres. Este, porém, nada trazia de literatura, sendo a segunda metade do século o momento literário dessas publicações. Publicavam traduções, trechos, poemas, curiosidades -- tudo extraído das mais diversas fontes portuguesas e européias.

Ali colaboravam muitos intelectuais e escritores, sendo possível encontrar em seu conjunto a quase totalidade dos principais homens de letras em atividade em Goa. De imediato, podemos relacionar os seguintes nomes: Antônio Anatásio Bruto da Costa, Jacinto Caetano Barreto Miranda, Manuel Joaquim da Costa Campos, Frederico Gonçalves de Figueiredo, Cunha Rivara, Júlio Gonçalves, Joaquim Mourão Garcês Palha, Cristóvão Pinto, Ismael Gracias, Felipe Nery Xavier.

Eis também alguns de seus títulos*: Almanach de Lembranças Luso-Indiano para o anno de 1865*, *Almanach Popular*, *Almanak do Christianismo*, *Almanach Literário*, *Almanach da Mocidade*, *Almanach Annuario Recreativo*, *Almanach Valmiki*, *Almanaque para Chorões.* Registremos aqui também o *Calendário Ecclesiatico e Liturgico de Goa*, publicado entre 1867 e 1872, pelo padre Casimiro Cristóvão de Nazaré, que seguia o mesmo modelo dos almanaques.

Vale lembrar especialmente o *Almanach Popular para o anno de 1865, ornado de gravuras*, publicado em Margão pelo moçambicano José Pedro da Silva Campos Oliveira, na tipografia de *O Ultramar*, tendo sido editado ainda para os anos de 1866 e 1867. Campos Oliveira colaborou também no *Almanaque de lembranças luso-indiano para o ano de 1865*, de João Miguel do Rosário Gomes (irmão de Francisco Luís Gomes, que escreveu *Os bramanes*), sendo que no ano seguinte foi editado por Aleixo Justiniano Sócrates da Costa, também em Margão na tipografia de *O Ultramar*.

---

122. Ismael Gracias teria relacionado mais de quarenta deles e Vimala Devi e Manuel de Seabra encontram ainda dezoito (Devi & Seabra, 1971: 147).

13. *Considerações finais*

Na perspectiva do atual trabalho -- que insere a identidade literária goesa no interior do espaço maior das literaturas de língua portuguesa --, o pouco emprego do concanim e do português falado em Goa na literatura durante o século XIX, assim como a pouca tematização e reflexão sobre a realidade concreta indo-portuguesa, podem ser tomados como um indicador do forte vínculo que a comunidade goesa possuía com Portugal.

Os goeses colocavam-se no espaço letrado de língua portuguesa como cidadãos portugueses e, portanto, as marcas de identidade regional eram socialmente pouco enfatizadas e valorizadas. Em contrapartida, não chegavam a cantar sua identidade lusa em verso e prosa. Um dos traços característicos da produção literária romântica em Goa era justamente a quase ausência da temática nacionalista, tão cara aos olhos dos românticos em Portugal. Muito próxima da literatura da metrópole, especialmente daquela produzida em Lisboa, a literatura goesa oitocentista não se preocupou, no entanto, em imitá-la no que concernia à exaltação da nacionalidade. Isso só viria a ocorrer no final do século, como foi observado, mas já no sentido regionalista goês e não no sentido nacionalista português.

A auto-imagem que o goês tinha enquanto cidadão português era bastante controvertida, uma vez que os portugueses metropolitanos já não demonstravam grande apreço por aquela colônia empobrecida e repleta de conflitos internos. Para Portugal, desde o século XVIII, Goa definitivamente se tornara um peso, que só aumentava com o passar dos anos. Assim, não havia grande estímulo para o goês cantar sua identidade portuguesa, ao mesmo tempo que também não havia interesse em marcar sua identidade indiana no espaço letrado de língua portuguesa.

É verdade que alguns poucos autores trabalharam com temática e ambientação regionais, como vimos fazer Júlio Gonçalves ou Antônio de Oliveira. Mas, tomado em seu conjunto, os literatos oitocentistas goeses pouco investiram em definir ou marcar seus traços regionais. Voltaram-se, sim, para o andamento literário da metrópole, ao mesmo tempo que procuraram ampliar ao máximo os espaços literários locais. Era visível que a produção literária em Goa ganhava mais e mais vida com o decorrer do século. Reproduziam-se debates ocorridos na metrópole, assim como criavam seus próprios debates. As publicações iam ganhando em profissionalismo. A diversidade de propostas jornalísticas cresce consideravelmente no decorrer do século.

No que concernia à dinâmica interna do movimento periodístico, os goeses tomaram inicialmente o modelo de revista ilustrada de *O Panorama* – em *O Encyclopedico* e *O Compilador* --, e passaram já na década de 1860 ao modelo da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* -- como foi o caso da *Illustração Goana* e mais tarde do *Album Litterario*. A escolha da *Revista*

Contemporanea como modelo a ser imitado corroborou a vontade de integrarem-se na perspectiva intercontinental que se apresentava no horizonte daquela publicação.

Portugal era a referência maior, principalmente na figura de seus representantes ali enviados, tais como Cunha Rivara ou Tomás Ribeiro. Em concordância com os princípios românticos, seriam muitas vezes esses os maiores instigadores da valorização de uma cultura regional goesa, ainda que dentro da perspectiva colonialista. Cunha Rivara, por exemplo, foi um dos primeiros a promover e valorizar a cultura local por meio dos estudos do concanim, língua original de Goa, viabilizando a publicação de diversas obras sobre o assunto e chegando a escrever um ensaio histórico sobre o idioma.[123] Essa valorização da cultura goesa passou também por seus trabalhos historiográficos, não só devido à divulgação de documentos importantes -- como as "cartas" e "privilégios" acima referidos --, mas também pelo estímulo a toda e qualquer iniciativa nesse sentido, chegando a aglutinar em torno de sua figura um grupo de entusiasmados estudiosos, entre eles, Filipe Nery Xavier,[124] Miguel Vicente de Abreu,[125] Jacinto Caetano Barreto Miranda[126] e mesmo José Antônio Ismael Gracias[127] e Antônio Anastácio Bruto da Costa,[128] já discípulos de segunda geração, através de Felipe Nery Xavier, seu maior herdeiro.[129] Cunha Rivara era, pois, o responsável pelo início da elaboração de uma historiografia moderna em Goa, sempre da perspectiva do colonizador.[130]

Já Tomás Ribeiro seria o fundador do Instituto Vasco da Gama e de sua revista mensal, editada de janeiro de 1872 a finais de 1875, sob a direção de Cunha Rivara, Manuel de Carvalho

---

123 . *Grammatica da lingua Concany, composta pelo Padre Thomaz Estevam e acrescentada por outros padres da Companhia de Jesus. Segunda impressão correcta e annotada: a que precede como introdução a "Memória sobre a distribuição geographica das principaes linguas da India", por Sir Erskine Perry, e o "Ensaio historico da lingua concany", pelo editor* (Nova Goa, 1857). Além desta, promoveu a edição da *Grammatica da lingua concany no dialecto do norte, composta no século XVII por um missionario portuguez: e agora pela primeira vez dada a estampa* (Nova Goa, 1858), da *Grammatica de lingua concani, escripta por um missionario italiano* (Nova Goa, 1859), e do *Diccionario portuguez-concany, composto por um missionario e publicado por J. H. da Cunha Rivara* (Nova Goa, 1868).

124 . Filipe Nery Xavier possui vasta obra histogiográfica. Para este trabalho, interessa destacar sua colaroação n*O Gabinete Litterario das Fontainhas*, as *Folhinhas ecclesiaticas, historicas e estatisticas para a Metropole de Goa, para os annos de 1840, 1841, 1842, e seguintes até 1845* (Nova Goa, s.d.) e o *Relatorio e catalogo da Exposição industrial da India Portugueza* (Nova Goa, 1861).

125 . Miguel Vicente de Abreu traduziu do inglês o importantíssimo texto do reverendo Diniz L. Cottineau de Klogen, *Bosquejo histórico de Goa* (Nova Goa, 1858) e publicou sua *Viagem de Goa a Bombaim* (Nova Goa, 1875), além de colaborar em *O Ultramar* e na *Sentinela da Liberdade*.

126 . Jacinto Caetano Barreto Miranda que escreveu os *Quadros históricos de Goa* (Margão, 1863)

127 . José Antônio Ismael Gracias escreveu, entre outros trabalhos, *A imprensa em Goa nos séculos XVI, XVII e XVIII* (Nova Goa, 1880).

128 . Antônio Anastácio Bruto da Costa publicou *Goa sob a dominação portuguesa* (Margão, 1897) e *As revoluções na Índia portuguesa durante o século XIX* (Margão, 1898), além de diversos outros trabalhos historiográficos.

129 . Além destes, vale destacar entre o historiadores goeses oitocentistas já mais para o final do século, o padre M. J. Gabriel de Saldanha, que escreve a primeira obra panorâmica da historiografia goesa, a *História de Goa (política e arqueológica)* (1898) e também Cristóvão Aires, autor de inúmeros trabalhos em história (em especial, história militar) e em literatura (contos e poemas). Notemos ainda que também em Bombaim, colônia britânica, são produzidos nesse momento importantes trabalhos historiográficos sobre Goa, devido especialmente a dois portugue es ali radicados: José Nicolau da Fonseca e José Gerson da Cunha.

130 . Os trabalhos para a elaboração de uma história de Goa iniciam-se, de fato, já no século XVI, quando em 25 de fevereiro de 1595 mandou-se instalar um arquivo para a documentação governamental denominado Torre do Tombo do Estado da Índia que, entre altos e baixos, manteve-se até o 1840, quando foi definitivamente extinto. É a

de Vasconcelos e Júlio Gonçalves.[131] O poeta instigaria os estudos literários e a produção de poesia de cunho marcadamente romântico por parte dos goeses, sendo exemplo disso a já comentada revista *Album Litterario*.

Como também foi possível constatar, o Brasil tinha recorrente presença nas revistas goesas, aparecendo sempre em artigos de toda a natureza e participando mesmo no debate supracitado sobre literatura e língua portuguesas, funcionando sempre como modelo alternativo ao da metrópole portuguesa no que se referia ao emprego estilístico da língua portuguesa.

Quanto à literatura propriamente dita publicada nos periódicos goeses, seriam predominantes os detalhados relatos de viagem, o conto de fundo histórico ou moral ao modo de Herculano, o poema ao modo de Castilho, Soares Passos ou Tomás Ribeiro, a prática do texto ou do poema laudatório, em homenagem a, em memória de, ou dedicado a esta ou àquela personalidade. Destacam-se, nessa produção, os trabalhos de Júlio Gonçalves, os de M. J. da Costa Campos ou os do anônimo cronista de *A India Portugueza* que atacava "o rato da biblioteca de Évora", além de diversas obras isoladas.

partir desse arquivo que Cunha Rivara irá revitalizar os estudos historiográficos em Goa, publicando muitos de seus documentos (cf Pissulencar, 1955: X-XXI).

[131] . Finda em 1875, a revista ressurgirá somente em 1926, agora sob a designação de *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, quando também o instituto acabara de ser restabelecido em 1924.

CAPÍTULO 8

O jornalismo literário e de ilustração em Macau

De acordo com Manuel Teixeira,[132] a imprensa macaense do século XIX apresentou dois períodos: 1822-1845 e 1863 em diante, separados por dezoito anos de profundo silêncio. No primeiro, a literatura apareceu timidamente nos vários periódicos políticos, sendo apenas no segundo, a partir de 1863, com o surgimento da revista *Ta-ssi-yang-kuo*, que ganharia alguma expressão.

1. *Abelha da China* e *Gazeta de Macao*

O primeiro periódico a surgir em Macau foi a *Abelha da China* (1822-1823), semanário editado pelo governo liberal, que visava:

> Transmittir pois aos nossos concidadaons a energia do povo Macaense em sacudir o jugo da oppressaõ, o zello, e a actividade do Sabio Governo Provisorio, que acabamos de installar; instruir o povo a cerca dos seus deveres, e dos seus direitos; apontar finalmente os melhoramentos, de que he suceptivel esta Cidade, será todo o nosso empenho.[133]

Trazia por epígrafe a frase de Terêncio: *Hoc tempore obsequium amicos, veritas odium parit.*[134] Era editado por Antônio de S. Gonçalo de Amarante, padre dominicano e evidentemente liberal. Reproduzia artigos de diversos outros periódicos, como de *O Pregoeiro Luzitano*, *Diario do Governo de Lisboa*, *Jornal de Calcutta* (do qual transcreveram, entre outras publicações, gazetas de Paris), da *National Gazette* (da Filadelfia).

De literatura, apareceram apenas dois sonetos satíricos, intitulados: "He o Corcunda hum Animal cruento" e, em resposta a este, "Hé Corcunda o que Corcunda Chama",[135] disputa que possivelmente teria nas figuras políticas do cotidiano macaense sua inspiração primeira. Importa registrar a presença e cultivo do gênero satírico setecentista consagrado por Bocage -- poeta que, por sinal, ali esteve entre 1779 e 1790.

---

[132] . Teixeira,1965.
[133] . *A Abelha da China*, 1822, 12 set., p.2.
[134] . O trecho referem-se aos versos 68 e 69 de *Andria* de Terêncio que, na integra, dizem: *Nanque hoc tempore obsequium amicos, veritas odium parit* (Nesse momento é a vontade que gera os amigos, e a verdade, o ódio).

Mas o período liberal da *Abelha da China* seria de curtíssima duração, já que, devido às mudanças políticas na metrópole, o poder passou para as mãos de D. Miguel. A partir de 27 de setembro de 1823, a folha já adotava a epígrafe, retirada do Canto V de *Os Lusíadas*: "A verdade, que eu conto nua e pura, / Vence toda a grandiloqua escriptura". Essa nova epígrafe seria adotada pela *Gazeta de Macao* (1824-1826),[136] que veio substituir a *Abelha* já em 3 de janeiro de 1824, com orientação explicitamente miguelista, editada oficialmente por Antônio José da Rocha, mas sob a orientação do frade agostiniano Nicolau Rodrigues Pereira de Borja.[137]

O formato e a periodicidade da *Gazeta de Macao* eram exatamente os mesmos da *Abelha da China*, sendo que a maior parte das matérias eram reproduções de periódicos de diversas partes do mundo: Índia (Goa, Bombaim e Calcutá), Brasil, Inglaterra, França, Portugal, Grécia, Estados Unidos da America etc. Reproduzia especialmente periódicos goeses, que, por sua vez, reproduziam os de Portugal e França. Em alguns exemplares já surgia a seção "Variedades", onde se chegava a comentar e reeditar uma matéria retirada da *Gazeta de Lisboa* sobre um curioso fenômeno da literatura: tratava-se do extraordinário talento do poeta italiano Sgricci,[138] que, tal qual um *virtuose*, concebia de improviso, nos salões aristocráticos e burgueses, tragédias inteiras a partir de temas que lhe eram dados de surpresa. Conforme o artigo, fazia-o respeitando rigorosamente as regras clássicas, tendo ganhado muita fama e impressionado toda a Europa.

De literatura propriamente dita, publicaram-se alguns versos, todos de teor político-patriótico: uma oitava em elogio ao monarca D. João VI, de Manoel Joaquim da Encarnação Sizudo; um soneto "Ao nosso muito amado Rei Senhor D. João VI", provavelmente de Bernardo Xavier da Costa; e "Decimas", do mesmo autor, também em homenagem a D. João VI. Vigorava ainda o espírito neoclássico, tanto no interesse despertado por Sgricci, como no estilo dos sonetos publicados -- que, além disso, pautavam-se pelo pensamento conservador --, sequer se vislumbrando os já dissipados ares do romantismo europeu.[139]

Após a interrupção da *Gazeta de Macao*, apesar de não haver registro de qualquer outra publicação periódica em língua portuguesa, o jornalismo macaense não deixou de existir. Funcionava então uma imprensa de língua inglesa, que colocou em circulação diversas folhas, tais como *The Canton Register* (1827-1844), *The Canton Miscellany* (1831-1832), *Chinese Courier*

---

135 . Soneto, poema, He o Corcunda hum Animal cruento", *Abelha da China*, 1823, 15 mai., p.146; "Anti-soneto, poema, Hé Corcunda o que Corcunda Chama", id. ibid.

136 . Rodrigo Marin Chaves, em suas *Efemérides*, publicadas no *Anuário de Macau* de 1922, p. 36 (apud Teixeira, 1965: 12) fornece a data de 1 de janeiro para o início da publicação. No entanto, trata-se de um semanário e é sabido que o n.2 é de 10 de janeiro. Assim, a data de 3 daquele mês é a mais provável para o surgimento do periódico. Lembremos ainda que há sim um exemplar de 1 de janeiro, mas do ano seguinte, de 1825, o que pode ter originado a confusão.

137 . A mesma epígrafe curiosamente reaparecerá muito mais tarde, em 1866, em *O Patriota*, periódico bilíngüe, inglês-português, editado em Bombaim, que se propunha defender a causa dos portugueses residentes naquela cidade. Cf. "Prospecto", *O Patriota*, 1866, n.2, jul., p. 1; e "O Patriota", *op. cit.*, jul., p.1-2.

138 . "Literatura", *Gazeta de Macao*, 1826, 2 dez., p.192-194; 16 dez., p.201-202.

139 . Manoel Joaquim da Encarnação Sizudo, [oitava em elogio à monarquia com referência ao episódio de Vila Viçosa] *Gazeta de Macao*, 1824, 26 jun., p.145; [Bernardo Xavier da Costa?], "Soneto", *op. cit.*, 10 jun., p.161; Bernardo Xavier da Costa, "Decimas", id. ibid.

and Canton Gazette (1831-1833), *The Chinese Repository* (1832-1852), *The Evangelist and Miscellanea Sinica* (1833), *The Canton Press* (1835-1844).[140]

Mas se a língua inglesa ganhava mais e mais espaço em Macau, também o chinês era, de modo crescente, estudado pelos portugueses que ali chegavam. Lembremos que ainda vivia o padre Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834), teólogo, matemático, músico e grande conhecedor do português e do chinês, tendo publicado um dicionário chinês-português e um português-chinês -- as primeiras obras do gênero elaboradas em Macau.

Somente em 1834 reapareceu a imprensa em língua portuguesa com a *Chronica de Macao* (1834-1836). Nos dois únicos exemplares que foram possíveis consultar dessa publicação, verifica-se que era periódico político, informativo e comercial, trazendo por epígrafe: *Rivus nascitur exiguus, sed eundo acquirit opes*,[141] de Ovídio. Não se apresentava ali qualquer matéria de interesse literário, possuindo, em linhas gerais, o mesmo formato da *Gazeta de Macau* ou de *A Abelha da China*. A epígrafe de Ovídio, no entanto, remete-nos novamente à referência neoclássica.

Nesse mesmo ano viria a lume *O Invariável*, periódico manuscrito, imitando letra de imprensa, segundo Manuel Teixeira,[142] do qual nada mais foi possível saber. Este foi seguido por *O Macaista Imparcial* (1836-1838), periódico bissemanal, publicado na Typographia Feliciano, de Félix Feliciano da Cruz, que era também seu proprietário e redator.

2. *O Macaista Imparcial*

O Macaista Imparcial era igualmente um periódico político e de notícias; já apresentava, porém, diversas seções, tais como: "Edital", "Parte Official", "Noticias extrangeiras", "Noticias nacionais", "Correspondencia", "Variedades", "Annuncio" etc. A epígrafe foi retirada da *Epístola aos Pisões*, de Horácio: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci, / Lectorem delectando, pariterque monendo*,[143] reafirmando a permanência do modelo retórico neoclássico. Trazia por colaboradores José Baptista de Miranda e Lima, Bernardo José de Sousa Soares de Andrea (então ex-governador de Macau), Luís Paulino e outros. Publicava extratos de periódicos ingleses e franceses, como o *Morning Herald*, *Singapore Free Press*, *The Public Ledger*, *The Sun*, *The Atlas*, *The Times*, *Journal des Connaicenses Utiles* etc., mas também de portugueses, tais como o *Diario do Povo* ou *O Periodico dos Pobres*, e ainda os da imprensa portuguesa na Índia, como *O Investigador Portuguez em Bombaim*.

---

140 . Não foi possível encontrar qualquer exemplar destes periódicos na Biblioteca Nacional de Lisboa.
141 . " O rio nasce pequeno mas, à medida que avança, cresce".
142 . Teixeira, 1965: 25-26.
143 . "Recebe sempre os votos, o que soube misturar o útil ao agradável, pois deleita e ao mesmo tempo ensina o leitor", tradução de R. M. Rosado Fernandes (Horácio, 1984: 107). Note-se que na versão latina da edição de Rosado Fernandes não aparece a vírgula depois de *punctum*.

Quanto às matérias, tinham lugar diversos textos sobre a regulamentação do comércio de ópio,[144] um longo texto anônimo, publicado em partes, sobre as "Antiguidades de Macao",[145] o mesmo acontecendo com o artigo "Ta-ch'im-liu-li -- Leys e estatutos da dynastia de Chim -- Impressas, e publicadas no quarto anno do Reynado de Kia-king: (1796) -- Preliminares do Codigo".[146] Além disso, trazia uma infinidade de artigos sobre os abusos cometidos no uso da liberdade de imprensa.[147]

Apesar de delegar pequeno espaço para a literatura, era uma das publicações que mais constantemente lhe atribuía alguma importância. Publicou diversos poemas laudatórios ou moralizantes, geralmente sonetos, corroborando uma vez mais a permanência da literatura academicista do século XVIII. A maior parte dos poemas surgiu sem assinatura, tais como: o soneto "Politica"; a "Fabula de dous gallos -- Vertida do castelhano"; o soneto "O tempo"; um "Soneto" dedicado ao governador Bernardo José de Sousa Soares de Andrea; o "Soneto dedicado a S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança de Saudoza memoria"; o "Soneto consagrado ao Faustissimo Dia Natalicio de S. M. a Senhora D. Maria II"; um "Soneto" dedicado a Bernardo José de Sousa Soares de Andrea; e dois sonetos sobre a vida em Macau, "Ah' Macáo, Macáo, em que altura estais" e "Rasga da noute o tenebroso manto".[148]

Apenas dois poetas assinaram seus trabalhos. Um deles era o capitão Luís Paulino, depois Tenente-Coronel da Cavalaria do Rio de Janeiro, também autor de um "Soneto"[149] sobre o túmulo de D. Afonso Henriques em S. Cruz de Coimbra.

O outro era José Baptista de Miranda e Lima, que estampou ali três de seus trabalhos poéticos de cunho moral: "Apologo -- O elephante, e os outros animaes", "Hum burro, e hum porco -- Apologo", "Huma velha, e hum gato -- Apologo". Todos tinham inspiração na tradição

---

144 . "Representação do Mandarim Prezidente do Conselho Privado dos Ritos ao Imperador, sobre o Opio. (Traduzida da lingoa Sinica pelo Sr. J. M. Marques.)", *O Macaista Imparcial*, 1836, 18 jun., n.12, p.47-49; "Observações sobre a nova regulamentação para o commercio do opio", *op. cit.*, p.49-50; "Nove artigos sobre a Importação do Opio, deliberados em Conselho, e aprezentados ao imperador pelo Suntò, e Hoppu de Cantaõ (Traduzidos pelo Sr. J. M. Marques)", *op. cit.*, 6 out., n.35, p.139-142.

145 . O texto "Antiguidades de Macau" tem início no primeiro exemplar do periódico e segue por diversos exemplares até o n.147 de 18 de abril de 1838.

146 . "Ta-ch'im-liu-li. Leys e estatutos da dynastia de Chim. Impressas, e publicadas no quarto anno do Reynado de Kia-king: (1796). Preliminares do Codigo", *O Macaista Imparcial*, 1836, 22 ago., n.22, p.88.

147 . "Sobre a liberdade d'imprensa", *O Macaista Imparcial*, 1837,11 mai., n.96, p.387-388; "Sobre a liberdade d'imprensa", *op. cit.*,15 mai., n.97, p.389-390; "(A Guarda Avançada, de Fevereiro e Março de 1835) Reflexões sobre jurados na liberdade de imprensa", *op. cit.*, 22 mai., n.99, p.397-399; "Sobre a liberdade d'imprensa", *op. cit.*, 22 mai., n.99, p.399; "Sobre jurados na liberdade de imprensa", *op. cit.*, 25 mai., n.100, p.403-404; Reflexões sobre jurados na liberdade de imprensa, *op. cit.*, 29 mai., n.101, p.407; "Do processo de abuso da liberdade de imprensa", *op. cit.*, 1 jun., n.102, p.411-412; "Do processo de abuso da liberdade de imprensa", *op. cit.*, 12 jun., n.105, p.422; "Liberdade da imprensa", *op. cit.*, 1838, 2 mai., n.149, p.168.

148 . "Bem regular a publica fazenda", *O Macaista Imparcial*, 1836, 5 set., n.26, p.106; "Fabula de dous gallos. Vertida do castelhano", *op. cit.*, 8 set., n.27, p.110; "O tempo", *op. cit.*, 11 out., n.42, p.170; "Soneto" [dedicado ao governador Bernardo José de Sousa Soares de Andrea], *op. cit.*, 1837, 9 mar., n.79, p.315; "Soneto dedicado a S. M. I. o senhor D. Fedro Duque de Bragança de saudoza memoria", *op. cit.*, 1837, 13 abr., n.88, p.352; "Soneto consagrado ao Faustissimo Dia Natalicio de S. M. a Senhora D. Maria II", *op. cit.*,1837,13 abr., n.88, p.352; "Soneto" [dedicado a Bernardo José de Sousa Soares de Andrea], *op. cit.*, 1837, 17 abr., p.358; "Soneto"[sobre a vida política de Macau], *op. cit.*, 1838, 28 mar., n.144, p.157-158; "Soneto" [sobre as festas de Nossa Senhora em Macau], 1838, 16 mai., n.151, p.175.

149 . Luís Paulino, "Soneto", *O Macaista Imparcial*, 1838, 7 mar., n.141, p.117.

neoclássica de contos morais. Por sinal, apareceu uma tradução sua de um conto em versos de Fedro[150] intitulado "Fabula -- Um lobo, e um cordeiro".[151] Além destes, fez publicar também um epigrama sobre um retrato de um certo Colledge (talvez Coleridge) pintado por George Chinnery.[152]

No que concernia à literatura, ainda havia um texto sobre Camões, retirado do periódico metropolitano *Diario do Povo*, e um outro, retirado da folha espanhola *El Instructor*, sobre "Chapelle, e Boileau". Dentro do que poderíamos chamar de "crônica de costumes" veio à luz "O geito",[153] texto satírico sobre o desempenho social de cada um e de todos, escrito pelo editor de *O Artilheiro* e reproduzido em *O Investigador Portuguez* (*em Bombaim?*) número 76, de onde foi, por sua vez, extraído pelos editores de *O Macaista Imparcial*.

Temos em "O geito" um exemplo do quanto circulavam as reproduções dos textos em periódicos, muitas vezes sem o menor conhecimento do autor; fato que redundaria em diversas polêmicas em torno dos direitos autorais, à semelhança das promovidas por Camilo na década de 1870.[154]

3. *O Correio Macaense contra o Boletim Offical*

Três meses após o desaparecimento de *O Macaista Imparcial,* veio a lume o *Boletim Official do Governo de Macau,*[155] que iniciou sua publicação em 5 de outubro de 1838. Era órgão do governo, como o próprio título indicava, impresso na Typographia Macaense, oficina do Dr. Wells Williams, tendo por gerente Manuel Maria Dias Pegado.

---

150 . Fedro(10-70) teve sua obra divulgada mais amplamente durante os séculos XVIII e em especial no XIX, após a edição italiana de Angelo Mai em 1831, quando seus versos passam a ser utilizados por professores de latim para exercícios escolares de tradução. Esta era, por sinal, não só a profissão de José Baptista de Miranda e Lima, como já fora também a de seu pai.

151 . José Baptista de Miranda e Lima, "Apologo - O Elephante, e os outros animaes", *O Macaista Imparcial*, 1836, 25 ago., n.23, p.94; "Huma velha, e hum gato - Apologo", *op. cit.*, 1837, 13 fev., n.72, p.290; "Fabula - Um lobo, e um cordeiro", *op. cit.*, 1837, 9 fev., n.71, p.285; "Hum burro, e hum porco. Apologo", *op. cit.*, 1837, 23 fev., n.75, p.301.

152 . "Epigramma", *O Macaista Imparcial*, 1838, 23 mai., n.152, p.190; George Chinnery chega a Macau em 1825, ali permanecendo até sua morte, em 1852. Dotado de espírito aventureiro e boêmio nos moldes oitocentistas e tendo estudado com Constable, Turner, Joshua Reynolds, na Academia Real de Londres, tinha todos as qualidades para ser o grande retratista romântico da paisagem e dos personagens sociais macaenses. Permaneceu em Macau por 27 anos, o que permitiu-lhe retratar na mais exata medida aquela paisagem e seu complexo embricamento cultural.

153 . [texto sobre Camões]*O Macaista Imparcial*, 1837, 9 mar., n.79, p.315-316; "Chapelle, e Boileou", *op. cit.*, 1837, 20 abr., n.90, p.361; "O geito", *op. cit.*, 1837, 17 abr., n.89, p.358; 24 abr., n.91, p.365-366; 27 abr., n.92, p.369.

154 . Cabral, 1989: 512.

155 . Quando Macau publica seu *Boletim Official*, Goa já possuía seu *Boletim do Governo do Estado da India* (7 dez 1837 a 30 abr 1880). De grande importância para o registro da história das colônias, devido à longa e ampla sobrevivência, os boletins das colônias foram instituídos em 7 de dezembro de 1836 por decreto do ministro Vieira de Castro, e efetivamente criados a partir do ano seguinte com boletim goês. Surgido em 1838, durou apenas até o ano seguinte e, sete anos após seu dasaparecimento, ressurge como sob o título de *Boletim do Governo da Província de Macau, Timor e Solor*, assumindo posteriormente diversos outros nomes similares. Antônio Marques Pereira, que terá papel fundamental da história da imprensa em Macau, será seu redator entre março de 1860 e abril de 1862. A partir do exemplar de 6 de fevereiro de 1879 passa a ser publicado em português e chinês, por determinação do governandor Carlos Eugénio Correia da Silva.

Segundo Manuel Teixeira:

> Até 9 de Janeiro de 1839 saíram apenas 5 números do Boletim; ficando suspenso, reapareceu em 8 de Janeiro de 1840 e continuou até hoje, com algumas interrupções. De Janeiro a 9 de Abril de 1840, imprimiu-se na tipografia do mesmo Boletim; nessa data passou para a de Silva e Sousa, depois para as de John Smith, Manuel Córdova, José da Silva, e desde 8 de Janeiro de 1870 para a Tipografia Mercantil de Fernandes e filhos e, finalmente de 5 de Janeiro de 1901 até hoje [1965] tem sido impresso na Imprensa Nacional de Macau.[156]

Concomitantemente ao aparecimento do *Boletim*, entrou em cena uma grande quantidade de publicações em Macau, que seguiram até meados da década de 1840. Surgiram o *Correio Macaense* (out. 1838– mar. 1839), *O Verdadeiro Patriota* (1838–1839), *O Commercial* (1838 – meados de 1842), a *Gazeta de Macao* (1839), *O Portuguez na China* (2 set. 1839 – 1843), *O Farol Macaense* (23 jul. 1841 –1842), *A Aurora Macaense* (14 jan. 1843 [157] – 1845), *O Solitário na China* (1844) e *O Procurador dos Macaistas* (6 mar. 1844 – 2 set. 1845).

Desses, foi-nos possível dispor na Biblioteca Nacional de exemplares do *Correio Macaense*, da *Gazeta de Macao*, de *O Portuguez na China*, de *A Aurora Macaense*, de *O Solitario da China* e de *O Procurador dos Macaistas.* Nada foi possível saber da eventual literatura publicada em *O Verdadeiro Patriota* e em *O Commercial*.[158]

O *Correio Macaense*, no entanto, nada apresentou de interesse literário, à exceção da epígrafe retirada de Sá de Miranda: "Sempre foi sempre ha de ser / Que onde huma so parte fala, / Que a outra haja de gemer". Estampou-se também um artigo intitulado "Juizo critico sobre a suppressão da liberdade de Imprensa em Macao",[159] que tinha por interesse exclusivo o debate da livre expressão política. Era um periódico mensal e parece ter deixado de existir após o sexto número. Trazia apenas política em suas páginas, dividindo-se geralmente em duas seções: política e miscelânea, sendo esta segunda também política. Tinha por única finalidade, segundo José Augusto Alves (1997: 119), "demonizar o governador [Adrião Acácio Silveira Pinto] e, em derradeira análise, o regime e o ideário liberais". Segundo os redatores do *Correio Macaense*, o governador só permitia em Macau a "nojenta redacção do Boletim Official do Snr. Adrião".[160] No entanto, apesar de não ser mencionado explicitamente o local onde a publicação era impressa, o periódico era editado naquela mesma cidade (Alves, 1997: 119).

---

156 . Teixeira, 1965: 28-29.

157 . As informações sobre esta publicação foram retiradas de Manuel Teixeira (1965: 34). Apesar de ali aparecer o ano de 1848 para o surgimento do periódico, isso não corresponde à ordem geral da obra de Teixeira, sendo que o ano de 1843 - ou o de 1844 - corresponde à seqüência ali seguida. Houve, na certa, erro tipográfico.

158 . De *O Commercial* (1841) há apenas a página de rosto do n.34 de 1841, onde podemos ler duas epígrafes: *Adprime in vita esse utile, ut NEQUID NIMIS*, de "Ter. And.", e "Julgo na vida ser do mór proveito, / Que nada de excessivo seja feito." de José Baptista de Miranda e Lima, o que só serve para revelar o forte prestígio que o poeta macaense então ali possuía. No microfilme da Biblioteca Nacional onde *O Commercial* aparece - ainda sem cota (recém-doado) - encontram-se também exemplares da *Gazeta de Macau* e da *Chronica de Macau.*

159 . "Juizo critico sobre a suppressão da liberdade de Imprensa em Macao". *Correio Macaense*, 1838, out., n.1, p.13-21

160 . "Introdução", *Correio Macaense*, 1838, out., n.1, p.6.

Infelizmente, também não foi possível localizar qualquer um dos "ncjentos" exemplares do *Boletim Official* desse período, contra os quais o *Correio* tanto bradava.

4. *Gazeta de Macao*

A *Gazeta de Macao*, semanário homônimo ao de 1824, era na verdade o *Boletim Official do Governo de Macau,* que mudara de título. Essa mudança se deu, conforme se afirma na "Introducçam" do *Boletim*, devido à redação do periódico não ter matéria suficiente para sustentar uma publicação com tal título. Podemos supor também que tenha sido motivada pelo descrédito em que possivelmente caíra a folha governamental devido à oposição do *Correio Macaense.*

Apesar de, na metrópole, o clima político ser marcadamente liberal, retomaram um título que se referia em Macau ao período miguelista, fazendo notar a censura aos artigos ali publicados:

> Já no ultimo Boletim avisamos os nossos Subscriptores, e ao respeitavel publico, que de bom grado publicaremos todo e qualquer escripto, que se nos dirija, com tanto que venha assignado; e mais declaramos, que taes escriptos estão sujeitos à censura: por tanto, se algum dos Senhores correspondentes, ou contribuintes, não virem publicadas as suas correspondencias &c. conhecerá logo a cauza, pela declaração, que faremos no seguinte numero ao da recepção.[161]

Tal como o *Boletim*, tinha por editor responsável Manuel Maria Dias Pegado e era impresso na Typographia Macaense e depois em tipografia própria. Reproduziram-se diversos artigos da *Revue du Dix-neuvieme Siecle* [sic], de *Le Courier*, de *The Times*, de *O Commercial*, de *O Pregoeiro da Liberdade* etc. Trazia por epígrafe os famosos versos dos *Poemas Lusitanos*, de Antônio Ferreira: "Eu desta gloria so fico contente; / Que a minha terra amei, e a minha gente".

Além das predominantes matérias políticas e informativas, estamparam-se alguns textos sobre moral, tais como o "Charater de hum bom marido, e huma boa mulher", textos sobre a guerra do ópio, uma longa narrativa de viagem do padre Pedro de Almeida pelo Tibet,[162] diversos comentários biográficos de personalidades de renome, tais como Lamennais, Volney e Remechido

---

[161] . O Redactor, "Introducçam", *Gazeta de Macao*, 1839, 17 jan., n.1, p.1.

[162] . "Charater de hum bom marido, e huma boa mulher. Traduzido de huma obra americana", *Gazeta de Macao*, 1839, 25 abr., n.14, p.53-54, "Traducção do estudante solitario", *op. cit.*, 1839, 17 jan., n.1, p.2-3; 7 fev., n.4, p.16, [Padre Pedro de Almeida] [Viagem do Tibet], *cp. cit.*, 1839, 31 jan., n.3, p.11-12; 7 fev., n.4, p.15-16; 21 fev., n.6, p.24; 28 fev., n.7, p.27-28; 7 mar., n.8, p.33; 21 ma, n.10, p.39; 25 abr., n.14, p.54; 2 mai., n.15, p.59; 9 mai., n.16, p.62-63; 16 mai., n.17, p.66-67; 30 mai., n.19, p.74; 6 jun., n. 20, p.78; 20 jun., n.22, p.86. Também aparece um comentário bibliográfico às viagens de C.B. Elliot pela Áustria, Rússia e Turquia, editadas em 1838, *Gazeta de Macao*, 1839,7 mar., n.8, p.32.

(José Joaquim de Sousa Reis) e a continuação do texto "Antiguidades de Macao", que já aparecera em *O Macaista Imparcial*.[163]

De literatura, tinham curiosamente lugar algumas trovas do Bandarra, além de uma pequena biografia do trovador. Também havia um texto sobre a sepultura de La Harpe e um outro sobre a vida do poeta francês.[164] Fazia-se notar uma primeira presença do gosto romântico pelo místico e pelo popular, ao lado da permanente referência academicista.

Apareceu ainda um poema publicado em duas versões: português e espanhol, sendo composição "Recitada pela Senhorita Potenciana Goicoechea no Real Colegio de Santa Potencia de Manila ao Exmo. Sr. D. Luis Sardizabal e Montoya Governador e Capitao General destas Ilhas Filippinas, no dia 11 de Fevereiro de 1839, em que S. Exa. como Vice-Patrono Regio, se dignou visitar aquelle estabelecimento".[165]

Numa seção bibliográfica eram comentados diversos textos, como a *Encyclopedia do seculo desanove*, uma coleção de retratos de D. Carlos e seus defensores, *Da nova democracia*, de Eduardo Alletx, *Memorias do Diabo*, de Frederico Sonlie e outros.[166]

5. *O Portuguez na China*

Surgiu, então, *O Portuguez na China*, semanário também editado por Manuel Maria Dias Pegado na tipografia que levava seu nome. Seguia o mesmo modelo da *Gazeta de Macao*, com epígrafe agora retirada do Canto X d' *Os Lusíadas*: "Aqui o soberbo Imperio que se afama / Com terras, e riqueza não cuidada, / Da China corre, occupa o Senhorio / Desd'o Tropico ardente ao cinto frio".

Eram extraídas matérias do *Canton Register*, do *Canton Press*, do *Hong Kong Gazeta*, *Chinise Repository*, do *Pregoeiro da Liberdade*, de *O Nacional*, do *Periódico dos Pobres*, do *Diario do Governo* e do *Archivo Popular*.

Apesar de ser quase integralmente político e informativo, estampou o trecho inicial da narrativa de Herculano "Mestre Gil (Cronica do seculo 15.)", em outubro de 1840, prometendo continuidade – o que não aconteceu. Publicou também alguns poemas, em sua maioria sonetos, de marcado acento neoclássico: de "J.", os versos em inglês *An epitaph*, os sonetos "A politica" e "O tempo" que, como já vimos, foram publicados primeiramente em *O Macaista Imparcial*, outro

163 . "[Lamennais] Revue du dix-neuvieme siecle", *Gazeta de Macao*, 1839, 7 fev., n.4, p.14-15; 14 fev., n.5, p.18-19; "Remechido", *op. cit.*, 14 mar., n.9, p.34; "Volney", *op. cit.*, 14 mar., n.9, p.35-36; "Biographia - Remechido", *op. cit.*, 14 mar., n.9, p.36; "Antiguidades de Macao", vários fragmentos publicados de 13 jun., n.21, p.82 até 22 ago., n.31, p118, prometendo ainda continuidade.

164 . "Biografia" [sic] [do Bandarra, retirado do *Feller Dicion. Hist.*, *Gazeta de Macao*, 1839, 17 jan., n.1, p.3; "Trovas de Gonçalo Annes Bandarra sonhadas desde o anno de 1527 para 1528", *op. cit.*, 1839, 24 jan., n.2, p.6-7, "Sepultura de La Harpe", *op. cit.*, 1839, 14 fev., n.5, p.18; [texto sobre La Harpe retirado da *Revue du dix-neuvieme siecle*], *op. cit.*, p.19-20.

165 . [poema] *Gazeta de Macao*, 1839, 16 mai., n.17, p.65-66.

166 . "Bibliografia", *Gazeta de Macao*, 24 jan., n.2, p.5.

soneto, sem título, assinado por "De Vmce. Muito Cordis. FAIFUM"; um poema cheio de referências neoclássicas em comemoração ao vigésimo quarto aniversário da rainha D. Maria II, no dia 4 de abril de 1843.[167]

Outros textos de interesse: "O Portugal velho – O que fomos, e a que hoje estamos reduzidos"; "Parabola" (sobre a relatividade da hierarquia social entre os homens); "Descripção de Macau", retirada de *O Panorama,*[168] e um texto sobre a disponibilidade de "Lithographias portuguezas" à venda naquela cidade – lembremos que também o periódico apresentava uma ou outra gravura.[169]

6. *A Aurora Macaense*

Outro semanário político e informativo foi *A Aurora Macaense* (1843[170]-1845). Este, porém, marcadamente liberal. Tinha por redator responsável Félix Feliciano da Cruz, sendo publicado na Typographia Armenia. A epígrafe era de Eurípedes: "Livre he somente quem, nascendo livre/ Livre se expressa em publico fallando". No texto introdutório, fazia-se elogio à liberdade de imprensa e descrevia-se a estrutura do periódico:

> As primeiras columnas d'*Aurora Macaense* seraõ dedicadas á objectos de interesse publico: como saõ Partes officiaes do Governo, do Senado, e das mais Estaçoens publicas; Noticias nacionaes, extrangeiras politicas, e commerciaes; e em seguimento iraõ todos os avisos do commercio, tanto em Portuguez, como em Inglez: as noticias mercantis da semana; e finalmente tudo quanto for d'interese geral, e local.[171]

Nenhum interesse especificamente literário ou mesmo qualquer intenção de "recreio". Eram extraídas matérias de *A Revolução de Septembro*, de *O Patriota*, do *Morning Herald*, do *Journal de Débats*, de *O Pregoeiro da Liberdade*, do *Monthly Times*, do *Courrier Français*, do *Canton Press*, e também de gazetas de Pequim. Além das publicações explicitadas, reproduziam-se diversos outros periódicos, que não eram sequer mencionados, sendo possível, por exemplo, identificar que foi tomado de *O Panorama* o artigo "Doenças proprias dos compositores d'obras

---

167 . [Herculano], "Mestre Gil", *O Portuguez na China*, 1840, 1 out., v. 2, n.5 (ou n.55), p.2-3. Poemas: J., "An epitaph", *op. cit.*, 1840, 22 out., v.2, n. 8 (ou n.58), p.1; "A politica", *op. cit.,* 1842, 18 ago., n.50, p.4; "O tempo", *op. cit.*, 1842, 10 nov., n.11, p.3; De Vmce. Muito Cordis. FAIFUM, "Soneto", *op. cit.*, 1843, 23 fev., n.25, p.4; "Ao dia 4 d'abril", *op. cit.*, 1843, 6 abr., n.32, p.5.

168 . "Descripção de Macau", *O Panorama*, 1837, jun 3, n.5, p.38-40.

169 . "O Portugal velho. O que fomos, e a que hoje estamos reduzidos", *O Portuguez na China,* 1840, 10 dez., vo.2, n.15 (ou n.65), p.2-3; "Parabola"; *op. cit.*, 1841, 20 mai., n.38, p.3-4; "Descripção de Macau", *op. cit.*, 1841, 23 dez., n.17, p.2-3; 30 dez., n.18, p.2-3; "Lithographias portuguezas", *op. cit.*, 1843, 6 abr., n.32, p.5.

170 . As informações sobre esta publicação foram retiradas da já citada história da imprensa no Oriente de Manuel Teixeira (p.34). Apesar de ali aparecer o ano de 1848 para o surgimento do periódico, isso não corresponde à ordem geral da obra de Teixeira, sendo o ano de 1843 - ou o de 1844 - o que corresponde à sequência ali seguida. Houve na certa erro tipográfico.

171 . "Prospecto", *A Aurora Macaense*, 1843, 14 jan., n.1, p.1.

typographicas e meios de as prevenir ou remediar"; assim como de *O Encyclopedico* goês, a biografia de "Andre Hoffer".[172]

Publicavam-se diversas crônicas morais sobre comportamento (roubo, trabalho, leitura etc.) e também alguns trabalhos históricos, como a "Primeira memoria sobre as principaes causas remotas da decadencia dos Portuguezes na Asia, por Manoel Felicissimo Louzada d'Araujo d'Azevedo" e a "Memoria sobre a ilha de Solor e Timor". Estamparam-se também artigos sobre a imprensa e mesmo um conto, "Hum ambicioso", anônimo.[173]

O conto tratava da vida de um padre absolutamente abnegado, habitando o interior da França, do qual a maior ambição – além de ajudar aos necessitados – era a de ter uma batina nova, o que só conseguiria no leito de morte. Já era uma narrativa definitivamente romântica, à maneira de Lamartine, apresentando-se como uma das primeiras manifestações do romantismo que surgiria em Macau. Fora possivelmente extraída de algum periódico da metrópole, sendo, muito possivelmente, tradução de original francês.

7. *O Solitario na China*

O Solitario na China (1844-1845) era um semanário impresso na Typographia Hollandeza de Macau e tinha por editor e principal redator Manuel Maria Dias Pegado, que já estivera, como vimos, à frente de diversas folhas e que ainda dirigiria *O Procurador dos Macaistas*. Era essencialmente informativo, apresentando as seções: Parte Official, O Solitario [edital e notícias] e Variedades.

Reproduzia *O Periodico dos Pobres*, a *Abelha da China*, *A Restauração* etc. De interesse literário havia apenas uma pequena nota sobre a leitura que fizera José Baptista de Miranda e Lima de um de seus poemas na Sociedade Philarmonica Macaense – da qual se falará mais adiante – e dois poemas: um do próprio Miranda e Lima, "O desengano" – justamente o poema lido na Sociedade Philarmonica – e outro publicado anonimamente e intitulado "A beleza".[174]

---

172. "Doenças proprias dos compositores d'obras typographicas e meios de as prevenir ou remediar", *A Aurora Macaense*, 1843, 30 dez., n.51, p.216, e cf. *O Panorama*, v.3, 1839, 5 out., n. 127, p.319-320; "Andre Hoffer", *A Aurora Macaense*, 1844, 3 fev., n. 3, p.11-12, e cf. *O Encyclopedico*, 1841, 30 set., n.3, p.56-60.

173. "Primeira memoria sobre as principaes causas...", *A Aurora Macaense*, n.43, 4 de nov 1843, p.2-3 (inicia-se neste exemplar); "Memoria sobre a ilha de Solor e Timor", *op. cit.*, 30 dez., n.51, p. 216-217; e ainda o texto de Bengal Hurkaru, "Abolição da escravatura na India", *op. cit.*, 22 abr., n. 15, p.66; [sem título, sobre a epígrafe retirada de Euripedes, isto é, sobre a liberdade de imprensa], *op. cit.cit.*, 1843, 14 jan., n.1, p1; "O jornalismo", *op. cit.*, 1 abr., n.12, p.55; "Hum ambicioso", *op. cit.*, 1843, 9 dez., n.48, p. 206; n.49, p.310.

174. "O Solitario" [sobre José Baptista de Miranda e Lima], *O Solitario da China*, 1845, 29 set., n.1, p.3; José Baptista de Miranda e Lima, "Canção. O desengano. Composta e recitada por Sr. Jose Baptista de Miranda e Lima. Na 2da. Reunião da Sociedade Philarmonica Macaense aos 18 de Sptembro de 1845. E offerecida á mesma Sociedade.", *op. cit.*, 29 set., n.1, p.1-2; "Canção. A beleza", *op. cit.*, 24 nov., n.9, p.3.

8. *O Procurador dos Macaistas*

O semanário *O Procurador dos Macaistas* (1844 -1845), como foi observado, também era impresso e publicado por Manuel Maria Dias Pegado. Trazia por epígrafe os versos de Sá de Miranda: "Neste tempo quem mal cay / Mal jaz, e dizem que á luz / Por tempo a verdade say / Entretanto poem na Cruz / O Justo, o ladrão vay". Era periódico informativo e comercial, que pretendia imparcialidade política no que concernia às individualidades, não, porém, às instituições. Apresentava as seções: Parte Offical, Correspondencia, Variedades e outras, esporádicas. Afirmava-se no texto introdutório:

> As nossas primeiras columnas são dedicadas aos papeis officiaes; depois ás noticias nacionaes, e extrangeiras, sem exceptuarmos as do Interior; e ao que he relativo ao Commercio, Preços Correntes, &c.[175]

Publicava de fato, fundamentalmente, assuntos políticos e comerciais; apareciam, porém, também alguns artigos de história, como os "Apontamentos e noticias sobre o estabelecimento dos portuguezes na China, fundação da cidade de Macao, relação do governo desta cidade com o governo da China &c. Anno 1517" ou a "Carta escripta da China por hum official francez".[176]

Reproduziam-se matérias de *A Revolução de Setembro*, de *O Periodico dos Pobres*, do *Journal de Villes* e de *O Patriota*, fazendo ainda um anúncio da publicação da *Revista Universal Lisboense*. Havia ainda uma matéria sobre a Sociedade Philarmonica Macaense, que tinha por secretário José Baptista de Miranda e Lima. A sociedade surgira por iniciativa da intelectualidade local e era mesmo o único lugar de convivência daqueles que pretendiam criar em Macau um meio propício para o cultivo das artes e das letras. Descreveu-se no artigo o primeiro concerto dado na Sociedade, realizado na noite de 4 de setembro de 1845.

> Das sete para as oito horas começou a reunir-se a companhia; e ás 8¼ era já toda reunida em numero de noventa a cem pessoas, incluindo algumas trinta Senhoras. Deo-se então principio ao Concerto, que foi dividida [sic] em dois actos; no qual se executarão com felicidade oito pessas de musica vocal e instrumental, com o acompanhamento de grande or[c]hestra. Depois do primeiro acto servio-se o cha, e foi elle com bastante profusão: e proximadamente ao fim do segundo acto foi a companhia servida de magnificos gelados, que vierão muito a pello porque a noite estava assaz calmosa.[177]

Estampavam-se diversos poemas: "Primeiro ensaio poetico d'hum sacristão – Anno de 1844 – Alleluia", assinado por "O Destribuidor" (Typographia Armenia d'*Aurora Macaense*); um "Soneto" ("Não temas, lyra minha, canta ousada"), de J. B. M. e L., isto é, José Baptista de Miranda

---

175 . "O Procurador", *O Procurador dos Macaistas*, 1844, 6 mar., n.1, p.1.

176 . Os "Apontamentos e noticias..." têm inicio em *O Procurador dos Macaistas*, n.2, de 13 de março de 1844, p.1-2, enquanto que a "Carta escripta da China..." inicia-se no n.17 de 27 de junho de 1844, p.1-2. Ambos seguem por por diversos números.

177 . Francisco João Marques, "Sociedade Philarmonica Macaense", *O Procurador dos Macaistas*, 1845, 8 set., n.27, p.3-4.

e Lima; os versos "O mentirozo castigado", anônimo; e um "Elogio ao Senhor Francisco José de Paiva", de José Antônio Maia.[178] Era marcadamente sensível à influência neoclássica: no emprego do hendecassílabo, na referência à mitologia clássica, no cultivo de temas moralizantes.

Na prosa também vigorava o neoclassicismo, com predominância do tom satírico, tendo em vista a moralização dos costumes e o exemplo sábio – com motivação política imediata bastante forte. Tiveram lugar os "Sabios conselhos de Simão de Nantua a uns eleitores que vão para a assemblea eleitoral" e a "Conversação de Simão de Nantua com hum mendigo, e a boa lição para os orgulhosos e vadios", além da "Contenda entre o trabalho e a ociosidade", de máximas filosóficas e de uns diálogos moralizantes.[179] Todos eram publicados anonimamente.

9. *O que se colhe*

No decorrer das publicações até aqui arroladas, referentes ao primeiro momento do periodismo macaense, ficou evidente o quanto a literatura jamais angariou grande prestígio entre os agentes desse tipo de jornalismo. Com os interesses voltados para a notícia corriqueira e para os acontecimentos políticos, os editores pouco ou nenhum espaço reservavam para a – na Europa – tão valorizada ilustração. Mesmo a seção de variedades, muito em voga nos jornais metropolitanos, onde a literatura sempre teve lugar cativo, era pouquíssimo cultivada nesse primeiro momento do periodismo de Macau.

Fizeram-se notar, no entanto, os nomes de Manuel Maria Dias Pegado, como editor de vários periódicos, e de José Baptista de Miranda e Lima, o autor que mais trabalhos estampou e, rigorosamente, o único que mereceu o epíteto de "poeta".

10. *Manuel Maria Dias Pegado*

Manuel Maria Dias Pegado foi, como vimos, o editor do *Boletim Official*, da *Gazeta de Macao* de 1839, de *O Portuguez na China*, de *O Solitario na China* e de *O Procurador dos Macaistas*. Mais tarde, em 1860, em Hong Kong, iria editar outros periódicos, como *A Voz do Macaista* e *O Portuguez na China*.

No entanto, praticamente nada se sabe desse incansável editor. Junto às fontes biobibliográficas portuguesas e macaenses, ficamos a saber apenas que nasceu em 1805, sendo

---

178 . O Destribuidor (Typographia Armenia d'*Aurora Macaense*), "Primeiro ensaio poetico d'hum sacristão. Anno de 1844. Alleluia", *O Procurador dos Macaistas*, 1844, 10 abr., n.6, p.4; J. B. M. e L., "Soneto", *op. cit.*, 19 dez., n.42, p.4; "O mentirozo castigado", *op. cit.cit.*, 1845, 16 jan., n.45, p.4; José Antônio Maia, "Elogio ao Senhor Francisco José de Paiva", *op. cit.*, 1845, 13 fev., n.49, p.4.

179 . "Sabios conselhos de Simão de Nantua a uns eleitores que vão para a assemblea eleitoral", *O Procurador dos Macaistas*, 1845, 20 mar., n.3, p.4; "Conversação de Simão de Nantua com hum mendigo, e boa lição para os

irmão de Guilherme José Antônio Dias Pegado, este, sim, ilustre macaense, que se consagrou no meio acadêmico metropolitano como matemático e educador.

11. *José Baptista de Miranda e Lima*

O poeta macaense José Baptista de Miranda e Lima (1782-1848) regeu a cadeira de gramática portuguesa e latina no Real Colégio de S. José por praticamente toda sua vida. Também seu pai, José dos Santos Baptista e Lima, natural de Leiria, já se estabelecera em Macau como professor régio de gramática latina, fazendo com que pudéssemos entrever, assim, a sólida formação em literatura e língüística que teve Miranda e Lima.

Segundo Inocêncio,[180] o poeta teria sido perseguido pelos miguelistas e, portanto, seria um liberal. No entanto, já J. M. da Silva e Sousa, depois Manuel Teixeira[181] e, mais recentemente, Rafael Ávila de Azevedo afirmaram as convicções miguelistas do poeta. Azevedo observou que:

> Miranda de Lima foi considerado no seu tempo como uma das notabilidades macaenses. Todavia, tendo aderido à causa de D. Miguel, que desfrutou de muitos partidários em Macau, foi demitido do seu cargo docente com o triunfo das hostes liberais (1839), embora reintegrado alguns anos mais tarde (1843). Tanto pelas suas ideias políticas como pela sua vocação literária, Miranda e Lima foi em Macau um dos representantes do Portugal conservador e histórico que se sumiu nas trevas do passado com a aurora redentora do liberalismo.[182]

Conta-nos Marques Pereira[183] que:

> José Baptista publicou algumas poesias em varios jornaes de Macau, e deixou por sua morte grande numero de manuscriptos, que soffreu aquella má sorte do descaminho. Não foi, porém, d'isto culpado seu filho, moço estudioso, residente na vizinha colonia de Hong Kong, e a quem poucos dias há me dirigi, pedindo-lhe informações de uns extensos e curiosos apontamentos que, me constava, seu pae tinha escripto ácerca das relações dos portuguezes com a China, e que me poderiam servir de poderoso auxilio na empreza de que estou encarregado. Respondeu-me elle nomenado as pessoas ás quaes seu pae confiára os mesmos apontamentos, e d'estas algumas já hoje se acham d'aqui ausentes, e outras nem de tal se recordam.
>
> José Baptista era homem curioso, investigador e mui versado na leitura de auctores latinos e de classicos portuguezes. A circumstancia de nunca ter saído de Macau talvez lhe não permittiu alargar as idéas no ponto de vista, que aliás poderia attingir com o assiduo estudo a que se dava.
>
> Exerceu por varias vezes o cargo de senador no tempo em que o leal senado empunhava as redeas da governança d'esta colonia (...)

---

orgulhosos e vadios", *op. cit.*,10 abr., n.6, p.4; "Contenda entre o trabalho e a ociosidade", *op. cit.*, 28 ago., n.26, p.4;"Variedades" [máximas filosóficas], *op. cit.*, 7 ago., n.23, p.4; "Variedades" [diálogos], *op. cit.*, 20 fev., n.50, p.4.

[180] . Silva, 1859-1958, t.IV, p.259.

[181] . Teixeira, 1942: 35.

[182] . Azevedo, 1984: 30-31.

[183] . Na obra de Inocêncio não está especificado de qual dos Marques Pereira é o texto supracitado: de Feliciano Antônio, de Antônio Feliciano ou de João Feliciano - talvez deste último, que reeditou no final do século o *Ta-ssi-yang-kuo*.

> Os macaistas apregoam com rasão o nome de José Baptista de Miranda e Lima como gloria da sua terra, que em verdade não tem havido mais pobre de homens, ou de escriptores que este titulo mereçam.[184]

De sua obra, Inocêncio Francisco da Silva teria tido em mãos os versos *Alectorea – Poema sobre as galinhas,* publicados em Macau, na Typographia de Feliciano, de F. F. da Cruz, em 1838, escrito em sextilhas hendecassílabas rimadas. Inocêncio afirmou que não vira dessa obra mais que dois exemplares, "sendo um d'estes o que possue o sr. conservador da Bibl. Nacional Barbosa Marreca".[185] Brito Aranha,[186] na continuidade ao dicionário bibliográfico de Inocêncio, citou ainda as obras: *Santa Philomena (Poemeto),*[187] fazendo notar que a edição estava esgotada, sendo rara mesmo em Macau. Citou também o *Eustachio magnanimo – Poema*, impresso na Typographia Activa, de João José da Silva e Sousa, em 1844, também escrito em sextilhas hendecassílabas e, do mesmo modo, raro.

Na *Galeria de macaenses ilustres do século dezanove*,[188] Manuel Teixeira reuniu a maior parte dos trabalhos dispersos de Miranda e Lima. No que concerne à poesia, reproduziu primeiramente um poema sem título em homenagem ao governador Miguel de Arriaga Brum da Silveira, que extraiu da *Gazeta de Macau e Timor* de 1873.[189] Também estampou dois poemas retirados do *Ta-ssi-yang-kuo* de 1889-1900: "Ajuste de casamentu de Nhi Pancha cô Nhum Vicente" e "Dealogo entre 2 Pacatos Na Rua Direita Na Noite de 13 de Mayo de 1824". O primeiro tratava dos costumes cotidianos dos macaenses e o segundo, das disputas entre constitucionalistas e absolutistas. Ambos foram redigidos em patoá – o registro do português local – e em redondilha maior. Revelavam um momento de adesão do poeta aos princípios românticos do verso garrettiano, da linguagem coloquial e do tema popular. Ainda segundo Manuel Teixeira, foram escritas para o fim da vida do poeta, isto é, já na década de 1840.

Aqueles três trabalhos referidos no dicionário de Inocêncio, juntamente com "Canção – O Desengano", foram também estampados no trabalho de Manuel Teixeira, que os retirou de uma edição em livro (contendo os quatro poemas) existente na Biblioteca Pública de Macau, observando ainda que o exemplar teve reimpressão na Typographia Commercial, em Hong Kong, em 1866. Somente o poema *Alectorea – Poema sobre a galinhas* não foi ali reproduzido integralmente – constando apenas um trecho do prólogo e as cinco primeiras estâncias. Na edição que serviu de referência a Manuel Teixeira, como introdução aos poemas, vinha um "Esboço da vida do autor destas poesias", baseado na sucinta biografia que J. M. da Silva e Sousa havia

---

184. Silva, 1859-1958, t.XII, p.251.
185 . Silva, 1859-1958, t. IV, p.259.
186 . Silva, 1859-1958, t.XII, p.251.
187 . Teixeira, 1842: 58-66, reproduz o poema com o título de *Philomena Invicta.*
188 . Teixeira, 1942: 19-78.
189. Nos exemplares existentes na Biblioteca Nacional da *Gazeta de Macau e Timor* de 1873 não foi possível localizar os versos reproduzidos por Manuel Teixeira.

estampado em seu periódico, *Impulso ás Letras*, de Hong Kong – texto que também foi reproduzido por Manuel Teixeira.

Teixeira ainda afirmou que no número 76 de *O Macaense*, de 13 de junho de 1891, "foi publicada uma poesia até então inédita deste festejado poeta", sem reproduzi-la ou mesmo indicar-lhe o título. Por infelicidade, esse exemplar não consta entre os existentes no acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Em prosa, Manuel Teixeira reproduziu um pequeno livro intitulado *Maximas moraes e civis offerecidas aos jovens macaenses por* ***, publicado em Macau em 1832, sendo a capa impressa e o corpo do texto manuscrito. O trabalho era atribuído a Miranda e Lima por José Maria Marques da Silva, que o tinha em seu poder. Era uma relação de máximas morais ao modo do receituário neoclássico e, ao mesmo tempo, cristão.

Para concluir, registremos que os poemas de Miranda e Lima que encontramos nos periódicos consultados e que não constavam entre os reunidos pelo padre Manuel Teixeira já fizemos publicar na *Revista da Biblioteca Nacional*, de Lisboa.[190]

12. *O grande silêncio*

Abre-se então um parêntese de dezoito anos de ausência de publicações periódicas, à exceção do *Boletim Official*. Manuel Teixeira (1965) procurou a explicação para tal fenômeno tanto na fixação dos ingleses em Hong Kong, a partir de 1841, o que levou Macau à franca decadência econômica, como na repressão exercida pelo governo de Ferreira do Amaral, que governou Macau entre 21 abril de 1846 e 22 agosto de 1849 – quando foi assassinado. A produção periódica macaense deslocou-se nesses anos para Hong Kong, quebrando em parte tal silêncio.

Para agravar a situação, a morte de Ferreira do Amaral, em 1849, foi seguida da publicação, em 1850, na metrópole, da "lei das rolhas", de Costa Cabral, que restringiu profundamente a liberdade de imprensa em toda a extensão territorial portuguesa.

Nesse momento, Macau começava a restabelecer-se economicamente devido à exportação de mão-de-obra semi-escrava dos cules, além da intensificação do comércio do ópio e da legalização das casas de jogo. Mesmo assim, a situação do porto de Macau em face do de Hong Kong ainda era bastante desvantajosa e, em 1863, a cidade perdeu o estatuto de colônia, conquistado em 1844, voltando a subordinar-se ao Estado da Índia (Silva, 1994: 12-27).

Nesses anos, entretanto, foi instituída uma comissão para a criação do Teatro D. Pedro V, por iniciativa da comunidade, formada por João Damasceno Coelho dos Santos, João Ferreira

[190] . Cf. Hélder Garmes, "Poesia nas folhas de Macau - jornalismo e literatura", *Leituras - Revista da Biblioteca Nacional*, n.2, 1998, p.209-222, Lisboa.

Mendes, José Bernardo Goularte, José Maria da Fonseca, Francisco Justiniano de Sousa Alvim, Pedro Marques e José Joaquim Rodrigues Ferreira, como relatou Antônio Marques Pereira em suas *Ephemerides comemorativas...* (*apud* Teixeira, 1971: 5). Também Antônio Luís Pereira Crespo, cirurgião-mor da colônia, seria um dos responsáveis pela ágil arrecadação de fundos em Macau e Hong Kong para a construção do edifício, idealizado por Pedro Germano Marques[191] – que ficaria *grosso modo* pronto já no ano seguinte.

Antes dessa iniciativa, as representações teatrais eram realizadas de modo improvisado em várias localidades da cidade. O Teatro D. Pedro V veio institucionalizá-las e deve ter sido, por esses anos de inexpressiva produção letrada, o único alento de uma comunidade bastante carente de manifestações culturais lusitanas ou mesmo européias.

13. *Entra em cena o Ta-ssi-yang-kuo*

No mesmo ano em que perdeu sua autonomia provincial, veio à luz o semanário histórico e literário *Ta-ssi-yang-kuo – Semanario macaense d'interesses publicos locaes, litterario e noticioso* (1º jul. 1863 – 26 abr. 1866), o hebdomadário oitocentista mais prestigiado de Macau. Foi fundado por José Gabriel Fernandes, natural de Siliom de Bardez, em Goa.[192] Seu primeiro diretor foi Antônio Feliciano Marques Pereira e sua edição ficava a cargo de José da Silva, sendo impresso na tipografia deste.

O *Ta-ssi-yang-kuo* era um periódico liberal e católico, de caráter informativo, apresentando novas do reino, notícias locais, comerciais e portuárias, além de uma seção de Annuncios. Mas, para além do caráter ideológico-cristão e do perfil informativo – o que já encontráramos em publicações anteriores –, seus redatores tinham por intenção expressa ilustrar o leitor. No texto "Macau 7 de outubro" afirmava-se que:

> É, pois, com intuito civilisador que damos a lume o nosso jornal (...) O nosso intuito é offerecer aos nossos leitores o conhecimento das coisas uteis, porque é esse o dever do escriptor serio e moralisado.[193]

E cumpriu-se o prometido, naturalmente dentro das limitações que então se colocavam no horizonte intelectual macaense. Além de Antônio Feliciano Marques Pereira, o periódico teve por colaboradores Alexandre Meireles de Távora, Gregório José Ribeiro, Cônego Antônio Maria Augusto de Vasconcelos, Jerônimo Osório de Castro Cabral Albuquerque, Manuel de Castro

---

[191] . A fachada será posteriormente refeita pelo Barão de Cercal em 1873 e restaurada em 1918 por José Francisco da Silva (Teixeira, 1957: 6)

[192] . José Gabriel Fernandes (1816-1883) colaborou também no *Jornal de Lisboa*, no *Paiz* e no *Tribuno Popular* de Coimbra. Foi o pai de José Gabriel Bernardo Fernandes (1850-?), jornalista e historiador, autor dos *Apontamentos para a historia de Macau* (Lisboa, 1883), da *Relação dos bispos de Macau* (1884), e de *O jornalismo em Macau*, tendo colaborado no *Jornal de Coimbra*, no *Conimbricense* e no *Impulso ás Letras* de Hong Kong.

[193] . "Macau 7 de outubro", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1863, 8 out., n.1, p.1.

Sampaio, José Gabriel Fernandes, Pereira Rodrigues e novamente o moçambicano José Pedro da Silva Campos Oliveira.

Antônio Feliciano Marques Pereira esclareceu, num artigo homônimo ao título do periódico, que *Ta-ssi-yang-kuo*[194] significava "grande reino do mar do Oeste", e que se referia ao reino português – expressão chinesa empregada pelo jesuíta Matheus Ricci quando, em 1600, em sua primeira audiência com o imperador Chin-tsung-hien-ti, foi perguntado de onde viera.

Faziam fé na retomada das missões católicas no Oriente. Parece que rezavam pela mesma cartilha que os militares dos *Annaes marítimos e coloniaes* (Lisboa, 1840-1846), que pretendiam revitalizar o modelo pré-pombalino da presença colonial portuguesa e, portanto, uma espécie de revisão e revitalização do modelo jesuíta de intervenção junto à comunidade chinesa. Lembremos que o pai de Antônio Feliciano Marques Pereira, que se chamava Feliciano Antônio Marques Pereira, era homem de letras e já fôra sócio da Associação Marítima Colonial, que publicara os referidos *Annaes*.

No *Ta-ssi-yang-kuo* aparecia por vezes uma "Secção Litteraria", que trazia as mais diversas matérias, tais como notícias históricas sobre a China, sobre as missões portuguesas no Oriente, sobre medicina, sobre geografia, botânica etc. O modelo dessa seção era certamente o mesmo de *O Panorama* ou da *Revista Universal Lisbonense*, isto é, o da difusão do conhecimento útil e enciclopédico.

Mas certamente sua importância maior encontrava-se junto aos trabalhos historiográficos. O periódico publicou diversas matérias de relevo para a história de Macau, ressaltando-se a série de artigos "Bibliografia macaense",[195] do próprio Antônio Feliciano Marques Pereira.

Publicaram-se artigos sobre a educação relacionada à mulher, ao ensino do latim e à instrução pública,[196] uma seção intitulada "Folhetim-Correspondencia", assinada por Z.,[197] e alguns textos relativos à história, tais como o relato da viagem a Hong Kong que fez M. C. S. ou o "Elogio historico do sr. Antonio José de Miranda, que a profunda saudade, e a notoriedade de seus feitos e acções fazem vir dos bicos da grosseira penna d'aquelle que se honra ser um dos seus numerosos amigos", escrito por "G.". Mas o mais interessante de todos esses textos era sem dúvida os "Apontamentos sobre os cinco enforcados em Hongkong no dia 8 d'Agosto de 1865, pelo crime de piratas e assassinos, porém affirmando até ao patibulo a sua innocencia por quem lhes assistiu

194 . M. P., "Ta-ssi-yang-kuo", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1863, 8 out., n.1, p.1.

195 . A. Marques Pereira, "Bibliographia macaense", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 29 set., n.52, p.215-216; 1864, 6 out., n.1, p.3; 1865, 12 jan., n.15, p.61-62; 9 fev., n.19, p.76-77; 16 mar., n.24, p.98; 23 mar., n.25, p.102-103; 30 mar., n.26, p.106; 13 abr., n.28, p.114-115; 20 abr., n.29, p.121-122; 27 abr., n.30, p.125; 4 mai., n.31, p.128; 25 mai., n.34, p.140-141; 13 jul., n.41, p.169; 1 jun., n.35, p.143; 3 nov., n.5, p.21; 28 dez., n.13, p.55; 19 out., n.3, p.11-12.

196 . [Cezar Marques] "Macau 21 de outubro" [sobre educação], *Ta-ssi-yang-kuo*, 1863, 22 out., n.3, p.9; Cezar Marques, "A illustração publica e o sexo feminino, op.cit.,1863, 12 nov., n.6, p.24; V. "Importancia do estudo da lingua latina", *op. cit.*, 1864, 7 jan., n.14, p.55; Dr. Alexandre Meyrelles de Tavora, "A instrucção publica I", *op. cit.*, 1866, 22 mar., n.25, p.111-112; Dr. Alexandre Meyrelles de Tavora, "A instrucção publica I", *op. cit.*, 1866, 5 abr., n.27, p. 123-124.

nas ultimas 12 horas de vida".[198] O texto apareceu em português e em inglês e tinha evidentemente maior sabor literário do que interesse histórico.

No gênero epistolar, apareceram seis cartas de Rigogero Soje Ibirore, "Recordação de viàgens – Cartas a J. M. P. Rodrigues" e outras assinadas por Pancha e designadas "Cartas de Siára Pancha a Nhim Miquéla", em crioulo macaense.[199]

Quanto às narrativas em folhetim, estampou-se o texto "Confidencias de Mlle. Mars", com indicação em nota de ter sido publicado por mad. Roger de Beavoir, e também "Tefine a bordo de um vapor: aventuras de John Drunkard – litterato espirituoso de um jornal inglez", notando ser uma tradução livre "sem pedir venia".[200]

Além dos textos em versos referentes a charadas, enigmas, acrósticos e logogrifos,[201] publicava-se grande diversidade de poemas. Primeiramente, veio à luz um texto assinado simplesmente por "V." sobre "O poeta", que já nos forneceu um quadro teórico geral da produção que se seguiria, ao observar que "é o poeta quem verdadeiramente sente a natureza, por isso que vae pintal-a com todos os seus encantos, adornal-a com todas as suas galas"; concepção que ainda considerava o poeta como um imitador da natureza, ainda que uma imitação já romanticamente modulada por sua subjetividade. Quanto ao papel social do poeta, fazia notar que:

> [...] [a voz do poeta] fazes com que a sociedade submissa e respeitosa va ajoelhar perante um nome, que talvez detestava; cravas o punhal no coração do tyranno, que faz a desgraça do seu povo e ri das miserias delle; ensinas-nos a olhar a morte como um bem, quando trocada a vida pela patria; espalhas por entre todos o germen fecundante da virtude, que exaltas com teus cantos, germen, que, pousando ocioso e tranquillo sobre o coração, lá fica até que uma occasião propicia venha fazel-o brotar cheio de viço [...][202]

---

197 . Z., "Correspondencia-Folhetim", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 14 jan., n.15, p.57-58; 21 jan., n.16, p.61-62; 28 jan., n.17, p.65; 4 fev., n.18, p.69-70.

198 . M. C. S.,"Folhetim" [Viagem a Hongkong], *Ta-ssi-yang-kuo*, 1865, 19 jan., n.16, p.63; G., "Elogio historico do sr. Antonio José de Miranda, que a profunda saudade, e a notoriedade de seus feitos e acções fazem vir dos bicos da grosseira penna d'aquelle que se honra se um dos seus numerosos amigos", *op. cit.*, 1865, 3 ago., n.44, p.182-183; "Apontamentos sobre os cinco enforcados em Hongkong no dia 8 d'Agosto de 1865, pelo crime de piratas e assassinos, porém affirmando até ao patibulo a sua innocencia por quem lhes assistiu nas ultimas 12 horas de vida" [em português e inglês], *op. cit.*,1865, 7 set., n.49, p.204-205; 14 set., n.50, p.210-211.

199 . Rigogero Soje Ibirore, "Folhetim. Recordação de viagens - Cartas a J. M. P. Rodrigues. Carta 1.a", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 19 mai., n.33, p.129; 23 jun., n.38, p.149-150; 18 ago., n.46, p.185; 29 set., n.52, p. 213; 20 out., n.3, p.9; 24 nov., n.8, p.29; Pancha, "Folhetim. Cartas de Siára Pancha a Nhim Miquéla" [em crioulo macaense], op.cit, 1865, 5 jan., n.14, p.55.

200 . [Publicadas por mad. Roger de Beavoir] "Folhetim. Confidencias de Mlle. Mars", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1865, 12 jan., n.15, p.59; 16 fev., n.20, p.79; 23 fev., n. 21, p. 83; 9 mar., n.23, p.91; 3 mar., n.25, p.101; 18 mai., n.33, p.135; 8 jun., n.36, p.147; 20 jul., n.42, p.171; 19 out., n.3, p.9; 26 out., n.4, p.13; "Folhetim. Tefine a bordo de um vapor: aventuras de John Drunkard. litterato espirituoso de um jornal inglez" (Traducção livre, sem pedir venia), *op. cit.*, 1865, 31 ago., n.48, p.199.

201 . Charada, *Ta-ssi-yang-kuo*, 1865,25 mai., n.34, p.142; H. Homem, "Variedades - Enigma", *op. cit.*, 1865, 7 set., n.49, p.207; 14 set., n.50, p.213; 5 out., n.1, p.4; 12 out., n.2, p.6; Manuel de Castro Sampaio, "Variedades. Acrostico", *op. cit.*, 1865, 19 out., n.3, p.11-12; "Logogripho", *op. cit.*, 1864, 7 abr., n.27, p.107; "Logogripho", *op. cit.*, 1864, 19 mai., n.33, p.132.

202 . V., "O poeta", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 21 jan., n.16, p.64.

Prestigiado, eventualmente marginal, justiceiro, patriota e acima de tudo semeador da virtude, a definição ali presente parecia referir-se tanto ao modelo do poeta clássico (virtuoso e exemplar, patriota) como ao do poeta romântico (famoso, marginal, justiceiro, patriota). E para colocar em prática tal definição, apareceram diversos trabalhos poéticos. De Manuel de Castro Sampaio temos: duas quadras sem título, a "Poesia aos annos da Exma. Sra. Guilhermina da Rocha Assumpção", uma "Elegia", um "Epicedio á prematura morte do Illmo. Sr. Major José Roberto" e os versos "Uma lagrima". De Gregório José Ribeiro, o poema "Canto sentido". De alguém que assinava apenas S., apareceu "O mendigo", e completamente anônimos havia "Um trahido" e "N'um album de uma senhora de Macau – O Album e eu". De José Pedro da Silva Campos Oliveira publicou-se "Amo-te", poema que, como vimos, já havia sido publicado na *Illustração Goana*.[203]

É interessante notar que, junto ao poema de Campos Oliveira, veio a seguinte observação:

> Com muito gosto publicamos uma poesia, que nos foi enviada pelo seu auctor o sr. Campos e Oliveira, talentoso jovem de 17 annos, que começa a cultivar as letras de um modo muito promettedor.

Traz a data de: "Margão, 15 de fevereiro de 1865". José Pedro da Silva Campos e Oliveira era moçambicano, mas encontrava-se naquele momento em Goa, onde já o vimos colaborar sistematicamente na *Illustração Goana*, além de ter sido o responsável pela publicação do *Almanach popular* para os anos de 1864, 1865 e 1866.

Outro que aí se destacava pelo volume de trabalhos publicados era Manuel de Castro Sampaio. Fôra enviado para o Oriente como capitão na guarnição de Macau e Timor. Era sócio-correspondente da Real Sociedade Asiática de Londres e, além de colaborar no *Ta-ssi-yang-kuo*, publicou: *Pobreza envergonhada* (Valença, 1852); uma tradução livre do texto de D. Francisco Tamires Vaz, *Compendio de hygiene popular* (Elvas, 1860); *Victimas de uma paixão* (Lisboa, 1863); *Memorias dos festejos realisados em Macau no fausto nascimento de S. A. o sr. D. Carlos Fernando* (Macau, 1864); *Compendio de ortographia* (Macau, 1864); *Os chinas em Macau* (Hong Kong, 1867); além de relatórios oficiais e outros dois poemas publicados no *Boletim do Governo de Macau*: "Elegia á prematura morte da Exma. Sra. D. Camilla de Mello..." e "Nenia á infausta e sentida morte do Illmo. Sr. José Bernardo Goularte...".[204]

---

[203] . Manuel de Castro Sampaio, [duas quadras], *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 21 abr., n.29, p.116; Manuel de Castro Sampaio, "Poesia aos annos da Exma. Sra. Guilhermina da Rocha Assumpção", *op. cit.*, 1864, 4 ago., n.44, p.177-178; Manuel de Castro Sampaio, "Elegia", *op. cit.*, 1864, 1 set., n.48, p.199; Manuel de Castro Sampaio, "Epicedio á prematura morte do Illmo. Sr. Major José Roberto", *op. cit.*, 1865, 26 out., n. 4, p. 15; Manuel de Castro Sampaio, "Uma lagrima", *op. cit.*, 1866, 4 jan., n. 14, p.59; Gregorio José Ribeiro, "Canto sentido", *op. cit.*, 1864, 1 set., n.48, p.199; S., "O mendigo", *op. cit.*, 1865, 23 fev., n.21, p.86; "Um trahido", *op. cit.*, 1864, 7 jul., n.40, p.160; "N'um album de uma senhora de Macau - O Album e eu", *op. cit.*, 1864, n.18 ago., n.46, p.188; J. P. da Silva Campos Oliveira, "Amo-te", *op. cit.*, 1865, 6 abr., n.27, p.112.

[204] . Manuel de Castro Sampaio, "Elegia á prematura morte da Exma. Sra. D. Camilla de Mello...", *Boletim do Governo de Macau*, 1864, 28 ago., n.35, p.138; Manuel de Castro Sampaio, "Nenia á infausta e sentida morte do Illmo. Sr. José Bernardo Goularte...", *op. cit.*, 1867, 21 jan., n.3, p.14.

14. *Antônio Feliciano Marques Pereira*

É necessário relevar aqui a figura de Antônio Feliciano Marques Pereira, homem que muito contribuiu para o desenvolvimento do meio literário de Macau. Apesar de ser lisboeta por nascimento (1839), residiu em Macau desde os vinte anos, uma vez que sua família ali se estabelecera.

Ainda em Lisboa, colaborou com diversos periódicos, como *Rei e Ordem*, *Archivo Pittoresco*, *Revista dos Espectaculos*, *Revista de Lisboa*, *Arquivo Familiar* e *Ilustração Luso-Brasileira*, entre outros. No *Rei e Ordem*, publicou os *Romances originaes*, onde constavam os seus seguintes folhetins: "Ciúme de poeta"; "Ciúme de uma mulher do grande mundo"; "Romance de uma pecadora" (transcrito no *Archivo Familiar*); "Uma reconciliação" (que já fora publicado na *Illustração Luso-Brasileira*); "Amor e reflexão" (incompleto). Ainda no *Rei e Ordem,* publicou sua tradução das *Confidências de mlle. Mars, por mad. Roger de Beauvoir* (que apareceria também no *Ta-ssi-yang-kuo*), além de algumas biografias de Mirecourt.

Mas um de seus trabalhos teve uma história à parte. Ainda em Lisboa, em 1858, publicou *Uma mulher do seculo, romance contemporaneo, precedido de um juizo critico de Francisco Maria Bordalo* (que fora um dos fundadores de *O Panorama*). Inocêncio relatou que:

> Pouco depois de sua chegada a Macau, o auctor vendo a procura que ahi tinha a sua obra, a primeira que até então houvesse publicado, escreveu em 7 de Abril de 1860 no Boletim do Governo (cujo redactor começou a ser desde 20 de Março de antecedente) um extenso artigo, intitulado *Duas palavras a respeito de um livro*, em que, sem renegar a paternidade da sua producção, rejeitava contudo a indole della n'alguns pontos, e pedia que sob esse aspecto, e bem assim debaixo do ponto de vista litterario, a *Mulher do seculo* fosse apenas considerada como estrêa arrojada dos seus dezenove annos (Inocêncio, t. VIII, p. 139).

Assim, parece que o conservadorismo macaense contagiou rapidamente Antônio Feliciano Marques Pereira. Ali foi redator do *Boletim do Governo,* de 20 de março de 1860 a abril de 1862; ali, porém, seu prestígio literário teve de fato início com seus *Esboços e perfis, colecção de romances e estudos sociais* (1862), sedimentando-se na direção do periódico *Ta-ssi-yang-kuo* (1863-1866). Ainda publicou as *Ephemeredes commemorativas da historia de Macau* (1868) e *O padroado português na China* (1873) – uma de suas mais conhecidas obras –, além de outros trabalhos sobre administração pública.

Em 1869, Antônio Feliciano Marques Pereira seria acusado por António José da Silva e Sousa, então redator do periódico *O Echo do Povo*, de Hong Kong, de práticas de corrupção em suas atividades como magistrado em Macau, acabando, no entanto, por ganhar a causa contra o acusador. Pela documentação apresentada pelo padre Manuel Teixeira (1965: 268-269), tudo indica que o redator de *O Echo do Povo* estava com a verdade. Mas, como veremos adiante,

Manuel Teixeira não se pautava pela imparcialidade em seus julgamentos – sempre em defesa dos jesuítas e da ala conservadora da Igreja –, o que colocava em dúvida suas conclusões. O fato é que, mesmo saindo vencedor, Antônio Feliciano Marques Pereira acabou sendo substituído pelo bacharel em direito Júlio Ferreira Pinto Basto. Lembremos, entretanto, que *O Echo do Povo* era financiado por Bernardino de Senna Fernandes, que ocupava o cargo de superintendente da imigração, num momento em que a "imigração dos cules" – eufemismo da escravização desse grupo étnico - era o grande negócio de Macau. É possível que Antônio Feliciano Marques Pereira, como magistrado, pudesse ter colocado algum entrave nesse processo "migratório", o que teria motivado a acusação do periódico de Senna Fernandes. Mas tudo são especulações...

O fato é que, em seguida a esse infeliz episódio, Marques Pereira abandonou a cidade de Macau e passou a viver em Sião, Malaca, Cingapura e na Índia, onde morreu em 1881.

15. *Relações entre Macau e Timor*

As relações administrativas entre Macau e Timor sofreram muitas alterações e não cabe aqui discorrer sobre todas elas. Numa rápida vista de olhos, já é possível notar que a constante mudança do *status* administrativo entre Timor e Macau levou a alguns desentendimentos.

Eram vários os percalços pelos quais passou a relação entre essas duas colônias. Em 1834, ambas as regiões foram integradas ao Estado da Índia portuguesa. Dez anos depois, em 1844, passaram a colônia autônoma, mantendo a categoria de distrito destacado. Em 1851, Macau e Timor separaram-se, pois Timor passou a ser uma colônia autônoma. José Joaquim Lopes de Lima foi nomeado seu governador. Em 15 de setembro de 1857, a colônia de Timor voltou a ser anexada ao governo de Macau. Com a queda econômica de Macau, Timor foi novamente desanexado e reanexado ao Estado da Índia. Em 1863, readquiriu autonomia como colônia, voltando no mesmo ano a ser anexado como distrito a Macau.

Em 1869, por exemplo, o jornal *O Independente*, ao comentar as eleições e o fato de Macau e Timor terem de apresentar candidato único para as eleições a deputado, notou que Timor possuía um maior número de eleitores, ficando assim Macau subordinado nesse aspecto à vontade de Timor, comentando: "é certo que [Timor] está habilitado a vencer sempre Macáo, quando Macáo é um paiz que tem intelligencias ilustradas, e está subsidiando e protegendo Timor, cujos eleitores são pela maior parte verdadeiros selvagens".[205] O fato é que naquelas eleições – e isso não foi explicado – Timor escolheu o candidato seguindo a vontade de Macau, o que o próprio redator nos informou, prevendo, no entanto, futuras complicações com o referido sistema de atrelamento das colônias.

---

[205] . [sem título], *O Independente*, 1869, 18 set., n.1, p.1-2.

Ao que tudo indica, os "selvagens" timoreses tiveram sua existência em torno das missões católicas. A vida letrada portuguesa no Timor durante o século XIX era praticamente inexistente, principalmente no que concernia ao jornalismo. Não encontramos registro de qualquer publicação periódica timorense antes da publicação do seu *Boletim Official*, já no final do século, quando era decretada a definitiva autonomia do Timor em relação a Macau, proclamada em 1897 durante o governo de José Celestino da Silva (Teixeira, 1976: 36-37).

É provavel que os falantes de português tivessem acabado por consumir a produção de Macau ou de Hong Kong. De qualquer modo, o português – ao menos o escrito – foi muito pouco cultivado no Timor oitocentista. É preciso considerar, entretanto, que foi durante um dos períodos de união das duas regiões, mais exatamente na primeira metade da década de 1870, que surgiu uma das melhores publicações macaenses (e timorenses) de interesse literário: a *Gazeta de Macau e Timor*.

16. *Novas publicações periódicas e a Gazeta de Macau e Timor*

Antes de comentar mais detidamente a *Gazeta de Macau e Timor*, notifiquemos sucintamente os periódicos que surgiram após o *Ta-ssi-yang-kuo*.

Em 1866, segundo Teixeira (1965: 42), o já supracitado macaense José da Silva, primeiro redator do *Ta-ssi-yang-kuo*, publicou anonimamente o *Almanach luso-chinez de Macau*, primeira publicação do gênero naquela possessão portuguesa. Em 1868[206] surgiu o quinzenário *O Independente – Jornal politico e noticioso* (ago. 1868 – 24 jul. 1898?), do qual José da Silva também era proprietário e redator, sendo proprietário também da tipografia onde a folha era impressa. Após a proibição, em 18 de julho de 1869, decretada pelo almirante Antônio Sérgio de Sousa, da publicação de *O Independente* em Macau, este passou a ser impresso em Hong Kong. Era ali que o periódico faria a defesa de Antônio Feliciano Marques Pereira contra a acusação de corrupção feita por *O Echo do Povo*. Lembremos que José da Silva trabalhara com o então magistrado Marques Pereira no *Ta-ssi-yang-kuo* e, portanto, nada mais natural que o defendesse em tal situação. Em 1873, *O Independente* retornou a Macau. A partir daí, desapareceu e reapareceu algumas vezes, oscilando também em sua periodicidade. Sempre esteve à sua frente José da Silva ou seu filho, Constâncio José da Silva, tendo sido um dos periódicos políticos e informativos de maior relevância na história oitocentista de Macau.

O historiador e padre jesuíta Manuel Teixeira, quando tratou da atividade jornalística de José da Silva, não escondeu seu desagrado para com o embate que o jornalista estabeleceu contra a ordem religiosa a que o historiador pertencia:

---

[206] . Os exemplares de *O Independente* de 1897 aparecem com a indicação sob o título de o periódico ter sido fundado em 1867.

> [...] José da Silva foi várias vezes espancado, multado e preso por artigos publicados por seu jornal, que frequentemente criticava actos da administração pública e inseria diatribes contra pessoas particulares e contra os Jesuítas, o que prejudica muito o valor dessa colecção de 17 volumes. (Teixeira, 1965: 42)

Ao que tudo indica, José da Silva incorporava profundamente o dogma iluminista do jornalista combativo do século XIX, para o desespero de governos terrestres e celestes. *O Independente* era folha eminentemente "política e noticiosa", como dizia o próprio subtítulo. No entanto, estampava alguma literatura e, em 1882, já aparecia um folhetim de rodapé. Em 1889 integrava em seu subtítulo o adjetivo "litterario", passando a publicar alguma literatura ficcional. Nos exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa, só foi possível identificar de interesse literário a crônica "O natal", assinada por A., o poema de João Jardim, "Kaleidoscopio – Quadro rustico" e o texto "O javali de bronze", valendo registrar ainda, sobre educação, "A instrucção primaria em Macau".[207]

No fim da década de 1860, apareceu *O Noticiário Macaense* (11 jan. 1869 – 24 fev. 1870), tendo por um de seus redatores Miguel Aires da Silva. Era hebdomadário político de oposição ao governo e aos jesuítas. Também *O Oriente* (10 out. 1869 – 21 jan. 1879) surgiu no mesmo ano, dirigido pelo médico militar Francisco da Silva Magalhães. Tinha por administrador João Albino Ribeiro Cabral. Esse facultativo fôra deportado para o Timor pelo governador visconde de S. Januário. Continuou sua atividade letrada, produzindo monografias científicas concernentes à medicina, fauna e flora.[208]

Finalmente, surgiu a *Gazeta de Macau e Timor – Semanario politico, litterario e noticioso* (20 set. 1872 – 20 mar. 1874), impresso na tipografia Mercantil, tendo por editor Francisco de Sousa Placé e por redator Francisco Pedro Gastão Mesnier. O redator Mesnier era secretário particular do governador, visconde de S. Januário, e, portanto, era a gazeta um periódico da situação que procurava manter distância do debate frontal e provocativo de um *Independente* ou de um *Imparcial*, nem sempre conseguindo tal isenção. No intróito, afirmava-se:

> Enquanto o extremo occidente se agita na afanosa lide mental, no extremo oriente devemos escolher entre os resultados d'essa elaboração, aquelles que mais fortemente podem contribuir para assegurar os alicerces do nosso edificio politico, que sera inabalavel se o fundarmos nos verdadeiros principios da ordem, moralidade e justiça.[209]

---

[207] . A., "O natal", O Independente,1882, 25 dez., n.168, p.1; João Jardim, "Kaleidoscopio - Quadro rustico", *op. cit.*, 1889, 17 jan., n.1, p.3; "O javali de bronze", *op. cit.*, 17 jan., n.1, p.4; "A instrucção primaria em Macau", *op. cit.*, 1897, 31 out., n.8, p.4.

[208] . Vale também registrar o *Boletim Oficial do Grande Oriente Lusitano Unido*, órgão da maçonaria portuguesa, publicado mensalmente em Lisboa de 1869 a 1912. Apesar do título abrangente, tratava apenas das questões relativas às lojas maçônicas daquelas colônias, sem qualquer interesse literário ou mesmo de preocupação mais ampla com as questões do Oriente português.

[209] . [introdução, sem título] *Gazeta de Macau e Timor*, 1872, 20 set., n.1, p.1.

No segundo exemplar, um editorial intitulado "Os macaenses"[210] negava que o periódico tivesse qualquer vínculo oficial, ou que fosse redigido pelo secretário particular do governador e pelo procurador de negócios sínicos, Pinto Bastos, como diziam os boatos. Só a necessidade de tal notificação pública – além de os redatores serem de fato os funcionários citados – indicava ser o periódico um órgão intimamente vinculado ao governo. Um dos seus redatores, Mesnier, publicaria mais tarde um livro intitulado *Japão – estudos e impressões de viagem.*

A gazeta publicava material diversificado, com diagramação e formato sofisticados. Desde o primeiro exemplar apresentava uma seção de folhetim de rodapé. Também apresentava as seções de Variedades, Noticiário, Anúncios, Correspondencias etc. Publicava todo o tipo de matéria – política, história, literatura, ciência etc. Reproduziu, por exemplo, o artigo "Antiguidades de Macau", que saíra em *A Abelha da China,* em 21 de agosto de 1823.[211]

Na política, seus editores revelavam estar atentos à metrópole, como era natural, mas também às outras colônias e mesmo ao Brasil. Em 25 de março, noticiaram a morte da Duquesa de Bragança no artigo "A imperatriz do Brazil". Já o correspondente do periódico na Índia fazia críticas ao governo de J. J. de Macedo e Couto, no artigo "Noticias da India". Também Moçambique apareceu em "Algumas palavras sobre a questão da bahia de Lourenço Marques", de Fernando da Costa Leal. Em "Quarenta e cinco dias em Angola", temos a descrição de uma viagem por aquela colônia. Já o artigo "A colonia do Timor" veio colocar em cena o vizinho território, enquanto a própria cidade de Macau apareceu através dos olhos dos brasileiros, com a transcrição de um texto extraído da *Gazeta do Rio de Janeiro,* que descreveu os festejos macaenses no ato de aclamação de D. João VI.[212]

Também se estampava matéria econômica, revelando especial preocupação com a economia local, como era o caso do "Estudo economico-social sobre o Timor" ou do "Folhetim – Vias terrestres do commercio entre a China e a India".[213]

Diversas outras áreas foram contempladas na publicação: em educação, temos o artigo "Instrucção para Macau"; em filosofia, o "Esboço de philosophia analytica", as "Reflexões historico-philosophicas sobre a origem da civilisação", ambos de J. L. Hartt Milner, e o texto anônimo "Philosophia social", sobre a integração entre Oriente e Ocidente; em imprensa, um

---

210 . "Os macaesnes", *Gazeta de Macau e Timor*, 1872, 1 out., n.2, p.1.

211 . "Antiguidades de Macau", *Gazeta de Macau e Timor*, 1873, 30 set., n.2, p. 3-4.

212 . "A imperatriz do Brazil", *Gazeta de Macau e Timor*, 1873, 25 mar., n.27, p.1; (Do nosso correspondente), *op. cit.*, "Noticias da India", 1873, 1 abr., n.28, p.4; de Fernando da Costa Leal, "Algumas palavras sobre a questão da bahia de Lourenço Marques", *op. cit.*, 1873, 6 mai., n.33, p.1-2; "Quarenta e cinco dias em Angola", *Gazeta de Macau e Timor*, 1872, 26 nov., n.10, p.1-3; 3 dez., n.11, p.1-2; 10 dez., n.12, p.1-3; 17 dez., n.13, p.1-2; 24 dez., n.14, p.1-2; 31 dez., n.15, p.1-2; 1873, 7 jan., n.16, p.1-2; 11 jan., n.17, p.1; 21 jan., n.18, p.1-2; 4 fev., n.20, p.1; 11 fev., n.21, p.1-2; 16 fev., n.22, p.1-2; 25 fev., n.23, p.1; "A colonia do Timor", *op. cit.*, 1873, 15 jul., n.43, p.1-2; "Variedades. Da *Gazeta do Rio de Janeiro* de 22 de maio de 1819, extrahimos uma descripção bastante interesssante dos festejos que tiveram logar em Macau na acclamação d'El-Rei D. João VI", *op. cit.*, 1872, 6 out [6 nov], n.7, p.4.

213 . R., " Estudo economico-social sobre o Timor", *Gazeta de Macau e Timor*, 1872, 29 out., n.6, p.4; *op. cit.*, 26 nov., n.10, p.3-4; *op. cit.*, 10 dez., n.12, p.3-4; "Folhetim - Vias terrestres do commercio entre a China e a India", *op. cit.*, 1872, 6 out [6nov], n.7, p.1-2.

texto sobre a "A lei da imprensa" e "Algumas palavras sobre o jornalismo e prelecções"; em história, o extenso texto intitulado "Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China, e da entrada violenta dos inglezes na cidade de Macau", por José Ignacio Andrade; em literatura, tiveram presença praticamente todos os gêneros: a narrativa de viagem, o folhetim, o conto, a poesia.[214]

Na seção "folhetim", apareceu, por exemplo, a supracitada narrativa de viagem a Angola, a "Viagem de S. Exa. o Sr. Visconde de S. Januario a Cantão" e a "Viagem de S. Exa. o Sr. Visconde de S. Januario governador geral da India Portugueza ás praças do Norte Bombaim, Damão, Diu, Pragaña e Surrate". Se restasse alguma dúvida no compromisso do periódico com o governo do visconde de S. Januário, a presença de tais textos deixava-o claro. Também apareceu o discurso de Emilio Castelar, "Notavel discurso d'este eminente orador na sessão das camaras de Hespanha, do dia 30 de julho ultimo", uma carta sobre "Os hospitaes-barracas", e os contos: "Pedro Pierres – Conto portuguez", "A providencia", de Antônio Augusto Teixeira de Vasconcellos do livro *Papeis velhos*, "Dedicação"; o "O rapto da defunta – Lenda granadina", de R.; e o "Requiem eternam", também de R. E ainda do mesmo R. teríamos as crônicas: "A roda da fortuna" e "Uma pagina no livro da vaidade".[215]

Em matéria de crônicas, temos as extraídas de periódicos da metrópole, como o texto retirado do *Jornal do Commercio*, n. 5.639, "O Doutor Livingstone – uma boa composição – a imprensa ingleza"; de *A Monarchia*, o texto "A toilette de uma donzella"; o texto "Cadiz", sem indicação de autoria ou de onde foi extraído; do *Jornal da Noite*, a "Tourada de curiosos na praça do campo de Sant'Anna"; de Alberto Pimentel, do *Diario Illustrado*, "Os domingos de Lisboa – Das photographias de Lisboa"; de P. Midosi, também do *Diario Illustrado*, o texto sobre "Francisco Alves da Silva Taborda".[216]

---

214 . "Instrucção para Macau", *Gazeta de Macau e Timor*, 1873, 2 set., n.50, p.1-3; *op. cit.*, 16 set., n.52, p.2-3; "Esboço de philosophia analytica por J. L. Hartt Milner", *op. cit.*, 1873, 17 jun., n.39, p.4; J. L. Hartt Milner, "Reflexões historico-philosophicas sobre a origem da civilisação", *op. cit.*, 23 dez., n.14, p.3-4; "Philosophia social", *op. cit.*, 1873, 29 jul., n.45, p.2; "A lei da imprensa", *op. cit.*, 1873, 4 fev., n.20, p.2; "Algumas palavras sobre o jornalismo e prelecções", 1873, 13 mai., n.34, p.2; José Ignacio Andrade, "Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China, e da entrada violenta dos inglezes na cidade de Macau por...", *op. cit.*, 1873, 18 mar., n.26, p.4; *op. cit.*, 1 abr., n.28, p.4; *op. cit.*, 15 abr., n.30, p.4; *op. cit.*, 20 mai., n.35, p.4; *op. cit.*, 27 mai., n.36, p.6; *op. cit.*, 3 jun., n.37, p.4; *op. cit.*, 10 jun., n.38, p.4; *op. cit.*, 1 jul., n.41, p.3; *op. cit.*, 8 jul., n.42, p.3; *op. cit.*, 15 jul., n.43, p.3-4; *op. cit.*, 5 ago., n.45, p.4; *op. cit.*, 12 ago., n.47, p.3-4; *op. cit.*, 19 ago., n.48, p.3-4; *op. cit.*, 26 ago., n.49, p.3-4; *op. cit.*, 2 set., n.50, p.4; *op. cit.*, 16 set., n.52, p.3-4.

215 . "Viagem de S. Exa. o Sr. Visconde de S. Januario a Cantão", *Gazeta de Macau e Timor*, 1873,11 jan., n.17, p.2; 28 jan., n.19, p.2; 4 fev., n.20, p.2-3; 11 fev., n.21, p.2-3; "Viagem de S. Exa. o Sr. Visconde de S. Januario governandor geral da India Portugueza ás praças do Norte Bombaim, Damão, Diu, Pragaña e Surrate", *op. cit.*, 1873, 28 out., n.6, p.1-2; 4 nov., n.7, p.1-2; 11 nov., n.8, p.1-2; 18 nov., n.9, p.1-2; 2 dez., n.11, p.1-2; 9 dez., n.12, p.1-2; 16 dez., n.13, p.1; "Notavel discurso d'este eminente orador na sessão das camaras de Hespanha, do dia 30 de julho ultimo", *op. cit.*, 1873, 24 out., n.4, p.2-3; "Os hospitaes-barracas", *op. cit.*, 1872, 8 out., n.3, p.1-2; "Pedro Pierres. Conto portuguez", *op. cit.*, 1872, 20 set., n.1, p.1; 1 out., n. 2, p.1-2; 15 out., n.4, p.1-2; 29 out., n.6, p.1; "A providencia", *op. cit.*, 1873, 26 ago., n.49, p.1-2; "O rapto da defunda - Lenda granadina", *op. cit.*, 1874, 3 fev., n.20, p.3-4; "Dedicação", *op. cit.*, 1874, 10 fev., n.21, p.1; 17 fev., n.22, p.1-2; 24 fev., n.23, p.1-2; 3 mar., n.24, p.1-2; R., "Requiem eternam", *op. cit.*, 1874, 10 fev., n.21, p.3-4; R., "A roda da fortuna", *op. cit.*, 1874, 20 jan., n.18, p.3; R., "U'ma pagina do livro da vaidade", *op. cit.*, 1874, 20 jan., n.18, p.3.

216. "O Doutor Livingstone - uma boa composição - a imprensa ingleza", *Gazeta de Macau e Timor*, 1872, 22 out., n.5, p.1; "A toilette de uma donzella", *op. cit.*, 1873, 2 set., n.50, p.1; "Cadiz", *op. cit.*, 1873, 7 out., n.3, p.1;

Na mesma seção seria publicada a narrativa de Tomás Ribeiro "Entre palmeiras" e uma outra intitulada simplesmente "Folhetim", de autor anônimo. De Tomás Ribeiro ainda seria estampada a peça "A indiana – Entreacto em verso por..."[217]

No que se referia aos poemas, havia uma grande quantidade deles, a começar por "Amor e rheumatismo - Poesia comica dedicada á Exma. Viscondessa de Trancoso por convite da qual foi escripta", de Eduardo Coelho. Seguia-se o poema "Ao egregio advogado do auditorio da comarca de Macau o illmo. sr. Ephraim Manassés da Silva", assinado por "Um Reinol". Este, que daria lugar a um longo debate entre o grupo da *Gazeta de Macau e Timor* e o grupo de *O Imparcial* e *O Independente*, apareceu com a notificação de ter sido composto "A proposito de uma correspondencia publicada por este sr. no *Imparcial*". Eis o poema:

Ao Egregio Advogado do Auditorio da Comarca de Macau
O Illmo. Sr. Ephraim Manassés da Silva

Não tenho por intento entrar na liça
Illustre Manassés enamorado,
Nem fui ao Mandovy, nem sou letrado,
E como bacalhau com hortaliça.

Tu empunhas o gladio da justiça
Em prol d'um pobre colie desancado,
E mostras *entre lagrimas irado*
O rosto da mulher que te enfeitiça:

Venho dar-te um conselho, meu rapaz,
Deixa que a Mamã proteja o chin,
Que eu conheço que tu és bem capaz

D'ir ter a Rilhafoles indo assim;
Consente que a syntaxe esteja em paz,
Namora e come arroz meu Ephraim.

Um Reinol

Não foi possível localizar qualquer exemplar de *O Imparcial* (5 abr. 1873 – ?), que, segundo Teixeira (1965: 46), "durou pouco tempo". Teve por colaboradores o advogado Antônio Joaquim Bastos, o barão de Cercal, Antônio Alexandrino de Melo, e o doutor Vicente de Paula Salatwichy Piter, sendo possivelmente um deles que criara o pseudônimo *Manassés*.

"Tourada de curiosos na praça do campo de Sant'Anna", *op. cit.*, 1873, 21 out., n.5, p.1-2; Alberto Pimentel, "Os domingos de Lisboa - Das photographias de Lisboa", *op. cit.*, 1874, 10 mar., n.25, p.1; P. Midosi,"Francisco Alves da Silva Taborda", *op. cit.*, 1874, 20 mar., n.26, p.1-2.

[217] . Tomás Ribeiro, "Entre palmeiras", *Gazeta de Macau e Timor*, 1873, 4 mar., n.24, p.1-2; 11 mar., n.25, p.1-2; 18 mar., n.26, p.1-2; 25 mar., n.27, p.2; 1 abr., n.28, p.1-2; 8 abr., n.29, p.1-2; 15 abr., n.30, p.1-2; 22 abr., n.31, p.1-2; 29 abr., n.32, p.1-2;13 mai., n.34, p.1; 20 mai., n.35, p.1; 27 mai., n.36, p.1-2; 3 jun., n.37, p.1-2; 10 jun., n.38, p.1-2; 17 jun., n.39, p.1; 1 jul., n.41, p.1-2; 8 jul., n.42, p.1-2; 15 jul., n.43, p.1; 22 jul., n.44, p.1-2; 29 jul., n.45, p.1; 5 ago., n.46, p.1; 12 ago., n.47, p.1; 19 ago., n.48, p.1; ***, "Folhetim", *op. cit.*, 1873, 30 set., n.2, p.1; Tomás Ribeiro, "A indiana. Entreacto em verso por...", *op. cit.*, 1873, 23 dez., n.14, p.1-2; 30 dez., n.15, p.1-2; 1874, 6 jan., n.16, p.1; 13 jan., n.17, p.1; 20 jan., n.18, p.1-2; 27 jan., n.19, p.1-2; 3 fev., n.20, p.1-2; 3 fev., n.20, p.1-2.

Da disputa, é possível inferir que a questão tratava da justiça referente aos chineses em Macau. O autor do poema acima transcrito, "Um Reinol", defendia a não-intromissão em questões tão delicadas, enquanto o referido Manassés clamava por alguma forma de justiça não prevista nos códigos convencionais da cidade. E assim seria a continuidade desse debate. Mesmo que não tenha sido possível identificar os autores atrás dos pseudônimos e nem mesmo a totalidade dos textos envolvidos no impasse, é evidente a presença do decassílabo, do soneto e de um linguajar e estilo próprios do neoclassicismo – vindo corroborar a tradição ali fundada por Miranda e Lima na primeira metade do século.

Estabelecido com o poema acima o tema e o tom ao gosto das disputas acadêmicas do século XVIII, iniciou-se um debate entre esses "reinóis" e seus interlocutores de *O Independente*. Surgiu em seguida o poema anônimo "Ao bem conhecido advogado Ephraim Manassés da Silva", ao lado de outro assinado pelo "Reinol n. 1", intitulado "Ao Reinol (não cabelleireiro) distincto defensor do Manassés". O mesmo "Reinol n. 1" estampou a seguir seus "Piparotes". Logo apareceu outro autor-personagem, que assinava como "Um reinol perdido da baralha", com um poema também intitulado "Piparotes" e outros "Piparotes – Ao varonil Manassés cavalleiro andante". Retornou o Reinol n. 1, dirigindo seus versos "Ao reinol fraccionado" e depois "Ao engraçado reinol n. 3, mavioso pintasilgo e não entremettido (sic) conselheiro – Imitação". Retornou à cena "Um reinol perdido da baralha" com mais alguns "Piparotes – II Manassés Ovante". O "Reinol n. 1" publicou na seção "folhetim" seus "Piparotes ao reinado da sandice – Poema em cantos por o Reinol n. 1" e em seguida, também de sua autoria, apareceram os "Piparotes – A transformação do Reinol n. 4 auctor dos versos seguintes: Esqueleto dentado e mal encrado / Como de D. Queixote o rocinante". Retornou "O reinol perdido em baralha" com um poema "Ao orador A. B. (a escolher uma voz eloquente)", com alguns "Piparotes – Ao grande chefe Zédasilva" e outros "Piparotes – Ao dramaturgo A. B. auctor da peça estupenda experimentada no theatro do Alóe". Veio à luz ainda um poema assinado por Lecála, também intitulado "Piparotes", e "Ao meu caro amigo A. B. Os parasitas" de "O reinol perdido na baralha". Seguiram-se então uns "Piparotes" de "Um reinol novo" e retornou "O Reinol n. 1", na seção "folhetim" com o poema "Adeus". Logo João Macedo Fevereiro Fundão assinou uns "Piparotes – O Titane do partido desordeiro – Fragmento heroico achado na gruta de Camões" e uns outros "Piparotes – Um, pequeno, no responsavel pela versalhada que appareceu na folha obscena-burlesca *O Independente*", assinado por "O perdido".[218]

Mudou-se o mote, e a figura do campônio entrou em cena nos poemas "Canção", "Ode", "As ave marias" e "Á queda do Achem – Ode".[219]

---

[218] . "Canção", *Gazeta de Macau e Timor*, 1874, 27 jan., n.19, p.2; "Ode", *op. cit.*, 1874, 3 fev., n.20, p.2; "As ave marias", *op. cit.*, 1874, 10 fev., n.21, p.2; "Á queda do Achem - Ode", *op. cit.*, 1874, 3 mar., n.24, p.3.

[219] . Eduardo Coelho, "Amor e rheumatismo - Poesia comica dedicada á Exma. Viscondessa de Trancoso por convite da qual foi escripta", *Gazeta de Macau e Timor*., 1873, 11 jan., n.17, p.2-3;U'm Reinol, "Ao egregio advogado do auditorio da comarca de Macau o illmo. sr. Ephraim Manassés da Silva", *op. cit.*, 1873, 8 jul., n.42, p.3; "Ao bem

Como é possível inferir, a produção literária da *Gazeta de Macau e Timor* era bastante diversificada, mas também bastante conservadora, política e esteticamente. O fato de retomar o modelo neoclássico, ao lado de um Tomás Ribeiro, isto é, de um romântico convencional, apontava para a busca do consagrado, do instituído, do unanimemente aceito. Somemos a isso os impasses pessoais presentes nos poemas e chegaremos à conclusão de que os responsáveis pelo periódico tendiam a pensar a literatura como espaço de debate pessoal e político e de exercício mais retórico que poético. Evidentemente, podia haver sentidos pontuais e específicos que ainda nos escapam, mas tudo leva a crer que os macaenses orientavam-se por uma convenção poética e retórica neoclássica.

À parte esse aspecto contextual conservador, os aspectos formais de tais trabalhos necessitam ser investigados a partir de critérios próprios do neoclassicismo. Como observou Antônio Medina Rodrigues (1997): "O classicismo, quando não foi abandonado, acabou fomentando as correntes autonomistas no pensamento literário. Ele é convencional, e isso lhe dá uma liberdade composicional que, no limite, o aproxima da audácia das matemáticas".

17. *Imprensa combativa e imprensa literária em Hong Kong*

Em 1846, o ano em que Ferreira do Amaral tomou posse, Manuel Maria Dias Pegado começou a publicação em Hong Kong do periódico político e informativo *A Voz do Macaista*, já que, por razão da censura, não podia publicá-lo em Macau.

Sobre a presença portuguesa em Hong Kong no século XIX, notou Manuel Teixeira que:

> Em 1847, a Missão Italiana estabeleceu a *Anglo-Portuguese School.*
> A 17 de Dezembro de 1856, nasceu o Clube Lusitano, fundado por João António Barreto, José Maria d'Almada e Castro, Policarpo António da Costa, Delfino Noronha e mais três membros.

---

conhecido advogado Ephraim Manassés da Silva", *op. cit.*, 1873, 29 jul., n.45, p.2; O Reinol n.1, "Ao Reinol (não cabelleireiro) distincto defensor do Manassés", *op. cit.*, 1873, 29 jul., n.45, p.2; O Reinol n.1, "Ao reinol (não cabelleireiro) distincto defensor do Manassés", *op. cit.*, 1873, 5 ago., n.46, p.4; O Reinol n.1, "Piparotes", *op. cit.*, 1873, 12 ago., n.47, p.3; Um reinol perdido da baralha, "Piparotes", *op. cit.*, 1873, 19 ago., n.48, p.3; Um reinol perdido na baralha, "Piparotes - Ao varonil Manassés cavalleiro andante", *op. cit.*, 1873, 26 ago., n.49, p.3; Reinol n.1, "Ao reinol fraccionado", *op. cit.*, 1873, 26 ago., n.49, p.3; Reinol n.1, "Ao engraçado reinol n.3, mavioso pintasilgo e não entremettido (sic) conselheiro. Imitação", *op. cit.*, 1873, 26 ago., n.49, p.3; Um reinol perdido da baralha, "Piparotes. II. Manassés Ovante", *op. cit.*, 1873, 2 set., n.50, p.4; Reinol n.1, "Piparotes ao reinado da sandice. Poema em cantos por o Reinol n.1", *op. cit.*, 1873, 9 set., n.51, p.1; "Piparotes. A transformação do Reinol n.4, auctor dos versos seguintes: Esqueleto dentado e mal encrado / Como de D. Queixote o rocinante", *op. cit.*, 1873, 9 set., n.51, p.2-3; O reinol perdido em baralha, "Ao orador A. B. (a escolher umavoz eloquente)", *op. cit.*, 1873, 9 set., n.51, p.3; O reinol perdido da baralha, "Piparotes. Ao grande chefe Zédasilva", *op. cit.*, 1873, 16 set., n.52, p.3; O reinol perdido na baralha, "Piparotes - Ao dramaturgo A. B. auctor da peça estupenda experimentada no theatro do Alóe", 1873, 23 set., n.1, p.3; Lecála, "Piparotes", *op. cit.*, 1873, 30 set., n.2, p.3; O reinol perdido na baralha, "Ao meu caro amigo A. B. Os parasitas", *op. cit.*, 1873, 30 set., n.2, p.3; Um reinol novo, "Piparotes", *op. cit.*, 1873, 7 out., n.3, p.2; O Reinol n.1, "Adeus", *op. cit.*, 1873, 25 nov., n.10, p.1; João Macedo Fevereiro Fundão, "Piparotes - O Titane do partido desordeiro. Fragmento heroico achado na gruta de Camões", *op. cit.*, 1873, 16 dez., n.13, p.2; O perdido, "Piparotes - Um, pequeno, no responsavel pela versalhada que appareceu na folha obscena-burlesca "O Independente"", *op. cit.*, 1874, 20 jan., n.18, p.2.

> Em 1857, organizou-se a Biblioteca Portuguesa, que alguns anos depois, se amalgamou com a *Biblioteca Lusitana*, sendo então instalada na sede do Clube Lusitano em Kowloon. No edifício deste Clube funcionava um teatro, o único existente em Hongkong nessa época. (Teixeira, 1965: 263-264)

Além de *A Voz do Macaista*, publicou-se ali também, em meados daquele século, o periódico literário *O Amigo do Progresso* (1850?) e o periódico político mensal *Verdade e Liberdade* (1852), impresso na tipografia de Delfino Noronha, que tinha por diretor o macaense José Maria da Silva e Sousa.[220]

Em 1860 apareceu *O Portuguez na China – Revista semanal* (6 ago. 1860 – ?), órgão do partido liberal, trazendo no segundo número um "Extrato do discurso do Sr. Alexandre Herculano na assembléa publica reunida no salão do theatro de D. Maria II, no Domingo 31, d'Outubro, de 1858".[221] Também era dirigido por Manuel Maria Dias Pegado e impresso na Typographia Armenia, na Wellington Street, Hong Kong. Ao que tudo indica, tinha interesse exclusivamente político.

Dois anos antes, em 1858, já surgira em Hong Kong *O Echo do Povo*, hebdomadário político e comercial dirigido por Antônio José da Silva e Sousa e impresso na Typographia de D. Noronha, na Mosque Street. Era financiado, como foi observado, por Bernardino de Senna Fernandes, superintendente da emigração chinesa. Seria uma publicação duradoura, vigorando ao menos até 1869. Tinha representantes em diversas regiões do Oriente português e mesmo na metrópole: Joaquim Neves (Macau), Polidoro da Silva (Amoy), Consulado Portuguez (Funchal), B. D. de Souza (Xangai), P. A. da Costa (Bangkok) e Luiz Filippe Leite (Lisboa). Reproduzia matérias do *Archivo Universal*, *Daily Press*, *Abelha de Bombaim* etc. Nos exemplares consultados[222] não apareceu, entretanto, qualquer matéria de interesse literário.

Em 1869 ocorreu o fervoroso e já referido debate em torno do magistrado Antônio Feliciano Marques Pereira, acusado pelo *O Echo do Povo* de abuso de poder, ao levar diversos indivíduos à prisão com o intuito de receber suborno para libertá-los. *O Independente*, também instalado em Hong Kong, veio em defesa do magistrado, que provou judicialmente sua inocência. Antônio José da Silva e Sousa, proprietário de *O Echo do Povo*, acabou perdendo o processo e sendo multado.

Também *O Independente*, como vimos, foi publicado em Hong Kong entre 1869 e maio de 1873, quando voltou a ser impresso em Macau. Em Hong Kong era editado por E. Ferreira, na Typographia da Redacção Mercantile Printing Office, Peel Street. Enquanto esteve em Hong Kong também era publicação eminentemente política. Apresentava-se dividido em três partes: a

---

220 . Não sendo este o mesmo José Maria da Silva e Sousa que teria publicado em Cantão, no mesmo ano de 1852, um periódico homônimo, de acordo com as informações genealógicas dadas por Teixeira (1965: 265-266, 290-291).

221 . "Extrato do discurso do Sr. Alexandre Herculano na assembléa publica reunida no salão do theatro de D. Maria II, no Domingo 31, d'Outubro, de 1858", *O Portugues na China*, 1860, 13 ago., n.2, p.7-8.

222 . Exemplares consultados de *O Echo do Povo* de Hong Kong: 1859, 15 mai., n.7; 17 jul., n.16; 31 jul., n.18; 7 ago., suplemento do n.19; 25 set., n.26; 30 out., n.31; 1862,27 abr., n.161.

primeira dedicada à política; a segunda denominada "Noticias diversas"; a terceira, "Correspondencias". Assim iniciava o texto introdutório: "Eis o 'Independente' que foi assassinado em Macáo para vir resuscitar em Hong Hong". E após condenar o autoritarismo do governo de Macau e elogiar a liberdade da colônia inglesa, afirmava o redator: "e fizemos renascer o 'Independente', que hoje exultamos de apresentar com o mesmo programma que tinha em Macáo, a mesma indole, o mesmo caracter e as mesmas doutrinas liberaes".[223]

Reproduzia matérias de *O Ultramar*, de Goa, do *Daily Press*, do *Diario do Governo* e de *O Noticiario*. Publicou uma carta de Camilo Castelo Branco aos sócios do Gabinete de Leitura de Hong Kong, onde o escritor expressava seu agradecimento pela "taça" que lhe foi por eles conferida. A carta tinha, todavia, um desfecho bastante melancólico, no qual o romancista dizia estar doente e desesperançoso. De interesse para a história da imprensa, havia um texto intitulado "A liberdade de imprensa assassinada em Macau".[224]

Mas Hong Kong também deu origem a periódicos literários. Primeiramente apareceu o semanário *O Movimento* (7 jan. a 12 mar. 1863),[225] impresso na Typographia Mercantil. Teve por colaboradores Ernesto da Cruz, Artur Veiga, Emílio de Carvalho, Luciano de Castro, Eugénio d'Almeida, Armindo M. Pereira e Pedro Vicente.

Dois anos depois, surgiu a folha mensal *O Impulso ás Letras* (1º out. 1865 – 1º set. 1866), dirigida por José Maria de Silva e Sousa, com formato de livro. Era impressa primeiramente na tipografia Union Printing e depois na de Antônio José da Silva e Sousa. Segundo Manuel Teixeira:

> Esta revista tinha como objectivo conservar vivo o amor à língua de Camões entre os portugueses de Hongkong; entre os assuntos que versava figuravam os seguintes: Religião, Educação, Literatura, Ciências Elementares, pequenas histórias, notas sanitárias, sendo na sua grande maioria devidos à pena do seu director, apresentando também colaboração de F. N. Franco, F. D. Guedes, António Joaquim Bastos, R. de Sousa e outros. (Teixeira, 1965: 270-271)

Infelizmente não foi possível localizar qualquer exemplar desse periódico. Surgiram diversas outras folhas em língua portuguesa nessa segunda metade do século XIX em Hong Kong.[226] Vale destacar *O Hongkong Alegre*, a primeira folha humorística daquela ilha, sendo J. D. dos Remédios seu proprietário e redator. Lembremos também o semanário ilustrado *Estrella Oriental* (2 fev. 1891 – ?), redigido em português, inglês e espanhol.

---

223 . [introdução, sem título], *O Independente*, 1869, 18 set., n.1, p.1-2.

224 . [carta de Camillo Castelo Branco aos sócios do Gabinete de Leitura de Hong Kong] *O Independente*, 1869, 2 out., n.3, p.24; "A liberdade de imprensa assassinada em Macau", *op. cit.*, 1869, 30 out., n.7, p.51-52.

225 . Nada mais foi possível saber sobre esta publicação.

226 . Ainda veio a lume *O Noticiário Macaense* (1869-1871?) que, como *O Independente*, fora fundado em Macau e tranferido para Hong Kong. Segue *O Cathólico* (1872-1873), semanário religioso, político e noticoso editado por Fernando F. Carion, e *O Echo da China* (19 jul 1884 - set 1885), semanário político, literário e informativo também dirigido por Antônio José da Silva e Sousa. Ainda surge *O Extremo Oriente* (dez 1885 - jan 1898?) hebdomadário político, literário e de notícias fundado por Florindo Duarte Guedes e impresso na tipografia de Guedes & Co., sendo sua publicação diversas vezes interrompida.

Um periódico de grande importância no fim do século foi *O Porvir – Hebdomadario estrictamente dedicado a propugnação do bem-estar dos portuguezes no Extremo-Oriente* (20 nov.1897 – 9 fev. 1907), fundado pelo macaense Lisbelo Jesus Xavier. Batia-se em polêmicas com o *Lusitano* de Macau, além de fazer campanha contra os jesuítas. Era impresso na Printing Press. Tinha por representantes A. A. da Cruz, em Macau, e T. M. da Cruz, em Cantão.[227] O periódico pretendia imparcialidade política e tratava tanto de notícias diárias como de temas mais genéricos, além de publicar propaganda, enigmas (a maioria de F. M. de Lima), poemas e contos. Eram publicados diversos poemas de F. M. de Lima, M. Fernandes de Carvalho e outros. O período da publicação, entretanto, já extrapola os interesses literários deste trabalho, servindo apenas para notar que a presença da literatura cresceu nos periódicos de Hong Kong com o decorrer do século, atingindo seu ápice já na passagem para o século seguinte.

É fácil notar que a produção literária de Hong Kong era significativa, chegando a fazer frente algumas vezes à de Macau no que concernia ao cultivo da língua portuguesa no Extremo Oriente. A verdade é que Hong Kong era o território alternativo para a produção do jornalismo político português. Toda vez que a censura se tornava mais acirrada em Macau, era acionada a imprensa de Hong Kong. Mais curioso ainda é lembrar que seria em Hong Kong que iriam aparecer periódicos predominantemente literários, o que não ocorreu em Macau.

Tendo em vista a censura macaense, era suposto que a imprensa literária e de ilustração ganhasse força, o que ocorreu justamente em Hong Kong, onde não havia qualquer tipo de censura. Ao que parece, Hong Kong propiciava uma vida cultural mais rica. Possivelmente, a comunidade portuguesa que ali se estabelecera angariou melhor situação econômica. Lembremos que naquela ilha cedo foi criado um Clube Lusitano, com uma biblioteca e um teatro. Como terceira língua daquela comunidade (depois do chinês e do inglês), o português precisava se impor de modo diferenciado. Daí, talvez, a preocupação maior com o cultivo literário do idioma.

18. *Imprensa portuguesa em Cantão e em Xangai*

Cantão e Xangai, duas províncias chinesas geograficamente bastante próximas de Macau, também tiveram seu quinhão de imprensa em língua portuguesa. Surgiu primeiramente em Cantão o periódico político, literário e comercial *Verdade e Liberdade* (14 abr. 1852 -- ?), que tinha por diretor o mesmo macaense José Maria da Silva e Sousa.[228]

Em Xangai surgiu o quinzenário político e de informação *O Aquilião* (25 mar. 1867 – 18 mar. 1868), fundado pelo macaense Albino da Silveira, sendo seu editor Antônio José Diniz. Era

---

[227] . *O Porvir*, 1897, 20 nov., n.1.

[228] . Não sendo o mesmo José Maria que publica periódico homônimo em Hong Kong, tendo em vista as informações geneológicas de Teixeira (1965: 265-266 e 290-291).

impresso por C. do Rosário na Tipografia Mercantil. Foi suspenso por ordem do cônsul português de Xangai.

> Além de artigos e notícias concernentes à Comunidade Portuguesa de Xangai, publicou também alguns respeitantes a Macau: além de Albino da Silveira, colaborou também nele A. da Encarnação. (Teixeira, 1965: 291)

Publicou-se ainda em Xangai o hebdomadário *O Progresso* (6 out. 1888 – jul.? 1889). Era impresso por Guedes & Cia, tendo por colaborador P. F. da Silva.[229]

Como é fácil constatar, a presença da imprensa e literatura de língua portuguesa só se fez sentir nessas localidades como satélite do centro macaense, assim como acontecia com Hong Kong. Ali, porém, isso se deu em grau bem maior.

19. *Após a Gazeta de Macau e Timor*

Vale registrar alguns periódicos que surgiram em Macau após a *Gazeta de Macau e Timor* e que formavam um panorama do periodismo macaense no final do século.

Logo apareceu O *Jornal de Macau – Politico, litterario e noticioso* (1º abr. 1875 – 8 mar. 1876),[230] uma publicação do tipo de *O Independente*, dividido em seções de política, notícias e correspondências, além da de folhetim. De interesse literário só foi possível localizar o texto assinado por U. E., "O valido d'uma regente".[231]

Passados alguns anos, surgiu *O Macaense* (28 fev. 1882 – 28 out. 1886), semanário político, literário e de notícias, impresso na Tipografia Popular e depois na Tipografia Mercantil. Seu editor e redator era José Maria Gonçalves da Silva, nascido na metrópole, em Ponte da Barca, mas vindo para Macau aos seis anos. Era católico praticante, segundo Teixeira (1965: 48). Após sua morte em 1885, foi substituído pelo advogado Antônio Joaquim Bastos. Colaboraram no semanário Pedro Nolasco da Silva, J. L. Hart Milner, Castilho e Patrício José da Luz. Publicou diversas matérias de interesse para a história de Macau, além de um artigo sobre a "Língua em Macau", de 24 de janeiro de 1884.

Ainda seria publicado *O Correio de Macau – Semanario politico, litterario e de noticias* (15 out. 1882 – 5 ago. 1883), tendo por editor e proprietário Manuel Joaquim dos Santos. Possuía tipografia própria e pretendia grande circulação, tendo representantes em diversas partes: Theotonio da Cruz (Hong Kong), E. F. d'Almeida (Xangai), Luiz X. Lobo (Timor) e Polydoro F. da Silva (Yokohama). Era um periódico com as seguintes seções: Expediente, Noticias Diversas,

---

[229] . Teixeira (1965: 302-314) inclui a produção de imprensa periódica portuguesa existente no Hawaí em fins do século XIX. Porém, a presença portuguesa ali se faz sentir tardiamente, sendo aquela produção resultado dos esforços de uma imigração portuguesa recente e voluntária, e não de naturais de origem portuguesa já estabelecidos ou de portugueses para ali deslocados a mando da metrópole - perfis que interessam mais a este trabalho.

[230] . Só existe o exemplar n.16 de 25 de agosto de 1875 na BN.

Annuncio, e Folhetim (de rodapé). Apareceu muita notícia variada e topicalizada. Nos exemplares consultados, interessa especialmente registrar os folhetins "Uma paginas da vida de uma solteirona" (que acabou no n. 19) e "Uma promessa" (que se iniciou no n. 20), ambos traduzidos do francês, como foi indicado pela redação.[232]

Já o quase homônimo *O Correio Macaense – Semanario politico, litterario e de noticia* (2 set. 1883 – dez. 1889?)[233] tinha por redator e proprietário A. da Silva Telles e também possuía tipografia própria. Era um periódico político, informativo, comercial e de lazer, apresentando diversas matérias leves tematizando a nova condição da mulher, a piedade, a vida sem amor, a correspondência amorosa de um carpinteiro e outras curiosidades do gênero. Estampou um folhetim de rodapé e possuía as seções de Expediente, Noticiario e Curiosidades.

A título de curiosidade, lembremos que em 12 de janeiro de 1884 apareceu em Honolulu o semanário *O Luso Hawaiiano*, sob a direção de Luiz M. Gonzaga da Silva. O n. 1 do periódico não tinha interesse literário, mas procurou divulgar a história portuguesa naquela ilha.

Teve lugar então *A Voz do Crente* (1º jan. 1887 – 29 dez. 1894), que trazia por editor Antônio Borges e era publicado na tipografia do Seminário de S. José, aparecendo aí o artigo de Gabriel Fernandes sobre "O jornalismo em Macau".[234] Lembremos aqui que, no final da década de 1880, o brasileiro Henrique C. R. Lisboa publicou em Montevidéu seu relato de viagem *A China e os chins*. Henrique Lisboa esteve no Oriente em missão especial do governo brasileiro e produziu um trabalho de grande interesse, por revelar atenta curiosidade e constante reflexão sobre o que observava.

E, abrindo a última década do século, apareceu *A Liberdade – Semanario politico, noticioso e litterario* (19 jul 1890? – ?), editado por José Cesário da Silva, com diversos artigos de interesse histórico. Possuía as seções Correspondencias, Communicado, Variedades e Noticias da Metropole (sem títulos fixos). Trazia textos sobre jornalismo e sobre a história de Macau, mas de propriamente literário só apareceu o poema "Num convento", de J. de Deus.[235]

O segundo *O Macaense – Jornal politico, litterario e noticioso* (1891)[236] também era impresso em tipografia própria e tinha por responsável pela correspondência o sr. Antônio Basto e como representantes: P. M. Nolasko da Silva (Hong Kong), Henrique Lubeck (Xangai), Epgmenio de Almeida (Fuchao [sic]), E. G. dos Remedios (Amoy), J. M. Barreto Gutierrez (Cantão) e Sebastião J. Baçam (Lisboa). Era um periódico político e de notícias, sem qualquer matéria

---

231 . "O valido d'uma regente", *Jornal de Macau*, 1875, 25 ago., n.16, p.1
232 . "Uma pagina na vida de uma solteirona", *O Correio de Macau*, 1883, 18 fev., n.19, p.73; "Uma promessa", *O op. cit.*, 1883, 25 fev., n.20, p.77.
233 . Só pude consultar os seguintes exemplares: n.113, 3 nov. 1885; n.218, 25 nov. 1887; n.230, 17 fev. 1888; n.15, 24 mai. 1889.
234 . Gabriel Fernandes, "O jornalismo em Macau", *A Voz do Crente*, 1887, artigo publicado em fragmentos de 2 a 9 jul 1887.
235 . J. de Deus, "Num convento", *A Liberdade*, 6 dez., n.21, p.4.
236 . Consultei apenas o n.74 de 30 de maio de 1891 de *O Macaense*.

literária. Possuía as seções de Expediente, Communicado, Correspondencias, Secção Noticiosa e Programa – nesta última fornecia a programação teatral da região.

Também sem interesse literário parece ter sido *O Oriente Portuguez – Semanario dedicado aos interesses portuguezes da China e Oceania* (20 abr. 1892 – 1893 ou 1894?),[237] que tinha por administrador A. V. da Silva.

Já o *Echo Macaense – Semanario Luso-Chinez* (jul. 1893 – 24 set. 1899),[238] de propriedade de Francisco Hermenegildo Fernandes, tendo temporariamente por redator Pedro Nolasco da Silva, era um periódico importante no que concernia à historiografia macaense. Ali apareceram o "Esboço historico dos estabelecimentos portugueses na China", de Andrew Ljungstedt, as "Notas historicas sobre Macau", tradução do *Historical Landmarks of Macao*, do rev. J. C. Thomson, e diversos outros artigos de interesse para a história luso-chinesa, além de uns "Versos em patois de Macau".[239] Tinha por proprietário e responsável Francisco H. Fernandes, com circulação pretendida em Macau, Hong Kong, Cantão, Europa, África, América e Oceania. Trazia matérias em português e chinês (também o título aparecia nas duas línguas). Era aparentemente (segundo o texto introdutório) o primeiro periódico bilíngüe português-inglês, sendo predominantemente português. Era periódico informativo e comercial, fornecendo notícias da comunidade escolar macaense e pequenas generalidades. Também estampou um discurso do presidente do Leal Senado.

Quase fechando o século, temos *O Lusitano* (28 ago. 1898 – dez. 1899), de propriedade do conselheiro Artur Tamagnini de Abreu da Mota Barbosa. Tinha por editor Elysio F. das Neves Tavares e era impresso na Typ. Calçada do Gamboa, n. 2. Pretendia circulação em Macau, Hong Kong e Cantão, Portugal e Colônias. Essa folha era a continuação de *O Independente*. Eram os mesmos redatores que declaradamente resolveram fundar esse novo periódico, findando aquele. Tinha o mesmo programa daquele, isto é, era político e informativo; no seu primeiro número, de 28 de agosto de 1898, apareceu na página 3 os poemas: "Rachel" e "Paciencia", de Camilo Castelo Branco, e "Paralello", de Affonso Gayo. Na página seguinte, apareceu um pequeno anúncio observando que Wenceslau de Moraes, cônsul de Portugal em Osaka, encontrava-se na cidade.

---

237 . Só consultei dois exemplares.

238 . Pude consultar apenas o n.9 de 12 de setembro de 1893.

239 . Sir Andrew Ljungstedt, cavalheiro da Real Ordem Sueca de Wasa. "Publicado em Boston no anno de 1836. Esboço historico dos estabelecimentos portuguezes na China por...", *Echo Macaense*, 1893, 10 out., n.13, p.1; "Notas historicas sobre Macau (continuado do numero 93)", *op. cit.*, 1898, 8 mai., n.95, p.1; Um Macaista, *op. cit.*, "Vinte de Maio, 1498... 1898" [em comemoração da chegada de Vasco da Gama à Índia], 1898, 22 mai., n.97, p.3; "Versos em patois de Macau", *op. cit.cit.*, 14 mai a 4 jun de 1899.

20. *Morais e Pessanha*

Ao menos como registro, não podemos deixar de dar uma nota sobre a presença de Wenceslau de Morais e de Camilo Pessanha em Macau. Wenceslau de Morais chegou em 7 de julho de 1888, ocupando o cargo de oficial da marinha de guerra. Durante os cinco anos em que ali viveu, desempenhou várias funções burocráticas, entre elas a de professor de português no Seminário e Liceu de São José. Ali também conviveu com Camilo Pessanha, por quem tinha grande apreço. Em *Traços do Extremo-Oriente* o escritor referiu-se explicitamente à China e a Macau; seu interesse e obra, porém, estariam mais voltados para o Japão, cultura pela qual se apaixonou. Após duas missões junto ao governo japonês, passou a exercer as funções consulares relativas àquele país, resultando em sua mudança definitiva para o território japonês em 1898 (Janeira, 1993: 32-33).

Já Camilo Pessanha chegou a Macau na última década do século, mais precisamente em 1894, e passou a dar aulas de filosofia no mesmo estabelecimento onde era professor Wenceslau de Morais. Além de professor, possuía a função de conservador do registro predial e também exercia a advocacia. Logo descobriu o ópio e a ele aderiu incondicionalmente. Devido ao vício, tornou-se desleixado para com as atividades profissionais, chegando a ser apelidado pelos chineses de *pun-tiu-yan-mean* (o "morto-vivo"). Mas foi nesse contexto que iria produzir *Clepsydra* (1920), um dos raros livros de poemas que angariou o reconhecimento consensual por parte da crítica no que concernia ao seu imenso valor estético.

A presença modelar que podem ter tido as obras de Wenceslau de Moraes e de Camilo Pessanha junto à comunidade letrada macaense desenvolveu-se certamente já no século XX, extrapolando, pois, os limites desta pesquisa. Até o final do século XIX, a literatura de Macau ficou circunscrita ao que se publicava em seus periódicos. Mesmo os escritores chineses pouco se ocuparam de Macau,[240] o que é compreensível tendo em vista, por um lado, a presença portuguesa na região e, por outro, o fato de o cantonês não ser a expressão culta do chinês. De qualquer modo, é matéria para ser investigada mais detidamente.

21. *O segundo Ta-ssi-yang-kuo*

O segundo *Ta-ssi-yang-kuo*, subintitulado *Archivos e annaes do Extremo-Oriente português. Colligidos, coordenados e annotados por J. F. Marques Pereira 1. Official, chefe de secção, do Ministerio da Marinha e Ultramar; Official da Ordem de S. Thiago, do merito*

[240] . No catálogo *Macau como tema de escritores chineses* (1995) afirma-se que, ao contrário do interesse declarado de reconhecidos estudiosos e escritores ocidentais pela realidade macaense, "era pouco significativo, até meados deste século, o número de escritores de língua chinesa, até mesmo quando se estabelece uma comparação com outras regiões da China" ("Nota introdutória", s/n. pág.).

scientifico, litterario (1889-1904?),[241] já foi exaustivamente citado em nota neste trabalho e trata-se da publicação de João Feliciano Marques Pereira (1863-1909), filho de Antônio Feliciano Marques Pereira, que pretendeu dar continuidade aos trabalhos paternos sobre a história de Macau. No texto introdutório da publicação afirmou que:

> A revista tem por titulo ***Ta-ssi-yang-kuó*** (cuja razão o leitor encontrará mais adeante) [no atual trabalho tal explicação já foi dada] e o sub-titulo ***Archivos e Annaes do Extremo-Oriente Portuguez*** e *constituirá uma especie de repositorio de documentos antigos, ineditos ou não, relativos á expansão portugueza n'essa parte do mundo, e bem assim de estudos, monographias, apontamentos, sobre a historia, civilisação, ethnographia, philologia, linguistica, folk-lore, usos e costumes de todos esses povos que estiveram ou estão em contacto com os portuguezes*, como, por exemplo, os chins, os malaios, os siamezes, os japonezes, etc.; constituindo, por assim dizer, um archivo de noticias ou de dados curiosos que ou estão espalhados por diversas obras, algumas raras e difficeis de adquirir, ou por manuscriptos, a maior parte ineditos, das bibliothecas e archivos nacionaes. E, quando fôr opportuno, e se tiverem estabelecido relações entre esta revista e os actuaes centros da vida portugueza no Extremo-Oriente, haverá uma resenha de todo o movimento actual d'esses nucleos de portuguezes ou de descendentes de portuguezes que existem ainda em Macau, Hong Kong, Timor, Malaca, Singapura, Siam, Manila, e em certos portos da China e do Japão. Emfim, *será uma especie d'essas revistas ou Archivos publicados na India por Cunha Rivara, Nery Xavier, etc.,* mas elaborado sob um ponto de vista mais moderno e abrangendo todas as manifestações da vida, quer passada, quer presente, d'esses povos, nas suas relações comnosco, e a influencia reciproca que d'elles recebemos ou que sobre elles exercemos por intermedio dos nossos benemeritos missionarios, soldados, marinheiros e commerciantes. E, para amenisar (condição essencial a toda a publicação, que pretenda ser bem acceita pelo publico), será acompanhada de *gravuras,* vistas, estampas, representando monumentos, retratos, plantas de cidades, povoações e fortalezas, ***fac-similes*** de documentos raros, productos da fauna e flora; usos e costumes, etc. Emfim *todos os attractivos d'uma publicação moderna e que constitua no genero uma novidade entre nós.*[242] (destaques em itálico nossos)

Era editado na Companhia Nacional Editora, em Lisboa, com a colaboração de distintos historiadores das regiões coloniais.[243] Logo, essa não era uma publicação macaense, no sentido estrito do termo, já que era editada em Lisboa. E nem mesmo se encontra nos limites temporais definidos para este trabalho, que toma os meados do século dezenove, estendendo-se, no máximo, até o ano de 1880. Entra, sim, no contexto mais amplo que situa o *corpus* aqui delimitado, já que sua concepção se filia explicitamente à tradição de revistas históricas indo-portuguesas de Cunha Rivera e Nery Xavier, que tinham por modelo Herculano e, portanto, em última instância, *O Panorama*. Guardadas as distinções no que concerne aos recursos técnicos então disponíveis – como reproduções fac-símiles de documentos, fotografias etc. –, temos no segundo *Ta-ssi-yang-kuo* a concretização (em grande estilo e qualidade) do modelo da revista enciclopédica oitocentista instituída em Portugal por Alexandre Herculano, modelo aqui voltado exclusivamente para os interesses do Oriente português e que teve na produção periódica goesa – e isso é o mais importante – sua referência mais próxima. Eis, nesse caso, o delineamento de uma rota literária que saía de Portugal para Goa e retornava para Lisboa.

---

241 . O ano do término da publicação foi inferida a partir da referência temporal mais tardia presente na publicação.
242. João Feliciano Marques Pereira, "Razão da tentativa", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1899-1900, v.I-II, p.12-13.

O primeiro e o segundo *Ta-ssi-yang-kuo* forneciam também o indício da progressiva importância que os estudos sino-portugueses ganharam aos olhos da metrópole. Isso possivelmente se relacionava com o grande interesse suscitado pela voga de "orientalismo" que tomou toda a Europa do final do século.

Sua coleção é uma fonte ímpar de estudos oitocentistas sino-portugueses. Neste trabalho, utilizou-se sempre a edição fac-símile da Fundação Macau, editada em 1995, em dois volumes: o primeiro tomo correspondendo aos volumes I-II, e o segundo aos volumes III-IV. As referências aqui presentes a tais publicações são feitas a partir dessa edição.

Apenas para se ter idéia do interesse dessa publicação, afora os artigos já citados, lembremos que ainda havia ali um "Cancioneiro musical creoulo", as "Reminiscencias peninsulares nas Molucas – Canções populares de Amboina e Ternate", as "Chinezices... Notas para os 'barbaros' occidentaes – I. Jantares e comezainas", o "*Folk-lore* macaista", os "Costumes e crenças da China", de Callado Crespo, "Uma resurreição historica (Paginas inéditas d'um visitador dos jesuitas) (1665-1671)", o "Diu (Excerptos d'um livro inédito)", de A. Pereira Nunes, o texto "Em prol de umas ruinas (A proposito do frontespicio do Collegio de S. Paulo, em Macau)", ou alguns "Trechos da descripção de Pekim por Fernão Mendes Pinto".[244]

22. *Considerações gerais*

Como foi possível constatar, o neoclassicismo de Miranda e Lima não foi um capítulo à parte na literatura da primeira metade do século XIX em Macau, sendo mesmo a sua regra, já que, alguns anos depois, teríamos verdadeiras disputas poéticas ao modo setecentista. De um lado, os reinóis (possivelmente Francisco Gastão Mesnier e Francisco de Sousa Placé, editores da *Gazeta de Macau e Timor*), sediados em Macau. Do outro lado, Ephraim Manassés da Silva (possivelmente Antônio Joaquim Bastos, Antônio Alexandrino de Melo ou Vicente de Paula Salatwichy Piter, de *O Imparcial*, ou ainda José da Silva, de *O Independente*), sediados em Hong Kong. A retórica neoclássica era empregada com desenvoltura e vigor, revitalizando a tendência estética ali consagrada por Miranda e Lima.

---

[243] . Entre eles, Sebastião Rodolfo Salgado e Antônio de Campos Junior.

[244] . "Cancioneiro musical creioulo", *Ta-ssi-yang-kuo*, v.I-II, p.703-707; v.I-II, p.239-243; "Reminiscencias peninsulares nas Molucas - Canções populares de Amboina e Ternate", *op. cit.*, v.I-II, p.347-351; as "Chinezices... Notas para os 'barbaros' occidentaes. I. Jantares e comezainas", *op. cit.*, v.I-II, p.293-304; "*Folk-lore* macaista", *op. cit.*, v.I-II, p.319-321, p.515-516; Callado Crespo (Consul de Portugal em Cantão), "Costumes e crenças da China", *op. cit.*, v.I-II, p.597-603, I-II, p.675-681; "Uma resurreição historica (Paginas inéditas d'um visitador dos jesuitas) (1665-1671)", *op. cit.*, v.I-II, p.31-41, p.113-119, p.181-188, p.305-310, p.693-702, p.747-763.; A. Pereira Nunes, ex-governador de Diu, "Diu (Excerptos d'um livro inédito)", *op. cit.*, v.I-II, p.381-388, p.437-442, p.493-487, p.553-560, p.631-637, p.683-692, p.765-776.; o texto "Em prol de umas ruinas (A proposito do frontespicio do Collegio de S. Paulo, em Macau)", *op. cit.*, v.I-II, p.483-492.; Fernão Mendes Pinto, "Trechos da descripção de Pekim por Fernão Mendes Pinto", *op. cit.*, v.I-II, p.627-630.

Temos em Miranda e Lima a manifestação mais apurada e completa de um meio literário *sui generis* no contexto da literatura de língua portuguesa no século XIX. Fosse na metrópole portuguesa, fosse em qualquer de suas colônias, fosse no Brasil, em nenhum outro território lusófono o neoclassicismo teve maior expressão e força durante o século XIX que em Macau.

Como vimos, os periódicos macaenses reproduziam as mais variadas fontes do jornalismo luso-brasileiro e europeu. Tivemos, pois, algum diálogo entre esse neoclassicismo e as manifestações românticas que então vigoravam em outras partes do reino português e do planeta. Desse modo, não pode ser tomado simplesmente como literatura de estufa, resultado do isolamento daquela colônia – ainda que isso tenha possivelmente colaborado para sua manutenção. Havia ali uma vontade, um gosto, uma intenção da elite letrada macaense, que elegeu o neoclassicismo como seu modo de expressão.

É certo que Tomás Ribeiro e, depois, João de Deus teriam alguma presença nas folhas macaenses. Isso já no final do século. Mas não chegaram a imprimir uma sensibilidade romântica à literatura do século XIX, que ali passou do classicismo ao simbolismo, representado na figura de Camilo Pessanha.

Em matéria de jornalistas, temos duas figuras que se destacaram sensivelmente no cenário macaense. Primeiramente, o português Manuel Maria Dias Pegado, que, como vimos, foi o responsável pela edição de inúmeros periódicos, principalmente na primeira metade do século. A segunda metade foi dominada pela figura de José da Silva, que participou dos mais diversos debates em torno das questões políticas e culturais de Macau.

Já Antônio Feliciano Marques Pereira e seu filho, João Feliciano Marques Pereira, seriam os grandes responsáveis pelo trabalho historiográfico da possessão portuguesa. Cumpririam o papel que Herculano fizera em Portugal, ou que Cunha Rivara e seus discípulos representaram em Goa, viabilizando o acesso a documentos e estudos sobre Goa na metrópole portuguesa e na Europa em geral.

Após esse longo e trabalhoso percurso pela diversificada gama de publicações periódicas macaenses oitocentistas, poderíamos sugerir que, no que concerne especificamente à literatura, esta era cultivada em Macau *apesar* da imprensa periódica, devendo-lhe muito pouco. Nas brechas de um periodismo político e informativo, sem um jornalismo de ilustração que pudesse suscitar a circulação e o debate de idéias estéticas, a literatura em Macau deveu sua existência muito mais a iniciativas individuais ou polêmicas casuais do que a uma atuação programática e orientada, como ocorreu, por exemplo, em Goa.

No entanto, ainda que tendo um papel pouco significativo no que concernia a estimular o exercício literário naquela cidade, a imprensa periódica macaense guardou em suas páginas vasta matéria para a história política e mesmo literária daquela possessão portuguesa nesse período. Foi justamente a partir do rastreamento do universo literário ali presente que constatamos a manutenção da referência neoclássica e as pouquíssimas incursões pelo gosto romântico.

Para concluirmos em concordância com o neoclassicismo macaense, citemos aqui um apólogo de Demócrito, lembrado na seção de variedades de *O Procurador dos Macaistas*, que dizia consistir a riqueza não na simples posse dos bens, mas no uso que dèles fazemos. Macau soube vitalizar e fazer uso do neoclassicismo.

CAPÍTULO 9

O jornalismo literário e de ilustração em Moçambique

O jornalismo em Moçambique durante o século XIX esteve centrado na ilha de Moçambique, ao norte da colônia, deslocando-se, no final do século, para o sul, nomeadamente para Lourenço Marques. Também na Beira, no centro do país, surgiram algumas publicações oitocentistas. Além disso, vemos despontar algumas folhas em Quelimane e no Niassa. Passemos, pois, em revista tais publicações moçambicanas agrupadas pela localidade onde tiveram origem.

1. *A ilha de Moçambique*

Tal como em Macau e em Goa, foi a mentalidade liberal metropolitana que fez surgir condições concretas para a constituição de uma elite letrada em Moçambique, pois permitiu a instalação da imprensa e passou a reestimular, ainda que de modo extremamente precário, o ensino do português, que fôra encerrado com o fim das missões.

A imprensa periódica moçambicana durante o século XIX era praticamente sinônimo da imprensa periódica da capital da colônia, então situada na ilha de Moçambique. Em 1854 foi instalada ali a primeira máquina impressora da colônia. Conta Idílio Rocha que:

> Em 19 de Abril de 1854 chegam à capitania de Moçambique, então na ilha do mesmo nome, a bordo da fragata D. Fernando II, um prelo, algumas caixas com tipos e vários utensílios tipográficos, tudo no valor de 523$095 réis e, provavelmente, também o impressor[245] que deveria manejar aquele material. (Rocha, 1985: 12)

Surgia assim a Imprensa Nacional de Moçambique. Já no mês seguinte saiu o primeiro número do *Boletim do Governo da Província de Moçambique*, mais exatamente em 13 de maio de 1854. Era outro dos boletins instituídos pelo decreto de 7 de dezembro de 1836. Com pequenas interrupções e ligeiras alterações no título, foi publicado até 21 de junho de 1975 (Rocha, 1985: 12). Durante toda sua existência, manteve, *grosso modo*, o mesmo programa editorial, publicando fundamentalmente assuntos de natureza oficial, além de algum noticiário e anúncios.

Alguns anos depois veio à luz a primeira publicação periódica religiosa de Moçambique:

---

[245] . Este pode ser Joaquim José Lapa, que será editor do *Noticiário de Moçambique* e do *Africa Oriental*, já que neste último é dito que fora tipógrafo da Imprensa Nacional.

> Em 1859 editava-se o *Almanach Civil Ecclesiastico Historico-Administrativo da Provincia de Moçambique*. Foi a primeira publicação ali editada além do *Boletim do Governo* e deve-se à iniciativa de José Vicente da Gama, que também o redigiu. Precedia outros almanaques e folhinhas, nomeadamente as que o mesmo Vicente da Gama editou na Ilha de Moçambique de 1861 a 1864. (Rocha, 1985: 12)

José Vicente da Gama[246] era goês, brâmane e natural de Saligão, concelho de Baldês, tendo sido juiz e depois procurador da Junta Geral do Distrito em Moçambique. Fez também parte de um governo provisório da colônia, instituído entre 1868 e 1869. Inocêncio fez uma descrição do *Almancach* de 1859 e Idílio Rocha reproduziu parte do texto introdutório da publicação, que assim dizia:

> Com muito empenho são aqui procuradas as folhinhas que anualmente vêm de Goa, e nem todos os pretendentes chegão a obtê-las por cauza do diminuto número de exemplares que aparecem. Achei que não seria inútil publicar-se uma folhinha apropriada que além do calendário civil e ecclesiástico contivesse certas noticias relativas á Província; e para isso aproveitei algumas notas que há muito tempo tinha colligido. (Introdução do *Almanach*, *apud* Rocha, 1985: 30-31)

Ilídio Rocha (1985: 30) afirma que Raul Neves Dias apontou três edições desse almanaque, sendo conhecida apenas uma. No entanto, lembremos que Raul Neves Dias, em *A imprensa periódica em Moçambique* (1856:12), fez notar que retirara tal afirmação de Joaquim da Graça Correia e Lança,[247] mas que, por sugestão de Almeida de Eça, entendia a partir dali que as três edições referidas por Correia e Lança seriam na verdade as folhinhas publicadas nos anos posteriores por José Vicente da Gama, o mesmo autor do *Almanack* – o que parece ser absolutamente correto. E, na verdade, as folhinhas foram em número de quatro:

1) *Folhinha Civil e Ecclesiastica do Anno Solar de 1861 para a Provincia de Moçambique*, por * * * [José Vicente da Gama], Moçambique, Imprensa Nacional, 1860;

2) *Folhinha Ecclesiastica, Civil e Historica do Anno Solar de 1862, 2. Depois do Bissexto, para a Provincia de Moçambique*, por J. V. da Gama, Moçambique, Imprensa Nacional, 1861;

3) *Folhinha Civil e Historica do Anno Sollar de 1863, 3. depois do Bissexto, para a Provincia de Moçambique*, por J. V. da Gama, Moçambique, Imprensa Nacional, 1862;

4) *Folhinha Civil e Ecclesiastica do Anno Bissexto de 1864, para a Provincia de Moçambique*, por J. V. da Gama, Moçambique, Imprensa Nacional, 1863.

Destas, foi possível localizar as de 1863 e 1864.

A *Folhinha Civil e Historica do Anno Sollar de 1863* apresentava calendário e diversos textos. Entre estes, encontramos predominamente extratos de livros e de periódicos da metrópole. Podemos dividir suas matérias entre religião, história e diversidades.

---

[246] . Manuel Ferreria, em *O mancebo e o trovador Campos Oliveira* (1985: 29, nota 2), equivocou-se ao denominar José Vicente da Gama de José Viana da Gama e afirmar ser ele de origem moçambicana (cf. Aleixo Manuel da Costa, *Dicionário de literatura goesa*, v.II, p.9).

Sobre religião, apareceram dois textos: "Bulla da Prelasia de Moçambique", traduzida pelo diácono Luiz Caetano de Mendonça, eclesiástico de Goa, e a "Copia judicial de uma representação do reverendo vigario da freguesia de Querimba...".[248]

De história, temos um extrato retirado de Barros (Dec. 1. Liv. 4. Cap. 4), a "Chegada de Vasco da Gama a Moçambique em 1498"; dois retirados da *História de Portugal,* de Araujo, intitulados "A astucia dos portuguezes no reino de Mangas (na Zambezia) em 1570" e "A ilha de Moçambique attacada pelos Hollandezes em 1607", e um retirado do *Panorama* de 1838 (v. 2), "O portuguez Rodrigo Lobo, mulher do Rei de Quiteve". Apareceu ainda um texto sem qualquer indicação de onde tinha sido extraído, denominado "Curiosos documentos do seculo passado".[249]

Nas matérias diversas, apareceram um outro texto retirado da revista *Panorama* de 1838, "Habilidade de um aleijado em Sofalla", um texto assinado por G. E. da Silva, intitulado "Itinerario de differentes pontos da provincia para outros", um trabalho de "Botanica provincial", uma "Descripção da Serra Murrumdala", assinada pelo Brigadeiro Anselmo Henrique Ferrão, e até mesmo uma "Carta do Doutor Livingstone", defendendo-se da acusação feita pelo Visconde de Sá de arrogar-se descobridor das terras da região da Zambézia, que já teriam sido anteriormente descobertas pelos portugueses. Livingstone não escreveu para desfazer mal-entendidos mas para afirmar que as descobrira mesmo.[250]

Na *Folhinha Civil e Ecclesiastica do Anno Bissexto de 1864, para a Provincia de Moçambique*, também publicada em Moçambique na Imprensa Nacional, predominavam as matérias de interesse geográfico e principalmente histórico.

Entre narrativas de viagem ou similares, temos uma "Descripção de Sofalla", um texto sobre a "Ilha de Chiloane", um outro sobre "A Ilha de Madagascar", uma "Discripção dos differentes pontos da Zambezia, extrahida das explorações da Africa pelo Dr. David Livingstone", traduzido da versão francesa de Madama H. Lorean, e uma "Relação das minas existentes nos Sertões do districto de Sofalla".[251]

---

247 . Em *Anuário de Moçambique*, de 1894 (apud Dias & Eça, 1956: 11).

248 . [traduzida por Diacono Luiz Caetano de Mendonça, eclesiástico de Goa], "Bulla da Prelasia de Moçambique", *Folhinha civil e historica do anno solar de 1863 - 5. depois do bissexto para a provincia de Moçambique*, 1862, p.51-70; "Copia judicial de uma representação do reverendo vigario da freguesia de Querimba...", *op. cit.*, 1862, p.70-74.

249 . Barros, Dec. 1. Liv. 4. Cap. 4 , "Chegada de Vasco da Gama a Moçambique em 1498", *Folhinha civil e historica do anno solar de 1863 - 5. depois do bissexto para a provincia de Moçambique*, 1862, p.19-26; Hist. de Port. por Araujo, "A astucia dos portuguezes no reino de Mangas (na Zambezia) em 1570", *op. cit.*, 1862, p.27-28; Hist. de Port. por Araujo, "A ilha de Moçambique attacada pelos Hollandezes em 1607", *op. cit.*, 1862, p.28-30; *Panorama* de 1838 - v. 2, "O portuguez Rodrigo Lobo, mulher do Rei de Quiteve", *op. cit.*,1862, p.31-33; "Curiosos documentos do seculo passado", *op. cit.*, 1862, p.75-89.

250 . *Panorama* de 1838, *Folhinha civil e historica do anno solar de 1863 - 5. depois do bissexto para a provincia de Moçambique*, "Habilidade de um aleijado em Sofalla", *op. cit.*, 1862, p.33-34; G. E. da Silva, "Itinerario de differentes pontos da provincia para outros", *op. cit.*, 1862, p.34-41; "Botanica provincial", *op. cit.*, 1862, p.42-49; Brigadeiro Anselmo Henrique Ferrão, "Descripção da Serra Murrumdala", *op. cit.*, 1862, p.89-91; David Livingstone, "Carta do Doutor Livingstone", *op. cit.*, 1862, p.91-95.

251. "Descripção de Sofalla", *Folhinha Civil e Ecclesiatica do Anno Bissexto de 1864, para a Provincia de Moçambique*, 1863, p.19-30; "Ilha de Chiloane", *op. cit.*, 1863, p.31-34; "A Ilha de Madagascar", *op. cit.*, 1863, p.90-100; David Livingstone [traduzido da versão francesa de Madama H. Lorean], "Discripção dos differentes

Também teve lugar um trabalho histórico de A. E. X. Soares, "A Rainha Sabã e o oiro Ophir", e textos informativos e históricos, como a "Santa Caza da Mizericordia de Moçambique", "Petroleo" e "Noticia sobre o estado dos hollandezes africanos, seu commercio, agricultura, e industria em 1861".[252] Das matérias publicadas, interessa notar que divulgavam as riquezas das minas de Sofala e o interesse de Livingstone na Zambézia, colocando em evidência as intenções britânicas.

É fácil observar que tais folhinhas tinham efetivamente o modelo daquelas que se editavam em Goa, visto reproduzirem muita matéria historiográfica, chegando a buscar as mesmas fontes – como a revista *O Panorama*. Em última instância, apresentavam, como as de Goa, o modelo das folhas setecentistas, trazendo calendário, textos históricos e descritivos, cartas, comunicados etc. Tais publicações, porém, eram anuais, restando somente o *Boletim Oficial* como o único periódico mensal naquelas paragens.

A partir de 17 de maio de 1866, uma carta régia dava direito a todo cidadão de defender-se gratuitamente nas páginas do periódico que o agredira (Dias & Eça, 1856: 52), o que, em princípio, era uma medida democrática. Isso presumivelmente teve alguma repercussão nas publicações políticas, não fazendo, entretanto, grande diferença para a imprensa científica, literária e de ilustração. O fato é que, nada preocupados com a democracia, os governos coloniais não tardaram em instituir uma forte censura à imprensa, como já vimos ocorrer em Goa e principalmente em Macau. Isso também aconteceria bastante cedo em Moçambique em torno do periódico *O Progresso – hebdomadario religioso, instructivo, commercial e agricola* (1868).

Dias & Eça (1856: 31-40), após contestar a virtual existência, em 1860, de um periódico intitulado *O Baluarte*,[253] acabaram por eleger *O Progresso* como o primeiro jornal não-oficial publicado em Moçambique.

> Saiu o primeiro número em Moçambique, quinta-feira, 9 de abril de 1868. Indica Redactores: Miguel Augusto dos Santos Severino e Manoel Dias da Silva. Responsável: M. A. dos Santos Severino. Avulso, 60 réis [...] Tinha 4 páginas. Foi impresso na Imprensa Nacional de Moçambique. (Dias & Eça, 1956: 49)

Um dos seus redatores, Miguel Augusto dos Santos Severino, já publicara anteriormente um panfleto intitulado "Duas palavras ao publico ácerca do snr. juiz de direito desta comarca

---

pontos da Zambezia, extrhida das explorações da Africa pelo Dr. David Livingstone", *op. cit.*, 1863, p.36-55; "Relação das minas existentes nos Sertões do districto de Sofalla", *op. cit.*, 1863, p.35-36.

[252] . A. E. X. Soares, "A Rainha Sabã e o oiro Ophir", *Folhinha Civil e Ecclesiatica do Anno Bissexto de 1864, para a Provincia de Moçambique*, 1863, p.31; "Santa Caza da Mizericordia de Moçambique", *op. cit.*, 1863, p.55-71; "Petroleo", *op. cit.*, 1863, p.71-81; "Noticia sobre o estado dos hollandezes africanos, seu commerico, agricultura, e industria em 1861", *op. cit.* , 1863, p.82-90.

[253] . Em *Vida social* (Dias & Eça, 1956: 20), uma monografia apresentada na Exposição Colonial do Porto em 1934, o capitão Antônio dos Santos Figueiredo, chefe dos Serviços de Estatística da Província de Moçambique, afirma ser *O Baluarte* (1860) o primeiro periódico não oficial publicado naquela colônia. Porém, nenhum dos estudiosos e historiadores da imprensa periódica de Moçambique puderam localizar a publicação ou mesmo qualquer outra referência a sua existência. Idílio Rocha, por exemplo, não inclui *O Baluarte* em sua relação de publicações

Vicente Maximo da Silva", datado de 24 de março de 1868 e impresso na Imprensa Nacional – possivelmente também o primeiro panfleto publicado em Moçambique – tecendo críticas à atuação daquele magistrado. É a partir desse panfleto que iria surgir o novo periódico. Santos Severino era professor da Escola Principal e, em 1894, tornar-se-ia diretor da Alfândega de Moçambique e inspetor das alfândegas da colônia. Quando, porém, *O Progresso* veio à luz, nasceu do lítigio com o juiz local. Resultado:

> Em 11 de Abril de 1868, a Ordem n. 243, do Governador-Geral da Província, tenente-coronel António Augusto de Almeida Portugal Correia de Lacerda, institui em Moçambique a censura prévia e o n. 2 de *O Progresso* já não se publica. Só em 1870 Moçambique terá um jornal não oficial que não ficou no primeiro número, impresso na Imprensa Nacional como o anterior; chamava-se *A Imprensa* e viveu até 1873. (Rocha, 1985: 13)

Tudo o que nos foi possível saber sobre *A Imprensa* – não localizamos qualquer exemplar desse periódico – é que era periódico político, literário e de notícias, surgido em 1870 e desaparecido em 15 de março de 1873, sendo publicado na ilha de Moçambique.

Outra polêmica bibliográfica apareceu em torno de *O Clamor Militar* (1866), do qual se encontrou um aviso no n. 25 do *Boletim Oficial*, de 23 de junho de 1866, comunicando estarem abertas assinaturas para sua subscrição. A frase "pessoa devidamente autorizada pela redacção e residente nesta Provincia" faz concluir aos estudiosos que a origem do periódico não era Moçambique, mas sim possivelmente o Porto, onde havia publicação homônima – conclusão que, de fato, parece a mais acertada.

Segundo Rocha Martins (*apud* Dias & Eça, 1956: 21), existiu em 1871 um periódico intitulado *A Verdade*, mas não apresenta maiores detalhes sobre a folha. Silva Pereira (1897: 149) e depois Idílio Rocha (1985: 140) já tinham citado tal publicação, notificando ainda uma outra, homônima, em 1880. Desta última, Idílio Rocha observa que teve seu primeiro número editado em 10 de abril de 1880 na ilha de Moçambique e que são conhecidos sete de seus números, que não tivemos a felicidade de ver.

O Noticiário de Moçambique e *o Jornal de Moçambique*

Um periódico que merece especial atenção é *O Noticiário de Moçambique* (5 set. 1872 – 5 abr. 1873),[254] bissemanário, e depois semanário, político e de notícias, publicado na ilha de Moçambique e impresso na Imprensa Nacional. Tinha por proprietários Francisco de Paula Carvalho, Joaquim José Lapa e João Sinfrônio de Carvalho. Foi por causa de tais nomes que *O Noticiario de Moçambique* ganhou extrema importância para a história do jornalismo literário

---

periódicas de Moçambique - a mais completa até hoje elaborada. Aceita a interpretação de Almeida de Eça de ter sido *O Progresso* o primeiro periódico não oficial de Moçambique (Dias & Eça, 1956: 31-40).

[254] . Antonio Sousa Ribeiro designa a publicação como *Noticias de Moçambique*, (apud Dias & Eça, 1956: 14), mas nos exemplars por nós consultados aparece "noticiario".

naquela colônia. Eles seriam os patrocinadores de grande parte do jornalismo oitocentista moçambicano. Fundaram ali uma tradição de quinze anos consecutivos de publicações correlatas, nas quais iria ter origem o que podemos chamar da primeira geração romântica em moçambique.

Infelizmente só nos foi possível consultar o número 9, de 3 de outubro de 1872. Ali já aparecia uma crônica, intitulada "Revista da semana", coisa que até então não aparecera nas publicações anteriores. Também estampou-se um discurso político proferido pelo deputado José Antônio Maia, em Portugal; um relato de viagem, que era a continuação de um texto sobre um dos países da África, de influência árabe; um texto sobre a domesticação do elefante; um texto sobre "Hygiene pratica"; um sobre botânica, mais especificamente sobre a carnaúba brasileira, comentando suas diversas qualidades; uma seção de notícias diversas e uma de anúncios.[255]

É interessante ressaltar aqui a presença da carnaúba e do Brasil. Lembremos, por exemplo, que José de Alencar publicara um texto sobre a carnaúba em 1848,[256] no periódico *Ensaios Litterarios*, de São Paulo, que também ressaltava os atributos daquela planta. Evidentemente, o redator de *O Noticiário de Moçambique* não conhecia o texto de Alencar, mas vale ressaltar que o tema da carnaúba ganhou prosadores dentro e fora do Brasil. A verdade é que a carnaúba tinha a mesma imagem que o Brasil, isto é, em ambos tudo era supostamente bom e aproveitável. Podemos, pois, ver aí um indício do interesse dos moçambicanos pela terra brasileira ou pela imagem que os brasileiros buscavam construir.

Em 1873 surgiu o *Jornal de Moçambique* (10 abr. 1873 – 1875), que daria continuidade a *O Noticiário de Moçambique*. Era também um semanário político e informativo, publicado na Imprensa Nacional. Na nova empreitada, o único a não constar na direção era Joaquim José Lapa. O advogado Francisco de Paula Carvalho aparecia como editor-responsável e João Sinfrônio de Carvalho como diretor administrativo. O responsável pelo folhetim era Eduardo Coelho.

Publicou grande diversidade de matérias. Tomando apenas a seção "folhetim" de pé de página, que sempre ocupava a metade inferior da primeira página e por vezes das seguintes, temos textos sobre política, narrativas de viagem, crônicas, literatura etc.

Em política, publicou, por exemplo, um texto de Marques da Costa, intitulado "Bahia de Lourenço Marques – Questão entre Portugal e a Gran-Bretanha sujeita á arbitragem do presidente da republica franceza – Memoria apresentada pelo governo portuguez escripta pelo Visconde de Paiva Manso (Extracto)", em defesa do direito de Portugal sobre aquele território.[257]

---

[255] . Revista da semana", *O Noticiario de Moçambique*, 1872, 3 out., n.9, p.33; [discurso do deputado José Antônio Maia, em Portugal], *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.33-34; [continuação de um texto sobre um dos países da África, de influência árabe], *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.34; [texto sobre a utilidade dos elefantes], *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.34-35; "Hygiene pratica" (conclusão), *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.35; botânica: [texto sobre a carnaúba brasileira - arima-se que quem descobriu a árvore foi Manoel Antonio de Macedo, no Ceará, em 1809], *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.35-36; [notícias diversas], *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.36; Annuncios, *op. cit.*, 1872, 3 out., n.9, p.36.

[256] . Alencar, "A carnauba", *Ensaios Litterarios*, 1848, abr., n.2, p.25-28.

[257] . Marques da Costa, "Bahia de Lourenço Marques - Questão entre Portugal e a Gran-Bretanha sujeita á arbitragem do presidente da republica franceza - Memoria apresentada pelo governo portuguez escripta pelo Visconde de Paiva Manso (Extracto)", *Jornal de Moçambique*, 1873, 27 nov., n.34, p.133-135; 1873, 27 nov., n.35, p.138-139. [defesa do direito de Portugal sobre aquele território].

Em matéria de crônica, temos "A amisade", "A morte de Napoleão III", com considerações críticas a Napoleão III, manifestando ao mesmo tempo ódio aos comunistas; a "Escolha de prazeres, e bom procedimento (Traducção)", condenando o abuso dos prazeres; "O Seco neca da Costa, não há preto como elllel... [sic]", de F. Amaral, que traçou o perfil de um tipo africano; "A morte de Napoleão III (Concluido do "Jornal" n. 26)", de Pinheiro Chagas; "O Simaúna", de C. O. (muito possivelmente Campos Oliveira), que retratava positivamente um louco muito conhecido da cidade de Moçambique; "A critica, a intriga e a culumnia", de D. V. Cardoso da Gama, que tratava com talento do tema da difamação, muito recorrente no meio da imprensa.[258]

Na seção "folhetim", teve também lugar o texto "As impressões de quatro dias em Mossuril, offerecido ao meu primo e amigo José Maria Castellão",[259] de D. V. Cardoso da Gama, que constituiu uma pequena narrativa de viagem.

Também fora da seção "folhetim" eram publicadas diversas crônicas. Vale lembrar as de caráter literário, como "O retrato de Virgilio", assinada por X. e que comentava a veracidade, ou não, de tais retratos nas artes plásticas em geral, ou o texto "Antiguidades", de S. M., que fazia comentários históricos sobre uma gravura da casa de Bartolomeu dos Mártires, presente no livro *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental*, de S. X. Bothelho.[260]

Retornando à seção "folhetim", temos, no que diz respeito à literatura, diversos trabalhos. Em matéria de narrativas curtas, era publicado, por exemplo, o texto de Mr. Maxime Aubray "Um verdadeiro amor". É curioso notar que o texto vinha com a indicação de ser uma tradução livre, que ao final constatamos não funcionar, pois a graça do texto estava no gênero da palavra *cachimbo*, objeto central da narrativa, que, omitida sua designação, dava-se a entender que se falava de uma mulher; em português, o resultado seria praticamente *non sense*. Já "O bandido" era uma trama rocambolesca, com cenário italiano e protagonista espanhol, escrita possivelmente por um português.[261]

O conto "O solitario do oceano" era uma narrativa de aventuras com personagem germânico, mas possivelmente escrito por um português, sendo um exemplo notório de imaturidade narrativa, com a verossimilhança seriamente comprometida. O texto de D. Faustina Saeg de Melgar, com tradução de D. Guiomar Torresão, intitulado "A avosinha – Conto da aldeia", era um típico conto moral, tematizando a soberba em meio a cenário e personagens

---

258 . "A amisade", *Jornal de Moçambique*, 1875, 7 abr., n.3, p.11; "A morte de Napoleão III", *op. cit.*, 1873, 2 out., n.26, p.101-103; "Escolha de prazeres, e bom procedimento (Traducção)", *op. cit.*, 1873, 31 dez., n.38, p.150; F. Amaral, "O Seco neca da Costa, não há preto como elllel... [sic]", *op. cit.*, 1874, 12 mar., n.8, p.30-31; 1874, 2 abr., n.9, p.53-55; Pinheiro Chagas, "A morte de Napoleão III (Concluido do "Jornal" n.26)", *op. cit.*, 1873, 9 out., n.27, p.106-107; C. O. [datado de: Novembro de 1873], "O Simaúna", *op. cit.*, 1873, 18 dez., n.36, p.142-143; D. V. Cardoso da Gama [datado de: Moçambique 4 de outubro de 1874], "A critica, a intriga e a culumnia", *op. cit.*, 1874, 12 out., n.28, p.109-111.

259 . D. V. Cardoso da Gama, "As impressões de quatro dias em Mossuril, offerecido ao meu primo e amigo José Maria Castellão", *Jornal de Moçambique*, 1874, 30 out., n.31, p.122-123; 1874, 5 dez., n.32, p.126-127.

260 . X, "O retrato de Virgilio", *Jornal de Moçambique*, 1873, 19 jun., n.11, p.42; S. M., "Antiguidades", *op. cit.*, 1873, 21 ago., n.20, p.79-80.

portugueses, mas talvez resultado de uma adaptação da tradutora. Foi possível consultar também o trecho de "O covil dos bichos", que narrava intrigas familiares de casamentos entre os grandes felinos – leão, pantera, quizumba, leopardo – lembrando as narrativas do *Panchatantra*, porém aparentemente ordenadas segundo uma moral cristã. Já a "Narração d'um viajante" era um conto de suspense ambientado na França e bem escrito; C. O. [Campos Oliveira] apareceu com um texto satírico em prosa, "Houve uma vez um casamento...", tematizando os casamentos acertados pelos pais. O anônimo "Balthazar (fragmento de um livro inedito intitulado Zig-Zag)" narrava o caso de um homem feio que prega uma peça numa mulher que o despreza por sua feiúra. Ao iniciar o texto, o anônimo autor afirmou que algum dia escreveria um texto sobre os homens feios, coisa que iríamos encontrar quatro anos depois, no *África Oriental*, numa crônica assinada por Manuel Roussado, então preeminente escritor português, fazendo supor que "Balthazar" também pudesse ter sido de sua autoria.[262]

Fora da seção "folhetim", vale a pena registrar o conto "O lenço azul",[263] por trazer a sensibilidade ultra-romântica, sendo provavelmente de cunho francês.

Na seção "folhetim" também apareceu a tradução de um longo texto dialógico intitulado "Os deuses e os operarios", de Emilio Castelar Rippol, eminente orador espanhol. A apresentação e tradução do texto eram de Brito Aranha,[264] sendo que Castelar tratava da disputa entre Oriel, um escravo, e os deuses do Olimpo grego. O texto pugnava pela liberdade e justiça sociais, o que é interessante no contexto da escravidão. Sua publicação, porém, deveu-se provavelmente ao fato de Castelar ter sido presidente da República Espanhola entre 1873 e 1874, resultando assim num elogio velado ao republicanismo.

No que dizia respeito aos poemas, temos o "Hymno dedicado ao general, José Guedes de Carvalho e Menezes, governador geral da provincia de Moçambique na noite de 9 de janeiro em que teve lugar a soirée a sua exa. offerecida pela direcção do Club Recreativo Regeneração, e recitado pelo auctor Miguel Augusto dos Santos Severino", sendo que, após o texto, apareceu uma observação do autor sobre as condições e os princípios que o regeram na composição dos versos, além de notar o auxílio de Augusto de Castilho. A influência de Lamartine aparecia em "Meditação", um poema lírico assinado por "Al..." e datado de junho de 1873. Alexandre

---

261 . Mr. Maxime Aubray, "Um verdadeiro amor", *Jornal de Moçambique*, 1873, 8 mai., n.5, p.17-19; "O bandido", *op. cit.*, 1873, 3 jul., n.13, p.49-51; 1873,15 jul., n.17, p. 65-67.

262 . "O solitario do oceano", *Jornal de Moçambique*, 1873, 14 ago., n.19, p.73; 1873, 28 ago., n.21, p.81-83; D. Faustina Saeg de Melgar (Traducção de D. Guiomar Torresão), "A avosinha - Conto da aldeia", *op. cit.*, 1873, 23 out., n.29, p.113-114; 1873, 30 out., n.30, p.117-118; 1873, 13 nov., n.32, p.126-127; 1873, 20 nov., n.33, p.129; (Traducção de uma senhora.), "O covil dos bichos", *op. cit.*, 1873, 13 nov., n.32, p.125; "Narração d'um viajante", *op. cit.*, 1875, 18 ago., n.5, p.17-18; C. O., "Houve uma vez um casamento...", *op. cit.*, 1875, 20 set., n.9, p.35-37; 1875,15 set., n.8, p.31-32; "Balthazar (fragmento de um livro inedito intitulado Zig-Zag)", *op. cit.*, 1875, 10 out., n.10, p.39-40.

263 . "O lenço azul", *Jornal de Moçambique*, 1873, 19 jun., n.11, p.43.

264 . "Os deuses e os operarios", *Jornal de Moçambique*, 1874, 5 fev., n.4, p.14-15; 1874, 12 fev., n.5, p.18-19; 1874, 19 fev., n.6, p.22-23; 1874, 26 fev., n.7, p.26-27; 1874, 9 abr., n.10, p.38-39;1874; 21 mai., n.11, p.41-43; 1874, 4 jul., n.13, p.49-50; 1874, 16 jul., n.15, p.57-59; 1874, 25 jul., n.16, p.61-62; 1874, 1 ago., n.17, p.65-66.

Augusto Mont'Alverne também publicou poemas líricos, de feitio ultra-romântico, com forte acento sensual, intitulados "A ella" e "Supplica", sendo o primeiro datado de "Moçambique, 18 de abril de 1873", o que comprova ter sido produzido naquela colônia. Bingre assinou um "Epigramma" (Um velho que esta quazi) e publicou-se de Bocage um outro "Epigramma" (Um filosofo enfermou). De Bocage ainda foram publicados os versos "Contra os que negam o livre arbitrio nas acções humanas".[265]

Novamente temos Campos Oliveira, com os poemas "Duvida", datado de 13 de março de 1875, "Ode saphica", de 1873, "Ouve?", de abril de 1874, "O pescador de Moçambique", de abril de 1874, a "Morte da Exma. Sra. D. Maria José Pereira Portugal da Graça (28 de março de 1873)" e "Uns versos", quase todos reproduzidos por Manuel Ferreira (1985). Francisco Antônio Martins Bastos assinou um poema neoclássico ("Ao campo, adeus, dizendo a Primavera"), J. M. da Costa e Silva publicou uma "Ode anacreontica" e alguém que assinava "Ad..." traçou o perfil do poeta romântico em "Poesia", com data 12 de junho de 1873.[266]

É fácil constatar a preponderância dos trabalhos poéticos de Campos Oliveira, que também apareceu com um texto em prosa. Seria, como veremos, um dos grandes nomes da literatura romântica moçambicana.

No que concerne à retórica e à crítica, tivemos já, na referida introdução de Brito Aranha ao texto de Emilio Castelar "Os deuses e os operarios", um pequeno trabalho de crítica literária. Mas vale notar um outro assinado por T. L. de B., intitulado "Regras da arte de escrever".[267] Afirmando ser o estilo o cerne da escrita, propunha um plano geral de idéias como base do texto e apontava para o perigo do uso indevido de digressões. Notava a necessidade de organizar e subordinar as idéias, condenando a eloqüência artificiosa e os ditos fáceis, a inadequação entre o tom solene e a matéria banal, sendo necessário conhecer profundamente o assunto do qual se trata. Até aqui, estamos na retórica clássica. Entretanto, romanticamente notava que: "as regras não podem supprir o genio: faltando elle serão ellas inuteis. Bem escrever, é sempre proveniente de bem pensar, bem sentir e bem exprimir: e é preciso ao mesmo tempo ter espirito, ter alma, e ter

---

265 . Miguel Augusto dos Santos Severino, "Hymno dedicado ao general, José Guedes de Carvalho e Menezes, governador geral da provincia de Moçambique na noite de 9 de janeiro em que teve lugar a soirée a sua exa. offerecida pela direcção do Club Recreativo Regeneração, e rcitado pelo auctor Miguel Augusto dos Santos Severino", *Jornal de Moçambique*, 1875, 20 fev., n.1, p.3; Al..., "Meditação", *op. cit.*, 1873, 3 jul., n.13, p.52; Alexandre Augusto Mont'Alverne, "A ella", *op. cit.*, 1873, 22 mai., n.7, p.28; Alexandre Mont'Alverne, "Supplica", *op. cit.*, 1873, 8 mai., n.5, p.19-20; Bingre, "Epigramma" [Um velho que esta quazi], *op. cit.*, 1873, 25 set., n.25, p.100; Bocage, "Contra os que negam o livre arbitrio nas acções humanas", *op. cit.*, 1873, 7 ago., n.18, p.72; Bocage, "Epigramma" [Um filosofo enfermou], *op. cit.*, 1873, 11 set., n.23, p.92.

266 . Campos e Oliveira, "Duvida", *Jornal de Moçambique*, 1875, 7 abr., n.3, p.12; Campos Oliveira, "Ode saphica", *op. cit.*, 1873, 11 set., n.23, p.92; Campos Oliveira, "Ouve?", *op. cit.*, 1874, 25 jul., n.16, p.63-64; Campos Oliveira [datado de: Abril de 1874], "O pescador de Moçambique", *op. cit.*, 1874, 4 jul., n.13, p.51; Campos Oliveira, "Morte da Exma. Sra. D. Maria José Pereira Portugal da Graça (28 de março de 1873)", *op. cit.*, 1873, 17 abr., n.2, p.8; Campos Oliveira, "Uns versos", *op. cit.*, 1873, 31dez., n.38, p.152; Francisco Antônio Martins Bastos, "Soneto" [Ao campo, adeus, dizendo a Primavera]. *op. cit.*, 1873, 19 jun., n.11, p.43; J. M. da Costa e Silva, "Ode anacreontica", *op. cit.*, 1873, 3 jun., n.9, p.36; Ad..., "Poesia", *op. cit.*, 1873, 26 jun., n.12, p.48.

267 . Brito Aranha, sobre texto de Emilio Castelar, "Os deuses e os operarios", *Jornal de Moçambique*, 1874, 15 jan., n.2, p.6-7; 22 jan., n.3, p.10-11; T. L. de B., "Regras da arte de escrever", *op. cit.*, 1873, 4 set., n.22, p.85; T. L. de B., "Sobre a arte d'escrever (Continuado do n.22)", *op. cit.*, 1873, 25 set., n.25, p.97-98.

gosto" (p. 98). Entrava-se assim na hermética discussão do que venha a ser estilo e gênio literário. Interessa, pois, registrar a presença dessa argumentação num lugar em que praticamente não se discutia formalmente a linguagem.

O Africa Oriental: a consolidação de uma pequena tradição

Mas também o *Jornal de Moçambique* teria seu fim bastante cedo, já em 1875. No ano seguinte, surgia o *Africa Oriental* (30 nov. 1876 – 24 dez. 1887), aparentemente um novo semanário informativo e literário, mas, na verdade, publicado pelos mesmos editores do *Noticiário de Moçambique* e do *Jornal de Moçambique*. A distribuição de forças entre os associados então mudara, pois Joaquim José Lapa, que não aparecia no *Jornal de Moçambique*, voltou a atuar, ao lado de João Sinfrônio de Carvalho, como editor do periódico. Já Francisco de Paula Carvalho aparecia como o único proprietário. Aí foi também revelado que Joaquim José Lapa era o antigo tipógrafo da Imprensa Nacional de Moçambique. Talvez fosse aquele que chegara junto com a primeira máquina impressora.

O *Africa Oriental* teve diversos administradores, sendo o primeiro Antônio da Costa Madeira Pimentel e o último João Vicente do Espírito Santo. Inicialmente, teve quatro páginas, mas seu formato sofreu alterações diversas vezes. Foi o primeiro periódico não-oficial de Moçambique com tipografia própria (Rocha, 1985: 28). Ainda assim, a regularidade semanal de sua publicação foi bastante instável, falhando por alguns períodos.

No exemplar n. 1, apareceu o texto "Moçambique, 30 de novembro", que apresentava a proposta do periódico. Está em parte ilegível por causa do desgaste da impressão; é possível, porém, ler que seus redatores pretendiam:

> Advogar os interesses da terra tão generosamente dotada pela natureza e tão abandonada do trabalho do homem, procurando fazel-a conhecida da metropole, onde hoje ainda é considerada como esteril e insalubre, deserta - [?] dar e lembrar constantemente[?] aos poderes publicos os melhoramentos de que ella ha tanto tempo carece; - indicar a iniciativa particular o melhor rumo a seguir afim de desentranhar desta [?] região as riquezas que encerra; - dar conta dos acontecimentos mais [?] que se vão suscedendo nos diversos pontos desta extensa provincia; - responder [?] ás erradas apreciações dos extrangeiros com a verdade dos fatos, e a geral [?] sentimentos -; [?] eis, em breves e resumidas palavras o programma que tentamos seguir na redação da Africa Oriental.[268]

Apesar dos interesses econômicos que fundamentavam tais afirmações, existia um evidente apreço dos redatores para com a colônia moçambicana. Era o apreço do explorador, do colonizador, que via naquelas paragens seu próprio benefício: um lugar para investir temporariamente, um lugar de enriquecimento rápido e fácil. Mas, para além disso, transparecia no texto uma manifestação de consideração por aquela colônia, já que os redatores pretendiam

[268] . "Moçambique 30 de novembro", *Africa Oriental*, 1876, 30 nov., n.1, p.1-2.

revelar suas riquezas, desmentir impropérios a ela dirigidos, orientar os investimentos públicos para seu mais eficaz melhoramento.

Publicava-se todo o tipo de matéria. Assim, como já aparecia no *Jornal de Moçambique*, mantinha a seção "folhetim", ocupando a metade da primeira página e, eventualmente, das seguintes. Além de política e notícias, apareciam ali história, educação, crítica literária, costumes, biografias, narrativas de viagens, crônicas, contos, poemas, novelas, romances etc. Era uma publicação bastante rica em material literário, em parte por razão de sua longevidade.

Sabemos o decisivo papel que a Sociedade de Geografia de Lisboa teve na colonização africana no último quartel do século XIX. Na seção "folhetim", foi reproduzido um artigo de Joaquim Carlos Paiva de Andrade, capitão de artilharia, intitulado "Folhetim do Jornal das Colonias – Manica – Comunicação e proposta á Sociedade de Geographia".[269] Por esse artigo, podemos ter idéia da política portuguesa entre os grupos africanos, ora apoiando um, ora outro, na busca do controle da região. Também se percebia o quanto as condições geográficas interferiram em tal dominação e sua fragilidade – servindo mais para convencer a Europa do que os africanos.

No que dizia respeito às notícias, vale a pena registrar os artigos: "Emigração chineza para Moçambique", assinado por S. C., argumentando em prol do estímulo da mesma naquela colônia; "A metropole e as colonias", apontando para a necessidade de maior autonomia financeira e administrativa por parte das colônias; "Capelo e Ivens – manifestações aos eminentes exploradores", relatando a chegada dos viajantes e a receptividade das autoridades locais; "Communicado", de José Peixoto do Amaral, no qual se notava que Peixoto do Amaral era tenente do Batalhão de Caçadores n. 3. – a informação era relevante na medida em que o tenente teria grande participação na seção "folhetim" desse periódico, com traduções de contos e romances do francês e com produções próprias de alguns contos e de um romance.[270]

Quanto aos costumes, tema muito abordado pelos periódicos oitocentistas, apareceram, por exemplo, os "Usos e costumes dos indigenas da Província de Moçambique".[271] Dentro da seção "folhetim", temos ainda de Marc-Monnier, com tradução do francês de Ruy Xavier, "Dona Grazia – estudo de costumes napolitanos por..." e os "Costumes turcos", traduzidos possivelmente pelo mesmo Ruy Xavier.[272]

Em educação, apareceram os artigos já mencionados no capítulo anterior sobre a Escola de Artes e Ofícios, fundada em 1878.

---

269 . Joaquim Carlos Paiva de Andrade, "Folhetim do Jornal das Colonias - Manica - Comunicação e proposta á Sociedade de Geographia", *Africa Oriental*, 1882, 21 ago., n.210, p.1-4.

270 . S. C., "Emigração chineza para Moçambique", *Africa Oriental*, 1877, 29 dez., n.52, p.2-3; "A metropole e as colonias", *op. cit.*, 1878, 27 nov., n.94, p.1; "Capelo e Ivens - manifestações aos eminentes exploradores", *op. cit.*, 1885, 28 nov., n.297, p.4; José Peixoto do Amaral "Communicado", *op. cit.*, 1882, 8 abr., n.198, p.4.

271 . "Usos e costumes dos indigenas da Província de Moçambique", *Africa Oriental.*, 1883, 23 mai., n.229, p.2.

272 . Marc-Monnier, "Dona Grazia - estudo de costumes napolitanos por...", *Africa Oriental* , 1878, 5 mar., n.60, p.1; 1878, 10 mar., n.61, p.1; 1878, 17 mar., n.62, p.1; 1878, 31 mar., n.64, p.1; "Costumes turcos", *op. cit.*, 1878, 22 set., n.85, p.1-2; 1878, 6 out., n.87, p.1-2; 1878, 13 out., n.88, p.1; 1878, 20 out., n.89, p.1.

A crítica literária

Em matéria de crítica, apareceu um interessante artigo de Rui Xavier, o mesmo que já vimos como tradutor de alguns textos do francês, intitulados "O folhetim do ultimo numero". Nesse artigo, criticava de forma contundente o romantismo tardio e ingênuo de José Pedro da Silva Campos Oliveira, que, como vimos, foi o principal poeta do *Jornal de Moçambique*, mantendo o mesmo prestígio no *Africa Oriental*.

Depois de condenar a crítica destrutiva e dissertar sobre sua positividade, Rui Xavier forneceu alguns dados sobre a vida de Campos Oliveira e finalmente iniciou seu ataque ao que considerava um romantismo extremado do poeta:

> [...] o sr. José Pedro é um lyrico. Persegue ainda um estafado ideal que tem uma bronchite chrónica e maus dentes. É aquella "virgem" de que nos fala o Almanach do sr. Carneiro e em cuja ingenuidade eu não acredito [...]
>
> - Poeta! A arte tem a seguinte differença radical de Moçambique: Enquanto a mencionada terra anda para traz, ella impavida anda para diante! [...]
>
> Quando a humanidade se extorce de encontro ás mais graves questões, quando a economia politica, nascida hontem, ameaça hoje baquear, quando os povos que já pediam no incendio de 1789 liberdade e pão, pedem hoje cheios de grande direito irrespondivel, mais pão e mais liberdade, quando a sciencia toda cada vez mais positiva, cada vez mais experimental desvenda um a um mysterios impenetraveis como dogmas, crê, poeta, o povo não pede doces lyrismos que apodrecem de luxuria, pede suas[?] verdades que o illuminem ou pelo menos graves palavras que o consolem, não pede beijos ao clarão da lua, pede carne sobre a mesa, não quer amor, exige – justiça.
>
> E depois de ter tossido eu continuaria assim:
>
> - Nascestes n'uma pequena ilha. Tens desde que nascestes, deante de ti, este mysterioso gigante – o Mar. Tens um grande povo rude e barbaro, do qual a negrura do rosto, é a traducção fiel da escura ignorancia que lhe entorpece o cerebro; mas elle tem costumes originaes, tem a sua lingua selvagem, tem a melancolica toada dos seus cantares. Tens a possante vegetação luxuriante dos tropicos, tens a desgraça d'aquelles a quem o crime e a miseria e a ignorancia fiseram desterrar da sua patria...
>
> E nada disto te inspira ainda? Ainda não encontraste na tua lyra o som grave que traduz todos estes [sic] coisas?[273]

Rui Xavier era provavelmente um português da metrópole, que pretendia substituir a cartilha romântica dos que escreviam versos naquela colônia pela cartilha da geração de 70. Mas não seria tarefa fácil.

Na seção "folhetim" temos o texto de C. Ayres, "*Folhas sem flores* – versos de Ernesto Marecos". O crítico decepcionou-se em constatar que, apesar de a maior parte dos poemas de Ernesto Marecos ter sido escrita em Goa, seu caráter era integralmente europeu, na forma e no assunto, e afirmava:

> É pena que os raros poetas nossos que chegam à India não procurem deixar uma prova do seu interesse em conhecer e tratar, com consciencia e conhecimento de causa, os variados

[273] . Rui Xavier, "O folhetim do ultimo numero", *Africa Oriental*, 1877, 19 abr., n.16, p.2-3.

> assumptos que alli abundam e reclamam de ha muito um artista ou um simples chronista na parte que diz respeito a coisas portuguezas.[274]

E mais adiante iria dizer:

> Pena é que o sr. Marecos para o expressar [o sentimento] se servissse de moldes hoje completamente depreciados, para não dizermos mortos completamente [...] Não aconselhamos contudo ao sr. Marecos o modernismo, pois que em opposição á maneira preterita, não menos falsa que a primeira, vemos hoje por ahi abundar na litteratura e na arte os aleijões e as disformidades.[275]

Mais uma vez vemos estreitadas as relações literárias entre Goa e Moçambique. O crítico C. Ayres, todavia, não tinha a mesma postura arrojada de Rui Xavier. Ao mesmo tempo que recomendava o emprego da cor local, revelava reservas para com o modernismo, isto é, para com o naturalismo, como ficou conhecida a literatura de "aleijões" e "deformidades". Tinha-se, portanto, naqueles anos em Moçambique, uma gama variada de gostos literários, ao menos no que dizia respeito à crítica.

Além dos textos acima, vale destacar alguém que assinava T. B. e publicou o texto "*Portugal e os estrangeiros*, por Manoel Bernardes Branco", tecendo muitos elogios ao livro. Também apareceu uma crônica polêmica de Camilo Castelo Branco, "Os contrafactores do Brazil", na qual o escritor realizou uma severa crítica da propriedade literária do modo como a defendia Herculano, fazendo a defesa do direito autoral e atacando frontalmente a apropriação (ou roubo) feita pelos editores brasileiros das obras portuguesas.[276]

A crônica e afins

Uma outra voga oitocentista hoje pouco conhecida era a dos pequenos resumos sobre a vida de personalidades famosas. Apareceram, por exemplo, uma biografia e crítica da obra de Verdi, um texto sobre Gutenberg e outro sobre Garibaldi. É interessante notar que juntamente a este último artigo apareceu a seguinte notificação: "Com a devida venia transcrevemos da *Correspondencia de Portugal*", o que revelava a preocupação com a questão do direito de reprodução e, em última instância, do direito autoral, matéria debatida por Camilo Castelo Branco no artigo supracitado, fazendo notar que os editores do *Africa Oriental* não pretendiam seguir, nesse aspecto, os passos dos brasileiros.[277]

---

274 . C. Ayres, "*Folhas sem flores* - versos de Ernesto Marecos", *Africa Oriental*, 1879, 18 mai., n.106, p.1.
275 . C. Ayres, "*Folhas sem flores* - versos de Ernesto Marecos", *Africa Oriental*, 1879, 18 mai., n.106, p.2.
276 . T. B., "*Portugal e os estrangeiros*, por Manoel Bernardes Branco", *op. cit.*, 1879, 1 jun., n.108, p.1-2; 1879, 8 jun., n.109, p.1-2; crônica literária, Camillo Castello Branco, "Os contrafactores do Brazil", *op. cit.*, 1879, 17 ago., n.119, p.1-2; Camillo Castello Branco, "Os contrafactores do Brazil", *op. cit.*, 1879, 24 ago., n.120, p.1-2.
277 .F. J., "Verdi", *Africa Oriental*, 1879, 4 mai., n.104, p.1; 1879, 11 mai., n.105, p.1; I. de Vilhena Barboza, "João Guttemberg", *op. cit.*, 1883, 20 nov., n.242, p.1; 1883, 4 dez., n.243, p.1-2; 1883, 31 dez., n.244, p.1-3; "Garibaldi", *op. cit.*, 1882, 15 ago., n.209, p.1-2.

Do já criticado Campos Oliveira, havia as "Cartas a uma senhora – I",[278] endereçadas a uma amiga em Goa. Para além de qualquer relação pessoal, o texto corroborava a íntima relação entre as duas colônias portuguesas.

No campo das narrativas de viagens e de expedições, apareceu, por exemplo, o longo texto de Henry O'Neill, cônsul britânico em Moçambique entre 1879 e 1882, traduzido por Augusto de Castilho e intitulado "Africa oriental portugueza – observações ácerca da costa e interior da província de Moçambique". Houve também a "Expedição ao Incomati", de Xavier de Matos, as "Recordações da Zambezia – de Moçambique a Tete – notas de viagem por Joaquim de Almeida da Cunha" e a "Nova expedição americana ao Polo Norte", assinada por J. V.[279]

Vale registrar aqui a presença de Joaquim de Almeida da Cunha, bacharel por Coimbra, que, tornado oficial da marinha, foi nomeado secretário do governo de Moçambique em 1880, passando posteriormente a secretário-geral da mesma colônia. Em 1886 foi nomeado secretário-geral de Angola, mantendo-se no cargo até 1891. Retornou a Portugal, mas em breve regressaria para Angola, onde morreu em 1900. Deixou diversas publicações, porém interessa ressaltar seu *Vocabulário das línguas de Moçambique (lingua Mavia)*, suas traduções do espanhol (*Antes honra que louvor*), do alemão (*Intermezzo*, de H. Heine) e do italiano (*O proscrito*, de A. Caccianiga), revelando que tinha um grande interesse pelo trabalho com a língua.

Na seção "folhetim" temos diversas crônicas, algumas delas, sobre educação e leitura, já por nós referidas no capítulo anterior. De Eduardo de Noronha, por exemplo, apareceu o texto "O baile do club",[280] datado de "Moçambique, 23 de Fevereiro de 1886". Descrevia os preparativos para o baile e nada menos do que doze *toilletes* de senhoras da sociedade. Ao notar que o forte calor impossibilitou que se dançasse o quanto se desejava, observava ironicamente que tal impossibilidade foi agravada pela "invasão dos mouros e baneanes que vieram embalsamar o ar com a suave fragrancia dos seus perfumados corpos" e pela morosidade do *buffet*. Teceu ainda algumas considerações sobre casais apaixonados. É de fato uma crônica muito interessante, se tivermos em conta que tanto nos faz notar o preconceito do branco em relação aos indianos e árabes, como revela a convivência social desses mesmos grupos. É também evidente que a preocupação em descrever os vestidos das senhoras da sociedade indicava uma tentativa de valorizar e mesmo eleger as mulheres mais elegantes da colônia, instituindo assim aquele *glamour* social e cultivo do bom gosto já apontados por Sylvio Nemo como inexistentes naquela colônia.

---

278 . Campos Oliveira, "Cartas a uma senhora - I", *Africa Oriental*, 1878, 11 ago., n.79, p.1.

279 . Henry O'Neill, Consul de Sua Magestade Britannica nas possessões portuguezas da Africa Oriental - 1879-1882, "Africa oriental portugueza - observações ácerca da costa e interior da província de Moçambique, por...", *Africa Oriental*, 1882, 26 dez., n.220, p.2-3 (continua por diversos números); Xavier de Matos, "Expedição ao Incomati", *op. cit.*, 1884, 16 ago., n.262, p.1-2; 23 ago., n.263, p.1-2; 30 ago., n.264, p.1-2; Joaquim d'Almeida da Cunha, "Recordações da Zambezia - de Moçambique a Tete - notas de viagem por...", *op. cit.*, 1882, 16 dez., n.218, p.1-3 (afirma ser continuidade do n. antecedente, que faltava); 26 dez., n.220, p.1; 1883, 23 jan., n.221, p.2-3; 12 fev., n.222, p.1-3; 23 fev., n.223, p.1-2; 19 mar., n.224, p.1; 5 abr., n.225, p.1-2; 19 abr., n.226, p. 1; J. V., "Nova expedição americana ao Polo Norte", *op. cit.*,1879, 6 abr., n.101, p.1-2; 1879, 13 abr., n.102, p.1-2; 1879, 27 abr., n.103, p.1-2.

280 . Eduardo de Noronha, "O baile do club", *Africa Oriental*, 1886, 6 mar., n.300, p.1-3.

Francisco José Lopes Pereira, nas "Recordações da patria (a meus irmãos)", datado de "Moçambique, 4 de Dezembro de 1876", concluiu sua crônica com um poema, sem título, tematizando a saudade que teria de Portugal. Na seção "folhetim" reapareceu o tema da monotonia que imperava na vida social da ilha de Moçambique, relatando ainda uma festa em Mossuril. Em "As ultimas descobertas" temos ponderações sobre a tecnologia, com uma descrição bastante minuciosa do fonógrafo e do aerofone de Thomas Edison. Possivelmente era uma reprodução de algum texto publicado em periódicos portugueses ou europeus. Já Manoel Roussado fez, em "Os homens feios", um bem humorado elogio aos feios, entre os quais se incluía.[281]

Também apareceu a tradução de um texto de Lamartine, "Deveres civis do paracho", tratando o tema a partir de uma visão ideal cristã das funções sacerdotais, sem qualquer acento político. Houve um texto sobre "Serpa Pinto em Paris", noticiando o convite que o ilustre pesquisador recebera para falar de sua viagem pela África na Sorbonne. Outro grande nome, Alexandre Herculano, apareceu com "Uma villa nova antiga", descrevendo a cidade de Évora.[282]

Deixando os grandes escritores, temos ainda o texto moral de Tojal [?] Pereira intitulado "O luxo", um outro de Democritos, "A queda", sobre a demissão do governador-geral de Moçambique, Agostinho Coelho (texto extremamente irônico, em que o redator aprovava a demissão), e "O caminho de ferro portuguez de Lourenço Marques ao Transwal", que comentava os problemas políticos, materiais e de mão-de-obra em torno da construção da estrada.[283]

Por uma vista de olhos na crônica publicada no *Africa Ocidental*, vislumbra-se uma sociedade letrada na ilha de Moçambique, que procurava registrar seus eventos comemorativos em crônicas, que procurava ilustrar minimamente seus membros a partir das pequenas biografias sobre personalidades famosas da cultura européia e com textos sobre novas tecnologias e que, principalmente, procurava registrar suas viagens, por mais insignificantes que fossem. Esse fascínio pelo registro de viagens era moda na Europa e, em se tratando de África, era possivelmente uma das atividades mais valorizadas pelos europeus naquelas paragens. Os perigos e as adversidades, as belezas e as excentricidades regionais, a aventura e o exotismo, tudo isso constituía a figura do herói viajante, um valoroso personagem que, aos olhos do europeu, poderia e mesmo deveria ser representado por aqueles que viviam e escreviam na África.

---

281 . Francisco José Lopes Pereira, "Recordações da patria (a meus irmãos)", *Africa Oriental*, 1876, 11 dez., n.3, p.1-2; "Folhetim", *op. cit.*, 1877, 20 dez., n.51, p.2; "As ultimas descobertas", *op. cit.*, 1878, 7 jul., n.75, p.1-2; Manoel Roussado, "Os homens feios", *op. cit.*, 1879, 10 ago., n.118, p.1-2.

282 . Lamartine, "Deveres civis do paracho", *Africa Oriental*, 1879, 1 set., n.121, p.1-2; 1879, 8 set., n.122, p.1-2; "Serpa Pinto em Paris", *op. cit.*, 1879, 23 out., n.129, p.1-2; Alexandre Herculano, "Uma villa nova antiga", *op. cit.*, 1884, 6 dez., n.272, p.1-2; 1884, n.273, p.1-2.

283 . Tojal [?] Pereira, "O luxo", *op. cit.*, 1885, 21 fev., n.277, p.1-2; Democritos, "A queda", *Africa Oriental*, 1885, 14 fev., n.280, p.1-2; "O caminho de ferro portuguez de Lourenço Marques ao Transwal", *op. cit.*, 1887, 23 jul., n.325, p.2-3.

A literatura ficcional

Quanto à literatura ficcional, apareceu dentro e fora da seção "folhetim", sendo, junto com a crônica, um dos gêneros privilegiados do periódico.

Diversas das narrativas ficavam inconclusas pelo próprio periódico ou, por vezes, não tivemos disponíveis os exemplares necessários à sua conclusão. Entre as incompletas, encontrava-se, por exemplo, o anônimo texto "O amigo da morte", contando as desventuras de um filho ilegítimo da aristocracia portuguesa que, fantasticamente, se tornou amigo da Morte. Foi redigida com bastante humor e dinamismo. Também não pudemos ver o fim da interessante sátira passada em Lisboa, a "Historia d'um nariz grande", de Ubaldo Moniz.[284]

Outro nas mesmas condições foi o anônimo texto "Scenas da India – D. Lourenço de Almeida (duelo com os 14 nayres) – 1507", que descreveu a luta de um certo D. Lourenço contra a gente de Panane, na Índia, sendo o herói quase esquartejado por seus inimigos. Foi publicado no número seguinte ao da crítica de C. Ayres à falta da realidade indiana nos poemas de Marecos, sugerindo que sua autoria possa ter sido do próprio C. Ayres, ou ao menos eleito por ele, pretendendo assim demonstrar como se colocava verdadeiramente a Índia dentro de um texto. Para completar esse fragmentado quadro, ainda podemos citar uma narrativa amorosa, anônima e incompleta, intitulada "Laura".[285]

O *Africa Oriental* revelou um gosto especial por Camilo Castelo Branco, principalmente durante o ano de 1879. Do escritor, apareceram os textos: "Prefacio do Cancioneiro Alegre (dedicado ao bom senso da Rua das Flores e da Rua dos Capellistas)", "A medicina portugueza no século XVII", "A mesa mysteriosa" e "A revolta das freiras de Odivellas".[286]

Também autores portugueses de menor projeção foram ali reproduzidos, como, por exemplo, Júlio Cesar Machado, com seu "Rilhafolles – As doidas", narrando um passeio pelo hospício Rilhafolles, que abrigava loucas em Lisboa, ou o romance de Francisco Leite Bastos, "O incendiario da patriarchal".[287]

Quanto aos colaboradores que não sabemos se se encontravam em Moçambique ou não, havia o trágico conto de amor de autoria de Sobral da Rocha, intitulado "Beatriz", e um outro de

---

[284] . "O amigo da morte", *Africa Oriental.*, 1883, 31 ago., n.237, p.1-2; Ubaldo Moniz, "Historia d'um nariz grande", *op. cit.*, 1877, 4 mar., n.12, p.1-2.

[285] . "Scenas da India - D. Lourenço de Almeida (duelo com os 14 nayres) - 1507", *Africa Oriental*, 1879, 25 mai., n.107, p.1; "Laura", *op. cit.*, 1887, 26 nov., n.334, p.2.

[286] . Camillo Castello Branco, "Prefacio do Cancioneiro Alegre (dedicado ao bom senso da Rua das Flores e da Rua dos Capellistas)", *Africa Oriental*, 1879, 22 jan., n.111, p.1; 1879, 29 jun., n.112; "A medicina portugueza no século XVII", *op. cit.*, 1879, 6 out., n.126, p.1-2; Camillo Castello Branco, "A mesa mysteriosa", *op. cit.*, 1879, 9 out., n.127, p.1-2; Camillo Castello Branco, "A revolta das freiras de Odivellas", *op. cit.*, 1879, 16 out., n.128, p.1-2;

[287] . Julio Cesar Machado, "Rilhafolles - As doidas", *Africa Oriental*, 1885, 7 fev., n.276, p.1-2; Leite Bastos, "O incendiario da patriarchal", *op. cit.*, 1879, 30 out., n.130, p.1-2; 1879, 6 nov., n.131, p.1-2; 1879, 13 nov., n.132, p.1-2; 1879, 20 nov., n.133, p.1-3; 1879, 27 nov., n.134, p.1-3; 1879, 4 dez., n.135, p.1-3; 1879, 11 dez., n.136, p.1-3; 1879, 18 dez., n.137, p.1-3; 1879, 26 dez., n.138, p.1-3; 1880, 1 jan., n.139, p.1-3; 1880, 8 jan., n.140, p.1-3 (continua até 1881).

D. Antônio da Costa, "Historia do marechal Saldanha – Batalha de Almoster", descrevendo a histórica batalha contra os adeptos de D. Miguel.[288]

De Campos Oliveira reapareceu o texto "Fez-se uma vez um casamento", ali incompleto, mas sendo o mesmo que publicara no *Jornal de Moçambique* com o título de "Houve uma vez um casamento". O escritor também estampou "Ambição", uma tragédia familiar ambientada em Goa, e a narrativa "Um conto", que elogia o exemplo de integridade dos maçons e denuncia a corrupção da Igreja.[289]

Outro autor que se destacou foi José Peixoto do Amaral, de quem apareceu o conto "A probidade e o crime", que narrava uma situação moralizadora e rocambolesca, situada no Porto, o texto satírico "Meia hora de enfado", o conto "Uma decepção", que era um tanto chocante aos olhos contemporâneos, já que a decepção em questão era o fato de sua amada ser coxa. E talvez a narrativa de maior interesse no *Africa Oriental* fosse o seu texto "Os mysterios do Porto – romance original", publicado entre 1880 e 1881. Apesar de sofrer do mal da incompletude (como tantos outros que vimos acima), foi, até onde sabemos, a primeira tentativa de publicar um romance original nas páginas de um periódico moçambicano. Não foi possível saber se o texto chegou a ser concluído e publicado posteriormente em livro. Todavia, a empreitada dos editores do *Africa Oriental* merece respeito, visto já sabermos que era bem mais fácil e garantido publicar traduções de autores consagrados europeus ou de portugueses renomados. Possivelmente portuense, Peixoto do Amaral, um militar, apresentava uma expressiva colaboração nos periódicos moçambicanos, como poderemos constatar daqui em diante.[290]

Já textos como "Uma carta anonyma", que apresentou um interessante conto de intriga e tragédia, assinada por um tal de Riguleto, ou os trabalhos anônimos "O padre – transcripto das paginas d'um Almanach", que atacava frontalmente a figura social e religiosa do padre e da própria Igreja Católica, parecendo ter sido escrito por um revolucionário comunista, e o conto "Depois d'um baile", narrativa de amor bem escrita e bastante sintética, são muito difíceis de

---

[288] . Sobral da Rocha, "Beatriz", *Africa Oriental*, 1887, 7 mar., n.317, p.1-2; 1887, 22 mar., n.318, p.1; D. Antonio da Costa, "Historia do marechal Saldanha - Batalha de Almoster", *op. cit.*, 1879, 15 set., n.123, p.1-2; 22 set., n.124, p.1-2; 1879, 29 set., n.125, p.1-2.

[289] . C. O., "Ambição", *Africa Oriental*, 1876, 7 dez., n.2, p.1-2; C.O., "Um conto", *op. cit.*, 1882, 2 set., n.212, p.2-3.

[290] . José Peixoto do Amaral, "A probidade e o crime (conto)", *Africa Oriental*, 1883, 14 mai., n.228, p.1; 1883, 23 mai., n.229, p.1; 1883, 6 jun., n.230, p.1-2; 1883, 14 jun., n.231, p.1-2; 1883, 27 jun., n.232, p.1-2; 1883, 10 jul., n.233, p.1-2; 1883, 23 jul., n.234, p.1-2; 1883, 14 ago., n.235, p.1-2; 1883, 22 ago., n.236, p.1-2; J. P. do Amaral, "Meia hora de enfado (conto)", *op. cit.*, 1882, 2 jan., n.193, p.1; José Peixoto do Amaral, "Uma decepção (conto)", *op. cit.*, 1882, 9 mai., n.200, p.1; 29 jun., n.204, p.3; José Peixoto do Amaral, "Os mysterios do Porto - romance original", *op. cit.*, 1880, 12 fev., n.145, p.1-2; *op. cit.*, 1880, 19 fev., n.146, p.1-2; 26 fev., n.147, p.1-2; 1880, 4 mar., n.148, p.1-2; 8 abr., n.149, p.1-2; 16 mai., n.152, p.1-2; 23 mai., n.153, p.1-2; 30 mai., n.154, p.1-2; 6 jun., n.155, p.1-2; 14 jun., n.156, p.1-2; 21 jun., n.157, p.1-2; 28 jun., n.158, p.1-2; 20 set., n.166, p.1-2; 3 out., n.167, p.1-2; 11 nov., n.169, p.1-2; 23 dez., n.171, p.1-2; 30 dez., n.172, p.1-2; 1881, 9 jan., n.173, p.1-2 (prometia continuidade, o que não aconteceu).

serem classificados por sua autoria, já que podem tratar-se de textos originais, de traduções, versões, adaptações etc.[291]

Por vezes, as imitações explícitas eram indicadas, como a do texto satírico intitulado "...Tinhada – Imitação", assinado por um certo K., que tinha por mote um cão; ou a imitação de R. M. Amaral, intitulada "Uma aventura n'uma restaurant (Imitação)", na qual se narrava o episódio de um homem que se encantou com um travesti, acreditando que fosse uma mulher, o que atribuiu ali um duplo sentido para o termo "imitação".[292]

Traduções

Em matéria de textos traduzidos, temos, por exemplo, as "Scenas intimas", em que um florista matou a mulher e o amante desta e depois desfez-se de toda sua riqueza. Era uma espécie de caso-verdade, pois o narrador afirmava ter retirado o caso de um jornal parisiense. Também apareceu "O sonho de Alouis – scena rustica por Erkmann Chatrian", traduzido por R. X. (possivelmente Ruy Xavier), narrando as aventuras juvenis ambientadas em um país de língua germânica, e, do mesmo autor, "O amigo Fritz", sem indicação do tradutor. De Md. Marie Norichal temos o "Romance – O Hotel Woronzof", sendo curioso notar que este texto era disposto de modo a formar duas páginas de livro por folha de jornal para a futura montagem do livro pelo leitor – mas infelizmente apresentou-se incompleto nas fontes consultadas.[293]

José Peixoto do Amaral destacou-se na divulgação dos textos de língua francesa, ao trazer às folhas do periódico o texto de Eugênio Sue, "A familia Jouffroy", o inconcluso texto de René de Pont-Jest, "A mulher de cera", e também um longo trabalho de Xavier de Maistre, "Os prisioneiros do Caucaso". Nos dois primeiros, tratava-se de uma "versão livre" de Peixoto do Amaral, como vem indicado. No último, a indicação era de tradução.[294]

Apareceu ainda uma série de textos intitulados "Historia da actualidade – Coleção de folhetins vertido do francez por Z...", que estampou três folhetins: "Para não ser tosqueado", "In

---

[291] . Riguleto, "Uma carta anonyma", *Africa Oriental*, 1883, 30 abr., n.227, p.1-2; Transcripto das paginas d'um Almanach, "O padre"; *op. cit.*, 1883, 15 out., n.240, p.2-3; "Depois d'um baile"; *op. cit.*, 1886, 28 nov., n.312, p.4.

[292] . K., Membro da associação portectora dos animaes, "...Tinhada - Imitação", *Africa Oriental*, 1880, 3 out., n.167, p.3; R. M. Amaral, "Uma aventura n'uma restaurant (Imitação)", *op. cit.*, 1887, n.315 ou 316 (?), p. 2.

[293] . "Scenas intimas", *Africa Oriental*, 1879, 9 out., n.127, p.3; "Fez-se uma vez um casamento", *op. cit.*, 1882, 19 set., p.214, p.3; 1883, 22 set., n.238, p.1-2; 1883, 6 out., n.239, p.1-2; 1883, 15 out., n.240, p.1; 1883, 31 out., n.241, p.1-2; Erkmann Chatrian, "O sonho de Alouis - scena rustica por...", *op. cit.*, 1878, 7 fev., n.57, p.1; 1878, 14 fev., n.58, p.1; Erkmann Chatrian, "O amigo Fritz", *op. cit.*, 1876, 21 dez., n.4, p.1-2 (segue por vários números); Md. Marie Norichal [?] - traducção de..., "Romance - O Hotel Woronzof", *op. cit.*, 1877, 4 ago., n.29, p.1-4; 15 ago., n.30, p.1-4.

[294] . Eugenio Sue, "A familia Jouffroy - versão livre de José Peixoto do Amaral", *Africa Oriental*, 1882, 8 abr., n.198, p.1-2 (continua por vários números); ; Xavier de Maistre, "Os prisioneiros do Caucaso", *op. cit.*, 1881, 21 set., n.188, p.1-2 e seguintes; René de Pont-Jest, "A mulher de cera", *op. cit.*, 1885, 28 mar., n.281, p.1-2; 1885, 11 mar., n.282, p.1 (o texto segue por diversos números até o n.313 de 12 dez 1886).

extremis!..." e "Regeneração – I". Procurava-se trazer para Moçambique aquilo que ia nos periódicos franceses, estampando narrativas cheias de ação e de humor.[295]

Se, dos textos até aqui referidos, podemos afirmar com alguma propriedade que foram traduzidos do francês, de outros apenas podemos suspeitar que o foram. Entre estes últimos é possível relacionar: a "Historia d'um vestido azul", tematizando a infidelidade; a narrativa "Joanna de Maurescamp", de caráter moralizador; a "Historia d'uma jovem – Conto moral – Tradução", tematizando a inconstância amorosa; "A lenda da neve (do conde D'Osmond)".[296]

Vale destacar a narrativa "Leonora d'Orcini – romance italiano", que veio com a indicação "vertido do francez", revelando, juntamente com o já citado "Dona Grazia – estudos dos costumes napolitanos", o fascínio da literatura francesa pela Itália e sua conseqüente reverberação em outras literaturas.[297]

É o momento oportuno para observar o quanto a literatura de língua francesa esteve presente em Moçambique, talvez mais do que em qualquer outra colônia portuguesa. Se não todos, a grande maioria dos textos traduzidos publicados pelo *Africa Oriental* tiveram sua origem na literatura de língua francesa.

Os poemas

Quanto à poesia, o mais recorrente poeta era Campos Oliveira. Publicou ali os seguintes poemas: "No album d'uma senhora", datado de dezembro de 1876; "A Ernesto Marecos"; "O sultão trahido", datado de 1877; "Fragmento d'um poema inedito", editado em 1878 e reeditado com o título de "Fragmento" em 1884, quando apareceu a indicação de ser de Campos Oliveira; "Apparição (Victor Hugo)"; "A fonte (Victor Hugo)", datado de julho de 1879[?], seguido de um "Noticiario", observando tratar-se de uma imitação ao poeta francês; "Fragmento d'um poema incompleto e inédito" e um outro "Fragmento d'um poema inédito e incompleto".[298]

---

[295] . "Historia da actualidade - Coleção de folhetins vertido do francez por Z... 1. Para não ser tosqueado", *Africa Oriental*, 1878, 18 jul., n.76, p.1-2; 1878, 25 jul., n.77, p.1; 1878, 3 ago., n.78, p.1; "Historia da actualidade - Coleção de folhetins vertido do francez por Z... In extremis!...", *op. cit.*, 1878,18 ago., n.80, p.1; 1878, 8 set., n.83, p.1-2; 1878, 15 set., n.84, p.1-2; "Historia da actualidade - Coleção de folhetins vertido do francez por Z... Regeneração - I", *op. cit.*, 1878, 27 out., n.90, p.1; 1878, 5 nov., n.91, p.1-2; 1878, 13 nov., n.92, p.1

[296] . Traducção, "Historia d'um vestido azul", *Africa Oriental*, 1886, 29 dez., n.314, p.2; "Joanna de Maurescamp", *op. cit.*, 1884, 9 ago., n.261, p.1-2; 9 jan., n.245, p.1-2; "Historia d'uma jovem - Conto moral - Tradução", *Africa Oriental*, 1878, 6 nov., n.95, p.1; 1878, 16 dez., n.96, p.1; 1878, 23 dez., n.97, p.1-2; 1878, 28 dez., n.98, p.1; 1879, 12 jan., n.99, p.1; "A lenda da neve (do conde D'Osmond)", *op. cit.*, 1879, 15 jun., n.110, p.1-2;

[297] . Vertido do Francez, "Leonora d'Orcini - romance italiano", *Africa Oriental*, 1878, 5 mar., n.60, p.2-3; 1878, 10 mar., n.61, p.2-3; 1878, 17 mar., n.62, p.2-3; 1878, 24 mar., n.63, p.2; 1878, 7 abr., n.65, p.2-3; 1878, 14 abr., n.66, p.2; 1878, 21 abr., n.67, p.2; 1878, 28 abr., n.68, p.2; 1878, 5 mai., n.69, p.1-2; 1878, 25 mai., n.70, p.1-2; 1878, 2 jun., n.71, p.1; 1878, 10 jun., n.72, p.1 [não está concluído].

[298] . No album d'uma senhora", *Africa Oriental*, 1876, 21 dez., n.4, p.16; Campos Oliveira, "A Ernesto Marecos", *op. cit.*, 1878, 21 fev., n.59, p.3; Campos Oliveira, "O sultão trahido", *op. cit.*, 1878, 31 mar., n.64, p.2; Campos Oliveira, "Fragmento d'um poema inedito", *op. cit.*, 1878, 23 dez., n.97, p.3-4 (reeditado em 1884, 17 abr., n.252, p.3); Campos Oliveira, "Apparição (Victor Hugo)", *op. cit.*, 1879, 8 set., n.122, p.4; Campos Oliveira. "A fonte (Victor Hugo)", *op. cit.*, 1879, 13 jul., n.114, p.2; C.O., "Fragmento d'um poema incompleto e inédito", *op. cit.*,

Desses, apenas "O sultão trahido", "Apparição", "A fonte (Victor Hugo)" e "Fragmento d'um poema inédito e incompleto" são aparentemente desconhecidos daqueles que já se ocuparam do poeta, já que não vimos até então qualquer menção a tais versos. Todos, entretanto, continuaram sem outra edição que não a do *Africa Oriental* e, sendo assim, serão reproduzidos em volume anexo, juntamente com os outros trabalhos de Campos Oliveira que também se encontram apenas com edições em periódicos oitocentistas.

Também apareceu aí o renomado Tomás Ribeiro, com o poema "O tear da rainha", datado de 10 de julho [1882]. Ernesto Marecos estampou "Amor de mãe (para recitar ao piano) – Poesia offerecida ao meu bom e prestante amigo o Illmo. Dr. Antonio de Mello Varajão", datado de "Moçambique 15 de Maio de 1879". Seguiu-se ao poema a observação de ser Marecos o então diretor da alfândega da cidade, tecendo elogios derramados ao bardo. Lembremos que nesse mesmo periódico já saíra uma crítica negativa ao seu livro *Folhas sem flores*, anteriormente comentada.[299]

Júlio Talento, ator, declamador e então poeta, apareceu como autor dos versos "Poezia", escritos por ocasião da partida de Varajão, até então diretor da Escola de Artes e Ofícios. Segundo notou, Talento recitou-a numa comemoração ocorrida em 20 de setembro de 1884. Era também Talento quem recitara na festa da noite de 24 de julho um poema sem título ["Há trez irmãs divinas n'este mundo"], de E. Vidal, alegorizando a fé, a esperança e a caridade, e um outro poema anônimo ["Senhores, a scena terminou"].[300]

Havia alguns poemas assinados apenas por iniciais ou pseudônimos, entre os quais vale destacar aquele assinado por M. e intitulado "O negreiro – Á A. de S. C.". Infelizmente, o poema se encontra ilegível devido ao desgaste da impressão, sendo possível apenas constatar que recaía sobre a mesma temática do "Navio negreiro", de Castro Alves, escrito em 1868, poema que provavelmente já seria conhecido em Moçambique.[301]

Mas também apareceram poemas devidamente assinados por seus autores. Ubaldo Moniz, por exemplo, assinou o poema "Amo!", datado de "Julho de 77". A. C. Guerra publicou o poema de amor "Mulher e anjo – Imitação"; S. C. Guerra [datado de: Moçambique 6 de outubro 1880], "Só no mundo – a Manuel Guerra", trazendo diversidade métrica e rítmica, mas com obviedades no plano das idéias e imagens. Faustino Xavier de Novaes estampou "O fim do mundo", que funcionava como desfecho de um texto, com data de 1858, extraído, como vinha indicado, do

---

1877, 9 abr., n.15, p.1; Campos Oliveira, "Fragmento d'um poema inédito e incompleto", *op. cit.*, n.162, 9 ago. de 1880, p.1.

[299] . Thomaz Ribeiro, "O tear da rainha", *Africa Oriental*, 1882, 29 jul., n.207, p.3-4; Ernesto Marecos, "Amor de mãe (para recitar ao piano) - Poesia offerecida ao meu bom e prestante amigo o Illmo. Dr. Antonio de Mello Varajão", *op. cit.*, 1879, 27 jul., n.116, p.3.

[300] . Talento, "Poezia", *Africa Oriental*, 1884, 18 out., n.269, p.3; E. Vidal, *op. cit.*, 1882, 29 jul., n.207, p.2.

[301] . M., "O negreiro - Á A. de S. C.", *Africa Oriental*, 1876, 30 nov., n.1, p.1. Os outros poemas assinados apenas por iniciais são: A., "Adeus a um sorriso - A. M....", *Africa Oriental*, 1878, 14 abr., n.66, p.3; F., (sem título) (Ó despotas de farda tyrannos agaloados"), *op. cit.*, 1885, 16 mai., n.284, p.3; Argus, "Puah, que calor!", *op. cit.*, 1887,

Correspondencia de Portugal. Temos também um trabalho do antigo tipógrafo e depois escritor metropolitano Pedro Carlos de Alcântara Chaves, em homenagem a "O typographo", retirado do *Almanach Portuguez.* Miguel Augusto dos Santos Severino publicou um "Soneto" (Vesgo, curvo, d'aspecto repellente"), inserido no texto "Carta dirigida ao Illmo. Exmo. Snr. Dr. Joaquim d'Almeida da Cunha", no qual Miguel pedia ao sr. Cunha que julgasse poética e filosoficamente os seus versos, que falavam de um vilão que roubou a casa de beneficência maçônica – referia-se depois à expulsão da Maçonaria de um tal irmão Otto. Assim, texto e poema eram evidentemente uma provocação a Joaquim d'Almeida Cunha, que alguma relação teria com o referido roubo. Manoel de Sousa Malhado estampou uma oração fúnebre ao Exmo. Snr. Joaquim Hyppolito de Noronha Gouveia, datada de "Moçambique 22 de maio de 1884", sem título ("Enxuga o pranto sentido"). E, por fim, A. A. Alves de Sousa publicou um poema sem título ("Tem dez annos apressada"), datado de "12-9-84", que encenava o drama da miséria na figura de uma menina que penhorou a boneca para auxiliar os pais, bem ao gosto romântico.[302]

Corroborando a idéia de uma forte presença da literatura francesa em Moçambique, temos uma série de poemas publicados originalmente em francês, como era o caso dos poemas de Vicenta Soares d'Albergaria, nascida em Tertre (como fez notar em rubrica), intitulados "Réverie" e "Je reviendrai", ambos com o sobretítulo "Album das senhoras". Vicenta devia pertencer à família de Maria Soares de Albergaria, condessa de Montermelli, também escritora. Também apareceu um poema assinado por A. Lamoyne, "Le retour", e um de V. Hugo, sem título ("Enfant! si j'etais Roi, je donnerais l'empire").[303]

Entre toda essa produção poética,[304] destacaram-se alguns poemas, quer por sua qualidade textual, quer por sua autoria, como era o caso de "Escuta – Nan são amores", de Amélida, datado de 31 de dezembro de 1878, provavelmente escrito por uma mulher (a não ser que Amálida fosse um pseudônimo), o que vale ser registrado como uma das primeiras publicações do sexo feminino em Moçambique. Também tinha interesse especial o anônimo "A caçada do Diabo – ballada a

---

12 dez., n.335, p.4; Jean, "Ciume e dor" [poema de amor], *op. cit.*, 1880, 3 out., n.167, p.3; Jean, "As minhas duas paixões (devaneio)", *op. cit.*, 1880, 23 dez., n.171, p.3.

[302] . Ubaldo Moniz, "Amo!", *Africa Oriental*, 1877, 19 ago., n.31, p.4; A. C. Guerra, "Mulher e anjo - Imitação", *op. cit.*, 1880, 9 ago., n.162, p.3; S. C. Guerra, *op. cit.*, 1881, 9 jan., n.173, p.3;Faustino Xavier de Novaes, "O fim do mundo", *op. cit.*, 1881, 22 dez., n.192, p.3; P. C. de Alcantara Chaves, "O typographo", *op. cit.*, 1882, 15 fev., n.195, p.3; Miguel Augusto dos Santos Severino, "Soneto" [Vesgo, curvo, d'aspecto repellente"], *op. cit.*, 1885, 16 mai., n.284, p.3; Manoel de Sousa Malhado, (sem título) (Enxuga o pranto sentido), *op. cit.*, 1884, 14 jun., n.256, p.4.

[303] . Vicenta Soares d'Albergaria (née du Tertre), "Réverie", *Africa Oriental*, 1884, 30 ago., n.264, p.3; Vicenta Soares d'Albergaria (née du Tertre), "Je reviendrai", *op. cit.*, 1884, 23 ago., n.263, p.3; A. Lamoyne, "Le retour", *op. cit.*, 1884, 6 set., n.265, p.3; V. Hugo, (sem título) (Enfant! si j'etais Roi, je donnerais l'empire), *op. cit.*, 1884, 6 set., n.265, p.3.

[304] . Há ainda uma grande gama de poemas publicados de forma inteiramente anônima, como é o caso de: * * *, "A amisade", *Africa Oriental,* 1877, 8 fev., n.9, p.3; * * *, "Horrivel penitencia! - Soneto", *op. cit.*, 1877, 8 fev., n.9, p.3; "Era uma vez uma beata...", *op. cit.*, 1879, 26 dez., n.138, p.3; "Satanaz", *op. cit.*, 1878, 16 dez., n.96, p.3-4; "Desesperança", *op. cit.*, 1880, 30 dez., n.172, p.3; "Epigramma", *op. cit.*, 1882, 8 abr., n.198, p.4; V. F. Leão, "O castigo", *op. cit.*, 1882, 8 abr., n.198, p.4; "A caçada do Diabo - ballada a Thomaz Ribeiro", *op. cit.*, 1882, 22 jul., n.206, p.2; "O macaco e o cão", *op. cit.*, 1882, 15 ago., n.209, p.2; A. A. Alves de Sousa, (sem título) (Tem dez annos

Thomaz Ribeiro", datado de janeiro de 1864 e transcrito do *Correspondencia de Portugal*, já que homenageava um dos poetas mais admirados no Oriente português. Já "O baile do pavão" e "Os dois servos" eram poemas bem elaborados. O poema de amor "Coisas!...", assinado por E. N., também destacava-se por sua qualidade.[305]

Já os poemas "A Moçambique", assinado por A., e o poema "Salve, Moçambique – poesia allusiva ao 2º anniversario da posse do benemerito Governador Geral da provincia de Moçambique o Exmo. Snr. Conselheiro Francisco Maria da Cunha", interessam por retratar a ilha e a colônia de Moçambique. O primeiro fez um retrato irônico, porém esmorecido, da ilha, enquanto o segundo vinha com a rubrica: "Para ser recitada pelo auctor na noute do 1º de Setembro de 1879 no Soiré dado pelo Exmo. Snr. José Maria Castellão" e era assinado pelo mesmo Ernesto Marecos das *Folhas sem flores*.[306]

Foi possível consultar, com algumas lacunas, a coleção do *Africa Oriental* até o número 336, de 24 de dezembro de 1887, estando o periódico em seu 16º ano de publicação. Assim, a enumeração de seus anos de edição remonta a 1872, quando surgia o *Noticiário de Moçambique*. Desse modo, é possível afirmar que os três periódicos – *Noticiário de Moçambique*, *Jornal de Moçambique* e *Africa Oriental* – formavam uma única e mesma coleção, que tomou quase duas décadas do jornalismo moçambicano e, para os interesses deste trabalho, a base das publicações literárias românticas em periódicos de Moçambique. O grupo de homens que conduzia tal empreitada era a geração que cultivou o gosto pela literatura romântica naquelas paragens. É o que iremos comprovar mais adiante.

A Revista Africana: primeira publicação literária de Moçambique

Entre os colaboradores dos periódicos que se encontravam no *Africa Oriental* estava o poeta Campos Oliveira. Em março de 1881, na própria Ilha de Moçambique, o poeta lançava a primeira revista literária da colônia, a *Revista Africana*.

A *Revista Africana – periodico mensal de instrucção e recreio* (mar. 1881 – nov. 1885 – 1887) era publicada na Imprensa Nacional de Moçambique, tendo saído o primeiro número em 1881, depois outro n. 1 em 1885, seguido do n. 2 no mesmo ano e do n. 3 apenas em 1887.[307]

---

apressada), *op. cit.*, 1884, 13 set., n.266, p.4; "Bem hajas", *op. cit.*, 1886, 28 nov., n. 312, p.4; "Vem!!", *op. cit.*, 1886 (?), n.313, p.4; "Adeus", *op. cit.*, 1887, n.315, p.2; (sem título), *op. cit.*, 1882, 29 jul., n.207, p.2.

[305] . "Escuta - Nan são amores", *Africa Oriental*, 1882, 8 abr., n.198, p.4; "A caçada do Diabo - ballada a Thomaz Ribeiro", *op. cit.*, 1882, 8 jul., n.205, p.2-3; "O baile do pavão", *op. cit.*, 1882, 15 ago., n. 209, p.2-3; "Os dois servos", *op. cit.*, 1882, 15 ago., n.209, p.3; E. N., "Coisas!...", *op. cit.*, 1886, 6 mar., n.300, p.3-4.

[306] . A. , "A Moçambique", *Africa Oriental*, 1878, 20 nov., n.93, p.1; Ernesto Marecos, "Salve, Moçambique - poesia allusiva ao 2. anniversario da posse do benemerito Governador Geral da provincia de Moçambique o Exmo. Snr. Conselheiro Francisco Maria da Cunha", *op. cit.*,1879, 1 set., n.121, p.3.

[307] . Do n.1 de 1881 só há as páginas 1 e 2 na Biblioteca Nacional de Lisboa. Todavia, o Arquivo Nacional de Moçambique possui o exemplar na íntegra, mas infelizmente não nos foi possível consultar.

Foi inteiramente idealizada por Campos Oliveira e o projeto inicial do periódico previa uma edição mensal, mas, como se constata, sequer conseguiria manter a constância de um anuário. A edição de 1881 era simples, mas a de 1885 já era ilustrada, com gravuras retratando Vasco da Gama e Camões. Em 1887, estampou uma gravura do Paço do Concelho de Moçambique, de autoria de Alberto, a mesma que seria reproduzida na folha comemorativa *Santo Antonio*, de 15 de agosto de 1895, publicada em Moçambique, onde Campos Oliveira também colaborava.

No texto introdutório da *Revista Africana*,[308] assinado pelo poeta-editor, comentava-se o progresso da imprensa naquele momento e notava-se a utilidade daquela publicação "num paiz como este em que são escassos os meios de leitura". Para a empreitada, Campos Oliveira afirmava contar "com o valioso auxilio de talentos robustos que de bom ânimo se prestaram a vir sentar-se comnosco á meza do trabalho e a enriquecer as paginas d'este periodico com as suas locubrações". E declarava o programa da revista: "sempre inoffensiva, alheia inteiramente aos odios particulares e ás questões politicas, apresentará em sua paginas artigos de litteratura, dando preferencia aos de interesse local, romances, viagens e varias outras composições litterarias que, instruindo, não deixão de agradar".

A vontade de afastar-se do universo político podia ser constatada na seção "Correspondencia", onde apareceu uma nota intitulada "Intransigente (Moçambique)", que iniciava afirmando: "Artigos politicos, e além d'isso offensivos, não têm lugar n'este periodico".[309] De fato, não apareceu nenhum artigo de caráter explicitamente político nos exemplares aqui consultados da coleção do periódico. Temos, sim, muita matéria histórica, alguma coisa de educação, jornalismo, arquitetura e diversos contos, crônicas, críticas, poemas e, como não podia deixar de ser, charadas, anedotas, enigmas e logogrifos.

Em história aparecem os seguintes textos anônimos: "Antigualhas – Escriptura de doação da Igreja de Mossuril feita pelo governador e capitão general Balthazar Manoel Pereira do Lago"; "Antigualhas – Previsão do Conselho Ultramarino ao Senado da Camara de Moçambique expedida em 29 de março de 1783"; "Notas sobre a historia dos descobrimentos dos portuguezes em Africa", "Sepultura de D. João de Lencastre", "A bahia de Tungue",[310] revelando uma nítida preferência por temas da história moçambicana em detrimento da portuguesa ou da história geral.

Entre os textos assinados, temos um de Alberto Rocha, "Portuguezes em Africa"; um outro intitulado "Vasco da Gama", de Simeão de Oliveira; o texto "Gibraltar", de Alfredo Ferreri; a

---

308 . Campos Oliveira, [introdução], *Revista Africana - Periodico mensal de instrucção e recreio*, 1881, mar., 1, p.1.
309 . "Correspondencia", *Revista Africana*, 1887, 1 jan., n.3, p.24.
310 . "Antigualhas - Escriptura de doação da Igreja de Mossuril feita pelo governador e capitão general Balthazar Manoel Pereira do Lago", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.2, p.14-15; "Antigualhas - Previsão do Conselho Ultramarino ao Senado da Camara de Moçambique expedida em 29 de março de 1783", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.6; "Notas sobre a historia dos descobrimentos dos portuguezes em Africa", *op. cit.*, 1881, mar., n.1, p.2;

narrativa de viagem "Quatro mil leguas por mar (Fragmento) Dia 14 de junho", de Alfredo Maya;[311] e finalmente uma biografia de "Luiz de Camões", escrita por Campos Oliveira.[312]

Destes, só foi possível saber algo de Alfredo Ferreri e de Alfredo Maya.

Alfredo Brandão Cró de Castro Ferreri, que viria a ser governador de Lourenço Marques, Angoche e Sofala e sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, colaborou também em outras publicações moçambicanas com narrativas de viagens, como no *Correio de Moçambique* e no *Districto de Lourenço Marques* (neste em companhia de Joaquim José Lapa, como veremos adiante)

Alfredo Maya, ou Alfredo de Lacerda Maia, só esteve em Moçambique de passagem. Ainda em Portugal, foi nomeado em 1885 governador do Timor, partindo em viagem para o Oriente. Quando chegou a Moçambique, publicou o texto supracitado, que descreve sua viagem. Segundo Inocêncio da Silva, trouxe grande benefícios para o Timor português, mas acabou assassinado pelos próprios timoreses.

Em educação, apareceu outro texto de Simeão de Oliveira, "Escolas manuaes",[313] historicizando o conceito das escolas manuais – isto é, técnicas – fazendo notar que a Escola de Artes e Ofícios de Moçambique foi fundada por Francisco Maria da Cunha e Henrique Carvalho. Elogiava o período no qual Varejão foi o diretor do estabelecimento e fazia notar que a escola precisava de uma reforma que a capacitasse a ensinar "technologia" a seus alunos, coisa que, segundo Simão de Oliveira, não fazia.

Em arquitetura, dois textos anônimos: os "Paços do Concelho de Moçambique" e "A igreja de S. Marcos em Veneza", comentando a história de tais construções.[314]

Já em matéria de crônica, Campos Oliveira era quem dava as cartas. Foi com o texto "Moçambique – Cartas a uma senhora – I"[315] que Campos Oliveira estampou sua primeira crônica no exemplar n. 1, de março de 1881. Esse mesmo texto já fôra publicado no número 79 do *Africa Oriental*, em 11 de agosto de 1878. O cronista falava da Cabeceira, região campestre onde se encontrava para descanso, tratando das belezas naturais da região. O texto foi recentemente comentado por Antônio Tuzine (1996), que identifica no poeta um incipiente espírito nativista.

"Sepultura de D. João de Lencastre", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.7; * *, "A bahia de Tungue", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.22-23.

311 . Aldredo de Lacerda Maia (1850-1887) era um oficial da marinha e defendia a presença militar na direção das colônias. Publicou seu artigo na *Revista Africana*, o qual deveria vir a ser um livro, no mesmo ano em que se tornou governador do Timor. Apesar dos elogios feitos pelos cronistas à sua administração, morreu assassinado pelos timorenses.

312 . Alberto Rocha, "Portuguezes em Africa", *Revista Africana*, 1887, 1 jan., n.3, p.18; Vasco da Gama, "Simeão de Oliveira", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.1-4; Alfredo Ferreri, "Gibraltar", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.9-11; C. O., "Luiz de Camões", *op. cit.*,1885, 1 out., n.2, p.9; [narrativa de viagem] Alfredo Maya, "Quatro mil leguas por mar (Fragmento) Dia 14 de junho", *op. cit.*,1885, 1 out., n.1, p.4-5.

313 . Simeão de Oliveira, "Escolas manuaes", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.2, p.12-14.

314 . "Paços do Concelho de Moçambique", *Revista Africana*, 1887, 1 jan., n.3, p.17-18; * * *, "A igreja de S. Marcos em Veneza", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.21-22.

315 . Campos Oliveira, "Moçambique - Cartas a uma senhora - I", *Revista Africana*, 1881, mar., n.1, p.1-2.

Sua segunda crônica, datada de "Moçambique, 30 de setembro de 1885", foi estampada no n. 1 de 1885. Assim iniciava:

> Francamente, vejo-me n'este momento em graves embaraços para desempenhar as funcções de chronista. É Moçambique um paiz tranquillo, sem agitações politicas, sem novidades de interesse emfim. Passa-se aqui um mez e mais sem que venha á luz publica um facto importante que prênda a attenção dos que aqui vivem e que valha á pena de ser registado numa chronica. Nestas circumstancias, pois, como traçar uma revista noticiosa quando escasseiam os principaes elementos para a formação d'ella? Se os noticiaristas de Moçambique fossem pagos com um tanto por cada noticia, e se os miseros quizessem viver só do officio, com certeza que morriam de fome, salvo se fossem dotados da sobriedade do camêllo que atravessa o deserto sem tomar alimento durante semanas.[316]

Apesar disso, seguia dando notícia da edição moçambicana da primeira parte do livro de Joaquim d'Almeida da Cunha, *Estudos ácerca dos usos e costumes dos banianes, bathiás, parses, mouros, gentios e indigenas para cumprimento do que dispõe o artigo 8º, § 1º do decreto de 18 de novembro de 1869*. Escreveu ainda sobre alguns contratempos ocorridos com Serpa Pinto na expedição científica "Pinheiro Chagas" e sobre um concerto dado no palácio de São Paulo com músicos alemães da fragata Stosch.

Em sua terceira crônica, datada de "31 de outubro de1885", iniciou revelando-nos que sua ascendência era de fato moçambicana:

> [...] escrevo eu a chronica sob as copadas ramagens d'uma arvore vetusta que provavelmente viu brincar meus avós e que n'este momento me livra d'um calor que derrete.[317]

Já não reclama do marasmo da vida social moçambicana, mas, sim, da regressão que aquela vinha sofrendo:

> Tinhamos aqui ha annos um theatro [Teatro do Principe Real], em que se passavam noites amenas, com a familia, suavindo-se [sic] assim a aridez do viver de Moçambique. Depois, esta casa de recreio entrou a espaçar muito os seus espectaculos, e por fim tão esquecida ficou que a mão ferrea do tempo houve por conveniente desabar parte do edificio... e era uma vez um theatro em Moçambique.
>
> Organisou-se em 1881, sob risonhos auspicios, a Sociedade de Geographia de Moçambique. Houve meia duzia de sessões cheias de eloquencia, projectos famosos... e d'ali ha mezes a sociedade, tão proveitora [sic] e tão necessarioa n'este paiz, acabou.
>
> Temos agora o Club Recreativo e Litterario – unico estabelecimento de recreio na capital – o qual, segundo consta, geme nas vascas da morte e dentro em pouco tempo fechará as suas portas.[318]

Sua terceira e última crônica na *Revista Africana*, de "31 de dezembro de 1886",[319] publicada dois anos após a que acabamos de comentar, em 1887, repetia a mesma ladainha de

---

316 . Campos Oliveira, "Chronica", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.1, p.7-8.
317 . Campos Oliveira, "Chronica", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.2, p.15.
318 . Campos Oliveira, "Chronica", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.2, p.16.
319 . Campos Oliveira, "Chronica", *Revista Africana*, 1887, 1 jan., n.3, p.23-24.

que nada ocorria naquela colônia, e de fato não apresentava novidade alguma, repetindo ainda o mesmo comentário sobre o desconforto provocado pelo calor.

Afora as crônicas de Campos Oliveira, apareceu somente uma outra de Antônio Feliciano de Castilho, com o título de "Perolas soltas – A noute de Natal".[320] Em nota de rodapé, observou-se que o texto fora remetido por Castilho em tempo mais remoto. Todavia, devido à interrupção da publicação da revista, só então podiam dar à luz tal artigo, ressaltando a glória com que o faziam. O texto vinha assinado por Visconde de Castilho, seguindo-se entre parênteses os dois primeiros nomes do escritor, o que pretendia honrar o título por ele adquirido. Era um texto sobre o Natal, sendo que seu maior interesse recaía sobre o nome do autor.

Quanto às narrativas ficcionais, temos "Um conto oriental", um pequeno texto no qual os árabes conseguiram lograr o próprio Diabo – o que dava a medida da imagem que tinham da comunidade moura. Já o inconcluso "Uma noite de nupcias", de Gustave Droz, com tradução de Eduardo de Noronha, tratava de uma situação de casamento. A descrição da noite de núpcias parecia mais a de abate de uma vítima ingênua e indefesa. Todavia, o conto era bem escrito, bem humorado e inacabado, podendo ter uma reviravolta moral em seu desfecho. As "Viagens – fragmento", de Simeão de Oliveira, descrevia uma mulher magnífica que, abandonada pelo amado, sofreu calada nos salões sociais. Um longo texto, intitulado "Como se morre para o mundo", trazia rubricada a observação de ser uma narrativa de tradição madrilena, de autoria de D. Pedro Antônio de Alarcon, com tradução do sr. Brito Aranha. Contava um suposto episódio da vida do pintor flamengo Rubens, que, ao visitar um mosteiro na Espanha, deparara-se com um quadro que o impressionou e a partir dai desvendava-se toda uma trágica história de amor. Também teve lugar o texto cômico "De como um zuavo vendeu o calabouço do regimento", extraído do *Vilore,* de Alexandre Dumas, narrando exatamente o que afirma no título.[321]

Quanto aos poemas, apareceu o "Soneto – A um calculo do angulo horario certo (Ao meu amigo o sr. 2º tenente R. Barreto)", de A. de Castilho, datado de "No mar, 11 de março de 85". Os outros três poemas ali estampados eram de autoria de Campos Oliveira: "Dois anjos", com indicação de ter sido escrito em Moçambique; "O sultão trahido – Ao distincto poeta Fernando Leal – meu amigo", com a mesma indicação; e "Não te esqueci!".[322]

Recordemos que "O sultão trahido", o único dos três que não foi reproduzido por Manuel Ferreira (1985), teve uma primeira edição no n. 64 do *Africa Oriental* de 31 de março de 1878.

---

320 . Visconde de Castilho (Antonio Feliciano), "Perolas soltas - A noute de Natal", *Revista Africana*, 1887, 1 jan., n.3, p.23.

321 . "Um conto oriental", *Revista Africana,* 1881, mar., n.1, p.2; Gustave Droz; "Uma noite de nupcias (Gustave Droz)", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.11; Simeão de Oliveira, "Viagens - fragmento", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.18-19; tradição madrilense de D. Pedro Antonio de Alarcon - tradução do sr. Brito Aranha, "Como se morre para o mundo" , *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.19-20; "De como um zuavo vendeu o calbouço do regimento (Do Vilore de Alexandre Dumas)", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.6.

322 . A. de Castilho, "Soneto - A um calculo do angulo horario certo (Ao meu amigo o sr. 2. tenente R. Barreto), *Revista Africana,* 1887, 1 jan., n.3, p.19; Campos Oliveira, "Dois anjos", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.5; Campos Oliveira, "O sultão trahido - Ao distincto poeta Fernando Leal - meu amigo", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.21; Campos Oliveira, "Não te esqueci!", *op. cit.*, 1. Anno, 1885, 1 out., n.2, p.15.

O próprio poeta observava isso em nota de rodapé, fazendo notar que seu poema aparecera num periódico intitulado *Aurora de Lima,* com a assinatura de outro autor e que assim fôra reproduzido em *A India Portugueza*, de Goa, provocando a indignação do poeta e motivando sua republicação. Este apareceu com algumas pequenas alterações e dedicado a Fernando Leal, o que não acontecia com a primeira versão.

Vale ainda lembrar que, como observamos no início deste capítulo, no exemplar n. 1, de 1881, Campos Oliveira publicou em primeira mão um poema inédito, sem título, de Tomás Antônio Gonzaga, o qual não pudemos ter em mãos, pois o exemplar por nós consultado na Biblioteca Nacional de Lisboa só possui as duas primeira páginas, não constando o poema de Gonzaga. Era provavelmente o poema de Gonzaga que se encontra reproduzido na coletânea *A ilha de Moçambique*, de Antônio Sopa e Nelson Saúte (1992: 128).

Referente ao universo literário, temos ainda algumas frases de escritores famosos em "Notas e impressões" e curiosidades sobre a vida de alguns escritores em "Extravagancias de authores célebres".[323] Também apareceram diversas charadas, anedotas, epigramas etc.[324]

Além dos autores locais, Antônio Feliciano de Castilho, Pedro Antônio de Alarcon, Alexandre Dumas e Gustave Droz colocaram nas páginas da revista a metrópole portuguesa, a referência espanhola e mais maciçamente o romantismo francês, corroborando mais uma vez a forte presença do modelo literário francófono.

Se a literatura publicada na *Revista Africana* não chegou a impressionar no que concerne à qualidade e deixou a desejar o seu volume total de quatro exemplares, é preciso reconhecer que essa foi efetivamente a primeira tentativa de se instituir uma revista eminentemente literária em Moçambique. O que ia nas crônicas de Campos Oliveira certamente colaborou para os minguados resultados da empreitada.

Na certa, inspirou-se nas revistas do mesmo gênero existentes na metrópole portuguesa e, mesmo mais remotamente, nas revistas francesas e inglesas. Todavia, se formos buscar um referencial mais próximo, cremos que a *Illustração Goana* seria a sugestão mais acertada. Foi possivelmente uma experiência marcante para o jovem Campos Oliveira, que vivia em Goa na década de 1860, quando a revista de Júlio Gonçalves era publicada, sendo o poeta moçambicano um de seus colaboradores. Talvez não fosse por acaso que Campos Oliveira se lembrou de republicar, como vimos, uma carta endereçada a uma sua amiga em Goa no primeiro exemplar da *Revista Africana*. Apontava assim para o diálogo que se fazia, em diversos níveis, entre a publicação moçambicana e a colônia portuguesa na Índia. Mas lembremos que a vontade de se

---

323 . "Notas e impressões", *Revista Africana,* 1885, 1 out., n.1, p.5; "Extravagancias de authores célebres", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.7.

324 . "Charadas novissimas", *Revista Africana*, 1885, 1 out., n.2, p.16; "Charadas", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.24; "Passatempo", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.1, p.8; "A rir", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.15; J. L. Pinheiro, "Logogripho (Por letras)", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.16; "Enigma", *op. cit.*, 1887, 1 jan., n.3, p.24; Campos Oliveira, "Enigma", *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.16; F. Quintella d'Assis, "Epigrammas - sobre a campa d'um medico imperito" (segue em nota: "D'uma comedia do auctor, inedita", Lourenço Marques), *op. cit.*, 1885, 1 out., n.2, p.15.

afastar da política e a forte presença de textos historiográficos e literários remontava ao modelo de *O Panorama*, que, em última instância, também fôra a base para a *Illustração Goana* – que seguira em primeira instância o modelo da *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*.

Outras publicações coevas

Do periódico *A Verdade*, sabe-se que sua publicação teve início em 10 de abril de 1880 e findou em 2 ou 22 de maio de 1880,[325] tendo sido periódico político, literário e de notícias publicado na Imprensa Nacional. Era de orientação declaradamente liberal, sendo seus redatores adeptos da Carta Constitucional de D. Pedro IV, como deixam claro no texto introdutório.[326]

Nos exemplares aqui consultados, apareceu um conto, "A filha de D. Miguel", retirado do *Commercio de Portugal*, e um relato de viagem designado somente por "Folhetim", datado de 1870 e assinado por Fernando da Costa Leal, segundo afirmava o texto introdutório do periódico.[327]

Também tiveram lugar diversos poemas, como "Naly", de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, mulher do poeta parnasiano Antônio Gonçalves Crespo (mulato e brasileiro), ou uns versos sem título do setecentista Antônio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense), além do poema "Foi!...", de Camilo Castelo Branco, de "Partiste", de Bulhão Pato, e de "A capella do ermo", de João de Deus.[328] Davam, pois, preferência aos autores da metrópole, sem desenvolver uma equipe própria, como acontecia com o *Africa Oriental*.

Já *O Gato* era um pequeno hebdomadário informativo, político, literário e de anúncios. Publicou-se de agosto de 1880 a 1882 na Ilha de Moçambique, na Typographia do *Africa Oriental*. Entretando, segundo os redatores do *Africa Oriental*, em edição de 20 de setembro de 1880, *O Gato* era considerado um "ridículo órgão jornalístico, infimo excremento da literatura semanal" (Dias & Eça, 1956: 53).

Encontramos ali o conto anônimo "A visão" e o trecho narrativo "Entre os ciganos (continuado do numero 6)", assinado por Danton. De literatura, tem-se ainda o poema "Parodia", assinado por "D.".[329]

No que concerne à crítica, ainda que muito breves, encontram-se ali: um comentário negativo sobre o periódico *O Africano*, publicado em Portugal; uma crítica positiva, anunciando o

---

325 . 2 segundo Mário Costa e 22 segundo A. X. da Silva Pereira (apud Dias & Eça, 1956: 53).
326 . "Moçambique 9 de abril", *A Verdade - semanario politico, litterario e noticioso*, 1880, 10 abr., n.1, p.1.
327 . "A filha de D. Miguel", retirado do *Commercio de Portugal*, *A Verdade*, 1880, 22 mai., n.7, p.1-2; Fernando da Costa Leal, "Folhetim" (datado de 1870), *A Verdade*, 1880, 10 abr., n.1, p.1-2; 24 abr., n.3, p.1-2.
328 . D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, "Naly", *A Verdade*, 1880, 10 abr., n.1, p.2-3; Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense) (sem título) (Suave avesinha,), *op. cit.*, 1880, 22 mai., n.7, p.2-3; Camillo Castello Branco, "Foi!...", *op. cit.*, 1880, 17 abr., n.2, p.2; Bulhão Pato, "Partiste", *op. cit.*, 1880, 24 abr., n.3, p.2-3; João de Deus, "A capella do ermo", *op. cit.*, 1880, 30 abr., n.4, p.2.
329 . "A visão", *O Gato*, 1880, 9 out., n.8, p.2-3; Danton, "Entre os ciganos (continuado do nemero 6)", *O Gato*, 2 out., n.7, p.3; D., "Parodia", *O Gato*,1880, 2 out., n.7, p.4.

aparecimento da *Revista Africana*; uma crítica negativa sobre o lançamento do periódico *Quelimanense*; e um comentário à inconstância da publicação do *Africa Oriental*, o que talvez se constitua uma pista para se chegar ao motivo do depreciativo julgamento feito pelos redatores daquela publicação a *O Gato*.[330] Apareceu também uma "Charada difficilima",[331] como não poderia deixar de ser.

Outro periódico sobre o qual se tem pouca informação é o *Correio de Moçambique – periódico quinzenal, politico e noticioso* (15 mar. 1881 – ?), publicado na Ilha de Moçambique na Typographia do *Africa Oriental*. Seu administrador era João Vicente do Espírito Santo. Só nos foi possível consultar o primeiro número, no qual se encontraram matérias de interesse social, relatos de viagens, política e alguma notícia. Vale registrar o relato de viagem assinado por Ferreri,[332] "De Lisboa a Moçambique – Djeddah (páginas soltas d'um livro de viagem)", um texto sobre o exército, "Força publica", e outros dois de teor político: "Duas palavras sobre o Tratado de Lourenço Marques" e "O governador da província de Moçambique e as conferências do engenheiro Machado na Sociedade de Geographia de Lisboa".[333] Como se vê, pouco se aproveita em matéria de literatura.

A Sociedade de Geografia de Moçambique

Ainda em 1881, uma nova empreitada ganhou corpo na Ilha de Moçambique:

> Em Junho de 1881 Moçambique tem a sua primeira publicação científica, o *Boletim da Sociedade de Geographia de Moçambique*, sociedade que se constituiu naquele ano na capital da Colónia, por iniciativa de alguns sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa então ali residentes, mas à revelia e contra as directivas desta. O *Boletim*, que era mensal, publicou-se até 1883. Nota curiosa: como a Sociedade de Geografia de Lisboa não concordou com a iniciativa, não guardou nas suas colecções um só número daquele periódico. (Rocha, 1985: 14)

Pelos comentários de Campos Oliveira numa de suas supracitadas crônicas da *Revista Africana*, já ficamos sabemos que o entusiasmo inicial gerado pelas reuniões da sociedade durou pouco.

---

330 . "O Africano", *O Gato*, 1880, 7 abr., n.15, p.2; "Revista Africana", *op. cit.*, 1880, 7 abr., n.15, p.3; "Quelimanense", *op. cit.*, 1880, 7 abr., n.15, p.3; "Africa Oriental", *op. cit.*, 1880, 7 abr., n.15, p.3.

331 . "Charada difficilima", *O Gato*, 1880, 2 out., n.7, p.4.

332 . Talvez Alfredo Brandão Cró de Castro Ferreri, governador de Sofala e depois de Inhambane - cf. *Gazeta do Sul*, n.2, "Boletim Noticioso".

333 . Ferreri, "De Lisboa a Moçambique - Djeddah (páginas soltas d'um livro de viagem)", *Correio de Moçambique*, 1881, 15 mar., n.1, p.3-4; "Força publica", *op. cit.*, 1881, 15 mar., n.1, p.1-2; "Duas palavras sobre o Tratado de Lourenço Marques", *op. cit.*, 1881, 15 mar., n.1, p.2-3; "O governador da província de Moçambique e as conferências do engenheiro Machado na Sociedade de de Geographia de Lisboa", *op. cit.*, 1881, 15 mar., n.1, p.3.

Seu periódico pretendia-se mensal e, até onde sabemos, chegou a publicar apenas dois exemplares. Nesses, contou com a colaboração de Carlos de Mello, Joaquim de Almeida da Cunha, Afonso de Moraes Sarmento e de alguém que assinava "C. M.".

Como sócios-fundadores temos a seguinte relação: Albano Alves Branco (1º ten. da Armada), Alberto Carlos Supico (bacharel de Coimbra, delegado do procurador da coroa e fazenda), Antônio Cândido Vidal de Souza (ten. do exército, diretor do arsenal, vice-presidente da Câmara), Antônio José de Araújo (major da artilharia, diretor de obras públicas), Augusto Jorge d'Almeida (2º ten. da armada), Carlos Baptista Ferreira de Mello (oficial da armada), Eduardo Roseiro de Mattos Coelho (bacharel de Coimbra, curador geral dos serviçais e colonos), Eugênio de Oliveira Soares d'Andréa (oficial da armada), Francisco de Paula Carvalho (jornalista e professor da escola principal), João Carlos Thompson (3º oficial da armada), Joaquim d'Almeida da Cunha (bacharel de Coimbra, secretário-geral da colônia), Joaquim Antônio Moreira (farmacêutico de 2ª classe do quadro da colônia), Joaquim Henrique Duarte Ferreira (diretor da alfândega), Joaquim José Lapa (capitão do exército, condutor das obras públicas), José Godinho de Campos (2º ten. da armada), José Maria da Costa Alvares (médico-cirurgião da escola do Porto, facultativo do quadro da colônia), Manoel Vidal de Castilho (secretário da junta da fazenda), Salvador Alves Dias (farmacêutico de 1ª classe da colônia). Novos sócios: Antônio Marques da Silva (capitão-tenente da armada) e Eduardo Henriques de Lima Metsener (capitão-tenente da armada).

Esta lista de nomes e atividades vem a calhar para traçar um perfil, ainda que genérico, da elite letrada moçambicana. Sua grande maioria era formada por militares, correspondendo praticamente à metade de seus integrantes. A outra metade dividia-se entre bacharéis em direito, médicos, farmacêuticos, professores e burocratas, que, na maior parte das vezes, também tinham formação ou ao menos titulação militar. É evidente que a amostragem aqui apresentada tem um forte vínculo com as forças armadas, já que a Sociedade de Geografia de Moçambique tinha em seu horizonte, ainda que virtualmente, finalidades políticas e militares. Mas também é sabido que a elite político-administrativa das colônias era, por determinação da coroa, entregue preferencialmente aos militares. Assim, quando pensamos nas comunidades de língua portuguesa instaladas nas diversas regiões do globo durante o século XIX, necessitamos levar em conta que tinham por característica recorrente um universo militar de referências.

Quanto à publicação, tratava de matérias de interesse para os estudos geográficos, políticos e sociais. Vale destacar, entretanto, o texto "As linguas da Africa oriental portugueza", de Joaquim de Almeida da Cunha, de quem se estampa ainda a biografia de "O padre Karl Weil". Também apareceu um relatório de viagem do chefe da seção de Quilemane, Affonso de Moraes Sarmento,

"O Zambeze – I – Relatorio á cerca de uma visita ás barras do Zambeze".[334] Mas o que dava corpo ao exemplar da revista eram as atas das reuniões.[335]

Entre os integrantes da sociedade, destacava-se Joaquim de Almeida da Cunha. Após sua permanência em Moçambique, foi de 1886 a 1891 secretário-geral de Angola. Retornou à metrópole ao fim do mandato, mas em 1897 voltaria para Angola, onde morreu em 1900. Traduziu do alemão o "Intermezzo", de H. Heine; do espanhol, o texto "Antes honra que louvor"; do italiano, "O proscrito", de A. Caccianiga – o que chama a atenção para alguém que vivera quase sempre em meios tão marginais aos centros literários. Sobre Moçambique, publicou um "Estudo acerca dos usos e costumes indígenas da província de Moçambique" e um "Vocabulário das línguas de Moçambique", oriundo possivelmente do texto publicado na revista da Sociedade de Geografia de Moçambique. Sobre Angola, publicou o *Anuário estatístico de Angola*, 1897, e *Estatística de Angola*, 1898. Era evidente o interesse de Joaquim d'Almeida Cunha pelos estudos de línguas e pela tradução, podendo haver outros trabalhos seus dispersos em periódicos de Moçambique ou de Angola que não pudemos ter em mãos.

A sociedade não vingou, entre outros motivos, pela falta de apoio da Sociedade de Geografia de Lisboa, que possivelmente se viu ameaçada em sua hegemonia política sobre a investigação, confecção e manipulação dos dados estatísticos e sociais das colônias. Não havia qualquer interesse da sociedade lisboeta em apoiar tal empreitada, pelo contrário. E assim a sociedade moçambicana logo desapareceu.

Em 1886 ainda surgiu o periódico *Civilização Africana* (Rocha, 1985: 57), do qual não pudemos localizar qualquer exemplar, e terminam aqui as publicações oitocentistas da ilha de Moçambique com algum interesse literário ou cultural. Todavia, em menor proporção, outras localidades em Moçambique também possuíram publicações periódicas naqueles anos. Vejamos rapidamente algumas delas que pudemos consultar.

2. *O polêmico jornalismo de Quelimane*

Quelimane é uma cidade portuária que fica quase exatamente no centro da extensa costa moçambicana, ao sul, portanto, da ilha de Moçambique, sendo então a capital do distrito da Zambézia. Em 1º de julho de 1877, apareceu o primeiro periódico de Quelimane, intitulado *O*

[334] . J. d'Almeida da Cunha, "As linguas da Africa oriental portugueza", *Boletim da Sociedade de Geographia de Moçambique*, 1881, jun., n.1, p.13-15; jul., n.2, p.36-39; J. d'Almeida da Cunha, "O padre Karl Weil", *op. cit.*, 1881, jul., n.2, p.39-40; Affonso de Moraes Sarmento, "O Zambeze - I - Relatorio á cerca de uma visita ás barras do Zambeze", *op. cit.*, 1881, jul., n.2, p.17-28.

[335] . Carlos de Mello, "A Sociedade de Geographia de Moçambique", *Boletim da Sociedade de Geographia de Moçambique*, 1881, jun., n.1, p.1; "Trabalhos preparatorios", 1881, jun., n.1, p.3-4; O Secretario, Carlos de Mello, "Sessão inaugural da Sociedade de Geographia de Moçambique", *op. cit.*, 1881, jun., n.1, p.4-9; [estatutos] "Estatutos da Sociedade de Geographia de Moçambique", *op. cit.*, 1881, jun., n.1, p.9-13; [relação destes com especificação de sua atividade pessoal] "Sócios fundadores", *op. cit.*, 1881, jun., n.1, contracapa; [relação de todas as

Africano[336] (Rocha, 1985: 13). Foi publicado de 1877 a 1881, tendo por proprietário e administrador João Antônio Corrêa Pereira. O único exemplar[337] que nos foi possível consultar trazia matéria sobre a guerra na Zambézia[338] e anúncios sem qualquer interesse literário.

Sua divisa era "Instrucção – Religião – Moralidade". Possuía tipografia própria, situada na rua de Goa, depois rua de D. Luís, e posteriormente na rua de S. Domingos. Segundo Idílio Rocha (1985: 29): "Anunciava agentes que aceitavam assinaturas em Lisboa, Porto, Moçambique, Cabo Delgado, Inhambane, Lourenço Marques, Sena, Tete e Goa".

Eça (Dias & Eça, 1956: 52) teria visto no *Africa Oriental*, em 1879, um comunicado indicando a existência de um periódico intitulado *Illustração* (1879) em Quelimane (Rocha, 1985: 87), mas não foi possível localizar qualquer um de seus exemplares.

No mesmo ano em que desaparecia *O Africano*, vinha à luz o semanário *O Quelimanense – publicação semanal – orgão dedicado aos interesses da Zambezia* (26 mar. 1881 – 11 fev. 1883), publicado em tipografia própria, na rua de D. Luis, isto é, na mesma tipografia de *O Africano*. Tinha por redator Mariano Henriques da Nazaré. Era uma publicação predominantemente política e de notícias, sem interesse literário. Vale, todavia, lembrar que publicava pequenas notícias curiosas ou anedotas, como "As elegantes feministas africanas", censurando o então novo hábito adquirido pelas mulheres de fumar, ou "Serões ao luar",[339] uma anedota envolvendo galanteios.

Já no ano seguinte ao surgimento de *O Quelimanense*, aparecia *O Vigilante – semanario politico, litterario e noticioso* (9 ago 1882 – 1883), sendo propriedade de Frederico José da Silva e Pedro de Sá. Tinha por redator e responsável o próprio José Pedro de Sá e era impresso na Typ. Rua de S. Roque. Era também um periódico político e de notícias, sem interesse literário.

Segundo Idílio Rocha, apesar de ter sido inaugurada na ilha de Moçambique, seria em Quilemane que se desenvolveria grande parte da imprensa sensacionalista oitocentista.

> Moçambique também teve a sua "imprensa amarela", de escândalos, e teve-a cedo. Em 1885 aparece na capital o primeiro jornal daquele tipo. Chamava-se *Imparcial* e pertencia a um ex-alferes angolano de nome Alfredo de Aguiar. Durou pouco, mas o alferes não desistiu e mudou-se para Quelimane, onde publicou o *Correio da Zambézia* (1886-1887), a *Gazeta do Sul* (1889-1891) e o *Clamor Africano* (1892-1894), tudo folhas de escândalos e sensacionalismos. (Rocha, 1985: 14)

Do *Imparcial* (1885), publicado na Ilha de Moçambique, foram publicados apenas três números, os quais não nos foi possível localizar. Seu fundador, diretor e principal redator, o ex-

---

sociedades do gênero no mundo] C. M., "Quadros synopticos das sociedades de geographia", *op. cit.*, 1881, jul., n.2, p.28-36; [admissão de novos sócios] "Socios", *op. cit.*, 1881, jul., n.2, p.40.

336 . Um outro periódico com o mesmo titulo será publicado em Lourenço Marquês pelo tipógrafo e jornalista Roque Ferreira de 1909 a 1916 (Rocha, 1985: 12-13).

337 . Segundo cf. Dias & Eça (1956: 52), há um volume encadernado contendo do n.1 ao n.52.

338 . "A Guerra na Zambezia", *O Africano - Religião, Instrucção e Moralidade*, 1881, n.1, mai., p.1-2. - Diz respeito a um conflito entre os portugueses e o sultanato muçulmano de Angoche, cidade situada entre a ilha de Moçambique e Quelimane (Pelissier, 1994, v.1: 220-235).

alferes Alfredo Augusto de Brito Aguiar, era um mestiço angolano chegado a Moçambique em 1879 para prestar serviço militar. Ganhará nomeada na política local, instalando-se em Quelimane. Mário Pinto de Andrade (1997: 47-48) afirma ser Alfredo de Brito editor ou inspirador de *O Correio da Zambezia* e da *Gazeta do Sul* (periódicos que não possuem editores declarados), além de aparecer nominalmente como um dos editores do *Clamor Africano*.

O *Correio da Zambezia – publicação semanal dedicado aos interesses do ultramar*,[340] de 1886, era publicado em tipografia própria. Era um periódico de informação, sem qualquer interesse literário. Trazia diversos anúncios de colégios de Lisboa, como o "Collegio Herculano" ou o "Collegio Santa Rosa de Lima", fazendo notar que muitos dos filhos de portugueses e de moçambicanos abastados faziam sua formação colegial na metrópole, pois, como já foi possível observar, havia uma total falta de instituições de ensino naquela colônia.

A *Gazeta do Sul* também era um semário eminentemente político, que tocava em pontos delicados da política portuguesa e moçambicana. De literatura, deparamos apenas com um poema assinado por U-Cana Marrabua, datado de "Quil, 3 (?) de janeiro 87(?)", e intitulado "Caffunana", apresentando um estilo byroniano, cético e cômico. Seguia-se uma nota dizendo: "A pedido publicamos os seguintes versos".[341]

Já O *Clamor Africano* (2 mar. 1892 – 7 jun. 1894)[342] foi publicado por A. Lopes & Alfredo de Aguiar, tendo por editor José Guedes. Foi impresso na Tipografia Progresso e teve por redatores Alfredo de Aguiar e Eduardo de Balsemão. Era periódico de combate e de crítica. Não pudemos, todavia, consultar qualquer um de seus exemplares, restando-nos registrar estas informações que nos ofereceu Idílio Rocha.[343]

De qualquer modo, se o *Clamor Africano* era um periódico de "escândalos", segundo afirma Idílio Rocha, não acreditamos ser esse o caso do *Correio da Zambézia* ou mesmo da *Gazeta do Sul*, como afirmou o renomado historiador. Eram periódicos que tematizavam questões polêmicas, com certeza, mas não nos pareceram mais sensacionalistas do que *O Vigilante*, por exemplo, que fazia críticas pertinentes à administração portuguesa, ainda que de uma perspectiva eurocêntica, como ficou demonstrado nos comentários ali estampados sobre educação e reproduzidos no final do capítulo 2 deste trabalho.

Em 1893, apareceu *O Mez – jornal litterario e charadistico*. Tinha sua administração na rua de S. Domingos e desapareceu naquele mesmo ano. Era, como o próprio título expressava, uma publicação mensal, com proprósito recreativo. Afirmava-se no texto introdutório:

---

339 . "As elegantes feministas africanas" e "Serões ao luar", *O Quelimanense*, 1 anno, 1881, 26 mar., n.1, p.2-3.
340 . Consultei apenas o *Correio da Zambezia*, n.8 de 26 de janeiro de 1886.
341 . U-Cana Marrabua, "Caffunana", *Gazeta do Sul*, 1889, 22 mai., n.1, p.4.
342 . Também dado como existente em 1886 (cf. Sousa Ribeiro apud Dias & Eça, 1956: 15).
343 . A Biblioteca Nacional de Lisboa possui diversos exemplares do *Clamor Africano*, mas por contratempos de ordem prática, as cópias que solicitamos dos mesmos não nos foram remetidas.

> Fazemos apparecer *O Mez* com a intenção de fazer rir os leitores e passarmos o tempo, isto por pouco dinheiro e sem muito barulho.
>
> Sabem que por estas terras abandonadas de Christo não sobram os divertimentos, e a par das doenças e dos trabalhos temos a luctar com a nostalgia e o *spleen*. Serve pois este jornalsinho pra vos dar um momento de alegria um instante de bom humor.[344]

Trazia, de fato, uma grande diversidade de anedotas, enigmas, charadas e logogrifos. Mas trazia também algumas narrativas curtas, como a de François Coppée, "O sonho d'um jogador", com indicação de ter sido extraído de *A Verdade*, ou ainda narrativas mais longas, de grande interesse, mas ali incompletas, como "As aventuras de Ritinha – original", de J. P. A., isto é, de José Peixoto do Amaral, o mesmo que fora um dos mais presentes escritores e tradutores do *Africa Oriental*. Também teve lugar um outro texto original, assinado por Larama, "A queda do ministerio", também inconcluso, tratando das pretensões de uma senhora em reger a casa e os negócios do marido.[345] Ambos eram textos cômicos. Não podemos deixar de notar que "Larama" nada mais era que "Amaral" ao contrário, sendo, pois, plausível atribuir a autoria desses textos a José Peixoto do Amaral.

Larama também colaborou com um poema satírico, datado de "Quelimane, 18 de Novembro de 1892", intitulado "Que pezar!", no qual uma velha lamentava jamais ter sido "desonrada". Além desse, temos ainda outros três poemas: a quadra anônima "N'um leque (Por baixo d'uma declamação d'amor)" e os poemas satíricos "A rir", assinado por Momo, e "Uma decepção – No album d'um frade", de Salomão, datado de "Quelimane, 23 de Setembro de 1892". Este último, homônimo do texto em prosa de José Peixoto do Amaral, que vimos publicado no *Africa Oriental*, tratava do mesmo tema com o mesmo mau gosto: a decepção naquele era a amada ser coxa; neste, era ela revelar-se muda e desdentada.[346] Em tais textos satíricos, tinha-se claro o lugar objetal delegado à mulher; qualquer defeito físico era-lhe imperdoável e motivo legítimo de riso sem o menor constrangimento.

Nota-se nos exemplares que pudemos consultar de *O Mez* que o tema predominante em seus textos era o do lugar social da mulher, apresentando-se ali nos seus diversos papéis de solteira, pretendente, amante e casada. Revelava, pois, a preocupação em definir o comportamento ideal feminino numa sociedade com modelos étnicos bastante diversos.

Afora o texto de François Coppée, todos os outros foram escritos pelos colaboradores do periódico. Assim, *O Mez* constituiu não só a primeira publicação de cunho predominantemente literário de Quelimane, como talvez também o primeiro periódico humorístico de Moçambique.

---

344 . A Redacção, "Aos leitores", *O Mez*, Anno I, 1893, 1 fev., n.1, p.1.

345 . François Coppée, "O sonho d'um jogador", *O Mez*, 1893, mar., n.3, p.20-21; J. P. A., "As aventuras de Ritinha - original", *op. cit.*, 1893, 1 fev., n.1, p.1-3; mar., n.3, p.22-23; Larama, "A queda do ministerio - original", *op. cit.*, 1893, 1 fev., n.1, p.4-6; mar., n.3, p.17-18.

346 . Larama, "Que pezar!", *O Mez*, 1893, mar., n.3, p.18-19; "N'um leque (Por baixo d'uma declamação d'amor)", *op. cit.*, 1893, mar., n.3, p.19; Momo, "A rir", *op. cit.*, 1893, 1 fev., n.1, p.3; Salomão, "Uma decepção - No album d'um frade", *op. cit.*, 1893, 1 fev., n.1, p.6-7.

Ainda no ano de 1893 veio à luz o *Echo da Zambezia* (1893-1895),[347] composto e impresso pelo major José Peixoto do Amaral, seu editor e proprietário. Infelizmente, só foi possível consultar um único exemplar desse periódico.[348] Era uma publicação quinzenal, redigida pelo próprio Amaral e por colaboradores que assinavam apenas com iniciais, como "W." e "Y.", que poderiam ser apenas pseudônimos de Amaral.

Publicou notícias militares e civis, charadas, enigmas e – sendo um periódico de Amaral – bastante literatura. Dividia-se em Editorial, Folhetim, Parte Litteraria, Parte Noticiosa e Annuncios. Idílio Rocha (1985: 68) afirmou que o periódico era integralmente redigido pelo próprio José Peixoto do Amaral. Entretanto, apareceu a narrativa "A casa vermelha – Prologo – Um duplo assassinato",[349] texto de um certo Xavier de Montepin, traduzido possivelmente por Amaral. Vale registrar que o interessante texto "As aventuras de Ritinha" tivera ali continuidade. A história, que ainda não comentamos, passava-se em Moçambique: a filha de um português deportado foge com o amante, um caixeiro-viajante. Apenas para exemplificar o tom da narrativa, segue-se a cena em que Ritinha dorme com seu amante:

> Já os leitores, com certeza, d'olhos embogalhados, bocca entreaberta e sentidos apurados estão esperando que eu lhes diga sem rebuço o que fez a Ritinha.
> Ora essa, pois não? Esperem por isso, não tinha mais que fazer senão estar agora aqui de pernas abertas para os attender.
> Isso foi bom para ella que, n'essa posição, julgou-se venturosa em empregar os meios ao seu alcance para tornar seu páe... avô.[350]

Além disso, temos um satírico "Soneto" ("Marianna não seança"), assinado por W. e datado de "Mesão-frio, 5 de março de 1873".[351]

Apesar de essa publicação apresentar-se já nos limites cronológicos deste trabalho, interessa sobremaneira à literatura moçambicana devido à presença de José Peixoto do Amaral. Toda a literatura ali presente é de cunho marcadamente romântico, revelando a perenidade daquela estética nos então emergentes espaços letrados coloniais.

3. *Lourenço Marques: um novo momento da imprensa moçambicana*

Como vimos, o crescimento do distrito de Lourenço Marques deu-se mais para o final do século. Conta-nos Idílio Rocha que:

> Em 15 de Dezembro de 1888 sai o n. 1 do primeiro jornal de Lourenço Marques, que não era ainda a capital de Moçambique, mas que ganhava rapidamente importância devido ao

---

347 . Mario Costa indica, além destes, o ano de 1887 para a referida publicação (apud Dias & Eça, 1856: 25).
348 . *Echo da Zambezia*, Anno 1, 1893, 1 ago., n.7.
349 . Xavier de Montepin (traducção), "A casa vermelha - Prologo - Um duplo assassinato", *Echo da Zambezia*, 1893, 1 ago., n.7, p.1-2.
350 . J. P. A., "As aventuras de Ritinha - original", *O Mez*, 1893, 1 fev., n.1, p.3.
351 . W., "Soneto', *Echo da Zambezia*, 1893, 1 ago., n.7, p.3.

> projecto da ligação ferroviária com o Transval. Chama-se o *Districto de Lourenço Marques* e foi muito importante no debate de projecto referido. (Rocha, 1985: 14)

O *Districto de Lourenço Marques – folha hebdomadaria* (15 dez. 1888 – 28 dez. 1889) trazia uma bela ilustração já no título, revelando o capricho de seus editores. Era impresso na Empreza Typographica Portugueza, que tinha por diretor-técnico Carlos Augusto Wagner Russel Júnior e por diretores e redatores os seguintes nomes: Antônio José de Araújo, Joaquim José Lapa, Artur Antônio Mateus Serrano, Jacinto Honório José de Moura, João Armando José Longle e Damasceno Isaac da Costa – todos sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lembremos que Joaquim José Lapa já estivera entre os proprietários do *Noticiário de Moçambique* e do *Africa Oriental*, e que fora antes disso tipógrafo da Imprensa Nacional.

De forte cunho patriótico, o periódico surgiu no contexto de disputa entre portugueses e ingleses em torno do domínio de fato (e não só de direito) do território de Lourenço Marques. Daí afirmarem ao concluir o texto de abertura do periódico:

> Não tem a publicação do *Districto de Lourenço Marques* a mira no interesse material dos seus accionistas. Constituido e organisado unica e exclusivamente á custa de capitaes portuguezes, nunca sollicitou ou sollicitará subsidio pecuniario extranho. Não obstante ha de elle conservar-se, por que tem em vista patrocinar o futuro de uma parcella importante do nosso paiz. Não podemos comtudo olvidar um preceito de delicadeza e gratidão agradecendo cordealmente aquelles dos habitantes estrangeiros d'este Districto que expontaneamente offereceram o seu concurso para a fundação do novo jornal.
>
> É nos extremamente agradavel consignar aqui esta declaração e fazemos votos para que elles senão hajam ressentido por havermos declinado a sua generosa offerta. A verdade é que a indole especial e o intento do *Districto de Lourenço Marques* não se coadunavam com diverso procedimento de nossa parte.[352]

Entre os exemplares que nos foi possível consultar, vale registrar a crônica "Carta a John-Bull", assinada por Mario du Val, que ironizava a crítica que os ingleses faziam aos portugueses, em especial aquelas proferidas por Livingstone.

Apareceu também uma nota sobre a "Sociedade Recreio Dramatica", anunciando que no dia 2 de março de 1889 haveria uma recita em beneficio dos mutilados, colocando em cena os seguintes textos: *Medicomania*, uma comédia de Mário Napoleão; *Está tudo em prego*, uma cena cômica de Júlio Vieira; *A prima Francisca; Os dois operarios*, um entreato; e *Os estroinas*, também uma comédia. Havia ainda uma seção bibliográfica que comentava os "Elementos para um diccionario chorographico da provincia de Moçambique, por Joaquim José Lapa e Alfredo Brandão Cró de Castro Ferreri, ss. S. G. L.". Mais uma vez temos o nome de Joaquim José Lapa na área da cultura.[353]

---

[352] . A Redação, "Na Brecha", *Districto de Lourenço Marques*, 1888, 13 dez., n.1, p.2.

[353] . "Sociedade Recreio Dramatica - no dia 2 de mar. de 1889 Recita em beneficio dos mutilados - Ordem do espetaculo: Medicomania - comedia de Mario Napoleão; Está tudo em prego - scena comida de Julio Vieira; A prima Francisca; Os dois eperarios - entre-acto; Os estroinas - comedia.", *Districto de Lourenço Marques*, 1889, n.11, p.4; "Bibliographia - Elementos para um diccionario chorographico da provincia de Moçambique, por Joaquim José Lapa e Alfredo Brandão Cró de Castro Ferreri, ss. S. G. L.", *op. cit.*, 1889, n.14, p.3.

E também mais uma vez temos a presença de Campos Oliveira, que colaborou com dois poemas: "A alguem" e "Desesperança" (este já aparecera em 1880 no *Africa Oriental*), ambos com indicação de terem sido escritos em Moçambique. Também de S. Rano, isto é, Artur Antônio Mateus Serrano, que colaborara em 1895 no folheto *Santo Antonio*, apareceu o poema "Quadros -- a Antonio Ferreira de Carvalho".[354]

Dos pioneiros da imprensa moçambicana, não só Joaquim José Lapa se encontrava nas páginas da nova imprensa ao sul de Moçambique. Também Campos Oliveira ainda mantinha o lugar de principal poeta das mais importantes publicações moçambicanas – e com ele perpetuava-se o romantismo como estética oficial.

Mas se o *Districto de Lourenço Marques* inaugurou a imprensa privada ao sul da colônia, seguiu-lhe o exemplo a administração pública:

> A importância crescente de Lourenço Marques é também patente no aparecimento, no ano seguinte, em 6 de Julho de 1889, do *Boletim Official do Governo do Districto de Lourenço Marques*, primeira publicação oficial da já então cidade. (Rocha, 1985: 15)

O *Boletim Official do Governo do Districto de Lourenço Marques* (6 jul. 1889 – 6 fev. 1892?) era publicado na Imprensa Nacional de Lourenço Marques, inaugurando também esta. Vinha substituir o *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Moçambique*. Era evidentemente uma publicação burocrática e oficial, sem qualquer interesse literário.

Já no ano seguinte, fez presença o semanário *A Situação* (1º fev. 1890 – 5 mar. 1890), de propriedade da Empreza Typographica Portugueza de Lourenço Marques, tendo por diretor Artur Antônio Mateus Serrano, um dos antigos integrantes do *Districto de Lourencço Marques*. Segundo Idílio Rocha (1985: 134) "o diretor colaborou no *Almanaque de Lembranças* com o pseudónimo de S. Rano", o mesmo que acabamos de ver assinando poemas no *Districto de Lourenço Marques* e no folheto *Santo António*. Apesar da verve poética de seu editor, era periódico estritamente político, tomando-se por medida os três primeiros exemplares.

Dois anos após o aparecimento de *A Situação*, surgiu *O Luso Africano*, editado na Typografia Baptista Carvalho & Irmãos. Tinha por gerente Luiz Augusto de Vasconcellos Garcia e por administrador Antônio Joaquim de Mattos. Era um periódico conservador, que defendia o absolutismo. Publicava política, notícias e anúncios. Não tinha interesse ou intenção literária, ao menos no primeiro número, denominado de "numero programma". Em política, trazia o artigo "Colonisação",[355] tratando genericamente do assunto e rezando pela cartilha da necessidade de não mais colonizar pela força, mas sim pela educação, sem contudo discutir ou propor nada de concreto. Era a diluição de um discurso que só funcionava para construir uma imagem de

---

354 . J. P. da S. Campos Oliveira, "A alguem", *Districto de Lourenço Marques*, 1889, n.3, p.3; J. P. da S. Campos Oliveira, "Desesperança", *op. cit.*, 1889, n.5, p.3; S. Rano, "Quadros - a Antonio Ferreira de Carvalho", *op. cit.*, 1889, n.3, p.3.

355 . "Colonisação", *O Luso Africano*,1892, 3 jan., n.1, p.1.

Portugal não mais como nação conquistadora, mas sim civilizadora, como então ditava toda a nova mentalidade européia.

Nesse mesmo ano, apareceu também um outro semanário, o *Commercio de Lourenço Marques* (3 set. 1892 – 23 dez. 1893), de propriedade de Baptista de Carvalho & Irmão, o mesmo da tipografia, tendo por diretor Pedro Xichorro e por administrador Augusto Baptista de Carvalho. Era um periódico fundamentalmente comercial e informativo, com rara presença de literatura. O seu programa[356] era estritamente comercial e político (fortemente atrelado aos interesses dos vizinhos ingleses), sem qualquer retórica civilizadora. O texto introdutório apareceu em português e inglês, além de uma outra apresentação em francês.

A literatura, a crônica e as charadas eram em geral publicadas na seção de curiosidades. Foi ali que apareceram os contos "Acasos da fortuna", de Sculaper, e um outro, sem título, assinado por A. P., tratando de um caso satírico supostamente ocorrido em Lisboa. Fora dessa seção, foi publicado o poema "Menino aza...", assinado por Jacaré.[357]

Houve um artigo de algum interesse, intitulado "O direito do suffragio", que assim dizia:

> Nós somos competentes para gerir um municipio, não precisamos e desprezamos a tutela mesquinha das authoridades, que só nos sabem lançar impostos e que escarnecem do mais pequeno dos nossos direitos.
>
> Não! Não queremos mais essa tutella ignobil e prejudicial.
>
> Queremos gente nossa, gente do povo, do commercio, que tenha aqui interesses creados, que tenha amôr enraisado a esta terra tão cubiçada pelos estrangeiros.[358]

E ia por terra a certeza do cronista Mário do Val do *Districto de Lourenço Marques*, que, como vimos, acreditava na manutenção da dominação pela constante alternância das elites locais. Estas já estavam muito bem instaladas e começavam a pugnar por seus direitos. Provavelmente ainda não se pretendia qualquer independência no sentido político, mas sim autonomia administrativa regida pelas instituídas elites locais.

Havia ainda um artigo histórico, "Catalogo dos governadores", que apareceu em vários outros números, publicado na parte que seria dedicada ao folhetim, com largos espaços em branco, como a indicar que ali fora suprimida alguma matéria pela censura e colocado aquilo de improviso, ou buscando honrar os nomes daquela lista, dando-lhes grande destaque. Independentemente de sua publicação ter ou não sentido político, interessa no seu sentido histórico.[359]

Publicava também charadas e as observações meteorológicas de Paul Berthoud, as primeiras feitas em Moçambique.

---

356 . "O nosso programma", *O Commercio de Lourenço Marques*, 1892, 3 set., n.1, p.1.

357 . Sculaper, "Acasos da fortuna", *O Commercio de Lourenço Marques*, 1892, n.16, p.3; A. P., [sem título], *op. cit.*, 1893, 7 jan., n.19, p.3; Jacaré, "Menino aza...", *op. cit.*, 1893, 4 nov., n.47, p.2.

358 . "O direito do suffragio", *O Commercio de Lourenço Marques*, 1893, 7 jan., n.19, p.1.

359 . "Catalogo dos governadores", *O Commercio de Lourenço Marques.*, 1893, 1 abr., n.30, p.1-2.

Idílio Rocha (1985: 29) citou ainda um periódico intitulado *O Africano*, editado em 1892. Nada pudemos saber sobre essa publicação. Em 1894, foi publicado um *Annuario de Moçambique*, editado em Lourenço Marques por Joaquim da Graça Correia e Lança e impresso na Imprensa Nacional. Era um relatório anual administrativo da colônia, sob a direção do secretário-geral da Colônia de Moçambique, Joaquim da Graça Correia e Lança.

Já o *Futuro de Lourenço Marques – publicação semanal, com uma edição telegraphica diaria – hebdomadario noticioso, commercial, financeiro, etc.* (12 jul. 1894 – 18 mai. 1895) era propriedade de Leão Cohen e Cia., tendo por diretores e redatores Eduardo Noronha (fundador), Ângelo Ferreira, Luís de Sousa Nápoles e José Maria Ernesto de Carvalho e Rego. Saiu de circulação por portaria de n. 45, de 18 de maio de 1895, do comissário régio Sousa Ribeiro sob a acusação de ameaçar a paz e a ordem daquela colônia (Dias & Eça, 1956: 58-59). Como diz o título, era publicação informantiva e comercial, tendo uma edição diária com notícias telegrafadas de Londres, Cabo e Joanesburgo. Editava-se em português e inglês.

Em 1895 apareceu o folheto *Santo António – Numero commemorativo do VII Centenario Antonino em Moçambique*, com inúmeras matérias pias. Era um número único e trazia por colaboradores C. R., Padre Cruz, Alfredo de Pratt, Campos Oliveira, Padua Franco, S. Rano, A. C., Conego Luiz Salvador F. do Rosario e Sousa, A. D. Casimiro, A. S., Padre J. R. Ribeiro, Padre José Dias Ferreira Lima, Padre A. F. Campos, Padre Vicente, Padre Antônio M. Cardozo, Padre Esperança Machado e Alfredo Alves.

Apesar de publicação tardia, interessa principalmente pela presença de Campos Oliveira. O então consagrado poeta moçambicano publicou ali o poema "O mar e a fonte (Victor Hugo)",[360] com notificação de ter sido escrito em Moçambique. Lembremos que esse poema já aparecera dezesseis anos antes no *Africa Oriental* com o título "A fonte", mais exatamente no n. 114, de 13 de julho de 1879.

No folheto *Santo António,* tem lugar ainda um poema em francês, assinado por S. Rano (Artur Antônio Mateus Serrano) e intitulado "Cynisme", um outro do mesmo autor denominado "Canções" e um de Alfredo de Pratt, "Sancti Morti".[361]

Houve ainda o texto assinado por A. C. e intitulado "Visão"; um outro sobre "O mahometismo em Moçambique", do Padre Vicente; um sobre educação, "A educação", de A. S.; e um de história, "Algumas curiosidades de Moçambique".[362]

No ano de 1897 apareceu um novo jornal oficial, o *Boletim Municipal do Concelho de Lourenço Marques* (15 mar. 1897 – 29 jan. 1898), publicado pela Câmara Municipal de Lourenço Marques. Foi impresso na Tipografia Nacional, que teve origem na compra da máquina

---

360 . Campos Oliveira, "O mar e a fonte (Victor Hugo)", *Santo Antonio*, 1895, 15 ago., número único, p.3.
361 . S. Rano, "Cynisme", *Santo Antonio*, 1895, 15 ago., número único, p.5; S. Rano, "Canções", *op. cit.*, 1895, 15 ago., número único, p.4; Alfredo de Pratt, "Sancti Morti", *op. cit.*, 1895, 15 ago., número único, p.2-3.

tipográfica da Imprensa Nacional de Lourenço Marques - empreitada patrocinada pela firma Sampaio & Carvalho.

O trissemanário *O Futuro* (28 abr. 1898 – 1908?) foi sucessor de *O Futuro de Lourenço Marques* e era propriedade da Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, tendo por administrador A. F. Berg e como editor o mesmo Leão Cohen. Era impresso na Tipografia Nacional de A. S. Sampaio, tendo por redator João Evangelista Vianna Rodrigues. Também era editado em português e inglês, com as mesmas edições telegráficas de seu antecessor.

Idílio Rocha notou que:

> Ainda em 1900, a 20 de Outubro, aparece em Lourenço Marques *O Portuguez* que é o primeiro jornal republicano da Colónia. Editado por um livreiro, veio a ser suprimido, bem como os quatro outros semanários que se lhe seguiram, do mesmo editor, o último dos quais viria a deixar de publicar-se em 7 de março de 1907. (Rocha, 1985: 17)

Mas a passagem para o século XX já trazia consigo uma multiplicidade de questões, tais como a do republicanismo, o recrudescimento da política neocolonialista, as vanguardas estéticas européias e tantos outros fatores que extrapolam os interesses desse trabalho. Importa apenas deixar registrado que em 1901 apareceu *O Ideal – Numero unico – Commemorativo do 3º anniversario da Associação de Classe dos Empregados do Commercio e Industria*, impresso justamente na Typ. d'*O Portuguez*. Trazia por colaboradores Alcino Barbosa, Jacinto Gomes d'Almeida, A. T. Fonseca, João A. Carvalho e Ribeiro Garrido. Em 1902, *O Ideal* reapareceu, então com a colaboração de Alcino Barbosa, A. Cardoso, João A. Carvalho e J. C. Conceição e Mello. Publicou poemas e textos em torno do tema "trabalho". Já eram outros os poetas e escritores, outras as questões, outro o próprio modelo dos jornais, que passavam a ser diários e dirigidos a um público cada vez maior, ou mais especializados e voltados para setores específicos, como já era o caso de *O Ideal*.

4. *O jornalismo empresarial da Beira e do Niassa*

Assim como a ilha de Moçambique, Quelimane e Lourenço Marques, a Beira também era uma cidade costeira, sendo a capital do distrito homônimo, que ocupa a região abaixo da Zambézia. Seu desenvolvimento deveu-se aos territórios de Manica e Sofala, no interior do continente, onde se instalou a Companhia de Moçambique, de capital inglês. Foi tal empreendimento que deu origem às primeiras publicações periódicas daquele distrito, já que a companhia tinha todas as atribuições de uma administração estatal.

---

[362] . A. C., "Visão", *Santo Antonio*, 1895, 15 ago., número único, p.4-5; Padre Vicente, "O mahometismo em Moçambique", *op. cit.*, 1895, 15 ago., número único, p.8-9; A. S., "A educação", *op. cit.*, 1895, 15 ago., número único, p.6; "Algumas curiosidades de Moçambique", *op. cit.*, 1895, 15 ago., número único, p.13-14.

A primeira publicação a surgir era de interesse oficial, intitulada *Boletim da Companhia de Moçambique – Governo do Territorio de Manica e Sofala*[363] (1º jul. 1892 – 18 jul. 1942), órgão da companhia majestática homônima. Seus dois primeiros exemplares foram compostos e impressos na metrópole. O terceiro já foi publicado pela Imprensa da Companhia de Moçambique, tendo sido seu primeiro diretor Albano de Mendonça.

O mesmo Alberto de Mendonça fundou, ainda naquele ano de 1892, o semanário *A Beira – Jornal de Annuncios* (23 out. 1892 – 27 nov. 1892), primeiro jornal não-oficial daquela localidade. Era periódico de anúncios, sustentado pelos anunciantes, e teve por administradores o próprio Alberto de Mendonça e Luís Filipe. Era composto na Imprensa da Companhia de Moçambique, com o mesmo formato do boletim da companhia. Não apresentou qualquer interesse literário. Todavia, apareceu em seus primeiros números o trecho de uma narrativa intitulada "Flores de cyclamens", assinado por Valleda, na certa tradução do francês ou do inglês.[364]

No ano seguinte, veio à luz o hebdomadário bilíngüe (português e inglês) *Correio da Beira* (2 abr. 1893 – 28 out. 1894). Tinha por proprietários José de Almeida e Henrique Moral, e por administradores Henrique Moral e novamente Albano de Mendonça. Era impresso na Imprensa da Companhia de Moçambique, tendo sido seu principal redator o conselheiro José de Almeida. Tinha correspondentes em Lisboa e em várias cidades de Moçambique, África do Sul e Niassalândia.

O primeiro *The Beira Post – Correio da Beira* surgiu em 9 de fevereiro de 1898. Era periódico bilíngüe inglês-português, fundamentalmente informativo e comercial. Em português, teve lugar um texto de Rebello da Silva, "Sciencias, Artes e Lettras – Pessimismo", e em inglês apareceram diversos trabalhos do poeta Thomas Craig. Interessa ainda registrar uma matéria sobre o "Beira Club – inauguration dinner – a great success", fazendo notar que a vida social na Beira girava em torno das companhias inglesas.[365]

Já um outro *Correio da Beira, The Beira Post*, foi publicado em 1899, sendo seu primeiro número de 8 de agosto. Era possivelmente o mesmo periódico, interrompido por algum contratempo e reiniciado. Nessa retomada, até o número 7 teve edição separada em português e inglês, passando a bilíngüe a partir daí (Rocha, 1985: 60). Tinha por proprietário Thomas Mac Donald e por redator e editor Luciano Lanne. Publicava alguma matéria de interesse literário ou

---

363 . Depois *Boletim do Território da Companhia de Moçambique.*

364 . Valleda, "Flores de cyclamens", *A Beira*, 1892, 30 out., n.2, p.3; 6 nov., n.3, p.4.

365 . Rebello da Silva, "Sciencias, Artes e Lettras - Pessimismo", *The Beira Post*, 1898, 9 fev., n.1, p.2; T. C., "The 'Entente'", *op. cit.*, 1898, 5 out., n.9, p.2; Thomas Craig, "The Gipsy's" atonemet - a true queensland story", *op. cit.*, 1898, 5 out., n.9, p.3; T. C., "Hunt for it!", *op. cit.*, 1898, n.13, p.4; T. C., "The manangebas lion", *op. cit.*, 1898, 3 ago., n.26, p.2; T. Craig, "The Beira regattas", *op. cit.*, 1899, 14 mar., n.6, p.3; "Beira Club - inauguration dinner - a great success", *op. cit.*, 1898, 5 out., n.9, p.2.

estético, como aquela de Romão Duarte, "Sciencias, artes e lettras – A jarra Beethoven", além de uma seção de crônicas.[366]

Mas o mais curioso texto que pudemos encontrar denominava-se "Typos da Beira – I – O 'monhé' das sedas", alcunha dada aos comerciantes ambulantes indianos, revelando a discriminação por eles sofrida:

> Quem há na Beira que os não conheça? Caracteristicos e inconfundiveis, trabalhadores infatigaveis na sua tarefa de todos os dias, a caminhar, a caminhar sempre, de porta em porta, apertando e desapertando a trouxa a abarrotar de sedas, envolvidas em panno que já foi branco, procurando vender, impingir o que trazem n'uma algarvia de polyglota, acocorados no meio do extendal de lençaria e chinezisses que despejam em torno de si centenas de vezes ao dia, os olhinhos muito vivos a prescrutar o interesse na compra d'um ou outro artigo para pedirem mais por elle.
>
> *Comprate, very cheap, tuto seda, muito bárato* [...][367]

E seguia empregando várias expressões utilizadas pelos ditos "monhés", sempre ridicularizando-os, ainda que não de modo grosseiro. Outros textos que vale a pena registrar eram: de Y., "A festa dos bombeiros" e o texto de Romão Duarte, "1499-1899", em comemoração dos quatrocentos anos da chegada dos portugueses a Moçambique, fazendo um genérico balanço da história da Beira, Manica e Sofala.[368]

Quanto à poesia, alguém que se autodenominava Le Roi-Luzbel estampou cinco sonetos satíricos sem título, que iniciavam com os versos: "Desopila... mas também é um soffrimento", "Com certeza teremos sarrabulho", "No hospital, doente ha já tres dias", "Tenho de lucto a lyra! A morte agreste" e "Vou, em palavras bombasticas".[369] Eis a sensibilidade fim-de-século e o simbolismo que ali também impunham sua estética.

Resta-nos ainda dedicar algumas poucas linhas sobre o distrito de Niassa, situado no extremo noroeste de Moçambique. Por razão da instalação de uma grande companhia de capital predominantemente inglês, a Companhia do Niassa, toda a região, até então praticamente abandonada pela efetiva dominação portuguesa, passou a ser ocupada. Iniciaram a construção de uma estrada de ferro que ligou o distrito do Niassa com o litoral, isto é, com os portos de Ibo e Porto Amália, já no distrito vizinho de Cabo Delgado (Pelissier, 1994, cap.VI).

Foi assim que apareceu o *Boletim da Companhia de Niassa* (8 nov. 1897 – 26 out. 1929), a primeira publicação oficial do Niassa, que também circulava no Cabo Delgado. Não tinha

---

366 . Romão Duarte, "Sciencias, artes e lettras - A jarra Beethoven", *Correio da Beira*, 1899, 21 nov., n.7, p.3;"Chronica", *op. cit.*, 1899, n.2, p.3; "Chronica", *op. cit.*, 1899, n.3, p.3.

367 . "Typos da Beira - I - O 'monhé' das sedas", *Correio da Beira*, 1899, n.3, p.3.

368 . Y., "A festa dos bombeiros", *Correio da Beira*, 1899, n.3, p.3; Romão Duarte, "1499-1899", *op. cit.*, 1899, 21 nov., n.7, p.1.

369 . Le Roi-Luzbel, (Desopila... mas também é um soffrimento), *Correio da Beira*,1899, 8 ago., n.1, p.3; Le Roi-Luzbel, (Com certeza teremos sarrabulho), *op. cit.*, 1899, n.2, p.3; Le Roi-Luzbel, (No hospital, doente ha já tres dias), *op. cit.*, 1899, n.2, p.3; Le Roi-Luzbel, (Tenho de lucto a lyra! A morte agreste), *op. cit.*, 1899, n.3, p.3; Le Roi-Luzbel, (Vou, em palavras bombasticas), *op. cit.*, 1899, n.5, p.3.

interesse literário, mas compunha o amplo cenário de difusão da imprensa, que daria um novo impulso ao periodismo moçambicano no início do século XX.

6. *Observações gerais*

Geograficamente, temos em primeiro lugar a instalação da imprensa ao norte da costa moçambicana em meados do século XIX, na Ilha de Moçambique. Somente nas duas últimas décadas do século e, mais fortemente, nos anos de 1890 as publicações periódicas iriam difundir-se para outras regiões do país. Sua expansão começou para o Sul: Quelimane, Beira e Lourenço Marques. Somente depois chegou ao extremo norte e noroeste, isto é, às regiões de Ibo, de Porto Amélia e do Niassa.

É curioso observar que não pudemos encontrar qualquer publicação periódica oitocentista em Inhambane. Sabemos que os indianos constituíam uma forte comunidade naquela cidade. Se constatamos que a origem do jornalismo moçambicano, como também seu desenvolvimento, sempre esteve em íntima relação com aquele produzido em Goa, era de se esperar que em Inhambane também aparecessem publicações que viessem reafirmar tal relacionamento. Todavia, os indianos que ali se estabeleceram eram certamente baneanes provenientes de Diu e Damão, tradicionalmente dedicados ao comércio. Já os goeses que se relacionavam com o jornalismo de Moçambique eram brâmanes, que, como vimos, formavam a classe intelectual indiana. Daí, talvez, a inexistência nesse momento de periódicos em língua portuguesa em Inhambane.

Como vimos, a imprensa na ilha de Moçambique não se desenvolveu aleatoriamente. Teve sua espinha dorsal nas figuras de Francisco de Paula Carvalho, João Sinfrônio de Carvalho e Joaquim José Lapa. Esses três empreendedores estiveram na direção do *Noticiário de Moçambique*, depois do *Jornal de Moçambique* e finalmente do *Africa Oriental*. Poderíamos tomar essas três publicações como um único e mesmo periódico, já que havia uma continuidade em termos ideológicos e de programa, isto é, eram publicações paragovernamentais, que não faziam frente aos desmandos da administração portuguesa, procurando apenas comentar genericamente alguns problemas portugueses ou mesmo locais, noticiar os parcos eventos moçambicanos e ilustrar o leitor com curiosidades e com um pouco de literatura. Como colaboradores assíduos nessa última tarefa encontramos José Pedro da Silva Campos Oliveira e José Peixoto do Amaral, outros dois grandes nomes da publicística moçambicana daquele momento.

Desse grupo, José Peixoto do Amaral saiu para Quelimane, e Joaquim José Lapa e Campos Oliveira passaram a publicar também em Lourenço Marques, estendendo assim sua presença para os pontos que culturalmente ganharam prestígio na colônia. Notemos que a Beira e o Niassa tiveram seu jornalismo instituído pelas companhias estrangeiras que se estabeleceram naquelas

regiões, trazendo um novo modelo, privado e anglo-capitalista, que não advinha da dinâmica governamental e militar das colônias portuguesas.

Autores recorrentes

Em matéria de literatura, temos alguns nomes recorrentes entre os colaboradores nos periódicos aqui arrolados. Vale lembrar o poeta Ernesto Marecos, ou Ernesto Frederico Pereira Marecos,[370] filho do também poeta José Frederico Pereira Marecos. O poeta Ernesto Marecos teve alguma presença no cenário das letras moçambicanas, como pudemos constatar dos poemas de sua autoria publicados em periódicos, da crítica feita a seu livro *Folhas sem flores,* de C. Ayres, ou da homenagem em versos escrita por Campos Oliveira.

O poeta, segundo Inocêncio da Silva (t. 9: 319), estivera primeiramente em Angola, onde permaneceu apenas alguns meses em cerca de 1864, retornando a Lisboa. Manuel Ferreira (1987: 21) refere-se ao poema narrativo "Juca, a matumbolla", publicado em Luanda, em 1865, tratando de uma lenda africana. Já Salvato Trigo (1977: 38) afirma que o poeta teria sido o editor do periódico *A Autora*, de Angola, de 1855, o que o coloca naquela colônia uma década antes da data fornecida por Inocêncio.

Manuel Ferreira, em razão do poema "Juca, a matumbolla", situa o poeta em Angola, entre os que antecederam num sentimento de "negritude" e de "africanidade". Todavia, vimos o mesmo poeta sendo criticado por C. Ayres por desprezar em seus poemas a realidade local das colônias. Isso dava a medida da oscilante e esteticamente díficil situação que tais escritores portugueses viviam nas colônias, ora se debruçando sobre os temas e a realidade locais, ora retomando os temas convencionais e a realidade européia, além de muitas vezes circularem por diversas regiões, sem criar vínculos estreitos com tais localidades.[371]

Outro que tinha presença literária marcante nos periódicos moçambicanos era José Peixoto do Amaral, de quem praticamente nada pudemos saber. Por suas publicações aqui arroladas, sabemos que foi tradutor, contista e romancista, que nos deixou sem desfecho *Os mistérios do Porto* e *As aventuras de Ritinha*, mas completos os contos "A probidade e o crime", "Meia hora de enfado" e "Uma decepção", além dos dois textos por nós a ele atribuídos, quando

---

370 . Ernesto Frederico Pereira Marecos (Lisboa, 1836 - Moçmbique, 1879) publicou diversos livros de poemas e alguma prosa, a saber: *Maria, história de uma mulher* (Coimbra, 1855), *Primeiras inspirações, poesias* (Lisboa, 1865), *Juca Mahuntolla, lenda africana* (Lisboa, 1865), *Juramentos bem cumpridos* (em prosa) (Lisboa, 1865), *Coroa de perpétuas: elegia por ocasião da sentida morte da atriz Manuela Lopez Rey* (Lisboa, 1866), *O tesouro de Fafnir: legenda extraídas das tradições germânicas acerca da morte de Átila* (Lisboa, 1866), *As confidências: romance* (em prosa) (Lisboa, 1867), *A morta: poema em ste cantos* (Lisboa, 1867), *Folhas sem flores - novas poesias* (1878).

371 . Em 1869, Ernesto Marecos foi nomeado diretor da Alfândega de Ibo, distrito de Cabo Delgado. Em seguida, possivelmente entre 1877 e 1878, foi designado para exercer o mesmo cargo em Pangim, ou Nova Goa, na Índia, quando escreveu parte dos poemas de *Folhas sem flores.* Todavia, em julho de 1879 o encontramos exercendo o cargo de diretor da Alfândega da ilha de Moçambique, como constatamos em nota que acompanha seu poema em homenagem a Varejão.

assinava sob o pseudônimo de Lamara, "A queda do ministerio – original" e "Que pezar!". Foi um grande divulgador da literatura francesa em Moçambique, traduzindo ou adaptando *A familia Jouffroy*, de Eugênio Sue, *A mulher de cera,* de René de Pont-Jest, *Os prisioneiros do Caucaso,* de Xavier de Maistre, e *A casa vermelha*, de Xavier de Montepin.

A única informação que conseguimos sobre suas atividades profissionais foi a de ter sido tenente do Batalhão de Caçadores n. 3. Colaborou no *Africa Oriental*, da Ilha de Moçambique, e no *Mez* de Quelimane. Além disso, fundou em Quelimane um periódico inteiramente elaborado por ele, o *Echo da Zambezia.* E é só. Nem mesmo Inocência da Silva, em seu *Dicionário bibliográfico português*, fez qualquer referência a José Peixoto do Amaral.

Já a personalidade mais conhecida da cena romântica colonial moçambicana foi sem dúvida José Pedro da Silva Campos Oliveira. Considerado por Manuel Ferreira como o primeiro poeta de Moçambique, foi também contista e cronista. Em *O mancebo e o trovador Campos Oliveira*, Manuel Ferreira reúne um apanhado geral da obra do poeta. Campos Oliveira nasceu na ilha de Moçambique em 17 de abril de 1847 e viveu em Margão e Goa por muitos anos. Ali editou o *Almanach Popular* para os anos de 1864, 1865 e 1866, na tipografia de *O Ultramar.* Colaborou também em *O Ultramar,* na *Illustração Goana*, no *Almanach de Lembranças Luso-Indiano* e mesmo no *Ta-ssi-yang-kuo*, de Macau. Voltou à terra natal por volta de 1867, onde colaborou no *Jornal de Moçambique*, no *Africa Oriental*, no folheto *Santo António*, no *Districto de Lourenço Marques* e também no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro.*[372] Em 1877, encontramo-lo como "simpático diretor do correio, que todos nós conhecemos, alegre, com excelente saúde, comendo bem". Morreu em Moçambique em 1911.[373]

Era um poeta bastante dinâmico, ainda que não tenha apresentado qualquer traço peculiar ou original em suas composições; um romântico convencional, sem excessos, tanto na poesia como na prosa e na crônica.

Passando aos editores e jornalistas, podemos destacar Joaquim José Lapa. Sabemos que fôra tipógrafo da Imprensa Nacional, sócio-proprietário do *Noticiario de Moçambique* e editor do *Africa Oriental*, participando ainda da lista de associados da Sociedade de Geografia de Moçambique, onde apareceu como capitão do exército e condutor das obras públicas. Era também sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 1888, encontramo-lo colaborando com o *Districto de Lourenço Marques.* Na administração anterior à de 1893, fôra governador do distrito da Zambézia, como é possível constatar em nota saída no *Echo da Zambezia*,[374] podendo ter colaborado também no jornalismo daquele distrito em exemplares aqui não localizados.

Temos ainda, fora do grupo que teve origem no *Nociticiario de Moçambique*, o angolano Alfredo Augusto de Brito Aguiar, que teve uma atuação inteiramente política, revelando um

---

[372] . Os poemas de Campos Oliveira publicados no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* foram reproduzidos por Gerald M. Moser (1993).

[373] . Rui Xavier, "O folhetim do ultimo numero", *Africa Oriental*, 1877, 19 abr., n.16, p.2.

jornalismo ideologicamente mais polêmico do que aquele praticado pelo grupo até aqui referido. Mário Pinto de Andrade (1997:47-49) situa-o entre aqueles que se identificavam com os movimentos nativistas e que de algum modo alimentaram o protonacionalismo africano no início do século XX. Sabemos também que chegou a publicar um poema no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, para o ano de 1888, intitulado "A uma africana (imitação)" (Moser, 1993: 210).

No que diz respeito à presença de textos de autores românticos portugueses, tanto em Goa como em Macau, Tomás Ribeiro apareceu como referência obrigatória de poesia. Também, evidentemente, como vimos, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano, três grandes bastiões do romantismo português, tiveram espaço nas publicações moçambicanas, especialmente Camilo. Estes eram tomados como os gênios maiores do Olimpo literário da metrópole.

Por outro lado, vimos também que a literatura francesa revelava forte presença em Moçambique, presente em imitações, adaptações, traduções e mesmo em textos escritos e publicados em francês. Tal fenômemo deveu-se em parte à proximidade da ilha de Moçambique com a de Port-Louis, que, nessa altura, já se encontrava sob o domínio dos ingleses e voltara a chamar-se ilha Maurício, mantendo, todavia, o francês como língua oficial. Afora isso, a forte influência que a literatura francesa exercia sobre a literatura portuguesa também chegava a Moçambique. Vale assinalar que, nesse momento, era também a literatura francesa que filtrava a imagem de outras localidades da Europa, como vimos acontecer aqui com a Itália no *Africa Oriental*.

Para hierarquizar esse amplo panorama literário, poderíamos, por exemplo, tomar como referência remota *Os mistérios de Paris*, de Eugènie Sue, passar por *Os mistérios de Lisboa*, de Camilo Castelo Branco, e chegar a *Os mistérios de Porto*, de José Peixoto do Amaral, publicado em primeira mão no *Africa Ocidental*. Essa relação entre França, Portugal e Moçambique era reforçada, como observamos, pela proximidade das ilhas Maurício e pelo constante trabalho, como tradutor e adaptador, de José Peixoto do Amaral. Esse obscuro escritor fez em Moçambique o que muitos brasileiros se empenharam em fazer durante praticamente todo o século XIX: estabelecer uma ponte direta com a literatura francesa, sem endossar o movimento antigalicista que vigorava em Portugal.

Nesse sentido, Moçambique aproximava-se do Brasil. Mas, diferentemente do que acontecia no Brasil, não havia em tal postura qualquer intenção de autonomia em relação à literatura portuguesa. A naturalidade com que publicavam, na ilha de Moçambique, um romance inédito ambientado no Porto e que tinha por referências Lisboa e Paris, fazia pensar no quanto a literatura ali estava totalmente desvinculada da realidade local. Se somarmos a isso as críticas que sofreu Campos Oliveira por não ter tratado da natureza africana em seus poemas, chegamos

---

[374] *Echo da Zambezia*, 1893, n.7, p.2.

facilmente à conclusão de que, em matéria literária, efetivamente acreditavam estar em uma província portuguesa quando estavam em Moçambique, isto é, o diálogo literário dava-se integralmente com Portugal, sem grande valorização da comunidade local.

Na busca de uma aproximação com o Brasil, vale registrar o poema de Tomás Antônio Gonzaga, publicado por Campos Oliveira no primeiro exemplar de 1881 da *Revista Africana*. Todavia, também vale registrar a reprodução do artigo de Camilo atacando a apropriação indevida e ilegal de sua obra pelos editores brasileiros. Revelava-se, por tais fatos, uma posição ambígüa dos literatos moçambicanas em relação ao Brasil, refletindo em grau bastante baixo o que acontecia em Goa, onde o Brasil tinha uma presença bem maior, mas também nem sempre positiva.

CAPÍTULO 10

A literatura romântica de língua portuguesa no eixo oriental

Se, no que diz respeito à política do ensino do português, constatamos a existência de certa unidade no continente africano diante do que ocorrera em Goa e Macau, no caso da literatura publicada em periódicos, temos Goa, Macau e Moçambique de um lado e, como veremos, Angola, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe de outro, isto é, temos um eixo oriental e um eixo ocidental.

Apesar de Moçambique ter dado início às suas publicações periódicas mais tardiamente que as colônias asiáticas, estabeleceu no final do século XIX um diálogo mais intenso com Macau e principalmente com Goa do que com as colônias luso-africanas.

É historicamente sabido o quanto o lado oriental das possessões portuguesas se encontrava isolado a partir do final do século XVIII.[375] Em meados do século XIX, enquanto os portugueses mantinham no lado ocidental um constante investimento na agricultura, centrando sua atenção em Angola (que deveria tomar o lugar econômico outrora ocupado pelo Brasil), o lado oriental ficou relegado ao segundo plano, apresentando apenas poucas oportunidades de lucro.[376]

Da perspectiva literária, tal isolamento redundou numa certa autonomia da vida literária daquelas elites letradas, resultando no trânsito de escritores e publicações entre Goa, Macau e Moçambique, passível de ser tomado como elemento característico daquela produção literária em relação à metrópole.

---

[375] . Sobre esse período, afirma Ernestina Carreira (1993: 218) que: "Ora, a decadência comercial dos Portugueses no Oriente limitava a dois ou três, os navios que anualmente partiam de Lisboa para Goa. A África Oriental ficava por vezes dois anos sem ordens e notícias quando a nau de viagem não passava por lá. Consequentemente, os Governadores de Moçambique só podiam obter suas informações pelas gazetas e cartas dos Governandores da Ilha de França. Os de Goa dependiam de Bombaim".

[376] . Com as guerras napoleônicas e a aliança luso-britânica de 26 de setembro de 1793, Portugal perdeu duplamente: tanto pelos ataques dos franceses às suas frotas, como pela dominação dissimulada de Goa e de Macau por parte dos ingleses, que passaram a controlar todo o comércio lucrativo em tais regiões. Na década de 1820, a Revolução Liberal em Portugal fez que o trânsito entre metrópole e colônias orientais passasse a ser maior, mas as transações comerciais não tiveram grande revigoramento. Somente no último quartel do século, quando Macau começou a "exportar" os escravos cules (etnia chinesa) para as lavouras cubanas, é que houve um pequeno renascimento econômico no lado oriental. Também a descoberta de carvão, diamantes e ouro na região do Transwal, ao sul de Moçambique, chamou a atenção dos portugueses, que não conseguiram ficar com a exploração das minas, mas mantiveram o controle da baía de Lourenço Marques (Rocha, 1991: 40). Foi esse fato, por sinal, que motivou a mudança da capital da colônia, que encontrava-se instalada na ilha de Moçambique, para a atual Maputo.

Lembremos que em Goa e em Macau a imprensa era algo que já existira nos séculos XVI, XVII e parcamente no XVIII, mas ambas as localidades entraram no século dezenove sem qualquer atividade letrada, que foi então reinaugurada. Após a revolução liberal de 1820 em Portugal, a imprensa se estabeleceu de imediato em Goa, em 1821. No ano seguinte, foi Macau que ganhou uma máquina impressora. Já Moçambique teve de esperar mais de trinta anos. Somente em 1854 teria sua primeira imprensa. Tais circunstâncias colocavam Goa e Macau à frente de Moçambique em termos de produção escrita, e especialmente Goa, quer por sua superioridade administrativa, quer por sua mais consistente tradição letrada em língua portuguesa.

Sendo Goa o centro administrativo do reino português no Oriente, seria também o centro formador e irradiador de literatos para Macau e Moçambique. Praticamente abandonadas pela metrópole, as colônias luso-orientais foram obrigadas a desenvolver certa autonomia intelectual. Assim, Goa ficou conhecida como a "Lisboa do Oriente". No âmbito especificamente literário, vimos que em Goa inicialmente foram reproduzidos artigos de periódicos portugueses, como os de *O Panorama* (1837-1868) ou de *O Jornal Encyclopedico* (1836-1837). Uma das referências literárias mais constantes foi Alexandre Herculano, principalmente o historiador. Muitos dos incipientes literatos goeses pretenderam seguir os passos de Herculano no que concernia ao trabalho historiográfico, procurando investigar alguma documentação colonial e escrever sobre a história das regiões onde viviam ou se instalavam, tendo por mestre local Cunha Rivara.

Outro português que ganhou notoriedade literária em Goa, e também em Macau e Moçambique, foi o poeta Tomás Ribeiro. Quando ali chegou em 1870 para substituir Cunha Rivara, era já um poeta renomado na metrópole e sua presença influenciou muito a poesia por aquelas paragens. Faltam-nos estudos específicos sobre a presença de Tomás Ribeiro no Oriente português, mas, pelo que foi possível depreender das referências a ele feitas e da quantidade de trabalhos seus ali publicados, foi o grande modelo do verso romântico para os poetas daquelas colônias.

Na década de 1860, Goa viveu uma verdadeira efervescência cultural. Inúmeros periódicos foram ali publicados. Em matéria de política, podiam-se ler *O Ultramar*, *A India Portugueza*, *A Fênix de Goa*, *A Harmonia*, *A Aurora de Goa* e o *Jornal de Notícias*. Como periódicos dedicados a grupos específicos, apareceram o *Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portugueza*, a *Revista Médico-Militar da Índia Portuguesa*, o *Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India Portugueza*, o *Periódico Militar do Ultramar Portuguez*. Na área literária e de ilustração, surgiram o *Tyrocinio Litterario*, o *Recreio das Damas*, a *Illustração Goana*, a *Harpa de Mandovy – Jornal de Poesias*, *O Recreio*, sendo que em Bombaim teve lugar *O Anglo-Portuguez*, responsável pela publicação, em folhetim, do primeiro romance goês, *Os brâmanes*, de Francisco Luís Gomes. Assim, Goa possuía uma vitalidade literária que iria contagiar as colônias vizinhas de Macau e Moçambique.

Criou-se ali um tipo de literato bastante peculiar, com toda sua formação letrada em Goa. Júlio Gonçalves, por exemplo, estudou no Liceu de Nova Goa (ou Pangim) e angariou o título de advogado por intermédio de aulas especiais administradas naquela cidade, já que não havia ali um curso regular de Direito. Posteriormente, foi convidado a integrar a junta inspetora de ensino, instituída em 1871 pela reforma de Rebelo da Silva, sendo nomeado em 1879 delegado de ensino. Foi ainda professor de filosofia, história e economia política no liceu onde se formara e em 1888 assumiu também o cargo de diretor da Biblioteca Nacional de Goa. Era sócio da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Instituto Vasco da Gama e da Associação dos Amigos de Letras de Bombaim, tendo colaborado em vários periódicos e almanaques goeses e, principalmente, na revista *Instituto Vasco da Gama*.

Formação intelectual semelhante teve o moçambicano José Pedro da Silva Campos Oliveira. Como vimos, antes mesmo de colaborar na revista de Júlio Gonçalves, já publicara em Margão o *Almanach Popular*. Anos depois, em 1870 e 1882, teríamos textos de sua autoria impressos no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Mas nesses anos provavelmente já retornara a Moçambique, pois em 1873 saía um poema de sua autoria, "Morte da Exma. Sra. D. Maria José Pereira Portugal da Graça (28 de março de 1873)", no *Jornal de Moçambique*.[377] Em sua terra natal colaborou nas principais publicações periódicas e, o que é mais importante, fundou a *Revista Africana* (1881), a primeira revista de caráter literário e de ilustração publicada em Moçambique.[378] Tal qual Júlio Gonçalves, o poeta Campos Oliveira encontrava-se no centro das atividades literárias da colônia, imprimindo ali o referencial de gosto literário que adquirira em Goa.

Lembremos que o primeiro almanaque publicado em Moçambique, o *Almanach Civil Ecclesiastico Historico-Administrativo da Provincia de Moçambique para o Anno de 1859*, foi editado por José Vicente da Gama, um goês natural de Saligão, da província de Baldês. Assim, temos o moçambicano Campos Oliveira editando almanaques em Goa e o goês José Vicente da Gama editando almanaques em Moçambique – um paralelismo que revela o trânsito de literatos entre as duas colônias.

Recordemos ainda que Ernesto Marecos, português que vivia em Moçambique, estivera também em Angola e em Goa e escrevera poemas sobre aquela colônia. Ainda que tivesse tido sua formação intelectual em Portugal e tivesse ido se instalar em Angola e depois em Moçambique, a passagem por Goa era de praxe. Em geral, quase todos aqueles portugueses que chegavam ao Oriente passavam por Goa, reforçando o aspecto centralizador que possuía aquela colônia. Para aqueles que, nascidos nas colônias do Oriente, queriam angariar algum sucesso literário, a

---

[377] . Campos Oliveira, "Morte da Exma. Sra. D. Maria José Pereira Portugal da Graça (28 de março de 1873)", *Jornal de Moçambique*, 1873, 17 abr., n.2, p. 8.

[378] . Grande parte da obra de Campos Oliveira foi reunida por Manuel Ferreira em *O mancebo e o trovador Campos Oliveira* (1985), sendo que recentemente alguns outros de seus poemas foram noticiados por Antônio Tuzine em artigo do volume *140 anos de imprensa em Moçambique* (1996: 211-219).

formação intelectual em Goa era a melhor opção, já que em geral não dispunham de recursos para fazer o mesmo em Portugal.

Evidentemente, nem todos os intelectuais se encaixavam em tal itinerário intelectual, bastando lembrar o angolano Alfredo de Aguiar, que tivera sua formação em Angola. Outros, como o incógnito José Peixoto do Amaral, deixaram-nos sem saber ao certo que percurso intelectual tiveram antes de atuarem em Moçambique. O fato é que falamos aqui de uma tendência, de uma vizinhança que criou vínculos tradicionais entre as comunidades intelectuais envolvidas, tendo uma delas, Goa, como seu centro formador. Evidentemente Portugal continuava sendo a referência comum, porém mediada pela atividade intelectual local.

É importante também lembrar que o fundador do *Ta-ssi-yang-kuo*, o advogado goês José Gabriel Fernandes, teve a mesma formação intelectual de Júlio Gonçalves e de Campos Oliveira. Isso completa o eixo literário das três colônias luso-orientais, já que assim podemos ver aqui atrelados à formação literária goesa os três principais editores literários e as três principais publicações periódico-literárias de cada uma daquelas localidades durante o século XIX: a *Illustração Goana*, a *Revista Africana* e o *Ta-ssi-yang-kuo*.

Quando à relação entre Goa e Macau, o jornalismo em Macau recebeu muita influência do jornalismo goês, apesar de ter-se desenvolvido com certa autonomia. Os macaenses estiveram sempre muito preocupados com a política e delegavam parco espaço à literatura. Esta última desenvolveu-se ali de modo bastante peculiar, tendo uma de suas maiores expressões na figura de José Baptista de Miranda e Lima. O poeta regeu a cadeira de gramática portuguesa e latina no Real Colégio de São José por praticamente toda a sua vida e praticou uma poesia de cunho neoclássico. Vimos que o romantismo chegou em Macau em doses muito pequenas, pois durante toda a segunda metade do século XIX pouco se publicou ali em matéria de poesia e prosa românticas, mesmo se considerarmos a reprodução pura e simples de poetas e romancistas portugueses.

Teremos de esperar um Camilo Pessanha para termos em Macau uma poesia que fizesse jus ao gosto burguês. De qualquer modo, o *Ta-ssi-yang-kuo*, que Miranda e Lima nem pôde ver surgir, seguiu em parte a orientação do poeta macaense, assim como também o fez a *Gazeta de Macau e Timor*, valorizando sempre o gosto neoclássico, agora ao lado do gosto romântico. O romantismo teve ali maior expressão na vertente historiográfica, em parte por influência tanto de Herculano, em Portugal, quanto de Cunha Rivara, então em Goa. Os estudos históricos sobre Macau foram levados a cabo por Antônio Feliciano Marquês Pereira, escritor lisboeta que ali se fixou e que acabou por morrer na Índia. Também os estudos lingüísticos do patoá macaense ganharam grande expressão, com a recolha de diversas peças populares em patoá. A poesia sofreu alguma influência de Tomás Ribeiro, mas, como observamos, o neoclassicismo de Miranda e Lima esteve sempre presente.

Tanto Goa quanto Macau e Moçambique reproduziam publicações francesas e inglesas, fazendo notar a forte presença que estas duas línguas tiveram na formação do repertório literário

dessas localidades. As línguas locais, como o concanim, o marata, o cantonês, o patoá macaense, o macua, o suahili etc. pouca influência exerceram sobre a literatura de língua portuguesa, ainda que isso variasse de região para região, de caso para caso.

No que concernia às imagens do Brasil na imprensa oriental de língua portuguesa, temos em todas aquelas colônias a presença constante do Brasil nas páginas de seus periódicos: primeiro como sede da coroa portuguesa (até 1822); depois como vilão (a colônia rebelde); e finalmente como nação aliada e ex-colônia exemplar, isto é, modelo a ser seguido pelas colônias para angariar o sucesso econômico e cultural.

Se em Moçambique e em Macau o Brasil teve presença de modo muito superficial, em Goa vimos como a ex-colônia portuguesa, em termos literários, aparecia como nação que buscava uma aproximação com a linguagem literária da França em detrimento da linguagem literária portuguesa. Também o modo como o brasileiro falava e escrevia a língua portuguesa é até certo ponto satirizado pelos goeses, seguindo o que acontecia em Portugal. Todavia, o Brasil manteve-se como referência constante e obrigatória nos debates políticos e econômicos, como modelo a ser, se não seguido, ao menos estudado.

Após esse percurso pelas publicações periódicas do lado oriental das colônias portuguesas oitocentistas, podemos afirmar que, no que concerne à produção literária, Goa, Macau e Moçambique formavam, em certo grau, uma comunidade intelectual única, que tinha seu centro em Goa, onde se dava a formação de seus membros, sendo a literatura produzida em Portugal a referência suprema dessa comunidade. Além da literatura portuguesa, a literatura francesa e depois a inglesa tinham seus lugares de prestígio garantidos, assim como, mais remotamente, as outras literaturas nacionais européias. O Brasil ocupava um lugar literário polêmico, sem prestígio, mas sempre presente. Esse quadro perdurou até o final do século, quando a política portuguesa para com as colônias mudou radicalmente e o neocolonialismo passou a vigorar com mais força, preparando as colônias do Oriente para um novo momento de forte presença portuguesa.

PARTE 4

O eixo ocidental:
Angola, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe

A terra é um ser animado, envolta n'esta rede de fios [telégrafos, ferrovias, estradas, rotas marítimas] *à semelhança dos nervos do corpo humano: como um ser animado receberá instantaneamente as impressões, que hão-de communicar-se, não a uma cabeça unica, mas a tantas cabeças quantos são no mundo os povos civilisados.*

(Thiers, "A imprensa", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868 - extraído do *Jornal do Commercio* de Lisboa)

CAPÍTULO 11

O jornalismo literário e de ilustração em Angola

1. *A ilustração literária na cidade de São Paulo de Luanda*

Luanda sempre foi o centro econômico, literário e cultural de Angola, sendo por isso, naturalmente, também o centro de publicação de periódicos nessa colônia. Com o *Boletim do Governo Geral da Província de Angola*, cujo primeiro exemplar data de 13 de setembro de 1845, teve ali início uma longa tradição de folhas periódicas. Essa publicação tem as mesmas características burocráticas presentes nos outros boletins aqui tratados. No caso de Angola, o boletim documenta de modo exemplar o processo de modernização de sua economia e sociedade diante da contingência de acabar com o tráfico de escravos e adotar novas políticas agrícolas e comerciais, como bem observa Mário Antônio (1997:20). O crítico e historiador angolano nota que:

> Além das funções habitualmente esperáveis de órgãos do governo, o *Boletim* publicava pastorais e provisões do bispado de Angola e Congo, bem como outros documentos; crônicas de viagens através de Angola; artigos e estudos de política ultramarina e economia; trechos literários em prosa e em verso; relatórios de sertanejos do interior de Angola; anúncios comerciais e avisos de leilões.
>
> Também aí se publicavam avisos de rifas que entre si organizavam os moradores de Luanda; declarações de credores a ameaçarem os devedores se não solvessem as dívidas reclamadas; participações de casamentos, nascimentos e óbitos; declarações relativas a procurações outorgadas legalmente, etc.; avisos de partidas e chegadas de navios e outras embarcações e partidas de pessoas para o reino, ou para o Brasil, que assim se despediam; tudo se publicava, enfim, no órgão oficial, que fosse de interesse para o público, consoante os dizeres do artigo 13. do Decreto de 7 de Dezembro de 1836, pelo qual se estabeleceu a organização administrativa para os domínios coloniais. (Oliveira, 1997: 21)

Nas páginas do folhetim, Carlos Pacheco (1992: 91) localizou o poema "Ao Exmo. Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto", de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 22 de setembro de 1849. Nesse mesmo ano saía na Imprensa Offical do Governo de Angola, onde se imprimia o boletim, a primeira edição das *Espontaneidades de minha alma - às senhoras africanas* (1849), de Maia Ferreira. O boletim, todavia, não dava qualquer notícia sobre o livro, como observa Carlos Pacheco.

Considerado pela historiografia o primeiro poeta africano de língua portuguesa, José da Silva Maia Ferreira nasceu em Luanda em 1827 e morreu no Rio de Janeiro em 1881, onde vivera entre 1834 e 1845. Viveu também em Nova York, apresentando uma biografia bastante original. Sua poesia seguiu os padrões românticos de Almeida Garret, de Gonçalves Dias ou de Lamartine (Laranjeira, 1995: 48), mantendo também alguns aspectos do neoclassicismo. As *Espontaneidades de minha alma* são o primeiro livro de poemas de um africano publicado na África portuguesa, sendo também o primeiro livro de poemas publicado naquelas colônias.

Na década seguinte veio a lume o *Almanack Statistico da Provincia d'Angola e suas Dependencias para o Anno de 1852*, publicação interessante e bastante completa que se encontra no Museu de Angola, segundo Filipe Almeida de Eça (Dias & Eça, 1956: 12, em nota), mas certamente sem interesse literário.

O enigmático A Aurora e o polêmico A Civilisação da Africa Portugueza

Em 31 de maio de 1855 surgiu *A Aurora*, primeiro periódico não oficial de Angola. Era publicado pelo Seminário de Luanda, sob a direção e administração de P. F. Madeca e José Gonçalves. Durou até 7 de junho de 1856. Não há notícia da existência hoje de qualquer um de seus números. Todos os estudiosos da imprensa angolana por nós consultados afirmam que não os localizaram, sequer um único exemplar. Tudo indica que fôra uma publicação escolar, que inaugurou a pequena imprensa de ilustração e literária de Angola. Restou-nos, de qualquer modo, o registro de sua existência.

Transcorreriam dez anos até que uma nova publicação viesse a surgir em Luanda, agora sob o título de *A Civilisação da Africa Portugueza - Semanario dedicado a tratar dos interesses administrativos, economicos, mercantis, agricolas e industriais da Africa portugueza, particularmente de Angola e S. Thomé*. O novo periódico teve início em 6 de dezembro de 1866 e foi publicado até o ano de 1869. Era impresso em tipografia própria e tinha por "redactores proprietarios" Urbano de Castro e Alfredo Mântua. Já a partir do n.4 aparece também o nome de Pereira Dutra.

No momento de seu aparecimento, Urbano de Castro aproveitava para notificar como a *Civilisação* fôra bem recebida pela imprensa portuguesa.[1] Fornecia ainda a lista de periódicos portugueses que haviam chegado a Angola, alguns deles saudando o aparecimento da *Civilisação*. Os títulos que ali chegavam eram: *O Correio da Europa, A Correspondencia de Portugal, O Nacional, O Paiz, O Bem Publico, A Folha do Sul, A Aurora do Lima, O Lethos, A Estrela da Beira, A Sentinella da Liberdade, O Tribuno Popular, O Viannense, O Campeão do Alemtejo, O Bejense,*

[1] À exceção de um certo sr. Damião Antonio Pereira Pinto, de quem nada pudemos saber.

O Ecco Liberal, O Vimaranesne, A Gazeta do Campo, A Chronica dos Theatros, O Archivo Juridico, O Jornal de Agricultura Pratica, O Repertorio das Camaras.

Logo de partida, o periódico angolano passou a dialogar constantemente com o *Boletim Official de Angola* e reproduzia muitos periódicos lisboetas, como os *Ensaios Literarios, Jornal das Damas, Lyra Portuguesa, Chronica dos Theatros de Portugal, Jornal de Agricultura Pratica, Correio dos Dois Mundos* etc.[2] Anunciavam assinaturas do "*Jornal das Damas* - revista litteraria e de modas - proprietario e editor - J. J. Bordalo; Redactor principal - B. Nogueira" e do "*Archivo Juridico* - periodico mensal de noticias juridicas e legislação de mais interesse tanto antiga como moderna - Editor - José Lourenço de Sousa".[3]

Constata-se, pois, uma grande circulação de notícias entre Portugal e Angola, quer por intermédio de *A Civilisação da Africa Portugueza*, quer fora de suas páginas. Chegavam informações não só sobre os centros políticos e culturais de Lisboa, Porto e Coimbra, mas também sobre diversas outras províncias portuguesas.

No que diz respeito ao perfil político do periódico, em linhas gerais podemos afirmar que a *Civilisação* discutia exaustivamente a abolição da escravatura, posicionando-se a seu favor e aliando-se, assim, às elites progressistas metropolitanas. Acabavam por enfrentar as alas mais conservadoras da administração portuguesa, que defendiam a manutenção do sistema escravocrata.

No texto introdutório,[4] Urbano de Castro procura justificar a política metropolitana para com a África, encontrando razões qualificadas para o tratamento que Portugal dispensara até então àquela colônia, chamando à ação a iniciativa privada na busca de suprir as carências de "civilização". Apesar da afirmação de estar o periódico voltado exclusivamente para as colônias de Angola e São Tomé, o redator pressupõe que muitos achariam risível a iniciativa por eles empreendida, revelando ter como interlocutores virtuais os portugueses metropolitanos e não apenas os angolanos, que provavelmente agradeciam o aparecimento da publicação. Por outro lado, o risível poderia referir-se à reação dos escravocratas, que desprezariam como idealistas as propostas dos redatores do periódico para o desenvolvimento da colônia.

Em seqüência ao texto de Urbano de Castro, aparece um outro assinado por A. M., isto é, Alfredo Mântua, que traça uma pequena história da relação entre a metrópole e as colônias africanas e defende a ajuda governamental portuguesa para o desenvolvimento de Angola:

> Se Portugal na Europa em communicação direta e immediata com os grandes centros de civilização (sic), não possui ainda homens, bastante emprehendedores, para dispensarem o auxilio do governo nas mais insignificantes empresas, não é para admirar, que um paiz como

---

[2] . Urbano de Castro, "Imprensa em Portugal", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 13 jun, n.26, p.102.
[3] . "Jornal das Damas - revista litteraria e de modas - proprietario e editor - J.J. Bordalo; Redactor principal - B. Nogueira" e "Archivo Juridico - periodico mensal de noticias juridicas e legislação de mais interesse tanto antiga como moderna - Editor - José Lourenço de Sousa", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 8 nov, n.44, p.176.
[4] . [texto introdutório] *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1866, 6 dez, n.1, p.1-2

> este ainda em principio, falho de gente, e de capitaes, nada possa fazer entregue a seus proprios recursos, e sem vigoroso auxilio da sua Metropoli.[5]

Assim, vemos que os redatores do periódico atuavam em duas frentes: a do incentivo à iniciativa privada e a da necessidade do apoio governamental. Se o comércio escravagista era combatido por *A Civilisação da Africa Portugueza*, seus redatores procuravam apresentar novos meios de exploração da colônia a partir de investimentos diversificados. A verdade é que a África, e principalmente Angola, começava a ganhar maior prestígio na metrópole. Ainda se mantinha no horizonte português a vontade de reproduzir em Angola os resultados econômicos e sociais conseguidos no Brasil, que havia sido perdido há algumas décadas.

Serão Alfredo Mântua e Urbano de Castro os autores da grande maioria das matérias políticas do periódico. Assim, encontraremos Alfredo Mântua escrevendo sobre a liberdade dos negros e Urbano de Castro comentando a candidatura de Mendes Leal, atacando o periódico do sr. Paschoal, ou debatendo a honestidade de membros do judiciário em Luanda, atacados por *O Commercio de Loanda*, porta-voz dos escravocratas.[6]

As considerações feitas por Alfredo Mântua sobre a liberdade dos negros têm uma perspectiva bastante eurocêntrica, pois, embora o texto todo defenda o pleno direito dos negros à liberdade, conclui que: "dê-se-lhe pois a liberdade, creando ao mesmo tempo legislação severamente repressiva da vadiagem, tendo por todos os conselhos do interior uma policia activa e vigilante para que a lei não seja lettra morta". O não entendimento por parte desses jornalistas progressistas das distinções culturais entre os europeus e os africanos (tomados sempre como inferiores e preguiçosos, ainda quando respeitados em sua humanidade) permitiu que, alguns anos depois, a idéia de legislar rigorosamente sobre a vadiagem fosse realmente adotada, fazendo que ficasse camuflada na figura do "vadio" a condição do "escravo potencial", já que o desempregado (a maioria da população), e portanto "vadio", pagava sua pena trabalhando gratuitamente para o governo (Torres, 1989: 65-80).

Em "Á imprensa de Portugal",[7] Urbano de Castro clama aos jornalistas daquele país que façam coro a seu protesto contra a prisão do brasileiro Francisco Pereira Dutra, um dos sócios-proprietários de *A Civilisação da Africa Portugueza*. O jornalista seguia em cativeiro para cumprir pena em Lisboa em conseqüência dos processos contra ele movidos por Augusto Garrido, poderoso proprietário de terras que fôra acusado por Pereira Dutra de escravizar ilegalmente mais de setenta homens livres. O jornalista brasileiro foi condenado, sem real direito de defesa, já que a seus advogados "inhibiram-n'os de advogar". Mário Antônio (Oliveira, 1997: 51-55) reproduz em detalhe trechos dos artigos ali publicados quando da morte de Francisco Pereira

---

[5] . [sem título] *A Civilisação da Africa Portugueza*,1866, 6 dez, n.1, p.2.

[6] . A. M. [Alfredo Mântua], [sem título - sobre a liberdade dos negros], *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 21 fev, n.12, p.45; Urbano de Castro, "A candidatura do sr. Mendes Leal", *op. cit.*, 1867, 11 jul, n.30, p.117; Urbano de Castro, "Ao periodico do sr. Pachoal", *op. cit.*, 1867, 24 set, n.38, p.149-150.

Dutra no cárcere, ressaltando o ativismo antiescravagista de *A Civilisação da Africa Portugueza* e a qualidade literária dos textos então publicados.

Mas os propósitos dos redatores de *A Civilisação da Africa Portugueza* iam além do combate à escravidão. Pretendiam estimular e defender as elites locais não escravocratas. Ao defender a integridade dos membros do judiciário de Luanda, em dado momento Urbano de Castro observa que:

> Quantas mais garantias de liberdade tiver um povo, tanto mais elle amará o governo que lh'as conceder e assegurar.
> Se isto houvera sido bem comprehendido em Portugal, não teriamos visto inopinada e subita a separação do Brasil.[8]

Aqui já se trata da respeitabilidade e autonomia do português colono. A referência ao Brasil funcionava como exemplo de falha lusitana e mesmo como imagem de resistência aos constantes abusos da autoridade central portuguesa. Mas, apesar de condenar a escravidão e lutar por uma maior autonomia administrativa da colônia, *A Civilisação da Africa Portugueza* estava longe de tomar posições de tendência separatista. Era sim um periódico progressista, influenciado pelo pensamento social e político positivista.

Tinha orientação bastante didática no que concerne à ilustração da elite letrada angolana, como demonstra a publicação de um artigo como os "Rudimentos de economia política", folhetim que ocupa diversos números,[9] apresentando os fundamentos daquela ciência a partir de um questionário no qual se apresentam perguntas como: "Que entender pela palavra riquesa? Não são o ouro e a prata riquesas preferiveis ás outras? Não se poderia usar para moda de outra qualquer cousa, em lugar da prata e ouro?". As respostas também se apresentam de modo simples e didático.

Vale registrar a presença de matérias de natureza científica e agrícola, ligadas à idéia de progresso e desenvolvimento. As "Noções de agricultura", que se publicam por vários exemplares, ou "Aos senhores capitalistas e cultivadores da provincia de Angola", ou ainda "O anil" são exemplos desse interesse por novas técnicas e pela busca de caminhos econômicos alternativos ao comércio de escravos.[10]

Já a única matéria que encontramos sobre a condição da mulher, "Emancipação do sexo fragil", ao invés de tratar da referida emancipação, como parece indicar o título, é sim uma anedota retirada da *Revista dos Dois Mundos*, seguida de uma série de outras anedotas sobre

---

[7] . Urbano de Castro, "Á imprensa de Portugal", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 18 out, n.42, p.165.
[8] . Urbano de Castro, "O jury", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 8 dez, n.48, p.189-190.
[9] . "Rudimentos de economia politica", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 28 mai, n.68, p.267-268, seguindo por diversos exemplares.
[10] . "Noções de agricultura" [exemplo de folhetim científico - cont. em outros exemplares], *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 27 jun, n.72, p.283-284; (Do "Boletim Official" do governo d'esta provincia), "Aos senhores

diversos temas. Fica desse modo registrado o pouco interesse que os angolanos dedicavam naqueles anos a tal questão. O tema ganhou adeptos em Portugal e no Brasil, mas tanto em Angola como nas outras colônias portuguesas sua expressão não foi maior do que a do referido artigo, isto é, a emancipação feminina era somente motivo de gracejos. O lugar da mulher na literatura (como autora e personagem, e não como leitora) vem corroborar a subalternidade do "belo sexo" nas colônias portuguesas, à exceção, talvez, de Cabo Verde, onde a mulher tem participação mais ativa no cenário literário.[11]

Em matéria de espetáculos, temos alguns relativos a atividades musicais e de entretenimento, como o do "Theatro no da [sic] Associação '31 de Outubro' em beneficio do Recolhimento Pio de D. Pedro V", notando que haverá récita e concerto musical e anunciando a venda de bilhetes da platéia ao preço de 1$000 réis fortes. Ou "O Barba-Azul", comentando a ópera de Offenbach, apresentada em Lisboa, com "imitação" de Francisco Palha; artigo retirado da *Chronica dos Theatros*. Aparece também um intitulado "Sahiu á luz a interessante modinha brasileira para piano e canto" [Pode o ceu dar flores], com a propaganda composta em versos, revelando mais uma vez a presença do Brasil naquelas paragens. Temos ainda o "Baile de mascaras no theatro - domingo e terça-feira, 3 e 5 de março proximo futuro", anunciando a venda de bilhetes para o baile e observando a proibição de máscaras de costumes religiosos, que ofendam a moral pública.[12]

Como matérias mais substanciais, aparecem dois textos sobre a festa em benefício das trinta meninas órfãs (nomeadamente mestiças) do Recolhimento Pio de D. Pedro V. O primeiro é de Alfredo Mântua, "A noite de 9 de novembro em Loanda",[13] tecendo comentários sobre a voz e a interpretação de D. Izabel Maria Machado, filha do sr. A. F. Machado, que a todos estusiasmou com seu canto. O outro texto é de Carlos Flores, sem título, também sobre o mesmo evento, fazendo uma descrição detalhada daquela noite: casa lotada, com apresentação da comédia "Polacos e russos na Mouraria", que teve por intérpretes Alfredo Mântua, Loureiro e Abreu, todos os três estreantes no palco. Seguiu-se uma sinfonia executada por uma banda de música regida por J. F. Ramalhoso e a apresentação da referida D. Izabel Machado, também estreante (cantou, entre outras coisas, a canção do "Trovador", a grande ária da "Traviata", a romanza de "Marta" e uma ária de "Lucia de Lamermoor"). O soprano recebeu uma infinidade de ramalhetes e poemas. Comenta Carlos Flores:

---

capitalistas e cultivadores da provincia de Angola" [agricultura e economia], *op. cit.*, 1868, 27 ago, n.88, p.347; "O anil", *op. cit.*, 1868, 30 jul, n.80, p.315-316.

[11] . "Emancipação do sexo fragil", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 8 mai, n.65, p.256.

[12] . "Theatro no da [sic] Associação "31 de Outubro" em beneficio do recolhimento pio de D. Pedro V. Na noite de 9 do corrente haverá recita, e concerto musical", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 8 nov, n.44, p.176; "O Barba-Azul", *op. cit.*, 1868, 12 set, n.92, p.364; "Sahiu á luz a interessante modinha brasileira para piano e canto", *op. cit.*, 1867, 8 nov, n.44, p.176; "Baile de mascaras no theatro - domingo e terça-feira, 3 e 5 de março proximo futuro", *op. cit.*, 1867, 21 fev, n.12, p.48.

[13] . A. M. [Alfredo Mântua], "A noite de 9 de novembro em Loanda", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 17 nov, n.45, p.176[sic] (178).

> A quantidade de poesias dedicadas á eximia e modesta cantora era grande, e um dos mais enthusiastas admiradores do seu talento lançara na scena uma pomba que trasia suspensa no pescoço uma poesia.[14]

O sr. Antônio d'Araujo Junior tocou duas fantasias na rabeca: "O Carnaval de Veneza" e "O Marujo", esta de sua composição. O sr. João de Almeida Campos executou ao piano uma composição de sua autoria: "Recordações de Buenos Aires". Vale notar que, ao lado de árias famosas, aparecem as composições dos músicos ali estabelecidos, além da modinha brasileira que vimos antes anunciada, revelando que aquela comunidade tinha um amplo horizonte de interesses musicais. Dois poemas foram recitados pelos próprios poetas, um por João Cândido Furtado d'Antas e outro pelo dr. Oliveira, médico de São Tomé. Como é possível constatar, o evento fôra repleto de espetáculos, o que denota o apreço da comunidade letrada angolana pelas manifestações artísticas.

O Recolhimento Pio de D. Pedro V, segundo Mário Antônio (1997: 58), tem lugar privilegiado na história da sociedade crioula luandense e, pelo conjunto de anúncios e comentários críticos publicados sobre o evento, temos já a medida da importânca que possuía aos olhos da comunidade local. Era, a um só tempo, motivo para promoção de eventos culturais, meio para a expiação da culpa da elite em relação aos ganhos com o escravagismo e, a despeito de tudo isso, efetivo ato humanitário.

Também é possível notar algum interesse estético pelas culturas locais, como revela o artigo "O vestuario dos indigenas", de Urbano de Castro.[15]

Quanto à arte religiosa, nada aparece. Contrariando os preceitos românticos, a religião tem presença inexpressiva. Vale a pena destacar apenas o artigo "A missão do padre na Africa", em que Urbano de Castro atribui um papel prático, moralizador e educativo ao padre, sem fazer a convencional oposição cultura clássica *versus* cultura cristã.[16]

Nesse contexto, aparece o trecho "Como conquistavam os portugueses nas Terras de Sancta Cruz (relação escripta pelo pe. Antonio Vieira)", que narra um espisódio de pacificação entre os portugueses e os índios nheengaibas, mediado por Vieira, como a sugerir que o Brasil servisse de modelo catequético para os padres angolanos. Apesar de retomarem aqui um autor barroco, a intenção é certamente menos estética que prática, isto é, interessava o poder de conversão de Vieira e não os seus feitos literários (ainda que saibamos que estes foram e são inseparáveis).[17]

---

[14] . Carlos Flores [sem título] [teatro], *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 17 nov, n.45, p.175[sic] (177) - 176 [sic] (178).

[15] Urbano de Castro, "O vestuario dos indigenas", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 4 abr, n.16, p.61.

[16] . Urbano de Castro, "A missão do padre na Africa", *A Civilisação da Africa Portugueza*,1867, 21 fev, n.12, p.45.

[17]. (Relação escripta pelo Pe. António Vieira), "Como conquistavam os portugueses nas Terras de Sancta Cruz", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 3 set, n.90, p.355-356; "Brazil", *op. cit.*, 1867, 30 mai, n.24, p.96, 1867.

Na seção Folhetim, temos uma grande quantidade de crônicas. O principal cronista do periódico é alguém que assina "Theodorus". Grande parte de suas crônicas intitulam-se apenas "Folhetim" e se prestam a descrever eventos sociais como bailes e comemorações, ao mesmo tempo que não perdem a oportunidade de satirizar o cronista do concorrente *O Commercio de Loanda*. Outras crônicas de Theodorus aparecem sob títulos diversos, como "A penna e outras cousas mais, de que o auctor se serve para voar por esses ares sem destino. - moralistas, jornalistas, deputados, e outros semsaborões (excepto o folhetinista) depennados. - um folhetim finalmente, que faz pena", seu texto de estréia, ou "O homem sem dinheiro - pagina cahida da carteira de um jogador e achada debaixo de uma mesa de whist", ou ainda "Annuncia-se a retirada dos narizes e calvas. - Sem aviso entram amores. - inesperadamente o *Commercio de Loanda*, mas é entrada por sahida. - Sahida definitiva e final do... folhetinista, quando ainda tinha muito a diser!...", entre outras.[18] Theodorus dedica grande parte de seus textos à sátira do cronista e das matérias de *O Commercio de Loanda*. Por vezes, lança-se a temas como o jogo, a mulher, as eleições, mas na maior parte das vezes comenta espetáculos teatrais, musicais e eventos em geral. É curioso notar que os papéis femininos nas peças teatrais, quer dramas, quer comédias, ainda eram representados eventualmente por homens, tal qual a tradição clássica mais remota. Isso se dava possivelmente pelo pequeno número de mulheres brancas disponíveis.

O que mais interessa em Theodorus é o seu estilo *nonsense* e sarcástico, fazendo jogos lingüísticos que criam verdadeiros bestialógicos.

Também aparecem crônicas assinadas por outros pseudônimos. De Theophilus & Cia temos "A proposito de Theodorus! Historia extraordinaria de um confuso embroglio - caso local"; de Theobaldo Narizmark, "Justa desafronta - morre Theodorus de um espirro", e de J. C., "Por causa de um folhetim", todas as três tratando do anonimato de Theodorus. Tais crônicas apenas se prestam a criar suspense em torno da real identidade do cronista, que jamais será declarada. Esse suposto debate só poderia ser concebido numa sociedade letrada bastante restrita e fechada, na qual o autor de todo e qualquer texto publicado era imediatamente identificado pelos leitores,

---

[18] . Theodorus - "Folhetim", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 25 ago, n.87, p.343-344; 12 set, n.92, p.363-364; 27 set, n.97, p.383-385; 27 out, n.102, p.403-405; 5 nov, n.104, p.411-413; 9 nov, n.105, p.415-417; 18 nov, n.107, p.423-425; 4 dez, n.111, p.439-441; "A penna e outras cousas mais, de que o auctor se serve para voar por esses ares sem destino. - moralistas, jornalistas, deputados, e outros semsaborões (excepto o folhetinista) depennados. - um folhetim finalmente, que faz pena!...", *op. cit.*, 1868, 20 ago, n.86, p.339-340; "O homem sem dinheiro - pagina cahida da carteira de um jogador e achada debaixo de uma mesa de whist", *op. cit.*, 1868, 10 out, n.99, p.391-392; "Annuncia-se a retirada dos narizes e calvas. - Sem aviso entram amores. inesperadamente o *Commercio de Loanda*, mas é entrada por sahida. - Sahida definitiva e final do... folhetinista, quando ainda tinha muito a diser!...", *op. cti.*, 1868, 18 out, n.100, p.395-397; "O cão", *op. cit.*, 1868, 26 nov, n.109, p.431-432; "Folhetim de 5 de desembro", *op. cit.*, 1868, 20 dez, n.114, p.451-453; "Theodorus e sapateiros, chronicas e tombas", *op. cit.*, 1869, 9 jan, n.118, p.467-369; "A Panfilio", *op. cit.*, 1869, 13 dez, n.122, p.483-485; "A Pancracio - o risonho epilogador", *op. cti.*, 1869, 13 dez, n.122, p.485; "Entrudo. - Uma aventura de baile. - Theatro: - Confissão minha e penitencia do leitor", *op. cit.*, 1869, 23 fev, n.123, p.487-489; "Theatro. Telegraphia e suas conveniencias. Conselho e aperto de mão", *op. cit.*, 1869, 5 abr, n.128, p.507-508; "O baile de 24 de abril", *op. cit.*, 1869, 15 mai, n.134, p.531-532; "Domingo do Espirito Sancto - Portugal e Loanda", *op. cit.*, 1869, 23 mai, n.135, p.535; "A mulher", *op. cit.*, 1869, 3 jun, n.137, p.543-544; "As edades á rapasiada velha da actualidade - O.D. C. o author", *op. cit.*, 1869, 27 jun, n.141, p.559-560; "A proposito de eleições", *op. cit.*, 1869, 3 ago, n.145, p.575-576.

mesmo quando não o assinava, como então começava a acontecer em *O Commercio de Loanda*. Theodorus era possivelmente um dos redatores principais de *A Civilização da Africa Portugueza*, isto é, Alfredo Mântua ou Urbano de Castro, ou mesmo ambos.[19]

Apoiado por Theodorus, e possivelmente redigido pelo mesmo cronista, aparece Vicente Anacleto Rabiça, caracterizado como "lavrador e ex-socio da phylarmonica de Melgaço", que se propõe como candidato às cortes de Lisboa por Angola no artigo "Eleitores da provincia de Angola".[20]

Mas os redatores Alfredo Mântua e Urbano de Castro, eles mesmos, assinaram também algumas crônicas. De Mântua, temos já no primeiro exemplar as "Illusões perdidas", discorrendo de forma provocante sobre a desinformação que corre em Portugal sobre a África. Trabalha o imaginário típico do romântico aventureiro que, chegando a África, depara-se com uma realidade dura e cruel. Seu julgamento, que se aproxima ao de um crítico positivista, não se encontra despido do preconceito contra o negro.

Além dessa, podemos ler diversas outras crônicas intituladas simplesmente "Folhetim", que atacam frontalmente o recém-criado *O Commercio de Loanda*, editado por um certo sr. Gabriel, codinominado "Paschoaes" pelos redatores da *Civilisação*. Mântua defendia a necessidade de assinar as matérias - o que não fazia o jornal concorrente - e denunciava a estratégia de *O Commercio de Loanda* de caluniar sob a dissimulação da notícia impessoal. É curioso notar que logo em seguida a tais artigos surgiu o personagem Theodorus, que instigou um debate em torno de sua real identidade, revelando que *A Civilisação da Africa Portugueza* acabara adotando o modelo do anonimato. De Urbano de Castro aparece "Uma scena intima dos Paschoaes", também atacando a publicação concorrente.[21]

Um artigo anônimo, intitulado "I. & C., estabelecidos com loja de amisade e outras cousas mais, dedicam o presente orthographico sortimento a todos os chronistas e medicos do *Commercio de Loanda*", entra no debate entre as duas publicações, tratando de uma história da carochinha que tem por personagem a pontuação ortográfica.[22]

É curioso notar que não há romances, novelas ou contos na seção Folhetim. A única referência a esse gênero de leitura aparece em um anúncio, "Jardim do povo - Collecção de

---

[19] . Theophilus & Cia., "A proposito de Theodorus! Historia extraordinaria de um confuso embroglio. Caso local", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 30 ago, n.89, p.351-353; Theobaldo Narizmark [datado de: 13-9-1868], "Justa desafronta. Morre Theodorus de um espirro", *op. cit.*, 1868, 18 set, n.94, p.376-378; J. C., "Por causa de um folhetim", *op. cit.*, 1868, 20 set, n.95, p.375-377.

[20] . Vicente Anacleto Rabiça, "Eleitores da provincia de Angola", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1869, 9 jul, n.142, p.563-564.

[21] . A. M. [Alfredo Mântua], "Illusões perdidas", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1866, 6 dez, n.1, p.1; A. M. [Alfredo Mântua], "Folhetim", *op. cit.*, 1867, 24 set, n.38, p.149-150; 8 out, n.40, p.157; 16 out, n.41, p.161; 1368, 17 jan, n.49, p.193-194; Urbano de Castro, "Uma scena intima dos Paschoaes", *op. cit.*, 1867, 1 out, n.39, p.153-155.

[22] * * *, "I. & C., estabelecidos com loja de amisade e outras cousas mais, dedicam o presente orthographico sortimento a todos os chronistas e medicos do *Commercio de Loanda*", *A Civilisação da Africa Portuguesa*, 1868, 15 set, n.93, p.367-368.

romances modernos dos melhores auctores", que relaciona: *O laço de flores*, com tradução de J. B. Mattos Moreira; *Rico e pobre*, com tradução de J. M. Cunha Moriz; *Os homens do mar*, 3 v., de Victor Hugo; *Memorias da mocidade*, de Francisco Soares Franco; *Pedro e Laura*, com tradução de A. de Sousa e Vasconcellos; *Os amores d'Artagnan*, 3 v., de Alberto Blanqui, com tradução de J. B. Mattos Moreira; *Miragens*, de Eugênio de Castilho; *A filha do homicida*, 3 v., de Xavier de Montépin, com tradução de J. B. Mattos Moreira; *Antoniella*, de A. de Lamartine, com tradução de Quirin Chaves; *A Soba*, 3 v., de Paul Féval, com tradução de J. B. Mattos Moreira.[23]

Faz impressão o número de traduções do francês que se encontram nessa lista. Dos dez títulos disponíveis, apenas dois são de escritores portugueses - Francisco Soares Franco e Eugênio de Castilho -, ambos autores secundários no cenário romântico de Portugal. Dos franceses, Victor Hugo e Paul Féval são autores de primeira linha da geração romântica, ainda que muito distintos em suas propostas. É curioso não constar nada de Camilo, Herculano ou Garret.

Quanto aos poemas, se não é um gênero abundantemente estampado pelo periódico, ainda assim mantém presença constante. Há alguns poemas líricos, como aquele intitulado "Saudades", assinado por J. C. S. M. J. e datado de "Loanda, 2 de septembro de 1868", e um outro assinado por J. C. e intitulado "O que eu amol Á Exa. Sra. D. G. A.". Ambos caracterizam-se pela singeleza convencional e óbvia, na linha do romantismo oficial de Castilho.[24]

Em tom que se poderia designar épico-patriótico, ou coisa similar, temos um poema sem título de U. de C., isto é, Urbano de Castro, publicado na seção Folhetim, que certamente dirigia-se ao concorrente *O Commercio de Loanda*, ressaltando a oposição ideológica entre um e outro periódico.[25]

Outro tipo de poema ali presente é o de ocasião, contando com a colaboração de dois poemas de Furtado d'Antas, o primeiro intitulado "A beneficencia - poesia dedicada aos cidadãos de Loanda, - da Provincia de Angola, ou que n'ella habitam, - esmolleres do Recolhimento Pio de D. Pedro V", e o segundo, datado de "Loanda, 9 de novembro de 1867", com o título de "Poesia recitada na occasião do concerto em beneficio do recolhimento pio de Loanda - Orphandade e pobresa". Além destes, também podemos citar um poema de Augusto Cezar de Oliveira, "A festa das orphãs do asylo D. Pedro V na noite de 9 de novembro de 1868", e um outro, fúnebre, "Á memoria do meu presado amigo Antonio Ferreira Guimarães", assinado por Antonio Joaquim Alves Borges e datado de "Loanda, 18 de desembro de 1868". Há ainda um poema em homenagem "A Exma. Sra. D. Isabel Maria Machado", que, como vimos, cantou com grande

---

[23]. "Jardim do povo. Collecção de romances modernos dos melhores auctores", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 17 jan, n.49, p.196.

[24]. J.C.S.M.J., "Saudades", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1868, 3 set, n.90, p.356; J.C., "O que eu amol Á Exa. Sra. D.G.A.", *op. cit.*, 1868, 3 set, n.90, p.356.

[25]. U. de C., [sem título] *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 18 out, n.42, p.165.

sucesso no concerto em benefício ao Recolhimento Pio de Luanda, poema assinado por A. M. de S. e A.[26]

Uma série de poemas satíricos aparece nas páginas de *A Civilisação da Africa Portugueza*, como o "Soneto" (Amostras de funis já dava ao mundo...), assinado simplesmente por "O.", ou soneto do cronista Theodorus, sem título, publicado na seção Folhetim, além de três poemas em resposta a ataques pessoais, assinados por B., todos intitulados "Phantasias", mas com datas distintas. Em tais poemas aparece a inscrição: "Pedem-se a publicação do seguinte", indicando não se tratar de articulistas daquele periódico. Ainda aparece um poema assinado por Simplicio Patricio de Orificio, na "Secção timothea", que integra um texto de Urbano de Castro, sendo o referido Simplicio possivelmente um pseudônimo de Urbano. Finalmente, surgem mais dois poemas político-satíricos assinados por "O.", um intitulado "Pachoaes" e outro sem título.[27]

Todos esses versos são uma outra expressão do que já acontecia com as crônicas na seção Folhetim, isto é, as disputas pessoais e em torno de diferenças políticas entre *A Civilisação da Africa Portugueza* e *O Commercio de Loanda*. O debate entre os dois periódicos era bastante acirrado, o que possivelmente beneficiava a ambos, aumentando as vendas.

Mas se algum poeta se destaca em *A Civilisação da Africa Portugueza* é aquele que assina Theocritus. Ainda que seus poemas tenham por vezes alguns problemas primários de construção, revelam um caráter original de poeta. Pudemos identificar de sua autoria um poema lírico, intitulado "Sim?", e outros dois poemas moralizadores, "O atalho", tratando da virgindade feminina, e "Por entre grades", tratando da liberdade. Com certeza Theocritus era alguém próximo aos redatores principais do periódico, ou mesmo um deles, pois Theodorus, Theophilus e Theocritus têm evidentemente uma relação de paralelismo, podendo mesmo ser uma única e mesma pessoa. Neste caso, acreditamos que seria mais provável tratar-se de Alfredo Mântua, já que Urbano de Castro era quem assinava os artigos políticos e quase todo o restante das matérias do periódico.[28]

Ao que tudo indica, os redatores de *A Civilisação da Africa Portugueza* eram progressistas, republicanos e monarquistas, nos moldes da república espanhola. Todavia, em termos estéticos, praticavam uma literatura de ocasião, sem grandes preocupações com questões formais, mais voltados para um romantismo ao modo de Castilho do que para um realismo à maneira de Eça. A

---

[26] . Furtado D'Antas, "A beneficencia - poesia dedicada aos cidadãos de Loanda, - da Provincia de Angola, ou que n'ella habitam, - esmolleres do Recolhimento Pio de D. Pedro V", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1866, 27 dez, n.4, p.13; Furtado d'Antas, "Poesia recitada na occasião do concerto em beneficio do recolhimento pio de Loanda. Orphandade e pobresa", *op. cit.*, 1867, 8 dez, n.48, p.189-190; Augusto Cezar de Oliveira, "A festa das orphãs do asylo D. Pedro V na noite de 9 de novembro de 1868", *op.cit.*, 1867, 8 dez, n.48, p.190; Antonio Joaquim Alves Borges, "Á memoria do meu presado amigo Antonio Ferreira Guimarães", *op. cit.*, 1868, 20 dez, n.114, p.454; A. M. de S. e A., "A Exma. Sra. D. Isabel Maria Machado", *op. cit.*, 1867, 8 dez, p.190.

[27] . O., "Soneto", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 8 nov, n.44, p.176; Theodorus, [sem título] *op. cit.*, 1868, 30 out, n.103, p.407-409; B., "Phantasias", *op. cit.*, 1868, 21 nov, n.108, p.430; Simplicio Patricio de Orificio, "Secção timothea", *op. cit.*, 1869, 26 set, n.152, p.604; O. "Pachoaes", *op. cit.*, 1868, 17 jan, n.49, p.196; O., [sem título], *op. cit.*,1868, 17 jan, n.49, p.196.

verdade é que a questão estética não era tema que valesse a pena ser discutido, pois a preocupação central do periódico foi sempre o debate político, ainda que com isso tenha publicado muita matéria de interesse literário.

O Commercio de Loanda

Como pudemos observar. *O Commercio de Loanda* fazia oposição a *A Civilisação da Africa Portugueza.* Surgiu em 18 de setembro de 1867 e, tal como seu concorrente, extinguiu-se possivelmente em 1869. Era um semanário, publicado em Luanda, em tipografia própria, e também circulava em Angola e São Tomé e Príncipe. Não aparece qualquer nome como redator, responsável ou editor, o mesmo acontecendo com todas as suas matérias. Não pudemos identificar um nome sequer dentre seus redatores oficiais, o que justifica a crítica que os editores de *A Civilisação da Africa Portugueza* faziam ao periódico, designando como seu(s) anônimo(s) editor(es) Paschoaes e/ou Gabriel.

Pudemos localizar poucos exemplares de sua coleção, sendo possível, todavia, constatar que era um periódico comercial, político e de notícias, com folhetim de rodapé desde o primeiro número. No texto de apresentação,[29] afirma-se retoricamente a imparcialidade política. Seu formato e distribuição das matérias é semelhante ao de *A Civilisação da Africa Portugueza*, sendo o tom geral de seus textos bem mais formal e mesmo sisudo.

Quanto às posições políticas dos redatores, temos algumas indicações no texto "Abolição da escravatura".[30] Defende-se a manutenção da escravidão, argumentando-se que esta seria um benefício àquele negro que, comprado aos "pontentados gentios" - onde já se encontrava na condição de escravo -, teria entre os brancos melhores condições de vida e melhor tratamento. Seu trabalho pagaria os benefícios desse resgate. Além disso, observa a necessidade econômica do escravo para o desenvolvimento das colônias (este, sim, o verdadeiro argumento), acusando os abolicionistas de ex-escravocratas corruptos que, mudando de acordo com as conveniências da nova política, hoje defendiam um princípio (o da liberdade do negro) que ontem condenavam com a mais eficaz veemência. Era, pois, um periódico que defendia a elite escravocrata angolana e portuguesa, fazendo por merecer as críticas dos redatores de *A Civilisação da Africa Portugueza*

Em matéria de arte, publica mais literatura do que o seu concorrente. Mas, antes de tratarmos de literatura, assinalemos um artigo anônimo sobre moda, publicado na seção Folhetim, tratando dos últimos modelos que desfilavam no Campo de Marte em Paris. O artigo foi desqualificado por Alfredo Mântua no periódico concorrente (no folhetim de 24 de setembro de

---

[28] . Theocritus, "O atalho", *A Civilisação da Africa Portuguesa*, 1868, 21 nov, n.108, p.427-428; Theocritus, "Sim?", *op. cit.*, 1868, 21 nov, n.108, p.428; Theocritus, "Por entre grades", *op. cit.*, 1869, 22 abr, n.130, p.515-516.

[29] . Introdução - "Loanda, 18 de setembro de 1867", *O Commercio de Loanda*, 1867, n.1, p.1.

[30] "Abolição da escravatura", *O Commercio de Loanda*, 1867, n.2, p.5.

1868) por ser uma cópia de um texto saído no n.4120 do *Jornal do Commercio* de Lisboa.[31] Por tal fato é possível constatar o quanto a reprodução de artigos podia ser algo tácito ou polêmico, dependendo do contexto em que se davam tais reproduções e dos propósitos de quem assim agia.

No que concerne à literatura, ao contrário de *A Civilisação da Africa Portugueza*, publicam-se poucas crônicas e têm vez algumas narrativas ficcionais, que na *Civilisação* não apareciam. Na seção Folhetim são publicados, por exemplo, "Lora - Recordações do novo mundo", de Xavier Eyma, traduzido por D. Etelvina Castellar, e "Perdida e achada", sem indicação de autor. Os originais de ambas as narrativas eram provavelmente ingleses, a considerar os nomes dos personagens e epígrafes. Todavia, os tradutores poderiam ter utilizado versões francesas. Pudemos consultar apenas fragmentos dessas narrativas, não sendo possível afirmar tratar-se de conto, novela ou romance.[32]

Em poemas, temos apenas as "Patranhas",[33] assinadas por "A." e publicadas na seção Folhetim. Todo o poema trata de definir o termo "patranha", isto é, mentira, demagogia, inserindo-se no debate folhetinesco com *A Civilisação da Africa Portugueza*. É um poema formalmente bem elaborado que, de acordo com a ideologia do periódico, argumenta no sentido deslegitimar a corrupção, a escravidão, enfim, o estado em que se encontrava a sociedade angolana naquele momento,

Portanto, *O Commercio de Loanda* era um periódico conservador, que publicava literatura e, em especial, folhetins de origem inglesa, polemizando constantemente com *A Civilisação da Africa Portugueza*, o que na certa trouxe algum ânimo à pacata vida cultural luandense.

A década de 1870

No início da década de 1870 surge *O Mercantil*, editado em Luanda, tendo por "director geral e proprietario" em 1879 José Pinto da Silva Rocha. Ao que parece, teve duração intermitente de 1870 a 1896. Sabemos que em 1896 o periódico ressurge, o que significa que havia desaparecido em algum momento anterior, não sabemos exatamente quando. Também desconhecemos os frutos desse ressurgimento, se perdurou até o século seguinte ou se a iniciativa malogrou naquele ano mesmo. A numeração dos exemplares é mantida, sendo que em 1885 já chegava à casa dos 800, o que significa cerca de 16 anos de publicação semanal, corroborando que sua coleção teve início em 1870. Infelizmente só pudemos consultar exemplares esparsos e nem chegamos a ver o programa inicial do periódico.

---

[31] . "Modas", *O Commercio de Loanda*, 1867, n.1, p.1-2.

[32] . Xavier Eyma - traduzido por D. Etelvina Castellar - continuado do n.47, "Lora - Recordações do novo mundo", *O Commercio de Loanda*, 1868, n.50, p.151-152; "Perdida e achada (continuação do n.79) Capítulo XV - A festa", *op. cit.*, 1869, n.81, p.237-238; "Perdida e achada (continuação do n.79) Capítulo XV - A festa" [repete-se a mesma indicação, desconsiderando o n.81 - o texto entretanto é parcialmente diferente], *op. cit.*, 1869, n.82, p.241-242.

[33] . A., "Patranhas", *O Commercio de Loanda*, 1867, n.2, p.5

De qualquer modo, nos exemplares que tivemos em mãos (o primeiro deles de 1879 e o último de 1896), apresentou-se sempre como um periódico de interesse mercantil, político e de notícias. Traz alguma literatura, folhetim de rodapé e uma seção literária que não aparece em todos os números.

De política, em 1885, por exemplo, aparece o artigo "A colonisação africana", que protesta contra a depreciativa imagem que faz a Europa da colonização portuguesa na África, arrolando alguns projetos de novas colônias, como o de Maria Pia, que recebera do Funchal cerca de 300 emigrados; um outro, idealizado por doutores portuenses, que tentavam levantar capital para sua efetivação; e um terceiro, organizado por Narciso Feyo, para ser estabelecido em Huilla. O tom da matéria é o do orgulho patriótico ferido, sem qualquer autocrítica, fazendo crer que a orientação política do periódico era de caráter conservador. Todavia, lembremos que em 1885 é quando se começam a colocar em prática as determinações estabelecidas na Conferência de Berlim, que atingiu profundamente o orgulho dos portugueses e exigiu uma reação imediata por parte destes na ocupação efetiva de suas possessões africanas.[34]

De literatura, vale lembrar, antes de mais nada, neste mesmo ano de 1885, um anúncio do *Jornal das Damas*, que já se encontrava em seu nono ano de publicação, ainda tendo Joaquim José Bordalo como proprietário e editor. Isso aponta para a constância com que a comunidade angolana letrada consumia as publicações periódicas da metrópole, lembrando que em 1867 já vimos que o mesmo anúncio saíra em *A Civilisação da Africa Portugueza*.[35]

Em matéria de crônica, temos "O amor do poeta (prosas em annos de versos)", de J. D. C. da M., tratando genericamente do real amor que o poeta tem por sua musa, com epígrafe do *Eurico*, de Herculano. Na seção folhetim, aparecem os textos "Bom humor - mau humor", tratando destes dois estados de espírito, e "23 de setembro", sobre a Bungo-hause, vivenda da colônia inglesa situada em Bungo, ambos assinados por "Elle". Uma outra crônica, intitulada "A miseria em Londres - a questão dos alojamentos para a pobreza e a legislação ingleza", também publicado na seção Folhetim, retoma o interesse pelos ingleses, investigando como conseguem gerir a miséria numa metrópole como Londres. É de notar a presença da temática anglicana, fazendo pensar no quanto a Inglaterra fazia sentir sua força a partir do final da década de 1870. Lembremos que, na década de 1889, Moçambique também enfrentava a forte presença inglesa, comercial e militar, em Lourenço Marques. Na crônica "Cogitações", datada de "Caringa de baixo, em Cazengo, 2 de Abril de 1885", temos a temática do soldado e da guerra, com um espírito saudosista em relação aos antigos valores militares e religiosos. Finalmente, já em 1896,

---

[34] . "A colonisação africana", *O Mercantil*, 1885, 14 jan, n.806, p.1.

[35] . O *Jornal das Damas* (Nono anno de publicação). Proprietario e editor - Joaquim José Bordalo", *O Mercantil*, 1885, 28 abr, n.819, p.4.

publica-se uma crônica assinada por Damocles, "Calunga", sobre o reaparecimento do próprio periódico, estampada no 4.o fascículo da *Revista d'O Mercantil*. [36]

Em matéria de narrativas ficcionais, em 1879 tem lugar um texto anônimo, "O menino e o pescador - lenda de pescadores", estampada na Secção Litteraria, narrando o caso de um filho de pescador salvo do afogamento pelo próprio Cristo. Em 1887 aparece um texto de Gustavo Droz, "Recordações da quaresma - O Sermão", publicado na seção Folhetim, que ironiza a conduta coquete das senhoras da sociedade numa igreja, seguido do texto "A confissão", assinado por Tio Matheus, que também se passa numa igreja, narrando a confissão de uma senhora casada que, tendo praticado adultério com um padre numa aldeia, muda-se para Lisboa e certo dia vai confessar seus pecados, deparando-se com o mesmo padre que fôra seu amante. Publica-se ainda um texto do qual infelizmente só pudemos consultar um pequeno trecho, intitulado "Nem tudo são rouxinoes" e narrando um diálogo entre Francisco de Mendonça, Sebastião del-Prado, João de Mattos Fragoso e Calderon de la Barca. Já em 1896, estampa-se um texto assinado por Lady Baterfly, "Mãe", e publicado no suplemento *Revista d'O Mercantil*, descrevendo uma situação de rejeição por parte do marido em relação à esposa, na qual o sentimento materno vem suprir a carência e o desgosto da mulher.[37]

Nas narrativas acima arroladas, podemos identificar um forte interesse pela questão da igreja, quer ao censurar sua hipocrisia, quer ao legitimar os dogmas cristãos. Também o interesse por autores espanhóis faz lembrar a admiração que circundava a República espanhola naqueles anos. Os dramas femininos são outra constante, sugerindo a existência de um público feminino que, infelizmente, não tivemos acesso a fontes para investigar sobre sua real existência.

No que diz respeito aos poemas, encontramos ali: de D. Thomas de Mello, "Mizeria e riqueza", que versa sobre a morte de uma criança nos braços de um pobre velho, sendo que a cena se passa à entrada de um luxuoso baile. Assinado por S. A., temos um poema sem título (Eu amei-te, pura e bella) que glosa sobre o mote: "Eu já quebrei o grilhão/Com que o amor me prendia/Se eu soubesse eras ingrata,/Nada de ti pretendia". De "F." [sic], o poema de amor "Revelação - a ti", que trabalha com a oposição perto/distante da amada para tecer-lhe elogios. Também aparece um poema inteiramente anônimo, sem título (Em noite de grande tormenta), versando sobre o espanto de um coveiro diante de um espectro e sua decisão em abandonar tal trabalho. De um certo S. de C., temos os versos "Amei te", poema de amor conforme às convenções românticas. Já os versos de A. G., "11 de Novembro de 1896 - Imitação", compõem

---

[36] . Elle, "Bom humor - mau humor", *O Mercantil*, 1879, 13 ago, n.558, p.1-2; Elle, "23 de setembro", *op. cit.*, 1882, 8 ago, n.687, p.1-2; J. D. C. da M., "O amor do poeta (prosas em annos de versos)", *op. cit.*, 1879, n.686 [ou 586], p.3; "A miseria em Londres - a questão dos alojamentos para a pobreza e a ligislação ingleza", *op. cit.*, 1885, 14 jan, n.806, p.1-2; "Cogitações", *op. cit.*, 1885, 28 abr, n.819, p.1; Damocles, "Calunga", *op. cit.*, 1896, 4.o fasciculo, Revista d'*O Mercantil*, p.10.

[37] . "O menino e o pescador - lenda de pescadores", *O Mercantil*, 1879, n.689 [ou 589], p.3; Gustavo Droe, "Recordações da quaresma", *op. cit.*, 1887, 23 mar, n.[?], p.1; 30 mai, n.[?], p.1; Tio Matheus, "A confissão", *op. cit.*,

uma oração fúnebre com algum encanto. E ainda um outro anônimo, com a indicação de ter sido composto em Luanda, com epígrafe de Jayme Seguier, intitulado "O teu olhar...", dentro de um espírito romântico ingênuo e singelo.[38]

Vale notar que alguns poemas aparecem na seção de anúncios, levando, inclusive, um número de controle interno do periódico. Isso é interessante, já que os poemas em outros periódicos aparecem como colaboração ou mesmo como "publicados a pedido", mas jamais evidenciando tratar-se de uma matéria paga.

Dois anos depois do aparecimento do *Mercatil*, tem lugar o *Almanach Popular* (1872), do qual não pudemos localizar qualquer exemplar. Também de *O Cruzeiro do Sul - orgão dos interesses das provincias ultramarinas*, que existiu de 1873 até ao menos 1876, só pudemos encontrar alguns exemplares. Era um periódico político e de notícias, editado em Luanda, tendo por proprietário e editor responsável Lino de Sousa Araujo. A publicação pretendia, segundo Joaquim Eugênio de Sales Ferreira, "advogar os interesses das provincias ultramarinas, mormente os de Angola e os de S. Thomé e Principe, as joias de mais subido valor da monarchia portuguesa que as não aprecia nem estima".[39] Fica registrado o sentimento de abandono, por parte dos angolanos e são-tomenses, expresso pelo redator. Esta será uma nota ressonante nos periódicos das províncias ultramarinas por esses anos. Todas as administrações provinciais sentiam-se relegadas à própria sorte, sem que apresentassem coesão política e econômica para efetivar um projeto autônomo viável.

Os exemplares aqui consultados não apresentam grande interesse literário. Deparamo-nos, todavia, com um poema de Urbano de Castro, que, nesse momento, ainda editava *A Civilisação da Africa Portugueza*. Vale lembrar que, em um artigo que será publicado na década de 1880,[40] Urbano de Castro deixa entender que era um dos redatores de *O Cruzeiro do Sul*, e não apenas um colaborador, como poderíamos inferir a partir desse poema. Sob o título de "As duas estrellas",[41] Urbano de Castro contrapõe o Cruzeiro o Sul ao Astro do Norte, que representam Angola e Portugal, respectivamente, e afirma seu vínculo de origem com o segundo e seu vínculo afetivo com o primeiro. O poema foi publicado no primeiro exemplar do periódico, na seção Folhetim, sendo datado de "Loanda, 31 de maio de 1873" e tendo merecido um rápido

---

1887, 30 mai, n.[?], p.1; "Nem tudo são rouxinois", *op. cit.*, 1887, 16 mar, n.[?], p.1; "Lady Baterfly Mãe", *op. cit.*, 1896, 4.o fasciculo, Revista d' *Mercantil*, p.10-11.

[38] . D. Thomas de Mello, "Mizeria e riqueza", *O Mercantil*, 1879, n.686 [ou 586], p.3; S. A., (Eu amei-te, pura e bella), *op. cit.*, 1881, 30 jun, n.621, p.1; F., "Revelação - a ti", *O Mercantil*, 1885, 28 abr, n.819, p.3; 1093, (Em noite de grande tormenta), *op. cit.*, 1885, 28 abr, n.819, p.4; S. de C., "Amei te", *op. cit.*, 1896, 4.o fasciculo [Revista d*O Mercantil*], p.11; A. G., "11 de Novembro de 1896 - Imitação", *op. cit.*, 1896, 4.o fasciculo [Revista d*O Mercantil*], p.11; [Loanda], "O teu olhar...", *op. cit.*, 1896, 4.o fasciculo [Revista d*O Mercantil*], p.12.

[39] . J. E. [Joaquim Eugênio] de Salles Ferreira, "Loanda, 15 de junho de 1873", *O Cruzeiro do Sul*, 1873, 16 jul, n.1, p.1.

[40] . Afirma Urbano de Castro: "Em 4 de junho de 1874, o *Cruzeiro do Sul*, que então redigiamos, publicou...". In: "A instrucção publica", *A União Africo-Portugueza*, 1882, n.13, 25 jun, p.1.

[41] . Urbano de Castro, "As duas estrellas", *O Cruzeiro do Sul*, 1873, 16 jul, n.1, p.1.

comentário de Mário Antônio (Oliveira, 1997: 56) sobre a temática da cisão Portugal/Angola presente na literatura colonial de Angola.

De *O Meteoro* (1873) e das *Noticias de Loanda* (27 mar. 1873 - número único) nada pudemos encontrar no acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa. Da *Correspondencia de Angola - Periodico noticioso, litterario e politico* (1875) e do *Jornal de Loanda* (1878), este último importante periódico dirigido por Alfredo Troni, infelizmente não nos foi possível registrar o material ali disponível. Vale lembrar que, para Salvato Trigo, o *Jornal de Loanda* marcaria "a transição de um jornalismo preferencialmente colonial para um jornalismo cada vez mais apegado às coisas de Angola" (1977: 39). O historiador faz uma análise detalhada do *Jornal de Loanda*, comentando os diversos gêneros de matérias ali existentes. Chega a reproduzir cinco poemas e alguns trechos em prosa, entre os quais, um de Cordeiro da Mata, comentando a vida em Luanda.

Ciência e política no início da década de 1880

Do periódico que abre a década, *Noticiario de Angola*, assim como de um folheto que saiu como número único, *Meeting*, ambos publicados em 1880, nada pudemos saber além do que relatam os historiadores da imprensa angolana. Entretanto, em 1881 saía o *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos de Loanda*, que deveria ser uma publicação bimensal, publicada em Luanda. Pudemos localizar dois exemplares desse periódico, fazendo crer que são os únicos e que a empreitada não teve o sucesso esperado - como já acontecera com a Sociedade de Geografia de Moçambique.

Eis a lista de seus membros e comissões:

> Pres. honorario - Antonio Eleutorio Dantas; Pres. - Dr. José Baptista d'Oliveira; Vice - Dr. Felisberto de Bettencourt e Miranda Junior; 1.secr, - Henrique Augusto Dias de Carvalho; 2. secr. - Francisco da Silva Gil; tesour. - Manoel José Gonçalves Palhares; 1. vice-secr. - José Quintino da Cruz; 2. vice-secr. - Fortunato Zagury; Diretores-vogaes - William Hendrik Pasteur, Manoel Monteiro de Moraes.[42]

A sociedade era dividida em diversas comissões: de geografia e história; de etnografia e antropologia; de climatologia e higiene; de comércio, agricultura, indústria e colonização; de redação e publicação (Antonio Urbano Monteiro de Castro, Henrique Augusto Dias de Carvalho, Francisco de Salles Ferreira); Encarregada da biblioteca; Encarregada do museu; e uma grande quantidade de sócios efetivos.

O 2. Secretário, Francisco da Silva Gil, relata na "Acta da sessão de 30 d'Agosto de 1880 da commissão iniciadora d'uma sociedade de geographia em Loanda" a sessão inaugural da

[42] . "Direção da Sociedade", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1., p.3.

sociedade, para a qual foram convidados diversos letrados daquela província, a saber: Alfredo Mântua e Urbano de Castro (sendo que o último não pôde comparecer), Dr. José Corrêa Nunes, Eduardo Ayala dos Prazeres, Guilherme Gomes Coelho, Henrique Correia de Araujo, Francisco de Salles Ferreira, Joaquim Eugênio de Salles Ferreira (redator de *O Cruzeiro do Sul*, que também não pôde comparecer), Cônego Timotheo Pinheiro Falcão, simpatizante da causa crioula, padre Antonio Castanheira Nunes, Candido Rodrigues, José Maria da Lembrança Miranda Henriques, José Quintino da Cruz, Manoel Ignácio de Rezende. Muitos dentre esses nomes foram redatores e colaboradores de *A Civilisação da Africa Portugueza*.[43]

Em tal reunião evoca-se o "espírito de associação" e pretende-se definir os estatutos para a sociedade. Nesse processo, vale registrar que trabalhou intensamente Alfredo Mântua.

Sobre a parte funcional da sociedade, tem-se diversos artigos que comentam as titulações distribuídas por sociedade, o valor e condições de recebimento de colaborações, as atas de suas reuniões, lista de seus sócios, lista bibliográfica de doações.[44]

Logo no momento de inauguração, notificam a passagem por Luanda (e por aquela sociedade) dos viajantes e exploradores alemães Paul Pogge e Wissmann. Quem redige a matéria é Urbano de Castro. Aparece também um discurso de apresentação dos dois alemães, escrito pelo presidente da sociedade, José Baptista d'Oliveira.[45]

No segundo exemplar deste boletim, temos uma introdução ao relato da viagem do padre Antonio Castanheira Nunes pelo Congo, realizada em 1875, prometendo continuidade.[46]

Em matéria de política é Alfredo Mântua que escreve sobre a colonização, propondo o estímulo a:

> uma corrente constante de emigração europea para estas paragens, de mancebos robustos, energicos e valentes, que venham dar exemplo da sua submissão voluntaria ao trabalho e sua constancia e firmesa n'elle, - familias que venham mostrar a estes povos, pelo exemplo de seu viver modesto, o que é o amôr a perseverança, o auxilio e proteção reciprocas, que devem haver entre os membros d'essa sociedade, que é a base de toda a sociedade, e a unica verdadeira e solida garantia da futura regeneração da humanidade.[47]

---

[43] . F. da Silva Gil, "Acta da sessão de 30 d'Agosto de 1880 da commissão iniciadora d'uma sociedade de geographia em Loanda", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.17-30.

[44] . M. [?] A. Dias de Carvalho, "Insignia, sêllo, e diploma", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.49-52; "Expediente", *op. cit.*, 1881, jan-fev, n.1, contracapa; "Extracto das actas da mesa provisoria", *op. cit.*, 1881, mar-abr, n.2, p.90-91; "Lista de socios" (continuado do n. antecedente), *op. cit.*, 1881, mar-abr, n.2, p.94-95; "Secção bibliographica - offertas de socios", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, mar-abr, n.2, p.92-93.

[45] . Urbano de Castro, "Os nossos primeiros visitantes ", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.31-32; José Baptista d'Oliveira, "Meus senhores", *op. cit.*., 1881, jan-fev, n.1, p.33-35.

[46] Antonio Castanheira Nunes, "Viagem ao Congo" *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, mar-abr, n.2, p.76-77

[47] . A. Mantua, "Colonisação", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.36-42.

Em seguida, curiosamente rejeita a proposta de estabelecer colônias agrícolas para desenvolver a região. O artigo prometia continuidade, que não pudemos encontrar ou que efetivamente não teve.

Há, sim, no segundo exemplar do boletim, um outro texto praticamente homônino, "Colonisação I", assinado por Henrique de Carvalho, isto é, Henrique Augusto Dias de Carvalho, que comenta os sucessivos fracassos do estabelecimento de colônias européias na África, notando que um dos sérios problemas é a falta de informação sobre os territórios - o que a sociedade propunha-se então fazer. Henrique Augusto Dias de Carvalho, português que então se encontrava em Angola, quando retorna à metrópole, irá trabalhar no sentido de viabilizar as propostas políticas dos angolanos (Oliveira, 1997, p.62, nota 19).[48]

Em matéria de progresso, temos os comentários de A. de Novaes Rebello sobre os desdobramentos econômico da estrada de ferro de Ambaça e um texto de F. de Salles Ferreira sobre agricultura, indústria, comércio e mineração em Angola. Ambos prometiam continuidade.[49]

Num artigo intitulado "Meteorologia" e assinado por Gomes Coelho, é contada parte da história das pesquisas meteorológicas em Angola, prometendo também continuidade. Aparece também um artigo sobre saúde, assinado por José Baptista d'Oliveira, perguntando-se sobre a "Salubridade de Loanda".[50]

Realizam, assim, ainda que por um pequeno período de tempo, a proposta inicial da sociedade, isto é, a de tratar primordialmente de temas históricos e geográficos, mas também de questões políticas, sociais, econômicas, comerciais, enfim, de tudo aquilo que pudesse proporcionar um melhor conhecimento da província de Angola com vistas a seu futuro aprimoramento. Tudo isso ocorria dentro de um espírito gregário que marcou fortemente o século XIX mas que raras vezes teve resultados concretos em tais paragens.

No mesmo ano de 1881 surgia também em Luanda a *Gazeta de Angola - Jornal da Africa Occidental Portugueza*,[51] com administração provisória na Calçada de Santo Antônio. Só pudemos ver um número especial, que traz notícias de diversas províncias de Portugal, organizadas em ordem alfabética, com apenas pequenas notas sobre Luanda. Em um anúncio estampado no *Boletim Official de Cabo Verde*,[52] ficamos sabendo que este periódico era vendido em todos os portos de escala (São Vicente, São Tiago de Cabo Verde, Bolama, ilha do Príncipe, São Tomé, Ambriz, Loanda, Benguela, e Moçâmedes) e que tinha edição especial impressa em Lisboa, sendo

---

[48] . Henrique de Carvalho, "Colonisação I", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, mar-abr, n.2, p.78-84.

[49] . A. de Novaes Rebello, "Caminho de Ferro de Ambaça - alcance economico", *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.58-61; A. de Novaes Rebello, "Caminho de Ferro de Ambaça - alcance economico", *op. cit.*, 1881, mar-abr, n.2, p.69-75; F. de Salles Ferreira, "Agricultura, industria, commercio, minas, em Angola", *op. cit.*, 1881, mar-abr, n.2, p.85-89.

[50]. Gomes Coelho, "Metereologia" *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos*, 1881, jan-fev, n.1, p.43-48; José Baptista d'Oliveira, "Salubridade de Loanda", *op. cit.*, 1881, jan-fev, n.1, p.53-57; mar-abr, n.2, p.65-68.

[51] . *Gazeta de Angola* 1 anno, exemplar17 nov, 1881, n.17.

expedido à saída de todos os paquetes. No anúncio nota-se ainda que o periódico tratava de matérias de interesse da África ocidental, convocando os comerciantes a anunciarem naquele veículo.

Não se trata, desse modo, de uma publicação especificamente angolana, mas sim de uma publicação metropolitana voltada para Angola mas também para as outras colônias portuguesas na África ocidental, sem qualquer interesse literário, até onde pudemos investigar.

O Echo de Angola, *O Futuro d'Angola* e o *O Pharol do Povo*

Segundo Salvato Trigo (1977: 48), *O Echo de Angola* , *O Futuro d'Angola* e o *O Pharol do Povo - folha republicana* surgiram dentro da mesma linha de trabalho nativista inaugurada por Alfredo Troni no *Jornal de Loanda*, sendo aí o lugar de origem dos "velhos intelectuais de Angola", isto é, Arantes Braga, José de Fontes Pereira, Inocêncio Matoso Câmara, Pedro Machado, Augusto Eduardo Durão, Arsênio de Carpo, Cornélio Castro Francina e Joaquim Dias Cordeiro da Mata.

O Echo de Angola,[53] segundo Carlos Ervedosa (1979: 30), foi o primeiro periódico angolano editado por africanos. Tratava-se de uma folha semanal, publicada em Luanda em 1881 na Typ. do *Jornal de Loanda*, tendo por principal redator e proprietário o angolano Inocêncio Matoso da Câmara. A folha circulava em Luanda e, ao que parece, era periódico estritamente político e de notícias.

Uma crônica política, publicada na seção Folhetim do exemplar n.4 e intitulada "Entra o préscito, trasendo debaixo da blouse a sentença de morte",[54] revela que *O Echo de Angola* surgira com intenção estritamente política, para promover Innocencio Mattoso da Camara, que acabou perdendo as eleições.

Também O *Futuro d'Angola* tinha por proprietário o antiescravagista e independentista Arcênio de Carpo, e surgiu em Loanda em 1882. Parece ter sido publicação de natureza estritamente política, comercial e de notícias. Foi possivelmente o primeiro jornal nativista, segundo se depreende dos comentários de Mário Antônio (1997: 33-49).

Em matéria de política, temos, por exemplo, a segunda parte do artigo do angolano José de Fontes Pereira, "A independência d'Angola - II", artigo que, como vimos, fora comentado pelo cronista de *A Verdade*. O artigo confronta os percursos de Angola e do Brasil.

> O Brazil que desenvolveu as suas riquezas naturaes a custa dos milhares de braços arrancados a esta provincia com a coadjuvação do governo da metropole; o Brazil para onde afluia a emigração sempre crescente de Portugal e que teve no seu seio a corte, achou-se em breve apto para proclamar a sua independência.

---

[52] . *Boletim Official do Governo Geral de Cabo Verde*, 1881, 27 ago, n.35, p.198.
[53] . *O Echo de Angola*, Anno 1, 1881, 12 novembro, n.1.
[54] . "Entra o préscito, trasendo debaixo da blouse a sentença de morte", *O Echo de Angola*, 1881, 3 dez, n.4, p.1.

> A Angola, a quem roubaram os braços, que lhe arroteavam os campos; a quem se negam escholas e tudo quanto pode concorrer para o seu engrandecimento, assiste lhe o direito de sacudir o jugo que o opprime e esphacela, e escolher quem, sem o subjugar e dominar lhe dê toda a proteção para o seu desenvolvimento moral e intellectual.
>
> Portugal dando impulso ao florescimento do Brazil, deu-lhe também a liberdade.
>
> Portugal, negando nos durante 400 annos esse mesmo impulso autorisa-nos a trabalhar pela nossa emancipação.[55]

Quem seriam os parceiros de Angola na empreitada pela independência? O próprio Brasil? É provável que sim. Partilhando relações históricas e étnicas, seria razoável que os grupos independentistas angolanos esperassem que o Brasil os apoiasse numa revolta dessa natureza. Soma-se a isso o fato de, naqueles anos, as relações diplomáticas entre Portugal e Brasil encontrarem-se estremecidas pelo crescente republicanismo brasileiro.

Vale notar que segue ao artigo um "Noticiario"[56] em que se declara o endosso do periódico àquilo que vai no texto de José de Fontes Pereira sobre a independência de Angola.

Um outro artigo anônimo, intitulado "Brazileiros", dá notícias sobre o movimento republicano no Brasil, e aquele intitulado "Brazil" trata justamente dos desentendimentos diplomáticos entre Portugal e Brasil. Vê-se logo, entre diversas outras questões políticas aqui não arroladas, a presença do Brasil como referência constante para a constituição da identidade independentista angolana.[57]

Vale lembrar ainda o artigo "A proposito da Reforma Judicial do Ultramar", em que é denunciada a manipulação da lei em benefício da manutenção da escravidão, já que a reforma legal em questão estabelecia como legítimo o trabalho forçado para o indígena, valendo isso apenas para o Timor, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Pergunta-se também pela definição de "indígena", fazendo notar que nessa categoria eram colocados todos os negros.[58]

De literatura temos apenas uns versos. Não outros que os de "A marselhesa", traduzidos para o português, significativos para o espírito revolucionário da publicação.[59]

Dentro do mesmo ideário de *O Echo do Angola* e de *O Futuro d'Angola*, vem à luz no ano seguinte *O Pharol do Povo - folha republicana*, semanário publicado em Luanda, tendo por editor o angolano Arantes Braga. Iniciou sua edição em 1883 e tinha por programa:

> Provocar a reunião dos elementos da nova renascença intellectual africana - com o fim de desbravar a natural rudeza d'esta raça - quebrar-lhe as cadêas da escravidão a que estão habituados, e infiltrando n'alma o amor á liberdade - é o fim do *Pharol do Povo*.[60]

E seguia:

---

[55] José de Fontes Pereira, "A independência d'Angola", *O Futuro d'Angola*, 1887, 21 out, n.49, p.1.
[56] "Noticiario", *O Futuro d'Angola*, 1887, 21 out, n.49, p.1.
[57] "Brazileiros", *O Futuro d'Angola*, 1887, 15 set, n.79, p.1; "Brazil", *op. cit.*, 1894, 14 jun, n.206, p.2.
[58] "A proposito da Reforma Judicial do Ultramar", *O Futuro d'Angola*, 1894, 14 jun, n.206, p.1-2.
[59] "A marselhesa" *O Futuro d'Angola*, 1894, 14 jun, n.206, p.3.
[60] "Angola perante a idêa do seculo", *O Pharol do Povo*, 1883, 17 mar, n.6, p.1

> O direito internacional reconhece que as colonias devem alguma vez emancipar-se, que a emancipação é o destino de todas as colonias, assim que têm força para viver independente; os fructos da arvore da mãe patria, desprende-se quando maduros, e cahem para germinar e ser plantas distinctas - individualidades separadas.[61]

De caráter político e de notícias, esta publicação não tem interesse literário. Em matéria de cultura e história, vale, todavia, destacar o artigo "Usos e costumes do gentio de Ilamba, e um breve apontamento da guerra dos Dembos",[62] publicado em diversos exemplares, do qual pudemos consultar apenas um trecho. O artigo na sua integra, segundo resumo que o antecede, trata da sucessão, aclamação, inauguração e funeral dos sobas da Ilamba, assim como de seu comércio, indústria, usos e costumes, e de sua administração política e civil, o que aponta para um projeto cultural nativista de Arantes Braga, valorizando o conhecimento e divulgação das culturas africanas. Carlos Ervedosa (1979: 37) informa-nos que o angolano Joaquim Dias Cordeiro da Matta aqui publicou em forma de folhetins sua *História de Angola*, da qual infelizmente não pudemos ver trecho algum.

Apesar da total ausência do elemento propriamente estético, tais publicações importam por revelar o primeiro movimento nativista e libertário de Angola, que ocupava de modo declarado as páginas da imprensa angolana. Foi a primeira vez que a consciência nativista angolana ganhava publicidade e que os angolanos tiveram presença significativa na cena literária da colônia. A elas deram seguimento *O Arauto Africano*, o *Muen'exi*, *O Desastre*, como veremos adiante.

A Verdade: uma continuidade para A Civilisação da Africa Portugueza

No ano seguinte, em 1882, aparecera também *A Verdade*, editado em Luanda por Alfredo Mântua. Publicação primordialmente política e de notícias, trazia também a seção Folhetim. No texto "Declaração" nota-se que o periódico não teria regularidade pré-estabelecida, sendo, portanto, vendido apenas de forma avulsa quando saísse. As matérias eram todas assinadas pelos colaboradores, já que não havia uma redação responsável pelas mesmas. No texto "Ao publico", Mântua revela-se bastante liberal, propondo a igualdade de raças, de castas e de classes.[63]

O periódico publicava anedotas extraídas do *Diario Illustrado*, anúncios e variedades, valendo lembrar aqui a propaganda da Agência Literária de Julião Monteiro Torres, que anunciava a venda de *A traição*, *O herege*, *O renegado*, *A caça da hydra* e *A orgia*.[64]

---

[61] . *id. ibid.*

[62] . "Usos e costumes do gentio de Ilamba, e um breve apontamento da guerra dos Dembos", *O Pharol do Povo*, 1883, n.11, p.4.

[63] . "Declaração", *A Verdade*, 1882, 12 fev, n.1, p.1; A. Mantua, "Ao publico", *op. cit.*, 1882, 12 fev, n.1, p.1-2.

[64] . "A traição - O herege - O renegado - A caça a Hydra - A orgia - Agência Litteraria de Julião Monteiro Torres - Loanda", *A Verdade*, 1882, n.25, p.111.

Na seção Folhetim, temos o "O cannibalismo em Africa", extraído de Rojan,[65] que busca uma perspectiva antropológica e descritiva para explicar o canibalismo, sem contudo justificá-lo. Tal qual acontecia em Moçambique, também em Angola têm início os estudos sobre o clima, aparecendo na mesma seção o artigo "Considerações sobre o clima d'Africa por Luiz Delavaud", que, segundo vem rubricado, era sócio de diferentes sociedades de geografia. Ainda no Folhetim aparece: "A escravidão em Africa - resumo historico por Charles Faure", que faz um apanhado geral da história da escravidão na África durante o século XIX e denuncia algumas formas dissimuladas de escravidão praticadas naquele continente por franceses, portugueses, ingleses e africanos, mesmo após a formal abolição dessa prática em toda a África. Vê-se, pois, que a militância de Alfredo Mântua contra a escravidão não arrefecera.[66]

Ainda em história, aparece o texto do padre Castanheira Nunes, "Civilisação africana missões e immigração", do qual não pudemos localizar o início e a conclusão. Ainda assim foi possível constatar que o texto propunha-se a investigar:

> 1., se, sendo a grande acclimatação condição essencial da colonisação, poderá esta entre estes povos effectuar-se, ser util e duradoura; 2., se a colonisação é economicamente conveniente a toda e qualque nação; 3. se aproveita a uma nação, d'onde annualmente deriva para paizes estranhos uma grande emigração, desvial-a para as proprias colonias; 4., finalmente, qual o methodo mais racional de colonisar.[67]

Adaptação ao clima (o que, em se tratando de Angola, não se colocava como problema), viabilidade econômica (o que era evidente) e manipulação de imigrantes portugueses e europeus (que naqueles anos se dirigiam em massa para o Brasil) são os três elementos envolvidos nessa discussão, que certamente tinha por finalidade última sugerir o redirecionamento da imigração portuguesa para Angola.

Em história ainda temos uma tradução, assinada simplesmente por "H." e intitulada "A S. Bartholomeu", tratando das intrigas da Igreja contra os protestantes e o papel, nessa contenda, de S. Bartolomeu.[68] Os artigos do padre Castanheira Nunes e de Alfredo Mântua sobre educação aqui publicados já foram comentados anteriormente, quando tratamos do ensino do português em Angola.

Em política, H. de Carvalho, em "Lisbôa, 5 de agosto", descreve a posse do governador Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, político ligado à causa crioula e nativista, e J. J. Ferreira da

---

[65] . Esta designação aparece ao final do texto. Não nos foi possível saber se se refere a algum autor ou a alguma publicação específica (muito provavelmente), aparecendo também mais adiante nos textos assinados por Luiz Delavaud e por Charles Faure.

[66] . Rojan, "O cannibalismo em Africa (Traducção)", *op. cit.*, 1882, 12 fev, n.1, p.2-3; [Rojan] Luiz Delavaud, "Considerações sobre o clima d'Africa por..." [continuado do n.5], *A Verdade*, 1882, n.6, p.26-27; 29 mar, n.7, p.30-31; 6 abr, n.8, p.34-35; [Rojan]Charles Faure, "A escravidão em Africa - resumo historico por...", *op. cit.*, 1882, 13 abr, n.9, p.39-40.

[67] . Castanheira Nunes, "Civilisação africana - missões e immigração", *A Verdade*, 1882, 29 mar, n.7, p.29-30; 6 abr, n.8, p.33-34.

[68] . H., "A S. Bartholomeu", *A Verdade*, 1882, n.31, p.138-139; n. 32, p.142-143.

Cruz escreve sobre as "Industrias", denunciando a indefinição de uma política comercial clara e transparente por parte da metrópole portuguesa que não prejudicasse as indústrias estabelecidas ou em estabelecimento (como afirma que sistematicamente acontecia) e viabilizasse a criação de novas indústrias tanto nas colônias como na própria metrópole.

Há também uma crônica anônima, "A sublevação", que trata com muita ironia e escárnio de Zé das Fontes, isto é, José de Fontes Pereira, editor do *Futuro d'Angola*. É, por sinal, um trecho do n.15 do *Futuro d'Angola* que aparece como epígrafe da crônica, afirmando a necessidade de pôr fim à situação colonial de Angola. Na crônica, José de Fontes Pereira, com a ajuda de João Pinhão (João Inácio de Pinho), teria assaltado uma mercearia em atitude revolucionária. Há em toda a crônica um tratamento bastante sarcástico em relação à idéia de independência angolana.[69]

Mário Antônio (Oliveira, 1997: 65-68) reproduz e analisa diversos trechos desta crônica, observando o quanto o cronista tinha conhecimento da sociedade crioula e da sua mitologia, apesar de satirizar uma de suas principais lutas.

De interesse literário, aparece a "Chronica de Benguella (Currente calamo)", assinada por "S.", notando que Benguela tinha uma filarmônica e narrando um pequeno caso amoroso ali ocorrido. Em dado momento observa que:

> A gente é a mesma, negociando de dia, e jogando a batota à noite uns, maldizendo outros, e fazendo amor indigena o restante da população.[70]

Essa explícita referência à sexualidade é novidade nas crônicas. Uma outra crônica, também de Benguela, intitulada "Chronica de Benguella (Tremente calamo)", anônima, comenta de modo bastante cifrado as repercussões daquelas crônicas num certo Calino. Uma terceira, intitulada simplesmente "Chronica" e assinada por Fr. Patricio, satiriza um certo Carlos, homem do cenário político e das letras, que estaria lançando um folheto ou um livro, evocando um cabedal de autores clássicos e personalidades históricas de fazer inveja a qualquer enciclopédia.[71]

Também tem lugar uma fantasia ou bestialógico assinado por "H." e intitulado "Uma visão romantica", que descreve o sonho no qual todo o repertório de personagens românticos surge em situação cômica e decadente:

> Dous vultos passaram perto de mim, e detiveram-se. Era um homem, um tanto esqualido, de olhos azues, compridos cabellos de um louro pallido, com a cutis de uma brancura doentia. Cousa extranha! Faltava-lhe a orelha direita, e do lado esquerdo, por baixo do chapeu, o craneo tinha um buraco, emmoldurado por um vermelho asqueroso, como de

---

[69] . H. de Carvalho, "Lisbôa, 5 de agosto", *A Verdade*, 1882, 10 out, n.26, p.115-116; 30 out, n.28, p.125-127; 7 nov, n.29, p.127-128; J. J. Ferreira da Cruz, "Industrias", *op. cit.*, 1882, 30 out, n.28, p.127; "A sublevação", *op. cit.*, 1882, 20 jul, n.20, p.85-87.

[70] . S., "Chronica de Benguella (Currente calamo)", *A Verdade*, 1882, n.25, p.108-109.

[71] . "Chronica de Benguella (Tremente calamo)", *A Verdade*, 1882, 7 nov, n.29, p.128-130; Fr. Patricio, "Chronica", *op. cit.*, 1882, n.22, p.97-98.

sangue coagulado. Acompanhava-o uma mulher fina, emmagrecida, com os flancos pouco salientes, inhabeis para a maternidade, e de fronte estreita e baixa.
Reconheci-os logo. Eram Werther e Carlota.[72]

O texto não faz qualquer referência a Angola, mas está datado de "Loanda, setembro de 78". É curioso notar que um bestialógico semelhante fôra publicado por Fagundes Varela[73] no Brasil em 1863. Sem pretender encontrar qualquer filiação entre os textos ou coisa que o valha, interessa observar que também os bestialógicos tinham alguma regularidade, retrabalhando estruturas e elementos similares.

A sessão Folhetim também dá espaço a uma narrativa de viagem do padre Castanheira Nunes, "Viagem ao Congo (Continuado do n.16)", que já fôra parcialmente publicada no *Boletim da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geographico-Africanos de Loanda*, e ainda aparece um texto em louvor a Deus assinado por J. D. Cordeiro da Matta, "A Deus - Jaculatória (excerptos de um livro inédito)", datado de "Tombo, 1881", com epígrafe de *Torrentes,* de Teófilo Braga. O livro inédito eram as *Noites de Loanda*, que o escritor iria publicar em forma de folhetim em 1891, como veremos adiante. O trecho aqui identificado encontra-se reproduzido em *Formação da literatura angolana,* de Mário Antônio (Oliveira, 1997: 108-109).[74]

Como se vê, *A Verdade* era um periódico progressista, a favor da libertação dos escravos e da democracia, dando continuidade aos princípios de *A Civilisação da Africa Portugueza*, do qual Alfredo Mântua fôra um dos proprietários. Todavia, Mântua queria distância de qualquer reflexão independentista, defendendo sempre os interesses da elite progressista portuguesa na África.

Na parte estética, ironiza-se, no bestialógico ali publicado, os arrebatamentos românticos, mas sem fazer disso uma bandeira, uma vez que se reservava minguado espaço para a literatura.

A União Africo-Portugueza: outro seguimento de A Civilisação da Africa Portugueza

Alguns meses depois do aparecimento de *A Verdade,* surge *A União Africo-Portugueza*, semanário publicado em tipografria própria, em Luanda, tendo por diretor Antonio Urbano Monteiro de Castro, o antigo parceiro de Alfredo Mântua na direção de *A Civilisação da Africa Portugueza*. Como se constata, os antigos aliados encontravam-se agora separados, cada qual com uma publicação, ainda que ambas apresentassem orientação bastante semelhante. *A União Africo-Portugueza* era muito parecida com *A Verdade*, de caráter político e de notícias, com folhetim de

[72] . H., "Uma visão romantica", *A Verdade*, 1882, 29 jul, n.21, p.89-91; 1882, n.22, p.94-95.
[73] . O texto de Fagundes Varela "A Comedia do Ridiculo (trechos)" foi estampado parcialmente na *Revista da Associação do Recreio Instructivo* e concluído na *Revista da Academia Literaria*. Ambas as revistas eram publicadas em São Paulo. Para a reprodução do texto de Varela, conferir a revista *Leitura: teoria e prática*, 1995, dez., n.26, p.15-26.

rodapé. Sua edição, tal qual seu similar, teve início também em 1882. No texto introdutório, propugna pela integração de todas as colônias, pela separação de Estado e Igreja, igualdade racial, liberdade de comércio (abertura dos portos), ampliação do voto popular, enfim, o ideal progressista luso-africano de fraternidade e igualdade que vigorava em *A Civilisação da Africa Portugueza*.[75]

Em matéria de política, há um interessante artigo sobre as "Colonias penaes", que denuncia a manipulação por parte do governo provincial ao não construir as referidas colônias, decretadas pela coroa, e assim deixar livre alguns condenados (seus parceiros políticos), acabando por espalhar o latrocínio e a desonestidade por toda a colônia. Já no artigo "O codigo administrativo ultramarino - III", faz-se uma revisão do referido código, com o intuito, ao que parece, de reivindicar maior autonomia administrativa às colôniais.[76]

É curioso registrar ainda uma crônica sobre Cabo Verde, ainda que sem grande interesse literário, que será comentada quando tratarmos dessa colônia.[77]

Em matéria de literatura, temos na seção Folhetim a crítica literária, extraída de *O Século* e assinada por Alexandre da Conceição, "Leituras - *Ensaios sobre a evolução da humanidade*, por Teixeira Bastos - *Elementos de physica*, por Miguel Archanjo Marques Lobo". O primeiro é, segundo o crítico, "filho da democracia, e neto do socialismo. Foi seu padrinho de baptismo Proudhon, e seu preceptor Augusto Comte". Do segundo, só afirma que também é um dissidente, professor do ensino secundário e autor de vários livros de matemática e história natural. Vale notar a escolha de reproduzir tal artigo em *A União Africo-Portugueza*, pois, ao mesmo tempo que o crítico revela verdadeira admiração pelos autores criticados, não se compromete com a perspectiva positivista e socialista que os fundamenta, perspectiva esta que parece coincidir em parte com a de Urbano de Castro.[78]

Na mesma seção aparece o conto-crônica de Zacharias d'Aça, datado de "30 de março de 1882" e extraído do *Diario da Manhã*, intitulado "Scenas da vida rustica - Uma tragedia na caça A Raimundo de Bulhão Pato",[79] que narra a história de um caçador que acaba por matar um caseiro que se opusera a que entrasse nas terras da quinta que tomava conta. O que impressiona, em se tratando de um texto publicado em Lisboa em plena década de 1880, é a impunidade do distinto caçador, descrito sempre como um distinto burguês, que resolve seu problema de consciência em relação ao crime que cometera com uma simples "Ave Maria", sendo que a justiça

---

[74] . Castanheira Nunes, "Viagem ao Congo (Continuado do n.16)", *A Verdade*, 1882, n.17, p.74-75; n.18, p.78-79; J. D. Cordeiro da Matta, "A Deus - Jaculatória (excerptos de um livro inédito)", *op. cit.*, 1882, n.25, p.111.

[75] . A. Urbano de Castro, "Artigos da nossa fé", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 6 mai, n.1, p.1-2.

[76] . "Colonias penaes", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 25 jun, n.13, p.1; "O codigo administrativo ultramarino - III", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 14 jun, n.10, p.1-2.

[77] . P. D. M.. "Cabo Verde", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 14 out, n.33, p.2.

[78] . Alexandre da Conceição, "Leituras - Ensaios sobre a evolução da humanidade, por Teixeira Bastos - Elementos de physica, por Miguel Archanjo Marques Lobo", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 23 set, n.29, p.1.

[79] . Zacharias d'Aça, "Scenas da vida rustica - Uma tragedia na caça - A Raimundo de Bulhão Pato", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 6 nov, n.37, p.1-2.

dos homens nem ao menos é mencionada. Quanto ao contexto em que vivia a elite letrada africana, a impunidade a que nos referimos certamente sequer foi notada.

Também têm lugar as seguintes crônicas: de Ramalho Ortigão, "A parada de 14 de janeiro"; de Manuel Roussado, "O porco"; do *Diario da Manha*, sem indicação de autor, "O centenario de Calderon em Madrid (Diario de um romeiro)"; de Alfredo Gallis, retirado do *Diario da Manhã*, "Um idyllio"; novamente de Ramalho Ortigão, também do *Diario da Manhã*, "O desacato das hostias"; de Cordeira,[80] do *Diario da Manhã*, "A Verdadeira gloria"; de Camilo Castelo Branco, "Paginas modernas", trechos de uma crítica mordaz de Camilo sobre o livro *Portugal à vol d'oiseau - portgugais et portugaise*, da senhora Ratazzi.[81]

Não vale a pena comentar aqui os textos de tais autores consagrados na história da literatura portuguesa, mas vale sim notar que nomes como Ramalho Ortigão e Manuel Roussado trazem à baila a geração nova, ao mesmo tempo que Camilo mantém sua posição de crítico ferino do romantismo ingênuo. Temos assim, em *A União Africo-Portugueza*, um divulgador das idéias positivistas em Angola e um crítico da estética de Castilho, salvaguardando aqueles, como Camilo, que têm vôo próprio e mais alto que o chefe oficial do romantismo português.

Em matéria de poemas, temos o anônimo "Á memoria de José Bernardo Ferrão, poeta oriundo da Beira-Baixa, fallecido em Loanda no dia 29 de julho de 1882", com epígrafes de Soares de Passos e de Voltaire, revelando já aí a filiação de José Bernando Ferrão à "nova idéia", filição à qual o poema faz referência explícita. De Guilherme Braga temos "Os falsos apostolos", que desfere versos contra o ultramontanismo, isto é, contra a Igreja de Roma. De Fernando Caldeira aparece o poema satírico "A mosca", afirmando-se tratar de uma "versão" sem, contudo, revelar a fonte. Lembremos que, segundo Lopes & Saraiva (1979: 975), Fernando Caldeira integra-se à vertente da poesia popular de João de Deus, acrescentando assim mais uma referência a este poeta que tanta repercussão teve nas províncias ultramarinas do Oriente. Do revolucionário Guilherme de Azevedo, temos "Nos campos", que trata da morte miserável de um camponês e da injustiça divina (leia-se Igreja romana) e social que está na base desse mesmo sofrimento. Também aparece um poema satírico, supostamente traduzido do sânscrito pelo também suposto orientalista Eduardo Jagodes Prazeres, "Lamentações de Affonso Ayala Merodes", sobre o qual é sugerido que se acrescente a música de uma cançoneta da qual reproduz-se alguns

---

[80] . A impressão deste nome encontrava-se pouco legível e talvez o fosse Caldeira, de Fernando Caldeira, que aparece em outras matérias.

[81] . Ramalho Ortigão, "A parada de 14 de janeiro", *A União Africo-Portugueza*, 1882, 28 mai, n.6, p.1; Manuel Roussado, "O porco", *op. cit.*, 1882, 25 jun, n.13, p.1-2; do *Diario da Manhã*, "O centenario de Calderon em Madrid (Diario de um romeiro)", *op. cit.*, 1882, 2 jul, n.15, p.1; Alfredo Gallis, do *Diario da Manhã*, "Um idyllio", *op. cit.*, 1882, 14 out, n.33, p.1; Ramalho Ortigão, "O desacato das hostias", *op. cit.*, 1882, n.34, p.2-3; Cordeira [?], "A Verdadeira gloria", *op. cit.*, 1882, 21 out, n.35, p.1; "Paginas modernas", *op. cit.*, 1882, n.36, p.2.

versos. É na certa uma chacota política dirigida a pessoa certa em Angola, que não pudemos desvelar.[82]

Faz-se claro, pois, o papel de *A União Africo-Portugueza* como órgão propagador da "idéia nova" e de todo cabedal ideológico que a sustentava, revelando, também, um vínculo estreito com o publicismo lisboeta, tendo em vista as diversas reproduções de matérias de periódicos daquela metrópole, em especial do *Diario da Manhã*.

Vemos, pois, que Urbano de Castro revela-se bem mais arejado e mais progressista do que Alfredo Mântua, ainda que também não compactue com qualquer movimento independentista angolano. Seu ideário é fundamentalmente humanista e positivista, buscando por um lado a difusão do ideal de harmonia entre os povos e as nações e, por outro, a constante luta pelo progresso tecnológico e material do ser humano.

Em *A União Africo-Portugueza*, a literatura, e principalmente a crônica, tem espaço mais amplo do que em *A Verdade*, fazendo que o periódico de Urbano de Castro se alinhe de modo mais preciso a uma efetiva continuidade de *A Civilisação da Africa Portugueza*.

O empenho literário de O Serão

Já *O Serão - folha litteraria, noticiosa e charadistica* era um periódico quinzenal, também publicado em Luanda, primeiramente na Typ. de Ag. Litt. (n.1) e depois na Typographia d'*O Mercantil* (n.2), com intenções literárias. Contou com diversos colaboradores, sendo os principais A. J. Lima, J. Marques Pereira e A. Marques Pereira, J. H. de Faria Leal, L. Armajer, A. Gonçalves Lima, e A. F. M. P.

No texto introdutório, de 10 de setembro de 1886, faz-se um elogio à imprensa e afirma-se que:

> A política e o commercio já tem quem advogue os seus interesses. Para nós pois a litteratura que tentamos apenas explorar na superficie, não só como despretencioso incentivo de virem em soccorro d'ella os que são ricos de cabedaes de intelligencia, as ainda como agradavel e inoffensivo passatempo que abrevie e torne supportaveis estas longas e enfadonhas noutes.[83]

Em nota do periódico ao final do n.1 afirma-se que: "Aceitam-se quaesquer artigos que não forem contra a indole do jornal - descriptivos, scientificos, litterarios ou charadisticos". Observa-se ainda que a folha sai nos dias 10 e 25 de cada mês, o que já não ocorre com os dois primeiros números, publicados ambos no dia 10 dos meses de setembro e outubro.

---

[82]. "Á memoria de José Bernanrdo Ferrão, poeta oriundo da Beira-Baixa, fallecido em Loanda no dia 29 de julho de 1882", *A União Africo-Portugueza*, 1882, n.21, p.3-4; Guilherme Braga, "Os falsos apostolos", *op. cit.*, 1882, 6 mai, n.1, p.1; Fernando Caldeira, "A mosca", *op. cit.*, 1882, 13 mai, n.3, p.1; Guilherme de Azevedo, "Nos campos", *op. cit.*, 1882, 14 jun, n.10, p.1; satírico, "Lamentações de Affonso Ayala Merodes", *op. cit.*, 1882, 21 out, n.35, p.3.

[83]. A redação, [introdução, sem título] *O Serão*, 1886, 10 set, n.1, p.1.

Apresenta uma seção intitulada "Ephemerides",[84] de natureza história, relacionando datas e fatos, retomando o mesmo modelo que Alexandre Herculano empregara em *O Panorama* e que também aparece em diversas revistas de Goa.

Na seção "Noitadas", há diversos enigmas, acrósticos, logogrifos e charadas, que revelam o gosto do jogo com a palavra. Aparecem também anedotas, fazendo jus à proposta de lazer expressa por seus editores.[85]

No item narrativa ficcional, temos uma de J. Marques Pereira, publicada na seção Folhetim e intitulada "Uma visão e uma illusão". Trata-se de um delírio romântico do protagonista, que trabalha a oposição entre idealismo e positivismo, fazendo pensar numa reação decadentista. Há ainda uma tradução de Eugène Sue, realizada por J. de Miranda[86] e intitulada "Uma embuscada", no qual se narra um episódio trágico e edipiano de um filho que, por engano, mata o próprio pai.[87]

Em matéria de crônica, aparece "Echos do reino", de Amílcar, na qual são arroladas uma grande diversidade de notificações sobre o que se passava em Portugal; em a "Terra p'la próa!", de Nuno Queriol, temos uma crônica temática em torno da expressão que lhe dá título, equivalente a "Terra à vista!". Aparece ainda uma outra crônica em torno do tema "Mãe", assinada por "Elle" e datada de "Loanda, 1875". Em todas elas o convencionalismo romântico, tanto nas idéias quanto na forma, impera.[88]

Aparece ainda um pequeno trecho dissertativo sobre o desterro de Álvaro Gonçalves, "Folhas soltas d'uma carteira - Loanda - 1886", sem interesse literário.[89]

Em *O Serão*, têm também lugar alguns poetas, como J. Marques Pereira, com seu poema lírico "Luz e sombra", datado de "Lisboa 30 de Julho de 1885"; José Heliodoro de Faria Leal, com "O comprador e a varina"; E. Ferreira da Cunha, com "Lyrismos"; A. Cesar de Moraes e seu sensual "Dulce", datado de "17-9-86"; A. Marques Pereira, que aparece com "Resignação". Os dois últimos são sonetos ao modo romântico. Já nos sonetos "O varandim - Transcripto da *Lyra Intima*", de Joaquim d'Araujo, e "Hydrophobia!", de Nuno Queirol, sente-se um forte acento decadentista, sendo que o último traz referências aos trópicos e ao beija-flor.[90]

---

[84] . "Ephemerides - 10 de setembro", *O Serão*, 1886, 10 set, n.1, p.1.

[85] . J. de M., "Acrostico geographico", *O Serão*, 1886, 10 set, n.1, p.4; J.M.P., "Logogriphos", *op. cit.*, 1886, 10 set, n.1, p.4; Alvaro Lima, "Charada em triangulo (novissima)", *op. cit.*, 10 set, n.1, p.4; O Diabo, "Charada electrica", *op. cit.*, 10 set, n.1, p.4; J.M.P., "Enygma", *op. cit.*, 10 set, n.1, p.4; A. M. P., "Charada", *op. cit.*, 10 out, n.2, p.4; O Diabo, "Logogripho", *op. cit.*, 10 out, n.2, p.4; Alvaro Gonçalves, "Quebra-cabeças (Premiado com os "Nocturnos" de G. Crespo)" [catado de: Porto, 1886], *op. cit.*, 10 out, n.2, p.4; [anedota], *op.cit.*, 10 set, n.1, p.3; [anedota], *op. cit.*, 10 out, n.2, p.4.

[86] Talvez Antônio Joaquim de Miranda, da Barra do Bengo, citado por Mário Antônio (Oliveira, 1997: 58).

[87] . "Uma visão e uma illusão", *O Serão*, 1886, 10 set, n.1, p.2; E. Sue, "Uma emboscada", *op. cit.*, 1886, 10 set, n.1, p.3.

[88] . Amilcar, "Echos do reino", *O Serão*, 1886, 10 set, n.1, p.2; Nuno Queriol, "Terra p'la próa!", *op. cit.*, p.1-2; Elle, "Mãe!", *op. cit.*, p.3; "Echos do reino", *op. cit.*, 1886, 10 out, n.2, p.1.

[89] . "Folhas soltas d'uma carteira - Loanda - 1886", *O Serão*, 1886, 10 out, n.2, p.3.

[90] . J. Marques Pereira,"Luz e sombra", *O Serão*, 10 set, n.1, p.2; José Heliodoro de Faria Leal, "O comprador e a varina", *op. cit.*,10 set, n.1, p.3; E. Ferreira da Cunha, "Lyrismos", *op. cit.*,10 out, n.2, p.4; A. Cesar de Moraes,

Não pudemos saber se a família Marques Pereira daqui teria alguma ligação com aquela que anos antes estivera em Macau e publicara o *Ta-ssi-yang-kuo*. Caso se trate da mesma família, podemos ver aí um indício da hegemonia de alguns grupos que tinham influência intelectual e política no conjunto das colônias.

Após o longínqüo fenômeno de *A Aurora*, de 1855, esta teria sido provavelmente a segunda tentativa de consolidar uma publicação literária em Angola, que teve vida efêmera. O modelo de *O Panorama* já se encontra aqui diluído, pois *O Serão* é uma folha literária que não evidencia pretensões didáticas ou de formação, voltando-se para um modelo mais arejado de publicação literária. Ainda que malogradas, a vontade e a iniciativa desses escritores situavam-se no interior de uma disposição mais geral em criar um meio literário realmente atuante, que efetivamente esboçava-se naqueles anos.

O Arauto Africano e as publicações dos "filhos devotos deste torrão"

O Arauto Africano (que, em 1890, ganhou o título de *O Polícia Africano*) era semanário publicado em tipografia própria na cidade de Luanda a partir de 1889. Seu proprietário e redator principal foi o angolano Carlos da Silva. Defendia a causa luso-africana diante da ameaça estrangeira, nomeadamente inglesa. Em sua introdução,[91] nota-se o descaso com que as colônias portuguesas tinham sido tratadas pela metrópole e denunciam-se os interesses estrangeiros sobre elas, clamando para que os angolanos defendessem sua identidade luso-africana. Chama-se a atenção para o fato de que o português de origem metropolitana tinha tanto interesse nessa causa quanto os angolanos. Fornecendo como contra-exemplo o caso do Brasil, pugna-se pelo entendimento entre negros e brancos.

Apesar de só termos consultado três números do periódico, é significativa a presença de duas matérias sobre o livro de poema *Delirios*, do também angolano Joaquim Dias Cordeiro da Matta. Na seção folhetim do periódico, aparece um elogio do próprio editor, Carlos da Silva, amigo pessoal de Cordeiro da Matta, ao livro e, no mesmo exemplar, na seção Bibliographia, temos um outro artigo que tece vários comentários biográficos sobre Cordeiro da Matta, de autoria do angolano Mamede de Sant'Anna e Palma, também amigo pessoal do poeta. Ainda tem lugar um anúncio da venda do livro, notando que continha duzentas páginas com poemas escritos entre 1875 e 1887 - livro que não chegou aos nossos dias, segundo Gomes e Cavacas (1997: 102).[92]

"Dulce", *op. cit.*, 10 out, n.2, p.1; A. Marques Pereira, "Resignação", *op. cit.*,10 out, n.2, p.2; Joaquim d'Araujo, "O varandim - Transcripto da *Lyra Intima*", *op. cit.*,10 set, n.1, p.4; Nuno Queirol, "Hydrophobia!", *op. cit.*, 10 set, n.1, p.3.

[91] . "Ao publico", Carlos da Silva, *O Arauto Africano*, Anno 1, 1889, 17 mar, n.1, p.1-2.

[92] . Carlos da Silva, "Joaquim Dias Cordeiro da Matta (apoz a leitura de seu primeiro livro de versos *Delirios*)" [cont. do n.8], *O Arauto Africano*, 1889, 19 mai, n.9, p.1-2; Mamede de Sant'Anna e Palma, "Os delirios", *op. cit.*, 1889,

Tomando por referência a figura de Cordeiro da Matta, podemos ver em *O Arauto Africano* um diálogo mais consistente entre os intelectuais portugueses advindos da metrópole e os intelectuais angolanos. Estes ali se formavam apesar da carência quase absoluta de condições educacionais.

Mais duas novas publicações de angolanos surgem em 1889: *O Desastre* (1889), periódico liberal, estritamente político e de notícias, e o *Muen'exi - orgão democratico*, publicado duas vezes ao mês, em Luanda, em tipografia própria. Este último tinha por proprietário e redator principal o angolano Manuel Alves de Castro Francina. No texto introdutório, afirma-se que:

> O nosso jornal é dedicado á política, ao commercio, a industria e a agricultura, e defenderá com especilialidade os interesses da provincia [...] Somos filhos devotados d'este torrão, e como taes desejamos com todas as fibras da nossa alma, vêr Angola marchar parallelo ao lado dos paizes mais avançados na vanguarda da civilização.
> Somos democratas e como taes acceitamos todas as discussões a este intento.[93]

Foi essa a mentalidade que se definiu nos anos de 1880, com publicações políticas empreendidas por "filhos devotos deste torrão", o que é importante registrar, pois temos aqui angolanos que reconheciam e valorizavam sua origem. Ainda que a literatura não tivesse lugar privilegiado em tais publicações, essa nova postura social e política por parte dessa elite angolana foi o que permitiu que, quase um século depois, a geração do "Vamos descobrir Angola" pudesse recolocar alguns deles em circulação, integrando-os à historiografia literária nacional de Angola.

Salvato Trigo (1977: 58) comenta como índice de desunião entre os africanos as "questiúnculas" ortográficas e semânticas em torno do quimbundo, que se davam entre *O Arauto Africano* e o *Muen'exi*. Se politicamente falando isso talvez pudesse ser negativo, creio que podemos pensar os mesmo debates da perspectiva lingüística como algo vitalizador, já que a vida literária de qualquer comunidade pressupõe a discussão e o estabelecimento de consensos, regras, convenções. Tais debates vinham justamente demonstrar que aquela comunidade saía do plano ideal para o plano real, ao menos no que concerne ao emprego literário da língua materna de muitos angolanos.

Menos radical, em 1888 era a vez de *O Imparcial* vir à luz. Este foi um periódico político e de notícias, liberal, com diagramação muito simples. Era publicado em Luanda na Typ. d'*A Verdade*, tendo por redatores Affonso Botelho [de Vasconcellos] ao lado de Carlos da Silva, o mesmo de *O Arauto Africano*. Só nos foi possível consultar o primeiro exemplar de 20 de maio de 1888. Carlos A. B. [Affonso Botelho] de Vasconcellos irá retomar a publicação em 1894, o que veremos oportunamente.[94]

---

19 mai, n.9, p.3-4; "Novidade litteraria - Joaquim D. Cordeiro da Matta - *Delirios* - versos 1875-1887 - um volume de 200 paginas, brochado - 600 réis - Á venda na Agencia Litteraria de Cunha e Sobrinho", *op. cit.*, 1889, 19 mai, n.9, p.4.

[93] . "Programa", *Muen'exi*, 1889, 2 jun, n.1, p.1.

[94] . "Loanda, 19 de maio de 1888", *O Imparcial*, 1. Anno, 1888, 20 mai, n.1, p.1.

Além desses, na década de 1880, apareceram ainda *O Rei Guilherme* (1886),[95] periódico de periodicidade irregular, publicado em Luanda na Typographia d'*O Mercantil*. Teve por editor Henrique Augusto Pinto de Lima, sendo uma publicação estritamente política (de tendência monarquista), comercial e de notícias. No ano seguinte aparecia *O Exercito Ultramarino* (1887), também publicado em Luanda mensalmente, voltado, obviamente, para questões políticas e disciplinares do exército.[96]

O Correio de Loanda: uma publicação conservadora com presença literária

O Correio de Loanda durou de 1890 a 1896, passando depois a intitular-se *Revista de Loanda*. Era um semanário de interesse geral e tinha por proprietário e redator Abílio de Almeida Soares.[97] Em seu texto de "Apresentação", afirma a imparcialidade política, citando e reproduzindo algumas leis de imprensa em vigor. Fato curioso é que em dado momento é notificado que:

> Os suicidios que se derem, quer na provincia, quer fora d'ella, não serão registados nas suas columnas, por entender que, d'esta fórma, presta um relevante serviço á sociedade enferma.[98]

Ficamos sem saber com que freqüência os suicídios ocorriam, quem eram as vítimas e o que as motivava. É certo, entretanto, que aconteciam em número significativo para justificar tal comentário. Por que seria um serviço à sociedade silenciar sobre os mesmos é outra questão intrigante.

O *Correio de Loanda* publicava grande diversidade de matérias: política, história, geografia, uma grande quantidade de crônica, de narrativas ficcionais em prosa e de poemas.

Em política internacional podemos primeiramente destacar dois artigos em torno do conflito entre Inglaterra e Portugal no que se refere às possessões africanas, isto é, o *Ultimatum* inglês contra Portugal, por meio dos quais ficamos sabendo o quanto Angola estava isolada e sua população ansiosa por informações da corte, que não vinham jamais.[99]

Lembremos que nesse momento veio à luz o folheto *Portugal-Africa*, que convocava os portugueses à guerra ao capital inglês.[100]

Um outro artigo, intitulado "Vida nova", [101] é a reprodução de um texto saído na revista *Universal* de Lisboa, segundo vem indicado, tratando de uma postura positiva, e mesmo

---

[95] . *O Rei Guilherme*, 1886, 9 out, n.1.

[96] . "Loanda, 10 de novembro de 1887", *O Exercito Ultramarino*, 1887, 10 nov, n.1, p.1; A. C. de Moraes, alferes, "Os dois exercitos política militar", *op. cit.*, p.1-2.

[97] . *O Correio de Loanda* aparece primeiramente em formato pequeno, aumenta quando passa a ter tipografia própria, e deminui novamente no seu quarto ano de existência, em 1893.

[98] . "Apresentação", *O Correio de Loanda*, 1890, 1 jan, n.1, p.1.

[99] . "O conflicto anglo-luso", *Correio de Loanda*, 1890. 28 fev, n.8, p.1; "Conflicto anglo-luso", *op. cit.*,1890, 2 mar, n.9, p.1-2.

positivista, ante os problemas políticos e ecônomicos portugueses. Defende o atendimento às reivindicações do operariado e a independência do "regimen parasitario dos productos da nossa emigração para o Brazil, que até hoje principalmente nos tem sustentado". Além do artigo, reproduz-se também um poema de amor de Guerra Junqueiro, que maior relação não tem com o artigo a não ser o título: "Vita nuova".

O Brasil volta à cena no artigo intitulado "As bellezas da Republica dos Estados Unidos do Brazil - ao illustre republicano portuguez, o sr. general Latino Coelho",[102] de Cezar Zama, extraído da *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro de 3 de junho de 1891, faz uma mordaz e destrutiva crítica aos 16 meses de existência republicana que o Brasil então desfrutava, classificando seu governo de "canalhocracia" e concluindo que o "Brazil hoje é o paiz mais desgraçado do mundo civilisado". É interessante registrar a presença de uma visão negativa do Brasil em Angola, derivada, no caso, do sistema republicano adotado pelos brasileiros, que contrariava certamente a posição monarquista do *Correio de Loanda*.

Vale ainda registrar um artigo retirado do *Clamor Africano*,[103] de Quelimane, em defesa do trabalho obrigatório, que é corroborado e complementado pelo redator do *Correio de Loanda*, propondo medidas verdadeiramente escravagistas para "civilizar" o negro. A mesma posição será reforçada no artigo "Vadios", que apresenta de forma objetiva - mas estarrecedora pelo desrespeito ao ser humano - a história do conceito judicial de "vadio". Isso tudo reafirma a posição bastante conservadora do periódico.[104]

Foi possível também flagrar um debate entre *O Correio de Loanda* e *O Imparcial*, periódico monarquista do qual falaremos mais adiante.[105]

Em matéria de ciências, temos uma tradução intitulada "Palestras Scientificas - A electrocução", além de estudos sociais e históricos, como os "Apontamentos para a descripção da aldeia de Barróca", de Alfrêdo Augusto dos S. Cardozo, ou o "Rezumo de Historia Colonial de Portugal", do Taveira, ou ainda as "Memorias d'Angola por Castello Branco e Torres", além de dados sobre a imigração em Angola, observando ser esta muito numerosa para o Brasil.[106]

Mas *O Correio de Loanda* também apresentava matérias menos densas, como as "Digressões de verão pela Gallisa (Utilidades)", de J., que trata do turismo por aquela região, ou

---

[100] . *Portugal-Africa*, 1890, número único.
[101] . "Vida nova", *Correio de Loanda*, 1892, n.116, p.2.
[102] . Cezar Zama, "As bellezas da Republica dos Estados Unidos do Brazil - ao illustre republicano portuguez, o sr. general Latino Coelho", *Correio de Loanda*, 1891, 4 out, n.89, p.1.
[103] . . (Do *Clamor Africano*) "Trabalho obrigatorio", *Correio de Loanda*, 1892, 2 out, n.137, p.2.
[104] . "Vadios", *Correio de Loanda*, 1891, 4 out, n.89, p.1.
[105] . "Astucias de *O Imparcial*", *Correio de Loanda*, 1895, 5 mai, n.186, p.1-2.
[106] . Cosmos (Traducção), "Palestras Scientificas - A electrocução", *Correio de Loanda,* 1895, 21 jul, n.190, p.1; Alfrêdo Augusto dos S. Cardozo, "Apontamentos para a descripção da aldeia de Barróca", *op. cit.*, 1891, 4 out, n.89, p.2; Taveira, "Rezumo de Historia Colonial de Portugal (continuado do n.119)", *op. cit.*, 1892, 5 jun, n.120, p.1-2; Castello Branco e Torres, "Memorias d'Angola por...", *op. cit.*, 1892, 20 nov, n.145, p.1-2; 4 dez, n.147, p.1; 11 dez, n.148, p.1; 18 dez, n.149, p.1; 25 dez, n.150, p.1; 1893, 1 jan, n.151, p.1; 8 jan, n.152, p.1; 15 jan, n.153, p.1; 22

um texto sobre um baile ocorrido na cidade, ou mesmo anúncios, como o do redator do periódico, Abílio de Almeida Soares, anunciando seus serviços de advogado, ou o da venda do *Reportorio da Legislação Ultramarina*, de J. J. da Silva, juiz de Macau. Vale lembrar também a notificação das mortes de Alfredo Mântua e de Pinheiro Chagas.[107]

No que concerne à própria imprensa, temos no artigo "Loanda, 15 de Março" o ataque à imprensa que emprega a difamação como estratégia editorial. Também temos uma seção intitulada "Publicações recebidas" na qual se dá notícia da relação de periódicos que a redação recebera de Portugal e outras localidades. Num desses artigos de 1891, são citadas, por exemplo: *As Colonias Portuguezas*, *A Dosimetria* (de medicina), *O Bombeiro Portuguez*, *L'Independence Belga* e diversos almanaques (da *Rapioca*, da *Minhoca*, da *Bruxa d'Aruda*, do *Povo*). Nada muito promissor em termos literários.[108]

Um outro artigo que merece especial atenção é aquele de 1890, assinado simplesmente por "A." e intitulado "Musicos de Angola", que trata da situação de grande pauperismo em que viviam os músicos angolanos, isto é, os da banda regimental.[109]

No que concerne a crônicas, *O Correio de Loanda* apresenta uma grande diversidade delas, a maior parte publicada na seção Folhetim. Mesmo fora daquela seção temos Alberto Correia com suas "Horas vagas", A. J. P. da Silva Rocha, codinominado Omícrom [sic], com "Um passeio de tresentos kilometros", ou "Um sonho", crônica anônima, condenando a permissão de casas de jogos.[110]

Na seção Folhetim, aparece uma crônica de A. E. de Sousa Sampaio, datada de "Loanda, 30-9-91", ironizando o comportamento dos ingleses naquela capital. Do mesmo Sousa Sampaio figura também "A rir (notas eleitoraes)", tratando do cotidiano político daquela província. Já D. Henrique Peres Escrich assina "As andorinhas" e Tito Tunis, "O dominó gris-perle (ao meu amigo e snr. J. C. Athayde Dias)", crônica que tem por mote as sogras e que emprega o pronome "vocencias", datada de "Libollo, 16 de junho de 1892". Um certo Meiville assina "A guarita", que comenta uma torrencial chuva ocorrida em Luanda que levara uma guarita, aproveitando para louvar aquele gênero de construção e mesmo narrar histórias em torno dele. De alguém que se denominava Pim, pudemos ver "Sonhos", um delírio em torno dos progressos tecnológicos de

---

jan, n.154, p.1; 29 jan, n.155, p.1; 5 fev, n.156, p.1; 12 fev, n.157, p.1; 19 fev, n.158, p.1; "Emigração" *op. cit.*, 1891, n. 57, p.2.

[107] . J., "Digressões de verão pela Gallisa (Utilidades)", *Correio de Loanda*, 1895, n.188, p.2; "Baile", *op. cit.*, 1895, n.185, p.3; "Abilio Soares - advogado em Loanda", *op. cit.*, 1895, n.185, p.3; "*Reportorio da Legislação Ultramarina*, por J. J. da Silva, juiz de Macau", *op. cit.*, 1890, 28 fev, n.8, p.4; "Alfredo Mantua" [notificação de sua morte], *op. cit.*, 1895, 3 mar, n.177, p.1; "Pinheiro Chagas" [notificação de sua morte], *op. cit.*, 1895, n.188, p.2.

[108] . "Loanda, 15 de Março", *Correio de Loanda*, 1895, 16 mar, n.179, p.1; "Publicações recebidas", *op. cit.*, 1891, 20 set, n.87, p.2.

[109] . A. , "Musicos de Angola", *Correio de Loanda*, 1890, [antes de 7 set] [antes do n.35].

[110] . Alberto Correia, "Horas vagas", *Correio de Loanda*, 1891, 5 mar, n.58, p.1-2; 22 mar, n.60, p.1; n.84, p.2; A. J. P. da Silva Rocha, "Um passeio de tresentos kilometros", *op. cit.*, 1895, 10 ago, n.193, p.1; "Um sonho", *op. cit.*, 1891, 4 out, n.89, p.2.

Luanda, e "Um heroe - ordinario marche", que narra a atitude de pompa seguida de um acidente cômico de uma figura pública de Luanda.[111]

Também temos os então consagrados escritores portugueses Manoel Roussado, com "Os maridos", e Alberto Pimentel, com "Á beira mar (Revista da Semana)" e "Dialogo com El-rei D. José (Revista da Semana)", estes dois últimos extraídos do *Diario Popular*.[112]

Já na forma de crônica-narrativa reencontramos Alberto Corrêa com sua "Revista quinzenal", datada de "Loanda, 30 de Agosto de 1890", na qual, em meio a um delírio, o narrador vê passar diversos quadros da política angolana, e Eciduj Ziul (obviamente, o inverso de Luiz Judice) com "Porque foi escripto o folhetim Pó d'arroz", datado de "Ambriz - junho - 1892", narrativa que cria uma engraçada justificativa para a publicação de um folhetim do sr. Elle, que aparecera tempos antes n'*O Mercantil* e que criticava o uso do pó-de-arroz pelas senhoras luandenses. Não pudemos encontrar o folhetim do sr. Elle, mas é significativo que, no texto de Luiz Judice, ao pó-de-arroz era atribuída a capacidade de fazer uma mulher vulgar passar por um dama, o que reforçava o preconceito de cor.[113]

Já no gênero integralmente ficcional aparecem muitas narrativas publicadas dentro e fora da seção Folhetim. De autores de língua portuguesa temos: de A. B. Rantes (obviamente um nome fictício, que forma a palavra "aberrantes"), "A primeira entrevista", que narra um ingênuo encontro amoroso de uma jovem, sendo que abaixo do texto vem indicado ter sido escrito na cidade do Porto; de Antonio Vaz, "O annel", trama de amantes separados, com final feliz, passada na cidade do Porto; de E.S., "A pena de Talião", dedicado a M. Leite, relatando uma história entre militares com fim moralizante; de A. E. de Sousa Sampaio, datado de "Loanda, 2-12-91", o texto "Folhetim", que trata de uma paixão carnal de um moço de bem por uma mulata, passando-se provavelmente em Angola, sendo a mulata caracterizada como ser sedutor, impulsivo, lascivo e mesmo infernal; de Godinho Corrêa, "A virtude premiada", que narra a resistência de uma criada aos assédios do patrão; de Luiz Ulbach, "O pudor e o amor", que também tematiza a virgindade de modo mais naturalista; de Ribeiro Gonçalves, "Phases do amor", descrevendo o declínio do amor de um casal entre o matrimônio e a velhice; e do já consagrado Teófilo Braga, "A mão do finado", que narra a história de uma jovem que, por sua prudência, salva da morte e da miséria sua família.[114]

---

[111] . A. E. de Sousa Sampaio, "Folhetim", *Correio de Loanda*, 1891, 11 out, n.90, p.1; A. E. de Sousa Sampaio, "A rir (notas eleitoraes)", *op. cit.*, 1891, 15 nov, n.95, p.1; D. Henrique Peres Escrich, "As andorinhas", *op. cit.*, 1892, 17 abr, n.113, p.1; Tito Tunis, "O dominó gris-perle (ao meu amigo e snr. J.C. Athayde Dias)", *op. cit.*, 1892, 21 ago, n.130, p.1; Maiville, "A guarita", *op. cit.*, 1893, 12 mai, n.168, p.1; Pim, "Um heroe - ordinario marche", *op. cit.*, 1895, 7 set, n.196, p.1;

[112] . Manoel Roussado, "Os maridos", *Correio de Loanda*, 1892, n.129, p.2; Alberto Pimentel (Do "Diario Popular"), "Á beira mar (Revista da semana)", *op. cit.*, 1895, 20 out, n.200, p.1-2; Alberto Pimentel, "Dialogo com El-rei D. José (Revista da semana)", *op. cit.*, 1895, 30 out, n.201, p.1-2.

[113] . Alberto Corrêa, "Revista quinzenal, Loanda, 30 de Agosto de 1890", *Correio de Loanda*, 1890, 7 set, n.35, p.1-2; Eciduj Ziul, "Porque foi escripto o folhetim Pó d'arroz", *op. cit.*, 1892, n.141, p.2.

[114]. A. B. Rantes, "A primeira entrevista", *Correio de Loanda*, 1892, 4 set, n.132, p.2; Antonio Vaz, "O annel", *op. cit.*, 1893, 30 abr, n.167, p.1-2; A.M. Leite [E.S.], "A pena de Talião", *op. cit.*, 1895, 24 ago, n.194, p.1-2; A. E. de

Entre as presumíveis traduções temos, de L. V., o texto "Impertinencia", fragmento de um original possivelmente francês, narrando a história de um velho militar que se apaixona por uma mulher casada. De Catulle Mendés registramos dois trabalhos: "Beijos de ouro", um conto de fadas sobre dois amantes pobres, por magia, passam a gerar ouro a cada palavra que pronunciam - conto do qual só foi localizado o trecho inicial - e "Quitas", extraído, ao que parece, de uma publicação intitulada *Diable Rouge*, tematizando a traição conjugal de modo bem-humorado. De Pierre Loti, temos "A dôr d'um velho forçado", que tematiza a comoção em torno da história de um presidiário muito velho que perde seu único amigo, um pardal. De Prosper Mérimée, "A tomada do reducto", narrativa de guerra e atos heróicos. De um certo Fordeta Imbtees, "A mais bonita das tres", narrativa satírica que coloca três irmãs em disputa por uma herança que seria entregue à mais bonita delas.[115]

Fica evidente a predominância do francês como língua preferencial de origem dos textos aqui traduzidos. Se em Moçambique já havíamos identificado tal tendência, com o decorrer do século parece que se acentua o interesse pelos escritores franceses também em Angola. Estamos na última década dos Oitocentos e a literatura francesa ganha mais e mais espaço nas páginas dos periódicos luso-africanos.

Publicadas de forma anônima, há as narrativas "Um beijo pela patria", assinada simplesmente por A. F., exemplo de patriotismo passado em 1640, quando Portugal retoma a autonomia em relação à Espanha; a "Lenda montegrina - a finura da mulher", de C., que narra uma lenda popular, na qual uma mulher engana o próprio Diabo, provando-se assim que "a mulher é sempre a mais fina"; a "Oração funebre da Rosa", de F. B., que atribui sentimentos humanos às flores de um jardim, descrevendo o pesar em torno da morte de uma rosa e valorizando o ciclo da natureza; e a "Flor do mar", anônimo, que narra alguns episódios da vida de uma formosíssima pescadora.[116]

Vale destacar três trabalhos narrativos de especial valor. O primeiro é atribuído a certo Matheus Jacques (provavelmente quem coletou e transcreveu a história da tradição oral africana), de Calumbo, e intitula-se "Spécimen dos contos angolanos - Bitu ria menha ni hata ia rixi", isto é, "A porta d'agua e o chinguiço de fumo", que aparece em quimbundo, seguido da tradução para o português feita por J. D. C. M., isto é, por José Duarte Cordeiro da Matta. É uma história bastante

---

Sousa Sampaio [Loanda, 2-12-91], "Folhetim", *op. cit.*, 1891, n.98, p.2; Godinho Corrêa, "A virtude premiada", *op. cit.*, 1892, 5 jun, n.120, p.1; Luiz Ulbach, "O pudor e o amor", *op. cit.*, 1892, 12 jun, n.121, p.1; Ribeiro Gonçalves, "Phrases do amor", *op. cit.*, 1892, 26 jun, n.123, p.1; Teófilo Braga, "A mão do finado", *op. cit.*, 1893, 30 abr, n.167, p.1.

[115] L.V., "Impertinencia", *Correio de Loanda*,1892, 27 mar, n.110, p.1-2; 3 abr, n.111, p.1-2; Catulle Mendes, "Beijos de ouro", *op. cit.*, 1893, 2 abr, n.164, p.1; Catulle Mendés [sem título], *op.cit.*,1892, n.104, p.1-2; Diable Rouge,"Quitas (Catulle Mendés)", *op.cit.*, 1892, 1 mai, n.115, p.1-2; Pierre Loti, "A dôr d'um velho forçado", *op. cit.*, 1895, 17 jan, n.172, p.1; Fim, "Sonhos", *op. cit.*, 1895, 28 jul, n.191, p.1; 4 ago, n.192, p.1; Mérimée, "A tomada do reducto", *op. cit.*, 1895, 14 set, n.197, p.1; 12 out, n.199, p.1-2; Fordeta Imbtees, "A mais bonita das tres", *op. cit.*, 1891, 20 dez, n.100, p.1.

engraçada sobre um pai que, não querendo casar a filha, solicitava ao pretendente que lhe trouxesse uma porta d'água, o que obviamente não era possível, até que o velhaco encontra velhaco e meio que lhe pregará uma peça e se casará com a jovem.[117]

O segundo, de autoria do mesmo José Duarte Cordeiro da Matta que traduzira o texto anterior, intitula-se "Noites de Loanda (episódios da mocidade bohémia)", que é talvez a narrativa nativista mais interessante com que nos deparamos. Trata-se das aventuras de dois jovens, Zuza e Quinquim. O texto tem início com uma desilusão amorosa de Quinquim, rapaz honesto, de boa índole e poeta, injustamente abandonado por sua amada. Zuza, sujeito prático, resolve fazer com que o amigo supere tal desgosto envolvendo-se com outras jovens menos exigentes. Seguimos, a partir daí, um percurso pela vida mundana luandense, retratada sempre de maneira engraçada e picaresca. A presença do quimbundo e de inúmeras referências literárias românticas são elementos marcantes do texto, sendo a cidade retratada de maneira ultra-romântica. Vale destacar o momento que Zuza faz um rasgado elogio aos prazeres da carne, recebendo como resposta de Quinquim:

> - És um doido, Zuza!; não sabes que os gosos insaciaveis definham e matam lentamente?!... Não sabes que para n'elles se encontrar a febre e o delirio e a embriaguez, é necessário pertencer-se à eschola de Byron, Musset e Alvares de Azevedo, e nós, parece-me, não pertencêmos a nenhuma d'essas escholas!...
> - Eu filio-me em qualquer d'ellas - replicou Zuza em tom zombateiro - sou discipulo de todos os mestres...[118]

Muito do que ali se passa faz lembrar o drama *Macário*, de Álvares de Azevedo, autor que aparece explicitamente referido. Mas o texto de Cordeiro da Matta é mais leve que o de Álvares de Azevedo e menos intimista. É, certamente, tal qual o do poeta brasileiro, um mapa de referências literárias para se vislumbrar grande parte do universo de leitura desses autores. O texto não se encontra na íntegra. Seria de grande importância para a obra de Cordeiro da Matta e para a história da literatura em Angola a reconstituição integral do texto - se é que foi concluído por seu autor.

Na mesma vertente do texto de Cordeiro da Matta, temos a novela "N'uma manhã da primavera,",[120] de Dario de Jesus Ferreira, que narra a trama rocambolesca de uma jovem que

---

[116] . A. F., "Um beijo pela patria", *Correio de Loanda*, 1891, 20 set, n.87, p.1-2; C., "Lenda montegrina - a finura da mulher", *op. cit.*, 1893, 19 fev, n.158, p.1; F. B., "Oração funebre da Rosa", *op. cit.*, 1892, n.102, p.2-3; "Flor do mar", *op. cit.*, 1892, n.116, p.2.

[117] . ("Matheus Jacques", Calumbo) J. D. C. M. , "Spécimen dos contos angolanos - Bitu ria menha ni hata ia rixi", *Correio de Loanda*, 1892, 11 dez, n.148, p.3.

[118] . J. D. C. M., "Noites de Loanda (episódios da mocidade bohémia)", *Correio de Loanda*, 1891, 29 mar, n.61, p.1; 5 abr, n.62, p.1; 12 abr, n.63, p.1; 19 abr, n.64, p.1; 26 abr, n.65, p.1; 3 mai, n.66, p.1; 10 mai, n.67, p.1; 17 mai, p.68, p.1; 24 mai, n. 69, p.1; 31 mai, n.70, p.1; 7 jun, n.71, p.1; 21 jun, n. 73, p.1; 28 jun, n.74, p.1; 12 jul, n.76, p.1; 27 jul, n.78, p.1.

[119] . J. D. C. M., "Noites de Loanda (episódios da mocidade bohémia)", *Correio de Loanda*, 1891, 29 mar, n.61, p.1; 5 abr, n.62, p.1; 12 abr, n.63, p.1; 19 abr, n.64, p.1; 26 abr, n.65, p.1; 3 mai, n.66, p.1; 10 mai, n.67, p.1; 17 mai,

foge de um convento para viver sozinha numa floresta e é resgatada pelo amante, com quem finalmente se casa. Interessa-nos pelo ultra-romantismo vigente na obra. Todavia, nada pudemos saber sobre o autor, nem mesmo se era angolano ou português.

Mas o que mais ocupa as páginas d'*O Correio de Loanda* são poemas e, entre estes, o poema satírico é o gênero preferido. Como maior exemplo disso, há uma série de poemas intitulados "Perfis", que retratam satiricamente figuras locais. Estes darão o tom a uma diversidade de outros poemas do mesmo gênero. Também uma disputa em versos entre Mulas (Mula da Sella e Mula da Mão) incrementa a cena, além de outros trabalhos no gênero.[121]

Grande parte dos poemas que ali aparecem provavelmente são traduzidos, como é o caso de um soneto sem título, "Elles lá vão alegres radiantes", com a indicação *La Villete*. Mas também podemos nos deparar com trabalhos originais, escritos por angolanos ou portugueses ali estabelecidos, pois os trabalhos trazem a indicação de terem sido escritos em alguma região de Angola, como, por exemplo, o poema de José Augusto de Sousa, "Crepés (A alguem)", tematizando de modo ultra-romântico um amor não correspondido, escrito em Quifangondo, a 13 de abril de 1891. Assim também acontece com o poema de amor de A. E. de Souza Sampaio, intitulado "Fraguemento", ou com o soneto satírico de alguém que assina como Novato, "Ao tal", ou ainda com o soneto acróstico de S., "A um empregado... caixeiro d'amostras", todos com a indicação de terem sido escritos em Luanda. Estes dois últimos poemas, sonetos satíricos, lembram a produção mais recorrente em Macau, pois nota-se que os sonetistas estão debatendo entre eles ou com outros de outras publicações, numa espécie de disputa acadêmica aos moldes do século XVIII. Do referido A. E. de Souza Sampaio também aparece um poema sem título (Encontrei-a - Era formosa!... Sorria-me impudente!), que tematiza a condição de uma prostituta com versos fortes e certeiros, ainda que um tanto truncados, e um outro, "Já morta!", datado de "8-11-91", que trata de um homem que busca o amor numa mulher que já se considera morta. Vale registrar que os versos de A. E. de Souza Sampaio são tipicamente ultra-românticos e guardam certo vigor que em geral não vemos em outros poetas do mesmo gênero.[122]

---

p.68, p.1; 24 mai, n. 69, p.1; 31 mai, n.70, p.1; 7 jun, n.71, p.1; 21 jun, n. 73, p.1; 28 jun, n.74, p.1; 12 jul, n.76, p.1; 27 jul, n.78, p.1.

[120] . Dario de Jesus Ferreira, "N'uma manhã da primavera, por...", *Correio de Loanda*, 1892, 28 ago, n.131, p.1; 4 set, n.132, p.1; 11 set, n.133, p.1; 18 set, n.134, p.1; 25 set, n.136, p.1; 2 out, n.137, p.1; 9 out, n.138, p.1; 16 out, n.139, p.1; 23 out, n.140, p.1; n.144, p.1.

[121] . "Perfis", *Correio de Loanda*, 1895, 28 jul, n.191, p.2; "Perfis - O Roberto", *op. cit.*, 1895, 4 ago, n.192, p.2-3; "Perfis", *op. cit.*, 1895, 10 ago, n.193, p.4; "Perfis", *op. cit.*, 1895, 24 ago, n.194, p.3; "Vasconço - Perfis", *op. cit.*, 1895, 24 ago, n.194, p.3; F. G., "Hatchim", *op. cit.*, 1891, n.75, p.3; Mula da Sella, "Resposta das mulas", *op. cit.*, 1895, 10 ago, n.193, p.4; Mula da mão, "Resposta das mulas 2. Telegramma" [no n.1196, p.3 há reprodução melhor], *op.cit.*, 1895, 24 ago, n.194, p.3; J. Elias, ["-Anda cá Maria, escuta"], *op. cit.*, 1895, 6 nov, n.202, p.1.

[122] . "Elles lá vão alegres radiantes", *Correio de Loanda*, 1892, n.102, p.3; José Augusto de Sousa, "Crepés (A alguem)", *op. cit.*, 1891, 19 abr, n.64, p.3; A. E. de Souza Sampaio, "Fraguemento", *op. cit.*, 1893, 30 abr, n.167, p.2; Novato, "Ao tal", *op. cit.*, 1892, 18 set, n.134, p.3; S.,"A um empregado... caixeiro d'amostras - soneto acrostico", *op. cit.*, 1892, 18 set, n.134, p.3; A. E. de Souza Sampaio, sem título (Encontrei-a. Era formosa!... Sorria-me impudente!), *op. cit.*, 1892, n.104, p.2; A. E. de Sousa Sampaio [8-11-91], "Já morta!", *op. cit.*, 1891, n.95, p.2.

Entre os trabalhos assinados, podemos relacionar diversos poemas. Há, por exemplo, um hino dedicado à academia lisboense, do sr. Rio de Carvalho; os versos "Varietas Delectat", do angolano Pedro Machado, que busca definir o amor pela inconstância, com interessantes imagens e versos um tanto remendados; "A meia (monologo)", de Justino de Carvalho; "A noiva", do são-tomense Almada Negreiros, retirado do *Correio de S. Thomé*, com indicação de ter sido escrito naquela ilha, versando sobre o antes e o depois das núpcias de uma jovem noiva, com versos corretos e idéias convencionais; "Visinhas", de Annibal Luscindo, extraído do livro *Madresilvas*, que trata da beleza e graça de três jovens, cobiçadas pelo versejador; "O mar", de José Newton, versando sobre a inveja que o eu-poético tem do mar no qual sua amada se banha; o poema de amor "A * * *", de Jorge de Lucena; "Na plaga", de D. Alice Moderno, que ridiculariza a mulher inglesa; e "As creanças", de Amelia Janny, que idealiza a infância e evoca a caridade aos órfãos. Pode ser que muitos destes poemas tenham sido escritos por angolanos ou mesmo por portugueses ali integrados, dos quais, infelizmente, não temos qualquer informação.[123]

Entre os poetas que certamente residiam em Luanda (não sabemos se eram ou não angolanos), dois nomes se destacam no *Correio de Loanda*. Um deles é Borlido Martins, que aparece com os poemas "O cedro que baixou", metáfora política da decadência da nação portuguesa, a "Poesia patriotica - Ora o povo tem rasão", crítica política em versos populares e por vezes pobres, e "Crimes humanos", espécie de oração contra os crimes sociais. Vê-se, pois, que a poesia de Borlido Martins era marcada por uma forte preocupação social e por versos, imagens e metáforas pouco originais ou mesmo precários.[124]

O outro é Luiz de Vilhena, que assinava L. V., trazendo uma produção bem mais significativa, especialmente no aspecto satírico. Deste temos uma produção só de sonetos: "Foi Obidos que teve uma por berço", sobre duas jovens recém-casadas; "Quando o soneto mandei publicar", sobre as relações com um outro poeta; "Eil-o inchado como a rã da fabula", sobre o orgulho de Borlido Martins; "A Domino Crême", sobre os ideais perdidos do poeta em suas viagens pela Europa; "Soneto á beira mar", que contesta a idéia de pátria (provavelmente ainda em diálogo com o poema supracitado de Borlido Martins); "Quem ha que as não commetta?", sobre a universalidade de se cometer asneiras; e, em francês, "J'adore la France ce pays joyeux" e "Deux mots encore pour ce doux pays", que tecem elogios à França. Sente-se já claramente a influência decadentista, privilegiando em absoluto a forma do soneto em detrimento de todas as outras. Por outro lado, retoma-se o diálogo satírico entre poetas, nos moldes setecentistas, como já

---

[123] . Rio de Carvalho, [hino dedicado à academia lisboense], *op. cit.*, 1890, 28 fev, n.8, p.2; Pedro Machado, "Varietas Delectat", *op. cit.*, 1891, 20 set, n.87, p.2; Justino de Carvalho, "A meia (monologo)", *op. cit.*, 1891, n.93, p.3; Almada Negreiros, "A noiva", *op. cit.*, 1892, 12 jun, n.121, p.2; Annibal Luscindo, "Visinhas", *op. cit.*, 1892, n.126, p.2; José Newton, "O mar", *op. cit.*, 1892, n.142, p.2; Jorge de Lucena, "A * * *", *op. cit.*, 1893, p.162, p.2; D. Alice Moderno, "Na plaga", *op. cit.*, 1893, 2 abr, n.164, p.1; Amelia Janny, "As creanças", *op. cit.*, 1893, 30 abr, n.167, p.2.

registramos nos poemas anônimos, que podem, portanto, ter Luiz de Vilhena e Borlido Martins como autores.[125]

Da metrópole, temos os já renomados Guerra Junqueiro, com "Morena" e "Vita nuova", João de Deus, com "Tristezas", "Miserias", "Ella..." e "A donzela e o musgo", Antero de Quental, com "A casa do coração" e "O beijo (versão do italiano)", Teixeira Bastos, com "A saudação vermelha" e Teófilo Braga, com "Ave Maria". Vale notar a presença siginificativamente maior dos poetas da geração de setenta, coisa que não acontecia de forma tão acentuda em Macau, em Goa ou em Moçambique. [126]

Além destes, aparece ainda um diálogo em versos, sem título, assinado por B. Seabra, escrito no Rio de Janeiro, tratando de modo bem-humorado a tentativa de um rapaz em seduzir uma moreninha sem o menor sucesso. Mais uma vez o Brasil aparece, trazendo aqui a referência à morena esperta e, portanto, alguma positividade da miscigenação.[127]

Como desfecho, temos um poema laudatório, escrito por Alberto Corrêa "Aos 41 annos do amigo Francisco Antonio de Campos",[128] e os poemas-anúncios, como os de Balbino Rosa, "Funilaria Leão - Marca estrella", ou os do Zé, "Parece incrivel mas é verdade" e "Sem serem á Lua". É interessante como o poema em forma de propaganda teve grande aceitação em Angola, o que talvez aponte para o gosto médio do leitor angolano, que apreciava o gênero poético, ou para as condições de semianalfabetismo da maior parte daqueles leitores, apresentando-se o poema-anúncio como uma forma fácil e rápida de memorizar a mensagem.[129]

Como observamos anteriormente, em 1896 o *Correio de Loanda* muda seu título para *Revista de Loanda*. Seus diretores, nesse momento, são Balthazar Aguiam e Luiz d'Aguiram. Teremos então uma nova fase da publicação, com um novo formato e novos colaboradores. No

---

[124] . Borlido Mantins, "O cedro que baixou", *Correio de Loanda*, 1891, n.57, p.2; Borlido Martins, "Poesia patriotica - Ora o povo tem rasão", *op. cit.*, 1891, 5 abr, n.62, p.2; Borlido Martins, "Crimes humanos", *op. cit.*, 1892, n.103, p.2.

[125] . L. V., "Soneto", [Foi Obidos que teve uma por berço], *Correio de Loanda*, 1892, n.103, p.2; L. V., "Soneto" [Quando o soneto mandei publicar], *op. cit.*, 1892, n.103, p.2; L. V., "Soneto" [Eil-o inchado como a rã da fabula], *op. cit.*, 1892, n.106, p.2; L. V., "Soneto - A Domino Crême", *op. cit.*, 1892, n.107, p.3; L. V., "Soneto - A Domino Crême" [sai de novo, por ter saído com erro anteriormente], *op. cit.*, 1892, n.109, p.2; L. V., "Soneto á beira mar", *op. cit.*, 1892, 15 mai, n.117, p.2; L. de Vilhena, "Quem ha que as não commetta?", *op. cit.*, 1892, n.120, p.2; Luiz de Vilhena, "J'adore la France ce pays joyeux", *op. cit.*, 1892, 12 jun, n.121, p.2; Luiz de Vilhena, "Deux mots encore poru ce doux pays", *op. cit.*, 1892, 26 jun, n.123, p.2.

[126] . Guerra Junqueiro, "Morena", *Correio de Loanda*, 1892, 31 jan, n.105, p.1; Guerra Junqueiro, "Vita nuova", *op. cit.*, 1892, n.116, p.2-3; João de Deus, "Tristezas", *op. cit.*, 1892, 15 mai, n.117, p.1; João de Deus, "Miserias", *op. cit.*, 1892, n.119, p.2; A. de Quental, "A casa do coração", *op. cit.*, 1892, 12 jun, n.121, p.2; Teixeira Bastos, "A saudação vermelha", *op. cit.*, 1892, 2 out, n.137, p.2; João de Deus, "Ella...", *op. cit.*, 1892, 20 nov, n.145, p.2; J. de Deus, "A donzela e o musgo", *op. cit.*, 1892, 18 dez, n.149, p.2; Anthero de Quental, "O beijo (versão do italiano)", *op. cit.*, 1893, 29 jan, n.155, p.2; Theophilo Braga, "Ave Maria", *op. cit.*, 1893, 2 abr, n.164, p.1.

[127] . B. Seabra, [diálogo amoroso, sem titulo], *op.cit.*, 1895, 30 out, n.201, p.2.

[128] . Francisco Antônio Campos era um angolano simpático à causa crioula e nativista (Oliveira, 1997: 59).

[129] . Alberto Corrêa, "Aos 41 annos do amigo Francisco Antonio de Campos", *Correio de Loanda*, 1892, n.125, p.3; Balbino Rosa, "Funilaria Leão - Marca estrella", *op. cit.*, 1895, 10 ago, n.193, p.4; Zé, "Parece incrivel mas é verdade", *op. cit.*, 1891 [7 set ou depois, n.35 ou depois]; Zé, "Sem serem á Lua", *op. cit.*, 1890 [7 set ou depois, n.35 ou depois].

texto introdutório, afirma-se que a revista aparece em substituição ao *Correio de Loanda Publicação quinzenal - Politica - Sciencia - Arte - Litteratura - Variedades*, notando que:

> Difficuldades de ultima hora obstaram a que habilitassemos o *Correio de Loanda* conforme as exigencias da ultima lei "das rolhas" applicada ao ultramar. O nosso programma politico é o mesmo; sempre a mesma a nossa linha de conducta. Alteramos a fórma; a ideia subsiste, modificando-se em aperfeiçoamento progressivo, segundo as necessidades de ordem publica o exigirem.[130]

O texto segue depositando fé na liberdade e na justiça e citando um pequeno trecho de um elogio de Rui Barbosa à imprensa, no qual o poeta afirma ser ela a expressão da opinião pública. Rui Barbosa é qualificado como "primoroso jornalista brazileiro".

No gênero crônica aparece A. Garcia com os seus "Perfis", que, tal qual um jogo de salão, descreve algumas características de certas figuras de Luanda e espera que o público as reconheça. Pela caracterização feita por Garcia é evidente a pequenez de Queta, local onde o cronista se encontrava, pois, para adivinhar, era necessário conhecer pessoalmente os indivíduos retratados e não apenas seus atos sociais ou públicos. Outra crônica, anônima, intitulada o "Dia-a-dia", tece comentários gerais sobre Luanda, chegando a notar que é tão mau o estado do jardim que "Ha dias vimos a jardineira a lavar no tanque [do jardim] as fralda e cueiros das crianças, estendendo-os depois nos canteiros. Com vista á camara municipal". Há ainda "A chronica", de R., que narra um passeio à tarde por Luanda e uma visita a um restaurante de modo bastante irônico e subjetivo.[131]

Em teatro, tem lugar a "Revista Theatral", na qual se comenta a pouca assiduidade do público aos espetáculos do Theatro d'Associação 31 d'Outubro em razão da má qualidade dos mesmos. Cita as peças: *Nobreza do artista*, *A pulga*, *Cada um para o que nasce*, *As boas razões* e *Tribulações de Mané-Côco* (esta seria a melhor delas), como ali apresentadas, sem indicar os dramaturgos.[132]

Em matéria de poesia, temos no debate de três figuras toda uma síntese do que se passara esteticamente com a literatura na Angola oitocentista. Por um lado aparece Berlido Martins, de Luanda, que já vinha publicando alguns poemas de caráter social no *Correio de Loanda*, trazendo agora poemas de amor a uma certa Josephina, "Ciume (a Josephina, n'um baile)". Por outro lado, entra em cena A. Garcia, o cronista acima referido, que se encontrava em Queta, passando a dedicar poemas à mesma musa de Berlido, a sra. D. Josephina ou Magdalena, poemas aos quais não tivemos acesso (dele, só nos deparamos com os versos "N'uma doença"). Por último, temos, ao

---

[130] . A Direcção, "Aos srs. assignantes e leitores do *Correio de Loanda*", *Revista de Loanda*, n.1, 1 abr. 1896, p.1.

[131] . A. Garcia, datada de "21-3-1896" "Perfis", *Revista de Loanda*, 1896, 1 abr, n.1, p.6; "Dia-a-dia", *op. cit.*, 1896, 1 abr, n.1, p.11; R., "A chronica", *op. cit.*, 1896, 1 ago, n.4, p.8-9.

[132] . "Revista Theatral", *Revista de Loanda*, 1896, 1 abr, n.1, p.10-11.

menos hipoteticamente, senão de fato, a própria musa entrando em cena, com uma crítica à estética empregada por seus admiradores, "Aos srs. Borlido Martins e A. Garcia".[133]

O tom dessa crítica é irônico e mesmo debochado, confrontando o idealismo romântico de Borlido Martins e de A. Garcia ao imanentismo prático e realista dela, musa. É um texto muito interessante, já que se trata da rejeição do idealismo romântico pelo próprio objeto de idealização. Uma vista de olhos sobre os versos de Borlido e de Garcia deixa claro que não se trata de uma estética decadentista e formalista, mas sim da manutenção do romantismo sentimental e convencional. Borlido Martins irá responder a tal provocação com um ultra-romântico pedido de desculpas ("Supplica de perdão a Josephina"). A. Garcia irá responder à altura, com versos sarcásticos ("Á Sra. D. Josephina ou Magdalena") que rejeitam categoriamente o realismo e professam fé no idealismo lamartiniano. Além disso, o poeta de Queta irá publicar os versos "Carta aberta (ao sr. Borlido Martins)", onde revela não conhecer pessoalmente Borlido e considera que seus versos pecam pela falta de idealismo e sentimentalismo. Como se vê, com A. Garcia estamos diante de um Lamartine; em Borlido Martins teríamos Victor Hugo; e na sra. Josephina ou Magdalena, Balzac. O mesmo quadro transplantado para Portugal corresponderia a Castilho, Camilo e Eça, respectivamente. Assim, esse debate, publicado na mesma revista, faz crer que a Questão Coimbrã mantinha-se viva em Angola.[134]

Vê-se, pois, que o *Correio de Loanda* e depois a *Revista de Loanda* foram grandes instigadores da produção literária e possíveis formadores do gosto locais, selecionando aquilo que ia pela metrópole, mas também aquilo que ia por Angola. Disso resultou uma produção literária que em parte acompanhava as outras colônias, com o persistente ultra-romantismo de alguns poetas, e em parte acompanhava a literatura portuguesa ou mesmo a brasileira, se pensarmos na referência a Olavo Bilac, adotando uma estética parnasiana.

Periódicos satíricos

Em 1891 vemos surgir um novo gênero jornalístico em Angola: o jornal satírico. O primeiro a aparecer foi *O Tomate - fresquinho, vermelho, recheado d'asneira e disparate (advogado dos interesses d'um partido inteiro)*. Era um periódico bastante irreverente, sem qualquer declaração de princípios ou de oposição específica a qualquer outra publicação, partido ou figura política. Só pudemos ver o n.1, publicado em fevereiro de 1891, em Luanda, que nada tem de especificamente literário. Propunha-se a:

---

[133] . Borlido Martins, "Ciume (a Josephina, n'um baile)", *Revista de Loanda*, 1896, 1 abr, n.1, p.5-6; A. Garcia [datado de: Queta, 21-3-1896], "N'uma doença", *op. cit.*, 1896, 1 abr, n.1, p.5; "Aos srs. Borlido Martins e A. Garcia", *op. cit.*, 1896, 1 abr, n.1, p.6-7.

[134] . Borlido Martins, "Supplica de perdão a Josephina", *Revista de Loanda*, 1896, 15 mai, n.2, p.8-9; A. Garcia, "Á Sra. D. Josephina ou Magdalena", *op. cit.*, 1896, 15 mai, n.2, p.8; A. Garcia, "Carta aberta (ao sr. Borlido Martins)", *op. cit.*, 1896, 15 mai, n.2, p.9.

> Talhando capapuças, cortando barretes, pondo carecas a amostra, o *Tomate*, só tem em vista tornar-se agradável e folgazão; fazer rir os tristes e melancholicos, e fazer desmaiar de risos alegres e folgazões quem vive sempre com a carinha n'agua.[135]

Todas as matérias do periódico são puro disparate, desde as previsões meteorológicas até os anúncios, passando pelas matérias políticas e pelo noticiário. É uma obra de sátira e deboche totais do modelo jornalístico.

No que concerne à posição política da publicação, o artigo "A independência d'Angola" faz grande chacota de uma suposta tentativa de um grupo de republicanos - no qual figurariam os angolanos José de Fontes Pereira, João de Pinho, Francisco Vandunem, Arcênio de Carpo, Cornelho de Castro Francina, Mamede Sant'Anna e Palma - de proclamar a independência de Angola. Lembremos que em 31 de janeiro houvera um tentativa frustrada por parte dos republicanos de implantar a República no Porto, o que talvez tenha estimulado, uma semana depois, idéias semelhantes em Angola. Todavia, o jornal todo é de tal modo debochado que fica difícil saber se ironizavam algum fato específico ou se apenas estavam a ridicularizar os ideais dos republicanos independentistas.[136]

Não sabemos se chegaram a sair outros exemplares. O fato é que numa "Errata" deste primeiro exemplar afirmava-se: "No nosso numero seguinte, que provavelmente não sae, onde se lê: NADA leia-se: COUSA nenhum..."

Outro periódico do gênero foi o semanário *Bofetadas*, que estreou na cena literária luandense em 1894, sendo impresso na Typographia Minerva. Tinha por proprietário, diretor e editor responsável José Alves d'Oliveira e, em seu texto introdutório,[137] afirma que surgia para esclarecer o que era *O Imparcial* e qual era a verdadeira natureza de seu redator, Carlos Alexandre Botelho de Vasconcellos, adepto das causas nativistas. Além da sátira política, atacando frontalmente *O Imparcial*, publicava também algumas anedotas[138] e diversas matérias de algum interesse literário.

No gênero crônica, temos a "Chronica de Cabinda", assinada por alguém que se denominava Óculos Pretos, comentando a carência de qualquer fato registrável, já que ali não havia teatro, não havia concertos, não havia jardim público, não havia nada. Acaba por descrever minuciosamente um jantar de despedida, chegando a reproduzir até mesmo o *menu*. Já a crônica-narrativa de Manoel Pio Corrêa, "Contos negros - Nicolau Alarve", escrita em Luanda, retrata a figura de um certo Nicolau Alarve, qualificado como um malandro oportunista que nascera em Angola, tendo ido a Portugal, depois a Moçambique e retornado a Portugal e depois a Angola,

---

[135] . "A nossa missão", *O Tomate*, 1891, 8 fev, n.1, p.1.
[136] . "Chronica do dia", *O Tomate,* 1891, 8 fev, n.1, p.1; "A independência d'Angola", *op. cit.*, 1891, 8 fev, n.1, p.1-2.
[137] . J. A. d'Oliveira, "Loanda, 24 de Outubro de 1894", *Bofetadas*, 1894, 25 out, n.1, p.1.
[138] . M., "Anedocta", *Bofetadas*, 1895, 15 abr, n.23, p.4.

sempre em meio a falcatruas. Todavia, a denúncia mais "chocante" da narrativa é que Nicolau Alarve usava dentadura. Temos ainda a notícia de um sarau, dada pelo proprietário do periódico, em "Soirée".[139]

No que concerne à literatura, podemos destacar o conto original "A palpebra de miss Mary", que narra a história do amor carnal entre Álvaro e miss Mary, tendo por mediador o romance *Primo Basílio* de Eça. Foi escrito em Novo Redondo por M. Patrício e infelizmente não foi possível localizar o início do texto.[140]

Quanto aos poemas, aparece "A rir (sem metro e sem palmo)", de autoria de Óculos Pretos, datado de "Cabinda, 28-3-95", anunciando sua chegada a Luanda e a festa que José Alves d'Oliveira, o redator do periódico, supostamente iria fazer. Já o soneto "Ao Camões", também satírico, trabalha a idéia da desqualificação do trabalho do escritor.[141]

Após *O Tomate*, o semanário *Bofetadas* vem reafirmar o jornalismo satírico em Angola, que, se não primava pela qualidade literária, animava o cenário intelectual angolano com provocações e bestialógicos de toda a natureza. Significou uma rajada de ar fresco na constante busca pela seriedade letrada daquelas elites.

Novos periódicos políticos e de notícias

Ainda que todas as publicações periódicas tivessem muito claras suas posições políticas, algumas delas buscavam um perfil mais imparcial, com um menor teor doutrinário.

Pertencendo a esse gênero de periódico teríamos, por exemplo, *O Commercio de Angola semanario dedicado aos interesses geraes da provincia e muito especialmente aos do commercio e da agricultura.* Apresenta uma seção Folhetim, em pé de página, com crônica dos acontecimentos locais, além de uma seção de anedotas. Na introdução[142] afirma-se não haver interesse comercial na empreitada, apesar de o universo comercial em que surge a publicação sugerir exatamente o contrário. Era um semanário publicado em Luanda e começou a circular em 1892, tendo por editor Eusébio Velasco Galiano.

Tive acesso a poucos exemplares desse periódico, interessando registrar, no que concerne à literatura, apenas o conto "Que amôr de avó!", assinado por "Mascara de Veludo" e datado de

---

[139] . João Baptista Pavão, "O que eu sonhei, e que horrivel pesadello", *Bofetadas,* 1895, 6 abr, n.22, p.3-4; 15 abr, n.23, p.3-4; 21 abr, n.24, p.3-4; 30 abr, n.25, p.3-4; M. Pro. Corrêa, "Contos negros - Nicolau Alarve", *op. cit.*,1894, 25 out, n.1, p.2-3; "Oculos Pretos", A. d'Oliveira, "Soirée", *op. cit.*, 1895, 30 abr, n.25, p.2.

[140] . "A palpebra de miss Mary", *Bofetadas*, 1895, 6 abr, n.22, p.3; 15 abr, n.23, p.3; 21 abr, n.24, p.3; 30 abr, n.25, p.3.

[141] . "A rir (sem metro e sem palmo)", *Fofetadas,* 1895, 6 abr, n.22, p.3; (Impr.), "Ao Camões", *op. cit.,* 1895, 6 abr, n.22, p.2.

[142] . A. R., "Loanda, 12 de julho de 1892", *O Commercio d'Angola*,1892, 12 jul, n.1, p.1.

"Loanda, julho 92". Trata de modo sentimental um desentendimento corriqueiro entre uma avó e o seu neto.[143]

No ano seguinte ao aparecimento do *Commercio de Angola*, surge *A Provincia*, também publicado em Luanda, tendo por diretor Feliciano Ferreira. Era um periódico com perfil de grande imprensa, com folhetim francês de rodapé. Infelizmente só pudemos consultar três de seus exemplares, referentes ao ano de 1894.

Destes, vale ressaltar: um trecho narrativo de Jean Soudan, "O 'bom tom'", indicando ser um "extracto do Jornal d'um *decavé* de New-York"; uma crítica literária intitulada "Diario de um condemnado politico", elogiando o livro do republicano João Chagas, de título homônimo; um trecho do romance de Jean Richelin, "O senhor Destrémeaux", trazendo a indicação de ser um "romance psicologico".[144]

Parece ter sido periódico que valorizava o elemento literário, trazendo contribuições de influência marcadamente francesa.

Entre as publicações de forte teor político, podemos destacar *O Imparcial*, publicado na mesma Typographia Minerva, em Luanda, a partir de 1894. Tinha por proprietário e redator principal o já referido Carlos Alexandre Botelho de Vasconcellos, que já fôra editor de *A Verdade*, juntamente com Carlos da Silva. Era um periódico político e informativo, com pouca literatura.

Na introdução[145] declara-se órgão moralizador e politicamente imparcial, porém é evidente sua filiação à comunidade crioula, como a entende Mário Antônio.

Em "Theatro" publica alguma coisa de crítica teatral, musical e crônica social. Também estampa um diálogo, na seção Folhetim, intitulado simplesmente "?", do qual localizamos apenas um trecho, que reproduz uma discussão entre dois indivíduos que vivem em Angola, sendo um deles bastante denegrido pelo outro. Há ainda um poema, assinado por "M." e intitulado "*O Imparcial* no beneficio para o Instituto Ultramarino", que canta as beneficências daquela intituição social de apoio às viúvas e crianças órfãs.[146]

Outro semanário político foi *A Razão*, que começou a ser editado em 1894 na Typographia Luso-Africana, em Luanda. Como é declarado no texto introdutório,[147] este periódico dá continuidade a *O Complemento do Imparcial*. Era periódico político, de notícias e de anúncios, sem grande interesse literário.

No primeiro exemplar aparece o poema "Alcofa do trapeiro", vindo com a indicação "Revista Elegante", que era uma seção de *O Mercantil*. É um poema saudosista, evocando a

---

143. Mascara de Veludo, "Contos e phantasias - Que amôr de avó!", *O Commercio de Angola*, 1892, 12 jul, n.1, p.1.
144. Jean Soudan, "O "bom tom" - extracto do Jornal d'um *decavé* de New-York", *A Provincia*, 1893, 18 mar, n.30, p.1; 25 mar, n.31, p.1; "Diario de um condemnado politico", *op. cit.*, 1893, 18 mar, n.30, p.1-2; Jean Richelin, "O senhor Destrémeaux", *op. cit.*, 1894, 23 set, n.56, p.1.
145. Carlos A. B. de Vasconcellos, "O nosso programma", *O Imparcial*, 1894, 26 abr, n.1, p.1.
146. "Theatro", *O Imparcial*, 1894, 26 abr, n.1, p.3; "?", *op. cit.*,1894, n.9, p.2-3; M., "O Imparcial no beneficio para o Instituto Ultramarino", *op. cit.*, 1894, n.19, p.2.
147. A Redacção, "A razão d'*A Razão*", *A Razão*, 1894, 1 nov, n.1, p.1.

infância às margens do Douro e o presente em Luanda, ao mesmo tempo que guarda, evidentemente, alguma referência política velada. Interessa também registrar o artigo "Pelo jornalismo", que comenta o exemplar n.2 de *Bofetadas*, qualificando-o de veneno puro e desvendando as trapalhadas de Manoel Pio Corrêa.[148]

Também *O Independente* se publicou desde 1894 na Typographia Minerva. Tinha sua redação e administração situada à rua de Salvador Correa 283 a 291. Era um periódico político e de notícias, sem grande interesse literário. Só vimos o primeiro exemplar, que faz notar, no texto introdutório, que:

> O nosso fim é pugnar pelos interesses da Provincia, pelo seu desenvolvimento progressivo, moral e material; sendo sentinellas sempre vigillantes e promptas a soltar o grito de alarme a todos os escandalos que aqui se deem, a todas as immoralidades que se pratiquem, venham d'onde vierem, partam d'onde partirem.[149]

Há um conto, na seção Folhetim, assinado por Vespa e datado de "Loanda - 23-4-94", intitulado "Os que fazem jornaes", que narra com graça estilística e fragilidade de enredo um caso entre a filha de um conselheiro e um jornalista (sendo possivelmente o relato de um fato efetivamente ocorrido, decorrendo daí o verdadeiro interesse dramático). A crônica "O mundo elegante" comenta um concerto ali realizado e publica-se ainda um soneto amoroso, "Esboço".[150]

Em 1896 aparece em Luanda o *Propaganda Colonial,* publicado na Typographia da Rua D. Miguel de Mello, tendo por responsável Arcenio de Carpo. Era um periódico exclusivamente político e informativo.

Interessa registrar a matéria do próprio Arcênio de Carpo, "India",[151] denunciando o regime de terror que vigorava naquela colônia portuguesa, ao mesmo tempo que nota o decorrente êxodo para a Índia Britânica.

Aqui termina nossa incursão pelo jornalismo oitocentista de Luanda. Infelizmente, de muitos dos periódicos lá publicados não conseguimos localizar sequer um exemplar,[152] ou não nos pudemos deter sobre eles, como foi o caso do *Noticias de Angola* (1891). Entretanto, pelas publicações acima arroladas já é possível ter uma idéia do crescente movimento intelectual que tomava aquela cidade no final do século XIX. E não era só em Luanda que apareciam as

---

[148] . "Alcofa do tropeiro", *A Razão*, 1894, 1 nov, n.2, p.1; "Pelo jornalismo", *op. cit.*, 1894, n.3 [?], p.1 (vimos somente o primeiro exemplar desse periódico, havendo páginas soltas que não nos foi possível saber se pertenciam aquele exemplar ou a outro qualquer).

[149] . "Ao publico", *O Independente*, 20 mai, n.1, p.1.

[150] . Vespa, "Os que fazem jornaes", *O Independente*, 1894, 20 mai, n.1, p.1-2; "O mundo elegante", *op. cit.*, 1894, 20 mai, n.1, p.4; "Esboço", *op. cit.*, 1894, 20 mai, n.1, p.4.

[151] . Arcenio de Carpo, "India", *Propaganda Colonial*, 1896, 16 out, n.4, p.4.

[152] . Não pudemos localizar os seguintes periódicos luandeses: *O Ultramar* (1882), *O Raio* (1884), *O Bisnagas* (1884), *Ave Charitas* (4 abril 1885 - n. único), *Angola a Capello e Ivens* (ano de 1885 - n.único), *Boletim da Provincia Portuguesa Para Huilas* (1885), *Noticias de Angola* (2 novembro 1886 - n. único), *O Arauto dos Concelhos* (1886), *A Tesourinha* (1886), *O Progresso d'Angola* (1887), *O Foguete* (1888), *Mukuarimi* (1888), *O Chicote* (1890), *O Policia Africano* (1890) (1891), *Os Concelhos do Leste* (1891), *O Santelmo* (1896), *Propaganda Angolense* (1897), *A Folha de Loanda* (1899).

publicações angolanas . Vejamos algumas publicações de outras regiões da colônia que pudemos ter em mãos.

2. *Moçâmedes, Benguela e Novo Redondo: literatura fora de Luanda*

O Jornal de Mossamedes

Em relação aos periódicos literários publicados em Moçâmedes, temos como primeira manifestação o *Jornal de Mossamedes - orgão dos interesses da colonia*, que surgiu em 1881. Apesar de publicado fora da capital, este periódico encontra-se entre os mais interessantes de Angola. Era uma publicação quinzenal, impressa em tipografia própria. Pretendia circular em Moçambique e no Brasil. Era um periódico político, de notícias e de anúncios, com folhetim de rodapé. No texto "Expediente" observa-se que o jornal saíra primeiro sob a denominação de *Noticias de Mossamedes*, o que faz do n.1 aqui consultado um exemplar não inaugural e, por conseguinte, sem o programa do periódico. Um de seus objetivos era denunciar as violências praticadas pelas autoridades portuguesas contra o povo de Moçâmedes, como é possível constatar em observação que precede a Secção Historica.[153]

Em política, temos uma carta diplomática de Mohammed El M'Fddól Ben Mohammed El Ghorrik ao governo brasileiro, "Uma curiosa mensagem do governo marroquino para o da republica do Brazil", uma resposta ao comunicado brasileiro de mudança de regime político - de monarquia para república - e de manutenção das relações diplomáticas. Seria interessante historicamente especular a que se deveu sua publicação, já que nenhum motivo aparente se apresenta, a não ser o de divulgar a nova situação política do Brasil. De Borlido Martins aparece "O que é logico", elogio ao desenvolvimento de Moçâmedes e ao seu governador geral interino, o comendador Jayme Lobo de Brito Godins [154]

De Antonio Eleutério Dantas, governandor geral, datado de "Palacio do governo em Loanda, 2 de julho de 1881", aparece o texto "Á imprensa", que diz respeito a uma ação judicial contra o ex-governador, assinado pelo então governador geral, Antonio Eleutério Dantas. De J. D. A., temos "Portugal e as colonias", defendendo o investimento das colônias na implantação de vias férreas e navais.[155]

---

[153] . "Expediente", *Jornal de Mossamedes*, 1881, 4 ago, n.1, p.1; "4 d'agosto - anniversario da colonia", *op. cit.*, 1881, 4 ago, n.1, p.1.

[154] . Mohammed El M' Fddól Ben Mohammed El Ghorrik [?], "Uma curiosa mensagem do governo marroquino para o da republica do Brazil", *Jornal de Mossamedes*, 1890, 1 jul, n.158, p.2; Borlido Martins, "O que é logico", *op. cit.*, 1892 [?], n.190, p.4.

[155] . Antonio Eleuterio Dantas,"Á imprensa", *Jornal de Mossamedes*, 1881, 4 ago, n.1, p.1; 20 ago, n.2, p.1; J. D. A., "Portugal e as colonias", *op. cit.*, 1891, 1 dez, n.172, p.2.

Também o racismo está presente nos debates políticos. Em "A raça negra ou Breves contradicções às doutrinas apregoadas pelo sr. A. F. Nogueira", defende-se a superioridade do branco. Em "O suicidio" aparece o tema social tão caro aos olhos dos poetas românticos, enquanto em "Africa meridional - os boers", anônimo, trata-se da caracterização desse povo a partir das várias perspectivas européias (inglesa, alemã, holandesa etc.), e, ainda, em os "Boers" vêm à luz os costumes e a política praticados por aquele povo.[156]

De história, publica-se uma grande quantidade de matérias, a começar pelo artigo "4 d'Agosto - anniversario da colonia". Há uma "Secção historica", também supracitada, onde se publicavam diversos documentos relativos às violências praticadas pela metrópole portuguesa contra os colonos daquela localidade. Como exemplo, podemos citar o artigo intitulado "1849 - Instrucção para o major do exercito, José Herculano, Ferreira da Horta se regular no estabelecimento da colonia dos portuguezes que de Pernambuco vêem destinados para Mossamedes para d'ali seguirem para Bumbo", reproduzindo 18 artigos sobre as medidas necessárias para a chegada dos colonos e grifando os trechos referentes a sua comodidade, ao "cuidado, attenção e carinho" como deveriam ser tratados, o que, depreende-se, não ocorreu.[157]

Fora da "Secção historica", temos o artigo de Carlos de Mello, "Os ingleses na Africa Oriental (Historia politica e colonial)" e o "Inventário de todos os 'favores' que nos tem feito a Inglaterra desde 1640 até hoje", criticando de forma irônica a dominação inglesa.[158]

Também aparece um artigo sobre moda, assinado por Francisco de Almeida e intitulado "A moda de Paris", que critica a imitação que o resto do mundo faz de uma hipotética moda de Paris, tentanto demonstrar sua inexistência e perniciosidade.[159]

Como em tantas outras publicações, aparecem diversas anedotas,[160] mas não, contudo, enigmas, charadas ou coisa do gênero.

Sobre educação, só pudemos encontrar um artigo,versando a respeito dos "Exames de instrucção primaria", sem grande interesse por se tratar apenas do assunto indicado no título. Já relativas à literatura encontramos algumas frases de grandes escritores e um anúncio da Livraria Civilisação, do Porto, que abria assinatura para uma luxuosa edição de *Os miseraveis*, de Victor Hugo, com 500 gravuras. É de notar o interesse da empresa portuense em propagandear seu

---

156 . "A raça negra ou Breves contradicções às doutrinas apregoadas pelo sr. A. F. Nogueira" [artigo em defesa da superioridade do branco], *op. cit.*, 1881, 10 nov, n. 7, p.4; "O suicidio", *op. cit.*, 1892 [?], n.188, p.3; "Boers", *op. cit.*, 1881, n.5, p.2-3.

157 . "Secção historica - *Annaes do Municipio de Mossamedes*", *Jornal de Mossamedes*, 1881, 4 ago, n.1, p.1-2; "secção historica", *op. cit.*, 1881, 20 ago, n.2, p.2; "Secção historica - 1849 - Instrucção para o major do exercito, José Herculano, Ferreira da Horta se regular no estabelecimento da colonia dos portuguezes que de Pernambuco vêem destinados para Mossamedes para d'ali seguirem para Bumbo", *op. cit.*, 1881, 10 nov, n.7, p.1-2.

158 . "Africa meridional - os boers", *op. cit.*, 1886, 5 jan, n.90, p.1; Carlos de Mello, "Os ingleses na Africa Oriental (Historia politica e colonial) por...", *Jornal de Mossamedes*, 1890, 20 ago, n.162, p.1-3; "Inventário de todos os 'favores' que no tem feito a Inglaterra desde 1640 até hoje", *op. cit.*, 1890, 1 jul, n.158, p.3-4.

159 . Francisco de Almeida, "A moda de Paris", *Jornal de Mossamedes*, 1892 [?], n.171, p.3.

160 . (Da "Persuação"), "Latino Coelho (anedoctas)" *Jornal de Mossamedes*, 1892, 1 jan, n.174, p.3-4; "Linhas alegres", *op. cit.*, 1892, 1 jan, n.174, p.3; 1893 [?], n.176, p.3; n.178, p.3; n.184, p.4; n.185, p.4; n.199, p.3;

luxuoso produto além-mar, revelando que o poder aquisitivo da classe letrada angolana justificava tal empreitada, ao mesmo tempo que faz notar a falta da concorrência de editoras estabelecidas em Angola que pudessem fazer o mesmo, como, havia já algum tempo, acontecia no Brasil.[161]

Em crítica temos um texto de N. de R. em louvor a "Alexandre Herculano", um texto anônimo comentando sobre a morte "Camillo Castello Branco", com um elogio crítico de sua obra, e uma crítica, evocando os brios lusitanos, ao livro *Historia do descobrimento da America*, do espanhol Emílio Castelar.[162]

Em crônica, aparecem: de Antonio Urbano de Castro, "Mossamedes á noite", que relata o quanto era pacata a noite daquela cidade e convoca a sociedade local a mudar aquele quadro; de L. A., datado de "10-1-92", o texto "O tempo dos taralhões", texto saudosista, que valoriza a infância e o campo; de Gilliatt, que todos supunham ser o escritor Zacharias d'Aça, temos o texto "Sogreida", transcrito do *Correio da Manhã* e tematizando ironicamente a figura da sogra na relação dos casais; extraído do periódico *Dão*, temos "O luxo", condenando a luxúria; "O suicidio", anônimo, condena tal ato, tomado como atitude que ganhava mais e mais adeptos; de Yvan, "As andorinhas", que se caracteriza pelo sentimento melancólico; "A força da imaginação", de Terencio, narrativa que ilustra de forma engraçada o tratamento exagerado que é por vezes dado de fatos insignificantes; e "O que é a humanidade", anônimo, que trata genérica mas eruditamente do tema do título, fazendo referência ao padre Antônio Vieria e empregando longas citações em francês de Rousseau e M. de Ségur.[163]

Em teatro e música, podemos relacionar primeiramente a récita ocorrida no teatro Luso-Africano de Moçâmedes, onde se representou "Um marido victima das modas", "O diabo atraz da porta", "O tio Matheus", uma cançoneta na voz de Luiz Antonio (o beneficiado) e um monólogo proferido pelo sr. Guerreiro. Publica-se também o trecho de uma comédia, "Gervasio Lobato - Em boa hora o diga", e um poema que fôra proferido pela professora Izabel A. A. Rodrigues no dia 5 de novembro de 1891 por ocasião da visita de Guilherme Augusto de Brito Capello à colonia de S. Pedro da Chibia. Há ainda o texto "O theatro", no qual L. A. faz o elogio à arte dramática e comenta as precaríssimas condições do Theatro Luso Africano, localizado na rua dos Pescadores, clamando pela construção de um novo teatro, ainda que simples e modesto.[164]

---

[161] . "Exames de instrucção primaria", *Jornal de Mossamedes*, 1881, n.5, p.2; "Licções da vida - notas e pensamentos", *op. cit.*, 1890, n.168, p.4; "Victor Hugo - Os miseraveis - esplendida edição portuense", *op. cit.*, 1886, 5 jan, n.90, p.4.

[162] . N. de R., "Alexandre Herculano", *Jornal de Mossamedes*, 1890, 15 jul, n.159, p.1; "Camillo Castello Branco", *op. cit.*, 1890, 15 jul, n.159, p.2-3; "Emilio Castella", *op. cit.*, 1892 [?], n.205, p.3-4.

[163] . Antonio Urbano de Castro, "Mossamedes á noite", *Jornal de Mossamedes*, Anno I, 1891, 1 dez, n.172, p.3; L. A., "O tempo dos taralhões", *op. cit.*, 1892 [?], n.176, p.4; Gilliatt [Zacharias d'Aça]," Sogreida", *op. cit.*, 1892 [?], n.186, p.3-4; (Do "Cão"), "O luxo", *op. cit.*, 1892 [?], n.188, p.3; "O suicidio", *op. cit.*, 1892 [?], n.188, p.3; Yvan, "As andorinhas", *op. cit.*, 1892 [?], n.204, p.3; Terencio, "A força da imaginação", *op. cit.*, 1890, n.168, p.4; "O que é a humanidade", *op. cit.*, 1892 [?], n. 182, p.3.

[164] . "Recita", *Jornal de Mossamedes*, 1892 [?], n.193, p.4; "Gervasio Lobato - Em boa hora o diga", *op. cit.*, 1892 [?], n.185, p.3-4; A professora Izabel A. A. Rodrigues, "Á s. exa. Guilherme Augusto de Brito Capello - poesia

No que diz respeito a narrativas, deparamo-nos com o relato de viagem de J. Pereira do Nascimento, médico da Armada Real, que retrata o percurso que realizou "Da Huilla ás terras do Humbe (notas á lapis)".[165]

Em matéria de narrativas ficcionais, tem-se: um trecho de "Sciencia e fé", de Henri Constance, com tradução livre de F. J. Almeida, que, no gênero confessional, trata da busca do sentido da vida entre os dois tópicos do título; o anônimo "Conto allemão", no qual o bobo da corte relativiza a autoridade real; o "Idylio rustico", de F. C., que trata com linguagem interiorana do encontro de um casal de jovens pastores ingenuamente apaixonados; "O que são negocios!... (os dois amigos)", de L. A.. datado de "30-10-92", que conta uma história de moral econômica, defendendo a venda a dinheiro e condenando a venda a prazo; "A força do destino provada pelo exemplo", de Borlido Martins, com indicação de ter sido escrito em Loanda, narrando um caso exemplar supostamente ocorrido em Braga e apresentando no decorrer da narrativa o poema "O monstro"; "A herança", de Yvan, tematizando a vaidade da mulher, que não mede sacrifícios para satisfazer tal sentimento; e na seção Folhetim, o anônimo "A postura dos ovos", um pequeno e bem-humorado conto repleto de personagens.[166]

Mas são os poemas que mais proliferam no *Jornal de Mossamedes*. Mais uma vez temos Borlido Martins, que havíamos encontrado no *Correio de Loanda*. A maior parte dos trabalhos poéticos aqui publicados são de sua autoria, a saber: "Na altura da Serra Liôa noite tenebrosa! - Poesia feita na minha viagem de Lisboa a Loanda, em 6 de outubro do anno passado dedicada ao comandante do vapor 'Cazengo' - Roberto Franco"; "A esperança - hymno"; "Uma ingrata ca na Africa"; "O pôr do sol", onde entra a figura da moreninha; "Ode de moral - a riqueza e a pobreza e os seus effeitos", com ideais de senso comum; e os sonetos "Cupido amaldiçoado" e "Um coração interrogado". Com exceção de "A esperança", todos os seus poemas vêm com indicação de terem sido escritos em Luanda. A maior parte deles trata do amor.[167]

Outro que aqui estampa diversos poemas é L. A.. De sua autoria, temos: "Quem amo? (Durante a leitura d'um escripto em prosa)", datado de 20-12-91, onde aparece a figura da negra; "Saudades da minha terra (Á familia e amogos)", datado de 20-3-92, exemplo do poema

---

recitada por occasião da sua visita a colonia de "S. Pedro"da Chibia", *op. cit.*, 1891, 1 dez, n.172, p.2; L. A., "O theatro", *op. cit.*, 1892 [?], n.182, p.3.

[165] . J. Pereira do Nascimento, Medico da Armada Real, "Da Huilla ás terras do Humbe (notas á lapis) por...", *Jornal de Mossamedes*, 1892, 1 jan, n.174, p.1, seguindo por diversos números.

[166] . "sciencia e fé por Henri Constance - Traducção livre de F. J. Almeida", *Jornal de Mossamedes*, 1881, 4 ago, n.1, p.2-3"Conto allemão", *op. cit.*, 1892 [?], n.169, p.3; F. C., "Idylio rustico", *op. cit.*, 1892 [?], n.170, p.3-4; L. A., "O que são negocios!... (os dois amigos)", *op. cit.*,, 1892(), n.193, p.3; Borlido Martins, "A força do destino provada pelo exemplo", *op. cit.*, 1892 [?], n.195, p.4; Yvan, "A herança", *op. cit.*, 1892 [?], n.199, p.4; "A postura dos ovos", *op. cit.*, 1890, 1 jul, n.158, p.1-3.

[167] . De Borlido Martins temos: "Na altura da Serra Liôa noite tenebrosa! - Poesia feita na minha viagem de Lisboa a Loanda, em 6 de outubro do anno passado dedicada ao comandante do vapor 'Cazengo' - Roberto Franco", *Jornal de Mossamedes*, 1892 [?], n.171, p.3; "A esperança - hymno", *op. cit.*, 1892 [?], n.173, p.4; "Uma ingrata ca na Africa", *op. cit.*, 1892 [?], n.183, p.4; "O pôr do sol", *op. cit.*, 1892 [?], n.188, p.3; "Ode de moral - a riqueza e a pobreza e os seus effeitos", *op. cit.*, n.193, p.3-4; "Cupido amaldiçoado", *op. cit.*, 1892 [?], n.176, p.3; "Um coração interrogado", *op. cit.*, 1892 [?], n.178, p.3.

do degredado, que considera "triste viver n'esta terra maldita"; "O engeitado"; "O sol nascente", datado de 4-8-92; "Nas margens do Mondego (a Beira Alta)", datado de 18-9-92; e "Supplica...". Nos versos de L. A. predominam a melancolia e o sentimento saudosista.[168]

Se ambos os poetas citados compõem versos integrados ao convencionalismo romântico e já marcados, por vezes, pelo decadentismo fim-de-século, é evidente a maior adesão de Borlido Martins à realidade angolana, enquanto L. A. mantém-se mais profundamente ligado à metrópole portuguesa.

Entre os poetas de renome, temos uns versos possivelmente de Camões, que aparecem sob o título de "O que é a humanidade?", um outro de Camillo Castello Branco, "Os meus amigos", um trecho de um poema de Tomás Ribeiro, extraído do *Diario de Noticias* e dirigido ao embaixador português em Londres, Borjana de Freitas, tematizando o conflito luso-britânico e intitulado "A patricia", e ainda um poema de Gomes d'Amorim, "No exilio".[169]

De nosso já conhecido jornalista Antonio Urbano de Castro, temos o poema "O destino (Imitação de Josephin Soulary)", datado de "Mossamedes, 19-11-91", bem ao gosto dos byronianos. Ainda podemos relacionar os seguintes trabalhos poéticos: de Pinto d'Almeida, um poema sem título, que aparece sob a indicação de ser transcrito da *Revista Militar* de 15 de maio de 1861 e de fazer alusão à batalha d'Albuera [sic] na época da invasão francesa; de S. J. Guerreiro, o apólogo imitado (como vem designado) "O mundo é assim", datado de 20-9-92, com métrica e tema populares portugueses; de A .J. Henriques, o monólogo "O baguinho", também em linguagem e tema populares portugueses. De J. I. de Araujo, o "Conselho d'um burro a seu filho", que parece questionar a escravidão; e, finalmente, de G.. Monteiro, "Um salão", retratando ironicamente o salão de uma certa Amalia Costa e seus freqüentadores.[170]

Lembremos ainda o poema declamado pela professora Izabel A. A. Rodrigues, em Chibia, anteriormente citado, e um diálogo poético, satírico, assinado por A. C. e intitulado "Pelo telephone", reproduzindo a conversa de um casal apaixonado ao telefone. Fecha-se assim o que pudemos consultar de trabalhos poéticos no *Jornal de Mossamedes*.[171]

Apresentando-se como um periódico de interesse geral, mas que sabia cumprir seu papel ilustrativo, o *Jornal de Mossamedes* é uma revelação em termos literários, principalmente no que

---

[168] . De L. A. temos: "Quem amo? (Durante a leitura d'um escripto em prosa)", *Jornal de Mossamedes*, 1892, 1 jan, n.174, p.4; "Saudades da minha terra", *op. cit.*, 1892 [?], n.180, p.3; "O engeitado", *op. cit.*, 1892 [?], n.183, p.3; "O sol nascente", *op. cit.*, 1892 [?], n.189, p.2; "Nas margens do Mondego (a Beira Alta)", *op. cit.*, 1892 [?], n.190, p.3; "Supplica...", *op. cit.*, 1892 [?], n.201, p.4.

[169] . C. 1. E. 105 e 106, "O que é a humanidade?", *Jornal de Mossamedes*, 1892 [?], n.182, p.3; Camillo Castello Branco, "Os meus amigos", *op. cit.*, 1892 [?], n.194, p.4; Thomaz Ribeiro, "A patricia", *op. cit.*, 1890, 4 ago, n.160, p.1-3; Gomes d'Amorim, "No exilio", *op. cit.*, 1892 [?], n.176, p.4.

[170] . Antonio Urbano de Castro, "O destino (Imitação de Josephin Soulary)", *Jornal de Mossamedes*, 1891, 1 dez, n.172, p.3; Pinto d'Almeida, "A poesia que abaixo publicamos, é trascripta da "Revista Militar" de 15 de maio de 1861, allusiva á batalha d'Albuera na epocha da invasão franceza", *op. cit.*, 1892, 1 jan, n.174, p.3; S. J. Guerreiro, "O mundo é assim", *op. cit.*, 1892 [?], n.190, p.4; A .J. Henriques, "O baguinho", *op. cit.*, 1892 [?], n.196, p.3; J. I. de Araujo, "Conselho d'um burro a seu filho", *op. cit.*, 1892 [?], n.199, p.3; G. Monteiro, "Um salão", *op. cit.*, 1892 [?], n.200, p.4.

concerne à poesia. Nesse sentido vem fazer coro com o que já acontecia com *O Correio de Loanda*, no qual também eram os poemas a matéria literária de maior prestígio.

Outra publicações em Moçâmedes

Em 1884 aparece o *Almanach de Mossamedes*, do qual não pude localizar qualquer de seus exemplares.

Em 1892, Carlos da Costa de Freitas Jacome passa a editar o semanário *A Tesoura - folha mensal, orgão imparcial dos interesses em geral,* que se apresenta como periódico satírico.[172] Trazia folhetim de rodapé e caracterizava-se como um periódico literário e de recreação. Só pude consultar o primeiro exemplar, que traz diversas matérias interessantes.

Em sátira política, temos o artigo "Colonisação", que defende a hipótese de que "existem 4 systemas: - Systema Inglez: colonias com colonos. - Systema francez: colonias sem colonos. Systema allemão: colonos sem colonias. Systema portuguez: Nem colonias nem colonos". Ao lado de tal gênero de matéria, havia uma seção de anedotas, logogrifos e enigmas.[173]

Em crítica, temos o texto "Teatro Luzo-africano", que comenta ironicamente os esforços do diretor Luiz Antonio. De crônica aparecem: "O conquistador lisboeta", que caracteriza humoristicamente o dândi lisboeta; "As metamorphoses da mulher solteirona", dando uma relação debochada de fatos que acompanhariam o desenvolvimento de uma mulher solteira dos 15 aos 35 anos; e ainda "O club", sobre o Club de Mossamedes e a pouca durabilidade de tais associações naquela localidade.[174]

Também há lugar para um poema satírico, assinado por S. J. G. e intitulado "Uma desordem séria!!! - Ao meu amigo Albino Arias".[175]

É evidente o quanto *A Tesoura* integra-se ao universo satírico de *O Tomate* e das *Bofetadas*, aparecendo, por sinal, entre uma e outra publicação. Seguiu-se *A Tesourinha* (1892) e *A Bofetada* (1993), dos quais não tivemos a felicidade de localizar qualquer exemplar.

Em 1893 sai à luz *O Sul d'Angola - orgão quinzenal dos interesses do districto de Mossamedes*. Seu administrador era Arthur Gomes e a correspondência ficava a cargo de Francisco José da Costa Jubim. Era um periódico político e de notícias, com folhetim de rodapé. Só consultei um exemplar, no qual aparece um trecho do conto de José Maria da Costa, "As almas do

---

171 . A. C., "Pelo telephone", *Jornal de Mossamedes*, 1892 [?], n.184, p.4.

172 . "Ridendo castigat mores", *A Tesoura* , 1892, 30 nov., n.1, p.1.

173 . "Colonisação", *A Tesoura*, 1892, 30 nov., n.1, p.3; "Anedoctas", *op. cit.*, 1892, 30 nov., n.1, p.4; Zé Felix, "Logogripho", *op. cit.*, 1892, 30 nov., n.1, p.4; "Progunta egygmatica?", *op. cit.*, 1892, 30 nov., n.1, p.4; "Enygma a premio um romance", *op. cit.*, 1892, 30 nov., n.1, p.4.

174 . "Teatro Luzo-africano", *A Tesoura*, 1892, 30 nov, n.1, p.1-2; "O conquistador lisboeta", *op. cit.*, 1892, 30 nov., n.1, p.2; "As metamorphoses da mulher solteirona, *op. cit.*,1892, 30 nov., n.1, p.3-4; "O club", *op.cit.*, 1892, 30 nov, n.1, p.2.

175 . S. J. G., "Uma desordem séria!!! - Ao meu amigo Albino Arias", *A Tesoura*, 1892, 30 nov., n.1, p.4.

outro mundo",[176] denotando um interesse pouco comum naquelas paragens pela literatura macabra romântica.

Benguela e Pedro Machado

Em Benguela, o primeiro periódico de que temos notícia é *O Progresso*, de 1870. Contudo, não vimos qualquer exemplar desta publicação. Já mais para o final do século, em 1892, aparece *A Semana - folha hebdomadaria.* Tinha por editor e redator Pedro Machado, sendo a correspondência de responsabilidade de Luiz de Castro. Era um periódico semanal, político e de notícias, com folhetim de rodapé.

Na seção Folhetim de *A Semana*, aparecem os contos "Em flagrante!...", uma narrativa no gênero do decadentista-simbolista de Huysmans, e um trecho do conto "Realismos", ao modo de um Eça de Queirós, ambos assinados por P. M., provavelmente o editor e redator do periódico, Pedro Machado. Também tem lugar a narrativa "O bofarinheiro", traduzido de Guy de Maupassant, da qual só vimos o início.[177]

Em matéria de crônica temos um trecho de uma intitulada "Ossos do officio", no qual se descrevem as barbáries cometidas com os negros, e uma crônica satírica intitulada "Bisnagas", assinada por Romano, comentando uma carta dirigida ao jornal contra a distribuição impositiva do periódico e trazendo pequenos grafismos muito interessantes. Em educação, tem-se a "Aula nocturna", notificando a abertura de um curso de francês, caligrafia e taquigrafia, esgrima e direito.[178]

Era, pois, uma publicação de algum interesse literário e de ilustração, mas que, como tantas outras aqui já referidas, parece ter tido vida curta.

Novo Redondo e uma edição comemorativa

Em Novo Redondo aparece *O Quinze de Agosto de 1898 - jornal litterario*, número único, publicado pela Minerva Economica sob direção geral do doutor José Maria d'Aguiar -- provavelmente a primeira publicação daquela emergente localidade. Colaboraram na publicação o próprio José Maria d'Aguiar, Padre Luiz Filippe Serra Cavalheiro, Antônio Lopes Beltrão, Antônio José d'Araújo, Libânio José d'Araújo, Antônio José Lopes, Lino Patrício Alvares, Manoel Patrício Alvares, Francisco L. M. dos Reis, Manoel Pereira, Francisco de Pezo e Souza.

---

[176] . José Maria da Costa, "As almas do autro mundo", *O Sul d'Angola*, 1893, 4 out, n.23, p.1-2.

[177] . P. M., "Em flagrante!...", *A Semana*, 1893, 24 mar, n.8, p.1-2; P. M., "Realismos", *op. cit.*, 1893, 24 jul, n.21, p.1; Guy de Maupassant, "O bofarinheiro", *op. cit.*, 1893, 8 mai, n.14, p.1.

[178] . "Ossos do officio", *A Semana*, 1893, 6 abr, n.10, p.1; Romano, "Bisnagas", *op. cit.*, 1893, 6 abr, n.10, p.2-3; 8 mai, n.14, p.3; "Aula nocturna", *op. cit.*, 1893, 8 mai, n.14, p.4.

Como se afirma no texto introdutório,[179] publicou-se essa folha em homenagem ao restaurador de Angola, Salvador Correia Sá Benevides, um brasileiro que dali expulsou os holandeses. Assim, é uma edição comemorativa e laudatória, não apresentando qualquer trabalho literário que valha a pena ser aqui destacado.

Quanto a outras localidades de Angola, sabemos que em Catumbela apareceu em 1886 o periódico *A Ventosa* e que em Ambris publicou-se em 1893 *A Africana*, mas não tivemos acesso a tais folhas.

3. *Observações gerais*

Partindo do *Boletim Official* publicado em Luanda, chegamos até Moçâmedes, Benguela e Novo Redondo, passando por uma vultosa quantidade de publicações periódicas. Muitas delas eram exclusivamente políticas ou de notícias, mas a maioria trazia alguma literatura ou alguma matéria de ilustração. Já na década de 1870 Benguela inaugura sua imprensa. Moçâmedes e Catumbela fazem o mesmo na década seguinte. Novo Redondo e Ambris assim procederiam na última década do século. Vale ainda notar que há algum trânsito intelectual entre Luanda e Moçâmedes, como vimos nas figuras de Urbano de Castro e Berlido Martins. Moçâmedes será, por sinal, a cidade que jornalisticamente mais produziria depois de Luanda.

Também pudemos constatar que não houve em Angola uma imprensa literária e de ilustração *stricto sensu*, nos moldes que vimos acontecer em Goa. O paradigma de periódico literário e de ilustração instituído por *O Panorama* pode encontrar eco na natureza das matérias selecionadas para a composição das seções literárias das folhas angolanas, que guardam algum vínculo com a publicação de Herculano, principalmente em seu interesse pela historiografia. *O Serão*, a primeira revista eminentemente literária de Angola, de 1886, já se apresenta distante do modelo de *O Panorama*, ainda que possamos ver ali alguma reverberação da publicação lisboeta. Todavia, importa notar que em meio a uma significativa produção jornalística, o lugar atribuído às publicações especificamente literárias e de ilustração em Angola foi bastante minguado.

Quanto à literatura ali publicada nos periódicos em geral, evidencia-se a forte presença francesa, quer nas traduções, quer nas próprias composições em francês. A verdade é que os autores franceses também ganhavam maior espaço nos periódicos metropolitanos, apesar do antigalicismo vigente. Assim, podemos concluir que as colônias seguiam aquilo que se passava na metrópole sem, contudo, apresentar a complexidade de antagonismos daquela.

Os ingleses, por sua vez, eram hostilizados sistematicamente, ainda que isso não fosse impedimento para o aparecimento de algumas traduções de autores ingleses, em número menor do que nas colônias do eixo oriental.

---

[179] . A Redacção, "15 de agosto de 1898", *O Quinze de Agosto de 1898*, 15 ago, número único, p.1.

Outro fato curioso é o pouco cultivo dos relatos de viagem, que tanto fascinavam o eixo oriental. Parece que tais relatos não tinham grande interesse aos olhos da elite letrada angolana, ainda que marquem ali a sua presença. A poesia, sim, tem a evidente preferência em todos os periódicos. Até mesmo as propagandas eram freqüentemente feitas em versos, coisa que poucas vezes vemos em outras colônias, quando vemos.

Já para o final do século, o gosto poético angolano mostra-se mais próximo do que acontecia em Lisboa. Podemos ver em Angola algumas manifestações de declarado decadentismo e mesmo algumas pinceladas realistas. Quando Alfredo Troni classifica a obra de Maia Ferreira como similar à dos integrantes de *O Trovador* (Oliveira, 1997: 24-25), de Coimbra, não está apenas fazendo uma crítica à falta de nativismo do poeta, mas também ao ultra-romantismo, ao gosto convencional romântico, do qual *O Trovador* fôra uma das manifestações oficiais. Assim, é evidente nas publicações de Angola um acompanhamento mais de perto do que se passava em Portugal em termos literários, ainda que nem tudo tenha sido ali devidamente aplicado.

Temos em Angola, sobretudo, uma grande diversidade de nomes que despontam em meio à produção jornalística local. Ainda que tenhamos assinalado a presença de José da Silva Maia Ferreira e saibamos de seu pioneirismo literário em Angola, para o *corpus* aqui tratado interessam mais Alfredo Mântua, Urbano de Castro, Francisco Pereira Dutra, Saturnino de Sousa e Oliveira, Alfredo Troni, Arcênio de Carpo, Arantes Braga, Cordeiro da Matta, o padre Castanheira Nunes, Inocêncio Matoso da Câmara, Dário de Jesus Ferreira, Borlido Martins, Luiz de Vilhena, A. Garcia, A. E. de Souza Sampaio ou Pedro Machado, que estiveram na dinâmica intelectual dos periódicos angolanos oitocentistas.

Alfredo Mântua, isto é, Alfredo Júlio Cortez Mântua era lisboeta e chegou a Angola em 1862. Foi, como vimos, um dos proprietários de *A Civilisação da Africa Portugueza*, tendo sido também, junto com Urbano de Castro, autor do mordaz folhetinista Theodorus. Tal como Urbano de Castro e Pereira Dutra, ficou preso por dois meses em conseqüência das mazelas políticas que a publicação lhe trouxe (Ervedosa, 1979: 26-27).

Colaborou assiduamente com a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geográfico-Africanos de Luanda e fundou, junto com o padre Castanheira Nunes, *A Verdade*, abandonando em seguida a publicação aos cuidados exclusivos do sacerdote. Chegou a trabalhar como ator na comédia "Polacos e russos na Mouraria", por ocasião da festa em benefício das trinta meninas órfãs do Recolhimento Pio de D. Pedro V. [180]

Exerceu a advocacia por longo tempo naquela colônia, tendo sido afastado dessa atividade por um inimigo local, já que cursara apenas o primeiro ano de direito. Residiu em Angola por cerca de 33 anos. Alfredo Mântua foi assassinado com um tiro que fôra dirigido a um seu amigo, Antonio Diogo, por um outro amigo, João José de Sousa e Mello. Deixou sete filhos menores de

[180] . "Illusões perdidas", *A Civilização da Africa Portugueza.*, 1866, 6 dez, n.1, p.1.

idade. De suas publicações, conhecemos apenas aquilo que recolhemos nas páginas da imprensa angolana e não temos qualquer notícia de que tenha publicado algum livro.[181]

Antônio Urbano Monteiro de Castro, seu sócio na empreitada de *A Civilisação da Africa Portugueza*, é outra figura de grande importância no cenário intelectual angolano daqueles anos. Era português, advogado, e chegou a Angola provavelmente na mesma época que Alfredo Mântua, aos vinte anos de idade (Gomes & Cavacas: 1997: 326). Muito preocupado com a educação naquela colônia, escrevia a maior parte das matérias políticas do periódico. Revelava também interesse pelas culturas locais, mas tinha uma visão bastante eurocênctrica.[182]

Fundou também, como vimos, *A União Africo-Portugueza* e foi redator de *O Cruzeiro do Sul*.[183] Além disso, segundo Gomes & Cavacas (1997: 326), teria fundado ou ao menos redigido *O Mercantil*, de 1870, e colaborado no *Jornal de Loanda*, de Alfredo Troni. Em razão de seu vínculo estreito com o publicismo lisboeta, em 1883 Urbano de Castro retornou a Lisboa e passou a dirigir o *Diario da Manhã*, substituindo Pinheiro Chagas, segundo nos faz presumir Carlos Alberto Iannone (1973: 11). Mas em 1891, está novamente em Angola, em Moçâmedes, onde colabora com o *Jornal de Mossamedes*. Segundo um redator do *Correio de Loanda*, que noticiou a morte de Alfredo Mântua, nota que Urbano de Castro "desaparecera" em 1894.[184] Já Carlos Ervedosa (1979: 27) afirma que Urbano de Castro morrera em Luanda em 1893. Segundo Castro Lopo, Urbano de Castro foi:

> Romântico e negociante; jornalista e autoridade administrativa; advogado e homem de cenas de pugilato; patriota e rebelde; prosador e poeta; orador, político e dono do palhabote chamado *Congo*; crente e ao mesmo tempo descrente; céptico e amoroso com a "vida em pedaços repartida", como diria Camões (*apud* Oliveira, 1997: 61).

Talvez caracterização semelhante merecesse seu companheiro, Alfredo Mântua, que, como vimos, fez um percurso de vida bastante similar. Todavia, em termos literários, pelo que pudemos constatar, Urbano de Castro revela maior dedicação.

Não podemos deixar de lembrar aqui a presença do brasileiro Francisco Pereira Dutra, um dos redatores-proprietários de *A Civilisação da Africa Portugueza*, que acabou morrendo em meio à militância jornalística. Francisco Pereira Dutra era um estudioso do quimbundo e amigo do também brasileiro Saturnino de Sousa e Oliveira, autor, com o angolano Manuel Alves de Castro Francina, do primeiro *Dicionário da Língua Mbundu ou Ngolense* [Quinbundo ou Angolense], publicado em Luanda em 1864 (Oliveira, 1997: 102). Infelizmente nada mais pudemos saber sobre a vida de Pereira Dutra antes de chegar a Angola ou mesmo sobre as reais condições de sua morte.

---

[181] . "Alfredo Mantua", *Correio de Loanda*, 1895, 3 mar, n.177, p.1.

[182] . Urbano de Castro, "A missão do padre na Africa", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1867, 21 fev, n.12, p.45.

[183] . Afirma Urbano de Castro: "Em 4 de junho de 1874, o *Cruzeiro do Sul*, que então redigiamos, publicou...". In: "A instrucção publica", *A União Africo-Portugueza*, 1882, n.13, 25 jun, p.1.

Outra figura de relevo que saiu do grupo de *A Civilisação da Africa Portugueza* foi o padre Castanheira Nunes. Segundo Mário Antônio (Oliveira, 1997: 106; 164-165), desempenhou um papel de grande importância para a educação angolana, colaborando na formação intelecutal de toda a geração vindoura. Também sempre se preocupou em discutir o processo de colonização, buscando modelos realistas e liberais para sua concretização. Com Alfredo Mântua, como vimos, fundara o periódico *A Verdade*, que logo ficou sob sua exclusiva direção, defendendo o fim da escravidão e a valorização da colônia aos olhos da metrópole. O seu interesse pela cultura e realidade locais fica atestado em sua viagem para o Congo, da qual publica um relato.

José de Fontes Pereira (Gamboa, 1996: 255-265), angolano oriundo da classe de assimilados, fundou o *Futuro d'Angola*, além de colaborar com vários periódicos no último quartel do século XIX. Junto com Arcênio de Carpo,[185] Arantes Braga, Carlos da Silva, Inocêncio Matoso da Câmara, entre outros, José de Fontes Pereira esteve constantemente presente nas páginas da imprensa angolana das décadas de 1870 e 1880. Inicialmente combateu somente pela efetiva extinção da escravatura, contra o descaso da administração portuguesa ante os problemas angolanos, contra a presença de portugueses oriundos da metrópole nos cargos administrativos de Angola e pela representação dos angolanos junto às cortes da monarquia portuguesa. Todavia, sua luta se radicalizou e ele terminou por romper definitivamente com o poder lusitano e apoiar uma campanha separatista, pela independência de Angola. Acabou, evidentemente, perseguido e rejeitado pelas elites governamentais, o mesmo acontecendo, em maior ou menor grau, com os seus companheiros ideológicos.

Mário Pinto de Andrade (1997: 50) considera-o um caso paradigmático do contexto político angolano oitocentista, assim descrevendo-o:

> Repartindo a sua vida profissional sucessivamente entre as funções de escrivão da administração do concelho e de advogado provisionário, integrou um grupo sociocultural de pressão composto de nativos e europeus que professavam ideias liberais e republicanas.
>
> Apesar de uma limitada ilustração literária, Fontes Pereira manteve sua actividade de polemista, praticamente ininterrupta ao longo de duas décadas, de 1870 a 1890, através dos semanários então publicados em Luanda e de alguns jornais de Lisboa e Porto.

Outro nome de fundamental importância para as letras do fim do século XIX em Angola foi José Duarte Cordeiro da Matta, ou Jakim Ria Mata, um seu pseudômino (Gomes & Cavacas: 1997: 102). Era natural do concelho de Icolo-e-Bengo, nascido em 1857. Foi autor de um dicionário quimbundo-português e de uma cartilha para o aprendizado do quimbundo, baseada na cartilha de João de Deus. Foi, por isso, designado por Mário Antônio como o João de Deus angolano (1990: 143). Revelou-se também tradutor, tendo vertido para o quimbundo, por

---

184 . "Alfredo Mantua", *Correio de Loanda*, 1895, 3 mar, n.177, p.1.

185 . Arcênio de Carpo era filho do polêmico comerciante de escravos Arcênio Pimpílio Pompeu de Castro (paradoxalmente era antiescravagista), que Mário Antônio inclui entre os primeiros que lutaram por um nativismo e de valorização da crioulidade em Angola (Olivieira, 1997: 33-49).

exemplo, trechos do poeta João de Deus e do filólogo Adolfo Coelho. Do quimbundo para o português, podemos registrar o texto recolhido por Matheus Jacques e publicado no *Correio de Loanda*, "Bitu ria menha ni hata ia rixi", isto é, "A porta d'agua e o chinguiço de fumo".

Colaborou, como vimos, no *Correio de Loanda* e em *A Verdade*, mas também em *O Arauto Africano*, no *Jornal de Loanda*, em *O Pharol do Povo* e no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Moser, 1993: 209-215), entre outros. Possuía uma excelente biblioteca e foi autor das *Noites de Loanda (episódios da mocidade bohémia)*, publicadas em primeira mão, como vimos, no *Correio de Loanda*. Seus outros trabalhos encontram-se quase todos desaparecidos. É o caso dos romances (ou crônicas) *O loandense da alta e da baixa esfera*, *O doutor Gaudêncio* e *A verdadeira história da rainha Jinga*, além de um livro de contos, *114 contos angolanos*. Publicou ainda um trabalho intitulado *Filosofia popular em provérvios angolenses* (1891), este recentemente reeditado, e uma *História de Angola*, que, como observamos, foi publicada em folhetim em *O Pharol do Povo*, revelando mais uma vez seu grande apreço pelos valores da terra onde nascera. Mário Antônio (1997: 110) cita ainda a *Cronologia Angolana* e o *Repositório de Coisas Angolenses (usos, costumes, tradições, lendas e anedotas)*.

Cordeiro da Matta era, segundo Ávila de Azevedo (1963: 28), um grande admirador da beleza da mulher negra, dedicando-lhe poemas como "Kikola", "Mueno Tata" ou "Quissama". Em matéria de poesia, publicou em Lisboa em 1889 o livro *Delírios - versos (1875-1887)*, hoje também desaparecido, sobre o qual pudemos recolher algumas críticas. Cordeiro da Matta morreu jovem, em 1894, aos 37 anos de idade na Barra do Cuanza, deixando uma vasta obra, em grande parte inacabada. Registremos que o autor foi largamente estudado por Mário Antônio e por Carlos Ervedosa,[186] sendo leitura obrigatória para todos aqueles que se debruçaram sobre a literatura oitocentista de língua portuguesa publicada em Angola.

Sobre a vida dos poetas Borlido Martins, Luiz de Vilhena, A. Garcia, A. E. de Souza Sampaio ou do novelista Dário de Jesus Ferreira, nada pudemos saber. Provavelmente eram portugueses que se encontravam trabalhando em Luanda e em Moçâmedes. Alguns deles tinham alguma adesão às causas locais, principalmente Borlido Martins, sem contudo sabermos de qualquer empenho seu mais significativo em prol da colônia. Interessam sobretudo como formadores de gosto, já que os três poetas acabam por delinear uma tendência entre o romântico tardio e o decadentismo parnasianista, o que vale a pena ser registrado.

Quanto ao poeta do *Correio de Loanda* e editor de *A semana - folha hebdomadaria*, de Bengela, Pedro Machado, isto é, Pedro Félix Machado, foi autor de um livro de sonetos, *Sorrisos e desalentos*, de dois monólogos, *Beijos* e *Uma teima*, e do afamado romance *Scenas d'África*, editado em folhetins pela *Gazeta de Portugal* e *Gazeta da Tarde*, entre 1892 e 1893, e editado em 1892 em forma de livro (Ervedosa, 1979: 33), só aparecendo em Luanda, em 1907, publicado em

[186] O estudo mais completo sobre a obra de Cordeiro da Matta de que temos conhecimento encontra-se em Mário Antônio (1997: 85-110).

forma de folhetim em *O Angolense* de Eusébio Velasco Galiano. O romance trata, de modo realista, da sociedade angolana do final do século XIX. Pedro Machado é considerado por Mário Antônio "o pequeno Machado de Assis que Angola requeria no seu trânsito para o trabalho pós-escravo" (Oliveira, 1997: 85). Já Manuel Ferreira (1987: 22-23) considera que só a muito custo a obra de Pedro Machado se liberta do âmbito da literatura colonial. Pedro Machado era mestiço e trabalhou como advogado provisório e delegado do Ministério Público em Benguela, além de ter lecionado na Escola Principal de Luanda e de ter sido nomeado vogal do conselho inspetor de instrução pública. Consta também que escreveu mais dois trabalhos literários, *Atonias ou O Caso do bairo de Estefânia* e *Os dinheiros do comendador*, que não foram encontrados sequer por Mário Antônio.[187]

Um poeta de qual não conseguirmos nada saber foi A. E. de Souza Sampaio, que vimos publicar três poemas no *Correio de Loanda*. Seu estilo ultra-romântico, ao modo de um Álvares de Azevedo, empregando versos livres e brancos, sugere autenticidade e sensibilidade diferenciada.

Carlos Ervedosa, Manuel Ferreira e Mário Antônio destacam ainda diversos escritores que em nosso *corpus* não tiveram grande presença, como o poeta Faria Leal, João Cândido Furtado de Mendonça d'Antas, Joaquim Antônio de Carvalho e Menezes, Eduardo Neves, entre outros. Todavia, não é possível deixar de registrar aqui a figura de Alfredo Troni, apesar da impossibilidade de termos em mãos qualquer um dos periódicos que ele fundou ou dirigiu, tais como o *Jornal de Loanda* (1878), o *Mukuarimi* (1888) ou *Os Concelhos de Leste* (1891). Alfredo Troni era português, de São Martinho do Bispo, onde nasceu em 1845. Licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra e depois viveu em São Tomé e em Cabo Verde. Em 1873, radicou-se em Angola. A partir daí, passou a lutar pelo fim da escravidão naquela colônia e pela respeitabilidade dos valores locais angolanos por parte da metrópole. Foi eleito deputado para as cortes por Angola, porém a eleição foi anulada e Troni transferido para Moçambique. Descontente, o escritor abandonou suas atividades junto à adminstração colonial e passou a advogar em Luanda, onde morreu em 1904 (Ervedosa, 1979: 29-30).

De seu trabalho como escritor, destaca-se o romance realista *Nga Muturi - cenas da vida de Luanda*,[188] publicado pela primeira vez em capítulos no *Diário da Manhã*, de Lisboa. Alfredo Troni é considerado por alguns estudiosos o inaugurador da narrativa literária em Angola (Gomes & Cavacas: 1997: 36-37). Estava ligado por formação à intelectualidade portuguesa, tendo estudado em Coimbra quando ali se encontrava Eça de Queirós (Santilli, 1985: 10), além de ser amigo de Antero de Quental (Oliveira, 1997: 102). Porém, ligara-se por opção aos angolanos. Disso resultou ter sido um dos portugueses oitocentistas que primeiro e melhor souberam valorizar e discutir a realidade angolana. Fica aqui, pois, o registro de sua importante presença no cenário da imprensa angolana oitocentista, ainda que ausente nos textos aqui consultados.

---

[187] . Mário Antônio (1997:110-125) realiza uma detida análise de *Scenas d'África*.

Entre os nomes que então se destacavam, temos no cenário cultural angolano dois brasileiros: o médico Saturnino de Sousa e Oliveira e o jornalista Francisco Pereira Dutra. Ambos dedicaram-se ao estudo do quimbundo, o que revela um interesse lingüístico e antropológico que era marcante naqueles anos em diversos viajantes e, principalmente, nas atividades de diversas instituições, como, por exemplo, a Sociedade de Geografia de Lisboa ou, em se tratando de brasileiros, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro..

Outro estrangeiro que sobressai no cenário intelectual oitocentista angolano é o suíço Héli Chatelain, que habitou aquela colônia por diversos anos e publicou em Genebra em 1888-1889 uma *Kimbundu grammar* ,organizando também um livro de contos populares angolanos. Foi um dos mestres de Cordeiro da Mata e de muitos outros que se dedicaram ao estudo do quimbundo.[189]

Comprova-se, aqui, pois, as afirmações de Mário Antônio (1997: 51-83), quando demonstra que a dinâmica do universo literário angolano oitocentista contava com grupos diversificados, havendo, além da elite colonial comprometida com a metrópole, uma outra, formada em sua maioria por angolanos (brancos, nregros e mestiços), mas também por alguns europeus, tendo por proposta a caracterização e valorização da crioulidade. Atuava, portanto, em defesa do bem comum da comunidade angolana e em reação às imposições e descaso metropolitanos.

Menos que a distinção entre angolano e português, colonialista ou independentista, interessa para os propósitos deste trabalho que esses homens atuaram ativamente no cenário literário e cultural angolano no último quartel do século XIX, constituindo uma comunidade que dava seus primeiros passos na busca de estabelecer uma verdadeira vida letrada naquela colônia.

---

[188] . Com edição recente, de 1993, pela Edições 70, Lisboa.
[189] . Sobre Héli Chatelain e o estudo do quimbundo, ver Mário Antônio (1990: 69-122).

CAPÍTULO 12

O jornalismo literário e de ilustração em Cabo Verde

Quando os portugueses chegaram às ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde, não havia grupos autóctones que as habitasse. De clima árido, com pouca água doce disponível, tais ilhas não eram efetivamente um lugar fácil para se estabelecer. Todavia, o interesse luso restringia-se a certos pontos estratégicos da costa, ao estabelecimento de portos que pudessem controlar o comércio na área, para o que as condições geográficas da ilhas eram ideais. A população que se estabeleceu em Cabo Verde desde então foi levada para lá pelos portugueses. Esse foi o caso de escravos angolanos e guineenses, e dos próprios portugueses. Mas também diversos marinheiros do mundo todo ali ficaram por livre e espontânea vontade, lembrando ainda que os espanhóis e depois os franceses, quando em conflito com os portugueses, ali temporariamente se estabeleceram.

Isso tudo faz de Cabo Verde um lugar peculiar, sem a presença de populações e culturas originais, como acontecia com as colônias até aqui tomadas. Ainda que não estejamos em busca das especificidades de cada uma das colônias, importa ressaltar esse fato, uma vez que acaba por resultar em algumas peculiaridades.

1. *Literatura e cultura no Boletim Official*

Em 1842, instalou-se a imprensa em Cabo Verde e teve início a publicação do *Boletim Official do Governo Geral de Cabo-Verde*. O boletim teve vários títulos: *Boletim Official do Governo de Cabo Verde*, *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde* etc., mas, como os de outras colônias, será denominado apenas *Boletim Official de Cabo Verde*.

Seu primeiro número saiu em 24 agosto de 1842. Propunha-se como publicação bimensal e era impresso em Boa Vista, na Imprensa Nacional. Entre os boletins oficiais das colônias, foi talvez o que cumpriu um papel literário mais significativo, quer pela quantidade de matérias literárias publicadas, quer por ter sido o único veículo de escrita daquela comunidade até o final da década de 1870.

Já em 1843 estampava-se uma espécie de crônica sobre as notícias provenientes de jornais da Inglaterra, França, Espanha, Brasil, Cádiz etc. Era o mesmo que faziam os macaenses na seção

Jornal dos Periódicos. Em 1844, apresentou uma seção de variedades, onde se publicava, além das matérias filosóficas e educativas, textos sobre a reforma das penitenciárias, sobre higiene doméstica etc.

Até 21 de agosto de 1851, o boletim cumpriria um papel bastante profícuo em termos literários, publicando, além de crônicas e relatos de viagens, literatura ficcional e poesia. Havia uma orientação editorial evidentemente diferenciada, já que as matérias de caráter literário e cultural tinham lugar privilegiado, contrariando o perfil tradicional de um boletim, marcado pelo caráter legislativo e relatorial.

Como os outros boletins, foram definidas subdivisões no periódico: uma Parte Official e uma Parte Não Official, sendo que esta última, que nesses anos tomava praticamente toda a extensão do periódico, dividia-se em seções como Variedades, Correspondência, Interior, Exterior etc. Na parte não oficial, o boletim assemelhava-se muito ao modelo de jornalismo instituído por *O Panorama*, já que era evidente a preocupação em divulgar conhecimentos científicos e históricos, deixando algum lugar para a literatura e pouquíssimo espaço para a política.

Já de 1852 a 1868 a orientação era outra, bem mais próxima do modelo oficial, nada mais aparecendo de efetivamente literário e mesmo de científico e histórico. Em 1858, entretanto, reapareceu a seção de variedades, mas apenas com matéria de interesse agrícola e industrial.

Em 1871 passou a publicar uma espécie de crônica da semana, com notícias de Cabo Verde e do mundo em geral, de bastante interesse para a história caboverdiana. Na década de 1880, os interesses voltaram-se para a agricultura. Era, então, como acontecia mais acentuadamente nas colônias do eixo ocidental, a grande preocupação econômica portuguesa, que tentava encontrar uma cultura qualquer que se adaptasse ao clima de cada região colonial.

As relações culturais além-mar

Por meio dos anúncios do boletim, é possível estabelecer algumas relações mais estreitas de Cabo Verde com o Brasil, com Angola e naturalmente com Portugal. Anunciava-se o surgimento de novos jornais em Lisboa, sendo também anunciada a "Gazeta de Angola – Jornal da Africa Occidental Portugueza", de 1881, anúncio ao qual já fizemos referência quando tratamos dessa publicação no texto sobre o jornalismo em Angola. Como já fizemos notar, não era exatamente uma publicação angolana, já que era editada em Lisboa, mas estabelecia uma ponte entre essas colônias.[1]

Já o Brasil aparecia algumas vezes em meio à circulação de periódicos, notadamente na década de 1850. Do *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* foi extraído o artigo "Da combustão espontanea". Do *Diario do Governo*, que o retirara por sua vez do *Diario de Pernambuco*, temos

"A educação dos Estados-Unidos". De Correa das Neves, temos um outro extraído do *Diario do Governo*, que o retirara do *Guaycurú*, "Jornal Brasileiro" (como vinha indicado), intitulado "A astrologia juridica". É interessante registrar a circulação dos artigos entre os periódicos, notando que a imprensa brasileira chegava a Cabo Verde filtrada pela imprensa portuguesa.[2]

Nesse quadro de referências ao Brasil, lembremos também uns agradecimentos oficiais do vice-cônsul brasileiro João Antônio Martins aos cuidados despendidos com dois praças brasileiros no hospital da ilha de S. Vicente, além de uma crônica sobre a penitenciária de Fernando de Noronha, retirada da *Revue Maritime Coloniale*, que por sua vez a retirara do *Journal de la Société de Géographie*, de Londres. E mais uma vez chamava a atenção o circuito entre jornais, então em línguas diferentes, que um artigo podia percorrer.[3]

Sobre a imprensa cabo-verdiana, na década de 1860 apareceram vários anúncios sobre o balanço financeiro da Imprensa Nacional ultramarina, como a demonstrar sua viabilidade e mesmo rendimento econômico. Todavia, apareceu somente a relação das receitas, jamais a de despesas. De qualquer modo, era interessante essa preocupação em demonstrar a viabilidade econômica da Imprensa Oficial, como se houvesse alguma pressão no sentido de desqualificá-la.

Economia, história, geografia

A economia era um tema sempre presente no boletim. Apenas como exemplo, podemos lembrar que em 1849 apareceu um longo texto de Jordan Floyd, "Cultura e preparação do tabaco", que revelava o interesse pela viabilidade de tal cultura. Já num artigo sobre o comércio, de 1875, alguém que se assinava somente J. F. ofereceu-nos "Duas palavras sobre a theoria e pratica do commercio". Mas seria na década de 1880 que se revelaria um interesse mais constante pela questão econômica, passando a existir uma seção denominada Publicações Úteis, que estampava principalmente matéria sobre agricultura e indústria.[4]

Seriam, entretanto, a história e a geografia as matérias que teriam maior presença no boletim. Em 1843, estampava-se o longo trabalho "Memoria sobre as Ilhas de Cabo-Verde". No ano seguinte, apareceu a também extensa crítica em forma de cartas sobre a *Corographia Cabo-Verdiana*, de José Conrado Carlos de Chelmicki e de Francisco Adolfo de Varnhagem, crítica

---

[1] . José Barboza Leão, gerente, "O jornal de Lisboa", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1864, 2 abr., n.12, p.63-64.; "Gazeta de Angola - Jornal da Africa Occidental Portugueza", *op. cit.*, 1881, 27 ago., n.35, p.198.

[2] . *Diario do Governo* [*Diario de Pernambuco*], "Noticias diversas. A educação dos Estados-Unidos", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 6 abr., n.14, p.54-55; Corrêa das Neves, "A astrologia juridica", *op. cit.*, 1850, 27 abr., n.17, p.67-68; 4 mai., n.18, p.70-72; (*Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*), "Da combustão espontanea", *op. cit.*, 1851, 16 ago., n.66, p.264-266.

[3] . "Vice-consulado do Brazil na Ilha de S. Vicente", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1875, 21 ago., n.34, p.208; "Chronica", *op. cit.*, 1874, 12 dez., n.50, p.307-308

[4] . Jordan Floyd, "Cultura e preparação do tabaco", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1849, 24 nov., n.211, p.869-870; 1 dez., n.212, p.876; 8 dez., n.213, p.879-880; 15 dez., n.214, p.883-884; J. F., "Duas palavras sobre a theoria e pratica do commercio', *op. cit.*, 1875, 13 mar., n.11, p.78.

assinada por "Um Sempalhudo". Em 1845, teve lugar "Incinhate – Translado de uma Carta do Rei de Bissau Incinhate escripta ao Governador defunto Antonio Gomes Mena". Em 1847, retirado do *Magasin Pittoresque*, apareceu o texto "Turquia – Governo – Administração – Divan-Uléma & [?]", revelando o interesse por novas formas de governo.[5]

Nos anos de 1870, apareceu um longo artigo intitulado "Apontamentos para a topographia medica da ilha do mai., colligidos no anno de 1869 pelo Dr. Francisco Frederico Hopffer" e também a "Memoria sobre a ilha do Sal pelo delegado da junta da mesma Custódio Duarte".[6]

Já na década de 1880, teve lugar uma homenagem aos viajantes Capello e Ivens e, na seção Publicações Uteis, o texto "Recordações da Guiné".[7]

Esse conjunto de inserções fez do *Boletim Official de Cabo Verde* um precioso documento dos trabalhos geográficos e históricos que alguns portugueses e cabo-verdianos conseguiram realizar, apesar da constante falta de recursos para os mesmos.

Interessa também registrar alguns textos de filosofia publicados na década de 1840, como os seguintes: de De Gérando, "A historia da philosophia"; de Victor Cousin, "Principios philosophicos"; de Kératry, "Sentimento da imortalidade da alma"; ou ainda a "Introdução ao epitome das sciencias e das artes – por M. Hesse", traduzido por C. de M. Appariçio, já em 1850. Destaquemos aqui a presença de Victor Cousin, filósofo que muito influenciou a geração romântica na França, em Portugal e no Brasil. Não pudemos encontrar qualquer um de seus textos reproduzidos em nenhuma das outras colônias, o que, nesse caso, aproxima Cabo Verde de Portugal e do Brasil.[8]

---

[5] . "Memoria sobre as Ilhas de Cabo-Verde", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1843, 13 mai., n.29, p.116; 17 mai., n.30, p.119-120; 20 mai., n.31, p.122-124; 24 mai., n.32, p.128; 3 jun., n.34, p.134-136; 16 set., n.37, p.146-148; Um Sempalhudo, "Corographia Cabo-Verdiana, por J. C. C. de Chelmicki, e F. A. Vanhargem. Carta 1.", *op. cit.*, 1844, 1 jun., n.61, p.243-244; 22 jun., n.64, p.253-256; 29 jun., n.65, p.257-260; 6 jul., n.66, p.261-264; 13 jul., n.67, p.266-268; 20 jul., n.68, p.270-272; 21 set., n.74, p.295-296; 28 set., n.75, p.299-300; 26 out., n.79, p.315-316, 21 dez., n.87, p.347-348; 28 dez., n.88, p.350-351; 1845; 4 jan., n.89, p.355-356; 20 set., n.107, p.427-428; 11 out., n.110, p.438-440; Rei de Bissau, "Incinhate - Translado de uma Carta do Rei de Bissau Incinhate escripta ao Governador defunto Antonio Gomes Mena", *op. cit.*, 1845, 25 out., n.112, p.448; (Magasin Pittoresque), "Turquia. Governo - Administração - Divan-Uléma & [?]", *op. cit.*, 1847, 27 mar., n.180, p.741-742.

[6] . "Apontamentos para a topographia medica da ilha do mai., colligidos no anno de 1869 pelo Dr. Francisco Frederico Hopffer" [não pude ter as referências completas - publicado em 1871 em diversos exmeplares do boletim]; Custodio Duarte, "Memoria sobre a ilha do Sal pelo delegado da junta da mesma Custodio Duarte", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1874, 14 fev., n.11, p.59-60; 28 mar., n.13, p.73-74; 4 abr., n.14, p.79-80; 11 abr.,n.15, p.85-86; 18 abr., n.16, p.93-94; 23 abr., n.17, p.101-102.

[7] . "Capello e Ivens", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1880, 6 mar., n.10, p.74; "Comissão dos festejos organisados á chegada dos exploradores Capello e Ivens" [constituída por membros da Sociedade de Geografia de Lisboa], *op. cit.*, 1885, 19 set., n.38, p.231; "Recordações da Guiné", *op. cit.*, 1886, 6 mar., n.10, p.59-60; 13 mar., n.11, p.64-65 ; 20 mar., n.12, p.72-73; 27 mar., n.13, p.77-78 ; 3 abr., n.14, p.83-84; 10 abr., n.15, p.87; 2 out., n.40, p.205-206; 9 out., n.41, p.209-210; 30 out., n.44, p.226-227; 25 dez., n.52, p.259-260; 1887, 12 mar., n.11, p.53-54.

[8] . De Gérando, "A historia da philosophia", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1844, 21 set., n.74, p.296; Victor Cousin, "Principios philosophicos", *op. cit.*, 1844, 28 set., n.75, p.300; Kératry, "Sentimento da imortalidade da alma", *op. cit.*, 1844, 9 nov., n.81, p.324; "Introdução ao epitome das sciencias e das artes - por M. Hesse", *op. cit.*, 1850, 27 abr., n.17, p.66-67; 11 mai., n.19, p.74-75; 18 mai., n.20, p.81-82; 26 mai., n.21, p.83-84; 29 jun., n.26, p.106.

Ainda relativamente à filosofia, havia textos sobre religião, como o de M. D. Fraissinois, "Verdades do christianismo", um retrato de Jesus Cristo, um texto de Mme. Swanton Belloc, "As irmãs de caridade", ou ainda um outro artigo retirado do *Doze de Agosto*, "Religião e patriotismo". Formava-se, pois, um leque no qual o cristianismo se abria para a metafísica, para a ação social e para a identidade nacional, dando bem a medida do quanto a Igreja mantinha sua força em Cabo Verde e o quanto os literatos ali estabelecidos estavam ligados à vertente cristã do pensamento romântico, representada em Portugal por Herculano e na França, por Chateaubriand e Lamartine.[9]

Literatura e crítica literária

Literariamente, o boletim trazia textos bastante interessantes. De comentários bibliográficos havia, por exemplo, as considerações elogiosas sobre o livro *Os novissimos ou ultimos fins do homem*, de autoria do Barão do Castello de Paiva, que tratava da doutrina cristã e tinha por referência o padre Antônio Vieira, Manuel Bernardino, Heitor Pinto, Thomé de Jesus etc.[10]

Do presidente da Biblioteca e Museu Nacionais de Cabo Verde, Eduardo de Balsemão, apareceram as críticas: "As terras do céo", de Camille Flammarion, publicado em Paris, que tratava de astronomia, e "A educação das mulheres", comentando um texto de M. Paul Janet, também publicado em Paris, que abordava o tema de uma perspectiva bastante liberal.[11]

Extraído do *Diario do Governo*, que o extraíra, por sua vez, do *Curso de literatura dramática*, de Saint-Marc Girardin, teve lugar "Do suicidio no romance e no theatro", que discutia a literatura romântica, sobretudo *Werther*, concluindo que uma das principais fontes de inspiração do tema teve lugar na obra de Shakespeare. Também nos deparamos com o texto "Goethe e seus dramas", de X. Marmier, também extraído do *Diario do Governo*, dividindo a vida e a obra de Goethe em três fases e privilegiando a composição de *Fausto*, que perpassaria as três.[12]

Já no gênero *crônica*, havia um texto que descrevia as comemorações e um baile na cidade da Praia em 4 de julho, em despedida dos funcionários eclesiásticos, civis e militares que prestaram seus serviços durante um período de três anos (este, segundo se deduz do artigo, era o

---

[9] M. D. Fraissinois, "Verdades do christianismo", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1844, 30 nov., n.84, p.336; Retrato de Jesus Cristo, *op. cit.*, 1846, 11 abr., n.134, p.548; (Mme. Swanton Belloc.), "As irmãs de caridade", *op. cit.*, 1846, 14 ago., n.152, p.626; (Doze de Agosto), "Religião e patriotismo", *op. cit.*, 1864, 26 mar., n.11, p.55.

[10] . "Bibliographia - *Os novissimos ou ultimos fins do homem* pelo Barão do Castello de Paiva", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1866, 1 dez., n.48, p.242.

[11] . E. de Balsemão, "As terras do céo", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1884, 13 mar., n.11, p.57-58; 29 mar., n.13, p.65-66; 5 abr., n.14, p.71-72; E. de Balsemão, "A educação das mulheres", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1884, 19 jan., n.3, p.13-14.

[12] . Saint-Marc Girandin, "Do suicidio no romance e no theatro", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 16 mar., n.11, p.42-43; 23 mar., n.12, p.45-47; 30 mar., n.13, p.50-51; X. Marmier, "Goethe e seus dramas", *op. cit.*, 1850, 6 abr., n.14, p.53-54; 13 abr., n.15, p.57-58.

período de praxe de permanência de tais funcionários). A festa realizou-se na grande sala do Quartel do Batalhão de Artilharia de Primeira Linha:

> Durante a noute, e no intervallo das danças, serviram-se com profusão muitos e variados refrescos, liquores, e doces; e se recitavam diversas peças poeticas allusivas ao assumpto, como foram duas Odes pelo Sr. Capitão José Antonio Ferreira, uma Epistola do Sr. José Evaristo d'Almeida, que foi recitada por um seu amigo em consequencia daquelle Sr. se achar na Ilha do Sal: e por ultimo, ao finalisar o Baile, o que teve logar pelas tres horas da madrugada, foi recitada por um dos circumstantes, com uma commoção que era a expressão fiel de seus sentimentos e dos de toda a Assembléa que applaudiu com um *bravo* unisono, a seguinte peça de versos, de que não publicamos o A. por assim no-lo pedir por instancia.[13]

E reproduziu-se um poema sem título, em despedida a Francisco de Paula Bastos, que fôra governador da colônia até aquela data.

Também apareceu uma crônica sobre os festejos religiosos, assinada por G. A. da C. D., "Festas da semana santa na cidade da Praia", uma outra na qual se descreveu o histórico e a abertura da primeira exposição agrícola de Cabo Verde, realizada em 1881, e ainda vale lembrar aquela referente a "A recepção na Praia a Capello e Ivens", marcando a passagem daqueles viajantes e pesquisadores pelo arquipélago em 1885.[14]

Além desses, havia um texto traduzido, "O que é a Patria?", retirado das *Reflexões d'um emigrado*, de Xavier de Maistre, um outro imitado, "A Violeta", de S. M., que discutia os sentidos da referida flor, e um texto sem título, de J. M. A., sobre a efemeridade da vida, com epígrafe de João de Deus.[15]

Mas a crônica mais interessante que pudemos localizar foi a que relatava um curioso caso, de autoria de Antônio Duarte Silva, intitulada "O mar dos francezes – Lenda de Santo Antão".[16] O texto iniciava comentando um efeito natural da ilha de Santo Antão, onde o acúmulo de nuvens em determinado desfiladeiro dava a nítida impressão de existir ali um braço de mar. Descrevendo a ocupação que fizeram os franceses de certa região ao sul daquela ilha, narrava o seguinte caso: ao dirigirem-se para o norte com o intuito de expulsar os portugueses, ter-se-iam deparado com a ilusão acima referida e, acreditando tratar-se mesmo do mar, despencariam um a um no desfiladeiro na simples tentativa de se banharem. Daí o nome "mar dos franceses".

Como relatos de viagem, tiveram lugar a "Relação da viagem, e chegada a Mossamedes dos subditos Portuguezes, que n'aquela parte de Africa foram estabelecer uma colonia", extraído do

---

[13] . "Boletim Official - Interior - Villa da Praia, 4 de julho", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1845, 5 jul., n.105, p.419-420.

[14] . G. A. da C. D., "Festas da semana santa na cidade da Praia", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1870, 30 abr., n.18, p.123-124; A.S. M., "A Exposição Agricola da provincia de Cabo Verde em 1881", *op. cit.*,1881, 16 jul., n.29, p.163-164; "A recepção na "Praia" a Capello e Ivens", *op. cit.*, 1885, 12 set., n.37, p.222-223.

[15] . (Reflexões d'um emigrado, por Xavier de Maistre), "O que é a Patria?", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1846, 3 jan., n.120, p.488; J.M.A., [sem título - sobre a efemeridade da vida, com epígrafe de João de Deus], *op. cit.*, 1874, 7 fev., n.6, p.30; S. M., "A Violeta", *op. cit.*, suplemento ao n.38, s/p.

[16] . Antonio Duarte Silva, "O mar dos francezes. Lenda de Santo Antão", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1887, 15 out., n.42, p.205-206.

Boletim Official da Provincia de Angola, como veio indicado, e novamente de Eduardo de Balsemão o texto "Na Brava", que fazia inúmeros elogios àquela ilha.[17]

Entre 1847 e 1850, o *Boletim Official de Cabo Verde* apresentou uma seção literária digna de qualquer periódico lisboeta, estampando duas longas narrativas folhetinescas de autoria de Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos: "A bella virgem do Mondego ou as duas victimas" e "Um filho chorado – romance".[18] Infelizmente, apenas a primeira foi publicada na íntegra. Ambas pautavam-se por um romantismo exacerbado, ao modo de um Camilo Castelo Branco, sem, contudo, a mordacidade e a perspicácia dele. Eram histórias redigidas integralmente dentro do ultra-romantismo, passadas em Portugal, sendo que seu valor residia no fato de serem os primeiros textos literários de fôlego publicados originalmente em Cabo Verde, ainda que nada tivessem a ver com a realidade cabo-verdiana. O conto "A bella virgem do Mondego ou as duas victimas" é uma história de amor entre dois jovens com final trágico. O romance *Um filho chorado* passava-se no século XIV e descrevia as peripécias de armas e de amor de um nobre português em viagem pela Europa. Era um romance de ação e aventura, tendo ao meio um amor impossível e algum mistério.

Na arte do verso, deparamo-nos com poucos trabalhos. O primeiro deles, já referido, era aquele escrito em despedida a Francisco de Paula Bastos. Um outro, de José Evaristo de Almeida, "Ao Illmo. e Exmo. Sr. Francisco de Paula Bastos", também fazia as despedidas ao ex-governador.[19]

Encontramos ainda o romancista S. de P. Medina e Vasconcelos versando "Ao toutinegro", um pássaro que possivelmente tinha presença marcante em Cabo Verde, e também para "Violante", poema-conto que retratava a trágica trajetória de Heitor, que tinha uma esposa na África e outra em Portugal. [20]

Ainda em 1850, de Antônio Cézar de Vasconcelos Corrêa Júnior, recém-chegado à Ilha de Boa Vista, havia "Bernardino Ribeiro – Canto historico no album do meu amigo A. I. de Sousa Almada", poema narrativo e amoroso do qual só pudemos localizar o trecho inicial.[21] Uma nota

---

[17] . *Boletim Official da Provincia de Angola*, "Relação da viagem, e chegada a Mossamedes dos subditos Portuguezes, que n'aquela parte de Africaforam estabelecer uma colonia, extraido do Boletim Official da Provincia de Angola", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 5 jan., p.3; 5 jan., p.3 ; Eduardo de Balsemão, "Na Brava", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1874, 19 set., n.38, p.237; 26 set., n.39, p.244; 19 set., n.38, p.249-250.

[18] . S. de P. Medina e Vasconcellos, "A bella virgem do Mondego ou as duas victimas", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1847, 24 abr., n.184, p.757-758; 1 mai., n.185, p.762; 15 mai., n.187, p.769-770; 12 jun., n.191, p.786-788; S. de P. Medina e Vasconcellos, "Um filho chorado - romance", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 5 jan, n.1, p.3-4; 12 jan, n.2, p.7-8; 19 jan, n.3, p.12; 26 jan., n..4, p.15-16; 2 fev, n.5, p.19-20; 9 fev, n.6, p.23-24; 16 fev, n.7, p.27-28; 23 fev, n.8, p. 32; 2 mar, n.9, p.35-36; 9 mar, n.10. p.39-40; 16 mar, n.11, p.43-44; 6 abr, n.14, p.55-56; 13 abr, n.15, p.59-60; 11 mai, n.19, p.74-76; 1 jun, n.22, p.89-90; 8 mai, n.23, p.93-94; 15 jun, n.24, p.96-98; 22 jun, n.25, p.101-102; 5 out, n.40, p.160-162; 12 out, n.41, p.164-166; 19 out, n.42, p.169-170; 26 out, n.43, p.173-174; 2 nov, n.44, p.176-178; 9 nov, n.45, p.180-182.

[19] . [poema sem titulo], *Boletim Official de Cabo Verde*, 1845, 5 jul., n.105, p.420; José Evaristo d'Almeida, "Ao Illmo. e Exmo. Sr. Francisco de Paula Bastos", *op. cit.*, 1845, 12 jul., n.106, p.424.

[20] . S. de P. M. e V., "Ao toutinegro", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 16 fev., n.7, p.28; S. de P. M. e V., "Violante" (conto), *op. cit.*, 1850, 23 mar., n.12, p.47-48; 30 mar., n.13, p.52.

[21] . Cezar Vasconcellos, "Bernardino Ribeiro. Canto historico no album do meu amigo A. I. de Sousa Almada", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1850, 26 mai., n.21, p.85-86.

seguia a publicação do poema, na qual se afirmava que o trabalho já tinha sido entregue havia algum tempo pelo autor para publicação, porém "o pequeno tamanho d'este semanario" teria retardado sua efetivação. O fato revelava que, mesmo de tamanho modesto, o boletim parecia não carecer de contribuições para sua edição, o que revelava que, ao menos no aspecto literário, o boletim tinha sua agenda lotada.

Em Eduardo Balsemão e S. de P. Medina e Vasconcelos já temos dois nomes que muito trabalharam para a instituição da vida literária cabo-verdiana no século XIX.

2. *O jornalismo não oficial*

Na década de 1870, foram editados os periódicos *Independente* (1878) e *O Correio de Cabo Verde* (1879). Ambos foram publicados na cidade da Praia, sendo que do primeiro pudemos localizar um único exemplar, um suplemento do periódico de 7 de setembro de 1878. Ali é possível notar que a folha tinha tipografia própria localizada na rua do Sá da Bandeira, n. 98 a 100, e que se caracterizava por ser uma publicação exclusivamente política. Do segundo periódico não pudemos ter em mãos qualquer de seus exemplares.

A década de 1880

Abrindo a década de 1880, temos o *Eco de Cabo Verde*, do qual nada pudemos saber. Seguiu-se-lhe *A Imprensa – orgão do commercio, industria e agricultura das colonias portuguezas*. Esse era um semanário editado em tipografia própria, tendo por redator principal Luís Frederico de Barros e por administrador Antônio de Faria Brito. Era um periódico político e informativo, que noticiava fatos ocorridos em Cabo Verde, Portugal e França, insertos em seções distintas. Trazia bastante literatura, pois, além do folhetim de rodapé, apresentava em diversos números uma Secção Litteraria, com contos e narrativas em geral.

Nos poucos exemplares que pudemos consultar da coleção de *A Imprensa*, vale registrar, por exemplo, um artigo sobre botânica, de Henrique d'Arpoare, tratando da arborização de Cabo Verde com o emprego do tamarineiro, o que revelava mais uma vez a preocupação de diversificar as culturas agrícolas no arquipélago em proveito de sua economia. Em educação, apareceu um artigo sobre a abertura de um curso de caligrafia, desenho e pintura pelo prof. Antônio Maria Smith Chaves e, já tangenciando a literatura, havia um anúncio de venda do "*Almanack pariziense* – album litterario e artistico em lingua portugueza para o anno de 1882".[22]

[22] . Henrique d'Arpoare, "Secção Botanica - Arborisação da Provincia de Cabo Verde - O Tamarineiro - Tamarix Africano, de Linneo", *A Imprensa*, 1880, 30 dez, n.27, p.2-3; "Instrucção" [sobre a abertura de um curso de caligrafia, desenho e pintura pelo prof. Antonio Maria Smith Chaves], *op. cit.*, 1881, 7 jul, n.54, p.5; "*Almanack pariziense* - album litterario e artistico em lingua portugueza para o anno de 1882", *op. cit.*, 1881, 7 jul, n.54, p.5.

Em matéria de crônicas, apareceu do próprio editor Francisco de Barros o texto "24 de dezembro – Natal", dedicado "aos seus extremosos amigos Theodoro Segismundo Silva, Souza Berostrõm, Reverendo Padre Luiz Sant'anna Chuva como prova do mais entranhado affecto e da mais saudosa recordação" e a de Guilherme de Cabo Verde, "O que vae por S. Vicente", que comentava os festejos de S. João, com romaria ao porto dos Carvoeiros, reunindo-se ali mais de cinco mil pessoas numa festa que durou três dias. Ao notar que todos dormiram ao calor das fogueiras, observou que quem ganharia com a festa seria a estatística, no item "nascimentos". "Amôr a toque de tambôr" era o que todos queriam, segundo o cronista. Entretanto, a festa acabou em pancadaria. Na segunda parte da crônica, satirizava alguma sub-autoridade local com mania de grandeza, a quem apelidou de rei Midas.[23]

Em matéria de contos, temos a tradução anônima do italiano, "Viagem á roda d'uma cadeira", que no título parodia a *Viagem à roda de meu quarto,* de Xavier de Maistre, tratando de modo satírico a invenção e utilização da cadeira. De um certo Gilberto, extraído do *Progresso do Algarve*, "Um capitulo da arte de furtar", que narrava o golpe de um vigarista, com ação ambientada em Cintra. De Francisco J. Ferreira Santos, "O naufragio da barca austriáca *Eagle* – ao meu prezado amigo, o exmo. sr. dr. Socrates da Costa", do qual só pudemos localizar um trecho e que efetivamente descrevia minuciosamente o naufrágio.[24]

Na seção folhetim, temos novamente de Guilherme de Cabo Verde, "Amor! Ai! Quem dera (Offerece a * * *)", que narrava uma história de amor ambientada em Cabo Verde e na Guiné e da qual infelizmente só conseguimos ter em mãos o trecho inicial. De G. Dantas, "A morte de D. João – memorias do hospital ao meu amigo Francisco Xavier Crato", que era uma narrativa bem-humorada, também ambientada em Cabo Verde e da qual só pudemos consultar as partes II e IV.[25]

No que dizia respeito a versos, havia, publicado na seção Folhetim, o poema "Vozes d'Africa", do livro *O escravo*, de Castro Alves, possivelmente a primeira reprodução do texto de um escritor brasileiro em Cabo Verde. Também apareceu um soneto satírico assinado por "D. (Nos Orgãos)" e intitulado "Á sombra da larangeira".[26]

Constata-se, pois, o quão *A Imprensa* interessa para a literatura em Cabo Verde, pois iversos dos textos ficcionais ali publicados já ambientavam suas tramas no próprio arquipélago. emos aí certamente o primeiro grupo de escritores que, sem grande alarde, trataram de incluir a

---

23 . F. de Barros, "24 de dezembro - Natal", *A Imprensa*, 1880, 30 dez, n.27, p.1-3; Guilherme de Cabo Verde, "O que vae por S. Vicente", *op. cit.*, 1881, 7 jul, n.54, p.3.

24 . "Viagem á roda d'uma cadeira", *A Imprensa*, 1881, 7 jul, n.54, p.3; Gilberto, "Um capitulo da arte de furtar" [completo], *op. cit.*, 1881, 7 jul, n.54, p.4; Francisco J. Ferreira Santos, "O naufragio da barca austriáca *Eagle* - ao meu prezado amigo, o exmo. sr. dr. Socrates da Costa" [incompleto], *op. cit.*, 1881, 23 jun, n.52, p.3.

25 . Guilherme de Cabo Verde, "Amor! Ai! Quem dera (Offerece a * * *)", *A Imprensa*, 1881, 28 abr, n.44, p.1-2; G. Dantas, "A morte de D. João - memorias do hospital ao meu amigo Francisco Xavier Crato", *op. cit.*, 1881, 23 jun, n.52, p.1-2; 7 jul, n.54, p.1-2.

26 . Castro Alves, "Vozes d'Africa - O Escravo", *A Imprensa,* 1881, 13 jan, n.29, p.1-2; D. (Nos Orgãos), "A sombra da larangeira", *op. cit.*, 1881, 7 jul, n.54, p.5.

realidade cabo-verdiana em suas obras. A presença de Castro Alves também era significativa, já que trazia a referência nacionalista e a antiescravista.

A Justiça e continuidade de A Imprensa

A Justiça apareceu no ano seguinte ao do surgimento de *A Imprensa*, em 1881, e também era editado na Cidade da Praia. Tinha por proprietário e editor L. F. de Barros, isto é, Luís Frederico de Barros, o mesmo editor de *A Imprensa*, fazendo supor que esta publicação veio substituir aquela. Era periódico político e de notícias, aparentemente com menos espaço para a literatura, sendo que em sua introdução trazia por lema a tríade "liberdade, igualdade, fraternidade", isto é, o lema do liberalismo, e afirmava:

> A *Justiça* tem por dever inquebrantavel defender a causa do povo cabo-verdeano e s'abstem de tudo quanto seja politica local para advogar strenuamente os seus direitos e interesses; não permanece, porém, silenciosa sobre qualquer dos assumptos que a opinião publica lhe offerecer para delucidar e resolver.[27]

Trazia uma seção de Variedades, onde era publicado "Os malditos – ao meu amigo Luiz Frederico de Barros", crônica que tematizava o homem que não aceita os dogmas do cristianismo e da civilização. É um tratamento genérico do tema, aparentemente não endereçado a qualquer personalidade específica da comunidade cabo-verdiana.[28]

Aparecem duas saudações ao periódico, uma assinada por S. F. e a outra por A. Brito, isto é, Antônio de Faria Brito, que já aparecera como administrador de *A Imprensa*.[29]

Vale notificar ainda o anúncio do folheto de versos de Leite de Vasconcelos, consagrado a Victor Hugo e saído no Porto.[30]

O Almanach Luso-Africano e a integração entre as colônias

Em 1894, apareceu o *Almanach Luso-Africano*,[31] uma publicação de forte caráter literário. Era um anuário editado na ilha de S. Nicolau pelo padre Antônio Manuel da Costa Teixeira e impresso em Paris, na Typ. Guillard, Aillaud & Cia. Em 1899, saiu seu segundo exemplar. Conforme Manuel Ferreira (1987: 25, nota 13), pode ter saído ainda um outro número em 1901, além de um suplemento intitulado *Esperança*. Só pudemos localizar o de 1899.

---

27 . [L. F. de Barros], "Cidade da Praia, 16 d'abril de 1881", *A Justiça*, 1881, 17 abr., n.1, p.1.
28 . "Os malditos - ao meu amigo Luiz Frederico de Barros", *A Justiça*, 1881, 17 abr., n.1, p.2.
29 . S. F., "Saudação", *A Justiça*, 1881, 17 abr., n.1, p.2-3; A. Brito, "Saudação", *A Justiça*, 1881, 17 abr., n.1, p.3.
30 . "A Victor Hugo", *A Justiça*, 1881, 17 abr., n.1, p.3.
31 . Na Biblioteca Nacional de Lisboa, há duas outras cotas dessa publicação que não tivemos a oportunidade de consultar (cotas L. 10370 P. e L. 11559 P.). Todavia, tudo indica que são cópias do mesmo exemplar por nós consultado.

O *Luso-Africano* era uma espécie de sociedade que, além de editar seu almanaque, patrocinava concursos literários e pictóricos para crianças, jovens e adultos, para homens e mulheres. Também organizava um bazar de caridade.

É curioso notar que entre os concursos literários para adultos encontrava-se um de epigramas, justificando a grande quantidade desses no seu almanaque.[32]

As matérias dessa publicação que interessam aos propósitos deste trabalho podem ser divididas, *grosso modo,* em cinco tópicos: variedades, ciência, educação, artes e literatura. Lembremos que textos sobre educação já foram comentados quando tratamos do ensino do português em Cabo Verde. Resta-nos, pois, comentar os outros tópicos.

O que entendemos por "variedades" pode ser exemplificado com os textos: "A memoria", de N. M., que falava genericamente dessa faculdade humana, citando várias personalidades famosas pelo prodigioso exercício da mesma; "Notabilidades scientificas", do pe. Miguel, de Santo Antão, que relacionava a origem social de grandes cientistas; "Egrejas", que dava uma relação das maiores do mundo; "Velocidade dos comboios em Portugal", que fornecia uma tabela de estações e velocidades; "Almanach Luso-Africano", com diversas curiosidades, como comer carne de crocodilo, o mais antigo auto de casamento, caça à perdiz, usos do petróleo etc. Em matéria de conhecimentos úteis, temos o texto de D. João do Amaral, "Modo de bem fazer a barba".[33]

Em ciência, podemos subdividir as matérias em: tecnologia, botânica e ciências sociais, sendo esta última, por sua vez, subdividida em direito, geografia humana, história, costumes e sociedade.

Na área técnica, temos os artigos "Argamassa americana para muros", de F. Santos; "Os ratos (Agentes motores industriaes)", extraído da *Encyclopedia das familias*; "A photographia das cores", que fora criada por Lippmann; "O emprego da almofaça", de F. Santos, em eqüinologia; "Adamastor", de Q. A. de J., que tratava de um novo e monumental navio assim designado.[34]

De botânica, apareceram dois artigos: "O mancarra-amendobi", leguminosa cultivada na Guiné e em Angola com sucesso, e "Algumas arvores e produções vegetaes de Angola", que apresentava toda uma classificação das culturas vegetais em Angola por região. Tais artigos revelavam que os cabo-verdianos estavam atentos ao que acontecia economicamente nas colônias vizinhas, certamente visando estimular a busca de opções agrícolas viáveis para as ilhas.[35]

---

[32] . "Os concursos do *Luso-Africano*", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.16-17.

[33] . "A memoria", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.31; Pe. Miguel, "Notabilidades scientificas", *op. cit.*, 1899, p.64-65; "Egrejas", *op. cit.*, 1899, p.70; "Velocidade dos comboios em Portugal", *op. cit.*, 1899, p.75; "Almanach Luso-Africano", *op. cit.*, 1899, p.107-108; D. João do Amaral, "Modo de bem fazer a barba", *op. cit.*, 1899, p.42-43.

[34] . F. Santos, "Argamassa americana para muros", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.52; "Os ratos (Agentes motores industriaes)", *op. cit.*, 1899, p.78; "A photographia das cores", *op. cit.*, 1899, p.492-494; F. Santos, "O emprego da almofaça", *op. cit.*, 1899, p.57; Q. A. de J., "Adamastor", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.400.

[35] . "O mancarra-amendobi", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.239-241; "Algumas arvores e produções vegetaes de Angola", *op. cit.*, 1899, p.247-248.

Em direito, temos o "Codigo civil portuguez", sobre a definição de "prova judicial", e em política, "O voto", que comentava o caso de um reverendo inglês que pôde votar 23 vezes por ter propriedades em diversos distritos eleitorais. Eram apenas comentários jurídicos e políticos, sem qualquer intenção maior do que a de apresentar um fato curioso ao leitor.[36]

De geografia humana, tiveram lugar vários artigos: de Guilherme de Souza, "Portugal (breve esboço geographico)", com informações elementares sobre a geografia e a história de Portugal; do cônego J. da Silva Caetano, "A ilha de S. Nicolau", trazendo gravura da vila da Ribeira Brava e informações históricas sobre as igrejas locais; de Ernesto de Vasconcelos (Capitaine), escrito em francês, "S. Vicente de Cabo-Verde", que dava notícia (de um modo um tanto ufanista) do movimento do porto de S. Vicente e exaltava as qualidades do arquipélago, apresentando ainda uma gravura do porto.[37]

Mas era a disciplina de história a matéria privilegiada pelo almanaque, aparecendo alguns estudos biográficos, como o de Manoel Pinheiro Chagas sobre Vasco da Gama e o de J.-S. Afra, "Á memoria do Dr. Julio José Dias". Apareceu ainda, em comemoração dos 400 anos de Vasco da Gama, o texto "A India", de Oliveira Bouças, datado de 1898. Sobre temas genéricos, temos: de H. F. de N., "A historia da França em mil palavras"; um texto retirado da *Encyclopedia da familia*, "A canna de assucar e a primeira cruzada"; um artigo anônimo sobre a "Villa da Ribeira Grande da Ilha de Sto. Antão", fornecendo alguns dados históricos sobre a ilha; de Antônio Lino Neto, "A idade média", contestando a visão de ser esse o período das trevas, tomava por referência a baixa Idade Média e o Renascimento; de D. Antônio da Costa, retirado da *Encyclopedia da familia*, "O seculo XIX", apontando para o desenvolvimento científico e tecnológico em contradição com a decadência dos valores morais e religiosos; de J. A. Pinto, "Boa-Vista – Egreja de Santa Izabel", com alguns dados sobre a história do edifício, sendo ilustrado por uma gravura do mesmo.[38]

Em matéria de filosofia, temos de Oliveira Bouças, o artigo "Septicismo", condenando tal procedimento, e apenas alguns pensamentos em forma de assertivas, máximas, preceitos morais e provérbios (indianos), muitos deles anônimos e outros de autoria de Napoleão, do Dr. Wooldz e de Rodrigo de Bastos.[39]

---

[36] . "Codigo civil portuguez", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.52; "O voto", *op. cit.*, 1899, p.55.

[37] . Guilherme de Souza, "Portugal (breve esboço geographico)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.241-243; J. da Silva Caetano, "A ilha de S. Nicolau", *op. cit.*, 1899, p.287-289; Ernesto de Vasconcellos (Capitaine), "S. Vicente de Cabo-Verde", *op. cit.*, 1899, p.422-424.

[38] . Manoel Pinheiro Chagas, "D. Vasco da Gama", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.6-8; J.-S. Afra, "Á memoria do Dr. Julio José Dias", *op. cit.*, 1899, p.319-321; Oliveira Bouças, "A India", *op. cit.*, 1899, p.113; H. F. de N., "A historia da França em mil palavras", *op. cit.*, 1899, p.38-41; "A canna de assucar e a primeira cruzada", *op. cit.*, 1899, p.110; "Villa da Ribeira Grande da Ilha de Sta. Antão", *op. cit.*, 1899, p.124; Antonio Lino Neto, "A idade média", *op. cit.*, 1899, p.518-519; D. Antonio da Costa, "O seculo XIX", *op. cit.*, 1899, p.522-523; J. A. Pinto, "Boa-Vista - Egreja de Santa Izabel", *op. cit.*, 1899, p.61-63.

[39] . Oliveira Bouças, "Septicismo", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.26-27; "Pensamento", *op. cit.*, 1899, p.94; Dr. Wooldz, "Pensamentos", *op. cit.*, 1899, p.49; "Pensamentos", *op. cit.*, 1899, p.67; anônimo e Napoleão "Pensamentos", *op.cit.*, 1899, p.80; Rodrigues de Bastos, "Maximas", *op. cit.*, 1899, p.74; anônimo e Rodrigo de Bastos, "Maximas", *op. cit.*, 1899, p.89; "O Decalogo de Lynneu", *op. cit.*, 1899, p.156; "Proverbios indianos", *op. cit.*, 1899, p.298.

Em matéria de costumes e crenças, temos um artigo anônimo, "Uma povoação singular", descrevendo as povoações subterrâneas do Djbel Matmata, na Tunísia. Do padre João Alexandre Rulhe, de Lisboa, apareceu "Crenças africanas – creação do homem", que trazia explicações para a distinção entre negros e brancos, sendo uma delas aquela que aparece em *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Do mesmo padre, temos também "Crenças africanas – a morte", tentando demonstrar que os feiticeiros manipulavam tais crenças em proveito próprio.[40]

Já no que concerne à sociedade, apareceu um diálogo intitulado "Socialismo", que satirizava os socialistas; um texto sobre a escravidão, "A escravatura na Africa", que denunciava que ainda existiriam cerca de 50 milhões de escravos na África, figurando a própria Inglaterra entre as nações coniventes com tal situação; e um texto assinado por H. O. da Costa Andrade, da Cidade da Praia, sobre as "Associações", ressaltando o papel fundamental que as associações (civis, religiosas, de classe etc.) têm na educação de um povo e no seu aprimoramento.[41]

Artes

Em artes cênicas, temos de F. Costa, de Lisboa, o artigo "O theatro", que condenava a falta de valores morais nos espetáculos contemporâneos. É curiosa a publicação de um texto censurando as peças teatrais numa terra onde raramente se viam representações do gênero. De qualquer modo, a moral e os bons costumes eram a tônica das matérias do almanaque, revelando aqui também o mesmo perfil.[42]

Quanto à música, apareceu "O choriphone-contrabaixo de Dumont", retirado do *Andelys-Eure-França*, que apresentava o instrumento (um tipo de órgão) e as seguintes partituras: "Nho Meguel Pulnâro – Galope – Ilha de Santo Antão – Paúl", com letra em crioulo de Santo Antão; "Nho Meguel Pulnâro – Galope – Ilha de Santo Antão – Paúl", letra e música em crioulo de Santo Antão, de João Baptista Leite, da ilha de S. Vicente, "Lydia – Valsa"; do cabo-verdiano A. S. Oliveira, "Os anos de Geninha – polka" e "Valsa offerecida a D. Mimi Vera-Cruz por accasião de seu anniversario natalicio, por A. S. Oliveira. – (Bôa-Vista)"; de A. da C., também de Cabo Verde, acompanhada de letra, a partitura "Nhô Braz Sorteau – lamentação de uma viuva de Braga, á morte de seu marido, chamado Braz, residente em Jaracunda da mesma, por occasião do sahimento" (a letra da cantiga era em crioulo da ilha da Brava, aparecendo na seqüência a tradução em português). Lembremos ainda uns versos em homenagem à Música, escritos pelo

---

[40] . "Uma povoação singular", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.32-33; Pe. João Alexandre Rulhe, "Crenças africanas - creação do homem", *op. cit*, 1899, p.60; Pe. João Alexandre-Rulhe, "Crenças africanas - a morte", *op. cit.*, 1899, p.446.

[41] . "Socialismo", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.393; "A escravatura na Africa", *op. cit.*, 1899, p.273; H. O. da Costa Andrade, "Associações", *op. cit.*,1899, p.474-476.

[42] . F. Costa (Lisbôa), "O theatro", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.294-295.

cabo-verdiano Antônio Maria e intitulados "Elementos de musica", que foram dedicados às escolas da "Associação Escola Esperança".[43]

Em matéria de gravuras, o almanaque era, para o tamanho do volume (574 páginas), pouco ilustrado. Temos ali as seguintes gravuras: "Vasco da Gama", "Morte de S. José", "Egreja da Boa-Vista", "Arte de fazer sombras (segundo trewey)", "S. Nicolau (Ribeira Brava), Basbaque", "Villa da Ribeira Grande (Sto. Antão)", "Seminario de Cabo-Verde", "Villa da Ribeira Brava (S. Nicolau)", "Dr. Julio José Dias" (imagem de seu túmulo), "Adoração dos magos", "O gosto" (gravura que se destacava estilisticamente), "Cruzador 'Adamastor' offerecido ao Governo por subscrição nacional", "São Vicente (Mindelo)", seis quadros satíricos com legendas de falas embaixo, tratando da perseguição de um bandido, "Alfandega da Bôa-Vista", "Santa Hidelgarda", "Ilheu Sal-Rei (Bôa-Vista)" e "A Sagrada Familia (Van-Dick)".[44]

Literatura

Pela literatura ficcional e em versos, o almanaque revelava grande interesse e empenho. Era, naturalmente, uma literatura de ocasião (relacionada muitas vezes a datas, eventos, acontecimentos, comemorações etc.) e marcadamente convencional, correspondendo ao virtual gosto do leitor. A maior inventividade aconteceu nos jogos métricos das charadas e dos enigmas.

Comecemos pelas questões ali levantadas em torno da própria língua portuguesa. Assim é que temos em filologia o artigo de C. N., "Hurrah!". Em prosódia, o de A. da C., "Prosodia portugueza", tratando do "valor absoluto, ou normal, das letras", e, do mesmo autor, "Orthographia popular". Ambos os textos escritos em Cabo Verde, segundo vinha subscrito. De Mathias da Luz Soares, temos "Da pronunciação ao tempo de fallar", e, de O. L., algumas "Lições da lingua materna", isto é, lições do português culto. De J. O. P., apareceu a "Participação (classica) (De um regedor ao respectivo administrador)" e, de A. C. L., de Boa Vista, a "Erudição *sui generis*", ambos dando exemplos de usos indevidos e cômicos do português. Como artigos

---

43 . "O choriphone-contrabaixo de Dumont", *Almanach Luso-Africano,* 1899, p.225; "Nho Meguel Pulnâro - Galope - Ilha de Santo Antão - Paúl", *op. cit.*, 1899, p.251; João Baptista Leite (S. Vicente), "Lydia - Valsa", *op. cit.*, 1899, p.370; Por A. S. Oliveira, "Os anos de Geninha - polka", *op. cit.*, 1899, p.305; A. S. Oliveira, "Valsa offerecida a D. Mimi Vera-Cruz por accasião de seu anniversario natalicio, por...", *op. cit.*, 1899, p.9; A. da C., "Nhô Braz Sorteau - lamentação de uma viuva de Braga, á morte de seu mrido, chamado Braz, residente em Jaracunda da mesma, por occasião do sahimento", *op. cit.*, 1899, p.12-15; Antonio Maria (Cabov.) (Cabo-Verde), "Elementos de musica", *op. cit.*, 1899, p.130-135.

44 . "Morte de S. José", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.21; "Egreja da Boa-Vista", *op. cit.*, 1899, p.62; "Arte de fazer sombras (segundo trewey)", *op. cit.*, 1899, p.82-83; "S. Nicolau (Ribeira Brava), Basbaque", *op. cit.*, 1899, p.155; "Villa da Ribeira Grande (Sto. Antão)", *op. cit.*, 1899, p.265; "Seminario de Cabo-Verde", *op. cit.*, 1899, p.272; "Villa da Ribeira Brava (S. Nicolau)", *op. cit.*, 1899, p.288; "Dr. Julio José Dias" [imagem de seu túmulo], *op. cit.*, 1899, p.320; "Adoração dos magos", *op. cit.*, 1899, p.328; "O gosto", *op. cit.*, 1899, p.344; "Cruzador 'Adamastor' offerecido ao Governo por subscrição nacional", *op. cit.*, 1899, p.401; "São Vicente (Mindelo)", *op. cit.*, 1899, p.423; [seis quadros com legendas de falas embaixo, tratando da perseguição de um bandido - satírico], *op. cit.*, 1899, p.430-432; "Alfandega da Bôa-Vista", *op. cit.*, 1899, p.562; "Santa Hidelgarda" [texto homônimo, p.488-489], *op. cit.*, 1899, p.489; "Ilheu Sal-Rei (Bôa-Vista)", *op. cit.*, 1899, p.537; "A Sagrada Familia (Van-Dick)", *op. cit.*, 1899, p.553.

completamente anônimos tiveram lugar a "A origem da palavra mandarim", que é portuguesa, e "Phonographia", sobre ortografia e pronúncia. Sobre retórica, temos de D. João de Amaral e Pimentel, "Da conversação", e ainda apareceu um elogio à literatura de J. M. Latino Coelho, intitulado "A palavra".[45]

No que concerne ao crioulo de Cabo Verde, havia também diversos textos reproduzindo alguns deles ou comentando-os. Do Tio Joaquim e de A. da C. (provavelmente o próprio editor do periódico, o padre Antônio Manuel da Costa Teixeira), havia o "Criôlo – Ilha de St. Antão", uma tradução de um artigo do *Almanach de Lembranças* para 1894, página 297, aparecendo uma breve narrativa em crioulo e em português. Novamente de A. da C., temos o texto "Criolo de Santo Antão (Cabo-Verde)", também retirado do *Almanach de Lembranças* de 1894, p. 289. De A. de C., com o mesmo indicativo de Tio Joaquim, "Criolo – Sto. Antão", sendo uma tradução do artigo da página 385 do mesmo almanaque. De Antônio José Maria Barbara da Virgem, também de Santo Antão, apareceu uma carta em crioulo. De Draco, temos o "Criolo de Santo Antão", outra tradução de um artigo saído no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* em 1864, página 289. Finalmente, de "Um logista (europeu)", tendo colaboração de A. da C., também em Santo Antão, apareceu "A confissão por um canudo (Tradição oral do seculo XVIII)", onde o português e o crioulo se alternavam dialogicamente. Pires Laranjeira (1995: 61) observou que a estrutura dialógica é recorrente nos poemas oitocentistas angolanos que empregavam o português e o quimbundo, fazendo crer que o uso de falares regionais na literatura de língua portuguesa respeitava então algumas constantes.[46]

De São Tomé apareceu um texto em crioulo, assinado por A. C. e intitulado "Dialectos indigenas (S. Thomé – Poesia)".[47]

Da Guiné, temos algumas quadras de versos em crioulo guineense, seguidas de comentários de Marcelino Marques de Barros, que tratam de três gêneros de versos distintos: mandingas, balantas e biafadas.[48]

Ainda de M. M. Alves da Silva, apareceu o artigo "Dialectos indigenas (Manatuto)", que reproduzia orações católicas em manatuto.[49]

---

[45] . C. N., "Hurrah!", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.94; A. da C., "Prosodia portugueza", *op. cit.*, 1899, p.160-163,172-174, 187-191, 316-318, 386-387; A. a C., "Orthographia popular", *op. cit.*, 1899, p.280-282; Mathias da Luz Soares, "Da procunciação ao tempo de fallar", *op. cit.*, 1899, p.300-301; O. L., "Lições da lingua materna", *op. cit.*, 1899, p.249; J. O. P., "Participação (classica) (De um regedor ao respectivo administrador)", *op. cit.*, 1899, p.51; A.C.L., "Erudição sui generis", *op. cit*, 1899, p.270;; "A ogirem da palavra mandarim", *op. cit.*, 1899, p.231; "Phonographia", *op. cit.*, 1899, p.267-269.[45]

[46] . Tio Joaquim e A. da C., "Criôlo - Ilha de St. Antão", *Almanach Luso-Africano,* 1899, p. 29; A. da C., "Criolo de Santo Antão", *op. cit.*, 1899, p.112; Antonio José Maria Barbara da Virgem, Santo Antão, 14 de *set.* de 93, "Creoulo - (Cartas) (Sto. Antão)", *op. cit.*, 1899, p.327; Draco, "Criolo de Santo Antão", *op. cit.*, 1899, p.363; Tio Joaquim e A. da C., "Criolo - Sto. Antão", *op.cit.*, 1899, p.408; Um logista, "A confissão por um canudo (Tradição oral do seculo XVIII)", *op. cit.*, 1899, p.447-450.

[47] . A. C., "Dialectos indigenas (S. Thomé - Poesia)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.337;

[48] . Go. Marcellino de Barros, "Dialectos indigenas (Guiné Portugueza) poesia - mandingas", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.127; M. Marques de Barros, "Dialectos e poesia indigenas (Guiné portugueza) Balantas", *op. cit.*, 1899, p.275-276; Marcellino de Barros, "Dialectos indigenas (Guiné portugueza) poesia - biafadas", *op. cit.*, 1899, p.377.

De narrativas de viagem, apareceram: de M., "A pesca do piraracú", retirado de *Viagens no sertão do Amazonas*, de Bernardo da Costa e Silva, e "Um passeio ao monte gordo", de Francisco Arrobas Crato, datada de Cabo Verde, 1897. [50]

Como narrativas marcadamente cristãs, podemos citar as de A. d'Almeida Netto, "O mysterio da trindade"; de Lilasia, "Orando..."; o conto bíblico sobre "Jacob pedindo a mão de Rachel", e uma carta supostamente inédita do padre Antônio Vieira (de 4 de março de 1654), na qual Vieira respondeu esplendidamente se é melhor um ou dois governantes para governar um Estado. Ainda de Vieira temos "O homem e o mundo", no qual, estabelecendo um jogo entre dentro e fora, dava a complexidade das relações estabelecidas entre o ser humano e sua existência. Fechando as narrativas cristãs, temos uma do padre Miguel, "Como se enriquece o espirito", e outra, anônima, "Uma prophecia phrenologica", que tratava de um caso supostamente verídico e coevo do almanaque.[51]

De narrativas morais, temos: de Latino Coelho, "Semeia o pae para que o filho colha"; os contos de Schmidt, "As moscas e as aranhas" e "A couve"; um trecho da "Carta da guia dos casados"; de João da Matta Carvalho, cabo-verdiano, "A avesinha"; e o caso moral "Um frade e um banqueiro", retirado do *Journal d'Anvers*.[52]

Resta-nos ainda referir a narrativa de Henri Lasserre, "Monsenhor Peyramale", sobre o cotidiano de um padre bondoso, mas bastante rígido; de Adelina Cabral Varella, da Ilha do Maio, "Nota extrahia d'uma velha... carteira", dedicada ao exmo. sr. Pedro José Delgado, narrando, de modo satírico, a aventura de três comerciantes cabo-verdianos que, por venderem ilegalmente aguardente a um navio americano, tomaram uma sova do capitão do mesmo navio.[53]

Em matéria de crônicas, apareceu o texto de Sara Mendes, datado da "Brava, dez. 1894" e intitulado "Noite!", que sobrepunha diversas imagens românticas da noite; de Victor Hugo, "O que é o homem...", sem indicação do tradutor, que tematizava a arrogância humana perante Deus; de Senna Freitas, "O campo", opondo o bem do campo ao mal da cidade; de Júlio de Castilho, um elogio a "Maria!"; de P. M., uma visão romântica da "A morte"; de Manuel Xavier P. Barreto, de Tamandaré, Pernambuco, "Brasil – Recordações do passado (A Cancio Prazeres)", sobre a felicidade passada; de A. J. d'Oliveira Bouças, "O outono", que relacionava a melancolia

---

[49] . M. M. Alves da Silva "Dialectos indigenas (Manatuto)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.324-325.
[50] . "A pesca do piraracú (Da obra illustrada "Viagens no sertão do Amazonas", do Sr. Bernardo da Costa e Silva)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.231; Francisco Arrobas Crato "Um passeio ao monte gordo", *op. cit.*, 1899, p.22.
[51] . A. d'Almeida Netto, "O mysterio da trindade", *op. cit.*, 1899, p.378-379; Lilasia, "Orando...", *op. cit.*, 1899, p.459-460; "Jacob pedindo a mão de Rachel", *op. cit.*, 1899, p.197-198; Padre Antonio Vieira (4 de Mar. de 1654), "Carta inedita (do Padre Antonio Vieira)", *op. c it.*, 1899, p.395-396; Pe. Antonio Vieira, "O homem e o mundo", *op. cit.*, 1899, p.481; "Uma prophecia phrenologica", *op. cit.*, 1899, p.60-61; P. Miguel, "Como se enriquece o espirito", *op. cit.*, 1899, p.123.
[52] . Latino Coelho, "Semeia o pae para que o filho colha", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.198-199; (Contos de Schmidt), "As moscas e as aranhas", *op. cit.*, 1899, p.269; (Contos de Schmidt), "A couve", *op. cit.*, 1899, p.371; "Carta da guia dos casados", *op. cit.*, 1899, p.114; João da Matta Carvalho, "A avesinha", *op. cit.*, 1899, p.24; "Um frade e um banqueiro", *op. cit.*, 1899, p.8.
[53] . Henri Lasserre, "Monsenhor Peyramale", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.33-35; p.57-59; Adelina Cabral Varella, "Nota extrahia d'uma velha... carteira", *op. cit.*, 1899, p.541-543.

atribuída ao outono e a situação histórica de Portugal; de Luís Loff Nogueira, "Ausencia e saudade! (Offerecido á mãe Nhinha)", que tratava de um tema que seria tão caro aos cabo-verdianos, a vontade de partir e de ficar a um só tempo.[54]

Os versos eram o gênero preferido dos colaboradores e dos leitores do almanaque. Orientando-nos pelas indicações impressas junto aos poemas, pudemos distribuí-los pela origem geográfica dos poetas.

A começar por Cabo Verde, temos, naturalmente, o maior número de colaborações. Com a designação genérica de Cabo Verde, cabo-verdiano ou algo similar, apareceram os poemas: de Xico C., "Espairecendo (Aos bons companheiros do passeio á Fanjã, em 25 de novembro de 1897)"; de X. P. T. O., "O patetinha"; de Joseph Brandão, datado de "3 de maio de 1897", o soneto dedicado "ao meu discipulo, Julio Jardim de Vilhena, filho do Exmo. Sr. Julio Marques de Vilhena, no dia do seu brilhante exame"; de Co. A. da C. T., "Salve rainha (Ás minhas discipulas)". Já de Porfírio P. Tavares temos quatro poemas: "O meu noivado – ao meu intimo amigo, Pedro dos Reis Pires", "Pranto – Á memoria de meu amo. e ex-professor, Co. José Pedro Delgado", "À sombra d'uma arvore" e "Que mais resta?".[55]

Junto aos poemas de José Lopes da Silva não há qualquer indicação de o poeta ser ou não cabo-verdiano. Todavia, é citado como tal por Manuel Ferreira (1987: 29) e as dedicatórias de seus poemas têm relação direta com a comunidade letrada insular. Ao que parece, José Lopes da Silva, que publicara o livro *Reflexos occidentaes* (1894), retirou dali todos os poemas aqui publicados. Dele temos: "Crepuscular", dedicado "Ao suavissimo poeta caboverdeano Eugenio Paula Tavares", "Origem das flôres", dedicado "Ao mimoso poeta caboverdeano, Antonio Januario Leite, meu primo", "Três lembranças", dedicado "Ás minhas primas Maninha e Emilia Marques", uns versos intitulados "Camões", e, em resposta a Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão, que lhe dedicara um soneto ("Trinava lacrimoso um rouxinol"), o poema "Resposta ao sr. Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão".[56]

Entre as cabo-verdianas, tiveram lugar D. Esperança de J... (especificando que se tratava de uma africana), com os versos "Saudação", tematizando o próprio almanaque; D. Maria Lara,

---

[54] . Sara Mendes, "Noite!", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.20; Victor Hugo, "O que é o homem...", *op. cit.*, 1899, p.100-101; Senna Freitas, "O campo", *op. cit.*, 1899, p.121; Julio de Castilho, "Maria!", *op. cit.*, 1899, p.215-216; P.M., "A morte", *op. cit.*, 1899, p.237; Manoel Xavier P. Barreto,"Brasil - Recordações do passado (A Cancio Prazeres)", *op. cit.*, 1899, p.223-224; A. J. d'Oliveira Bouças, "O outono", *op. cit.*, 1899, p.10-12; Luiz Loff Nogueira, "Ausencia e saudade! (Offerecido á mãe Nhinha)", *op. cit.*, 1899, p.481-482.

[55] . Xico C., "Espairecendo (Aos bons compamnheiros do passeio á Fanjã, em 25 de *Nov.* de 1897)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.79-184; X.P.T.O., "O patetinha", *op. cit.*, 1899, p.204; Joseph Brandão, "Soneto", *op. cit.*, 1899, p.307; Co. A. da C. T., "Salve rainha", *op. cit.*, 1899, p.313-314; P. P. Tavares, "O meu noivado - ao meu intimo amigo, Pedro dos Reis Pires", *op. cit.*, 1899, p.174; Porphyrio P. Tavares, "Pranto", *op. cit.*, 1899, p.477-479; Porphyrio P. Tavares, "À sombra d'uma arvore", *op. cit.*, 1899, p.543; Porphyrio P. Tavares, "Que mais resta?", *op. cit.*, 1899, p.544.

[56] . Lopes da Silva, "Crepuscular", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.37; Lopes da Silva, "Origem das flôres", *op. cit.*, 1899, p.360-361; Lopes da Silva, "Três lembranças", *op. cit.*, 1899, p.116-117; Lopes da Silva, "Camões", *op. cit.*, 1899, p.465-466; Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão, "Soneto", *op. cit.*, 1899, p.260; Lopes da Silva, "Resposta ao sr. Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão", *op. cit.*, 1899, p.261.

com "O pobrezinho", dedicado "Á Exma. amiga, Snra. D. Carolina de Carvalho"; e D. Antonia Pusich, com os versos "Quinze de março".[57]

Além dessas, em Santo Antão encontrava-se, como vimos, a cabo-verdiana Gertrudes Ferreira Lima, que se assinava invariavelmente com o pseudônimo "Humilde Camponeza". Dois de seus poemas foram datados de Lisboa: o primeiro, "A lyra doente", dedicado "A Julio Dumont – eximio poeta satyrico", era de 24 de setembro de 1894, e o segundo, "Adeus", dedicado "Ao meu distincto collega, João Baptista S. Araujo", era de 14 de março de 1895. Datado de Santo Antão, temos o "Threno", escrito "Á memoria da minha querida Inin". Ainda uma outra cabo-verdiana daquela ilha, D. Antônia da Costa, estampava "O cábula".[58]

De Paul, uma outra poetisa, com o pseudônimo "Obscura Paulense", publicou-se "O orphão", dedicado "Á Exma. ama., D. Gertrudes F. Lima".[59]

Ainda de Paul, temos alguém que se assinava "Um Patriota" e publicou o poema "O bem e o mal". Outro, com o pseudônimo de "Obscuro Paulense", estampou um "Soneto" (Aurea visão do meu sonhar de gloria). De Antônio Januário Leite temos "Dizem", dedicado "Ao meu intimo amigo, Adolpho Pires Ferreira", o "Rouxinol", dedicado "Ao Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Trindade Coelho", e "Goivos", escrito em memória "de meu chorado amigo, Joaquim Silva Almeida", todos extraídos de seu livro *Expansões d'alma*.[60]

Os poemas de A. Vasconcelos Sarmento[61] vinham todos com indicação de terem sido escritos na Cidade da Praia. Eram eles: "Leva-me...", dedicado a Roberto Duarte Silva; "Olhar negro (A...)", datado de fevereiro de 1895; "Lembranças da minha terra"; "Vingança"; e um poema em forma de cruz intitulado "A caridade", escrito "em beneficio da creche de S. Vicente na kermesse de 13, 14 e 15 de Julho de 1895".[62]

Com a procedência de Tarrafal de S. Thiago, temos os poemas "Nostalgias", assinado por Ignotus, e o soneto de A. C., "Anniversario (A minha mãe)".[63]

De Boa Vista, temos um único poema, de N. Ferrão, datado de 8 de março de 1895 e intitulado "O exposto", dedicado ao "meu Exmo. amigo, Vasconcellos Sarmento".[64]

---

[57] . ; D. Esperança de J..., "Saudação", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.3; D. Maria Lara, "O pobrezinho", *op. cit.*, 1899, p.458; D. Antonia Pusich, "Quinze de março", *op. cit.*, 1899, p.499-501.

[58] . Humilde Camponeza, "A lyra doente", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.76; Humilde Camponeza, "Adeus", *op. cit.*, 1899, p.164-165; Humilde Camponeza, "Threno", *op. cit.*, 1899, p.206; D. Antonia da Costa, "O cábula", *op. cit.*, 1899, p.391-392.

[59] . Obscura Paulense, "O orphão", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.71-72.

[60] . Um Patriota, "O bem e o mal", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.67; Obscuro Paulense, "Soneto", *op. cit.*, 1899, p.68; Januario, "Dizem", *op. cit.*, 1899, p.322-323; Januario, "Rouxinol", *op. cit.*, 1899, p.351-352; Januario, "Goivos", *op. cit.*, 1899, p.409-410.

[61] . Lembremos que Mário Antônio cita um certo A. Sarmento entre aqueles que assinavam *O Pharol do Povo*, de Angola, fazendo notar sua adesão à crioulidade.

[62] . De A. Sarmento: "Leva-me...", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.5; "Olhar negro (A...)", *op. cit.*, 1899, p.256; "Lembranças da minha terra", *op. cit.*, 1899, p.263; "Vingança", *op. cit.*, 1899, p.309-310; "A caridade", *op. cit.*, 1899, p.315.

[63] . Ignotus, "Nostalgias", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.276-278; A. C., "Anniversario (A minha mãe)", *op. cit.*, 1899, p.534.

[64] . N. Ferrão, "O exposto", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.243-244.

Na ilha da Brava, apareceram três colaboradores: Eugênio Paula Tavares, com "Ave Maria", dedicado "Ao Exmo. e Revmo. Conego Teixeira"; J. Ninguem, com os versos "Nas sombras", dedicados a Cazimiro Monteiro; e Estevão, com o poema "Maria", dedicado a José Lopes.[65]

Na ilha de S. Nicolau, Maninho estampou "So a esperança!...", e Eduardo Lopes, "A vida é a vida".[66]

Já de colaborações fora de Cabo Verde, temos, com a designação de proveniência genérica de "Portugal", os poemas: de F., "Na clareira da serra"; de C. S., "O incendio – fabula ascetica (versão)"; de Domingos dos Reis Quita, "Ecloga (Ao Natal)"; de A. Moreira Bello, "A amizade"; do Dr. Guilhermino de Barros, extraído dos *Cantos do fim do seculo*, "1640", dedicado "Ao Conde de Castro, meu dilecto amigo"; e de Abilio, "A festa do orago".[67]

Além desses, temos ali colaborações especificando as localidades de seus colaboradores: do Porto, apareceu o Dr. José Rodrigues Cosgaya com "Á senhora do Sameiro – coro", e A. Moreira Bello, com "Vanitas"; de Coimbra, Pedro F. Thomaz, com as "Poesias populares – O Zabumba"; de Ericeira, Joaquim Alves Crespo, com "Ave, Regina!", notando serem "Versos para serem recitados n'uma recita a favor do cofre do *Instituto Ultramarino* pela intelligente e distincta cultora das bôas lettras, a Exma. Snra. D. Gertrudes Ferreira Lima"; de Campolide, "Geographia – Poesia off. ao exo. e revo. Reitor do Collegio de Campolide"; de Arcos de Val-de-Vez, Ernesto Adão, com o poema "Jesus"; de Caldas, Affonso Vargas, com "Charitas"; do Seminário de Angra, Osório Goulart, com "Visão"; de Agrellos, Maria Candida Pereira de Vasconcelos, com "Salve!".[68]

Entre os escritores portugueses de renome, temos, de Pinheiro Chagas, "A visão da creancinha", e de João de Deus, "Grammatica rudimentar", "Avarento" e "Proverbios de Salomão".[69]

De outras regioes coloniais, recebiam-se colaborações de Moçambique e da Guiné. Também do Brasil havia ali um trabalho.

Do periódico *Africa Occidental*, de que desconhecemos a origem, temos os versos de A. Gonçalves, "Salvè...!", dedicado "Ao Luso-Africano", isto é, ao próprio almanaque.[70]

---

[65] . Eugenio Paula Tavares, "Ave Maria", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.286; J. Ninguem, "Nas sombras", *op. cit.*, 1899, p.296; Estevão, "Maria", *op. cit.*, 1899, p.301-302.

[66] . Maninho, "So a esperança!...", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.473-474; Eduardo Lopes, "A vida é a vida", *op. cit.*, 1899, p.527-528.

[67] . F., "Na clareira da serra", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.86-88; C. S., "O incendio - fabula ascetica (versão)", *op. cit.*, 1899, p.93-94; Domingos dos Reis Quita, "Ecloga (Ao Natal)", *op. cit.*, 1899, p.148-149; A. Moreira Bello, "A amizade", *op. cit.*, 1899, p.152-153; Dr. Guilhermino de Barros, "1640", *op. cit.*, 1899, p.388-389; Abilio, "A festa do orago", *op. cit.*, 1899, p.470.

[68] . Dr. José Rodrigues Cosgaya, "Á senhora do Sameiro - coro", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.128-129; A. Moreira Bello, "Vanitas", *op. cit.*, 1899, p.85-86; Pedro F. Thomaz, "Poesias populares - O Zabumba", *op. cit.*, 1899, p.437; Joaquim Alves Crespo, "Ave, Regina!", *op. cit.*, 1899, p.450-452; Novo Mensageiro, "Geographia", *op. cit.*, 1899, p.333-335; Ernesto Adão, "Jesus", *op. cit.*, 1899, p.479; Affonso Vargas, "Charitas", *op. cit.*, 1899, p.50-51; Osório Goulart, "Visão", *op. cit.*, 1899, p.89; Maria Candida Pereira de Vasconcellos, "Salve!", *op. cit.*, 1899, p.118.

[69] . Pinheiro Chagas, "A visão da creancinha", *op. cit.*, 1899, p.546; João de Deus, "Grammatica rudimentar", *op. cit.*, 1899, p.208; João de Deus, "Avarento", *op. cit.*, 1899, p.211; João de Deus, "Proverbios de Salomão", *op. cit.*, 1899, p.335.

De Moçambique, apareceram os versos "A vida (A minha filha)", de Manuel d'Almeida, datados de "Moçambique, 23 de março de 1895". De Alfredo de Pratt, dois poemas: um datado de julho de 1893, "Sonhos do passado", e outro datado de "Moçambique, 28 de setembro de 1894" e intitulado "A escola", dedicado "aos alumnos da escola d'artes e officios".[71]

Da Guiné, temos dois poemas assinados por A. D.: o primeiro, datado de "Bissau, 20 de d'outubro de 1894", intitulado "Tristeza" e dedicado "Ao meu presado collega e amigo, H. Lopes Cardozo"; o segundo, datado de "Bissau, 25 de novembro de 1894" e intitulado "Despedida".[72]

Do Brasil, temos apenas um poema de João Miguel da Cruz, de S. Bento, Maranhão, intitulado "Á Virgem Nossa Senhora".[73]

Sem qualquer indicação de procedência, sendo provavelmente a maioria deles oriundos de Cabo Verde e talvez também de Portugal, apareceram os seguintes poemas: de C. S., "A pêga – Fabula ascetica (Versão)"; de Antônio José Viale, "Ultimo soneto" (do poeta, morto em 26 de março de 1889); de A. da C. (possivelmente o mesmo que publicara os diversos textos em crioulo de Santo Antão) , "O menino modelo", dedicado "Ás escolas primarias – Última lição da 1ª parte do *Methodo normal portuguez*"; de Luís d'Araujo, "Tolices da humanidade"; de Exir, "O canto da orphã"; de Pedro Fernandes Thomas, "Poesia popular – Perlendas infantis."; do *Novo Mensageiro*, "Poesia typographica"; de M. Fernandes Salariano, "Sorrisos d'um velho – a verdade a rir – o erro chorando", dedicado "Ao exmo. e revmo. snr. José Rodrigues Costaya, autor do piedoso livro *Sorrisos d'um velho*"; de Guilhermino de Barros, "Morrer!..."; de Luís d'Araujo, "Os sonhos – agoiros que atravessam de gerações em gerações", "Agoiros", "Novidades ja velhas" e "Coisas que são impossiveis"; de Pedro Fernandes Thomaz, "Poesias populares – Cu-cu-ru-cu!"; de Júlio de Castilho, "Galés d'el-Rei (Á chegada de Vasco da Gama)"; e o poema anônimo "A soberania popular".[74]

Tal recorte geográfico faz supor que o almanaque circulasse por toda a África portuguesa, por Portugal e pelo Brasil, ainda que sua distribuição possivelmente não fosse como a de outros mais conhecidos.

---

[70] . A. Gonçalves, "Salvè...!", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.4.

[71] . Manuel d'Almeida, "A vida (A minha filha)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.396-397; Alfredo de Pratt, "Sonhos do passado", *op. cit.*, 1899, p.329-330; Alfredo de Pratt, "A escola - aos alumnos da escola d'artes e officios", *op. cit.*, 1899, p.403-404.

[72] . A. D., "Tristeza", *Almanach Luso-Brasileiro*, 1899, p.282; A. D., "Despedida", *op. cit.*, 1899, p.384.

[73] . João Miguel da Cruz, "Á Virgem Nossa Senhora", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.444.

[74] . C. S., "A pêga - Fabula ascetica (Versão)", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.48-49; Antonio José Viale, "Ultimo soneto", *op. cit.*, 1899, p.55; A. da C., "O menino modelo", *op. cit.*, 1899, p.102-104; Luiz d'Araujo, "Tolices da humanidade", *op. cit.*, 1899, p.111; Exir, "O canto da orphã", *op. cit.*, 1899, p.116; Pedro Fernandes Thomas, "Poesia popular - Perlendas infantis.", *op. cit.*, 1899, p.194-195; *Novo Mensageiro*, "Poesia typographica", *op. cit.*, 1899, p.202-203; M. Fernandes Salariano, "Sorrisos d'um velho - a verdade a rir - o erro chorando", *op. cit.*, 1899, p.254-255; Guilhermino de Barros, "Morrer!...", *op. cit.*, 1899, p.257-258; Luiz d'Araujo, "Os sonhos - agoiros que atravessam de gerações em gerações", *op. cit.*, 1899, p.252; Luiz d'Araujo; "Agoiros", *op. cit.*, 1899, p.347-349; Luiz d'Araujo, "Novidades ja velhas", *op. cit.*, 1899, p.433-434; Luiz d'Araujo, "Coisas que são impossiveis", *op. cit.*, 1899, p.438; Pedro Fernandes Thomaz, "Poesias populares - Cu-cu-ru-cu!", *op. cit.*, 1899, p.441-442; Julio de Castilho, "Galés d'el-Rei (Á chegada de Vasco da Gama)", *op. cit.*, 1899, p.550-552; "A soberania popular", *op. cit.*, 1899, p.503-504.

Entre os poemas, um tema sobressaia: a cristandade. Vários dos trabalhos já citados tinham motes cristãos, mas podemos citar ainda os seguintes poemas: de José Lopes, "As cathedraes", dedicado "Ao meu amigo, o revmo. Padre Antonio Manoel da Costa Teixeira, reedificador da Egreja da freguezia do 'Norte' da ilha da Bôa-Vista"; uma quadra de versos anônima, intitulada "Adoração ao cordeiro mystico"; de Frei Agostinho da Cruz, "A summa formosura (poesia classica)"; de A. Moreira Bello, "Vingança e caridade" e "Amor e felicidade"; de M. A., "Natus est Jesus"; de Rangel de Quadros, "Surrexit Dominus!"; do dr. José Rodrigues Cosgaya, "Fe..."; do Abbade de Beiriz, "A grandeza de Deus"; de F. de M., "Á virgem immalucada – offerta".[75]

Apesar de muito volumosa, a qualidade da literatura publicada no *Almanach Luso-Africano* deixava muito a desejar. Primeiramente porque, sendo uma publicação anual, reunia um diversificado e qualitativamente pouco homogêneo grupo de colaboradores; em segundo lugar, porque tinha uma orientação marcadamente religiosa, tendo o padre Antônio Manuel da Costa Teixeira como editor e por referência muito provavelmente os almanaques eclesiásticos (ainda que este assim não se denominasse), o que resulta na limitação temática e ideológica dos textos; em terceiro lugar, porque não trazia trabalhos de fôlego, priorizando fragmentos, comentários, notas, quadras de versos, o que (ainda que não necessariamente) acabava por afetar a qualidade do conjunto; e finalmente, em quarto lugar, porque, diferentemente dos semanários, mensários etc., que dialogavam constantemente com seus leitores, não havia uma busca de empatia entre redator e leitor, mesmo nas crônicas, resultando que muitas das matérias eram excessivamente genéricas e mesmo inconsistentes.

Mas ainda assim podemos relacionar alguns escritores e escritoras que se destacaram em meio a tal avalanche de textos, como era o caso de Adelina Cabral Varella, A. J. d'Oliveira Bouças, Luís Loff Nogueira, Porfírio P. Tavares, A. Vasconcelos Sarmento, e mesmo Tio Joaquim e A. da C. (Antônio Manuel da Costa Teixeira), com o crioulo de Santo Antão, sendo que A. de C. ainda colaborava como outros textos. Além destes, José Lopes da Silva, Eugênio Paula Tavares, Antônio Januário Leite e Gestrudes Ferreira Lima, que veremos mais adiante colaborando com a *Revista de Cabo Verde*.

Não podemos esquecer que uma das principais características dos almanaques era divertir seu leitor, proporcionando-lhe leituras curtas e amenas e, principalmente, pequenos desafios e jogos, do qual faziam parte os epigramas (poesia breve e satírica), anagramas[76] (apareceu apenas um) (palavra obtida pela soma dos versos), os aritmogramas[77] (num total de 9) (que relacionava

---

75 . José Lopes, "As cathedraes", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.535-536; "Adoração ao cordeiro mystico", *op. cit.*, 1899, p.3; Frei Agostinho da Cruz, "A summa formosura (poesia classica)", *op. cit.*, 1899, p.27-28; A. Moreira Bello, "Vingança e caridade", *op. cit.*, 1899, p.43-44; A. Moreira Bello, "Amor e felicidade", *op. cit.*, 1899, p.84; M. A., "Natus est Jesus", *op.cit.*, 1899, p.44-45; Rangel de Quadros, "Surrexit Dominus!", *op. cit.*, 1899, p.90-92; Dr. José Rodrigues Cosgaya, "Fe...", *op. cit.*, 1899, p.97-100; Abbade de Beiriz, "A grandeza de Deus", *op. cit.*, 1899, p.140; F. de M., "Á virgem immalucada - offerta", *op. cit.*, 1899, p.398-400.

76 . Hesperiano (Cabo-Verde), "Anagramma n.1", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.17.

77 . D. Celerina Aldegonda Veridiana Gúdula (Paulense) (Cabo-Verde), "Arithmogramma n.1", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.19; J. M. - Loanda, "Arithmographia - n.2", *op. cit.*, 1899, p.56; Anthero de Carvalho Magalhães

versos e números – é a arte de exprimir por sinais convencionais as quantidades cuja composição se conhece), os criptogramas[78] (2) (escrita com caracteres secretos), as charadas[79] (13), em versos, os enigmas[80] (7), em versos, sendo somente as anedotas escritas em prosa.[81] À exceção desta última, todas as outras eram formas extremamente cultistas, com um grau bastante sofisticado de trabalho formal, ainda que na grande maioria dos casos com um grau baixíssimo de interesse intelectual.

A paixão pelo aritmograma e pela charada era evidente em Cabo Verde. Lembremos que um dos concursos patrocinados pelo *Almanach Luso-Africano* era justamente o de epigramas, gênero no interior do qual poderiam ser encaixadas todas as outras formas supracitadas.

Importa notar que, entre os colaboradores de tais trabalhos cultistas, é possível identificar a procedência de seis textos angolanos e cinco brasileiros, sendo os restantes, ao que tudo indica, cabo-verdianos. Isso traça exatamente o mapa triangular entre Cabo Verde, Brasil e Angola, que, somados a Portugal, Guiné e São Tomé e Príncipe, constituíam o eixo ocidental da literatura de língua portuguesa oitocentista.

Vale lembrar que o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* pode ser visto como uma das fontes da literatura cabo-verdiana oitocentista. Se isso também valia para as outras colônias, o caso de Cabo Verde era realmente ímpar, já que era certamente a colônia que contava com mais colaborações oitocentistas naquela folha. Segundo Alberto Carvalho:

(Loanda), "Arithmogramma - offerecido ao Exmo. Sr. Antonio Manoel da Costa Teixeira", *op. cit.*, 1899, p.65; Conego J.-F. Machado [S. Nicolau, 25-10-94], "Arithmogramma", *op. cit.*, 1899, p.66; Uma desconhecida (Ilha Brava - Cabo-Verde), "Arithmogramma - n.5 - A minha mãe", *op.cit.*, 1899, p.74; D. Etelvina Costa (Caboverdiana), "Arithmogramma n.6 - offerecido a Lilásia (Brasil)", *op. cit.*, 1899, p.79; Caçador Parahibano [S.Caetano, 26 *Out.* - 94], "Arithmogramma n.7 - Ao Snr. Osorio de Barros", *op. cit.*, 1899, p.81; Maria A. G. Doria (Bahia), "Arithmogramma n.8 - offerecido ás collaboradoras do Almanach Luso-Africano", *op. cit.*, 1899, p.95; Lilazia (Capital Federal), "Arithmogramma enigmatico n.8 (por lettras e por syllabas)", *op. cit.*, 1899, p.109.

[78] . Ed. Ch. St. A., "Cryptographia (Cifra quadrada)" [com emprego de letras e formas geométricas], *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.23; Ed. Ch. St. A. [Dgmhiobu], "Cryptographia - cifra de cartão corrente" [letras e formas geométricas], *op. cit.*, 1899, p.96.

[79] . "Charada n.1", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.8; Nicolau (Cabo-Verde), "Charada n.2", *op. cit.*, 1899, p.20; José T. Gomes (Caboverdiano), "Charadas n.3 (a,b,c)", *op. cit.*, 1899, p.25; Alfredo Monteiro (Caboverdiano), "Charadas n.4", *op. cit.*, 1899, p.28; Vanôra, "Charada (bisada) n.5", *op. cit.*, 1899, p.28; Thiago Nogueira - Brasil, Rio de Mar., Cascatinha, "Enigma - Aos Illustres charadistas do Almanach Luso-Africano", *op. cit.*, 1899, p.30; Vanôra, "Charadas - n.6 (a,b)", *op. cit.*, 1899, p.31; Anthero de Carvalho Magalhães (Loanda), "Charadas (Novissimas) 7,8,9,10 - offerecidas ao meu amigo José Annapaz", *op. cit.*, 1899, p.66; Benjamin Nobre, "Charadas n.11 (a,b,c) (Ao meu exmo. primo, José L. de Mello) - [e outra] (Aos meus exmos. amigos, Rodolpho Lima e Dr. Bernardo d'Oliveira)", *op. cit.*, 1899, p.79; Thiamor (Brazil), "Charada n.12", *op. cit.*, 1899, p.95; Curioso (S. Nicolau), "Charada n.13 (ao Rev. Henrique L. Cardoso)", *op. cit.*, 1899, p.101; Manuel de Jesus Teixeira Jr. (Caboverdeano) (Ilha do Fogo), "Charada n. 14 (ao Exmo. e Revmo. Sr. Padre Luiz Figueira da Silva)", *op. cit.*, 1899, p.106; Anthero de Carvalho Magalhães (Loanda), "Charada (Novissima). - n.15", *op. cit.*, 1899, p.110.

[80] . Hesperitano, "Enigma n.2" [com utilização de formas geométricas e palavras], *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.15; P. d'Oliveira (Cabo-Verde), "Enigma n.3", *op. cit.*, 1899, p.17; Cecilio [Dondo - Africa Occidental], "Enigma n.4", *op. cit.*, 1899, p.18-19; C. T. (Cabo-Verde), "Enigma pittoresco - n.5 - Nós sômos tres (Ao meu exmo. amo. Dr. João G. Pinto)" [com foto], *op. cit.*, 1899, p.36; Isidóro de Castro (Caboverdiano) (Cabo-Verde), "Enigma pittoresco - n.6 (Ao exmo. snr. Conego, M. C. de Figueiredo)", *op. cit.*, 1899, p.41; M. A. de Brito, "Enigma n.7 (Aos Exmos. Sres. Antonio Gomes e Antonio Augusto Neves)", *op. cit.*, 1899, p.79; Anthero de Carvalho Magalhães (Loanda), "Enigma n.8 offerecido ao meu amigo, José Fayão", *op. cit.*, 1899, p.101.

[81] . Gênero do qual só há um único representante nesse Almanach: "Tem graça", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.47.

> Da responsabilidade de um número singularmente elevado, de cinquenta e três autores, registámos naquela publicação a presença de cerca de cento e setenta e três poemas. Um gráfico estatístico, ordenado sobre os vectores "ano de publicação / número de poemas publicados por ano", permite-nos recordar duas grandes sequências produtivas. Os seus picos de produção máxima situam-se em 1889/1890 e em 1930/1932, enquanto os patamares que os antecedem abrangem, no primeiro caso, o longo período de 1855/1874 e, no segundo, o período igualmente longo de 1900/1920, este porém sempre com alguma colaboração que, aliás, teve um esboço de reanimação com o advento do regime republicano na Metrópole. (1988: 69-70)

Diversos escritores já mencionados, principalmente o grupo de *A Imprensa*, tinham uma gama de textos estampados no almanaque. Assim, ainda que nossa intenção não seja integrar toda essa produção ao presente trabalho, uma vez que já se encontra reproduzida e divulgada por Gerald Moser (1993), fica aqui registrada a dimensão da produção cabo-verdiana ali presente, fundamental à complementação do quadro aqui traçado da produção cabo-verdiana oitocentista.

A Revista de Cabo Verde: a primeira publicação literária e de ilustração

No periódico angolano de Urbano de Castro, *A União Africo-Portugueza*, saiu em 1882 um artigo sobre "Cabo Verde",[82] que dava um balanço da crise atravessada por aquele arquipélago. O redator criticava o empreguismo colonial, os impostos aplicados à entrada dos produtos cabo-verdianos em Portugal, o boicote da metrópole às iniciativas progressistas das colônias, a atividade predatória do Banco Nacional Ultramarino e, evidentemente, a falta de chuvas. Era um quadro lastimável, que possivelmente inviabilizou a produção jornalística local, já que, em 1885, por exemplo, Cabo Verde tinha uma população de 110 mil habitantes, o que justificaria alguma produção letrada insular, ainda que o índice de analfabetismo girasse em torno de 95%.

Somente no último ano do século, em 1899, veríamos aparecer a *Revista de Cabo Verde*, uma publicação voltada para os problemas cabo-verdianos e com um perfil predominantemente literário e de ilustração.[83]

Era uma folha mensal, com sede na ilha de S. Vicente de Cabo Verde. Tinha por diretor a L. Loff e Vasconcelos e por editor responsável a Abílio da Cruz Madeira. Apesar de inteiramente cabo-verdiana, era impressa em Lisboa, na Imprensa de Libânio da Silva. Apesar de abrir a publicação com uma homenagem ao governador João Cesário de Lacerda,[84] propunha-se a criticar energicamente os problemas cabo-verdianos, o que efetivamente acabou por fazer. Tudo levava a crer que fôra, ao menos inicialmente, apoiada pelo governador, com o intuito de poder

---

82 . "Cabo Verde", em *A União Africo-Portugueza*, 1882, 14 out, n.33, p.4.

83 . Alguns trabalhos sobre a imprensa na África acusam a existência de uma revista homônima em 1889. Todavia, é mais próvável que tenha sido somente uma confusão de datas (1889 e 1899) a origem dessa suposta publicação.

84 . O Director, "Homenagem ao Exmo. Sr. João Cesario de Lacerda - Governador de Cabo Verde", *Revista de Cabo Verde*, 1899, mar., n.1, p.1.

contestar os disparates da administração colonial portuguesa. Era também uma revista de noticias e literária. Assim se resumia seu programa na introdução:

> Passar em revista todos os assumptos de interesse geral para Cabo Verde, nos seus variados ramos: commercio, industrial, agricola e financeiro, e abordar desapaixonadamente todos os outros assumptos da vida economica e administrativa d'esta colonia, sem ferir ninguem, sem fazer politica geral ou partidaria, e muito menos local, por não estarem na natureza e indole d'esta publicação.
> Vulgarisar conhecimentos, principios e informações uteis a Cabo Verde.
> Estimular na provincia o gosto pela litteratura, para o que se reserva uma parte importante, relativamente, nas paginas d'esta *Revista*.[85]

Já no n. 2, o diretor da revista, Loff de Vasconcelos, era obrigado a publicar um novo artigo sobre a proposta da revista, "Nosso programma",[86] justificando por que não iria publicar diversos trabalhos enviados por colaboradores, uma vez que considerava a linguagem empregada e mesmo as idéias defendidas em tais trabalhos fora do programa estabelecido pelo periódico, isto é, fora do que ele designava como uma discussão racional e desapaixonada dos problemas cabo-verdianos.

Em política, apareceu o texto de E. Tavares, isto é, Eugênio Tavares, "A revista", que, provavelmente escrevendo de Lisboa, apoiava a postura crítica da revista diante dos problemas cabo-verdianos, cobrando do governo metropolitano medidas decentes:

> Dê-se-lhes instrucção e, depois, exija-se-lhes responsabilidades moraes.
> Faculte-se-lhes trabalho, dê-se-lhes pão e, depois, exija-se-lhes contribuições.
> Antes não, que se lhes fornece motivos, e elles analphabetos, de nos chamarem imbecis, a nós sabichões. Antes não, que, dos farrapos com que se cobrem, não se faz dinheiro com que pagar ao estado; que o sôro ignobil que a fome lhes injecta não é sangue que se derrame em prol da patria.[87]

Em sua argumentação, citava o texto de José Conrado Carlos de Chelmichi, "Chorographia cabo-verdiana", publicado, como vimos, no *Boletim Official* na década de 1850, no qual era descrita a baixa origem moral do povo cabo-verdiano e sua constante adulação do poder, qualquer que fosse este.

Já no que concerne aos hábitos culturais, temos o texto de L. Loff de Vasconcelos, "As theorias de Pascal", observando a relatividade de costumes.[88]

Em matéria de espetáculos, apareceu um anúncio da apresentação das comédias de um ato: *Por causa de uma Serafina* e *Nem tanto ao mar*, em favor dos filhos do tenente Reis, falecido em Moçâmedes. Também anunciava-se uma récita musical do navio cruzador Duc d'Edimbourg, que por duas vezes já viera apresentar-se em terra na praça de Albuquerque.[89]

---

[85] . O Director, "Apresentação", *Revista de Cabo Verde*, 1899, mar., n.1, p.2-4.
[86] . O Director, "O nosso programma", *Revista de Cabo Verde*, 1899, fev, n.2, p.33-35.
E. Tavares, "A revista", *Revista de Cabo Verde*, 1899, fev, n.2, p.36-40.
[88] . L. Loff, "As theorias de Pascal", *Revista de Cabo Verde*, 1899, fev, n.2, p.56-57.
[89] . Ximenes, o anúncio "Cidade da Praia - Recita - Musica", *Revista de Cabo Verde*, 1899, n.5, p.8.

Quanto à literatura, apresentava-se primeiramente a seção Caboverdianos Illustres, na qual "vamos dar umas pequenas notas dos caboverdianos que mais têm distinguido na litteratura e na poesia, acompanhadas de algumas das suas producções", publicando as biografias intelectuais de Guilherme Dantas, isto é, Guilherme A. da Cunha Dantas, e de Luís Medina, ou melhor, Luís Medina e Vasconcelos. Deste último, praticamente nada se disse, sendo apenas reproduzido um conto de sua autoria.[90]

Já num dos últimos exemplares da revista, havia um interessante artigo intitulado "Duas palavras",[91] de L. A. Evora, que atacava frontalmente os poetas simbolistas cabo-verdianos, seguidores de Verlaine, sem, contudo, dar nomes aos criticados. Isso revelava que o simbolismo fizera ali alguma escola, ainda que não tenhamos conseguido identificar os poetas que a integraram.

Em narrativas ficcionais, temos: um relato de viagem, assinado por L. Loff de Vasconcelos, "Notas soltas de viagem – 1892 – Março – 16", uma pequena narrativa intitulada "O curandeiro d'aldeia", do mesmo autor e diretor da revista, que narrava um caso de cura supostamente acontecido e explicado "cientificamente" pelo narrador; dois trabalhos do então falecido Luís Medina, "Uma pagina do livro do mundo – que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?", que narrava com bastante graça um episódio de salão que ilustrava a máxima do título, e "Escrivães", que tratava das falcatruas da referida classe; e um texto de maior fôlego, de Antônio de Arteaga, "Amores d'uma creola", infelizmente incompleto, publicado na seção Folhetim, com ação ambientada em Cabo Verde. Segundo Manuel Ferreira (1987: 27), o texto foi reeditado em *A Voz de Cabo Verde* (1911), citando ainda um outro trabalho de Antônio de Arteaga, "Vinte anos depois", publicado no mesmo periódico, que infelizmente não pudemos ter em mãos. [92]

Em crônicas, teve lugar um texto de Januário Leite, de Paul, "Hora mystica", dedicado ao amigo padre Júlio José Delgado, descrevendo o anoitecer, e um texto de um certo Marques, "Á roda de Cabo Verde (Cartas d'um commis-voyageur)", infelizmente incompleto, que comentava a superpopulação de poetas nas ilhas e assim aconselhava a um seu amigo:[93]

> Se algum dia vier para aqui, aconselho-o que traga comsigo uma arte poética, cem mil réis para papel selado, um conto de réis para multas, uma bycicleta para fugir ao fisco, um martello para abrir caixotes na alfandega, uma caneta (porque a da alfandega está presa a um barbante) e boas botas d'agua para o desembarque, porque a escada da ponte-caes, não está grande coisa.[94]

---

[90] . "Caboverdianos illustres - Guilherme Dantas", *Revista de Cabo Verde,* 1899, mar., n.1, p.13; "Cabo-verdianos illustres - Luiz Medina", *op. cit.*, 1899, fev, n.2, p.48.

[91] . L. A. Evora, "Duas-palavras", *Revista de Cabo Verde*, [1900?], n.15, p.2.

[92] . L. Loff, "Notas soltas de viagem - 1892 - Março - 16", *Revista de Cabo Verde*, 1899, mar., n.1, p.20-24; L. Loff, "O curandeiro d'aldeia", *op. cit.*, 1899, mar., n.3, p.104-106; Luiz Medina, "Uma pagina do livro do mundo - que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?", *op. cit.*, 1899, fev, n.2, p.48-52; L. M., "Escrivães", *op. cit.*, 1899, mar., n.3, p.106; Antonio de Arteaga, "Amores d'uma creola", *op. cit.*, 1899, n.8, p.2-3; n.9, p.2-3; n.10, p.2-3; n.11, p.2-3; n.12, p.2-3; n.13, p.2-3; n.14, p.2-3; n.15, p.2-3.

[93] . Januario Leite, "Hora mystica", *Revista de Cabo Verde*, 1899, fev, n.2, p.54-55.

[94] . Marques, "Á roda de Cabo Verde (Cartas d'um commis-voyageur)",*Revista de Cabo Verde*, 1899, abr, n.4, p.7-8.

Era esse o único texto literário que apresentava uma posição mais próxima do realismo português, condenando os excessos poéticos e pugnando por um espírito pragmático. Todos os outros pautavam-se pelo romantismo convencional.

O poeta que tinha mais versos estampados na revista era Guilherme Dantas, então morto havia alguns anos. De sua autoria, apareceram ali os seguintes trabalhos: "Soneto" (Impando de um almoço bem regado), "Resposta – A. C.", "Flor ephemera", "Souvenir – A. Maria D.*", com epígrafe de Alfred de Musset, e "A mademoiselle", traduzido de Alfred de Musset. A presença de Musset remete-nos aos ultra-romantismo francês e os versos de Guilherme Dantas faziam jus a tal classificação. Seus versos não causavam grande impressão, mas tinham forte apelo romântico.[95]

O curto poema "Resposta" dava tal medida:

> Queres por força que eu diga
> no que penso, desviando
> meus olhares?... Rapariga,
> tenho medo... estou pensando...
> Tenho medo, sim! E scimo
> que minh'alma não se afoite
> a perder se n'esse abysmo
> de teus olhos côr da noite!...

Também temos uns versos de José Lopes da Silva, "A tarde", dedicados "á mimosa poetisa patricia, mademoiselle Gestrudes Ferreira Lima, de Santo Antão (A proposito d'uma pergunta da mesma, na Praia, em casa do Exmo. Sr. Augusto F. Fructuoso de Barros)", com epígrafe de Byron. De uma "Humilde Camponeza" de Santo Antão, isto é, Gestrudes Ferreira Lima, apareceu "Ao meu intelligente compatriota Viriato Gomes da Fonseca (Distincto tenente d'artilharia)". De Eugênio Tavares, que vimos defendendo a posição crítica da revista, apareceu "Esperança". De Antônio Januário Leite, de Paul, de quem já tivemos umas "Horas Mysticas", temos agora umas "Horas sombrias (Prefacio)". De um certo A. de A., da cidade da Praia, deparamo-nos com "A uns olhos", poema que, apesar de convencional, apresentava-se acima da média. Assinado por Esculapio Africano, tinha lugar uma "Secção alegre", versos que satirizavam a rivalidade das ilhas pela instalação da luz elétrica. De J. B. Alfama, uma quadra intitulada "O teu olhar", dedicada "ao meu particular amigo Eugenio Tavares".[96]

---

[95] . Guilherme Dantas, "Soneto" (Impando de um almoço bem regado), *Revista de Cabo Verde,* 1899, mar., n.1, p.13; "Resposta - A. C.", *op. cit.*, 1899, mar., n.1, p.14; "Flor ephemera", *op. cit.*, 1899, mar., n.1, p.14-15; G. Dantas, "Souvenir - A. Maria D.*", *op.cit.*, 1899, abr, n.4, p.8; "A mademoiselle", *op.cit.*, 1899, n.5, p.8.

[96] . José Lopes da Silva, "A tarde", *Revista de Cabo Verde*, 1899, mar., n.1, p.18-19; Humilde Camponeza, "Ao meu intelligente compatriota Viriato Gomes da Fonseca (Distincto tenente d'artilharia)", *op. cit.*, 1899, mar., n.3, p.102-103; Eugenio Tavares, "Esperança", *op. cit.*, 1899, abr, n.4, p.8; Januario Leite, "Horas sombrias (Prefacio)", *op. cit.*, 1899, n.10, p.12; A. de A., "A uns olhos", *op. cit.*, n.13, p.8; Esculapio Africano, "Secção alegre", *op. cit.*, n.14, p.8; J. B. Alfama, "O teu olhar (ao meu particular amigo Eugenio Tavares)", *op. cit.*, 1899, fev, n.2, p.53.

Toda a poesia aqui publicada tinha um forte acento ultra-romântico, distante do realismo ou do decadentismo que vigorava em Portugal. Destacava-se a Humilde Camponeza de Santo Antão, isto é, Gestrudes Ferreira Lima, provavelmente a primeira escritora cabo-verdiana.

Não sabemos ao certo quando a revista encerrou sua publicação. Que chegou a concluir um ano de publicação, isso sabemos, prometendo continuidade. O certo é que se revelou uma folha combativa, crítica e literária. Se no aspecto político e social, sua proposta era a de uma atitude crítica ante os problemas vigentes, no âmbito literário privilegiou a continuidade do estilo das décadas anteriores, procurando selecionar e dar a conhecer alguns autores de importância para o incipiente meio literário cabo-verdiano, como Luís Medina e Guilherme Dantas. A polêmica literária e as novas correntes estéticas estiveram longe de seus propósitos.

3. *Observações gerais*

Aparentemente escassa, a literatura oitocentista de Cabo Verde desdobra-se em várias frentes, pois é necessário lembrar ainda que muitos cabo-verdianos deixaram as ilhas para se estabelecer em Portugal. Muitos publicaram seus textos na metrópole. Outros, que ficaram nas ilhas, escreveram muito e jamais publicaram.

Em nosso percurso pelos periódicos oitocentistas de Cabo Verde, podemos destacar os seguintes nomes: Eduardo Balsemão, Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos, Custódio José Duarte, Luís Medina, Guilherme Dantas, Adelina Cabral Varella, A. J. d'Oliveira Bouças, Luís Loff Nogueira, Porfírio P. Tavares, José Lopes da Silva, A. Vasconcelos Sarmento, Eugênio Paula Tavares, Antônio Januário Leite, Gestrudes Ferreira Lima, tio Joaquim e A. da C. (Antônio Manuel da Costa Teixeira).

Eduardo Balsemão, isto é, Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto Balsemão, era neto do segundo visconde de Balsemão e sobrinho do marquês de Sá da Bandeira. Nascera em 1837 em Torres Vedras, Portugal. Esteve como secretário-geral em Angola de 1866 a 1868. Ocupou também o cargo de oficial-mor da Secretaria Geral do Estado da Índia, não sabemos dizer exatamente quando, mas possivelmente após deixar Angola. Em 10 de setembro de 1877 foi transferido para ocupar o lugar de secretário-geral em Cabo Verde, onde se aposentou. Foi proprietário e editor do periódico *Ultramarino* e escreveu *Angola - resumida história do governo do conselheiro Francisco Antônio Gonçalves Cardoso* (Luanda, 1871), *A guerra dos Dembos* (Luanda, 1872), *Os portugueses no Oriente, feitos gloriosos praticados pelos portugueses no Oriente*, obra dividida em três partes e abarcando o período de 1510 a 1882, publicada em Nova Goa em 1881-1882, e um *Relatório do Governo do Distrito de Damão referido ao ano de 1879*. Atribui-se-lhe também uma *Carta de S. Francisco Xavier*, entre outros trabalhos de natureza burocrática, como observa Mário Antônio (Oliveira, 1990: 203) e também o *Dicionário*

bibliographico, de Inocêncio da Silva. Era sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Geográfico-Africanos de Luanda. Sabemos ainda que foi presidente da Biblioteca e Museu Nacionais de Cabo Verde e que, com seu trabalho e influência, fez que a biblioteca conseguisse um bom acervo e funcionasse a contento.

Custódio José Duarte, que escreveu memórias sobre a ilha do Sal, era delegado da Junta da mesma ilha e foi citado por Manuel Ferreira (1987: 29) como escritor que angariou prestígio acentuado em Portugal, sem, todavia, ter conhecimento de suas publicações.

Já Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos foi o primeiro a publicar narrativas ficcionais na imprensa cabo-verdiana. Era filho do célebre poeta funchalense Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, com vasta obra publicada em estilo neoclássico. Nasceu possivelmente na Madeira, onde viveu alguns anos, segundo Francisco Inocêncio da Silva. Publicou *Amor e pátria: drama em quatro atos e sete quadros* (1835), no Funchal. Em Cabo Verde, como vimos, publicou o conto "A bella virgem do Mondego ou as duas victimas" e o romance *Um filho chorado,* textos profundamente marcados pela estética romântica.

De Luís Medina, além do conto "Uma pagina do livro do mundo – que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?", sabemos apenas que deixou um grande número de produções, quase todas inéditas, e que era irmão de Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos.

Guilherme Dantas nasceu em 1848 e era mudo. Segundo seus companheiros literários, os poemas que escrevia eram geralmente tristes e sentimentais, mas, por vezes, também fazia versos satíricos, como ficou demonstrado pelos versos postumamente reproduzidos na *Revista de Cabo Verde.* Manuel Ferreira (1987: 27) citou os seguintes textos em prosa de autoria do poeta, publicados em *A Voz de Cabo Verde:* "Bosquejos d'um passeio ao interior da ilha de S. Thiago" (1912), "11 contos singelos - Nhô José Pedro ou Scenas da ilha Brava" (1913), "Memória de um pobre rapaz" (1913), "Os intrujões: estudo crítico por Venceslau Policarpo Banana" (1915). Morreu prematuramente em 1888. Creio que não cometemos erro em atribuir os textos assinados por Guilherme de Cabo Verde ao poeta e prosador Guilherme Dantas.

Citados por Manuel Ferreira (1987: 25) vale destacar nesses anos os nomes de Antônia Gertrudes Pussish e Henrique de Vasconcelos, que fizeram carreira literária em Portugal. Deste último, Manuel Ferreira observou que angariara prestígio e citou diversos de seus livros de poesia e de prosa publicados em Lisboa e em Coimbra. Teria, supomos, algum vínculo de parentesco com os irmãos Sérvulo e Luís Medina Vasconcelos.

De Antônia Gertrudes Pussish nada citou, apesar de afirmar que também possuiria vasta obra. Francisco Inocêncio da Silva, em seu dicionário bibliográfico, notou que a escritora nascera na ilha de São Nicolau de Cabo Verde em 1º de outubro de 1805, quando seu pai era ali intendente. A família voltou à metrópole. Ali, Antônia Gertrudes Pussish publicou alguns livros de poemas e dramas, tendo também colaborado em diversos periódicos lisboetas e mesmo redigido o semanário literário *A Beneficiencia* (1852). Também se dedicara à música, tocando piano e

compondo algumas peças que foram executadas pela Academia Filarmônica. Uma de suas filhas casou-se com o escritor Albino Antônio de Andrade e Almeida. Morreu em 5 de outubro de 1883, em Lisboa

Outro que deve ser lembrado aqui, apesar de não aparecer em nosso *corpus*, é José Evaristo de Almeida, autor do romance *O escravo*, ambientado em Cabo Verde e publicado em Lisboa em 1856.

A partir de 1880, uma nova geração de escritores surgiu em Cabo Verde em torno do periódico *A Imprensa*, reaparecendo, quase vinte anos depois, na *Revista de Cabo Verde* e no *Almanach Luso-Africano*, sendo que muitos deles ainda colaboraram em *A Voz de Cabo Verde* e continuaram produzindo até meados do século XX.

Um dos mais importantes dentre estes foi Eugênio Tavares. Sabemos que fôra funcionário público e que, descontente com sua situação, resolveu imigrar para os Estados Unidos da América, onde não se ajustou muito bem, acabando por retornar a Cabo Verde. Um poema de sua autoria, *Triste regresso*, comenta esse retorno. Eis já aí um dos campos semânticos que seria reconhecido pela crítica como característico da literatura e da identidade cabo-verdianas: o do ficar e do partir. Eugênio Tavares nascera em 5 de novembro de 1836 na Ilha Brava.[97] De sua lavra, Manuel Ferreira (1987: 27) citou: "A força d'amor: vida creoula na América" (1912), "A virgem e o menino mortos de fome" (1913), "A barca Katleen, drama da pesca da baleia" (1913), "Maldito telegrama" (1914), "Crioula" (1914), todos publicados em *A Voz de Cabo Verde*, sugerindo que haveria ainda outros textos do autor naquela publicação. Podemos incluir nessa lista os trabalhos *Amor que salva (santificação do beijo)* (1916) e a coletânea de José Osório de Oliveira, *Mornas – cantigas crioulas* (1932), onde apareceram algumas de autoria de Eugênio Tavares. Foram as mornas, por sinal, aquelas que lhe granjearam fama junto dos seus contemporâneos. Foi um poeta bilíngüe, escrevendo sempre em português e em crioulo cabo-verdiano. Segundo Joaquim Duarte Silva,[98] Eugênio Tavares seria o autor da primeira poesia escrita em crioulo, "Bárbara, bonita escraba". Manuel Ferreira (1987: 30) afirmou que o poeta dotou a língua de Cabo Verde de novos recursos artísticos. Além de colaborar em periódicos cabo-verdianos, consta que também tenha publicado em Portugal. Pelos trabalhos de sua autoria que vimos nos periódicos aqui consultados, podemos afirmar que escrevia versos com bastante segurança, com rima, ritmo e idéia, e com forte acento romântico e idealista. Na crônica, revelava uma visão corajosa, progressista e fundamentada, preocupado com questões de base, como a formação letrada do povo cabo-verdiano.

---

97 . Manuel Ferreira (1987: 27, 29) comete alguns equívocos ao se referir a Eugênio Tavares, pois apresenta três anos distintos para sua morte: 1888, 1930 e 1936, sendo a data correta a de 1 de junho de 1830.

98 . Dados extraídos da A *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Joaquim Duarte Silva teria um estudo sobre o poeta e João Augusto Martins também fala de Eugênio Tavares em *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Também Félix Monteiro, no artigo "Páginas esquecidas de Eugênio Tavares", na revista *Raízes*, 5 (17-20): 121-173, jan.-dez. 1981, revaloriza os trabalhos em português do escritor.

O poeta Antônio Januário Leite nasceu em 1865, provavelmente em Paul, e morreu em 10 de junho de 1930. Escreveu um livro de poemas intitulado *Expansões d'alma*, de onde retirou os versos que publicou no *Almanach Luso-Africano*. Mas parece que não chegou a publicá-lo, uma vez que Manuel Ferreira (1987: 30) afirmou que sua obra poética só foi editada postumamente em 1952 pela Associação Acadêmica do Mindelo, num volume intitulado *Poesias*, com prefácio de Augusto Miranda. Era Antônio Januário Leite poeta ultra-romântico, ainda que sua métrica e metáforas sóbrias contrastassem com os dramáticos temas que abordava.

Quanto a José Lopes da Silva, sabemos nascido em 1872 e morto em 1962, tendo, portanto, percorrido toda a transição da literatura romântica para a literatura moderna em Cabo Verde. Escreveu, além do já referido *Reflexos occidentaes* (1894), os livros *Jardim das Hespérides* (1929), *Hesperitanas* (1933), *Alma arsinária* (1951), entre outros. Colaborou também em diversas publicações periódicas, como *Vida Contemporânea* (1935) ou *Cabo Verde* (1952), onde deixou vasto trabalho sobre os autores cabo-verdianos do século XIX (Ferreira, 1987: 29).

A partir dos estudos do próprio José Lopes da Silva, Manuel Ferreira (1987: 29) referiu-se a Gestrudes Ferreira Lima e Luís Medina Vasconcelos, sem contudo dar qualquer informação sobre os mesmos. Citou também Luís Teodoro de Freitas Costa, que viveu na passagem do século XIX para o XX e publicara *Filigranas* (1880) e a peça *Soror Paula* (1891). Outro escritor dali extraído é José Maria de Sousa Monteiro Júnior (1846-1909), que escrevera o romance *Os amores de Júlia* (1909), a peça *D. Pedro* (1913) e *Poemas* (1931). Também vale destacar Pedro Cardoso, nascido possivelmente em 1873 (Ferreira, 1986: XXXIII) e morto em 1842. Juntamente com Eugênio Tavares, foi um grande escritor em crioulo cabo-verdiano, sendo hoje considerado o maior estudioso do folclore do arquipélago. Todavia, não nos deparamos com nada de sua lavra nas publicações aqui consultadas.

Sobre muitos dos escritores citados por nós ou retirados de Manuel Ferreira, nada pudemos saber. Certamente uma pesquisa mais apurada nos arquivos de Cabo Verde e em Portugal poderá trazer muita informação interessante sobre esse grupo de escritores, que deram alguma vida literária à segunda metade do século XIX em Cabo Verde.

É curioso notar que Antônio Januário Leite era primo de José Lopes da Silva. Também Porfírio P. Tavares deveria ser parente de Eugênio Paula Tavares. Já Luís Loff Nogueira certamente era parente de Luís Loff de Vasconcelos, que publicava a *Revista de Cabo Verde*, que por sua vez devia ter algum parentesco com A. Vasconcelos Sarmento, com os irmãos Luís Medina, com Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos e com Henrique Vasconcelos. Ainda que nem todos entrem nessa trama familiar, vê-se por tais relações que a comunidade letrada em Cabo Verde era bastante restrita e intimamente relacionada. Contudo, ao final do século XIX, talvez por isso mesmo, já formara alguma tradição.

Além disso, importa assinalar que em Cabo Verde, a crônica pouco se desenvolveu no decorrer do século XIX, o que freqüentemente vimos acontecer nas outras colônias até aqui

comentadas. O fato é que a crônica necessita de um meio jornalístico polêmico para ganhar fôlego. É um gênero que se desenvolve melhor e mais rapidamente em meio a debates calorosos e disputas acirradas, sejam de que natureza forem. Não era este o caso das ilhas, sempre com dificuldades em manter qualquer outra publicação que não o *Boletim Official*, fazendo que os conflitos tivessem minguada expressão escrita. O resultado foi o pouco cultivo do gênero "crônica". Se comparada, por exemplo, à de Angola ou à de Macau, podemos dizer que a crônica cabo-verdiana oitocentista foi mesmo pacífica e cordial.

A poesia vinculava-se, em sua maior parte, ao ultra-romantismo, no gênero de Castilho, Mendes Leal e Tomás Ribeiro, ao mesmo tempo que religiosa, ao modo de Herculano, mas, em geral, sem a complexidade deste. Há também a referência francesa, não mais na figura de Victor Hugo, como acontecia em Moçambique ou em Angola, mas na de Alfred de Musset e depois na de Verlaine, já no início do século XX. É curiosa a presença desses dois poetas franceses em Cabo Verde, pois é evidente entre ambos uma certa continuidade em termos de sensibilidade poética, revelando coerência nas escolhas de seus modelos por parte dos cabo-verdianos.

A prosa cabo-verdiana do grupo que publicava *A Imprensa*, praticamente o mesmo que iria publicar a *Revista de Cabo Verde*, era bastante interessante, já que ambienta a maior parte das histórias nas ilhas, revelando um procedimento que só pode ser comparado ao dos colaboradores da *Illustração Goana*. Esse nativismo, no que concerne à escolha do cenário da ação das narrativas, sugere uma ação programática por parte de seus agentes. Daí o interesse de tais textos, dos quais, infelizmente, só pudemos consultar alguns fragmentos.

Outro aspecto que salta aos olhos é a ausência de qualquer enfrentamento mais explícito de Cabo Verde com a metrópole. Ao que parece, os cabo-verdianos tinham uma relação relativamente tranqüila com Portugal, muito diferente dos angolanos, como pudemos constatar. Isso pode ser justificado, em parte, pelo perfil da população cabo-verdiana, sem raízes, sem outra identidade que não aquela delegada por Portugal. Também o isolamento provocado pela insularidade, ao invés de afastar, estreitava o vínculo com a metrópole. Esta se apresentava como a única possibilidade de ajuda financeira para as crises cabo-verdianas, ainda que, em última instância, Portugal fosse o grande responsável pela fuga de capital das ilhas. Daí, talvez, a ausência de ataques explícitos à metrópole. É curioso notar que a crítica mais contundente que pudemos encontrar contra a administração colonial era publicada fora de Cabo Verde, no *União Africo-Portugueza*, em Angola, onde o enfrentamento com Portugal era cotidiano.

CAPÍTULO 13

O jornalismo literário e de ilustração em São Tomé e Príncipe

Assim como Cabo Verde, as ilhas de São Tomé e Príncipe foram povoadas pelos colonizadores portugueses. Assim, não podemos falar da colônia de São Tomé e Príncipe sem lembrar que grande parte da população negra daquelas ilhas teve origem em Angola. Havia uma rota institucional de tráfico de escravos entre as duas colônias que perdurou no século XIX, chegando mesmo a prolongar-se de modo dissimulado na primeira metade do século XX. Quase toda a produção agrícola de São Tomé e Príncipe dependia da mão-de-obra vinda de Angola. Mesmo com o bloqueio inglês contra o comércio de escravos, o transporte era feito através do tráfico de "libertos" (Torres, 1989: 67-68). Isso estabeleceu um vínculo entre essas duas colônias econômica e culturalmente.

1. *O início das publicações são-tomeenses*

O primeiro periódico de São Tomé e Príncipe foi o *Boletim Official do Governo da Província de S. Thomé e Principe*, que teve seu primeiro exemplar em 3 de outubro de 1857. Publicava-se muita matéria oficial, tanto da metrópole portuguesa quanto da Igreja, além de alguns artigos sobre educação, agricultura etc. No início da década de 1880, publicou-se muita matéria sobre as exposições universais na Europa (para onde iam diversos produtos típicos daquela localidade para serem expostos) e sobre a educação e a historiografia locais. O boletim apresentou publicação irregular, reiniciando-se sistematicamente, o que aponta para uma maior precariedade de condições de produção em comparação com as outras colônias.

Nota-se nessa publicação a forte presença que a igreja católica teve naquelas comunidades, o que pode ser comparado à situação de Cabo Verde. Também em Macau e Goa a Igreja tinha força, mas vinculava-se ao padroado do Oriente. Para ilustrar tal presença religiosa no boletim, temos o longo artigo de Euzebio Joaquim Fernandes, doutor em direito canônico, chantre da Santa Sé Cathedral de Andra e vigário pró-capitular da diocese de São Tomé e

Príncipe, intitulado "Carta pastoral", e também a encíclica de Leão XIII, a "Encyclica do Santissimo Padre Leão XIII por divina providencia Papa", ambos os textos ocupando diversos exemplares do periódico em cerca de 1860.[99]

Também Francisco Garção Stockler, em "Pais de familia!", buscava convencer aos pais da importância de dar instrução a seus filhos, principalmente a instrução religiosa, e um artigo anônimo, intitulado "Pensamentos de um philosopho contemporaneo", corroborava a presença cristã naquelas paragens, fundamentando sua reflexão em S. Tomás de Aquino. É, pois, evidente, que ao menos entre as décadas de 1850 e 1860 a redação do periódico esteve nas mãos de membros da Igreja, fato que leva a pensar no papel significativo daquela instituição junto à comunidade portuguesa de S. Tomé e Príncipe.[100]

Vale notar que, em 1872, o vice-cônsul brasileiro Pedro Zeferino Barboza Paiva convocou os brasileiros a comparecerem ao vice-consulado por motivos de recenseamento, com ameaças de punições aos que assim não procedessem.[101] Isso revelava o forte empenho estatístico do governo brasileiro, também adotado pelos portugueses. A década de 1880 foi fortemente marcada pelos números, gerando uma infinidade de quadros estatísticos que buscavam quantificar tudo. Em consonância com o resto da Europa, Portugal aplicava em larga escala a metodologia positivista às colônias da África.

Mas o boletim primou efetivamente pela publicação de trabalhos historiográficos. Entre 1880 e 1881, foram publicadas a "Historia chronologica da ilha de S. Thomé", a "Corographia historica das ilhas de S. Thomé, Principe, Anno Bom e Fernando Pó – Historia Chronologica da ilha de S. Thomé", além do "Cathalogo dos governadores, bispos e ouvidores das ilhas de S. Thomé e Principe", todos assinados por R. I. da C. M.[102] Já vimos esse mesmo empenho historiográfico sendo iniciado algumas décadas antes em Goa, depois em Macau e, posterior e quase

---

[99] . Euzebio Joaquim Fernandes, "Carta pastoral", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1858, 27 nov., n.57, p.227-228; 4 dez., n.58, p.230; 11 dez., n.59, p.235-236; Leão XIII, "Encyclica do Santissimo Padre Leão XIII por divina providencia Papa" [continua por vários números], *op. cit.*, 1880, 25 set., n.39, p.314-316 e números seguintes.

[100] . F. Stockler, "Pais de familia!", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1859, 19 mar., n.68, p.274; 16 abr., n.70, p.282; "Pensamentos de um philosopho contemporaneo", *op. cit.*, 1859, 29 jan., n.63, p.252; 12 mar., n.67, p.269; 19 mar., n.68, p.273-274; 26 mar., n.69, p.278; 16 abr., n.70, p.280; 30 abr., n.71, p.286.

[101] . Pedro Zeferino Barboza Paiva, "Vice-Consulado Brasileiro na Ilha de S. Thomé. Aos subditos brasileiros". *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1872, 9 ago., n.26, p.4.

[102] . R. I. da C. M., "Historia chronologica da ilha de S. Thomé", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1880, 7 fev., n.6, p.47-48; 21 fev., n.8, p.62-63; 6 mar., n.10, p.79-80; 10 abr., n.15, p.119-120; 15 mai., n.20, p.159-160; 5 mai., n.23, p.183-184; 12 jun., n.24, p.191-192; 26 jun., n.26, p.211-212; 3 jul., n.27, p.219-220; 10 jul., n.28, p.227-228; 17 jul., n.29, p.235-236; 24 jul., n.30, p.243-244; 7 ago., n.32, p.258-260; 21 ago., n.34, p.275-276; 4 set., n.36, p.291; 13 nov., n.46, p.371; 20 nov., n.47, p.377-378; 27 nov., n.48, p.386; 1881, 8 jan., n.2, p.15-16; 24 jan., n.4, p.31; R. I. da C. M., "Corographia historica das ilhas de S. Thomé, Principe, Anno Bom e Fernando Pó - Historia Chronologica da ilha de S. Thomé", *op. cit.*, 1880, 31 jan., n.5, p.38-39; 1881, 24 jan., n.4, p.31; 29 jan., n.5, p.37-38; 12 mar., n.11, p.91-92; 23 abr., n.17, p.129-130; 30 abr., n.18, p.135; 7 mai., n.19, p.141-142; 28 mai., n.22, p.163-164; 11 jun., n.24, p.179-180; 25 jun., n.26, p.193-194; 2 jul., n.27, p.200-201; 9 jul., n.28, p.209; 16 jul., n.29, p.216-217; 1881, 23 jul., n.30, p.223; 6 ago., n.32, p.239-240; 13 ago., n.33, p.246-247; 27 ago., n.35, p.263; R. I. da C. M., "Cathalogo dos governadores, bispos e ouvidores das ilhas de S. Thomé e Principe", *op. cit.*, 1881, 27 ago., n.35, p.263-264; 1 out., n.40, p.303-304; 5 nov., n.45, p.344; 12 nov., n.46, p.352; 19 nov., n.47, p.360; 1882, 28 jan., n.4, p.26; 11 fev., n.6, p.37; 18 fev., n.7, p.45-46; 4 mar., n.9, p.59.

conjuntamente, nas colônias africanas. Todas ganharam seus historiadores, geógrafos e viajantes exploradores no decorrer do século XIX, ainda que alguns desses procedimentos remontassem ao período das descobertas. Mas então eram mentes cientificamente estatísticas e verbalmente românticas que se ocupavam de tal tarefa.

É interessante também registrar a presenças de diversas matérias sobre as exposiçoes universais que se realizavam na Europa. Todas tratavam dos trabalhos preparatórios para tais exposições, como a de Paris de 1867 ou a de Viena em 1873.[103] A idéia era justamente selecionar aquilo que seria enviado para Portugal com a finalidade de integrar o evento.

Em matéria de crônica, temos um noticiário de 21 de setembro de 1861, que descrevia a festividade de Nossa Senhora da Graça, as comemorações por ocasião do aniversário de D. Pedro V e, segundo o redator, a primeira representação de um divertimento dramático naquela colônia.

> No dia 19 do corrente teve logar pela primeira vez n'esta provincia um divertimento dramatico, dado pela nova sociedade *Perseverança* fundada ha pouco e composta de cavalheiros, que tiveram a feliz e civilisadora idéa de fundarem uma associação theatral.
>
> A primeira recita, composta de duas engraçadas comedias e de duas scenas comicas, foi dada em honra do exmo. governador da provincia.
>
> Foram ellas magistralmente desempenhadas por amadores, que representaram como perfeitos artistas: não fazemos especiaes menções, porque teriamos de mencionar o nome de todos os actores. A estes foram offerecidas lindas corôas e ramos de flores por s. exa. o governador da provincia.
>
> No fim de uma das comedias os actores, em uma especie de hymno que cantaram, offereceram ao exmo. governador aquella recita como testemunho do apreço das suas qualidades, o que foi esthusiasticamente applaudido com bravos e palmas por todos, pedindo-se a repetição do hymno: não o transcrevemos aqui por o não termos podido obter.
>
> Três senhoras tocaram no piano magnificas peças de musica. A entrada da casa figurava um jardim illuminado por balões de cores e luzes entre as flores e estatuas, o que era de um effeito surprehendente[,] [e] a casa estava lindamente adornada. A muzica da bateria tocoa [tocou] durante a entrada, e nos entre-actos.
>
> Continuas manifestações de applausos, e bravos interrompiam os actores durante a representação; mas os principaes applausos e louvores que lhe cabem é por terem levado a effeito uma sociedade com um fim tão civilisador e importante, como o theatro. Que a sociedade não desminta o seu titulo, e *persevere* no seu interessante trabalho. [104]

Em 1863, temos uma seção de Variedades no boletim, que estampava uma crônica sobre o vício de jogar, assinada por Mandon-Marin.[105]

Quanto à poesia, a única matéria que conseguimos localizar foi um anúncio de 1859 da venda por 600 réis do poema de José Marianno Holbeche Leal de Gusmão, "A Pomba", dedicado a sua majestade El-Rei D. Pedro V e impresso no ano anterior na tipografia daquela colônia. Já

---

[103] . Conde d'Avila, "Comissão Central Directora dos Trabalhos Preparatorios para a Exposição Universal de Paris de 1867. Aviso á industria", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1866, 24 mar., n.12, p.2-3; O Secretario da Comissão R. de Moraes Soares, "Comissão Central Directora dos Trabalhos Preparatorios para a Exposição Universal de Paris de 1867", *op. cit.*, 1866, 24 mar., n.12, p.3-4; "Quinta secção da Comissão Central Directora dos Trabalhos Preparatorios para a Exposição Universal de Paris de 1867", *op. cit.*, 1866, 24 mar., n.12, p.4-5; O secretario da comissão João Palha de Faria Lacerda, "Comissão central directora dos trabalhos preparatorios para a exposição de Vienna da Austria de 1873"[nos números seguintes há outros artigos da mesma comissão], *op. cit.*, 1872, 30 nov., n.41, p.1-2.

[104] . C. [?].B.[?][ilegivel], "Noticiario", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1861, 21 set., n.29, p.116.

[105] . Mandon-Marin, "O jogo", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1863, 17 out., n.23, p.103-104.

pelo texto do anúncio é possível inferir que os versos do poeta não primavam pela perfeição e que a impressão também não primava pela nitidez. Mas possivelmente foi uma das primeiras obras ali impressas, fazendo valer aqui sua referência.[106]

Em 1869, houve notícia da publicação de um periódico intitulado *O Equador*, do qual teria saído ao menos um exemplar no mês de outubro daquele ano. Todavia, não nos foi possível localizá-lo.

Nesse mesmo ano, apareceu em *A Civilisação da Africa Portugueza*, [107] de Angola, um artigo intitulado "S. Thomé", sendo indicado ter sido extraído de "*O S. Thomista*, inimigo dos capachos", datado de 30 de abril de 1869, introduzindo-nos em meio a uma discussão bastante nebulosa em torno da difamação intentada contra o diretor de obras públicas daquelas ilhas. Da publicação *O S. Thomista* nada pudemos saber.

2. *O Jornal de S.Thomé e Principe e a crônica da colônia*

O semanário *Jornal de S.Thomé e Principe* teve início em agosto de 1881. Seu proprietário e redator era Antônio Gomes da Silva Sanches e contava com a colaboração em Lisboa do dr. Pereira Lima, Luciano Cordeiro e José Cardoso de Almeida, entre outros. Era um periódico político e de notícias, com folhetim de rodapé e seção de Variedades, destacando-se pela forte presença de textos literários.

Antes de mais nada, vale destacar, entre seus anúncios, um sobre a futura inauguração da biblioteca, situada na sala que servia até aquela data de gabinete do sr. juiz de direito, nos Paços do Concelho. A iniciativa foi dos senhores Nunes, Francisco Monteiro e M. J. Salvaterra. Fazia-se notar que Teófilo Braga oferecera diversos livros para a empreitada. Se a promessa do anúncio efetivamente se cumpriu, foi a partir de 1882 que São Tomé passou a ter uma biblioteca pública.[108]

No aspecto político, temos a polêmica em torno da capacidade intelectual do governador da colônia. Acusado de semi-analfabeto, o governador (provavelmente L. N. Cabral) publicou um artigo apenas para demonstrar que sabia redigir os textos legislativos que eram publicados no *Boletim Official* da província, demonstração que acabou por corroborar a opinião do crítico.[109]

Publicaram-se também artigos relativos às conquistas portuguesas na África, como o "Guiné – tratado de paz celebrado entre o governo portuguez e os regulos fulas fôrros e futa-fulas do Forrea e do Futa-Djalon". Na seção Noticiário, faziam notar que reproduziam o tratado na íntegra por não haver jornal na provincia da Guiné (a não ser o *Boletim Official*) para o fazer.

---

[106] . José Marianno Holbeche Leal de Gusmão, "A Pomba", *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, 1859, 1 dez., n.87, p.368.
[107] . "S. Thomé", *A Civilisação da Africa Portugueza*, 1869, 12 jun, n.139, p.552-553.
[108] . "Bibliotheca", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1882, 17 mar., n.17, p.102.

Criticavam-se, noutro artigo, os efeitos nefastos dos monopólios comerciais nas âmbito colonial, principal impedimento para o pleno desenvolvimento comercial daquelas localidades.[110]

Extraído do periódico *O Século*, de Lisboa, segundo vinha indicado, temos o artigo "S. Thomé e Principe", que assim se inicia:

> Para qualquer ponto da monarchia portugueza que dirijamos a nossa attenção, observamos immediatamente os effeitos perniciosos do systema que nos governa. Em toda parte a mesma corrupção de costumes, a mesma fraude na administração dos fundos publicos, a mesma relaxidão de consciencia, o mesmo menospreso pelos sagrados direitos do cidadão portuguez, a mesma desastrada situação financeira![111]

Seguia ressaltando o desleixo administrativo que grassava em São Tomé e Príncipe e denunciava os rombos financeiros ali identificados e acobertados. O articulista de *O Século* assim procedia fundamentando-se nas notícias do *Jornal de S. Tomé e Principe*, como então declarava, justificando assim a reedição do artigo nesse jornal. Revelava, com isso, o papel divulgador da situação das colônias, que tinha a imprensa africana na metrópole. Não era, pois, uma imprensa inteiramente isolada, alimentando os jornalistas lisboetas e portuenses de alguma informação sobre a África portuguesa.

Já em matéria de direito, temos o artigo de C. da Fonseca, intitulado "Colonias penitenciarias",[112] que avaliava negativamente tais instituições por fornecerem uma imagem negativa das colônias junto à metrópole, desestimulando a imigração de cidadãos honestos e trabalhadores para aquelas localidades. Notemos que essa era uma crítica constante em todas as colônias portuguesas.

A partir de 20 de janeiro de 1881, passou-se a publicar o Código Administrativo das Províncias Ultramarinas, seguindo-se nos diversos números. Não vem ao caso debruçarmo-nos sobre ele, mas esta evidenciava a vontade que os são-tomeenses tinham de inteirar-se sobre os códigos aos quais se encontravam submetidos, fazendo-os publicar numa folha não oficial.[113]

A redação do periódico fazia notar o recebimento dos boletins oficiais de Angola e da Guiné, do *Jornal de Mossamedes*, da *Gazeta de Angola* e, de Lisboa, de *A Liberdade* e do *Jornal de Noticias*, sendo que deste último reproduziram um trecho em que se noticiava o aparecimento do *Jornal de S. Tomé e Principe.* Em nota especial, também acusavam o recebimento do *Boletim da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geographico-Africanos.*[114] Por tais títulos, poderíamos

---

109 . L. N. Cabral, "Apontamentos biographicos", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1882, 9 fev, n.15, p.93.

110 . "Guiné - tratado de paz celebrado entre o governo portuguez e os regulos fulas fôrros e futa-fulas do Forrea e do Futa-Djalon", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 18 out, n.7, p.26-27; Manoel Francisco C. da Silva, "O monopolio e o governo", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 18 nov, n.10, p.39.

111 . (Seculo), "S. Thomé e Principe", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 10 dez, n.12, p.45.

112 . C. da Fonseca, "Colonias penitenciarias", *Jornal de S.Thomé e Principe,* 1881, 7 out, n.6, p.22.

113 . Infelizmente só foi possível consultar os exemplares da coleção do *Jornal de S.Thomé e Principe* até o número 17, de 17 de março de 1882.

114 . "Troca de jornaes" *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 7 out, n.6, p.23; "Sociedade propagadora de conhecimentos geographico-africano", *op. cit.*, 1881, 25 out, n.8, p.31.

afirmar que o diálogo mais forte e constante dos são-tomeenses dava-se com Angola e com Portugal.

Publicou-se, nos moldes de *O Panorama*, uma cronologia da história de Portugal e da Europa. É curioso, entretanto, que dois terços dessa cronologia não se encontra em ordem cronológica. Apenas o primeiro trecho manteve tal disposição, o que coloca em evidência a função "tapa-buraco" de tais artigos, já completamente distantes do sentido em que eram usados na publicação de Alexandre Herculano.[115]

Na seção de Variedades, temos os "Eccos do jardim", onde apareceu a reprodução de um texto provocativo e gracioso que tratava da "definição que um brasileiro deu á mulher", seguida da opinião de vários escritores a respeito da mulher. Na mesma seção, publicou-se um texto de madame Rouland, "Mulheres celebres da revolução francesa". No mesmo gênero, também eram narrados alguns casos na seção Variedades e teve lugar um texto sobre "O jogo e os jogadores".[116]

Em matéria de música, apareceu um pequeno anúncio, "Coros africanos", comentando uma apresentação de cantores negros, sem, todavia, precisar qual era o gênero de música que interpretaram ou ao menos quantos eram. Foi, contudo, observado que fizeram grande sucesso.[117]

Ainda quanto a espetáculos, apareceu também um anúncio, para o dia 31 de outubro de 1881, de uma récita teatral, com a apresentação das comédias *Resonar sem dormir*, *Diabruras da Leocadia*, *O que a mulher não faz* e *Abençoada Roza*. Já uma outra nota, "Theatro original", comentava as inovações tecnológicas da sala do Teatro de Nova York. Era curiosa a presença dessa matéria sobre o teatro nova-iorquino, já que não podemos estabelecer facilmente nenhum contato direto entre São Tomé e Príncipe e Nova York. De qualquer modo, fica registrado o interesse dos são-tomeenses pelo teatro e por suas novas tecnologias.[118]

Em crônica, temos os textos "Pedaços de um livro roto – quadros de minha terra" e "Pedaços de um livro roto – o retrato do pai Calixto", de Francisco Garção Stockler. Tratava-se, no primeiro caso, de uma descrição ultra-romântica da natureza física de São Tomé e, no segundo, de uma descrição satírica de referido personagem, empregando um vocabulário tecno-científico de classificação de espécimes animais. Apresentava-se, contudo, incompleto, prometendo continuidade, o que não acorreu. Temos ainda de Pedro de Escobar, datado de "S. Thomé, 31 de dezembro de 1881", o texto "As quichotadas do Pindella para recreio dos frequentadores da casa

---

115 . "Chronologia" [de 1830 a 1842], *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 24 ago, n.2, p.7; "Chronologia" [sem ordem cronológica!], *op. cit.*, 1881, 14 set, n.4, p.16; "Chronologia" [sem ordem cronológica], *op. cit.*,1881, 24 set, n.5, p.19-20.

116 . "Eccos do jardim", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 24 ago, n.2, p.8; "Eccos do jardim", *op. cit.*, 1881, 6 set, n.3, p.12; 14 set, n.4, p.16; 24 set, n.5, p.20; 7 out, n.6, p.24l; 28 nov, n.11, p.44; 'Eccos do jardim - opinião de varios escriptores a respeito da mulher", *op. cit.*, 1881, 25 out, n.8, p.32; "(Mulheres celebres da revolução francesa)", [texto sobre madame Rouland], *op. cit.*, 1881, 10 dez, n.12, p.48; [casos], *op. cit.*, 1881, 31 dez, n.13, p.88; "Variedades", *op. cit.*, 1882, 21 jan, n.14, p.92; 9 fev, n.15, p.96; 17 mar, n.17, p.104; "O jogo e os jogadores", *op. cit.*, 1882, 18 mar, n.16, p.100.

117 . "Coros africanos", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 18 out, n.7, p.27.

118 . "Theatro", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 25 out, n.8, p.32; "Theatro original" [de Nova York], *op. cit.*, 1882, 21 jan, n.14, p.92.

Havanesa", que satirizava sarcasticamente o comportamento do governador [provavelmente Paes de Abranches], descrevendo-o como homem ignorante, arrogante, ridículo e superficial. Nesse artigo, Francisco Garção Stockler também era citado como escrivão da administração do concelho e cobrador das contribuições. Na seção Folhetim, teve lugar o texto de Pinheiro Chagas, "A caridade e a familia", que condenava veementemente o convento e a figura da freira, clamando pela extinção de tais instituições religiosas e dessa figura religiosa. Era significativa a escolha desse artigo de Pinheiro Chagas para ser ali reproduzido, tendo em vista a forte presença da Igreja em São Tomé e Príncipe, devendo sua impressão, talvez, às desavenças entre as próprias ordens religiosas. De um certo Cabrion, muito possivelmente o próprio redator Antônio Gomes da Silva Sanches, temos "O cataplasma-typico", crônica que denunciava as falcatruas (com medicamentos) de alguém apelidado de Cataplasma, além de criticar o estilo escrito e oral do dito Cataplasma.[119]

Próximo ao gênero da crônica, temos um texto de Alexandre Dumas, extraído do *Progresso do Algarve*, "Porque é que a Espanha nunca poderá ter um bom governo", que mais lembrava uma anedota sobre a mentalidade espanhola. Também retirado do *Progresso do Algarve*, havia ainda "Um capitulo da arte de furtar", que aparecera no mesmo ano, como vimos, em *A Imprensa* de Cabo Verde.[120]

No gênero "romance", havia um texto assinado por Amador e intitulado "A bruxa – romance historico – I – Scenas de S. Thomé", que mais se assemelhava a uma crônica dos costumes políticos locais, repleto de referências a personalidades políticas da colônia e a suas transações ilícitas. De cunho satírico, o subtítulo "romance historico" ganhaou veracidade à medida que o texto transformou-se, com o passar do tempo, num valioso documento da dinâmica política daquela colônia. Resta, contudo, recuperá-lo na íntegra e desvendar as diversas referências nele contidas. Essa última tarefa não parece assim tão complexa, já que um nome como Amaral aparece simplesmente invertido, Larama, ou Almeida como Adiemla.[121]

Quanto a poemas, apareceram apenas dois: um, anônimo, "As minhas lagrimas", tratava do amor filial à mãe, em versos de extrema simplicidade, chegando mesmo à pobreza vocabular e métrica; o segundo, assinado por L. Malheiro, datado de "S. Thomé, 20-1-82" e intitulado

---

119 . G. S., "Pedaços de um livro roto - quadros de minha terra", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 18 out, n.7, p.25; F. G. Stockler, "Pedaços de um livro roto - o retrato do pai Calixto", *op. cit.*, 6 nov, n.9, p.33; Pedro de Escobar, "As quichotadas do Pindella para recreio dos frequentadores da casa Havanesa", *op. cit.*, 1881, 31 dez, n.13, p.86 [numeração muda arbitrariamente - a tipografia mudou de endereço e os tipógrafos devem ter se embabanado]; Pinheiro Chagas, "A caridade e a familia", *op. cit.*, 1882, 21 jan, n.14, p.89-90; Cabrion, "O cataplasma-typico", *op. cit.*, 1882, 17 mar, n.17, p.101.

120 . Alexandre Dumas, "Porque é que a espanha nunca poderá ter um bom governo", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 6 nov, n.9, p.35; Gilberto, "Um capitulo da arte de furtar", *op. cit.*, 1881, 18 dez., n.10, p.40.

121 . Amador, "A bruxa - romance historico - I - Scenas de S. Thomé (Continuação do n.1)", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 24 ago, n.2, p.5-6; 6 set, n.3, p.9-10; 24 set, n.5, p.17; 7 out, n.6, p.21; 25 out, n.8, p.29.

"Ausencia", era dedicado a J. S. P. V. e resumia-se a duas quadras de versos que tematizavam a falta da amada.[122]

Constata-se, pois, que o *Jornal de S. Thomé e Principe* era, dentro do contexto são-tomeense, uma publicação profícua em literatura, principalmente no que concernia à crônica. O periódico de Antônio Gomes da Silva Sanches era efetivamente polêmico, pois criticava o poder centralizado do governador, denunciava as falcatruas financeiras e condenava, ao menos em parte, o lado conservador do catolicismo.

3. *A folha caritativa Para os pobres*

Em 1884, publicou-se o folheto *Para os pobres – publicação a favor da Santa Casa da Misericordia da Ilha de S. Thomé – pela commissão administrativa d'este pio estabelecimento.* Foi um número único, que teve por responsável Carlos Augusto de Salles Ferreira e por colaboradores Custódio da Borja, T. Navarro d'Andrade, Júlia de Souza e Faro, Alberto Garrido, Lucie d'Almeida, Antônio Gomes da Silva Sanches, Marianna Emília de Souza Sobral, Francisco Montero, Pereira da Graça, Liévin van de Velde, A. C. de Moura Cabral, Antônio Maria de Jesus Castro de Moraes, Libório Nicolau Cabral, Joanna Ayala de Salles Ferreira, A., C. de Souza e Faro, Aurélio Rodrigues, João Chaves, M. Salvaterra, Fermino Lopes de Figueiredo [Victor Hugo], C. Palanque, E. Araújo, Thomaz José da Costa, José do Nascimento de Jesus Bruzaca, A. Trohi, José Correia Nunes, padre José Simões dos Santos e Silva, Máximo de Carvalho, M. Chaves, José M. de Castro, D. S., Luís Gomes da Silva Sanches, Gabriel de Bustamante, José Maria da Lembrança (?) Miranda Henriques, S. F. e Restaquaro [Clemente Bondi].

Marcados pela proposta pia da publicação, os textos ali presentes não primavam pelo valor literário, apresentando, todavia, larga publicação de poemas, fato que não havíamos registrado até então nessa colônia. De T. Navarro d'Andrade, temos uma tradução do inglês, datada de "S. Thomé, 28-8-81" e intitulada "Ossiam – uma noite de outubro no norte da Escossia". De Marianna Emilia de Souza Sobral, apareceu um "Soneto" (N'uma pobre choupana uma velhinha), datado de "Saudade 2 de setembro de 1884" e oferecido à publicação pelo sr. João José Lopes Chaves. De Liévin van de Velde, um poema "A madame Sobral – mon aimable et gracieuse hotesse de l'Ille des Fleurs – S. Thomé – Saudade!", escrito "Abord de *l'Angola* en 25 août 1883". De um certo A., datado de "S. Thomé – août de 84", temos a "Paraphrase da 3ª estrophe de *Camões*" e "A une dame atteinte d'attaques fréquents de catalepsie", datado de "S. Thomé – août de 84". De S. F. apareceram uns versos sem título ("Saudosos annos da infancia"), com a indicação de serem "Versos ineditos d'um amigo que já não existe", datados de "S. Thomé – ago., de 84". De João

---

122 . * * *, "As minhas lagrimas", *Jornal de S.Thomé e Principe*, 1881, 14 set, n.4, p.13.; L. Malheiro [S. Thomé, 20-1-82], "Ausencia a J. S. P. V.", *op. cit.*, 1882, 9 fev, n.15, p.94.

Chaves, datado de "S. Thomé, 29 de agosto de 1884", teve lugar "A minha flor" e também "A viuvez", datado de "S. Thomé, 16 de setembro de 1884". De Francisco Stockler, datado de "S. Thomé, – setembro de 1884", temos o poema (na verdade apenas um excerto, como vinha indicado) em dialeto de S. Tomé, intitulado "O ossobó", seguido da tradução de Thomaz José da Costa. O mesmo texto foi publicado em 1899 no suplemento do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. De M. Salvaterra, o poema "Á minha mãi Anna Joaquinna da Penha Salvaterra" e de Clemente Bondi, tendo sido traduzido do italiano por P. L. Ferrari, o poema "Ninguem vive contente com sua sorte, apologo jocoso", datado de "S. Thomé 4 de setembro de 1884".[123]

Também publicaram-se algumas matérias interessantes sobre, por exemplo, saúde, nas quais o Dr. José Correia Nunes dissertava sobre a "Salubridade da ilha de S. Thomé"; ou sobre festividades, com Antônio Gomes da Silva Sanches, advogado, defendendo o argumento de que "As festas de caridade são manifestações de civilisação"; ou ainda sobre o telégrafo, que informava sobre "O cabo telegraphico sub-marino de S. Thomé".[124]

De todos os trabalhos, era notória a presença de diversos poemas em francês, o que se justificava pela colonização francesa que sofreu a região da costa africana, onde se encontravam as ilhas de São Tomé e Príncipe. A presença do dialeto de São Tomé no texto de Stockler era outro elemento significativo, revelando que ali também se buscavam registrar as variedades dialetais. De resto, destacava-se mais uma vez a presença da Igreja naquelas ilhas, fazendo que a produção letrada local acabasse fortemente marcada por sua doutrina.

4. *Uma imprensa combativa e alguns nomes*

Em 14 de agosto de 1887, surgiu o *Correio de S. Thome – orgão do commercio da provincia de S. Thomé e Principe*. Era editado na ilha de São Tomé na Typ. Salferiana, tendo por proprietário e redator Carlos Augusto de Salles Ferreira, o mesmo editor de *Para os pobres*. Era um periódico político e de notícias, com folhetim de rodapé.

Era curioso que no texto "Primeiras palavras" se afirmasse que:

> É nos totalmente indifferente que nos leiam ou deixem de lêr. Nem a acceitação ou a indifferença dos habitantes d'esta provincia nos perturbarão ou desviarão do nosso caminho.

---

123 . T. Navarro d'Andrade, "Ossiam - uma nuite de out., no norte da Escossia", *Para os pobres*, 1884, set, número único, p.2; Marianna Emilia de Souza Sobral, "Soneto" [N'uma pobre choupana um velhinha], *op. cit.*, 1884, set, p.3 Liévin van de Velde, "A madame Sobral - mon aimable et gracieuse hotesse de l'Ille des Fleurs - S. Thomé Saudade!", *op. cit.*, 1884, set, p.3; A., "Paraphrase da 3. estrophe de "Camões"", *op. cit.*, 1884, set, p.4; A., "A une dame atteinte d'attaques fréquents de catalepsie", *op. cit.*, 1884, set, p.6; S. F. [sem titulo] [Saudosos annos da infancia,], *op. cit.*, 1884, set, p.4; João Chaves, "A minha flor", *op. cit.*., 1884, set, p.4; J. Chaves, "A viuvez", *op. cit.*, 1884, set, p.5; Francisco Stockler, "O ossobó", *op. cit.*, 1884, set, p.7; M. Salvaterra, "Á minha mãi Anna Joaquinna da Penha Salvaterra", *op. cit.*, 1884, set, p.8; Clemente Bondi, "Ninguem vive contente com sua sorte, apologo jocoso de...", *op. cit.*, 1884, set, p.8.

124 . José Correia Nines, "Salubridade da ilha de S. Thomé", *Para os pobres*, 1884, set, número único, p.5; Antonio Gomes da Silva Sanches, "As festas de caridade são manifestações de civilisação", *op. cit.*, 1884, set, p.2-3; D. S., "O cabo telegraphico sub-marino de S. Thomé", *op. cit.*, 1884, set, p.6.

> Não mendigaremos assignaturas nem adhesões, seremos talvez a *vox clamantis in deserto*; – não lamentaremos, esperaremos com paciencia que alguma vez as brisas fortes levem os echos ao povoado.[125]

Em "A nossa politica", observava-se que o periódico era adepto da descentralização das colônias e da autonomia administrativa, isto é, do *self-government* adotado pelos ingleses, já que "Dirigidos pela metropele jazerão sempre os povos africanos na mais rude ignorancia". No texto "Tempora mutantur et nos cum illis", notava-se ironicamente que se cogitou da mudança do nome do periódico para *Provincia dos Opprimidos – periodico dedicado aos interesses da provincia de S. Thomé e Principe e especialmente ao das victimas imoladas no altar do despotismo dos Tartufos coloniaes*.[126]

Pudemos consultar apenas dois exemplares da coleção do periódico, o primeiro, de 1887, e o n. 28, do quinto ano de edição, de 1892. Deles vale a pena registrar aqui duas crônicas: "Matheus Sampaio – a vol de Perruche", anônima, com promessa de continuidade, que não vimos, sobre o retorno do médico Mateus Sampaio, que estivera dois anos fora de São Tomé; e "Chronica semanal", de João Alegre, que, em estilo a um só tempo erudito e bonachão, comentava a falta de acontecimentos de vida intelectual em São Tomé e Príncipe e a sua própria limitação intelectual. Em meio à crônica, traduziu o poema satírico "Parlare di mé". Seria interessante investigar se João Alegre teria algum parentesco com o poeta Caetano da Costa Alegre (1864-1890), o único poeta romântico são-tomeense de que se tem algum conhecimento.[127]

Um anúncio, publicado no primeiro exemplar do periódico, dizia: "Romance original – com o titulo *A baixella do Franca e Lagos ou aventuras d'um belisario* começaremos no proximo numero a publicar em folhetins, um romance original da nossa lavra". Infelizmente, não pudemos localizar qualquer exemplar que traria o prometido romance.[128]

Além do poema supracitado, deparamo-nos com outros dois: de Bizeno, os versos satíricos "Gazetinha", tratando da falta de acontecimentos em S. Tomé e Príncipe; e, de Almada Negreiros, "A noiva".[129] Lembremos que esse poema de Almada Negreiros fôra reproduzido em Angola, no *Correio de Loanda* de 12 de junho de 1892.

O *Correio de S. Thome* era, como podemos inferir por esses dois exemplares, um periódico combativo, que não poupava ataques à metrópole portuguesa em defesa dos são-tomeenses. A Igreja, muito possivelmente, tinha algum papel em tudo isso, já que suas relações com o Estado português durante o século XIX foram sempre muito instáveis.

---

125 . "Primeiras palavras", *Correio de S.Thomé*, 1887, 14 ago, n.1, p.1.
126 . "Tempora mutantur et nos cum illis", *Correio de S.Thomé*, 1887, 14 ago, n.1, p.1; "A nossa política", *op. cit.*, 1887, 14 ago, n.1, p.1.
127 . "Matheus Sampaio - a vol de Perruche", *Correio de S.Thomé*, 1887, 14 ago, n.1, p.2-3; João Alegre, "Chronica semanal", *op. cit.*, 1892, 15 mai, n.23, p.3-4.
128 . "Romance original - com o titulo *A baixella do Franca e Lagos ou aventuras d'um belisario* começaremos no proximo numero a publicar em folhetins, um romance original da nossa lavra", *Correio de S.Thomé*, 1887, 14 ago, n.1, p.4.

Infelizmente, não pudemos localizar qualquer exemplar de *Commercio de S. Thome* (1892). Também *O S. Thomista* (1869), referido em artigo publicado em *A Civilisação da Africa Portugueza*, não foi por nós localizado, como já observamos. Lembremos, ainda, que o cronista Carlos Flores, do periódico *A Civilisação da Africa Portugueza*, ao comentar a festa em benefício do Recolhimento Pio de D. Pedro V, em 1867, em Luanda, observava que entre os poemas lidos na ocasião estava o do dr. Oliveira, médico de São Tomé, do qual nada pudemos saber.

Apesar das diversas lacunas, podemos averiguar uma constância nos colaboradores nos periódicos aqui arrolados. Como vimos, Francisco Garção Stockler, Francisco Monteiro, M. J. Salvaterra, José Correia Nunes, Antônio Gomes da Silva Sanches e Carlos Augusto de Salles Ferreira, que colaboraram na folha *Para os pobres*, já tinham aparecido ou no *Boletim Official*, ou no *Jornal de S. Thomé e Principe*, ou mesmo em ambos. Também Carlos Augusto de Salles Ferreira, editor de *Para os pobres*, passou a editar em seguida o *Correio de S. Thome*. Além destes, o poeta Almada Negreiros, João Alegre e Pedro de Escobar destacavam-se neste último periódico.

Entre todos, ressalta a figura de Francisco Garção Stockler, que esteve presente ao menos em três das quatro publicações aqui investigadas, além de ter um texto seu publicado no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Revelou grande interesse pelos falares locais. Sabemos apenas que fôra escrivão da administração do concelho e cobrador das contribuições. Devia ter algum parentesco com a família de Francisco de Borja Garção Stockler (1759-1829), Barão da Vila da Praia, homem das ciências e adepto das doutrinas liberais da revolução francesa, que teve problemas com a coroa quando da invasão francesa, acabando por rejeitar suas convicções e se tornar um defensor do regime monárquico absolutista.

Quanto a Antônio Lobo de Almada Negreiros, sabemos que viveu muitos anos naquelas ilhas, mas nascera em Portugal, em 1868, e morreria na França em 1939. Foi, segundo Manuel Ferreira (1987: 38), o primeiro poeta a editar um livro em São Tomé e Príncipe, intitulado *Equatoriaes* (1896). Todavia, lembremos do supracitado poema "A pomba", de José Mariano Holbeche Leal de Gusmão, que foi ali impresso em 1858 e dedicado a D. Pedro V, como vimos anunciado no boletim da colônia. Não sabemos se "A pomba" era apenas uma pequena folha ou um longo poema épico, podendo colocar em dúvida se as *Equatoriaes* foram ou não o primeiro livro de versos publicado em São Tomé e Príncipe. Almada Negreiros também escreveu uma *Historia ethnographica da ilha de S. Thomé*, publicada em 1895 (Laranjeira, 1995: 336).

Dos outros escritores acima mencionados rigorosamente nada pudemos saber.

Ainda que não tenha aparecido em nosso *corpus*, não podemos deixar de referir aqui Caetano da Costa Alegre, que nasceu em São Tomé em 1864 e morreu prematuramente em Lisboa em 1890, para onde fôra estudar medicina. Em 1893, aparecia um poema seu, "As andorinhas",

---

[129] . Bizeno, "Gazetinha", *Correio de S.Thomé*, 1892, 15 mai, n.23, p.3; Almada Negreiros, "A noiva", *op. cit.*, 1892, 15 mai, n.23, p.4.

no *Almanach Luso-Brasileiro de Lembranças*. Porém, seu único livro, *Versos*,[130] foi publicado postumamente em Lisboa, em 1916. Caetano de Costa Alegre é considerado por Manuel Ferreira (1987: 38-29) um típico exemplo da sujeição do negro aos valores europeus, pois o poeta, em seus poemas, ver-se-ia desvalorizado *a priori* em função da cor de sua pele. Já Francisco Soares (1994: 25-33) aproxima-o do que então era feito em Angola e Cabo Verde, procurando integrá-lo à estética ultra-romântica que vigorava nos incipientes meios literários daquelas localidades. Cremos ser a apreciação de Francisco Soares mais próxima daquilo que, para nós, se apresenta como o elemento de interesse na obra de Caetano de Costa Alegre: a construção de uma subjetividade peculiar ao lugar social que efetivamente o negro ocupava na sociedade culta portuguesa do século XIX.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de que toda a produção jornalística teve origem na ilha de São Tomé. Não pudemos localizar nenhuma publicação oitocentista na ilha do Príncipe, fazendo crer que a situação letrada naquela localidade encontrava-se em estado ainda mais precário do que aquela que identificamos em São Tomé.

[130] . Há uma nova edição pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, de Portugal, com prefácio de Francisco Soares.

CAPÍTULO 14

O jornalismo literário e de ilustração na Guiné Bissau

A geografia da Guiné no século XIX restringia-se à costa, isto é, a um arquipélago, tal como acontecia geograficamente com Goa. E mesmo esta região costeira teve suas fronteiras modificadas. Em 1885, por exemplo, Andrade Corvo, Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro cederam à França a rica bacia do rio Casamansa e o rio Nuno, em troca do pretenso reconhecimento de uma indefinida faixa de terra que ligaria Angola a Moçambique, o que posteriormente se revelou um malogro (Almeida, 1979: 239).

Somente no século XX os portugueses conseguiram adentrar o continente, aproveitando-se dos conflitos entre etnias. Assim, durante o período por nós aqui tratado, a Guiné portuguesa restringia-se à ilha de Bolama, às ilhas circunvizinhas e à costa mais próxima ao arquipélago. Sustentava-se em razão do tráfico de escravos com Cabo Verde, Brasil e Cuba, apesar das proibições britânicas então vigentes.

Até 1878, a Guiné foi subordinada administrativamente à colônia de Cabo Verde, ficando conhecida como a província da Guiné de Cabo Verde. Desse modo, era colônia de uma colônia. Se pudermos deduzir o que isso significava em termos políticos e econômicos, poderemos também, a partir daquilo que foi apresentado da vida literária das colônias até aqui, imaginar as conseqüências literárias dessa condição: a nulidade total.

Mesmo a bibliografia portuguesa sobre a Guiné foi escassa até o século XIX. Segundo Pelissier (1989: 46-47), à parte as crônicas de João de Barros e de algumas relações de missionários do século XVIII, a bibliografia portuguesa sobre a Guiné surgiu somente em meados do século XIX, quando saiu, em Paris, a *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné*...(1841) (manuscrito do século XV), de Gomes Eanes de Azurara, e a *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa occidental*... (1841), do Visconde de Santarém. No Porto, foi publicado o *Tratado breve dos Rios de Guiné de Cabo Verde* (1841) (manuscrito de 1594) e em Lisboa os dois volumes da *Corographia cabo-verdiana ou Descripção geographico-historica da provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné* (1841) [1843], de José Conrado Carlos de Chelmicki e de Francisco Adolfo de Varnhagen, que vimos criticados no *Boletim Official de Cabo Verde*. Pelissier também notificou a existência de um panfleto intitulado

Descoberta e occupação da Guiné só pelos portugueses, publicado em Lisboa em 1840, mas originalmente escrito em 1802.

O momento de autonomia da Guiné em relação a Cabo Verde, em 1878, coincidia, não por acaso, com o do surgimento da imprensa naquele território. Em 1879, instalou-se a primeira máquina impressora na Guiné e, no ano seguinte, mais exatamente em 7 de fevereiro de 1880, foi publicado o *Boletim Official do Governo da Província da Guiné Portugueza*, que doravante designaremos apenas por *Boletim Official da Guiné*.[131]

A parca literatura em periódicos guineenses

Iniciado em 1880, o *Boletim Official da Guiné Portuguesa* parou logo em seguida sua publicação, que seria reiniciada em 5 de janeiro de 1884, sempre com impressão em Bolama.[132] Propunha-se como semanário e era vendido nas alfândegas de Bissau e Cacheu.

Tinha o mesmo perfil burocrático de todos os boletins oficiais aqui tratados, sem, no entanto, qualquer interesse literário. Constata-se, todavia, pelo boletim, que, assim como em São Tomé e Príncipe, a Igreja atuava como a instituição mais forte.

Uma outra publicação oitocentista, de cunho cristão, foi *A Fraternidade – Guiné a Cabo Verde – folha dedicada a soccorrer as victimas da estiagem da provincia caboverdiana*, constituindo-se de um número único, de 31 de outubro de 1883. Foi publicada em Boloma, na Imprensa Nacional, com uma tiragem de 10 mil exemplares, o que era um número significativo, tendo em vista o virtual público leitor daquela colônia.

Contou com os seguintes colaboradores: Antônio José Machado, Adolpho da Silva, Alfredo Balbino Roza, Caetano Pessoa, Carlota Castella do Valle, Caetano Filippe de Souza, Cézar Pinto, Cézar C. Medina, Carlos Simões, Delgado de Carvalho, Damasceno Isac da Costa, Eduarda Alice Roza, E. C. do Valle, Eleutherio Fortes Monteiro, J. J. P. e Prado, J. J. d'Almeida, José Duarte Campos Calado, J. B. R. d'Abreu Fernandes, Laura Ferreira de Mesquita Álvares, Maria Balbina Roza, Mário, N. Medina, Nicolau Romes Barbosa, Nicolau Bernardino Monteiro, Pedro de Golvêa, Pedro Rogério Leite, Prisca Ismênia de Lima e Mello, Salomão José Guerreiro, Silva Ennes, Tavares, Tito A. Castro, Violante Elvira Lobato d'Almeida, Ventura Duarte Barros de Fonseca, V. Rolim, X. Delgado e Zuzimo Morats. Circulou na Guiné em benefício do combate à fome em Cabo Verde.

A grande maioria dos textos tratava da caridade ou da fraternidade. Eram, em geral, apenas frases, parágrafos, pequenos textos, registrando assim o nome daqueles que colaboraram financeiramente com a edição.

---

[131] . Pelissier (1989: 48, nota 26) cita o *Bolletin Administratif de Gorée et Dépendances* (1855) e o *Moniteur Officiel du Sénégal et Dépendances* (1856) como publicações anteriores às portuguesas na região da Guiné.

[132] . A não ser que tenha havido um outro primeiro exemplar em 1880, sendo o de 1884 um reinício da publicação.

De literatura, havia quase nada.A publicação tem hoje maior valor histórico do que literário. Por sinal, especificamente histórico era o artigo de Antônio José Machado, "Fulas e mandingas",[133] que tratava das lutas desses dois grupos étnicos – o primeiro dominador, o segundo, dominado. A partir de 1856, entraram em embates constantes, desestabilizando a dominação portuguesa. O articulista clamava pela tomada de posição de Portugal e o fim da guerra. Lembremos que dois anos antes, no exemplar de 18 de outubro de 1881 do *Jornal de S. Tomé e Principe*, já aparecia uma matéria sobre o mesmo conflito, revelando ser uma preocupação que unia as duas colônias.

Retraçando em pouquíssimas linhas o percurso histórico da Guiné, Caetano Pessoa, no artigo "A Guiné", citou o Brasil e a Índia como modelos de progresso no cenário da expansão portuguesa. Isso é significativo para a reconstituição da imagem do Brasil naquelas localidades, apontando para a positividade dessa imagem.[134]

No aspecto literário, interessa registrar o conto em crioulo da Guiné escrito por Adolfo da Silva e por Marcelino de Barros. Foi dedicado ao sr. Adolfo Coelho e apareceu sob o título de "Especimen de dialecto creoulo da provincia Lobo cô-garça",[135] indicando tratar-se de uma imitação de La Fontaine. Vimos que Marcelino de Barros estampou também alguns trabalhos sobre o crioulo da Guiné no *Almanach Luso-Brasileiro* de Cabo Verde.

Já em matéria de poemas, temos ali um número maior de trabalhos. De J. J. P. e Prado, apareceram uns poucos versos pios, sem título ("A contrario perdôa, dá-lhe auxilio"). De Mário, o poema "A proposito", sobre a fraternidade da Guiné às misérias de Cabo Verde. De Salomão José Guerreiro, "A caridade", exatamente no mesmo andamento do anterior. E da própria Bíblia, temos uma versão de Silva Ennes do texto de São Paulo aos Coríntios, cap. XIII, versículos de 1 a 7 (Se eu fallar as lingoas dos homens e dos anjos...).[136]

Constata-se, pois, a quase ausência de produção literária na Guiné, a forte presença da Igreja, a ausência do Estado português e conflitos étnicos. Vale destacar, entretanto, o esforço que Adolfo Silva e Marcelino Marques de Barros na coleta do crioulo local, engrossando os trabalhos em torno da recolha das variedades crioulas dispersas pelo mundo lusófono.

De Adolfo Silva, nada pudemos saber. Já de Marcelino Marques de Barros (1843-1929), Manuel Ferreira (1987: 37) afirmou que era cônego e que publicou em 1900 o livro *Literatura dos negros*, tendo ainda colaborado na *Revista Lusitana*, em *A Tribuna*, nos *Anais das Missões Ultramarinas* e na *Voz da Pátria*, deixando o manuscrito "Contos e cantares africanos" e fazendo

---

133 . Antonio José Machado, "Fulas e mandingas", *A Fraternidade*,1883, 31 out, número único, p.1.
134 . Caetano Pessoa, "A Guiné", *A Fraternidade*, 1883, 31 out, número único, p.1.
135 . Adolpho da Silva, Marcellino de Barros, "Especimen de dialecto creoulo da provincia Lobo cô-garça", *A Fraternidade*, 1883, 31 out, número único, p.1.
136 . J. J. P. e Prado, [sem titulo] [A contrario perdôa, dá-lhe auxilio], *A Fraternidade*, 1883, 31 out, p.2; Mario, "A proposito", *op. cit.*, 1883, 31 out, p.3; Salomão José Guerreiro, "A caridade", *op. cit.*, 1883, 31 out, p.4; Silva Ennes, [Se eu fallar as lingoas dos homens e dos anjos...] [S. Paulo aos Corinthios], *op. cit.*, 1883, 31 out, p.4.

parte, com dois contos, do primeiro volume da coletânea de J. Leite Vasconcelos, *Contos populares e lendas* (1964).

CAPÍTULO 15

A dinâmica do eixo ocidental

Nesse périplo em meio à literatura oitocentista publicada em periódicos de Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné, estávamos inclinados a considerar Angola o centro do eixo ocidental das colônias portuguesas, como vimos acontecer com Goa no eixo oriental. Todavia, diferentemente das colônias do Oriente, que se encontravam bastante distante da metrópole portuguesa, as do eixo ocidental tiveram como centro a própria metrópole. Sem dúvida Angola e Cabo Verde mantinham relações mais freqüentes com Portugal do que a Guiné e São Tomé e Príncipe, de forma alguma se comparando ao que acontecia no eixo oriental, onde Goa tinha de fazer as vezes de metrópole intelectual da região, formando parte da elite letrada que iria servir na administração colonial de Macau e Moçambique. Havia, ainda, no contexto ocidental, uma presença maior do Brasil, que mantinha estreitas relações com Angola e uma relação um pouco mais distanciada com Cabo Verde, chegando a ter alguma presença em São Tomé e Príncipe e mesmo na Guiné.

Supúnhamos que Cabo Verde fosse culturalmente dependente de Angola, mas nada veio a comprovar tal hipótese. Cabo Verde tinha uma vida literária própria, ligada estreitamente a Portugal. Estabelecia também um diálogo constante com a Guiné, com Angola e com o Brasil, mas seu vínculo com a metrópole sobrepujava isso tudo, como já foi parcialmente desenvolvido por Manuel Ferreira (1987), quando tratou das condições endógenas que propiciaram o surgimento da revista *Claridade*.

Também as relações de Angola se davam em primeira instância com a metrópole portuguesa. Era notório o número de portugueses atuando na imprensa e na vida econômica e política de Angola. Tudo ali tinha por medida a realidade portuguesa, não ficando de fora o gosto estético.

Mas passemos em revista os artigos que apontavam para as inter-relações das colônias do eixo ocidental na busca de estabelecer a tecitura dessas relações.

Entre Angola e São Tomé e Príncipe, por exemplo, havia um forte relacionamento no que concernia ao jornalismo. Isso ficou evidente nos periódicos, como *A Civilisação da Africa Portugueza*, que se definia como um "Semanario dedicado a tratar dos interesses administrativos, economicos, mercantis, agricolas e industriais da Africa portugueza, particularmente de Angola e

S. Thomé". Também o seu concorrente, o *Commercio de Loanda*, destinava-se às duas colônias. Outro que pretendia "advogar os interesses das provincias ultramarinas, mormente os de Angola e os de S. Thomé e Principe, as joias de mais subido valor da monarchia portuguesa - que as não aprecia nem estima", era *O Cruzeiro do Sul*. Vemos, pois, que a imprensa oitocentista angolana via a colônia de São Tomé e Príncipe dentro de sua área de influência.

Havia diversas referências a São Tomé e Príncipe nos periódicos angolanos oitocentistas. Na incursão aqui realizada, destacamos, por exemplo, em *A Civilisação da Africa Portugueza,* o artigo "S. Thomé", que comentava a difamação intentada contra o diretor de obras públicas daquelas ilhas. Também vimos o são-tomeense dr. Oliveira recitando um poema na festa em benefício do Recolhimento Pio de D. Pedro V. No *Correio de Loanda*, encontramos outro poeta são-tomeense, Almada Negreiros, com o poema "A noiva".

Por outro lado, no *Jornal de S. Thomé e Principe,* vislumbrava-se a sintonia com a colônia angolana, pois era notificado que recebiam o *Boletim Official de Angola*, o *Jornal de Mossamedes* e o *Boletim da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geographico-Africanos,* além da *Gazeta de Angola*, de Lisboa. Havia, pois, um trânsito de periódicos, de homens e de trabalhos literários entre as duas colônias, sendo Angola, obviamente, o pólo mais forte.

Entre Angola e Guiné, não encontramos nada que valesse a pena ser registrado. Ao que tudo indica, no século XIX essas duas colônias encontravam-se bastante distanciadas.

Já no que dizia respeito a Cabo Verde, as relações de Angola se apresentavam de forma menos intensa do que aquela estabelecida com São Tomé e Príncipe, mas um pouco mais viva do que aquilo que ocorria em relação à Guiné. Destacamos, por exemplo, o artigo sobre a crise por que atravessava Cabo Verde na década de 1880, tecendo sérias críticas à administração política e econômica colonial, artigo publicado no periódico de Urbano de Castro *A União Africo-Portugueza.*

Em Cabo Verde, a referência a Angola era relativamente freqüente. Vimos que já no *Boletim Official de Cabo Verde* figuravam dois artigos sobre agricultura, que abordavam espécies cultivadas em Angola. Anos depois, no *Almanach Luso-Brasileiro*, também apareceram novos artigos sobre espécies vegetais cultivadas em Angola com sucesso, sugerindo que os cabo-verdianos vissem a atividade agrícola em Angola como exemplar. Também reproduziam do *Boletim Official da Provincia de Angola* a "Relação da viagem, e chegada a Mossamedes dos subditos Portuguezes, que n'aquela parte de Africa foram estabelecer uma colonia". No *Almanach Luso-Africano,* apareceram seis textos do gênero de enigmas e charadas, assinados por angolanos.

Debruçando-nos agora sobre as relações de Cabo Verde e já tendo constatado alguma interação com Angola, vejamos seu grau de relacionamento com a Guiné. Este parece ter sido bastante intenso, remontando ao tempo em que eram consideradas uma só colônia com sede em Cabo Verde. Notemos que mesmo o crioulo falado na Guiné teria origem na crioulo cabo-verdiano de Sotavento (Silva, 1984: 31).

No *Boletim Official de Cabo Verde*, na década de 1880, teve lugar, como vimos, o texto "Recordações da Guiné". No *Almanach Luso-Africano* foram estampadas por Marcelino Marques de Barros diversos trabalhos em crioulo guineense. Também se comentava o mancarra-amendobi, leguminosa cultivada na Guiné. Em *A Imprensa,* vimos Guilherme de Cabo Verde narrando uma história de amor ambientada em Cabo Verde e na Guiné, intitulada "Amor! Ai! Quem dera (Offerece a * * *)", e, no *Almanach Luso-Africano*, dois poemas oriundos da Guiné: "Tristeza" e "Despedida", assinados por A. D.

Também a Guiné voltava-se para Cabo Verde com a folha *Fraternidade*, impressa para recolher fundos com o fim de auxiliar o povo cabo-verdiano, que se encontrava em situação calamitosa em função da seca e da fome.

Quanto às relações de Cabo Verde com São Tomé e Príncipe, destacamos apenas um texto em crioulo, assinado por A. C. e intitulado "Dialectos indigenas (S. Thomé – Poesia)", publicado no *Almanach Luso-Africano.*

Mas lembremos que também entre São Tomé e Príncipe e a Guiné havia alguma comunicação. A redação do *Jornal de S. Thomé e Principe* acusava o recebimento do *Boletim Official da Guiné* e publicava o artigo "Guiné – tratado de paz celebrado entre o governo portuguez e os regulos fulas fôrros e futa-fulas do Forrea e do Futa-Djalon", revelando alguma preocupação com o que se passava naquela colônia.

Até aqui mapeamos algumas relações entre as colônias do eixo ocidental e tomamos como evidentes os diversos níveis de relações das colônias com a metrópole portuguesa. Ainda não falamos, porém, de como o Brasil integrava esse conjunto de referências. Pelas notificações que apareceram nos periódicos do eixo ocidental, podemos concluir que o Brasil teve presença muito mais significativa neste do que no eixo oriental.

No que dizia respeito à relação entre Angola e Brasil , temos já no *Boletim Official de Angola* os avisos de partidas e chegadas de navios e pessoas que vinham de ou iam para o Brasil, como nos relatou Mário Antônio, apontando para um trânsito constante entre ambas as regiões.

Em *A Civilisação da Africa Portugueza*, na pena de Urbano de Castro, vimos que a perda do Brasil como colônia apresentava-se como prova da ineficiência da administração colonial portuguesa, que apostava na escravidão e na repressão. No mesmo periódico, pudemos constatar que saíra à luz em Angola uma interessante modinha brasileira para piano e canto, "Pode o ceu dar flores", sendo também publicado um trecho de "Como conquistavam os portugueses nas Terras de Sancta Cruz (relação escripta pelo pe. Antonio Vieira)".

Já no *Futuro d'Angola,* vimos estampado o polêmico artigo de José de Fontes Pereira, "A independência d'Angola – II", confrontando os percursos de Angola e do Brasil. Desse confronto, o Brasil saia em vantagem por ter usufruído da mão-de-obra escrava angolana, por ter tido a corte instalada no Rio de Janeiro, por contar com a imigração constante de portugueses, enfim, por tudo o que roubaram ou negaram durante 400 anos a Angola, autorizando, assim, os

angolanos a trabalharem por sua emancipação, a escolherem o abrigo de outra nação que lhes desse condições de desenvolvimento material e intelectual. Essa nação, que Fontes Pereira não designa claramente, além da Inglaterra, França ou Estados Unidos da América, poderia ser o próprio Brasil. Não sabemos qual delas o redator tinha em mente quando assim provocava os portugueses, mas na certa o Brasil não estaria fora dessa lista.

No mesmo periódico, que afirmava seu integral apoio ao artigo de Fontes Pereira, vimos que um outro artigo anônimo, intitulado "Brazileiros", davanotícias sobre o movimento republicano no Brasil, e outro ainda, intitulado "Brazil", tratava dos desentendimentos diplomáticos entre Portugal e Brasil.

No texto de abertura de *O Arauto Africano,* o Brasil voltava à cena, então como exemplo de exploração e desrespeito ao negro. No *Correio de Loanda,* pudemos constatar uma outra imagem negativa do Brasil, ao menos aos olhos dos monarquistas. No artigo "As bellezas da Republica dos Estados Unidos do Brazil – ao illustre republicano portuguez, o sr. general Latino Coelho",[137] extraído da *Gazeta da Tarde,* do Rio de Janeiro, de 3 de junho de 1891, Cézar Zama fazia uma mordaz e destrutiva crítica aos 16 meses de existência republicana que o Brasil então desfrutava, classificando seu governo de "canalhocracia" e concluindo que o Brasil era, então, o país mais desgraçado do mundo civilizado. O *Correio de Loanda* também apresentava dados sobre a numerosa emigração de angolanos para o Brasil e um diálogo em versos, sem título, assinado por B. Seabra, escrito no Rio de Janeiro, tratando de modo bem-humorado da tentativa de um rapaz em seduzir uma moreninha sem o menor sucesso. A figura da morena esperta nos faz indagar se e quanto o culto à morena no Brasil não inspirou ou elogiou a morena e a negra angolanas nesses anos.

Já o *Jornal de Mossamedes* pretendia circular em Moçambique e no Brasil, o que denotava um vínculo estreito entre a colônia africana e a ex-colônia da América. Ali apareceu "Uma curiosa mensagem do governo marroquino para o da republica do Brazil", que declarava a manutenção das relações diplomáticas após a mudança do regime político brasileiro para o republicano.

Também em Moçâmedes, publicou-se na folha *O Quinze de Agosto de 1898,* em homenagem ao restaurador de Angola, Salvador Correia Sá Benevides, um brasileiro que dali expulsou os holandeses. Vimos também que no cenário cultural angolano se destacavam os brasileiros Saturnino de Sousa e Oliveira e Francisco Pereira Dutra, que se dedicaram ao estudo do quimbundo.

Quanto às relações entre Cabo Verde e Brasil, temos indícios freqüentes. Já por meio dos anúncios do *Boletim Official de Cabo Verde* era possível estabelecer algumas dessas relações. Além disso, periódicos brasileiros, como o *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro,* o *Diario de*

[137] . Cezar Zama, "As bellezas da Republica dos Estados Unidos do Brazil - ao illustre republicano portuguez, o sr. general Latino Coelho", *Correio de Loanda,* 1891, 4 out, n.89, p.1.

Pernambuco e o *Guaycurú*, tinham artigos seus ali reproduzidos. Tais artigos, como já observamos, eram em geral retirados de reproduções da imprensa portuguesa, o que funcionava como um filtro metropolitano para a chegada em Cabo Verde das publicações brasileiras.

Revelando um apreço ocasional dos cabo-verdianos para com o brasileiros, temos os agradecimentos oficiais do vice-cônsul brasileiro João Antônio Martins aos cuidados despendidos a dois praças brasileiros que ficaram internados no hospital da ilha de S. Vicente. Também vimos a publicação de uma crônica sobre a penitenciária de Fernando de Noronha, o que era bastante sugestivo, se lembrarmos que em Cabo Verde se instalaria uma das prisões mais afamadas da ditadura salazarista dali a alguns anos. E não podemos esquecer que foi o brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen, junto com José Conrado Carlos de Chelmicki, o autor de um dos primeiros trabalhos de fôlego sobre o arquipélago, a *Corographia cabo-verdiana ou Descripção geographico-historica da provincia das ilhas de Cabo-Verde e Guiné* (1841).

No plano estético, destacamos a presença de Victor Cousin no *Boletim Official de Cabo Verde*, filósofo que muito influenciou a geração romântica na França, em Portugal e no Brasil. Como não encontramos qualquer um de seus textos reproduzidos nas outras colônias, consideramos esse fato como mais um indício da maior aproximação de Cabo Verde a Portugal, e mesmo ao Brasil, do que em relação a Angola.[138]

Dado importante é a publicação do poema "Vozes d'Africa", do livro *O escravo*, de Castro Alves, no periódico *A Imprensa*, em 1881. Se lembrarmos que o primeiro romance publicado por um cabo-verdiano fôra *O escravo*, de José Evaristo de Almeida, impresso em 1856, em Lisboa, teremos no poema de Castro Alves não um modelo mas um reforço ideológico e estético de um tema já eleito como de interesse literário pelos cabo-verdianos.

Ainda no *Almanach Luso-Africano,* temos algumas colaborações de brasileiros, valendo destacar os versos de João Miguel da Cruz, de S. Bento, Maranhão, "Á Virgem Nossa Senhora", e cinco charadas e enigmas de autoria de brasileiros. O almanaque possivelmente circulava também no Brasil, ainda que sua distribuição fosse precária, como é de se supor.

Na colônia de São Tomé e Príncipe, temos também algumas referências ao Brasil. No *Boletim Official de S. Thomé e Principe*, em 1872, o vice-cônsul brasileiro Pedro Zeferino Barboza Paiva convocava os brasileiros a comparecerem ao vice-consulado por motivos de recenseamento, com ameaças de punições aos que assim não procedessem. Na seção de Variedades do *Jornal de S. Thomé e Principe* (1881), temos os "Eccos do jardim", onde apareceu a reprodução de um texto provocativo e gracioso que tratava da "definição que um brasileiro deu á mulher", seguida da opinião de vários escritores a respeito da mulher.

---

138 . De Gérando, "A historia da philosophia", *Boletim Official de Cabo Verde*, 1844, 21 set., n.74, p.296; Victor Cousin, "Principios philosophicos", *op. cit.*, 1844, 28 set., n.75, p.300; Kératry, "Sentimento da imortalidade da alma", *op. cit.*, 1844, 9 nov., n.81, p.324; "Introdução ao epitome das sciencias e das artes - por M. Hesse", *op. cit.*, 1850, 27 abr., n.17, p.66-67; 11 mai., n.19, p.74-75; 18 mai., n.20, p.81-82; 26 mai., n.21, p.83-84; 29 jun., n.26, p.106.

Na Guiné, quando Caetano Pessoa resumia a história da colônia no artigo "A Guiné", publicado na folha *A Fraternidade*, citava, como já observamos, o Brasil e a Índia como modelos de progresso no cenário da expansão portuguesa, revelando ali uma imagem positiva em relação ao Brasil.

Entre negatividade e positividade, o Brasil era referência constante primeiramente para os angolanos, depois para os cabo-verdianos, e em menor grau para os são-tomeenses e guineenses. Apesar da negatividade associada ao sistema escravocrata e, por vezes, ao republicanismo, era a positividade a tônica dominante na imagem que o Brasil apresentava naquelas folhas.

Além dos artigos que revelavam os vínculos e imagens entre as colônias e em relação ao Brasil, temos ainda alguns textos que abarcavam aspectos mais gerais e que vale a pena serem destacados, como, por exemplo, o artigo "A proposito da Reforma Judicial do Ultramar", saído no *Futuro d'Angola*, em 1894, que denunciava a manipulação da lei em benefício da manutenção da escravidão, que estabelecia como legítimo o trabalho forçado para o indígena das colônias do Timor, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Isso apontava para uma nova organização das colônias portuguesas definida pela metrópole, que vigoraria no século XX. Os "indígenas" de Goa, Macau, Cabo Verde e Guiné estavam fora dessa sujeição, o que tinha relação direta com a situação econômica de cada uma dessas localidades, somada, provavelmente, à natureza da relação ideológica que mantinham com a metrópole.

Podemos destacar ao menos duas figuras que circularam pelas colônias naqueles anos: Alfredo Troni e Eduardo de Balsemão, ambos portugueses de nascimento. Troni, antes de instalar-se em Angola, esteve em São Tomé e em Cabo Verde. Eduardo Balsemão, antes de sua permanência em Cabo Verde, esteve em Goa e em Angola, chegando mesmo a publicar textos relativos a ambas as regiões. Também o cabo-verdiano Pedro Cardoso esteve em Angola durante um ano. Todavia, tais literatos não cumpriram um papel comparável ao que fizera Campos Oliveira no eixo oriental. A dinâmica literária do eixo ocidental não está marcada por esse trânsito de escritores entre as colônias, mas sim pela presença ostensiva de Portugal e pela referência alternativa ao Brasil. A França, como vimos, também era um referencial importante tanto em Cabo Verde como em Angola, e mesmo na Guiné e em São Tomé e Príncipe. Encontramos poemas em francês em toda a parte e, além de Victor Hugo e Lamartine, temos também Alfred de Musset e Verlaine.

Recorrendo a uma imagem astrofísica, cremos que poderíamos afirmar que a dinâmica literária e cultural das colônias ocidentais portuguesas tinha Portugal como o centro solar, Angola e Cabo Verde como planetas e São Tomé e Príncipe e a Guiné como seus respectivos satélites. O Brasil funcionaria como um outro Sol que orbitasse muito próximo ao campo de ação de Portugal, num movimento constante de atração e repulsão, integrando, num plano mais amplo, a galáxia Europa, para completar a metáfora.

Em termos estilísticos, temos no eixo ocidental um quadro não muito diferente do oriental. Em ambos predomina a sensibilidade ultra-romântica. Todavia, no eixo ocidental, as manifestações decadentistas e mesmo realistas começaram a despontar e o ultra-romantismo trazia acentos mais mórbidos do que aqueles apresentados no Oriente. O nativismo e o movimento independentista angolano eram uma exceção aos movimentos similares apenas esboçados ou sequer concebidos em outras localidades.

Mas temos também muitos paralelismos. Em Moçâmedes e em Macau, por exemplo, há uma marcante recuperação de determinados procedimentos neoclássicos, como o uso da glosa e as disputas poéticas. O grupo de *A Imprensa,* de Cabo Verde, aproxima-se, como observamos, do grupo da *Illustração Goana*, pela ambientação local das narrativas.

Resta-nos, pois, pensar agora por meio de quais procedimentos se orquestrou literariamente o conjunto das colônias do eixo oriental e do ocidental, tomando por medida o espaço literário que cada uma delas conseguiu instituir no decorrer do século XIX.

PARTE 5

Ultra-romantismo, convenção e formação

No país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento conveniente, as caligens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; e as castas superiores da sociedade ou rasgarão os seus pergaminhos ou cairão abraçados com eles, como em sudários.

(*Crítica teatral*, Machado de Assis)

Ao iniciarmos este trabalho com um estudo detalhado de *O Panorama*, procuramos definir, utilizando-nos de um exemplo paradigmático, o que vinha a ser um periódico literário e de ilustração. Posteriormente, tentamos encontrar tais modelos jornalísticos nas colônias e efetivamente os encontramos, como foi o caso da *Illustração Goana*, da *Revista Africana* ou da *Revista de Cabo Verde*. A maior parte das folhas aqui tratadas, no entanto, não correspondia a esse gênero de publicação, que nos autoriza a concluir categoricamente que a imprensa especializada, de caráter literário e de ilustração, gerou poucos frutos nas colônias.

O que pudemos encontrar, todavia, como publicação literária esporádica em periódicos políticos, comerciais ou de notícias, ou nas seções literárias que algumas folhas costumavam publicar, levou-nos a muitos textos que impressionam pela sua quantidade e diversidade. Descobrimos assim uma maior ou menor atividade literária de colônia para colônia, que no seu conjunto ganha força e valor. Podendo ser dividida em dois grandes eixos, oriental e ocidental, esta literatura esteve sistematicamente presente em todo o território colonial.

Vejamos, pois, como podemos situar a literatura romântica produzida nas colônias portuguesas em meio ao cenário do romantismo europeu para que, a partir daí, possamos qualificar adequadamente aqueles textos produzidos nas colônias portuguesas.

Romantismo lato sensu

Muitos já dissertaram sobre o emprego do adjetivo "romântico" para qualificar a sensibilidade, a mentalidade e mesmo a filosofia de um período da história da arte, da cultura e do pensamento ocidentais. Questionou-se sua origem e sua funcionalidade, sempre tendo em vista a extensão e o gênero de fenômenos que o termo recobriria.

Apoiando-se em diversos críticos e historiadores ingleses, franceses, alemães e italianos, Mario Praz (1977: 25-37), por exemplo, observa que o adjetivo "romântico" apareceu na Inglaterra no século XVII e seu sentido primeiro foi o de "semelhante aos romances antigos", isto é, aos romances de cavalaria e pastoris. Nota que o adjetivo nasceu com conotação pejorativa, para designar o quanto havia de fantástico e fantasioso em tais narrativas, associado às idéias de absurdo, infantil, inacreditável, ridículo, exagerado. No século XVIII, seu campo semântico expandiu-se e passou a significar também algo capaz de deleitar a imaginação. Nesse sentido, ganhou terreno no campo pictórico, designando paisagens selvagens e melancólicas, pitorescas, abarcando, além do espetáculo visual, a emoção por ele suscitada. Associou-se em seguida aos atributos de interessante, sedutor, excitante. Na Alemanha, o adjetivo ganhou ainda outros significados, tais como mágico, evocativo, sugestivo, nostálgico, exprimindo os estados inefáveis da alma e estabelecendo a afamada oposição clássico/romântico. No século XIX consagrou-se a

acepção mais radical de romântico, a que qualifica o artista que não dá forma aos seus sonhos, o poeta em êxtase diante da página eternamente em branco, o músico que escuta os concertos de sua alma e jamais os traduz em partituras, enfim, romântico passou a designar o pensamento e a fantasia poética, sendo sua concretização considerada invariavelmente como decadência.

Com essa análise filológica, Praz buscou precisar a historicidade do termo, ressaltando o fato de o romantismo designar um momento preciso da história da cultura e não um estado de espírito ou a adoção de um conjunto de procedimentos estéticos com valor universal. Além disso, o próprio título de seu ensaio, "Uma aproximação: romântico", já aponta para a imprecisão conceitual do termo, definido por meio da aproximação de determinadas obras, tendo por referência um momento específico da sensibilidade do homem ocidental. O crítico italiano assim procede na busca de refutar a antiga oposição universalista entre clássico e romântico criada por Goethe e por Schlegel.

Já René Wellek, em seu famoso ensaio "Conceito do romantismo" (1963: 147-172), realiza um estudo comparativo de diversas manifestações literárias nacionais designadas como românticas, chegando a denominadores comuns em torno da concepção de imaginação, de natureza e de símbolo. Wellek procurava refutar uma certa perspectiva nominalista que negava qualquer aplicabilidade ao adjetivo "romântico", por considerar que este estaria repleto de significações contrárias e contraditórias.

Vitor Manuel de Aguiar e Silva, numa perspectiva mais recente e didática em torno da definição de romantismo, após repassar diversas concepções, conclui que:

> Todos os românticos, porém, quer os de pendor tradicionalista e conservador quer os de orientação liberal, recusam, como ficou dito, um mundo mecanicista, o utilitarismo burguês, a sociedade dominada pela avidez do dinheiro e pela lógica das mais-valias, a mesquinhez da vida quotidianamente vivida. O *eu* romântico, no seu anseio de restaurar a plenitude originária do homem e de reencontrar o paraíso perdido, impelido por esse indefinível e inextinguível mal do desejo que os românticos alemães denominavam *Sehnsucht*, busca o impossível absoluto através do sonho, da religião, do misticismo, da magia, do amor, do sexo, do mal, do pecado...(*In* Buesco, 1997: 491)

A preocupação do crítico português gira em torno de precisar uma definição político-ideológica do termo, procurando rejeitar qualquer compatibilidade entre o utilitarismo capitalista e o idealismo romântico.

De qualquer modo, nas três definições aqui aludidas, o romantismo é definido em sentido amplo, como um momento da história da cultura ocidental que extrapola em muito os limites que lhe são estabelecidos didaticamente pela historiografia literária.

Ao trabalharmos com a literatura romântica publicada nas colônias portuguesas, é essa concepção mais ampla de romantismo que adotamos, mesmo porque outra qualquer não teria ali aplicabilidade.

A emulação romântica

A literatura romântica produzida nas colônias portuguesas sempre foi julgada, pelos portugueses e por seus próprios agentes, como tardia e convencional, sendo que, na maior parte das vezes, não teve qualquer receptividade na metrópole.

Se hoje já não faz sentido falar em modelos hegemônicos na literatura internacional e passamos a considerar irrelevante a questão da "influência" literária - rechaçada pela crítica contemporânea justamente por hierarquizar as relações intertextuais entre "influenciador" e "influenciado" -, o mesmo não podemos dizer em relação à literatura do século XIX, quando ainda havia para os povos lusófonos um modelo literário hegemônico, o francês, sendo a questão das "influências" um dos critérios centrais da própria crítica oitocentista.

Evidentemente já não podemos tomar a hierarquização estabelecida pela noção de "influência" com o valor de verdade que apresentava no século XIX, submetendo as obras então produzidas a essa escala de valor. Devemos, porém, mantê-la no horizonte de nossa discussão, para compreender o critério de avaliação romântica e o trânsito das obras literárias naquele momento, pois foi segundo essa hierarquia supranacional que se julgou até hoje a literatura romântica produzida nas colônias.

Foram, como vimos até aqui, os autores e os textos portugueses que serviram como referências modelares - formal, temática e estilística - à literatura romântica produzida nas colônias. Também as traduções cumpriram tal papel. Para descrevermos o trânsito de estilos e obras no quadro literário oitocentista delineado entre Portugal e suas colônias optamos por retomar da tradição retórica clássica o conceito de *emulação*. Mas em que consistia exatamente o ato de emular?

Na *Arte retórica*, Aristóteles denife "emulação" em oposição à "inveja". Contrariamente a esta, a emulação seria "uma espécie de pesar provocado pela posse manifesta de bens honoríficos por aqueles que nos são iguais por natureza, bens que nós também podemos obter" (Aristóteles, s.d.: 125). Assim, sentimos necessidade de emular "não porque estes bens pertençam a outrem, mas porque não os possuímos também". É um sentimento moral positivo, uma vez que, pelo esforço emulativo, tornamo-nos dignos de obter tais bens. Entre os objetos que suscitam a emulação encontram-se os referidos bens honoríficos, a riqueza, a saúde, as virtudes e a beleza, enfim, tudo aquilo que representa um bem. As pessoas que suscitam a emulação são evidentemente aquelas que possuem os bens indicados ou outros análogos, ressaltando, entretanto, aqueles que ocupam cargo de liderança, os famosos, os repletos de qualidades etc.

Os românticos, apesar de condenarem veementemente a imitação dos clássicos praticada pelos academicistas do século XVIII, não deixavam de proceder de modo semelhante em relação aos antigos escritores que consideravam transgressores do suposto servilismo do *imitatio* (tal qual

Camões, Vieira, Bocage), além de emularem principalmente seus contemporâneos, na busca e valorização de novos paradigmas. Enquanto um renascentista como Sá de Miranda emulava o que havia de mais tradicional na literatura da Antigüidade clássica, um romântico como Tomás Ribeiro fazia o mesmo com o que havia de novidade em Victor Hugo. Daí a distinção da emulação romântica em relação às anteriores: seus modelos eram criados e ao mesmo tempo emulados - o que foi possível em razão dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação e de transporte.

O aperfeiçoamento da imprensa, o aparecimento do trem e o investimento em estradas de rodagem permitiram que uma folha imprensa circulasse então em tempo muito menor e em espaço muito maior do que em épocas anteriores. Quando comentamos o periódico inglês *The Penny Magazine*, vimos que tais avanços tecnológicos estavam entre as principais razões para o grande sucesso que angariou. Criação e reprodução integravam-se no romantismo de modo jamais visto anteriormente na história.

Isso teve um efeito direto sobre a emulação que os românticos praticavam de seus contemporâneos. O exemplo mais radical desse procedimento emulativo era o folhetim de pé-de-página. Um consagrado autor de folhetins como Eugène Sue ou como Camilo Castelo Branco condicionava sua trama à reação do público, atrelando sua criação literária ao diálogo direto com as expectativas expressas pelos seus leitores. Isso resultava em novos recursos estéticos, que eram concomitantemente emulados pelos pretendentes a folhetinista. Assim sendo, tudo moldava-se e era emulado a um só tempo.

Se tal procedimento não pode ser considerado algo exclusivo do período romântico, já que em diversos períodos outros autores foram emulados em vida, é entretanto certo que no romantismo tal prática emulativa ganhou uma dimensão jamais vista em períodos anteriores.

Um outro aspecto importante diz respeito à própria extensão que o conceito de emulação abrange nesse contexto. A valorização da individualidade e da noção de "gênio" artístico fizeram que a vida e a obra do artista se mesclassem irremediavelmente. Desse modo, a adesão do emulador ao emulado ia muito além do texto, estendendo-se a diversos níveis, que envolviam princípios estéticos, ideológicos e éticos. É importante considerar que a construção da figura de um gênio literário romântico - como um Herculano, um Camilo, um Byron, um Hugo, um Hoffmann - ia muito além dos textos por ele produzido. Muitas vezes, as peculiaridades de sua biografia tinham tanto valor como sua obra (basta lembrar a imbricada relação entre vida e obra no caso de Camilo Castelo Branco ou de Lord Byron), e iam de seu vestuário ao seu estilo de vida, estendendo-se ainda a questões políticas, morais, éticas, enfim, a tudo aquilo que dizia respeito àquele "autor-personagem". Funcionavam como paradigmas para os novos escritores que se acreditavam capazes de se igualar aos seus modelos e, para tanto, tomavam esse conjunto, e não só os textos, como referencial de produção literária.

Eram objeto de emulação também os hábitos, os costumes e os meios socioliterários em que viviam os escritores modelares. Assim é que o princípio emulativo condicionou a relação entre os

escritores das colônias e os escritores da metrópole. Esta pautava-se pela admiração e, portanto, pela adesão ao que era emulado, ao mesmo tempo que trazia em si o auto-reconhecimento por parte do emulador de possuir qualidades suficientes para igualar-se (ou mesmo superar) o emulado. Desse modo, nada mais natural que o desejo, por parte dos escritores românticos "influenciados", de se igualar aos modelos "influenciadores", ou melhor, de passar a fazer parte da congregação de gênios literários que ocupava o primeiro escalão da literatura de língua portuguesa.

Se empregarmos a noção de emulação para a relação entre as literaturas nacionais românticas de maior influência (como a francesa, a inglesa e a alemã), as literaturas nacionais periféricas (como a portuguesa), as literaturas em formação (como a brasileira) e aquelas que não tinham identidade definida (como a das colônias portuguesas), constataremos que mesmo estas últimas viam-se potencialmente no direito de vir a ocupar um lugar de destaque no cenário internacional e moldavam-se àquelas recorrendo quer à emulação dos gênios estrangeiros, quer à tradução, à adaptação, à paródia etc. Procuravam, pois, fazer-se personagens dessa agremiação de gênios internacionais na qual acreditavam ter seu lugar de direito.

Restringindo-se ao âmbito das literaturas de língua portuguesa, teríamos os escritores portugueses como os de maior influência, os brasileiros em segundo escalão e os escritores das colônias portuguesas como aqueles mais distantes da agremiação de gênios lusófonos.

Todavia, as imagens que chegavam ao Brasil e às colônias portuguesas da agremiação de gênios românticos europeus, e em especial dos lusitanos, eram constituídas de esboços um tanto precários e mesmo antagônicos de seus gênios. Distantes de seus respectivos contextos, estes eram primordialmente delineados a partir da imprensa, que a tudo, por definição, fragmentava cotidianamente. Podemos tomar como exemplo as traduções de Byron no Brasil, que Onédia Barboza (1975) demonstrou ganharem um acentuado caráter macabro e mórbido que pouco aparece no poeta inglês. Em regiões literárias mais periféricas que o Brasil (com condições materiais de produção jornalística muito precárias) isso provavelmente ganhava dimensões bem maiores e resultava em referências modelares caleidoscópicas, ainda que muitos autores empregassem com propriedade as referências literárias européias. Seria o caso de investigar, por exemplo, que leitura tinha Campos Oliveira de Victor Hugo, de quem imita ao menos os poemas "Aparição" e "A fonte".

Além disso, esse espelhamento emulativo tinha duas fontes distintas. Se por um lado os brasileiros e os literatos das colônias portuguesas tomavam o cenário europeu como referência maior, por outro viam-se na contingência (quer pelo princípio da escola romântica de valorizar a cor local, quer pela força e imposição da realidade cultural que os cercava) de adotar certos valores nativistas, não-europeus, elaborando assim a figura do gênio literário local.

Poderíamos citar aqui vários exemplos de escritores locais que se tornaram paradigmáticos nas colônias, como o próprio Campos Oliveira em Moçambique, ou Júlio Gonçalves em Goa, ou

Eugênio Tavares em Cabo Verde, entre outros. Tomemos, por exemplo, Júlio Gonçalves, que, além de produzir textos como os da série "Contos da minha terra" (publicados na *Illustração Goana* e reproduzidos no v.2 deste trabalho), que procuram descrever fatos pitorescos do cotidiano da vida goesa, também tratava da tradição literária da Índia, como atesta seu artigo "Literatura hindu", publicado no *Boletim do Instituto Vasco da Gama*,[1] comentando os vedas, as puranas, os oupanichads, as epopéias (como o *Ramaiana* ou o *Mahabarata*), a poesia, o teatro e a fábula hindus. A preocupação em registrar em português a tradição literária hindu originava-se nas especificidades que o meio literário goês possuía, onde as duas tradições literárias conviviam lado a lado.

Podemos encontrar um exemplo que revela a complexidade da constituição do modelo nativista nas colônias no poema "Goa",[2] de Pedro Antônio de Sousa, publicado naquela colônia em 1882, no *Almanach Annuario Recreativo para o anno de 1883*.

Minha terra tem mangueiras,
Onde canta o muruoni;
Minha terra é mais alegre,
Mais brilhante o sol dali.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas mangas mais sabores,
Tem mais luxo a Natureza,
Mais paixão nossos amores.

Em cismar ao pôr-do-sol,
Mais prazer encontro ali,
Minha terra tem colinas,
Onde canta o muruoni.

É mais saudoso o Setembro,
Mais ardente o nosso Estio;
Mais fértil o nosso Inverno,
Mais fecundo o terral frio.

E assim uma após outra,
Alternando as estações,
Há mais viço nas idéias,
Há mais fogo nas paixões.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu veja o seu farol,
Suas arequeiras belas,
Seu tão doce pôr-do-sol;
Sem ver as meigas donzelas
De pintambor, noto e chol.

---

[1] Julio Gonçalves, "Literatura hindu", *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, Bastorá, 1936, n.32, p.3-49.

[2] SOUSA, Pedro Antônio de, "Goa", *Almanach Annuario Recreativo para o anno de 1883*, Nova Goa, 1882, *apud* DEVI, Vimala, SEABRA, Manuel de. *A literatura indo-portuguesa*, Lisboa, 1971, v.2, p.65-66. As informações sobre Pedro Antônio de Sousa foram extraídas do v.1 do referido trabalho.

Acompanhava o poema a seguinte notificação: "Paródia à poesia *Portugal* de E. P. e Alvim que parodiou a poesia *Brasil* de António Gonçalves Dias *bras*". Quanto ao poema "Brasil", trata-se evidentemente da "Canção do exílio". A paródia portuguesa encontrava-se no *Almanach Luso-Brasileiro de Lembranças para o anno de 1859*, onde também figurava o poema de Gonçalves Dias. Desse modo, temos num poeta brasileiro o paradigma para esse canto nativista goês, ainda que Pedro Antônio de Sousa não tenha procurado imitar diretamente o original brasileiro, prendendo-se mais à versão portuguesa. O que chama a atenção é o fato de um brasileiro ser parodiado por um português, que por sua vez é parodiado por um goês, fazendo com que a formação do paradigma nativista apresente uma dinâmica bastante peculiar, pois traça o seguinte percurso: parte da Europa (pressupostos nativistas românticos), ganha forma nas terras conquistadas (Brasil), passa novamente pelo filtro europeu (Portugal) e então chega a outras terras conquistadas (Goa). Isso coloca em evidência a complexidade da formação paradigmática dos modelos literários locais das colônias, revelando o quanto também o paradigma nativista podia ser ampliado. O canto nativista goês ficou, nesse caso, imbuído de alguma brasilidade.

Os escritores das colônias viam-se, pois, entre referenciais antagonizados por binômios do tipo periférico-central, nacional-estrangeiro, peculiar-universal. Essa cisão entre uma referência local de origem não-européia (como a literatura oral indígena, a hindu, a chinesa), uma referência local de origem européia (como Júlio Gonçalves, Campos Oliveira ou mesmo Gonçalves Dias) e uma referência central européia (a literatura produzida em Portugal, França, Inglaterra e outros países) levava a uma esquizofrenia quanto aos modelos emulativos.

Portanto, para os escritores que produziam nas colônias portuguesas, ora valeria por referência o fragmentado gênio literário europeu, ora o ainda indefinido gênio local, ora a tradição cultural não-européia, sendo que essa oscilação seguia uma lógica bastante peculiar em cada meio literário.

No eixo ocidental, o paradigma metropolitano tinha mais força que no eixo oriental, sem que isso impedisse que na maior parte das colônias ali situadas se apresentassem manifestações nativistas. Em Angola, por exemplo, havia Cordeiro da Matta, que realizou trabalhos lingüísticos de coleta de tradição oral e de sistematização gráfica do quimbundo, seguindo o trabalho do suíço Héli Chatelain. Em Cabo Verde as manifestações nativistas eram em número considerável no periódico *A Imprensa*. Já na Guiné-Bissau o material de que dispomos só nos revela a presença do paradigma europeu, enquanto em São Tomé e Príncipe encontramos também alguma literatura nativista.

Já no eixo oriental, apenas em Moçambique as manifestações nativistas eram demasiado acanhadas, fazendo que sequer existissem trabalhos sistemáticos com as línguas locais. Já Goa surpreeende por sua produção nativista local, apresentando um grande número de textos ambientados na colônia. Em Macau, apesar do romantismo ali praticamente inexistir, temos

também em Miranda e Lima algumas expansões de caráter nativista, especialmente em seus textos em patoá.

O que particulariza a situação dessas colônias é que os modelos estabelecidos, quer europeus, quer coloniais, quer antieuropeus, eram delineados de forma precária, sem que os limites entre um e outro fossem claros ou sequer definidos. Ainda que saibamos que mesmo o nativismo tinha motivação européia (e acabamos de citar Héli Chatelain), isso não desqualifica o dilema do escritor local ao se deparar com um verdadeiro mosaico de referências literárias, desdobrando-se na emulação a gênios literários fragmentados ou obscuramente delineados.

A cartilha romântica num novo contexto

O resultado concreto de todo esse quadro de referências literárias foi uma literatura que efetivamente seguia o que poderíamos chamar de cartilha romântica e, portanto, justicava em parte o adjetivo "convencional".

Entendemos como cartilha romântica o conjunto de recursos métricos, palavras, expressões e, principalmente, imagens e idéias que passaram a constituir uma espécie de gramática dessa corrente literária desde que o romantismo ganhou o estatuto de literatura consagrada. Tal cartilha difundia os preceitos elementares do romantismo, como a valorização da beleza natural, o culto à mulher como anjo ou demônio, a supremacia do sentimento e da subjetividade em detrimento da realidade física e material, o culto ao cristianismo e seus mitos, o culto à pátria, a valorização da cor e das tradições locais, enfim, aquele conjunto de preceitos que caracterizaram o romantismo em sentido amplo. Estes dogmas, que nos grandes autores românticos tinham gerado obras verdadeiramente complexas, passaram a tomar uma forma esquemática, reduzida, rasa. Aparecem aí a pieguice, a loquacidade, o automatismo de imagens, o uso abusivo de diminutivos, a frouxidão do verso, o desleixo da métrica e da gramática, como assinala Antônio Candido (1964, v.2: 198) ao comentar a banalização dos padrões românticos na poesia brasileira.

Esse conjunto de imagens, idéias e formas perderam sua força de expressão e passaram a ser empregadas quase gramaticalmente, ainda que sempre em nome da originalidade. É certo que o idealismo romântico ainda estava ali presente em muitos casos, mas de modo elementar, o que transformava sua primeira essência - a de expressão única de um sentimento único - em uma outra, pouco ou nada original, mas, em contrapartida, bastante aceitável socialmente. É o que acontece, por exemplo, com o sentimentalismo ingênuo romântico ou com as visões mórbidas do ultra-romantismo com os quais nos deparamos várias vezes nas colônias portuguesas. Esses elementos, que na pena de um Lamartine e de um Musset, na França, ou de um Soares de Passos e de um Lopes de Mendonça, em Portugal, haviam cumprido um papel bastante original e

transformador, nas colônias se metamorfosearam em encenação de si mesmos, isto é, em um conjunto de situações, posturas, imagens, expressões e palavras que diziam pouco sobre aquilo que efetivamente tratavam e muito sobre a vontade de quem as escrevia de estar na cena literária. Chegou-se, desse modo, a se definir e se delimitar um beleza literária padrão, de fácil aceitabilidade e entendimento, que permitia a ascensão à categoria de poeta ou escritor a qualquer indivíduo que, dominando-as esquematicamente, publicasse algum trabalho literário. Estamos, pois, no que concerne à prática literária, muito próximos de procedimentos similares àqueles que os românticos criticavam no neoclassicismo.

Retomando Mário Praz, lembremos que no estudo supracitado ele destaca e identifica a gênese de algumas das imagens gramaticais do romantismo, atreladas à sua vertente noturna ou *noir*, como a da beleza medusiana da mulher ou a das metamorfoses do mal. Mas o crítico italiano trata na maior parte de seu estudo de grandes obras e grandes autores, isto é, trabalha com os criadores das convenções, identificando a gênese de tais imagens. A imensa maioria dos autores tratados em nossa pesquisa, pelo contrário, são seguidores de convenções, isto é, são escritores que rarissimamente procuraram dar expressão original aos seus trabalhos, tomando a literatura como um lugar social, quer para difundir idéias políticas, religiosas ou sociais, quer para angariar prestígio social como homens de letras, quer, ainda, para homenagear pessoas ou ritualizar situações e lugares. Exemplificar seria ocioso, já que a maior parte dos textos referidos neste trabalho assim o faz.

É evidente que muitos dos autores arrolados tentaram expressar ali sua subjetividade, suas angústias, suas paixões, seus mais sinceros sentimentos. E só foram bem-sucedidos os que, de algum modo, fugiram dos procedimentos, verdades e sentimentos prontos da cartilha romântica, ou que souberam utilizá-los de forma peculiar.

Mas é importante notar que essa banalização do ideário romântico não aconteceu somente nas colônias portuguesas, mas foi um fênomeno geral, que teve origem na própria concepção romântica de expressão literária. Vimos que a materialidade do texto romântico era concebido, em sua quintessência, como um rebaixamento em relação aos sentimentos do artista, que jamais conseguia expressar a totalidade de seu drama interior em palavras. Se associarmos isso ao fato de o "gênio" ser um dom natural que não escolhia classe social, educação, religião etc., temos que qualquer indivíduo poderia acreditar-se um escritor magnífico, que, paradoxalmente (em se tratando de arte), não conseguia encontrar a expressão mais sublime de seus sentimentos.

Tal concepção literária alimentava, evidentemente, o lugar-comum, a frase feita, a expressão fácil, que proliferou de maneira sem precedentes na literatura romântica em toda a Europa. Os grandes autores eram poucos. Eram os que criavam as imagens, expressões e idéias que passavam, de imediato, com o crescente desenvolvimento da imprensa, a serem reproduzidas à exaustão, tomadas como expressão "própria" e "original" de cada candidato a gênio literário, o que somava um verdadeiro exército de poetas ou escritores entre a população letrada.

Assim, quando isso ocorre nas colônias, não há o que estranhar, pois estas apenas seguem mais uma vez um padrão estabelecido pela dinâmica literária européia. Já a ausência ali de "grandes autores" é, evidentemente, relativa ao conjunto daquela literatura. Realmente não pudemos localizar escritores que fizessem que reavaliássemos a atribuição do adjetivo "convencional" à literatura produzida nas colônias, tendo por referência a produção européia. Todavia, não se deve procurar a grandeza de tais escritores somente na originalidade de seus textos (emulados dos grandes escritores europeus), mas também e principalmente no papel que cumpriram para a constituição dos meios literários que então surgiam. Assim, devemos repensar Maia Ferreira ou Cordeiro da Mata em Angola, assim devemos repensar Campos Oliveira em Moçambique ou Júlio Gonçalves em Goa. Tais escritores cumpriram um papel inaugural em seus respectivos meios literários, produzindo uma literatura de boa qualidade, ainda que pouco original para os critérios românticos de autenticidade. Considerá-los apenas escritores convencionais seria reduzir despropositadamente o lugar que merecem em seus contextos específicos como inauguradores e por vezes paradigmas de uma produção literária local.

Romantismo tardio, mas não falho

O romantismo vigorou mais fortemente nas colônias nas décadas de 1870 e 1880, com exceção de Goa, onde se estabeleceu, de modo mais gradual, já a partir de 1840. Se considerarmos a periodização tradicional do romantismo português, presente em Óscar Lopes e Antônio José Saraiva (1979: 705-724), Alberto Ferreira (1966, v.1: 13-137), José Augusto-França (1993: 7-8), Álvaro Manuel Machado (1986: 11), entre outros, veremos que todos concordam, *grosso modo*, em estabelecer três momentos distintos daquele movimento: o primeiro com Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho, nas décadas de 1830/1840; o segundo com Camilo Castelo Branco, Lopes de Mendonça, Latino Coelho e outros, nas décadas de 1850/1860; o terceiro, com os polêmicos Antero de Quental, Teófilo Braga, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Bruno Sampaio, nas décadas de 1860/1870, muitos dos quais já se encontrariam nos limites da escola romântica – limites aliás controversos. De fato, quando se trata de estabelecer um momento final para o movimento, temos opiniões bastante divergentes. Alberto Ferreira, por exemplo, considera o ano de 1869 como seu marco final. José Augusto-França, por sua vez, situa um quarto momento de sobrevivência do romantismo em meio à geração de 1870. Já Óscar Lopes e Antônio José Saraiva estenderam o romantismo até meados do século XX.

Ao aplicarmos às colônias os três períodos acima referidos, podemos ver em Goa algum espelhamento da dinâmica metropolitana, ainda que tardio. Os goeses, nas décadas de 1840 e 1850, tomando o modelo de *O Panorama* de Herculano, publicaram diversas narrativas ficcionais (importadas de Portugal) que apresentavam tramas compostas de situações românticas com

ambientação medieval ou dramas históricos ao modo do primeiro momento romântico, como era o caso das narrativas "Almanza - Novella mourisca", "Appia - Novella romana", "Fatima, e Zendar, ou O fatal destino", "A amante do salteador", "O esposo assassino - Chronica de Genova", "A filha do resuscitador", "Os dous miseraveis - Novella", "Ricardo e Margarida", "O valle de sangue", "O monge vingativo" e inúmeras outras histórias publicadas no *Compilador* e em *O Encyclopedico*, já anteriormente citadas.

Em seguida, o *Tirocinio Litterario*, dirigido pelo goês M. J. da Costa Campos, inaugura na década de 1860 a emulação goesa aos textos europeus, já de acordo com um espírito marcado pelo ultra-romantismo da geração de 1850. Exemplo disso são os trabalhos do próprio Costa Campos, como a novela "O anjo e o demonio", que vem precedida de uma fantasia escrita por C. A. Carneiro, intitulada "Mulher, anjo e demonio", tratando da figura da mulher ao modo de Camilo. Também a sátira debochada dos byronianos ali está presente com poemas como "Os desejos de uma velha" ou "Os desejos de um bebado".

Com a *Illustração Goana*, *Recreio das Damas* ou o *Goa Sociável*, todos da década de 1860, temos a sedimentação da geração de 1850 portuguesa naquelas paragens. Os goeses não acompanham, portanto, as polêmicas dos estudantes de Coimbra, mantendo-se fiéis ao ultra-romantismo e já colocando à mostra sua face nativista. Entretanto, adotam o modelo da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, apontando para a adoção de um modelo mais acadêmico de publicação periódica.

Em Macau, como vimos, o quadro é bem diferente, pois os macaenses privilegiam o publicismo político em detrimento do literário e de ilustração, além de cultivarem uma literatura de forte cunho neoclássico. O atípico quadro macaense, ao invés de criar um problema para o entendimento do conjunto da literatura oitocentista difundida por meio de periódicos, aponta, em verdade, como veremos mais adiante, para o mais importante aspecto que esta literatura cumpriu.

Até a década de 1870, praticamente não temos produção literária jornalística em outras colônias. Não é possível, portanto, até meados da segunda metade do século XIX, estabelecer um paralelo entre os modelos publicistas e literários portugueses e aqueles adotados em Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, fazendo que Goa transforme-se no exemplo paradigmático dessa relação e Macau no seu complementar contra-exemplo.

Podemos, todavia, lembrar que em Cabo Verde, com a publicação dos trabalhos de Sérvulo de Paula Medina e Vasconcelos no *Boletim Official* na década de 1850, é possível identificar algum paralelo com o que ocorria na metrópole, pois as narrativas "A bella virgem do Mondego ou as duas victimas" e "Um filho chorado - romance" são produções de caráter ultra-romântico, ambientadas em Portugal. Assim também acontece com Angola, pois as *Espontaneidades da minha alma*, de Maia Ferreira, colocavam em voga o ultra-romantismo, ainda que com laivos de classicismo (Oliveira, 1997: 32).

Foi somente nas décadas de 1870, 1880 e 1890 que o publicismo e o romantismo tiveram presença efetiva em todas as colônias, com exceção de Macau. Foi também quando na metrópole já se decretara, ao menos oficialmente, a morte do movimento romântico. Dos três grupos de autores portugueses acima referidos, o segundo teve maior influência nas colônias. Todavia, o ultra-romantismo nas colônias não primava pelos aspectos macabros e mórbidos que o caracterizavam (ainda que os apresentasse), mas sim pelos aspectos amoroso e ingênuo, sendo que também o lirismo cristão de Herculano se fazia presente.

Em Goa, por exemplo, a novela *A voz do mundo*,[3] de Antônio de Oliveira, chama a atenção pela trama rocambolesca, com traições, crimes e vinganças, onde a protagonista feminina, Branca, assim é descrita:

> Linda e viçosa a mais não ser, Branca, filha unica de D. Manuel de Athaide, fidalgo d'alta gerarchia, muita riqueza, e mais que tudo, caracter probo e liberal.
>
> Quinze annos contava em virtudes excellentes, e uma como innocencia de maneiras, legada por sua mãi, que a deixou nesta idade.
>
> De estatura mediana, bellos olhos azues, boca de vivo carmim terminada em dois expressivos traços, como limites marcados por divinas mãos, para que mortaes não profanassem com libidinosos olhos, perolas que occultava.
>
> Mimosos labios se entreabriam em doce sorriso, espelho da candidez da alma e doçura do coração, que palpitava em isochrono e socegado agitar, sob alvos virgineos seios, em continuo arfar pelo pai que a beijava, pela mãi que a abraçava.
>
> Outros amores não tinha ella; sorrisos, para os pais, ou para os anjos que lh'os pediam em deliciosos sonhos...
>
> Que sonharia a creaturinha de Deus entre afagos paternaes? Nos pais amorosos? Nas matizadas flores que aguava por sua mãosinhas, no vergel tapeado de lindas e vivazes alcatifas de fibras de Flora, qual dellas mais graciosa na forma, qual dellas mais vistosa no colorido? Ou... entreveria pelo mysterioso veu os incantamentos do empyreo vedados a humanos olhos? Não ha profundar os arcanos do Altissimo.

Uma virgem angelical sem maiores conflitos que os da puberdade, eis a heroina da história, pintada com "boca de vivo carmim", olhos que pareciam "perolas", mantendo a "candidez da alma e doçura do coração". A trama irá reforçar a condição idealizada de Branca, ainda que esta venha a ter um trágico fim.

Foi a estética ultra-romântica que predominou nos trabalhos de Campos Oliveira ou de José Peixoto do Amaral, em Moçambique. Todavia, o primeiro tem uma produção pouco exaltada para um ultra-romântico, valendo tal adjetivo apenas para parte de sua obra, como, por exemplo, os versos seguintes:

Fragmento d'um poema inédito[4]

.....
Correra-lhe a leda infancia

---

[3] . Publicado no *Goa Sociavel*, 1866, n.2, p.10-12; n.3, p.21-23; n.4, p. 27-29; n.5, p. 36-39 ; n.6, p.44-46; n.8, p. 59-62; n.9, p.67-71; n.10, p.76-80.

[4] . Campos Oliveira, "Fragmento d'um poema inedito", *Africa Oriental*, 1878, 23 dez., n.97, p.3-4.

entre affectos e caricias,
fruindo santas delicias,
sem nunca provar a dôr;
e nos jardins da innocencia
em que sorri quanto é puro,
sorrira-lhe aureo futuro
todo venturas e amor.

Mas é varia a sorte. Agora
se offerta prazer e flores
logo após de acerbas dores
a taça entrega de fel;
—a triste com passo incerto
mal entrou na mocidade
o ergastudo da orphandade
tambem se lhe abriu cruel.

Como avesinha inda implume
que a sós pipila em seu ninho,
porque caçador damninho
sem do os pais lhe matou,
fica assim a orphã na terra
quando se vê desvalida
sem ter quem lhe dê guarida
no infortunio que a tomou.

E a donzella — da belleza
tinha o condão que fascina
a doce imagem divina
era de encantos sem par;
e ao vêl-a orphã e tão anjo
almas sem Deus, sem clemencia,
a sua incauta innocencia
foram sem do macular.

Perderam-n'a... Do prostibulo
fez-se mulher impudente,
da corrupção a semente
brotou nella e deu raiz...
ah! mal haja o sem piedade
que conduz á senda impurra
a innocente creatura
só porque a viu infeliz!

O poema retrata o clássico percurso da órfã abandonada e prostituída. É um dos temas preferidos do ultra-romantismo, que pode aqui opor inocência e corrupção, decência e injustiça social, felicidade e infelicidade.

A evocação moralizante que desfecha o poema de Campos Oliveira reaparece em Peixoto do Amaral. Todavia, neste autor a moral ganha forma satírica. Lembremos o poema "Que pezar!":[5]

Conheci uma velhota
Nos seus tempos de rapaz,
Cuja casa era encostada

[5] . Larama, "Que pezar!", *O Mez*, 1893, mar., n.3, p.18-19.

Á de meu cunhado Braz
Era uma velha arreitada,
Frescalhota, arrebitada,
Toda sécia, embonecada,
Fórte, lépida e sagaz.

Tinha um genio desabrido,
Era má como o diabo;
Pela mais pequena coisa
Ia logo ás do cabo.
Só por lhe partirem um prato
Era certo o espalhafato —
Semelhava logo um gato
A quem pizassem a rabo.

Na rua, sempre apressada,
Carrancuda e rabugenta,
Toda a gente lhe bispava
O cabellinho na venta
A quem com ella bulia
Dava castanha bravia —
Qual padre na sachristia
Distribuindo agoa benta.

Sempre a conhecí assim
De genio arrebatado,
Em casa não lhe parava
Nem metade d'um criado.
Tinha-lhe medo o pedante,
O peralvilho, o tunante,
E até mesmo o estudante
Fugia d'ella apressado.

Ninguem 'inda adivinhára
(Bem que já não era cedo),
O motivo porque a velha
Tinha o genio tão azedo.
O que era bem provado
Por todos presenciado,
É que a nenhum potentado
A velha mostrava medo.

Havia dias porém
Em que ella outra par'cia,
Apresentando no rosto
Signaes de melancolia.
Então andava tristonha,
Macambusia, enfadonha;
Como o comilão que sonha
No jejum do outro dia.

Ás vezes a mulhersinha
Visitava meu cunhado
Que também não era novo
E tinha o ventre avançado;
E quando uma noite entrei
Em casa — o encontrei
Repimpado como um rei
Junto da velha sentado.

Não sei bem se n'essa noite
Lh' havia feito enguiço;
O que é certo é que a coisa
Se parecia com um derriço.
Em conversa bem pegada,
Deleitosa e animada...
Um noivinho ao pé d'amada
Era o que parecia isso.

Curioso como sou
Quiz saber e quiz ouvir;
Fiz de conta que os não via,
E conseguí não me rir.
Fui a porta então cerrando
E puz-me e ella escutando,
Prompto comtudo estando
Para deitar a fugir.

Estava ella em queixumes
Das maldades d'este mundo,
Onde as torpezas mais vís
Teem cavado bem fundo,
Fallava das raparigas
Que d'ella foram amigas
A quem infames intrigas
Cavára abysmo profundo.

Esta tivera um amante
Não tendo ainda vint' annos;
Aquella morrêra nova
Coberta de desenganos.
Aquell' outra desflorada
Por um pelintra d'arcada...
Mais aquella deshonrada
Por um dos seus proprios manos.

Em seguida era arguição
De levar coiro e cabello;
Não houve rapaz nenhum
A quem não chegasse ao pêllo.
E depois era denguice,
Cada requebro e momice,
Carantonha e parvoice...
Que até era nôjo vel-o

Por fim o démo da velha
Ao cunhado mui chegada,
Disse que sempre assim fôra
Muito triste e apoquentada.
Em vista do que soubera.
Do que vira e apprendêra,
Todo o seu tempo vivêra
D'este mundo isolada.

-- Ai! sr. Braz! Estas coisas
Até me custam a contar;
São tão nefandas, preversas,
Que fazem até chorar!
Ai! Jesus!... Eu só as via
Ir caindo dia a dia...

-- Eu então nasci p'ra tia....
Ninguem me quiz....deshonrar!!!

O poema também tem por centro o percurso social de uma mulher. Todavia, sendo esta uma mulher feia, o eu-lírico ironiza a virgindade por ela mantida a contragosto. Ao contrário do poema anterior, temos neste o deboche para com as mulheres desprovidas dos dotes naturais da beleza, ridicularizadas em seu desejo de serem igualmente desejadas.

Em Cabo Verde, o grupo que se constituiu em torno do periódico *A Imprensa*, com Eugênio Tavares, Antônio Januário Leite, Guilherme Dantas, José Lopes da Silva, Gestrudes Ferreira Lima, também trazia um forte acento ultra-romântico. Guilherme Dantas, por exemplo, assim inicia sua narrativa "Amor, ai quem dera!":

> Ha creaturas nascidas para se amarem. Se lhes perguntarem desde quando se principiaram a estimar, não o saberão dizer, por mais que busquem ou inquiram, parece-lhes mesmo que antes de virem ao mundo tinham sido inscriptas no livro do destino que ata e desata.

E eis a descrição que faz de uma de suas heroínas, Georgeta da Silva:

> Sahira ella forçosamente d'um beijo da virgem. Um rosto oval com as linha mais perfeitas, alta como tenro e delicado arbusto que se baloiça ao sopro da brisa da manhã, a cintura podia cingir-se em um pequenino annel, as mãos mais *mignone* que pode imaginar, e um pé que se podia bem esconder na algibeira do colete. No seu rosto espalhava-se a graça da bondade e a melancolia da ternura. Não sei dizer se os anjos lhe não teriam inveja.[6]

Em seguida, ainda reproduzirá um poema de Mendes Leal, que o amado de Georgeta, Rodrigo Monteiro, lê comovido. Infelizmente não pudemos ter em mãos a história em sua íntegra, mas a trama e a caracterização das personagens são tipicamente ultra-românticas.

Também em Angola temos, por exemplo, nos trabalhos de Alfredo Mântua, Urbano Monteiro de Castro, José Duarte Cordeiro da Matta e, mais tarde, em alguns textos de Borlido Martins, A. E. de Souza Sampaio, A. Garcia, entre tantos outros, o ultra-romantismo por vezes já pincelado de outras vertentes mais contemporâneas. Tomemos, por exemplo, o poema sem título de A. E. de Souza Sampaio.[7] É difícil afirmar se se trata de um poema ultra-romântico ou de um poema realista, apresentando, certamente, características de ambas as escolas.

Encontrei-a. Era formosa!... Sorria-me impudente!
Fitava-me. Que olhar?! Olhar de serpente
Que a preza fascina.
– Quem és tu quem és tu formosa horisontal
Que tanta luz erradias do teu formoso olhar?
– Uma flôr de esquina;
Tenho um tecto. O infinito: Um só abrigo vendavaes
De fornex, de chuvas, de miserias e de ventos

---

[6] . Guilherme de Cabo Verde, "Amor! Ai! Quem dera (Offerece a * * *)", *A Imprensa*, 1881, 28 abr, n.44, p.1-2.
[7] . A. E. de Souza Sampaio, sem título (Encontrei-a. Era formosa!... Sorria-me impudente!), *Correio de Loanda*, 1892, n.104, p.2;

Herança de meus Paes
Arraste-me pelas ruas, vende-me a quem passa
Para haver dinheiro e ter alguma massa
Para pagar a ceia, e... alguma coisa mais.

– Não sentes remorsos; a dôr não te consome?
– Não sei... E' provavel. Olha?... eu tenho fome
Hoje o gato da visinha depois de bem jantado
Veio para a janella rir-se em mim o malvado
Francamente não gostei
D'aquellas brincadeiras eu... eu que não jantei
Pois vai querer mulher. Mas olha francamente
E' crê-me, com pezar
São uns magros dez tostões tudo quanto tenho
Leva-os e vai cêar

O poema emprega uma linguagem ultra-romântica, com versos brancos e por vezes prosaicos, para caracterizar a pobre prostituta, ao mesmo tempo que insere em sua descrição um materialismo bastante realista e um humor byroniano, produzindo assim um texto ao modo de um Álvares de Azevedo.

Já o poeta de Queta, A. Garcia, assim escrevia a sua ex-musa inspiradora, D. Josephina ou Magdalena,[8] após uma irônica crítica que, como vimos ao tratar do periodismo angolano, ela fizera publicar debochando do exacerbado romantismo do poeta.

Illustrissima senhora
Josephina ou Magdalena,
Vejo tem boa penna
e uma... prosa encantadora.

Não me zango com vossencia,
Longe de mim essa idéa:
quem escreve, sempre asneia
e, portanto, paciencia.

Não tenho lyras suaves
d'onde extraia bons poemas:
escolho os *eternos themas*
ao doce canto das aves.

Para mim o realismo
nada tem que me fascine.
Adoremos Lamartine,
sigamos o idealismo!

E se vossencia é sectaria
das ôcas philosophias,
faça a Voltaire poesias
e não seja reaccionaria.

Eu tambem gosto, acredite,
de Kant e até d'Epicuro,
o doutrinario seguro
d'uma crença que se admitte.

[8] A. Garcia, "Á Sra. D. Josephina ou Magdalena", *Revista de Loanda*, 1896, 15 mai, n.2, p.8.

Mas não me sinto propenso
para falla de materias.
Coisas mysticas, siderais
é, Senhora, no que pensol

Não sei que gosos presinta
o que canta a realidade;
para diser a verdade
é necessario que minta.

N'este mundo nada existe
perfeito como se escreve:
aqui e alli, ao de leve,
ha um erro que subsiste.

Portanto, minha senhora,
cada um para seu lado
e, sendo do seu agrado...
um abraço, ó preceptoral

Este é um verdadeiro manifesto do idealismo romântico mais radical. Lamartine é tomado como referência maior e as "coisas místicas, siderais" constituem os interesses do poeta.

Em São Tomé e Príncipe, o poema "A noiva",[9] de Antônio Lobo de Almada Negreiros, traz à tona todo o imaginário romântico em torno do casamento para, em seguida, satiricamente, desqualificá-lo. Essa autocrítica, que tão bem faziam os ultra-românticos, também tem aqui o seu lugar:

I
ANTES
Vai andando, mansamente,
Como que teme chegar
Ao fim d'uma jornada...
E o seu olhar d'innocente
Tem mêdo de se fitar
Nas pedrinhas da calçada...

Cabe-lhe a flôr da laranjeira
Nas madeiras setinosas
Do seu cabello loiro;
E até a ave ligeira
(Pensa ella) e as proprias rosas
A motejam, com desdoiro...

A brisa fresca brincava
Com o seu bonito véo,
Branco como a Chimera;
E parece que a matava
Com os seus beijos do céu,
Seus beijos de primavera...

E, de vagar, tristemente,
A noivasinha seguia
Aquellas ruas fôra:

[9] . Almada Negreiros, "A noiva", *Correio de S. Thomé*, 1892, 15 mai, n.23, p.4.

Tremendo de toda a gente,
Da gente que lhe sorria
Como sorri uma auróra...

II
DEPOIS

Quando agora a lua esplende
Seus doces clarões suaves
Nos chrystaes das ribeiras;
Ella, sósinha, comprehende
O doce trinar das aves
Na espessura das balseiras...

Espraia a vista sedenta
Pelos largos horisontes
Franjados d'arvoredo,
E escuta, alegre e attenta,
Quando murmuram as fontes
Preces d'amôr em segredo...

Alma que não se sacia,
Procura novos amôres
N'uma esp'rança ideal
Que é feita da luz do dia
E das petalas das flôres
Que ella tem no seu quintal...

Ama as espumas dos mares
E a coloração bizarra
Das nuvens vespertinas;
São francos os que olhares...
Como o é a luz das gambiarras
Nos *cafés* das dançarinas...

E quando reclina o busto
Gracil na sua cadeira,
A'hora do sol posto,
Já não tem aquelle susto
De quando fôra solteira,
Nem lhe vem a côr ao rosto,

Senão quando se lhe acerta
A occasião capaz
De se curar ...do *fláto*;
E o maridinho a desperta
A ler *Bellot* e *Faublas*
E a fazer festas ... ao gato ...
.....

A figura da noiva e a idéia de casamento são tomadas em todo o seu idealismo, para depois redundarem na patética estrofe final, que nada mais guarda da referida idealização. Essa desmistificação do casamento aponta já para uma perspectiva realista, mas revelando-se ainda como uma crítica que não se distingue daquelas feitas por Camilo Castelo Branco ou por tantos outros ultra-românticos, que, contra o ideal, apresentavam o seu avesso, o que era tão distante deste ideal quanto do real.

Todos seguem, portanto, a sensibilidade e o gosto fixados pela geração de 1850, com algumas interessantes divergências que mereceriam uma análise caso a caso, se assim pudéssemos proceder. Entretanto, nosso interesse centra-se no conjunto, naquilo que de algum modo integra toda essa produção.

Se pensarmos não mais cronologicamente, e sim nas tendências um tanto genéricas que perpassam tradicionalmente a historiografia romântica, como o romantismo histórico, o romantismo *noir*, o romantismo nacional, o romantismo cristão, o romantismo nativista, o romantismo revolucionário, o romantismo ingênuo e sentimental,[10] podemos considerar que se destacam na produção das colônias o romantismo cristão e o romantismo ingênuo e sentimental.

Quanto ao romantismo cristão - que ganha força em Portugal com *A voz do profeta* (1836-1837) de Alexandre Herculano -, as manifestações são recorrentes, mas a abordagem da matéria religiosa nas colônias revela-se significativamente mais ingênua do que aquela adotada por Herculano. O texto de Herculano, tal qual as *Paroles d'un croyant* (1834), de Lamennais, busca conciliar os princípios cristãos com os princípios iluministas (Machado, 1986: 209), ao passo que a produção cristã das colônias não traz, em geral, a dimensão crítica de tais obras, caracterizando-se, sim, pela expressão mais simples (e por vezes mesmo simplória) dos sentimentos religiosos e civilizatórios. Em folhas beneficientes como *A Fraternidade*, da Guiné, ou *Santo Antônio*, de Moçambique, temos a medida exata da pouca complexidade de tal vertente romântica nas colônias. Exemplo disso é o poema "A caridade",[11] de Salomão José Guerreiro, publicado no supracitado periódico da Guiné.

> Também eu vou prestar-te, ó flor singella,
> a minha timida e simples parcella
> de incenso ao teu altar;
> Por que tu tens já hoje conquistado
> aquelle logar digno e sagrado,
> que faz vangloriar.
>
> Mimosa flor do ceu, bemdita *caridade*
> que em sorrisos transforma o luto, o pranto e dôr!
> Bemdita a mão piedosa; os dons distribue,
> são perolas, que caem do throno do Senhor!

A linguagem desse poema não poderia ser mais simplória e mais convencionalmente romântica, sendo que também as idéias se apresentam absolutamente desprovidas de sofisticação.

Mas eventualmente aparece alguma peça interessante, como o texto "A Deus - Jaculatória - excerptos de um livro inédito)",[12] de Cordeiro da Mata, escrito em Tombo em 1881, com

---

[10]. Ainda que tais vertentes se sobreponham e sejam de difícil definição, há, como demonstrou Mario Praz (1977), algumas aproximações que permitem empregá-las com alguma pertinência.

[11]. Salomão José Guerreiro, "A caridade", *A Fraternidade*, 1883, 31 out, p.4.

[12]. J. D. Cordeiro da Matta, "A Deus - Jaculatória (excerptos de um livro inédito)", *A Verdade*, 1882, n.25, p.111.

epígrafes de Almeida Garret e Teófilo Braga, o que revela já aí uma dissonância com o ultra-romantismo.

I

O' Deus, Tu que o mundo fizeste e que n'elle acima da creação o homem eleváste,
Tu, a cujo supremo mando tudo obedece,
Tu, que és "o Alpha e o Omega, o principio e o fim",
Tu, que és o "que é, e que era, e que ha de vir, o Todo Poderoso"...
Deus Omnipareate, Glorioso, Increado, Infinito, Immenso, Omnipotente e Iugente: Alma da creação, Alma do mundo,
Eu, do imo d'alma, te bemdigo!....

II

Que és grande, Senhor! que existes, que o teu poder é incontestavel!, – diz-m'o a consciencia; – diz-m'o do mar a grandiosa voz, que a tua Immensidade attesta; – diz-m'o ao romper d'alva a avesinha, quando em doces trinos hymnos mil te tece; diz-mo dos ceus a amplidão, quando a contemplal-a me embeveço; – diz m'o a lua, quando surge magestatica e a vista humana enleva: – diz-m'o da mulher as mil prendas, da criança a innocencia! – Diz-m'o tudo quanto vejo, tudo quanto sinto, – tudo quanto me enleia, tudo quanto me embriaga!...
Diz-m'o tudo quanto amo, tudo quanto me arrebata, tudo quanto me extasia!...
Em tudo, Senhor! eu vejo teu nome escripto!...
No ceo, na terra, no mar e em toda a parte!...

III

E, comtudo, Senhor, amando-te eu immensamente, dando-te em holocausto minha alma inteira, com toda a fé e humildade,
Eu, Senhor, não creio na voz de alguns teus falsos ministros!...
Porque elles não prégam com fé viva o teu Evangelho; – porque elles são uns hypocritas, acobertados no manto da virtude; – porque elles são "Pilatos de mão limpa o de consciencia suja" (5); porque elles não amam o proximo; – porque elles sabem, tambem, odiar: – porque elles têem, tambem, paixões, [?] querem, também, ser grandes; querem, tambem, dominar!; – e o Deus que elles adóram não é o Deus de misericordia, o Deus de bondade, o Deus de caridade, o Mesericordiador Infinito: – idolátram o deus dinheiro!.....
Senhor! Senhor! allumia com um raio de tua luz resplendente minha alma resequida, que, tendo recebido o teu sopro divino, para o saber a creaste!

Este texto, já transcrito anteriormente por Mário Antônio (1997: 108-109), foi escrito por Cordeiro da Mata aos 23 anos de idade e apresenta o tom solene que caracterizou os textos dos escritores que provavelmente o informaram, como a *Voz do profeta* de Herculano ou as *Paroles d'un croyant* de Lamennais, distinguindo-se em qualidade dos demais textos do mesmo gênero.

Foi ainda *A voz do profeta* que estimulou em Portugal a geração de 1850 a mergulhar no subjetivismo fantasioso que a caracterizaria, tendo por primeiro ideólogo o crítico Lopes de Mendonça, como observa Alberto Ferreira (1966: 67). Tal subjetivismo foi o grande responsável pela conspícua produção dos poemas de amor e de morte na metrópole e nas colônias. Os temas do amante abandonado, ou da impossibilidade de concretização amorosa, ou da queda e perdição da mulher amada são exaustivamente retrabalhados. Imagens como a do poeta sofredor, a do homem usurário ou a da velhice decrépita e decadente têm presença obrigatória.

Lembremos, a título de exemplo, o poema de "Dúvida",[13] de Campos Oliveira, que assim diz:

Amo-te! e não sei ao certo
se sentes amor por mim;
e esta cruel incerteza
me dá martyrio sem fim,

Se admirando a tua imagem
me surprehendes — sorris;
mas não sei candida virgem,
o teu sorriso o que diz

Se me encontras pensativo,
logo a causa vens saber;
e ao veres que soffro muito
pareces entristecer!

Se escutas meus tristes versos,
triste ficas a scismar,
e não raro, a custo tentas
fundo suspiro abafar;

Sei que amas! Em teus olhares
scintila a luz da paixão;
sei que amas; mas inda ignoro
de quem é teu coração

Disses-te uma vez: "Adoro-te!
deliro por este amor!
venha esse casto affecto
dar ventura ao trovador!"

Sentida baixaste os olhos
e hesitaste em responder!...
Eu sempre a sonhar venturas!
Sempre a incerteza a colher!

E esta pugente incerteza
me traz martyrios sem fim!
amo-te, e não sei ao certo
se me tens amor a mim.

Dize-me pois, linda virgem,
se o teu affecto é só meu;
rasga a duvida em que vivo
dá-me o inferno ou dá-me o céu!

[13] . Campos e Oliveira, "Duvida", *Jornal de Moçambique*, 1875, 7 abr., n.3, p.12.

O poeta reclama pelo amor não correspondido e pede à amada que lhe tire da constante incerteza em que vive, o que constitui um dos temas mais recorrentes em todo o movimento romântico, aqui tratado de modo extremado, mas sobretudo singelo.

Em Borlido Martins, de Angola, por exemplo, temos no poema "Crimes humanos"[14] aquela indignação ante o utilitarismo burguês de que fala o crítico português Vitor Manuel de Aguiar e Silva:

Tremei de susto, ó almas emaculadas,
Ao ver as cousas santas, p'elos crimes manchadas!
Santa a caridade, a virtude mais real,
Que suavisa as dôres, de todos em geral;
Santa a justiça com fimeza de rectidão....

Livra a sociedade de toda a podridão;
Santa a resignação, como aquella de Jesus.
Que não se indignou ao pregal-o na negra cruz;
Santa a pasciencia do pobre que mendiga;
Que só a mão da caridade, é que é d'elle amiga
Mas ao ver os homens, correndo para o abysmo
Usurpando a virtude, as leis do Christianismo,

É preciso ó almas, um vingador tyranno!
De raça de maldade, sangue do romano!
Levanta-te da campa, ó monstruoso Nero!
E junta a tua espada, ás crenças de Luthero!
É necessario ao mundo a tua voz sombria
Até que surja da treva, o desejado dia....

Atira p'ro esterco o lupanar e o crime,
E estorse as cousas vis, como se estorse em vime;
É um veneno atroz, que nossa alma infesta,
Preparae-vos abutres, é santuosa a festa

Onde estaes, anjos meus, ó doces alvoradas,
Que eu vi n'outra idade explendidas, doiradas,
Como o maio em flôr, já nada d'isso existe!

Transformou-se em monturo a graça pitoresca
Do verdade matagal e da campina fresca;
Ouve-se alem o mar, bramir como um chacal
E a humanidade rir ao som do vendaval;
E essas gargalhadas agudas como lanças,
Respondem brandamente os choros das crianças,
Que não tem pae nem mae, nem berço p'ra dormir

Escarnae-lhes no rosto, ó ondas do porvir,
Pois tem por ideal sómente o abandono;
Esmagae-as aos pés! são cães que não tem dono!....

É assim que blasphema o gordo milionario
Quando passa e vê aquillo, o vil como um sicario!
Dae-lhe ao menos por cama o estrume dos cavallos!
Por não terem pae nem mae, haveis de esmagal-os!
Como se esmaga um sapo, a uns tristes innocentes?

[14]. Borlido Martins, "Crimes humanos", *Correio de Loanda*, 1892, n.103, p.2.

Estorcei-vos no lodo, assim como as serpentes,
O' miseros sandeus, escravos do dinheiro,
Que até roubaes por fim a enchada do coveio!

Em todo o poema condena-se moralmente de modo contundente e grave a figura do homem materialista, para, no último verso, concluir de modo bem-humorado sua crítica, o que confere certa originalidade.

Em Cabo Verde, temos a Humilde Camponeza, isto é, Gertrudes Ferreira Lima, que, em "A lyra doente",[15] assim descreve a figura do poeta:

Na minha lyra doente
Ha muito fel, muito pranto;
Não m'obrigues a cantar
Sem perfumes nem encanto.

Sou como a voz do deserto
Em noites tempestuosas;
Sou triste como a florinha
Que fenece entre as ditosas.

Sou qual planta em solo esteril
Que lentamente s'esvae
Ao sopro do vendaval,
Ao som d'entranhado ai.

Tudo em mim ao redor
Folga e ri co'a natureza;
Só o meu cerebro atrophia
Incomparavel tristeza.

É qu'eu nasci pr'a chorar;
E, se ás vezes canto e rio,
Forcejo o pranto reter
A cair prestes em fio.

Mas, se á luz vivificante
D'uma aurora diamantina
S'extinguir a negra mão
Da minha vida ferina,

Oh, então, caro poeta,
Bem longe dos teus pomares
Cantarei co'as avesinhas
A sombra dos meus palmares.

Aqui é a figura do poeta sofredor que ganha o primeiro plano. Nossa camponesa expressa com alguma desenvoltura a eterna infelicidade do bardo romântico, que sempre guarda no fundo alguma esperança de bem-aventurança.

Em Goa, onde o tema da velhice é recorrente, aparece por exemplo "Os desejos de uma velha",[16] de L. J. de Souza e Brito:

"Já tenho setenta
Quizera morrer
Quem cuida da velha?
Não posso viver.

"Se vivo mais tempo
Que posso esperar?
Os dias da infancia
Não podem voltar.

"Ouvir, já não ouço
Ai! por mais que eu faça,
E aqui só não pára
A minha desgraça.

"Ver quase não vejo
Ai! por mais que eu queira,
As filhas já gritam
Da minha cegueira.

"Sahir, já não sáio,
Não posso eu andar,
Que vida tão triste
Viver a penar!

"Já tenho setenta
Quizera morrer,
Quem cuida da velha?
Não quero viver."

Pediu e pediu,
Pediu sem cessar,
Em fim veiu-lhe a morte
E fêl-a calar.

O poema emprega a redondilha menor, escolhida por Garret como a mais popularmente portuguesa, dando um tratamento também bastante popular ao tema da velhice, com uma conclusão um tanto sarcástica. Este poema foge um pouco ao romantismo da segunda geração, aproximando-se do primeiro romantismo português, o que revela que nem tudo pautava-se integralmente pela cartilha romântica de que falamos anteriormente.

É oportuno assinalar que também o romantismo patriótico ganha algum espaço na crônica (e principalmente nas matérias sociais e políticas), quase não sendo cultivado na poeisa e na prosa ficcional. Ao passo que o patriotismo é uma questão muito importante para os macaenses, que têm, como vimos, diversas publicações periódicas dedicadas a ela (trazendo no próprio título a idéia de pátria), em Goa e em Moçambique o tema pouco aparece explicitamente, ainda que seja subjacente a muitas das discussões literárias e políticas ali travadas.

No eixo ocidental, o patriotismo aparece de modo mais complexo, já que em Angola, como vimos, surgem manifestações independentistas. Ali, as manifestações patrióticas passam a ter dois

[15] . Humilde Camponeza, "A lyra doente", *Almanach Luso-Africano*, 1899, p.76.

referenciais: ora a metrópole, ora a colônia independente. Todavia, as representações literárias oriundas do movimento independentista angolano não são evidentes, ficando também ali, no plano literário (ao menos até onde pudemos investigar), o sentimento pátrio voltado exclusivamente para a metrópole portuguesa, como ocorre no eixo oriental.

Poderíamos, pois, afirmar que os temas que aparecem como dominantes nas colônias portuguesas eram, em linhas gerais, os mesmos que vislumbramos no primeiro livro de poemas editado na África, isto é, em *Espontaneidades de minha alma*, de Maia Ferreira, que assim dizia na introdução:

> Se avaliardes a minha linguagem como na culta Europa, muitas vezes as Senhoras avaliam os homens pelos trajo, pois sem dúvida não encontrareis nas minhas fracas inspirações esse belo e brilhante que, à maneira de prisma, espalha por toda a parte as suas cores vistosas; mas se de alma pesardes o que eu também de alma escrevi e que ousado só a vós dedico, conhecereis, Senhoras, que estes cânticos são pobres e que de convicção os considero despidos de púrpuras reais - de oiro - e de pedrarias - são cantos do mais íntimo da minha alma, brotados pelo desamor de um fado por algum tempo inimigo, que me obrigou, açodado, a vibrá-los longe da pátria e dos meus, em pobre e dissonante livro - tingido só de três cordas - *Deus*, *Pátria* e *Amor*! (*apud* Oliveira, 1997: 27)

Mas se esses três temas românticos eram constantes, não podemos deixar de assinalar a presença do nativismo, gênese do escrito contestatório que redundará no protonacionalismo africano das regiões colonizadas, como demonstrou Mario Pinto de Andrade. Após observar que:

> O caráter universalista do corpo doutrinal que enformou o liberalismo na transposição de princípios e noções da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, a proclamação de que *a lei é igual para todos* ecoaram de imediato nos meios letrados das sociedades colonizadas (1997: 32).

Irá buscar nos textos oitocentistas a gênese do escrito contestatório, isto é:

> as primeiras interpelações do poder colonial na base das reivindicações locais e expressões incipientes de uma identidade cultural, não isenta de ambigüidades. (1997: 39)

Como manifestações literárias nativistas podemos relacionar trabalhos em quase todas as colônias. Em Goa, afora a já vista paradigmática canção do exílio goesa, os textos de Júlio Gonçalves procuravam ambientar suas narrativas na própria colônia e, por outro lado, em ensaios, valorizar a tradição literária hindu. O conto "Amar por comissão",[17] por exemplo, da série de narrativas intituladas "Contos da minha terra", assim inicia:

> O ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos sessenta e dois, na bela vila de Margão, nessa á que chamam lá Atenas Goana, como se Atenas fosse vila, e nas casas de morada de um certo morgado houve um esplendido baile, tão esplendido como os que poucas vezes se vêem nesta nossa pobre terra.

---

[16] . Publicado no *Tirocinio Litterario,* 1862, abr., n.6, p.45.

[17] . J. Gonçalves, "Contos da minha terra -- II -- Amar por comissão", *Illustração Goana,* 1864, n. 7, p. 6-11.

> O baile era por ocasião de um casamento, e o casamento por causa da efetuação de uma circunstância, que aqui os nossos sarcásticos avoengos fizeram conhecida pelo provérbio ou anexim o mais pequenino que nós sabemos, e é: — chuva no mar —.
>
> Não souberam ainda o que é chover no mar? É coisa que sempre vemos. Chove sempre no mar quando um morgado casou com uma morgada, ou um milionário com uma única e universal herdeira de não sei quanta gente. Chove no mar toda vez que o filho único de um pai ricaço vê-se cercado de uns poucos de testamentos de um sem número de padres tios, que sempre são pessoas respeitáveis, por que sabem enriquecer-se eclesiasticamente. — Chove finalmente no mar em outros que tais casos similares. Mas a propósito: quem me dera ter um padre tio missionário de Baçaim ou Ceilão?
>
> Chovia, pois, no mar em casa do morgado marganense, e por causa dessa chuva houve ali um casamento, e por causa do casamento um baile, e por causa do baile uma reunião vastíssima de quantas calças apertadinhas por ali haviam, e mais nos arredores.

Entremeada à narrativa, tem lugar a descrição de crenças e hábitos peculiares de Goa, fazendo que ao menos parte do espaço social e cultural goês ganhasse representação literária. Ainda na Índia, podemos lembrar que os estudos de Cunha Rivara em torno do concanim também guardavam um caráter nativista.

Em Moçambique, além das atividades políticas de Alfredo Augusto de Brito Aguiar destacadas por Mário Pinto de Andrade (1997: 47-49), temos os já bem conhecidos poemas de Campos Oliveira, que, juntamente com algumas de suas narrativas, procuram fazer valer a cor local. Em artigo sobre o poeta, Antônio Tuzine dá início às suas conclusões notando que:

> Resta-nos apenas dizer que este homem-poeta, considerado por uns o *maior expoente romântico* de Moçambique e por outros simplesmente o *primeiro escritor moçambicano de Língua Portuguesa*, que, não obstante o tenha feito com laivos, cantou com orgulho pátrio o seu Mossuril, o seu Lumbo, ou a sua Cabeceira, *a aldeola garrida e virídente e, porventura, a mais bonita da minha terra.* (Ribeiro & Sopa, 1996: 218-219)

Em Angola, destacam-se os trabalhos de Cordeiro da Matta. O exemplo nativista mais interessante de seus trabalhos de que dispomos é um trecho de *Noites de Loanda (episodios da mocidade bohémia)*, narrativa que pretende reproduzir fiel (e romanticamente) tudo o que se passava com a mocidade luandense, "para que os loandenses do seculo XX, que lêrem estas despretenciosas *Noites* (se chegarem a lel-as) tenham conhecimento da Loanda do seculo XIX". Os propósitos "realistas" do narrador não chegam, todavia, a se concretizar, pois temos ali, em verdade, uma descrição romântico-picaresca da vida em Luanda. Tomemos aqui, por exemplo, o momento em que os dois personagens centrais, Quinquim e Zuza, procuram no mercado de Loanda alguma conquista amorosa fácil:

> Achavam-se então os dois inseparaveis amigos na praça de D. Affonso V. Dirigiram-se depois ao mercado, no qual entráram.
>
> Aquelle estabelecimento que de dia serve de muita utilidade á especie humana, achava-se quasi deserto. As quitandeiras que de dia lhe dão vida e animação dispersáram-se pouco a pouco. Apenas se viam aqui e alli algumas vendeiras de comentiveis, prestes a retirarem-se.

Quinquim e Zuza quando colhiam algumas folhas de *eucalyptus* n'uma das ruas do mercado, passou ao pé d'elles uma pretinha cantarolando socegadamente a modinha, então em voga, *Milanda Enlique* (Miranda Henrique).

- Psiuh! - fez Zuza - *úala mbotê?* (Passa bem?)
- *Kiokuatelê kimu!* (Pouco lhe importa) - respondeu a pretinha.
- Vem cá - replicou o improvisado *D. Juan* - vou diser-lhe duas palavras.
- *Anga úa rime nêka ngô, kutenê!* (ainda que madrugue, não pode).
- Ora essa!... que dizes? toma lá um charuto.
- *Ngüami* (não quero).
- Peço-te.
- *Muamonô!* (Já viram).
- *Ngoriondo* (rogo-te)... *Ng'icue* (ouça-me).
- *Inhi úandála?!* (o que quer?).
- Quero dizer-te uma coisinha...
- *Ngondo kukuambela kama kamoxi.*
- *Eme nga kuijiiami* (Eu não vos conheço).
- Não importa... *kia kuaté kima...*
- *Ngandalami mutu ua bukumuka... Ndé kumbandu kuna!* (Não gosto de pessoa atrevida... Vá para o diabo!)
- Oh! Rapariginha!...

Algumas pessoas que passavam olhavam para os dois interlocutores. Zuza notou a curiosidade dos transentes. Procurou *humanisar* a pretinha e disse-lhe depois:

- Não conversêmos aqui; vâmos lá fóra, sim *kalumba kúmi?* (rapariginha minha).
- *Ndóko; mâji úa ngambela ioso luandala* (Vâmos, porém dir-me-ha o que quer).

Zuza e sua Dulcinéa sairam.[18]

O diálogo reproduz uma situação própria de Loanda. Zuza fala em português e sua Duncinéia lhe responde em quimbundo (o autor nos explica que isso se dava quando um africano dirigia-se em português a uma africana que não dominava adequadamente a língua européia e esta, portanto, preferia responder em quimbundo para não cometer erros). Quando ele percebe que seu discurso não a está persuadindo, passa a falar também em quimbundo, colocando, desse modo, em evidência a dinâmica argumentativa própria à convivência entre aquelas as duas línguas.

Em Cabo Verde, novamente é o grupo em torno de *A Imprensa* que procura valorizar o elemento local, ambientando suas histórias nas ilhas e pincelando seus trabalhos com questões socioculturais peculiares à realidade caboverdiana. Lembremos que Mário Pinto de Andrade (1997:41-46) integra tais autores nas correntes de formação da consciência nativista das ilhas.

Guilherme Dantas, no folhetim "A morte de D. João - memórias do hospital", assim descreve a personagem Joaninha:

> Joanninha era a minha decima terceira prima da Brava, exatissimamente aquella a quem nunca fui capaz de apanhar o mais insignificante e innocente beijinho *primacial*... nem mesmo capaz de lh'o pedir... valha a verdade!.. Uma timidez de que não sei dar conta... mas é tal e qual!

[18] J. D. C. M., "Noites de Loanda (episódios da mocidade bohémia)", *Correio de Loanda*, 1891, 29 mar, n.61, p.1; 5 abr, n.62, p.1; 12 abr, n.63, p.1; 19 abr, n.64, p.1; 26 abr, n.65, p.1; 3 mai, n.66, p.1; 10 mai, n.67, p.1; 17 mai, p.68, p.1; 24 mai, n. 69, p.1; 31 mai, n.70, p.1; 7 jun, n.71, p.1; 21 jun, n. 73, p.1; 28 jun, n.74, p.1; 12 jul, n.76, p.1; 27 jul, n.78, p.1

> As borboletas voam para as flores, e a loira abelha não pede licença á rosa vermelha para *molhar as azas* no seu calice perfumado...
>
> E Joanninha era um botão de rosa desabrochado n'um sorriso da aurora... como diria o Artiaga, o mais descambado poeta que conheço.
>
> E eu, que não tenho azas, mas que sou tão goloso como qualquer abelha (e note o sr. Abelha que não se trata de s. ex.ª)... eu gostaria... gostaria tambem de *molhar a minha sopa*...[19]

Além da referência à ilha da Brava, note-se que a menção ao sr. Abelha tem evidentemente endereço certo nas ilhas, o que estabelecia um diálogo do texto com a realidade local.

Associadas a esse nativismo expresso na ambientação local das histórias, poderíamos apontar as narrativas de viagens, que divulgavam paisagens, povos, culturas nas regiões coloniais, ainda que nem sempre com o intuito de valorizá-las. Tais narrativas foram muito cultivadas nas colônias. O gênero, que tivera sua força primordial para os portugueses nos séculos XV e XVI, ganhou novo alento no romantismo, adquirindo grande diversidade, como constatamos nas narrativas publicadas nos periódicos oitocentistas aqui contemplados. Diferentemente das narrativas do período dos descobrimentos, estas não apresentavam grande fabulação. Procuravam, sim, tornar romanticamente pitoresca a paisagem ou cultura retratada, ou valorizar os sentimentos despertados e o caráter aventureiro da empreitada, ou ainda fornecer dados diretos e objetivos sobre as localidades e os povos, com o intuito de angariar o estatuto de documento científico, já tocadas pelo espírito positivista e realista.

Como um dos mais conhecidos exemplos de tais narrativas, podemos citar o extenso e sofisticado trabalho do português A. Lopes Mendes, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, que esteve na Índia por nove anos (de 1862-1870) e publicou em Lisboa em 1886 seu estudo *A India Portugueza - breve descrição das possessões portuguezas na Asia*, "dividida em dois volumes illustrados com 382 gravuras e 7 mappas", sendo que todas as gravuras e mapas foram desenhados pelo próprio autor.

Após observar que não irá descrever a viagem de Lisboa até a Índia pelo Egito em vista das várias descrições que dela já foram realizadas, Lopes Mendes assim inicia sua narrativa:

> Partimos de Lisboa a 11 de agosto de 1862, a bordo do *Ville de Lisbonne*, paquete francez, que seguia viagem para Cadiz e Gibraltar, devendo esperar n'esta cidade o paquete inglez *Moolton*, que havia de transportar-nos para Alexandria.
>
> Ao separarmo-nos da encantadora cidade de Lisboa, e dos nossos estimaveis amigos, o dr. Augusto Cesar da Silva Mattos e Francisco Joaquim Moniz de Bettencourt, que receberam a bordo os nossos ultimos abraços de despedida, sentimos bem fundo aquele *delicioso pungir de acerbo espinho*.
>
> Silva Mattos, poeta mimoso e distincto jurisconsulto, ao despedir-se, offereceu-nos os seguintes versos, que em homenagem á sincera e nunca desmentida amisade que a elle sempre nos ligou e ainda hoje liga, aqui devemos transcrever [e os transcreve - versos convencionais de cunho romântico].

[19] . G. Dantas, "A morte de D. João - memorias do hospital ao meu amigo Francisco Xavier Crato", *A Imprensa*, 1881, 23 jun, n.52, p.1-2; 7 jul, n.54, p.1-2.

> Foi com profunda saudade (tormento doce e maguado), que ás nove horas da manhã vimos sumir-se Lisboa, deixando sómente á vista o litoral, que também parecia fugir-se-nos. Redordámos, então, com entranhavel sentimento, os sublimes versos do nosso épico [e reproduz Camões].[20]

O tom sentimental, acompanhado de um estilo um tanto burocrático (que registra a patente das personalidades envolvidas, faz elogios e demonstra erudição), caracteriza o texto de Lopes Mendes, além, é claro, do seu caráter cientificamente descritivo e de sua habilidade artística para registrar em gravura aquilo que via. A aventura aqui, todavia, inexiste. Mas iremos encontrá-la em narrativas menos famosas, mas mais recorrentes, como a de Rigogero Soje Ibirore, que assim inicia no folhetim do *Ta-ssi-yang-kuo* suas "Recordação de viagens - Cartas a J. M. P. Rodrigues":

> Nas horas de melancolia, quando a sós commigo contemplo o meu passado, recordo-me de scenas inteiras da vida, e de dias sem conta de completo isolamento, cercado de soffrimentos moraes, alem dos perigos sempre constantes que acompanham a existencia aventureira do marinheiro.
>
> Estas scenas e estes dias que formam, por assim dizer, a maior parte das paginas do livro da minha vida, acham-se miudamente descriptas em dez volumosos livros, porque então tinha por unico lenitivo o escrever em forma de jornal todas as sensações, boas e más, que experimentava. Era assim que, matando o tempo, adoçava os azedumes da vida de bordo, e o ocio das horas de folga, enchendo de cursivo cadernos de papal sem conta.[21]

Temos nessas linhas o estabelecimento da atmosfera romântica que irá perpassar toda sua narrativa por mares e terras da China. A presença da subjetividade do narrador, que apenas sutilmente aparecia na narrativa de Lopes Mendes - mais cientista que literato -, aqui ganha o primeiro plano. E assim acontecerá com a maior parte das narrativas de viagens oitocentistas.

Assim como na metrópole, temos a tríade "Deus, Pátria e Amor" como os temas mais recorrentes do romastimo produzido das colônias portuguesas, entendendo-se "Pátria" geralmente como sinônimo de Portugal e eventualmente (levando em consideração a manifestações nativistas) como sinônimo da própria colônia.

Portanto, se tomamos as tradicionais classificações historiográficas das correntes românticas, chegaremos necessariamente à conclusão de que o romantismo produzido nas colônias portuguesas foi de fato tardio, apresentando sua maior força nas décadas de 1870, 1880 e 1890, com exceção de Goa, que, como já demonstramos, teve uma significativa produção já desde 1840. Todavia, se considerarmos que a maior parte dos trabalhos seguiu os modelos ultra-românticos das décadas de 1850/1860 do romantismo português, acabamos por constatar o

---

[20] . A. Lopes Mendes, *A India Portugueza - breve descrição das possessões portuguezas na Asia*, Lisboa, Imprensa Nacional, v.1, p.1-2 - reedição fac-símile da Função Oriente, Lisboa, 1992.

[21] . Rigogero Soje Ibirore, "Recordação de viagens - Cartas a J. M. P. Rodrigues. Carta 1.a", *Ta-ssi-yang-kuo*, 1864, 19 mai., n.33, p.129; 23 jun., n.38, p.149-150; 18 ago., n.46, p.185; 29 set., n.52, p. 213; 20 out., n.3, p.9; 24 nov., n.8, p.29.

discernimento dos escritores das colônias, já que, tendo em vista as péssimas condições materiais de produção literária, foram beber na fonte mais abundante da estética romântica.

Apesar da constante tendência de pensarmos a literatura romântica nas colônias portuguesas como resultado de uma imposição monolítica, isto é, a literatura chegaria de Portugal pronta e os literatos das colônias apenas a emulariam em bloco, não era exatamente desse modo que tudo se passava. Havia alguma possibilidade de escolha. Os diversos autores românticos portugueses, representando diversas correntes românticas distintas, forneciam um leque de opções aos incipientes meios literários das colônias. Ao privilegiar a segunda geração de românticos portugueses, os literatos das colônias fizeram sentir sua capacidade de distinguir e emular adequadamente os temas mais recorrentes da literatura romântica européia na expressão que mais força romântica lhes delegava.

Se considerarmos tudo o que deixaram de lado, podemos começar a entender que alguma escolha fizeram. Não praticaram a literatura fantástica, não praticaram uma literatura de efetivo caráter místico-cristão, não praticaram uma literatura crítica antiburguesa e antiutilitarista, todas igualmente convencionais e parte do *corpus* romântico. Escolheram a literatura romântica que tinha a menor grau de polêmica e o maior grau de oficialização: o ultra-romantismo institucional da segunda geração romântica, que teve na figura de Antônio Feliciano de Castilho a sua expressão mais apurada.

Sendo evidente o esforço desses literatos em procurar instituir nas colônias um meio literário romântico nos moldes daquele existente em Portugal, a opção pelo ultra-romantismo era sem dúvida a mais acertada para um trabalho de formação competente, ao mesmo tempo, e principalmente, a mais adequada para a função pragmática que a literatura efetivamente passou a ter naquelas localidades, como veremos mais adiante.

O romantismo nas colônias tardou, sim, mas não falhou em seu maior propósito: o de esboçar um virtual paradigma da dinâmica literária européia e estabelecer um real lugar social para a literatura em cada uma daquelas comunidades.

Outras manifestações estéticas

Acrescente-se a isso que sobreviveram nesse cenário algumas manifestações neoclássicas, assim como já era perceptível em alguns trabalhos uma sensibilidade decadentista ou mesmo realista.

Vimos que em Macau foi o neoclassicismo que vigorou em matéria de poesia, sendo Miranda e Lima o principal poeta macaense oitocentista. Macau foi efetivamente uma exceção em meio à dinâmica literária das colônias portuguesas. Seu maior poeta, Miranda e Lima, morreu em meados do século XIX e deixou uma obra marcadamente neoclássica.

Como exemplo, podemos citar o soneto sem título:[22]

Não temas, lyra minha, canta ousada
O preclaro FALCÃO; mas tà que Ethonte
E pyrois derribàrão a Phaetonte
Da carroça Apollinea sublimada.

Não basta que, se estás bem affinada,
Imites a do suave Anacreonte,
Para cantares hum Varão que he fonte
Para os Lusos de bens nunca esgotada...

Mas convem que n'um peito Lusitano
Se deixe entrar a inerte cobardia?
Longe, longe de mim tão feio engano!

Muito pode quem quer! Eia, ousadia!
Vales mais que a de Pyndaro Thebano,
Que o teu Heroe te dá maior valia.

De tão hermético e codificado, fica difícil afirmarmos se se trata de um elogio ou de uma sátira ao referido Falcão, de quem nada pudemos saber. Mas, em termos formais, é um soneto escrito em decassílabos e que emprega diversas referências clássicas. A sátira certamente não se voltava para o próprio estilo literário por ele adotado, já que as outras obras de Miranda e Lima guardam um estreito vínculo com o neoclassicismo. É o caso de "Huma velha, e hum gato - apologo", um interessante poema didático:

Huma Velha, e hum Gato
Apologo.[23]

Huma velha encarquilhada
Criava com mimo hum gato
Pois lhe dava de comer
Bons bocados de seu prato,

Catava-o todos os dias,
Deitava-o no seu estrado,
Eo [sic] chamava com meiguices
O jasmim do seu agrado.

Até dizem que o bichano,
Querendo jantar mais cedo,
Muitas vezes a deuxara
Só com arroz e bredo

E a velha por castiga-lo
Lhe dizia então: "Jasmim,

[22]. Publicado em *O procurador dos Macaistas,* 1844, 19 dez, n. 42, p.4.
[23]. Publicado em *O Macaista Imparcial,* 1837, 13 fev, n. 72, p. 285.

És muito esturdio; jantaste
Sem te lembrares de mim?"

Mas hum dia, que ao deitar-se
Achou a cama molhada,
O agarrou pelo cachaço,
E lhe deo huma palmada,

Eis se assanha o papa-ratos,
As garras desembainha,
E dando horrendo miáo,
Co'a benfeitora engalfinha.

Ella apenas diz: "Meu Jas..."
Antes, que diga "mim' cahe
E desmaiando por medo,
Só pôde dar ainda hum *ai!*

Ao funebre grito accode
Prompto hum sobrinho seu,
Que co'a tia meia morta
No chão estirado deo.

Como soldado, que era
Huma baioneta trazia.
Rapido puxa por ella
Mata o gato, livra a tia.

Ella então tornando a si
Deo hum gemido, e chorou:
E depois de alguns momentos,
N'estas palavras soltou:

"Meu sobrinho, muitas graças,
Pois me livraste do gato,
Mas despovoas o mundo
Se matas, quanto he ingrato."

E mesmo na redação de um simples epigrama[24] aparecem referências neoclássicas, onde o pintor inglês Quinery, que mais e melhor retratou a Macau oitocentista, é comparado ao próprio Homero.

A Colledge, Esculapio d'Albion
Cuja destra efficaz causar podia
Inveja ás de Melompo, e de Chiron
Canta aos olhos a muda poesia
De Chinery, que na invenção, no esmèro
Rivaliza ao pintor rival de Homero.

[24] . Publicado em *O Macaista Imparcial,* 1833, 23 mai, n.152, p. 190.

Fica, pois, evidente o caráter neoclássico de Miranda e Lima, não aparecendo nas publicações macaenses aqui consultadas qualquer outro poeta que lhe fizesse frente ou mesmo que apresentasse obra minimamente extensa para poder aqui ser mencionada. Pelo contrário, os poetas que ali se apresentam na segunda metade do século XIX continuam a escrever sonetos nos moldes de Miranda e Lima, realizando debates políticos em versos.

Mas esse elemento neoclassicista também aparece - e certo que de modo menos intenso em outras colônias portuguesas. Em Angola, por exemplo, referimo-nos ao fato de Mário Antônio (1997: 32) considerar Maia Ferreira um pré-romântico, isto é, um romântico por circunstância e um academicista de formação, com o que concordamos. E, se fôssemos analisar detidamente os diversos poetas aqui arrolados de todas as colônias, certamente constataríamos que muitos guardam algum vínculo com o neoclassicismo.

Por outro lado, o mesmo poderíamos dizer da influência parnasiana e decadentista nas colônias na última década do século XIX. Todavia, é bastante difícil distinguir entre o que seria sobrevivência neoclássica, variação ultra-romântica ou inovação parnasiana, já que os decadentistas tomam as rigorosas formas do neoclassicismo e trabalham-nas com alguns temas do ultra-romantismo, distinguindo-se de um e de outro pelo grau em que empregam cada um desses elementos.

Quanto à literatura realista, temos somente alguns poucos representantes em Goa, como o romance *Jacob e Dulce - cenas da vida indiana*, de Francisco João da Costa, bem como em Angola, como a novela de Alfredo Troni, *Nga Muturi*.

O fato é que, mesmo considerando natural que outras manifestações estéticas tenham lugar conjuntamente com a dominância da estética romântica, é intrigante a manutenção do neoclassicismo na poesia macaense, mesmo porque, como acabamos de constatar, no gênero das narrativas de viagens, por exemplo, aparecem autores ultra-românticos estampando seus textos nos folhetins. De qualquer modo, a convenção neoclássica em Macau ganhou estatuto de lei na primeira metade do século XIX e perdurou na segunda metade daquele século pelo mesmo motivo que a literatura ultra-romântica transformou-se em sinônimo de literatura nas outras colônias: em razão de sua função pragmática e ritual. Mas antes de entrarmos nessa questão, vejamos o que ocorreu no que aqui genericamente designamos por ilustração e que lugar ocupava a produção literária das colônias portuguesas na orquestra das nações.

Outras artes, outros textos

No teatro e na música, apesar da escassez de matérias a respeito nos periódicos aqui analisados, podemos constatar que a preferência estava nas peças satíricas, de entendimento fácil e rápido, sendo que o drama romântico também tinha lugar na preferência do público. A música

dependia, muitas vezes, de fatores externos e mesmo casuais, como, por exemplo, de que os barcos que chegavam da Europa tivessem a bordo bandas navais, como vimos acontecer em Moçambique e em Cabo Verde. Quanto aos recursos e talentos locais, estes eram minguados (a despeito da riqueza da música autóctone). É verdade, todavia, que os estudos de piano encontravam-se difundidos por várias das colônias, principalmente em Angola, o que resultava também no estudo do canto das modinhas de salão e, mais raramente, no estudo do canto erudito.

A história foi uma das disciplinas mais cultivadas durante o século XIX. Vimos que em todas as colônias diversos portugueses ou naturais dedicaram-se seriamente ao levantamento da documentação colonial e a sua interpretação, tendo como primeiro modelo os trabalhos de Herculano em Portugal. Também a geografia portuguesa, juntamente com a incipiente antropologia, teve grande impulso, com a descrição de regiões, costumes e culturas coloniais. A lingüística portuguesa viu seu *corpus* em muito alargado pela descrição dos vários falares crioulos, além da descrição de línguas autóctones. Tudo isso ganha evidência nos diversos estudos que referimos no decorrer deste trabalho como os estudos de Cunha Rivara sobre o concanim e a historiografia de Goa, os estudos de Antônio Feliciano Marques Pereira, e depois os de seu filho João Feliciano Marques Pereira, sobre a história e o patoá macaenses, os estudos de Cordeiro da Matta sobre o quimbundo e a história de Angola, os estudos históricos e geográficos de José Conrado Carlos de Chelmichi e de Francisco Adolfo de Varnhagen sobre Cabo Verde, os estudos do padre António Manuel da Costa Teixeira sobre o crioulo de Cabo Verde, os estudos históricos e geográficos sobre as ilhas de São Tomé e Príncipe de R. I. da C. M., os estudos de Marcelino de Barros sobre o crioulo da Guiné-Bissau ou ainda os diversos estudos historigráficos de diversos autores sobre Moçambique que aparecem na *Revista Africana* de Campos Oliveira.

De tudo isso depreende-se que, no que diz respeito à ilustração *produzida* nas colônias, privilegiou-se a história, a geografia, a antropologia e a lingüística, ainda que a ilustração *reproduzida* nas colônias fosse muito mais vasta e enciclopédica, envolvendo a economia, a medicina, as novas tecnologias etc. O teatro e a música tiveram precária condição de existência, mas estiveram sempre insistentemente presentes.

Paradigmas nacionais e o lugar da produção literária das colônias

O conjunto de referências estéticas e culturais européias que se impunha às colônias portuguesas teve, obviamente, Portugal como seu centro.[25] É importante lembrar que, além de toda a literatura portuguesa que vimos reproduzida nos periódicos coloniais, havia uma imprensa

[25] . Ainda que se releve o fato de, no eixo oriental, Goa funcionar em grande parte como um centro formador de seus próprios quadros burocráticos e dos quadros das colônias vizinhas, ao passo que no eixo ocidental toda a formação intelectual mais avançada advinha diretamente da metrópole, as referências portuguesas eram o elemento estruturador de todo o conjunto colonial.

da metrópole voltada especialmente para aquelas regiões. Este era o caso do afamado *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa, 1851-1932), editado primeiramente por Alexandre Magno de Castilho - publicação que mereceu diversos estudos, como os de Mário Antônio (Oliveira, 1990: 199-207) ou de Gerald M. Moser (1993) e que efetivamente cumpriu um papel significativo no trânsito da literatura entre as colônias. Mas há uma lista de publicações lisboetas que se dirigiam àquelas regiões, como: *O Correio das Colonias - revista illustrada destinada a advogar os interesses das colonias portuguezas* (1883), editado por Elvino de Brito, o *Boletim da Colonia Portugueza Para Huilla - O producto da venda, pagas e despezas, reverterá a favor da colonia*, (1885), *A Revista Colonial* (1885), *A Africa Portugueza* (1877), editado por Caetano de Magalhães, com edições em português e em francês,[26] o *Africa Illustrada - Archivo de Conhecimentos Uteis - Viagens, explorações, usos e costumes, commercio, industria, meteorologia, distincção de climas, producções, colonisação, movimento progressivo, indicações hygienicas e noticias da actualidade por Henrique de Carvalho* (1892), de Henrique de Carvalho, a *Revista Colonial* (1894), sob direção de Carlos Lisboa e adminstação de J. Antonio de Lima ou mesmo o número único *O Africano - jornal publicado em beneficio da colonia portugueza em Africa, iniciada por Narciso Feyo* (1884).[27] Constata-se, pois, o permanente interesse dos portugueses metropolitanos em atingir comercial e literariamente as colônias.

Quanto à literatura propriamente dita, vimos como artigos de periódicos portugueses foram sistematicamente reproduzidos nas colônias, tendo como um de seus modelos primordiais *O Panorama*. Vimos também como os escritores portugueses românticos mais citados e reproduzidos nas colônias eram Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Tomás Ribeiro. Apesar da consensualmente reconhecida superioridade dos dois primeiros, foi este último que mais atenção mereceu nas colônias. A verdade é que deveu muito de sua fama ao fato de ter sido secretário-geral do governo em Goa. Ali, como nos relatam Devi & Seabra (1971: 165-176), trabalhou ativamente com a comunidade letrada local. De Goa, em função das relações intelectuais do eixo oriental, sua influência se estendeu para Macau e Moçambique. No eixo oriental, a presença de Tomás Ribeiro deveu-se à própria metrópole, onde também era muito popular principalmente em razão de seu poema patriótico *D. Jaime*, cujo prefácio foi o pavio para a Questão Coimbrã. Lembremos também que o poeta fôra ministro das Colônias no final da década de 1870, quando eram promovidas expedições científicas à África. Todos aqueles que trabalharam com a literatura romântica produzida nas colônias citam Tomás Ribeiro como um dos nomes recorrentes nas publicações daquelas localidades. Mário Antônio (Oliveira, 1997: 25, 107) observa o renome de Tomás Ribeiro em Luanda e Manuel Ferreira (1986: 36) faz o mesmo

[26] Dos quatro primeiros números, dois são predominantemente em português e dois, em francês - aparecendo ainda o inglês, esporadicamente.

[27] Neste último, encontra-se uma carta de Tomás Ribeiro propondo a instalação de um telégrafo que unisse toda a África portuguesa, revelando que o prestígio que o poeta angariou nas colônias fundamentava-se no constante interesse que revelava por aquelas comunidades.

em relação a Cabo Verde, assim como vimos Devi & Seabra (1971, v.1: 165) assim procederem. É certo que também Mendes Leal, Soares de Passos, Gomes de Amorim, Julio Dinis, Lopes de Mendonça, Antero de Quental, entre outros, ganham prestígio nas áreas coloniais, mas seria Tomás Ribeiro o poeta paradigmático. Também João de Deus será uma referência recorrente na última década do século, principalmente nos periódicos macaenses e angolanos.

Entretanto, vimos que a França, o Brasil e a Inglaterra funcionaram como referências alternativas e constantes, o que se dava de modo diferente no eixo oriental e no ocidental. No eixo oriental pudemos constatar que a França e a Inglaterra disputavam de igual para igual a supremacia em matéria de traduções, referências culturais e presença modelar, ficando o Brasil apenas com um modelo alternativo, evocado circunstancialmente.

No eixo ocidental era sem dúvida a França que, depois de Portugal, aparecia como referência cultural e literária mais importante. O Brasil e a Inglaterra vinham depois, ocupando lugares distintos. A Inglaterra aparecia como modelo tecnológico e ético (em razão do antiescravagismo britânico), mas trazia a negatividade de potência dominadora e opressora, principalmente após o *Ultimatum*. O Brasil surgia como modelo histórico-colonial bem-sucedido e como modelo de emancipação política, mas com a negatividade do escravagismo, apaziguado com autores como Castro Alves, que vimos reproduzido em Cabo Verde, por exemplo.

Por outro lado, o comércio escravagista com o Brasil e a grande presença de brasileiros em Angola foi um fator decisivo para a presença mais forte da referência brasileira no eixo ocidental.

Na prática, como pudemos registrar nas publicações periódicas de cada uma das colônias aqui estudadas, tais referenciais se constituíam por meio de pequenas notícias sobre a vida de escritores, notas sobre a vida literária e cultural dessas diversas localidades, quadros panorâmicos da literatura portuguesa, francesa, inglesa, reproduções de artigos extraídos de periódicos das referidas nações, reproduções de textos literários portugueses ou, mais raramente, brasileiros, e traduções de autores franceses e ingleses. Evidentemente diversas traduções de outras línguas tiveram ali presença, como a espanhola (principalmente na figura de Emílio Castelar), alemã, italiana, entre outras, mas em grau significativamente menor do que as duas anteriores.

Tratando-se do estabelecimento inaugural dos espaços literários coloniais portugueses, o papel das traduções ganha maior complexidade, na medida em que veio, muitas vezes, funcionar como paradigma de antilusitanismo. Também é necessário considerar que a tradução já não é um texto em língua estrangeira, mas sim em português, muitas vezes publicado nos periódicos sem qualquer referência a ser um texto traduzido. Isso fazia que aqueles textos passassem a integrar a literatura portuguesa aos olhos do leitor desavisado, carregando consigo os vícios de linguagem e por vezes estrangeirismos que lhes eram característicos. Uma vez que o português literário encontrava-se em formação em tais localidades, é razoável supor que fosse permeável a tais influências, como ocorria no Brasil, onde a tolerância com os galicismos era bem maior do que em

Portugal. Eis, pois, um material que mereceria um estudo mais detido por parte da historiografia literária daquelas localidades.

Para resumir o quadro internacional paradigmático que se delineou no horizonte do conjunto das colônias portuguesas, podemos afirmar que tomaram, pela ordem de importância, em primeiro lugar a literatura e a cultura de origem portuguesa, em segundo a de origem francesa, em terceiro, inglesa, e em quarto, brasileira. É claro que essa ordem variou de região para região e de década para década, mas, tomadas em conjunto no decorrer do século XIX, podemos afirmar que foi tal hierarquia que predominou.

Detendo-nos exclusivamente na dinâmica do universo literário de língua portuguesa no século XIX, como poderíamos descrever esse mapa? Benjamin Abdala Junior, ao iniciar seu estudo *Literatura, história e política*, procura definir o modo como se relacionam as literaturas nacionais de língua portuguesa:

> Qualquer texto literário em português parte de uma linguagem modelada desde a Idade Média européia, num processo contínuo de aproximações e diferenciações que motivou o contexto comunicativo que se estabeleceu a partir dos tempos coloniais.
>
> É dentro dessa dinâmica da comunicação em português, que envolveu historicamente constantes semelhantes de série ideológica, que podemos apontar para a existência de um macrossistema marcado como um campo comum de contatos entre os sistemas literários nacionais. Quando aproximamos os sistemas nacionais é por abstração que chegamos a esse macrossistema que se alimenta não apenas do passado comum, mas também do diverso de cada atualização concreta das literaturas de língua portuguesa. E, num movimento inverso, à diferenciação mais específica de cada nacionalidade nas atualizações desse macrossistema mais abstrato, correspondem fatores históricos de convergência (da tradição e também de modelos culturais de ruptura). (Abdala, 1989: 16).

Quando tomamos as literaturas nacionais de língua portuguesa a partir da década de 1930, que servem de base para a reflexão de Benjamin Abdala Junior, torna-se evidente a necessidade de inferir um macrossistema dos sistemas literários nacionais, em razão das já imbricadas relações que apresentam. Porém, no século XIX ainda não é possível empregar tal categoria, se entendermos a formação desse macrossistema de acordo com os princípios segundo os quais Antonio Candido entendera o sistema formador da literatura brasileira, isto é, a "existência do triângulo 'autor-obra-público', em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição". O que temos ali, pois, é o estabelecimento do suporte material (a rede de imprensas em língua portuguesa) e diversas "manifestações literárias" nativistas ou mesmo nacionais que interagiam de modo bastante complexo, mas ainda pouco sistemático.

As relações literárias se dão de maneira intensa entre Portugal e Brasil e entre Portugal e as colônias. O Brasil necessitava demonstrar a Portugal que possuía uma literatura própria, o que, ao invés de enfraquecer, tornava mais forte a referência portuguesa. Também as colônias portuguesas começavam a instituir um meio literário próprio, algumas mais rapidamente do que outras, tomando sempre Portugal como referência maior. O Brasil e as colônias, como vimos, mantinham um diálogo esparso, diluído, fragmentado. Assim, durante o século XIX Portugal foi o

único centro referencial da literatura de língua portuguesa produzida no globo. O Brasil só ganharia um lugar de destaque em tal cenário no século XX, quando o eixo Portugal-Brasil passaria a ter maior importância que Portugal isoladamente aos olhos das outras regiões lusófonas.

Mas, se no século XIX ainda não podemos falar num macrossistema de língua portuguesa envolvendo o Brasil, Portugal e suas colônias, certamente podemos falar num macrossistema envolvendo o Brasil e Portugal, que durante todo o século XIX dialogaram intensamente em vários níveis da prática literária. Basta lembrarmos as afirmações de Álvares de Azevedo em defesa da manutenção do vínculo estreito entre a incipiente literatura brasileira com a tradição literária portuguesa para termos consciência do quanto essas macro-relações eram tomadas como reais e mesmo desejadas. E, ainda quando rejeitadas e negadas pelos escritores brasileiros, a literatura portuguesa apresentava-se como antimodelo, mantendo-se portanto o diálogo.

A incipiente produção literária das colônias portuguesas foi colocada à margem desse macrossistema, quer por Portugal, quer pelo Brasil. E esse é o fato mais importante em toda a nossa reflexão, já que coloca em jogo a legitimidade e a qualidade daquela literatura, que não tinha lugar na metrópole, não tinha lugar no Brasil e, como pudemos constatar, na maior parte das vezes dialogava de modo bastante esparso com as comunidades coloniais autóctones. Qual era, pois, o lugar e o valor da literatura romântica produzida nas colônias portuguesas?

O valor da literatura romântica das colônias

Vimos que, se tomamos os critérios estéticos românticos e a periodização literária européia, constatamos que a literatura produzida nas colônias era pouco original, com tardia adoção das diversas vertentes literárias em voga (perdendo assim em atualidade), quase nada polêmica e transformadora no âmbito estético, moral e ético da sociedade local - enfim, cumpria muito mal (com algumas exceções) o papel que a considerada boa literatura romântica cumpriu na Europa, em Portugal e no Brasil.

Todavia, já distantes do fenômeno que foi o movimento romântico, como reavaliar e requalificar hoje uma literatura de língua portuguesa que não despertou interesse em sua época por parte dos portugueses ou dos brasileiros? Em *As modernas ideias da literatura portugueza* (1892), Teófilo Braga faz um detalhado estudo sobre o ultra-romantismo português e sua longa sobrevivência, observando já de início que:

> Comte considera o genio philosophico e o genio poetico de uma natureza intellectual completamente identica, ambos destinados a exercer uma missão synthetica social. N'esse intuito, todas as mediocridades são fatalmente nocivas, e é por isso que a critica tem de ser implacavel. (1892: VII)

Sem pretender ver em tal afirmação a verdadeira definição de crítica literária, mas reconhecendo encontrar-se aí um de seus principais papéis (o de cumprir uma função social objetiva), acreditamos, ao contrário do que afirma o crítico na seqüência de seu texto, que a longa sobrevivência do ultra-romantismo com suas "mediocridades" tiveram uma função histórica e social bastante importante, ao menos se considerarmos a produção literária das colônias.

Como vimos, todo o quadro da literatura romântica das colônias pode ser explicado pelas limitações a que estavam submetidos aqueles meio literários, com um público restrito a alguns poucos portugueses e naturais cultos e outro tanto de portugueses e naturais semi-alfabetizados. Além disso, a forte adesão política que em geral as colônias manifestavam em relação à metrópole fazia com que pouco se valorizasse a realidade local e, pelo contrário, se buscasse a emulação mais fiel dos meios literários portugueses - no que foram em geral bem-sucedidos.

Podemos, entretanto, identificar um lugar de certa forma original, de caráter ritual e pragmático, que foi ocupado pela literatura nas colônias, cujo valor deve ser reavalidado em tais contextos, já que era um lugar significativo aos olhos das comunidades locais e o único possível em função do modo como a literatura foi inserida em tais comunidades.

Mário Antônio, ao comentar as *Espontaneidades da minha alma*, de Maia Ferreira, observa que ali já aparecem as "funções sociais mais fúteis exercidas pela poesia, desde comemorações de encontros oficiais a festejos de aniversários, ao preenchimento de lazeres de salão" (Oliveira,1997: 27). Isso que para Mário Antônio tem um valor negativo, para nós se apresenta simplesmente como o lugar de fato da poesia nas colônias portuguesas durante o século XIX.

Evidentemente que este não era um lugar comparável àquele que a literatura e o literato ocupavam na metrópole, associados às idéias de Arte e de Gênio com letras maiúsculas. Mas era certamente um lugar de prestígio na comunidade colonial, que guardava algo da aura da Arte e do Gênio europeus.

Não vale a pena nos estendermos em exemplos, pois não seriam muito distintos daqueles poemas e textos laudatórios, com dedicatórias e elogios, que podemos ler em qualquer coletânea literária do romantismo europeu. A diferença se dá no grau em que tais manifestações ocorriam e na importância que ganhavam aos olhos da comunidade local.

Grande parte da produção literária das colônias encontrava-se contextualizada, isto é, não era fruto de uma prática artística, sistemática, voltada para o culto da Literatura, mas sim motivado por uma comemoração qualquer, um fato excepcional, uma data significativa, ou mesmo por uma desavença, uma disputa política, um desentendimento entre letrados. O cultivo da matéria literária desinteressada, como propunha Campos de Oliveira na *Revista Africana* ou Júlio Gonaçaves em *A Illustração Goana* não era algo recorrente.

Todavia, a condição de homem letrado era mais prestigiada e cobiçada nas colônias do que na metrópole, sendo que muito do que se escrevia era somente para ter direito a ela. Lembremos que, mesmo na Europa, o homem oitocentista de boa sociedade deveria ser, por definição, um

homem de letras. Alçar a essa condição de homem civilizado e ilustrado era algo avidamente cobiçado por aqueles que habitavam as colônias, sendo certamente este lugar social de prestígio o único motivo que levou muitos homens a se dedicarem às lides literárias.

Assim, mais do que ser original, polêmico ou verdadeiro, o importante era ser capaz de produzir textos que tivessem um destino social bastante claro, e não trabalhos que não tivessem função social imediata. Importava que o texto fosse dedicado a alguma personalidade social, ou composto em homenagem a este ou aquele político, ou em memória deste ou daquele herói, dedicados a este ou aquele acontecimento, enfim, o elogio e a homenagem eram funções constantemente exercidas pela literatura romântica das colônias.

E lembremos que, se isso era abundante nas colônias, também tinha vasta aplicação na própria Europa. Era uma das características do romantismo, que procurava associar vida e literatura em diversos níveis. Se percorrermos os periódicos literários portugueses, franceses, ingleses ou alemães, veremos como todos encontram-se repletos desse gênero de trabalhos. O que particulariza a produção das colônias é que, enquanto na Europa essa era uma função secundária da literatura, ali era a sua função primeira.

Outro aspecto funcional da literatura das colônias era o de propaganda política. A duração efêmera dos periódicos deveu-se em parte à sua origem na necessidade estratégica de transformar em letra impressa o discurso político, ou mesmo o discurso cultural e estético, isto é, visava-se antes ao prestígio e à força que a palavra impressa podia doar naquele exato momento da publicação às idéias e interesses dos redatores do que a um projeto de estabelecimento de uma publicação periódica com produção literária.

Também o aspecto didático, moralizador e cristão de muitos trabalhos literários coloniais aponta para o caráter funcional da literatura das colônias, que recuperava em parte o aspecto missionário que tiveram já a literatura e as artes no primeiro momento da colonização.

Lembremos que, antes do estabelecimento das imprensas nas colônias no século XIX, as comunidades locais, constituídas de europeus, mestiços e autóctones, encontravam-se quase integralmente isoladas da metrópole no que concerne à escrita literária. Após um primeiro momento de forte atividade missionária no século XVI e em parte do século XVII, as comunidades coloniais foram culturalmente abandonadas pela metrópole portuguesa. Aos que ali se encontravam estabelecidos, restara uma única atividade e função: enriquecer. Como vimos, nos séculos XVII e XVIII os investimentos educacionais foram ou nulos, ou precários e pouco sistemáticos, sem jamais recuperar o desempenho das missões quinhentistas, que buscaram a conversão de almas utilizando-se da literatura e das artes como meio de dogmatização.

Após a instalação das imprensas coloniais, iniciou-se, pois, um novo momento de valorização da escrita, da literatura e das artes, que se viu diante da tarefa de reinstaurar o valor de tais atividades nas colônias. Sem a grandeza que lhes era atribuída na Europa, as artes em geral e a literatura em particular ganharam inicialmente uma dimensão utilitária, laudatória,

moralizadora e política, fazendo que tivessem algum sentido e lugar aos olhos da comunidade colonial, há muito apartada de tais hábitos.

A emulação aos grandes mestres portugueses e estrangeiros era, acima de tudo, uma afirmação de conhecimento, de repertório, de saber. Nesse contexto colonial, importava menos ser um poeta original do que ser um poeta que soubesse assemelhar-se a um poeta já consagrado. É necessário ter em vista que à produção literária das colônias não era delegado o poder de avaliar e levar aos píncaros da glória senão aquele que fizesse exatamente o que se reconhecia como boa literatura, isto é, a literatura convencional romântica. Experimentar, tentar, arriscar eram atitudes pouco presentes na atividade literária das colônias; como, de resto, em grande parte da literatura romântica produzida na Europa e no mundo.

Mas, em meio a esse caráter fortemente pragmático, a literatura ali produzida reservava para si uma função maior que lhe era atribuída pela própria concepção romântica de poeta: seu aspecto missionário. Sobrevivia, assim, a "missão do vate", de que fala Antonio Candido (1964, v.2: 26-28). Esta encontrava eco na necessidade de civilizar aqueles povos "selvagens". Mesmo não havendo, na grande maioria das vezes, identificação do poeta com as populações locais, a missão civilizatória concretizava-se por meio de uma tarefa genérica de difusão da cultura européia naquelas paragens, mantendo-se, assim, a já conhecida distância entre a arte e a realidade local das colônias, ao mesmo tempo que o poeta cumpria idealmente seu papel missionário junto a seu público virtual.

Era a propagação da civilização *lato sensu* a mais nítida peculiaridade que se encontrava na base das manifestações literárias coloniais. O poeta era um propagador da literatura e, portanto, um propagador da civilização, já que, segundo os românticos, era através da literatura que se media o grau de civilização de um povo. Reproduziam, pois, o elogio ao homem civilizado e ilustrado, fundamentado mais na idéia de fraternidade (com base cristã), do que de liberdade e igualdade. Propagandeavam o valor da escrita, das novas tecnologias, da idealização da integração mundial dos povos em torno do bem comum.

Tomada em seu conjunto, a mais evidente característica da literatura romântica de língua portuguesa oriunda das colônias é a de ser uma produção convencional e conservadora, estética e politicamente falando, se tomada da perspectiva do que então se produzia na Europa naquele momento. Cumpria uma função social também bastante convencional em comemorações, homenagens, elogios etc. Não chegava a construir ou mesmo trabalhar uma identidade própria nos moldes em que o faziam os portugueses e outros europeus, ainda que já esboçasse, em pontuadas manifestações nativistas, algumas representações literárias daqueles diversos espaços coloniais. Procurava, tanto no seu aspecto utilitário, como em seu incipiente aspecto nativista, um lugar em que pudesse fazer sentido.

Poderíamos chamar a isso de uma literatura de subsistência, como se a função maior daquelas publicações fosse a de fazer existir a literatura e, portanto, a "civilização" naquelas

localidades - marcar não só econômica, mas também culturalmente a presença européia em meio ao espaço que lhe era delegado pela comunidade local. A literatura ali produzida necessitava afirmar-se como parte integrante da sociedade e elemento de valor que interagia política e culturalmente com a realidade local, pois "não há condição colonial sem um enlace de trabalhos, de cultos, de ideologias e de culturas" (Bosi, 1992: 377).

Mas tudo isso diz respeito ao valor extrínseco dessa literatura, que cumpria um papel social bastante "positivo", para espanto de um Teófilo Braga. Quanto ao seu valor intrínseco, isto é, quanto ao valor (segundos os critérios da estética romântica) dos textos ali produzidos e publicados, alguns comentários pudemos fazer e alguma observação crítica fomos sugerindo no decorrer do percurso aqui traçado. Se não nos pudemos deter no aspecto formal dos textos como pretendíamos, ou como deveríamos, ao menos acreditamos ter deixado claro que muitos dos textos por nós destacados têm qualidade literária que vale a pena ser investigada mais detidamente, cabendo agora a estudos futuros avaliações mais detalhadas. Neste sentido, procuramos fornecer um guia, um roteiro, um panorama do que foi produzido de literatura romântica nas colônias portuguesas, assinalando sempre que possível as obras que deveriam ser revistas pela crítica especializada. A coletânea que segue em conjunto com este trabalho procura facilitar o acesso a alguns desses textos.

Retomando aqui a introdução do periódico português *O Panorama*, lembremos que o redator procurava elucidar o sentido primeiro de "panorama", observando que:

> O vocábulo panorama, segundo a sua etymologia grega, soa o mesmo que *vista do todo*. Tomou-se este termo para designar uma engenhosa invenção dos fins do seculo passado, que veio dar novo realce á arte da pintura. Consiste este invento em apresentar vistas de um vasto terreno, por tal arte dispostas, que o espectador creia ver a realidade.
>
> A luz do sol, conduzida e moderada por certos meios que para isso se empregam, e por tal modo que seja igualmente repartida por todos os pontos do quadro, faz com que pareça ter-se diante a realidade. A fórmula circular que se dá á pintura, fechada n'um recinto, e a maneira porque ella está assentada augmenta o persuasão do espectador.[28]

E a explicação segue em detalhes, não deixando o redator, no entanto, de observar mais adiante que: "A semelhança destas vistas é tão completa, que n'um Panorama de Jerusalem apresentado em Paris em 1819 Mr. de Chateaubriand viu e conheceu a casa em que habitára durante sua residencia naquella cidade". Evidenciando o sentido metafórico em que o termo passou a ser empregado, para caracterizar "sitios picturescos que abrangem uma grande extensão de território", conclui: "Foi tambem no sentido figurado que tal nome se deu a este jornal; porque nelle se apresenta aos olhos dos nossos leitores o que mais curioso há no mundo, physico e intellectual".

Se para o anônimo redator o sentido figurado do termo remonta ao pinturesco e ao pitoresco, que instiga a curiosidade, para nós é, sem dúvida, o lado artificioso desse mesmo

---

[28]. "Panoramas". *O Panorama*, 1838, v.2, n.36, p.5.

panorama que contém seu sentido maior. A simulação de um vasto horizonte circunscrito em alguns poucos metros é, sim, a metáfora mais perfeita do romantismo nas colônias portuguesas, já que os meios literários coloniais sempre tiveram um amplo horizonte virtual de referências, mas se mantiveram circunscritos a pequenos e acanhados espaços literários. Dali, feito Chateaubriand, por vezes só lhes restava identificar a casa onde um dia moraram, a Europa.

Seriam, entretanto, esses diversos cenários artificialmente construídos que iriam alimentar a imaginação e a vontade de muitos homens e mulheres naquelas localidades.

Num futuro próximo, estes homens e mulheres criariam condições para o surgimento de vigorosas literaturas, que ampliaram em muito, já dentro de um espírito nacionalista e em melhores condições materiais, o panorama das literaturas de língua portuguesa.

CONCLUSÃO

O todo maior que a soma das partes

O livro impresso foi e continua a ser o mais importante suporte para o historiador da literatura, sendo que a pesquisa com manuscritos, folhetos avulsos ou com periódicos contribui em geral como fonte complementar para elucidar diversos fenômenos literários que os livros por si sós não podem explicar. Assim, sempre que o livro impresso não se fez presente, procuraram-se fontes literárias alternativas que esclarecessem a dinâmica literária que se supunha existente.

Este foi o caso deste trabalho, já que o livro impresso teve uma presença muito tímida nas colônias portuguesas no decorrer do século XIX. A vida literária das colônias ganhou corpo nas publicações periódicas. Temos em tais localidades uma sobreposição entre a história da imprensa periódica e a história de sua literatura oitocentista. Se é verdade que tal sobreposição também pode ser identificada, de modo um tanto impreciso, no Brasil, em Portugal ou mesmo na França e na Inglaterra, nas colônias portuguesas ela ocorria de modo quase perfeito. Como pudemos constatar neste trabalho, a grande maioria dos escritores e poetas das colônias eram concomitantemente editores ou redatores oficiais de publicações periódicas.

O percurso "natural" de um escritor europeu era o de publicar algumas peças de sua lavra em periódicos e, em breve, publicá-las em forma de livro. Mas nas colônias isso acontecia muito raramente. Ali o caminho do escritor era publicar algo como colaborador em um periódico e, em seguida, torna-se redator oficial desse mesmo periódico ou de um outro qualquer, ou ainda fundar seu próprio periódico. O escritor oitocentista das colônias era um homem de imprensa, uma vez que este era o único lugar de que dispunha para exercer sua atividade literária.

Isso fez que o atual trabalho se integrasse em meio àqueles que tratam da história do jornalismo nas colônias portuguesas. Todavia, nem sempre tivemos acesso às fontes mais ricas do periodismo colonial e, em vista disso, procuramos integrar ao nosso texto observações dos principais estudiosos desse periodismo. Conseguimos, entretanto, reunir uma significativa amostragem do conjunto da produção periódica oitocentista das colônias portuguesas, na qual se pode observar, com alguma organicidade, a dinâmica da produção literária naquelas localidades.

Na busca de rastrear as relações literárias entre tais colônias e a metrópole portuguesa, utilizamo-nos primeiramente do paradigmático *O Panorama*, que serviu para identificarmos o perfil das primeiras manifestações literárias oitocentistas nas colônias e constatarmos o quanto o jornalismo ali reproduziu literalmente o modelo da metrópole. Todavia, com o decorrer do século, o modelo de *O Panorama* acabou sendo colocado à margem, ainda que seu caráter enciclopédico e literário tenha-se mantido como reverberação até o fim do século em todas as regiões coloniais.

Ao investigarmos o ensino do português em cada colônia, constatamos a precariedade de tal atividade, o que fazia que os escritores e o seu público tivessem origem numa pequena elite. Todavia, pudemos identificar em cada uma das localidades aqui contempladas um público virtual não raro bastante extenso, alcançando a metrópole, o Brasil e as demais colônias. Foi a existência deste público virtual que nos permitiu certificarmo-nos da extensa, ainda que inconstante,

integração entre as colônias portuguesas. Identificamos, assim, uma rede de relações literárias que tinha por centro Portugal e por subcentros Goa, no eixo oriental, e Angola e Cabo Verde, no eixo ocidental, apresentando ainda recorrentemente em seu horizonte literário a França, a Inglaterra e o Brasil.

Tal mapeamento nos demonstrou como o eixo oriental, constituído por Goa, Macau e Moçambique, apresentava uma maior autonomia (no que concerne à produção literária) em relação à metrópole portuguesa do que o eixo ocidental. Revelou-se-nos uma peculiar dinâmica literária, que permite colocar Goa no centro da produção letrada do Oriente português. Este centro local não impediu, entretanto, que Macau, em constante interação jornalística com Goa, conservasse autonomia suficiente em matéria literária para manter o neoclassicismo na poesia por quase todo o século XIX. Já Moçambique, em consonância maior com Goa, aderia mais fortemente à estética ultra-romântica

Também nos permitiu constatar como o eixo oriental voltava-se todo para a própria metrópole portuguesa, apresentando, não obstante, dois subcentros, Angola (com São Tomé e Príncipe em sua órbita) e Cabo Verde (em conjunto com a Guiné-Bissau). Nesse eixo, a presença da literatura metropolitana se fazia com maior força e, portanto, podemos sentir ali já alguma presença da geração de 70, ainda que somente no campo da crítica literária e social, e não no da literatura propriamente dita.

Tomada em seu conjunto, pudemos constatar uma significativa homogeneidade da produção literária das colônias em torno do ultra-romantismo praticado pelo grupo da segunda geração romântica portuguesa. A explicação para tal fenômeno advém do próprio lugar atribuído à atividade literária naquelas localidades. O ultra-romantismo português, ao ganhar estatuto de literatura convencional, angariou a preferência dos escritores das colônias, pois estes necessitavam de uma literatura de cunho oficial para integrar o que poderíamos chamar de ritos sociais europeus, isto é, as comemorações pátrias, as homenagens, os elogios, as festas beneficentes e também as detrações, os deboches e outras formas de sátira. A originalidade, tão propalada na metrópole e mesmo retoricamente nas colônias, não tinha aqui grande interesse, já que raramente serviria para delegar solenidade aos eventos sociais ou atacar devidamente a um adversário.

Todavia, alguns poetas e prosadores foram bastante competentes e mesmo originais a despeito do convencionalismo romântico que adotaram. A originalidade teve lugar, por exemplo, em alguns textos nativistas, que podiam explorar um campo ainda pouco codificado. Tais textos aparecem em número pequeno, mas ainda assim significativo. Ao transportarem o cenário local para o âmbito da palavra escrita, os literatos das colônias davam início a uma figuração simbólica daqueles espaços, fazendo que o homem que ali vivia pudesse ver seu lugar de convívio envolto pela aura da literatura. Era uma dos únicas brechas de que dispunham tais escritores para o exercício da originalidade, sendo, todavia, uma trilha pouca freqüentada em vista da baixa

receptividade que tais textos apresentavam junto às comunidades locais, habituadas a ter como cenário literário a Europa, e também ao pouco prestígio que tais obras em geral podiam delegar a seus autores, de quem se esperava o domínio do universo europeu e não do colonial. Neste sentido, o texto nativista estabelecia por vezes um diálogo mais intenso com o virtual leitor europeu (que reclamava sua composição) do que com o real leitor das colônias (que em geral buscava na literatura a presença européia). Era, de qualquer modo, uma seara ainda pouco explorada e que necessitava de alguma originalidade para ser elaborada.

O romantismo convencional da segunda geração portuguesa, ao mesmo tempo que unificou esteticamente as colônias, teve em seu horizonte a finalidade de "civilizar" os povos autóctones, de estabelecer padrões de comportamento que iam além daqueles pregados pelos missionários cristãos desde o período dos descobrimentos, envolvendo o gosto estético e o consumo, em parte diletante, em parte pragmático, de informação enciclopédica.

Em sentido restrito, acreditamos que o atual trabalho traça a dinâmica entre as colônias e a metrópole, demonstrando como, nas colônias, a publicação de literatura na imprensa periódica toma inicialmente por modelo *O Panorama*, mas adota as diretrizes estéticas do grupo de *O Trovador*, mantendo-se fiel a tais diretrizes mesmo após a geração de 70. Além disso, aponta especificidades de certas regiões e coloca à disposição alguns textos que interessam à história literária das colônias portuguesas.

Em sentido amplo, procuramos reescalonar a relação entre as partes e o todo, isto é, entre a literatura produzida em cada uma das colônias isoladamente e a literatura produzida no conjunto de todas elas.

Se tratados isoladamente, cada um destes meios literários coloniais tem seus escritores, seus periódicos, suas peculiaridades. As obras e os autores que os constituem integram, de um modo ou de outro, a historiografia literária de cada uma das ex-colônias portuguesas. Como observa Manuel Ferrreira (reproduzido na introdução deste trabalho), podemos, ou mesmo devemos, tomar esse período da história de tais localidades como um momento importante da construção da identidade de cada uma delas. Obviamente a literatura tem ali seu papel, ainda hoje pouco identificado, debatido ou delimitado pela crítica. O próprio *corpus* literário desse período ainda se encontra pouco conhecido e divulgado, o que obviamente impossibilita um trabalho crítico mais apurado.

Acreditamos que o atual trabalho, como foi dito no texto introdutório, vem trazer subsídios bibliográficos para a investigação mais detida da historiografia literária de cada região em particular, mas, como deixamos claro desde a introdução, nosso enfoque analítico privilegiou a totalidade dessas regiões, pois partimos da hipótese de que, se tratadas conjuntamente, ganham maior vulto e revelam uma importância no cenário oitocentista de língua portuguesa que não apresentam isoladamente. Isso se comprova quando constatamos que a produção literária nas colônias, apesar de se encontrar integrada à metrópole portuguesa, apresentava uma dinâmica

própria que em muito independia do que se passava em Portugal. Grande parte dos diálogos literários são realizados no interior da própria colônia ou entre escritores de uma e outra colônia, estabelecendo paradigmas locais e intercoloniais.

O ultra-romantismo, como vimos, teve uma função e um lugar precisos nas colônias. A literatura ultra-romântica ganha força em muitas das colônias somente no final do século XIX, quando o romantismo crítico da geração de 70 e o realismo grassavam na metrópole.

Enquanto em Portugal se buscava uma literatura crítica, nas colônias essa mesma crítica podia aparecer nos textos políticos, mas muito raramente nos literários. Macau, uma exceção em termos estéticos pela manutenção do neoclassicismo, vem comprovar o lugar peculiar que a literatura ocupava nas colônias, já que o neoclassicismo macaense cumpria a mesma função que o ultra-romantismo nas outras colônias. Em Macau muito se discutia politicamente; todavia, a literatura, circunscrita ao espaço das convenções sociais, podia chegar ao extremo de manter os padrões neoclássicos. Era um universo à parte, que tinha por função deleitar almas, divertir, ritualizar situações, elogiar ou ridicularizar personalidades. Pouquíssimas vezes a literatura tomou ali uma postura analítica ou crítica da realidade colonial, ainda que, por definição, isso esteja em algum nível sempre presente nas obras literárias. Era exatamente o mesmo lugar que a literatura ocupava nas outras colônias portuguesas, tendo por código o romantismo convencional.

Não existindo ali uma literatura crítica, pudemos encontrar, entretanto, autores que dominavam o fazer literário e que podiam produzir um bom texto nos moldes românticos. É no conjunto desses textos, esparsos em diversos autores e em diversas publicações, que a literatura nas colônias portuguesas ganha valor e complexidade. Ao agruparmos autores como Júlio Gonçalves, Campos Oliveira, Marques Pereira, Cordeiro da Mata, Eugênio Tavares, como fizemos aqui, temos um rol de trabalhos românticos de grande interesse estético e temático, que ganha força, em seu conjunto, para dialogar com os escritores metropolitanos e brasileiros do mesmo gênero. Agrupá-los, como vimos, não é um ato arbitrário, mas uma aproximação que se constrói em função das condições de produção semelhantes e da presença de significativos paradigmas comuns.

Foi na busca de definir este conjunto privilegiado de escritores que nos lançamos neste trabalho, procurando demonstrar como a homogeneidade de tais obras aponta para o verdadeiro lugar que a literatura oitocentista tinha nas colônias, isto é, um lugar funcionalista e convencional, que redundava no exercício formalista em detrimento da crítica social, ainda que só possamos separar tais elementos no plano da intenção. Tal atitude, todavia, não acontecia sem uma proposta clara e recorrente, reafirmada em cada uma das publicações aqui arroladas: a de estabelecer o gosto pela literatura e pela ilustração nas colônias.

O conjunto desses escritores torna-se, pois, maior que a simples sobreposição de suas obras, já que aponta para um lugar e uma proposta comuns em torno da prática literária. Foi com o intuito de instituir nas colônias a literatura em sua expressão mais alta e mais digna (no que

concerne ao seu lugar social) que vemos todos eles trabalhando. E foram tais esforços que possibilitaram a formação de um gosto literário convencional naquelas comunidades. Temos nesses autores o momento pioneiro de instituição da literatura como valor social nas colônias, pré-requisito para qualquer atividade mais sistemática em torno da constituição de literaturas locais ou nacionais.

Assim como um panorama setecentista era artisticamente maior que o espaço que fisicamente circunscrevia, os autores e as obras aqui arrolados, dispostos à luz da iniciativa comum de valorizar o fazer literário, recriaram nas colônias portuguesas um protótipo do romantismo europeu que soube, sobretudo, dar função e credibilidade social ao trabalho literário, revelando-se, portanto, bem maior que as tímidas iniciativas aparentemente isoladas por meio das quais se manifestou, fazendo que o seu todo tenha sido efetivamente maior que a soma de suas partes.

Bibliografia citada

ABDALA Júnior, Benjamin (1989). *Literatura, história e política*. São Paulo, Editora Ática.

ALMEIDA, Pedro Ramos de (1979). *História do colonialismo português em África*: cronologia século XIX. Lisboa, Editorial Estampa.

ALVES, José Augusto (1997). "*O Correio Macaense* ou o efêmero panfletário como cultura". *Centro de história da cultura*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa (separata).

ANDRADE, Mário Pinto de (1997). *Origens no nacionalismo africano*. Lisboa, Publucações Dom Quixote.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte Poética* (s.d.) (trad. de Antônio Pinto de Carvalho).Rio de Janeiro, Ediouro.

AZEVEDO, Ávila de (1958). "Política de ensino em África", *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Estudos de Ciência Políticas e Sociais n.13.

AZEVEDO, Ávila de (1963). "Relance sobre a educação em África", *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Estudos de Ciências Políticas e Sociais n. 69.

AZEVEDO, Rafael Ávila de (1984). *A influência da cultura portuguesa em Macau*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

BAPTISTA, Jacinto (1977). *Alexandre Herculano, jornalista*. Amadora, Livraria Bertrand.

BOSI, Alfredo (1992). Dialética da colonização. São Paulo, Companhia das Letras.

BARBOZA, Onédia C. de Carvalho (1975). *Byron no Brasil - traduções*. São Paulo, Ática.

BRAGA, Teófilo (1892). *As modernas ideias da literatura portugueza*. Porto, Livraria internacional de Ernesto Chardron, Casa Editora Lugan e Genelioux, 2 v.

BRAGA, Teófilo (1984). *História do romantismo em Portugal*. Edição fac-símile à de 1880. Lisboa, Ulmeiro (coleção Universidade n. 6).

BRUNO, Sampaio (1984). *A geração nova*. Porto, Lello e Irmão Editores (Biblioteca Iniciação Literária 55).

BUESCU, Helena Carvalhão (1997) (coord.). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa, Caminho.

CANDIDO, Antonio (1964). 2.ed. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Editora Martins, 2 v.

CARREIRA, Ernestina (1993). "Moçambique, Goa e Macau durante as guerras napoleônicas, 1801-1810", *As relações entre a Índia portuguesa, a Ásia do sueste e o Extremo Oriente*. (dir. de Artur Teodoro de Matos, e Luís Filipe F. Reis Thomaz), Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-portuguesa. Macau-Lisboa.

CARVALHO, Alberto Duarte (1988). *A ficação de Baltasar Lopes: contributo para a originalidade da literatura caboverdiana.* Universidade de Lisboa (tese de doutorado em Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa).

CARVALHO, Joaquim Barradas de, et alii (1974). "A explicação de Portugal de Alexandre Herculano". *Estética do romantismo em Portugal.* Lisboa, Grêmio Literário, pp.1-30.

CARVALHO, Rómulo de (1986). *História do ensino em Portugal.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CHAVES, Rita (1993). *Entre intenção e gestos - a formação do romance angolano.* Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH.

COELHO, Jacinto do Prado (1865). Sel., intr. e notas de... *Poetas do romantismo.* Lisboa, Livraria Clássica Editora, 2. v., v. 1.

COSTA, Aleixo Manuel da (1997). *Dicionário de literatura goesa.* Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente, 3 v.

COSTA, Antonio Anastacio Bruto da (1896). *Goa sob a dominação portugueza.* Margão, Typographia de"O Ultramar".

DEVI, Vimala, & SEABRA, Manuel de (1971). *A literatura indo-portuguesa.* Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 2 v.

DIAS, Raul Neves, e EÇA, Filipe Gastão de Almeida de (1956). *A imprensa periódica em Moçambique. 1854-1954. Subsídios para a sua história por...* Lourenço Marques, Imprensa Nacional de Moçambique (Complemento de "Quatro Centenários em Moçambique").

DICIONÁRIO Lello Universal (1986). Porto, Lello e Irmão, v. 2.

EÇA, Filipe Gastão de Moura Coutinho de Almeida de. "Qual foi o primeiro livro impresso em Moçambique?". *Boletim Geral do Ultramar* (cota do título na Bibl. Nac. de Lisboa: J. 5000 B.)

ERVEDOSA, Carlos (1979). 2.ed. rev. e at. Roteiro da literatura angolana. Lisboa, Edições 70

FERNANDES, J. Gabriel B. (1883). *Apontamentos para a historia de Macau.* Lisboa, Typographia Universal.

FERNANDES, Leão Crisóstemo (1935, 1936). "O livro e o jornal em Goa". *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, Pangim, 1935, n.25, pp.41-54; n. 27, pp. 82-96: 1936, n.30, pp. 65-77.

FERREIRA, Alberto (1966-1970). *Bom senso e bom gosto - questão coimbrã.* Lisboa, Portugália, 4v.

FERREIRA, Alberto (1979). 2 ed. *Perspectiva do romantismo português, 1834-1865.* Lisboa, Moraes Editores, pp. 31-36.

FERREIRA, Manuel (1985). *A aventura crioula.* 3.ed. Lisboa, Plátano Editora.

FERREIRA, Manuel (1985). *O mancebo e o trovador Campos Oliveira.* Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

FERREIRA, Manuel (1986). (org., coord. e dir.) 2.ed. *Claridade - revista de arte e letras.* Lousã, ALAC - África, Literatura, Arte e Cultura Lda.

FERREIRA, Manuel (1987). *Literaturas africanas de expressão portuguesa.* São Paulo, Ática.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1944). *História Literária de Portugal, séculos XII-XX.* Coimbra, Editora Nobel.

FRANÇA, José Augusto (1993). *O romantismo em Portugal - estudos de factos socioculturais.* Lisboa, Livros Horizonte.

GAMBOA, Fernando dos Santos Mendonça (1996). "A educação humanista e os intelectuais angolanos no último quartel do século XIX: o exemplo de José de Fontes Pereira". *Para uma história da educação colonial.* Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Porto e Lisboa.

GOMES, Andónio, CAVACAS, Fernanda (1997). *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa.* Lisboa, Caminho.

GONÇALVES (1997), Adelto Rodrigues. *Gonzaga, um poeta do iluminismo (vida e época).* Tese de Doutoramento da FFLCH da Universidade de São Paulo, 2 v.

GRACIAS, José António Ismael (1880). *A imprensa em Goa nos séculos XVI, XVII e XVIII.* Nova Goa, Imprensa Nacional.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s.d.). Editorial Enciclopédia Ltda., Lisboa, Rio de Janeiro.

IANNONE, Carlos Alberto (1973). "A vida de Pinheiros Chagas". Introdução a: Pinheiro Chagas, *Tristezas à beira-mar*, Rio de Janeiro, Editora Três.

JANEIRA, Armando Martins (1993) (sel. e intr.) *Wenceslau de Morias - antologia.* 2.ed. Lisboa, Vega.

KLOGUEN, Diniz L. Cottineau de (1858). *Bosquejo historico de Goa, escripto em inglez* (tradução de Miguel Vicente d'Abreu). Nova Goa, Imprensa Nacional.

LANÇA de MELLO, Maria Cristina Nogueira (1971). *"O Panorama", história de um jornal.* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (monografia).

LARANJEIRA, Pires (1995). *Literaturas africanas de expressão portuguesa.* Lisboa, Universidade Aberta.

LOPES de MENDONÇA, Antonio (1849). *Ensaios de crítica e litteratura.* Lisboa, Typographia da Revolução de Setembro.

LOPES, Antonio dos Mártires (1971). *Imprensa em Goa.* Monografia coordenada por...Lisboa, Edição do Comissariado do Governo para os Assuntos do Estado da Índia.

LOPES, Oscar e SARAIVA, Antonio José (1979). (11 ed. cor. e atual.) *História da literatura portuguesa*, Porto, Porto Editora.

MACHADO, Manuel Álvaro (1986). *Les romantismes au Portugal - modeles etrangers et orientations nationales.* Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

MEDEIROS, Eduardo (1997). "Etnias e etnicidade em Moçambique - o advento do mundo Sena das origens a 1918". *O desafio africano.* (org.) José Carlos Venâncio. Lisboa, Vega, p.59-82.

MELO, A. Borges. *História da imprensa de Angola.* Rio de Janeiro, Semana Ilustrada Editorial Ltda., 1993.

MENDES, M. Maia (1938). *Portugueses na Etiópia - honras e sacrifícios.* Lisboa, I Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo.

MIRANDA, Jacinto Caetano Barreto (1863). *Quadros históricos de Goa.* Margão, Typographia de "O Ultramar", Caderneta I.

MORAIS, Carlos Alexandre de (1993). *Cronologia geral da Índia portuguesa.* Macau, Instituto Cultural de Macau, Instituto Rainha D. Leonor.

MORNA, Maria de Fátima Rodrigues de Freitas (1987). "Alguns aspectos da poesia de *O Trovador*", Universidade de Lisboa, mimeo., 68 p. (estudo complementar apresentando para doutoramento).

MOSER, Gerald M. (1993). *Almanach de Lembranças 1854-1932.* Lisboa, Edições Arte.

NÓVOA, Antônio *et alii* (1996). *Para uma história da educação colonial.* Sociedade Portuguesa de Ciências da Educaçção, Porto e Lisboa.

NÓVOA, Antônio *et alii* (1996). *Para uma história da educação colonial.* Sociedade Portuguesa de Ciências da Educaçção, Porto e Lisboa.

NUNES, Maria de Fátima (1989). Intr. sel. e notas de... *"O Panorama". Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.* Lisboa, Alfa (Coleção Testemunhos Contemporâneos n. 35).

OLIVEIRA, Mário Antônio Fernandes de (1997). *A formação da literatura angolana* (1851-1950). Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

PACHECO, Carlos (1992). *José da Silva Maia Ferreira - novas achegas para a sua biografia.* União dos Escritores Angolanos, Luanda.

PACHECO, Carlos (1993). "Leituras e bibliotecas em Angola na primeira metade do século XIX: subsídios de uma primeira tentativa de abordagem". *Vértice*, jul-ago, n.55, p. 85-95.

PELISSIER, René (1994). *História de Moçambique - formação e oposição 1854-1918.* Lisboa, Editorial Estampa.

PEREIRA, A. X. da Silva (1897). *Os jornais portuguezes - sua filiação e metamorphoses.* Lisboa, Imprensa de Libania da Silva.

PRAZ, Mario (1977). (2.ed.) *La chair, la mort e le diable - le romantisme noir.* Paris, Editions Denoël.

QUEIRÓS, Eça de (1890). "A marinha e as colonias", *Uma campanha alegre.* Lisboa, Companhia Nacional Editora, v.1.

QUEIRÓS, Francisco Fortunato. *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras (Paris, 1818-1822).* Porto, Edição do Centro de História da Universidade do Porto, 1983.

RAFAEL, Gina Guedes, SANTOS, Manuela (coord. e org.) (1998). *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa, Biblioteca Nacional, v.1 (catálogo).

RIBEIRO, Antônio Manuel (1995). "O periodismo científico e literário romântico. *O Panorama* - 1837/1844". Separata da revista *Munda* - 29, Coimbra, maio, pp. 62-76.

ROCHA, Aurélio A. N. *Associativismo e nativismo em Moçambique. O Grêmio Africano de Lourenço Marques.* Dissertação de Mestrado em Economia e Sociologia Histórica na Universidade Nova de Lisboa, 1991.

ROCHA, Ilídio. *Catálogo dos periódicos e principais seriados editados em Moçambique. 1854-1954* (1985). Lisboa, Edições Setenta.

RODRIGUES, Antonio Medina (1997). "A experiência visionária" [artigo sobre o livro *O arco-íris branco* de Haroldo de Campos], *Folha de S. Paulo*, 17 ago., caderno 5, p.12.

RODRIGUES, Antônio Simões (org.) (1994). *História de Portugal em datas.* [Coimbra] Círculo de Leitores.

RODRIGUES, Ernesto José (1996). *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal.* Universidade de Lisboa (tese de doutorado em Cultura Portuguesa), 2 v.

SALDANHA, Padre M. J. Gabriel de (1990). *História de Goa (política e arqueológica).* 3 ed. Pref. de Ismael Gracias. New Delhi, Madras, Asian Educational Services, 1990 (edição fac-símile à de 1925, sendo a primeira de 1898).

SANTILLI, Maria Aparecida (1995). *Estórias africanas.* São Paulo, Ática.

SANTILLI, M. A. (1985) *Africanidade.* São Paulo, Ática.

SAÚTE, Nelson, SOPA, António (orgs.) (1992). *A ilha de Moçambique.* Lisboa, Edições 70.

SILVA NETO, Serafim da (1986). 4.ed. *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Presença.

SILVA, Baltasar Lopes da (1984). *O dialecto crioulo de Cabo Verde.* LisBoa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SILVA, Beatriz Basto da (1994). *A emigração dos cules. Dossier Macau 1851-1894.* Macau, Fundação Oriente.

SILVA, Francisco Inocêncio da (1859-1958). *Dicionário bibliográfico português.* Lisboa, Imprensa Nacional, 23 v.

SILVESTRE RIBEIRO, José (1871-1885). *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal.* Lisboa, Typographia da Academia Real de Sciencias, 18 t.

SODRÉ, Nelson Werneck (1966). *A história da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

TEIXEIRA, M. (1976). *Macau em 1857.* Macau, Imprensa Nacional de Macau.

TEIXEIRA, Manuel (1965). *A imprensa periódica portuguesa no Extremo-Oriente.* Macau, Notícias de Macau (Coleção Notícias de Macau, XXII).

TEIXEIRA, Manuel (1971). *O teatro D. Pedro V. Macau.* Clube de Macau - I Centenário, Imprensa Nacional de Macau.

TENGARRINHA, José (1989). 2.ed rev. e aum. *História da imprensa periódica portuguesa.* Lisboa, Caminho.

TORRES, Adelino (1989). "Legislação do trabalho nas colónias africanas no 3. quartel do século XIX: razões do fracasso da política liberal portuguesa". *I Reunião internacional de história da África - relação Europa-África no 3. quartel do século XIX.* Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical.

TRIGO, Salvato (1977). *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa.* Porto, Brasília Editora.

TUZINE, António (1996). "Uma vénia devida ao pobre trovador da Ilha: Campos de Oliveira". *140 anos de imprensa em Moçambique* (org. de Fátima Ribeiro e de António Sopa). Associação Moçambicana de Língua Portuguesa, Maputo.

WALTER, Henriette (1994). *A aventura das línguas do Ocidente:* a sua origem, a sua história, a sua geografia. Lisboa, Terramar.

WELLEK, René (1963). "The concept of Romanticism of the literary history". *Concepts of criticism.* New Haven-London.

Bibliografia geral

AMBRÓSIO, António. *Subsídios para a história de S. Tomé e Príncipe.* [Lisboa] Horizonte, 1984.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira.* 6.ed. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1978.

ANDRADE, Mário Pinto. *Na noite gravida dos punhais - antologia temática de poesia africana I.* Lisboa, Sá da Costa, 1975.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de história da literatura.* 5.ed. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1960, 2 v.

BILAC, Olavo, PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1949.

BIRCH, Cyril. *Chinese myths and fantasies.* Oxford, Oxford University Press, 1996.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo, Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.

CÉSAR, Amândio. *Novos parágrafos de literatura ultramarina.* [Lisboa] Sociedade de Expansão Cultural, 1971.

CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo.* São Paulo, Edusp, 1978.

CHANDON, Francis. *Enciclopédia do romantismo.* [Minho], Verbo, s.d.

CHEONG, Fok Kai. *Estudos sobre a instalação dos portugueses em Macau.* Lisboa, Gradiva e Museu Marítimo de Macau [1996].

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Estudos sobre os crioulos indo-portugueses.* Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

ELLIOT, T. S. *Ensaios de doutrina crítica.* Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I.* Lisboa, Plátano Editora, s.d.

FERRO, Marc. *História das colonizações.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

GIRAUD, Jeas. *L'école romantique française.* Paris, Libraire Armand Colin, 1931.

GUINSBURG, J. *O romantismo.* São Paulo, Editora Perspectiva, 1985.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho.* São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura e suas fontes.* 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, 2 v.

LOPES, Hélio. *A divisão das águas - contribuição ao estudo das revistas românticas.* São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MACHADO, Álvaro Manuel, PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura.* Lisboa, Edições 70, 1988.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa.* Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

MARTINS, Oliveira. *O Brasil e as colônias portuguesas.* Lisboa, Guimarães & Cia Editores, 1978.

MATTOSO, José (dir.). "O liberalismo". *História de Portugal.* Lisboa, Editorial Estampa, s.d., v. 5.

MEYER, Marlyse. *Folhetim - uma história.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada.* São Paulo, Edusp, 1997.

PÉLISSIER, René. *História da Guiné.* Lisboa, Estampa, 1989, 2 v.

PÉLISSIER, René. *História das campanhas de Angola.* Lisboa, Estampa, 1986, 2 v.

PESSANHA, Camilo. *China, estudos e traduções.* Lisboa, Vega, 1993.

PIRES, Daniel. *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940).* [Lisboa] Grifo,1996.

PIWNICK, Marie-Helene. *O Anónimo - journal portugais du XVIIIe siècle.* Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1979.

PORTUGAL, Brèsil, France - histoire e culture - actes du colloque. Paris, Calouste Gulbenkian, 1988.

SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.

SENA, Jorge de. *A literatura inglesa.* São Paulo, Editora Cultrix, 1963.

SOUSA, José Manuel Motta de, VELOSO, Lúcia Maria Mariano. *História da imprensa periódica portuguesa - subsídios para uma bibliografia.* Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1987.

TEIXEIRA, Manuel. *Macau no séc. XIX, visto por uma jovem americana.* Macau, Direção dos Serviços de Educação e Cultura, 1981.

TOMÁS, Maria Isabel. *Os crioulos portugueses do Oriente - uma bibliografia.* [Macau] Instituto Cultural de Macau, 1992.

SBD / FFLCH / USP
SEÇÃO DE TEATRO
AQUISIÇÃO d / SPG
ECC
VALOR
DATA: 01/ - /
TOMBO 1131 1